

TELEGRAMA • 02 JAN 1941 • AHI 29/5/4

Índice: Proteção dos interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

4 – QUINTA-FEIRA - 2 JANEIRO 1941 - 12h45 - Resposta ao telegrama de Vossa Excelência nº 471. Os internados italianos liberados por motivo de saúde o foram devido a afeções [sic] contraídas anteriormente ao internamento ou por moléstias crônicas. Todos os pedidos de liberação transmitidas pela Embaixada constataam esse fato. O único campo exposto a intempéries foi fechado em princípios de outubro, tendo sido instalado um terceiro campo na ilha de Man, a pedido desta Embaixada, afim de melhorar as condições dos internados e permanentes. A informação sobre o regresso de italianos da Austrália e do Canadá provém da anunciada volta dos suscetíveis de liberação, em virtude de disposições e decisão ministerial de soltar quantos sejam considerados inofensivos. O Home Office enviou representantes aos referidos domínios para fazer a seleção preliminar ao regresso, dependendo ademais do assentimento dos interessados. MONIZ DE ARAGÃO



OFÍCIO • 02 JAN 1941 • AHI 28-2-1

[Índice:] Mês político n.1

N. 1

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 2 de janeiro de 1941.

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n.1, relativo ao mês de dezembro próximo passado.

[Anexo]

Mês político n.1

Ao encerrar-se o mês e o ano, estão os ingleses triunfantes por terem obtido primeiro êxito em terra. A vitória do Deserto, a medida de que se divulga pormenores, cresce de vulto.

A captura de 40.000 prisioneiros a custo de 1.000 perdas somente é um fato por si só mais que eloquente. Testemunha sagacidade na direção, perfeita eficiência e cooperação entre as três armas: exército, marinha e aviação. Essa vitória, juntamente com os contínuos sucessos gregos na Albânia, veio justificar as recentes disposições estratégicas britânicas.

A Alemanha goza da vantagem de operar centrifugamente. A declaração do primeiro ministro, há duas semanas, nos Comuns, demonstra claramente o muito que isso significa, ao revelar que os canhões e os tanques despachados para o Egito em julho e agosto passados, para a batalha de dezembro, tiveram que seguir via Cabo da Boa Esperança, conseqüência de quem é obrigado a operar centripetamente.

Os alemães, no centro da Europa, podem jogar as suas tropas para qualquer ponto bem mais rapidamente que os seus adversários podem mover as suas de um ponto da periferia para outro. Naturalmente esse exemplo geométrico é demasiado simplista. Na realidade o problema complica-se com considerações de transporte, circunstâncias geográficas e estratégicas. Contudo salta aos olhos que é mais fácil ao Estado Maior alemão mover as suas tropas da Alemanha para a Itália ou para Espanha, do que ao Estado Maior britânico mover tropas da Inglaterra para o Egito dando volta à África, o que o obriga a preparar seus planos com maior antecipação para poder mandar tropas a um determinado sítio em determinado momento. Não basta ao Comitê de Guerra tomar deliberações acertadas em face de dados conhecidos. Impõe-se, ao contrário, estar sempre adiantado sobre o inimigo. Essa preocupação de prever todas as eventualidades, revela quanto é essencial não perder de vista a perene preparação contra qualquer ataque sobre as Ilhas Britânicas, pois de nada serve ganhar batalhas em outros continentes se não for possível repelir o inimigo da sua própria casa. Por isso, como disse o senhor Winston Churchill, “precisamos manter um grande exército”, quando mais não seja como precaução contra erros de previsão.

A criação de uma região militar no Oriente foi, em tempo, pouco comentada, mas foi uma dessas medidas de longo alcance, agora coroada de êxito. Serve para demonstrar, além disso, ao Japão, o novo parceiro do Eixo, que os acontecimentos na Europa e na Ásia não fizeram com que a Grã-Bretanha esquecesse a importância de salvaguardar seus interesses na China e no Pacífico.

Tal como se apresenta à Grã-Bretanha, a posição estratégica atual é a seguinte: o Império Britânico combate em duas frentes e está de sobreaviso numa terceira. No Atlântico está forte e cada dia que passa vai-se fortalecendo (sempre naturalmente que

consiga conter os ataques contra os seus comboios marítimos procedentes dos Estados Unidos e do Canadá), mas ainda é cedo para que ela tome a ofensiva. No Mediterrâneo ela pode fazê-lo, tendo podido, ao que parece, infligir uma vitória decisiva à Itália. No Pacífico, mantém ativa vigilância sobre o Japão, cuja vista tem que se dirigir para dois lados ao mesmo tempo: a Europa e a América.

Face ao Império Britânico, ainda não de todo armado, está a Alemanha com a sua prodigiosa máquina de guerra, ainda tateando para desferir o golpe contra a ilha-fortaleza, consciente ambos de que só essa ação será definitiva.

Tendo fracassado na tentativa de impor a sua força aérea sobre a “Royal Air Force”, a Alemanha vê-se obrigada a esperar um segundo inverno de guerra, época impropícia para campanhas na Europa, salvo no Mediterrâneo, onde, aliás sua aliada está mais carecida de auxílio, do que em posição de dá-lo.

Se a trincheira vital no Atlântico resistir, o tempo será um fator favorável para a Inglaterra a medida que se vai estendendo a ajuda material norte-americana; se, ao contrário, esta puder ser seriamente abalada, então o tempo trabalhará para a Alemanha. Este fator também está do lado daquele que fabricar os mais modernos aparelhos de guerra. A demora na ofensiva contra a França e a Bélgica permitiu a Alemanha construir nas usinas Skoda os novos e aperfeiçoados carro de assalto, que foram a principal causa do colapso francês.

A conclusão a tirar dessas reflexões, a parte outros fatores que também exercem influência, tais como a atitude da Rússia e o problema do petróleo, é que nos próximos meses deve-se contar com uma tentativa alemã para restabelecer o equilíbrio perturbado pelos desastres italianos, a pedido de Mussolini ou mesmo contra a oposição italiana. Mas, independentemente desses esforços, Hitler não descuidará a preparada invasão da Grã-Bretanha pelo ar ou pelo mar, já ou na primavera.

-----

As modificações introduzidas pelo ministro das Finanças no sistema de empréstimos correspondem às exigências de uma guerra prolongada. Até a data, além das Cadernetas Econômicas (Savings Certificates) e dos Títulos da Defesa (Defence Bonds) fez dois apelos ao público: um empréstimo de guerra de 300 milhões de libras a 3% e a oferta ilimitada de Títulos de Guerra (War Bonds) a prazo-curto e juros de 2.1/2%, prorrogáveis por um ano. Mas a inovação mais significativa consiste em novas apólices de prazo-médio (25 anos), ao juro de 3%. Essas apólices são mais atraentes que as outras, só vencem num prazo relativamente afastado da guerra. É grande o contraste entre os

juros pagos na guerra passada (5%) e na presente (entre 2 1/2% e 3%). A manutenção dessas taxas tão reduzidas não seria justificável caso pudesse afugentar os capitais. Desde novembro de 1939, isto é, 13 meses, *sir Kingsley Wood* declarou ter o governo obtido 1.269 milhões de libras de empréstimo, resultado verdadeiramente apreciável, que excedeu as expectativas. Talvez seja o máximo que se possa esperar em face dos impostos aumentados e na falta da compulsão desejada por Keyes, que previa o fracasso da subscrição voluntária.

Entretanto, os esforços não podem ser diminuídos. Impostos e empréstimos porém, não bastarão para cobrir o custo da guerra. Já se avaliam as despesas do governo em dez milhões diários.

Não é somente na redução dos juros que se registra progresso sobre a Guerra Mundial, mas também na diminuição do consumo, ajudada pelo racionamento introduzido a tempo. Mas ainda há muito que fazer nessa direção, a julgar pelos clamores da imprensa, e o melhor meio de consegui-la está na popularização dos “Savings Certificates”, que tolhe os gastos em coisas supérfluas, enquanto prevê o indivíduo com uma útil armadura para os dias difíceis que se hão de seguir à guerra.

Encerrou-se a 19 de dezembro a sessão do Parlamento, tendo nessa ocasião o primeiro ministro discorrido sobre a guerra. Nesse discurso, o senhor Churchill afirmou que o ano de 1940 se encerrava tendo passado uma etapa importante na longa estrada a percorrer até a vitória final. Há apenas seis meses este país estava empenhado numa luta que, no estrangeiro, julgavam desesperada para a defesa da sua existência. Hoje, disse ele, nossa posição estratégica é ainda a de defensiva – uma nação semi-armada a combater outra poderosa, que já atingiu o seu ponto de saturação. O ano de 1941 abrirá possibilidades que não nos foi dado até agora aproveitar, isto é, poderemos desafiar tal inimigo. Mas até lá devemos estar prontos para uma ofensiva formidável, em que ele tentará impedir-nos a mudança dos papéis.

A recrudescência da campanha submarina, que parecia dominada faz um ano, voltou a ser inquietante devendo a tarefa de arrestá-la ser a principal preocupação do momento. Da mesma maneira há que estar preparado para o assalto às Ilhas Britânicas. O perigo da invasão não passou e o inverno oferece vantagens que contrabalançam os inconvenientes da estação. Como os alemães compreendem que, só desferindo um golpe decisivo contra estas, poderão ganhar a guerra, antes que a Grã-Bretanha possa completar o seu equipamento, deve a nação, continua o senhor Churchill, estar preparada para o ataque direto, “na próxima primavera, amanhã ou esta noite”.

Isto no continente, pois no outro teatro da guerra, foi possível aos ingleses iniciar essa nova fase estratégica. Em face de um inimigo mais fraco – o parceiro do Eixo – e depois de revelado essa fraqueza na Albânia, graças à bravura e patriotismo dos aliados gregos, o Exército do Nilo preparou com cautela a sua reação, escolhendo uma feliz oportunidade para iniciar a ofensiva fulminante que empreendeu contra forças superiores em número. A grande vitória obtida pelas divisões do general Wavell, em Sidi Barrani não custaram mais que 72 mortos e 738 feridos. Os prisioneiros feitos entre as tropas italianas e líbias já se aproximam de 40.000, sendo que ainda, duas divisões metropolitanas e legiões de Camisas Negras se encontram sitiadas em Bardia e não poderão escapar ao cerco que logo lhes movem as divisões motorizadas e o bombardeio da marinha britânica. É muito provável que, ante a impossibilidade de se remeter auxílios da Itália, os italianos sejam totalmente eliminados da Líbia, como depois o hão de ser na Somalilândia e possivelmente na Abissínia, onde já se estão revoltando as tribos entusiasmadas pelas vitórias inglesas.

Os alemães constatarem com decepção o contraste entre as qualidades militares dos seus aliados e as das tropas britânicas, às quais se renderam corpos inteiros de exército. O senhor Churchill não acusou os vencidos de falta de brio ou valor e atribuiu o fracasso à causa, que não era de ordem a inflamar os ânimos nessa guerra impopular a que os arrastou um tirano. “Foram tanto tempo controlados e disciplinados, sem responsabilidades na direção do país, continua ele, que não sentiram aquelas emoções viris e são a base das ações militares”.

Poucos dias depois dirigiu-se novamente o senhor Churchill ao povo italiano, por ocasião do Natal, procurando dissociá-lo do “Duce”.

Outro discurso que teve animadora repercussão neste país, foi o do senhor Roosevelt, pronunciado ao mesmo tempo que a City de Londres estava sendo alvo de um ataque destruidor e sem objetivo militar. Pela primeira vez a posição dos Estados Unidos, ao lado da Grã-Bretanha foi exposta inequivocamente. “Nenhum ditador ou combinação de ditadores enfraquecerá nossa determinação de auxiliar a Grã-Bretanha por ameaças”. Com ênfase e precisão, o presidente anunciou o princípio de que a Inglaterra sendo a primeira linha de defesa dos Estados Unidos, cabia a este país tornar-se o arsenal para as democracias que defendem ideais comuns, numa emergência que é tão grave quanto a própria guerra.

-----

Para suceder a lorde Lothian foi nomeado embaixador em Washington, lorde Halifax. Essa nomeação, que foi unanimemente aprovada neste país e não menos bem recebida nos Estados Unidos como uma distinção sem precedente (um Secretário de Estado deixar o posto para assumir uma embaixada), obrigou a importantes modificações ministeriais. Em consequência foram promovidas dois dos mais jovens membros do governo, os senhores Anthony Eden e David Margesson. Eden como Beaverbrook são dos ministros mais chegados a Churchill. Pode-se ter como certo que o novo Secretário de Estado executará uma mais agressiva política exterior. Seu substituto na pasta da guerra era o enérgico “leader” conservador na Câmara dos Comuns. É um organizador capaz e ativo, que vinha prestando uma colaboração leal ao primeiro ministro. Os dois ministros seguirão com maior harmonia ainda, se possível, a diretiva do chefe do governo, que é ao mesmo tempo ministro da Defesa.

O senhor Eden, no Foreign Office, entra para o War Cabinet, do qual só fazia parte em função consultiva. Lorde Halifax não perde a sua qualidade de membro, mas de Washington não poderá ter influência nas suas deliberações.

#### Neutralidade da Irlanda.

A semana passada o senhor de Valera apelou para os amigos da Irlanda nos Estados Unidos a fim de que ajudassem o seu país a obter de lá material bélico e comestíveis, apelo que até agora não foi respondido. O presidente Roosevelt, entretanto, aludiu ao Eire na sua “fireside chat” de domingo 29 de dezembro. “Se os Nazis ganhassem poderia a independência irlandesa ser excepcionalmente mantida num mundo sem liberdade?”. Suas palavras deixam bem claro que o presidente abandonava a neutralidade pela não-beligerância, quanto ao povo americano, enquanto que o senhor de Valera mostra igual ênfase no seu propósito de manter o Eire rigorosamente neutral.

Em vista dessa diversidade de vistas, será mais difícil que os Estados Unidos possam auxiliar o aproveitamento da Irlanda. O último pedido de Washington para o salvo-conduto de um navio a fim de reconduzir os cidadãos americanos foi rejeitado por Berlim.

Grande parte das perdas marítimas britânicas verificam-se ao largo da costa irlandesa. A esquadra britânica está obrigada agora a fazer a tarefa que na guerra passada estava repartida entre cinco esquadras aliadas. Com menor números de *destroyers* à sua disposição para patrulhar o Pacífico, o Mediterrâneo e o Atlântico, a tarefa de proteger os comboios que saem de Cardiff, Liverpool e Glasgow tornou-se infinitamente mais difícil.

Isso revela a importância das bases navais que a Grã-Bretanha dispunha no Eire e de que abriu mão em 1937.

Ora os Estados Unidos não parecem inclinados a mandarem a sua frota mercante ao Eire sem maior garantia do que a que existe. Assim a resposta à de Valera depende tanto da atitude que o seu governo assuma como da de Washington, isto é, da boa vontade com que venha a acolher as sugestões do governo britânico no sentido de uma maior colaboração.

A divisão de opinião de Irlanda continua. 50% dos irlandeses são anti-britânicos e estão convencidos de que a vitória alemã é a garantia da União irlandesa (norte-sul) e da sua independência. O elemento pro-britânico contudo não opta pela alternativa da invasão do país pelas tropas britânicas estacionadas na Irlanda do Norte e advertem de que uma ação prematura reacenderia a guerra civil.

O prestígio pessoal do de Valera, porém, tem diminuído. Sua ação enérgica contra os extremistas republicanos alienou-lhe esse elemento, ao passo que a conduta de imparcialidade não é do agrado dos anglófilos.

Moniz de Aragão

Londres, em 2 de janeiro de 1941.

Redação do conselheiro J. de Souza-Leão.



TELEGRAMA • 03 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Proposta do Conselho Internacional do Açúcar

Da Embaixada em Londres

5 – SEXTA-FEIRA – 3 de janeiro de 1941 – 13h30 – Referência ao meu telegrama n. 630. Realiza-se a sessão do Conselho do Açúcar no dia 6 do corrente. Muito agradecerá a Vossa Excelência as instruções solicitadas.

Moniz de Aragão



TELEGRAMA • 04 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Proteção [dos] interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

1 – SEXTA-FEIRA – 4 de janeiro de 1941 – 16h30 – Respondo ao telegrama de Vossa Excelência n. 1. Rogo esclarecimentos sobre as intenções do vice-cônsul Romiti, pois o Foreign Office informou a esta Embaixada que Romiti deseja permanecer, conforme informei no final de meu telegrama n. 406.

Moniz de Aragão



DESPACHO • 4 JAN 1941 • AHI 29/3/13<sup>i</sup>

Índice: Laranjas. Proibição de exportação de frutas contaminadas pela "mancha estrelada".

N. EC/1/842.51 (60) (42)

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres

Em 4 de janeiro de 1941.

Senhor Embaixador,

Tenho a honra de acusar recebimento do ofício n 309, de 5 de agosto do ano próximo findo, pelo qual Vossa Excelência transmite uma sugestão do senhor Bunday, gerente da "British Banana Company", relativamente à possibilidade de exportação, para a Grã-Bretanha, de laranjas brasileiras contaminadas pela "mancha estrelada".

2. Em anexo, encontrará Vossa Excelência cópia do parecer que, sobre o assunto, emitiu o Instituto Biológico da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de S. Paulo.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(a) Maurício Nabuco.



À Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão  
Embaixador do Brasil em Londres.



TELEGRAMA • 06 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Carnes brasileiras na Grã-Bretanha.

#### Da Embaixada em Londres

12 – SEGUNDA-FEIRA – 6 JAN. 1941 – 18h30 - Armour 25%, Wilson 14 1/2% e Anglo 30 1/2%. A oferta do Frigorífico Nacional não foi considerada conforme o explicado no telegrama nº653. Estamos tratando de obter licença para a importação de uma partida de cerca de trinta toneladas como amostra do produto da referida empresa brasileira.

Moniz de Aragão



TELEGRAMA • 07 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Missão Lord Willington

#### Da Embaixada em Londres

13 – TERÇA-FEIRA – 7 DE JANEIRO DE 1941– 19hs.00 - Fui convocado hoje pelo novo Ministro dos Negócios Estrangeiros para entrar em contato direto depois de sua recente posse. Na entrevista foi extremamente cordial pedindo-me assegurar a Vossa Excelência o seu vivo desejo de cooperar com decidido empenho no constante fortalecimento dos vínculos que unem os nossos países, recordando a velha e tradicional amizade anglo-brasileira. Em nome do Primeiro Ministro encarregou-me de manifestar a gratidão do Governo britânico à fidalga recepção que foi dispensada recentemente à Missão de Lord Willingdon cujos relatórios acabam de ser aqui recebidos, o que foi também muito apreciado pelo próprio Rei da Inglaterra que, acrescentou o ministro Eden, dispensou especial interesse à referida missão.

Moniz de Aragão

OFÍCIO • 07 JAN 1941 • AHI 28/2/1

[Índice:] Incentivação [sic] da produção bélica. Medidas do governo britânico.

N. 12

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 07 de janeiro de 1941.

Senhor Ministro,

O primeiro ministro acaba de organizar novos comitês encarregados da produção bélica e da importação.

2. O senhor Ernest Bevin, ministro do Trabalho, foi nomeado presidente do Comitê Executivo da Produção, que substituirá o Conselho da Produção. Desse Comitê, que distribuirá os recursos disponíveis de matérias primas, capacidade produtora e mão de obra, fixando também a prioridade de cada empreendimento, farão parte o Ministro da Produção Aeronáutica, o Primeiro Lorde do Almirantado, o Presidente do Board of Trade e o Ministro do Abastecimento.

3. O Comitê Executivo de Importação será presidido pelo Ministro do abastecimento e constituído dos Ministros da Produção Aeronáutica e Alimentação, do Primeiro Lorde do Almirante e do Presidente do Board of Trade, tendo a cooperação dos Ministros do Transporte e da Marinha Mercante, da Divisão de Concertos do Almirantado e, bem assim, do Ministro da Agricultura.

4. Segundo o comunicado dado à imprensa, o Primeiro Ministro assume a responsabilidade de assegurar que a atuação de ambos os Comitês se coordene com a política geral do Gabinete de guerra.

5. O trabalho dos Comitês de Produção e Importação e dos três Comitês que já existem e que tratam da defesa civil, da política interior e dos assuntos concernentes à alimentação, continuará a ser coordenado e dirigido por um Comitê de que farão parte os Presidentes dessas organizações, sob a presidência do Lorde Presidente do Conselho.

6. O comitê do Lorde Presidente do Conselho será constituído do Lorde Presidente do Conselho será constituído do Lorde do Selo Privado, do Ministro sem pasta, dos Ministros da Fazenda, do Trabalho, dos Negócios Interiores e do Abastecimento, e terá como tarefa aconselhar em geral o Gabinete de guerra com relação às atividades dos Comitês Executivos e outros Comitês e sobre questões especiais que lhe forem

submetidas. Também tratará dos problemas gerais econômicos antes a cargo do Comitê de Política Econômica. O trabalho deste último, relativamente às importações, será transferido para o Comitê Executivo de Importação.

7. As autoridades britânicas esperam que com essa nova organização os assuntos governamentais, muito complicados em tempo de guerra, fiquem concentrados e simplificados – o que certamente não parece à primeira vista –, dando-se, como consequência, uma redução no número dos Comitês suplementares. O resultado almejado é obter uma ação mais rápida e decisiva do Governo, sem prejudicar as responsabilidades constitucionais dos Ministros perante a Coroa e o Parlamento.

8. Não há dúvida que a nova organização estabelecida pelo Governo britânico constitui uma resposta às múltiplas críticas, de certo tempo para cá mais e mais severas, sobre a falta de ação de certos Ministérios. Essas críticas têm atingido, sobretudo, o fato de continuar a haver um grande número de desempregados, quando ao mesmo tempo certas fábricas de armamentos só trabalham em duas turmas por faltas de operários adestrados. As medidas tomadas pelas autoridades britânicas para o treinamento da mão de obra são também muito deficientes, não tendo produzido até agora mais do que alguns milhares de operários, quando na Alemanha estão sendo treinados em dezenas de milhares. O Senhor Bevin, Ministro do Trabalho, tem sido bastante criticado pela atitude que adota com relação aos operários em geral, sendo opinião de muitos que nas circunstâncias atuais o Governo deve intervir energicamente para impedir o desvio da mão de obra de uma indústria para outra. Tem havido dificuldades ultimamente até com relação ao pessoal para a marinha mercante, tendo-se dado muitos casos de marinheiros que deixaram seu emprego para procurar outra ocupação. Não é necessário salientar a importância vital para a Inglaterra de poder dispor de tripulações em número adequado para a sua marinha mercante.

9. Além disso, nos últimos meses houve várias greves e ameaça de uma greve colossal dos operários das indústrias de construção, em número de 1.5000.000, que foi evitada finalmente no “Trade Union” respectivo, por 26 votos contra 11. Em Glasgow, os operários de várias indústrias e os empregados dos serviços de transporte têm-se recusado a continuar o trabalho durante os alertas de bombardeio aéreo, mesmo quando o perigo não é iminente. Tudo isso e, bem assim, o fato de haverem os bombardeios aéreos retardado um tanto a produção de armamentos e munições tornaram necessária uma ação do Governo, o qual, dentro de breves dias, ao reunir-se o Parlamento, será certamente chamado a explicar o funcionamento do novo aparelho agora criado.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.



TELEGRAMA • 08 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Proposta do Conselho Internacional do Açúcar.

Da Embaixada em Londres

1 – QUARTA FEIRA – 8 jan. 1941 – 12h45 - Referência aos meus telegramas nº630 e 5. Realizou-se, ontem, a reunião do Conselho Internacional do Açúcar, tendo todas as delegações, exceto a brasileira, que fez reservas devido não ter instruções, aprovado para 4 anos açucareiros o mesmo contingente do ano anterior. O Presidente do Conselho salientou que o contingente representa apenas a nossa aprovação, pois para a decisão se tornar efetiva, é necessária a unanimidade. Foi organizado um sub-Comité encarregado de examinar a posição atual do mercado livre e as futuras perspectivas para o açúcar. Rogo a Vossa Excelência instruções.

Moniz de Aragão

v

OFÍCIO • 09 JAN 1941 • AHI 28/2/1

[Índice:] Política anglo-portuguesa.

N. 18

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 09 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

O novo embaixador da Grã-Bretanha em Lisboa que acaba de chegar ao seu posto, segundo informações colhidas em meios autorizados, foi especialmente encarregado de oferecer a franca col[a]boração e possível apoio da Grã-Bretanha para o desenvolvimento de uma mais íntima política entre os dois países.

2. *Sir* Ronald Campbell ao partir de Londres, levou o projeto de um acordo que vai negociar com o governo português visando aplinar tanto quanto possível as dificuldades e mesmo evitar na mesma forma os perigos que o bloqueio britânico está impondo a Portugal apesar da sua posição de país neutro.

3. Estou informado de que um dos principais característicos do projetado acordo, consiste na decisão da Grã-Bretanha de se mostrar disposta a aceitar uma combinação pela qual o governo português se encarregaria da maior parte na fiscalização do comércio ultramarino permitido pelo bloqueio britânico e principalmente no que se refere ao atual impedimento de ser utilizado o porto de Lisboa como trânsito para mercadorias de procedência ou destinadas à Alemanha e Itália. Este ponto ficaria inalterado e parece que seriam mesmo adotados métodos mais eficientes no sentido indicado.

4. O governo britânico facilitará que Portugal desenvolva a sua exportação de produtos coloniais e não criaria dificuldades ao seu abastecimento para atender suas necessidades industriais e econômicas, contanto que não importe mercadorias de origem inimiga.

5. Esse ajuste parece corresponder, no momento, ao desejo do governo português que se mostrava inquieto em face de certas medidas impostas pelo bloqueio britânico e alemão que tanto estava afetando a vida econômica e comercial do país.

6. Não necessito salientar a importância que este governo liga à missão de *sir* Ronald Campbell, antigo embaixador em Paris, no momento atual, considerando a posição política e geográfica de Portugal na presente guerra quando não está excluindo a possibilidade de uma invasão alemã na Espanha e são bem conhecidos os projetos de Berlim de utilização dos portos portugueses para isolar a Grã-Bretanha do continente europeu.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



[Índice:] A política nos Bálcãs.

N. 19

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 09 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

Todos os principais centros políticos do mundo continuam submetidos a uma campanha de notícias contraditórias procedentes da Romênia, da Bulgária, da Iugoslávia e da Turquia, geralmente divulgadas pela imprensa americana, referentes à situação nos Bálcãs e sobre o perigo que pareceria iminente de um novo golpe de força hitleriano.

2. A maioria dessas notícias alarmantes tem por origem certos departamentos de propaganda alemã na Europa Oriental. Segundo umas um *ultimatum* teria sido enviado de Berlim à Sofia e o dia X [*sic*] fixado para a invasão da Bulgária seria o de hoje ou o de amanhã; a Rússia teria concordado com esse novo ataque em troca do assentimento alemão de poder ocupar por tropas soviéticas a Moldávia e a Finlândia. Segundo outras notícias, a penetração alemã na Bulgária seria feita na mesma forma adotada na Romênia, depois de uma mudança de governo que permitiria a adesão búlgara ao pacto tríplice garantindo assim a posição da Alemanha para atacar a Grécia no caso de uma derrota total da Itália.

3. Uma outra espécie de informações indica que os países balcânicos estão de sobreaviso mas relativamente calmos.

4. Na Iugoslávia, segundo me foi dito pelo ministro aqui acreditado, o governo julgou prudente mudar a residência do antigo primeiro ministro Stoyadinovitch, fazer prender um certo número de adeptos e dissolver a organização facista Zbor. Na Bulgária onde a propaganda comunista combate abertamente Hitler e a sua projetada Nova Ordem devem ser recordadas as recentes declarações do rei Boris e do primeiro ministro sobre a neutralidade búlgara e sobre a recusa de aceitação de um governo autoritário como parecia estar sendo indicado por Berlim.

5. Em toda essa campanha de nervos notamos o completo silêncio de Moscou que não desmente nem confirma os boatos que se referem à União Soviética. Os funcionários do comissariado dos negócios estrangeiros russo apenas declaram nada saber sobre uma anunciada viagem dos quatro ministros soviéticos acreditados nos Bálcãs.

6. Nos círculos ligados ao Foreign Office existe a convicção de que a maioria dessas ameaças e de projetados novos golpes fazem parte de um programa político alemão para criar confusão e aterrorizar os pequenos países mais diretamente ameaçados.

7. Uma única coisa aqui acreditam, isto é, que existe realmente um perigo de invasão alemã em futuro mais ou menos próximo, mas toda a Grã-Bretanha está de armas ensarilhadas e fará certamente uma boa acolhida aos atacantes, os quais, aliás, já tiveram sobejas provas do preparo britânico por ocasião das fracassadas tentativas de agosto e setembro último.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



**TELEGRAMA • 10 JAN 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Guerra na Europa. Bases alemãs na Irlanda.

Da Embaixada em Londres

17 – QUINTA-FEIRA – 10 janeiro 1941 – 18h30 – O problema irlandês parece-me entrar em sua fase decisiva, preocupando seriamente o Governo Britânico, que julga que o plano de invasão alemão cogite da ocupação preventiva dos portos irlandeses conforme expus em meu ofício nº 520 de 11 de novembro de 1940. A imprensa trata longamente do assunto, salientando a importância política e estratégica das bases irlandesas que, no momento atual, são essenciais à defesa britânica, reclamando uma ação defensiva imediata do Governo britânico. As vitórias britânicas na Líbia causaram grande entusiasmo, aumentando consideravelmente a confiança acrescida pelas reiteradas declarações do presidente Roosevelt de apelo material sem limites a este país. A declaração do presidente de Portugal reafirmando a amizade e a aliança luso-britânica feita na ocasião da entrega de credenciais do novo embaixador inglês foi objeto de

especiais comentários dos jornais. Novas e severas medidas de restrição da alimentação à estão sendo aplicadas na previsão de intensificação da campanha submarina inimiga.

MONIZ DE ARAGÃO



TELEGRAMA • 11 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Acusações infundadas contra dois funcionários da embaixada do Brasil.

SECRETO

NP

Da Embaixada em Londres  
Em 11 de janeiro de 1941.

1 – SÁBADO – 13hs.45 - SECRETO - O sub-Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros comunicou-me em caráter confidencial a denúncia recebida pela polícia contra Frederico Chermont Lisbôa e Edmundo Barbosa da Silva de estarem servindo clandestinamente os interesses do Governo de Vichy. Combinaram que o assunto seria urgentemente esclarecido com a mútua colaboração do "*Foreign Office*" e desta embaixada sem prejuízo dos privilégios diplomáticos, tendo porém eu declarado imediatamente ao sub-Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros responder sem reservas pela honorabilidade desses meus colaboradores. O inquérito foi feito com a máxima presteza, sendo acompanhado pelo Conselheiro de Embaixada Joaquim de Souza Leão Filho. Ontem o sub-Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros deu-me conhecimento dos resultados da investigação que provaram serem completamente infundadas as acusações, lamentando em nome do seu Governo o ocorrido. Encarregou-me de agradecer a ambos funcionários as facilidades prestadas para a elucidação do caso pelo desagradável equívoco e, outrossim, por meu intermédio de apresentar-lhes desculpas assegurando que prosseguirá a ação criminal contra os caluniadores.

Prometeu-me confirmar essas declarações por escrito. Remeto a Vossa Excelência pela mala diplomática ofício. Muito me apraz consignar que mais uma vez pude verificar a perfeita correção e honorabilidade desses dois funcionários, em tudo correspondendo à confiança que ambos sempre me mereceram.



Moniz de Aragão

\*

TELEGRAMA • 13 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Proteção interesses italianos.

NP

Da Embaixada em Londres  
Em 13 de janeiro de 1941.

1 – SEGUNDA FEIRA – 13hs.15 - Rogo informar ao governo italiano que, dentro de quinze dias, deverá partir um vapor conduzido o Cônsul e cidadãos alemães para Lisboa, onde receberá de volta funcionários britânicos procedentes da Alemanha. Sondamos a possibilidade de realizar-se o primitivo entendimento entre o *Foreign Office* e o embaixador italiano para repatriar certo número de italianos. O *Foreign Office* concordou, em princípio, contanto que os arranjos não atrasem a partida. Será possível embarcar cerca de 300 pessoas, sendo necessário que o governo italiano consulte o governo alemão sobre se não vê inconveniente nesse embarque, bem como o governo português quanto ao desembarque, em trânsito, em Lisboa, dos referidos passageiros. Rogo instruções com a máxima urgência.

Moniz de Aragão

\*

OFÍCIO • 13 JAN 1941 • AHI 28-2-1

[Índice:] O acordo germano-russo.

N. 23.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 13 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

Por uma coincidência talvez forçada no mesmo dia em que o presidente Roosevelt enviava ao Congresso a sua mensagem pedindo uma ajuda total à Grã-Bretanha o governo de Berlim assinava em Moscou acordos econômicos que a propaganda hitleriana fez acompanhar de comentários entusiásticos destinados sem dúvida a dissimular a gravidade da decisão dos Estados Unidos.

2. Trata-se na realidade de acordos complementares aos Tratados de 19 de agosto de 1939 e de 11 de fevereiro de 1940, baseados na troca de cereais e petróleo russos por maquinarias alemãs. Isso representa a conclusão de longas negociações e o resultado final do que ficou combinado em Berlim no decorrer das conversas do senhor Molotov quando ali esteve recentemente.

3. Naquela época, 12 de novembro último, o senhor Hitler tinha procurado apresentar essa visita como devendo produzir um maior entendimento entre os soviéticos e a Alemanha e mesmo arrastar Moscou a se incorporar ao Pacto do eixo enquanto Stalin sempre salientou o caráter puramente econômico da entrevista, reafirmando os seus propósitos de neutralidade no atual conflito.

4. Sem querer diminuir a importância das relações econômicas entre a Alemanha e a Rússia deve contudo ser observado que elas não representam nenhum papel preponderante no desenvolvimento da guerra na proporção que os nazis lhe emprestam.

5. Não me parece que exista nenhuma relação entre os acordos germano-soviéticos de 10 desse mês e o projeto total de auxílio à Grã-Bretanha o qual, sob o ponto de vista político e material, constitui um fator decisivo para ajudar este país ganhar a guerra.

6. Tanto Hitler como Stalin não podem ignorar esse fato mas ambos não querem que tal fato transpareça claramente nos seus países.

7. Enquanto isso Moscou vai aproveitando da necessidade presente da Alemanha e não seria estranho que o *fuehrer* chegue a conceder ao ditador do Kremlin a posse de Memel outrora julgado pelo governo de Berlim como vital para a sua defesa.

8. A imprensa de Moscou se prevalece do ensejo para recordar que na sessão dos Soviéticos em 1939 o governo russo declarou desejar manter relações pacíficas com todos os países enquanto não constituam ameaças para os interesses ou para o território da União Soviética e assim estaria disposto a concluir acordos econômicos com todas as nações beligerantes ou não.

9. Não resta dúvida que ainda desta vez Stalin foi vencedor, pois, além dos acordos comerciais que seriam favoráveis à Alemanha, mas de execução sempre aleatória, existe

um outro de caráter definitivo, referente à delimitação da fronteira germano-russa consagrando todas as aquisições polonesas e bálticas feitas pela União Soviética com o abandono pela Alemanha de todas as posições comerciais que ela outrora ocupava nos estados bálticos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração[P1].

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

TELEGRAMA • 14 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Visto em passaportes.

Da Embaixada em Londres

24 – TERÇA FEIRA – Em 14 de janeiro de 1941.

18hs.30 - Em vista da extrema e grande dificuldade de transporte de passageiros para os Estados Unidos da América do Norte, América do Sul e América Central, diversas embaixadas e legações pediram a interferência desta embaixada junto ao nosso Consulado Geral para a concessão de visto nos passaportes em trânsito, o que não tem sido possível, devido a origem racial de alguns dos interessados. Peço vênha a Vossa Excelência para sugerir uma autorização ao nosso Consulado Geral para dar vistos de 30 até 60 dias, sempre que o peticionário, de qualquer região, possa exhibir um visto do país de destino com a vantagem do aumento da renda consular, sem perigo da permanência clandestina no país. Apoiado pelo Comitê Inter-Governamental de Refugiados, o governo holandês dirigiu-se ao nosso Encarregado de Negócios, fazendo igual pedido em favor de 30 holandeses que desejam partir a 4 de fevereiro, via Rio de Janeiro, com destino aos Estados Unidos da América, já munidos do visto americano. Agradeceria poder responder aos interessados.

Moniz de Aragão

\*

[Índice:] As relações anglo-americanas.

N. 28.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 14 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

O projeto de lei apresentado pelo presidente Roosevelt ao Congresso americano trará a Grã-Bretanha o auxílio o mais completo que um país em paz pode dar a um outro em guerra.

2. Não serão somente os arsenais, as usinas, as fábricas, os estaleiros de construção naval dos Estados Unidos que ficarão ao serviço deste país.

3. O governo americano ficará também autorizado a comunicar a Londres todas as informações interessando a defesa nacional e a permitir a exportação de qualquer artigo ou mercadoria do mesmo gênero.

4. As bases militares, navais e aéreas americanas poderão ser utilizadas sem restrição pelas forças britânicas e como diz o comunicado oficial, publicado em Washington, um cruzador de batalha inglês poderá recorrer aos arsenais americanos para ser reparado.

5. Nessa luta pela defesa das democracias contra os estados totalitários a maior república do mundo traz ao maior de todos os impérios o seu concurso total. O presidente Roosevelt não poderia dar mais à Grã-Bretanha exceto a sua decisão de manter o seu país fora da guerra.

6. Quanto caminho foi percorrido desde o início do verão passado quando os Estados Unidos, depois do colapso da França, duvidavam da capacidade de resistência da Grã-Bretanha. Os acontecimentos rapidamente modificaram essa situação e revelaram tanto aos americanos como aos britânicos a comunhão dos seus ideais e do seu destino, precipitaram essa evolução, já anunciada pelo senhor Churchill no fim de agosto findo, operando essa maior união progressiva das duas grandes democracias de língua inglesa cuja torrente, como disse o mesmo primeiro ministro, corre tão caudalosamente como a do Mississipi “inexorável, irresistível e benéfica”.

7. É incontestável que *lord* Halifax, o novo embaixador britânico em Washington, será um novo traço de união entre o povo inglês e o povo americano. Ele será, como disse o *New York Times*, na luta comum o agente de ligação entre a frente de batalha e o arsenal.

8. Antes de sua partida para os Estados Unidos ele teve ensejo de conhecer o senhor Hopkins, amigo pessoal do presidente Roosevelt, aqui chegado há poucos dias que lhe teria transmitido o modo de pensar e as preocupações da opinião americana.

9. Antes de se empenhar mais a fundo, se assim exigir a situação, o presidente Roosevelt deseja saber exatamente, para explicar ao seu povo, porque ele deve envolver a América na guerra e em outros termos estimaria conhecer precisamente os fins de guerra da Grã-Bretanha.

10. Não cogita ele de estabelecer qualquer acordo fixando distribuição de territórios ou estabelecendo zona de influência mas de um entendimento de ordem geral no que diz respeito aos princípios básicos para a nova organização do mundo resultante da presente guerra.

11. A definição dos objetivos da guerra em que este país está empenhado representa para o presidente Roosevelt o complemento do imenso trabalho que ele está exigindo da indústria de guerra americana. A mobilização rural do povo norte-americano é inseparável da mobilização material da sua indústria. Essa dupla tarefa deve ser conduzida paralelamente para assegurar o máximo rendimento da máquina de guerra americana.

12. Toda a imprensa e a opinião pública britânica está ansiosa de ver qual a reação alemã em face dessa atitude do presidente americano e em geral todos se surpreendem que o senhor Hitler, tão fácil de perder a paciência e de se exasperar com qualquer acontecimento que contrarie seus interesses quando praticado por países fracos, continue tão conciliante e aparentemente calmo em relação à grande república americana.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração[p2].

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

TELEGRAMA • 17 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Proteção interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

33 – SEXTA FEIRA – 17 de janeiro de 1941 – 17h45 - Aditamento ao meu telegrama n. 20. A partida do vapor está definitivamente fixada para dentro de quinze dias. O governo britânico agradecerá a Vossa Excelência obter resposta urgente as perguntas feitas no final do aludido telegrama. Moniz de Aragão

\*

**OFÍCIO • 16 JAN 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] A batalha naval da Sicília.

N. 35.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 16 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

Os jornais de hoje trazem detalhadas notícias sobre a batalha travada nas águas da Sicília entre elementos da esquadra britânica e da italiana e aviões alemães e italianos.

2. Segundo essas informações de caráter oficial o encontro foi violento e se prolongou em várias fases durante mais de seis horas.

3. A frota inglesa protegia a passagem de importantes comboios de navios transportando material bélico para a Grécia.

4. No dia 10 deste mês as formações britânicas encontraram dois contratorpedeiros italianos afundando um deles, mas logo depois o *destroyer* britânico *Gallant* ficou ligeiramente avariado devido a ter chocado com uma mina ou por ter sido atingido por um torpedo. Mais tarde surgiram os aviões italianos e alemães que atacaram violentamente as unidades britânicas e pela leitura das notícias publicadas é fácil imaginar a importância do combate e sem dúvida foram utilizados nesse ataque os melhores pilotos da aviação dos países do eixo.

5. Foram empregados todos os processos usados na *blitzkrieg* aérea e os bombardeios alemães utilizaram incessantemente o voo denominado de “pique”.

6. O porta-aviões britânico *Illustrious* foi alcançado assim como o cruzador *Southampton*. O primeiro conseguiu com seus próprios recursos chegar ao porto mais próximo onde está sendo reparado, mas o cruzador foi afundado pela sua própria tripulação que não pôde dominar o fogo que irrompeu a bordo.

7. O[s] ingleses na defensiva deram prova de extrema habilidade e coragem conseguindo abater cerca de 30 aviões alemães do tipo junkers 87 e stukas e impediram que o objetivo visado fosse alcançado pois o comboio passou e chegou sem perdas ao seu destino.

8. Deve ser salientado um fato de grande importância, isto é, a aviação alemã e especialmente os seus mais poderosos aparelhos de bombardeio participaram dessa operação conjuntamente com os italianos.

9. É sabido agora que os alemães estão instalados na Sicília onde seus aviadores e técnicos estabeleceram bases navais que se supõe de grande importância. O fim dessa ocupação é evidente pois se trata de cortar o Mediterrâneo Ocidental da bacia oriental. Por essa forma esperam impedir a Grã-Bretanha de abastecer a Grécia e também restabelecer as comunicações interrompidas entre a metrópole italiana e suas colônias africanas.

10. Para compreendermos quanto é importante estrategicamente a Sicília basta examinarmos o mapa e logo verificar a pequena distância que a separa de Malta, a grande base britânica e apenas afastada por trezentas milhas de Trípoli.

11. Desde a base de Trapani até Benghazi existem apenas quatrocentas milhas e quinhentas de Creta, oitocentas de Gibraltar e novecentas de Alexandria. As informações divulgadas são ainda imprecisas no que se refere à importância das forças aéreas alemãs operando no Mediterrâneo mas devem ser bastante consideráveis pois segundo parece não foi somente na Sicília que os aviadores hitlerianos estabeleceram bases mas também em Trieste e na Sardenha.

12. Assim não é ousado supor que uma das causas da diminuição da atividade aérea sobre a Grã-Bretanha nestes últimos dias seja a do envio em grande número de aviadores alemães para a Itália, o que, se for certo, demonstraria que a Alemanha encontra dificuldades em manter uma ofensiva aérea em grande estilo simultaneamente em duas frentes mormente afastadas uma da outra.

13. Por outro lado é visível o aumento da força aérea britânica que não somente pode enfrentar os furiosos ataques alemães aqui, pros[s]eguir nos seus bombardeios violentos na Alemanha, Itália e territórios ocupados, mas ainda infligir severas perdas no estreito

da Sicília e também estender sua ofensiva pelos ares até a África e portos do Adriática, ajudando eficazmente o Exército grego.

14. Os técnicos mais autorizados opinam que apesar da Sicília ser efetivamente uma base naval e aérea de primeira ordem não é contudo invulnerável.

15. Em um recente artigo do *Daily Mail* o senhor Ferdinand Tuohy demonstrou que se as 3 usinas hidráulicas de Piana, d'Alcantára e de Cassibile forem danificadas, a Sicília ficaria privada de força elétrica tão necessária a sua iluminação e fins industriais e principalmente todo o seu sistema de irrigação ficaria destruído o que transformaria o seu território em deserto devido a aridez do terreno ali existente.

16. Assim tudo indica que a batalha em questão faz supor que o adversário vai ativar sua ação e que tratará desfechar golpes de grande força, mas a aviação britânica, como disse acima, aumenta cada dia sua força já tendo tomado a ofensiva no continente obrigando os alemães a afastar suas bases de ataque e de porto de partida para uma possível invasão da Grã-Bretanha.

17. Esses fatos autorizam o governo britânico a esperar com confiança o desenvolvimento dessa nova fase da atual guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa **consideração**[P3].

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 17 JAN 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Proteção interesses italianos.

Da Embaixada em Londres  
Em 17 de janeiro de 1941.

33 – SEXTA FEIRA – 17hs.45 - Aditamento ao meu telegrama nº20. A partida do vapor está definitivamente fixada para dentro de quinze dias. O governo britânico agradecerá a Vossa Excelência obter resposta urgente as perguntas feitas no final do aludido telegrama. Moniz de Aragão



\*

TELEGRAMA • 18 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Representação diplomática junto ao Governo da Bélgica.

Da Embaixada em Londres  
Em 18 de janeiro de 1941.

1 – SEXTA FEIRA – 18hs.00 - Transmito: "Fui recebido hoje, oficialmente, pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros belga, ficando acreditado como Encarregado de Negócios. Pediu-me manifestar a Vossa Excelência a satisfação do seu governo por essa designação. (a) JOAQUIM DE SOUZA LEÃO FILHO."

Moniz de Aragão

\*

TELEGRAMA • 20 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Guerra na Europa. Comentários sobre a entrevista Hitler-Mussolini.

Da Embaixada em Londres

35 – SEGUNDA FEIRA – 20 de janeiro de 1941 – 17h00 - As possíveis consequências da entrevista entre os chefes de governo alemão e italiano estão sendo consideradas aqui com o máximo interesse. Os círculos autorizados acreditam que a conversa teria girado em torno de entendimentos sobre o futuro desenvolvimento da guerra, principalmente auxílio para a Itália e a intensificação da ofensiva aérea contra a Grã-Bretanha no Mediterrâneo a partir das bases italianas, não sendo excluídas as possibilidades de entendimento para um ataque de surpresa sobre Gibraltar, nos Bálcãs e diretamente contra as Ilhas Britânicas e tal plano estaria dependente da colaboração que ainda poderá ser prestada aos alemães pelos italianos. O governo britânico resolver adotar medidas severas afim de impedir a propaganda comunista que aqui vem sendo feita, tendo havido

recentemente um grande Congresso, provocando indignação geral os discursos pronunciados, quando toda a nação unida trabalha e luta para impedir que o país seja dominado pelos regimes extremistas. Um informante autorizado disse que foram expedidos, dos Estados Unidos da América para a América do Sul, agentes secretos e devem ter chegado aí, por via aérea, vindo da Itália, munidos de fundos necessários e instruções para fazer a propaganda favorável ao eixo e agitar a política interna, aproveitando os elementos descontentes e da oposição, de modo a perturbar a vida dos nossos países e impedir que possamos ajudar os Estados Unidos da América e a Grã-Bretanha de qualquer maneira; outrossim, devem tratar de desorganizar a nossa indústria de exportação e de todo modo destruir, possivelmente, as que trabalham para os países inimigos do eixo e seus meios diplomáticos.

Moniz de Aragão

\*

**OFÍCIO • 21 JAN 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Algodão. Compra global de algodão brasileiro pela Grã-Bretanha.

N. 44

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 21 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

Com exceção da fibra egípcia adquirida no mercado de Alexandria pela Comissão Compradora britânica e exportada para este país, as importações de algodão no Reino Unido ultimamente foram limitadas às quantidades relativamente modestas compradas pelas autoridades britânicas em virtude do ajuste de troca anglo-americano de algodão por borracha.

2. Em dezembro passado poucas importações de algodão americano por conta particular foram permitidas e acredita-se que o volume de fibra assim importado no presente mês será muito reduzido.

3. Os estoques existentes no país são suficientes para permitir que a indústria têxtil possa funcionar por mais alguns meses, mas as autoridades britânicas estão se convencendo de que será necessário recomeçar a importação de algodão dentro em breve, a fim de suprir as necessidades da indústria para encomendas oficiais e destinadas à exportação, mesmo sem tomar em conta o consumo doméstico.
4. O comércio algodoeiro está assim examinando os meios de obter o algodão necessário, sobrecarregando o menos possível os recursos britânicos de divisas estrangeiras. A imprensa financeira de hoje, conforme telegrafei a Vossa Excelência, noticiou haver o comércio algodoeiro de Lancashire submetido às autoridades britânicas um plano para a realização de uma compra global de algodão brasileiro, nas mesmas linhas das atuais compras globais da fibra egípcia. Também entrou em consideração o algodão peruano.
5. Os círculos interessados salientam que o algodão brasileiro é muito semelhante ao americano, podendo facilmente substituí-lo. A fibra peruana, por sua vez, se parece com as variedades mais finas de algodão egípcio.
6. Comentando essas notícias, o Financial News diz que um dos argumentos apresentados é que tanto o Brasil quanto o Peru são mercados para mercadorias britânicas e que assim a compra da produção de algodão seria possível sem fazer uma pressão tão séria sobre os recursos em moeda estrangeira, como aconteceria com a importação de algodão americano. Grandes quantidades da fibra brasileira têm sido utilizadas em meses recentes pela indústria têxtil inglesa, mas uma boa parte desse algodão – como esta Embaixada já teve o ensejo de informar previamente – era mercadoria originalmente destinada à França e que foi desviada para este país na época do armistício franco-alemão.
7. Na opinião dos entendidos, o reinício de compras pela Inglaterra no mercado brasileiro, no momento atual, constituiria um meio de reduzir a grande diferença de preços vigente entre os mercados de São Paulo e de Liverpool. Em Liverpool o algodão brasileiro está sendo vendido a cerca de oito pence por libra, enquanto a cotação no Brasil é de aproximadamente 6 ½ pence por libra. Os círculos algodoeiros de Liverpool mostram-se ressentidos com essa diferença que, acham, beneficia demasiado os fiandeiros japoneses e canadenses, os quais não estão sujeitos à desvantagem da falta de transporte, que constitui o principal problema de Lancashire.
8. Argumenta-se, assim, que a compra pelo governo britânico da safra de algodão do Brasil não somente seria de grande proveito para o Brasil, por fornecer-lhe os esterlinos necessários para a compra de mercadorias britânicas e o serviço da sua dívida externa, e

aliviar o nosso país do seu grande excedente de algodão, como ainda teria a vantagem de remover uma forma de concorrência considerada pela indústria de Lancashire como injusta.

9. O Financial News, dizendo ser o total da produção brasileira de cerca de 2.000.000 de fardos atualmente, salienta que antes da guerra boa parte dessa produção era exportada para a Alemanha e outros mercados do continente europeu, agora inacessíveis, e acha que o Brasil tem maiores dificuldades do que os países sul-americanos da costa do Pacífico para encontrar um mercado alternativo no Japão e alhures.

10. Esta Embaixada desde o começo da guerra vem-se batendo junto ao Board of Trade e ao Overseas Trade Department em sentido semelhante ao plano ora submetido às autoridades britânicas pelos interessados de Lancashire. Salientamos àqueles departamentos os prejuízos sofridos pelo comércio de exportação de algodão do Brasil, em consequência da perda dos mercados continentais europeus, e isso muito antes de que essa exportação, pelo menos no que diz respeito ao algodão paulista, conseguisse, como tem acontecido desde algum tempo, conquistar o mercado canadense em extensão cada vez maior. Quando da partida da Missão Willingon fizemos ver a conveniência para ambos os países de serem feitas no Brasil compras globais de algodão pelo governo britânico, ouvindo então do próprio Lord Willingon que não havia possibilidade de aumentar as importações do produto brasileiro por ter a Inglaterra adquirido toda a safra egípcia. É provável que o plano agora proposto seja uma consequência da concorrência da indústria têxtil canadense, alimentada com algodão brasileiro mais barato do que o americano, sendo, contudo, também possível atribuí-lo ao desejo de impedir que o Japão e o Extremo Oriente se aprovisionem de importantes quantidades de algodão. Se essa última consideração, de natureza política, estiver à base do plano, poderemos talvez contar com que de fato tome corpo uma proposta de compra da nossa produção total de algodão ou de qualquer excedente exportável existente. Se, por outro lado, for devida em primeiro lugar ao temor da competência canadense, é mais provável que as compras atinjam somente o algodão paulista, mais padronizado, e que não seja tomada em conta a fibra do norte do país.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 21 JAN 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Artigo “Despertar da América”.

N. 47.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 21 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o incluso artigo do senhor J. L. Garvin, intitulado o “Despertar da América”, comentando a significância dos recentes discursos do presidente Roosevelt e do secretário de Estado.

2. Diz esse jornalista, diretor de um dos mais importantes órgãos da imprensa, que, de uma maneira ou de outra, o destino das futuras gerações será determinado pelo presente conflito, quiçá, para todo o tempo. Os Estados Unidos e o continente americano estão diretamente envolvidos nessa luta de ideologias. Uma vez derrotada a frota britânica, a esquadra americana ficará à mercê das esquadras totalitárias e do Japão. O sistema Nazi e o de seus associados dominaria os continentes, avassalando os impérios coloniais europeus na África e na Ásia.

3. Dada a proximidade da costa africana da brasileira, nesta época do submarino e do avião, a posição da América Latina será tão vulnerável, que não escapará à hegemonia megalomaniaca da raça alemã. A doutrina de Monroe ficaria letra morta, bem como as condições afortunadas que o nosso hemisfério vinha gozando, à sombra dessa doutrina.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.<sup>[P4]</sup>

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo. "American's Awakening". *The Observer*, Londres, 19 de janeiro de 1863]

A quiet man

In everything that touches humanity, liberty, and moral law in word-politics no man's convictions are more deeply held than those of the American Secretary of State. But Mr. Cordell Hull is usually regarded as one of the quietest of men in his diplomatic manner - a proverb for sagacious prudence and accomplished discretion. Last week he threw these traits to the winds. He showed what a quiet man can do when every decent ideal he has lived for is threatened and his faith becomes combustible. With startling plainness and decision he made the speech of his life and history will mark it. Mr. Hull was addressing the Foreign Affairs Committee of the House of Representatives in urgent support of the tremendous Arms Bill for aiding Britain to the uttermost and saving the United States at a second remove - if the triumph of our fight on this side gains time for both.

"Heaven's first law"

There has been no such momentous "if" in America's annals. Perhaps, for aught we yet know, not in the world's annals. Mr. Hull told and showed his hearers that upon the great Bill and its consequences depend the future of America and the future of man. Coming from him, this address and its effect - in a different way from PRESIDENT ROOSEVELT'S own incomparable appeals - were clinching proof of the main thing.

## V

With rapidity and finality, the immense majority of the American people, irrespective of party, have awakened to the fact that the fight for life, freedom, and security on this side is the fight for their own. Self-preservation - "Heaven's first law" - is as strictly, though less instantly, at stake for them as for us. That is why nothing on earth can now stay the American people in the mighty course on which they have entered. As the president says, "There can be no end save victory."

Probing the truth

Remember that Mr. Cordell Hull is America's Foreign Secretary, and that there is no greater position of its kind. The clarifying and convincing power of his speech derived from its bold and simple method. He asked plain out what would happen to the United States if Britain failed. This, as they all feel, however else they differ, is some question indeed. He followed it out with uncomfortable but unanswerable veracity.

\*

TELEGRAMA • 22 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Algodão brasileiro na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

38 – TERÇA FEIRA Em 22 de janeiro de 1941 – 18h00 - O "*Financial News*", o "*Financial Times*" e os órgãos mais autorizados divulgaram, hoje, a notícia corrente nos círculos interessados de que o comércio algodoeiro de Lancashire submeteu às autoridades britânicas um plano no sentido da compra global do algodão brasileiro na mesma forma da atual aquisição do algodão egípcio. Os meios algodoeiros de Liverpool salientam a diferença existente, de um e meio penny por libra, entre o preço da fibra brasileira naquele mercado e a cotação no Brasil, beneficiando indevidamente os interesses japoneses e canadenses, que operam diretamente no Brasil. Devo ponderar que esta embaixada não tem medido esforços afim de obter que o governo britânico proceda com relação ao nosso algodão no sentido acima indicado, tendo sempre trazido esse Ministério informado. Estou informado de que as negociações do acordo de comércio com a Argentina estão quase concluídas, sendo iminente a sua assinatura. A Grã-Bretanha está empenhada em obter vantagens para os tecidos, e a Argentina para as carnes e o milho. Moniz de Aragão

\*

**DESPACHO • 22 JAN 1941 • AHI 29/3/13**

Índice: Situação do café brasileiro na Palestina.

N. EC/9/842.31 (55a) (42)

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres

Em 22 de janeiro de 1941

Senhor Embaixador,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que, segundo comunicação do Departamento Nacional do Café, o governo da Palestina recusa fornecer licença para a importação de café brasileiro, resultando daí uma situação desfavorável aos interesses do Brasil a ponto de se encontrarem ameaçadas de fechamento as casas de degustação montadas pelos contratantes do mesmo departamento naquele país.

2. Rogo, pois, a Vossa Excelência que solicite providências junto às autoridades britânicas competentes para que seja dada licença pelo governo da Palestina para importação do café brasileiro.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(b) Maurício Nabuco.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

\*

**OFÍCIO • 22 JAN. 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Café brasileiro. Importação na Grã-Bretanha.

N. 49

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 22 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

Esta Embaixada, como Vossa Excelência sabe, tem empregado sempre os maiores esforços no sentido de aumentar as importações de produtos brasileiros na Grã-Bretanha. Ainda há pouco, desejando obter que as autoridades inglesas examinassem mais uma vez a possibilidade de adquirir maiores quantidades de café no nosso país, nos entendemos com o senhor H. C. Braun, negociante desta praça, o qual já por várias vezes tem prestado



serviços a esta Missão, para que ele, dando ao assunto um caráter comercial, se dirigisse, a respeito, ao Ministério da Alimentação.

2. O senhor Braun, atendendo ao nosso pedido, enviou ao referido Ministério, no dia 10 de dezembro último, a carta inclusa por cópia (n.1 do anexo), na qual mencionou a situação em que se encontra o nosso produto, pela perda de quase todos os mercados do continente europeu, em virtude do bloqueio britânico, referindo-se também ao preço exagerado por que é vendido aqui o café do Império, devido ao monopólio que lhe foi praticamente concedido.

3. Com relação à dificuldade dos transportes, disse o referido senhor que, como importador de diversos artigos brasileiros neste país, já algumas vezes recebeu inesperados pedidos de informação sobre se poderia completar a carga de navios ingleses, na viagem de volta a este país. Solicitava, assim, que em tais casos lhe fossem dadas facilidades para embarcar café.

4. Referiu-se ainda o senhor Braun ao aordo de pagamentos concluídos recentemente entre o Brasil e a Grã-Bretanha, terminando a carta com a afirmação de que qualquer concessão das autoridades britânicas, no sentido de permitir maiores importações do produto brasileiro, será muito bem recebida no nosso país.

5. O Ministério da Alimentação respondeu, por carta de 17 do mesmo mês, da qual junto cópia (n.2 do anexo), que no momento as autoridades britânicas não podem atender ao seu pedido, mas que as suas considerações serão tomadas em conta, logo que haja uma mudança na situação.

6. O mencionado senhor, em 9 do corrente, enviou outra carta ao mesmo Ministério, lembrando que algumas toneladas de café absorvem pouco espaço e que mesmo todo o café consumido anualmente no Reino Unido, em tempos normais, poderia praticamente ser transportado num só navio. Junto, Vossa Excelência encontrará também cópia dessa carta (n.3 do anexo).

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração. [P5]

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Índice:] Utilização dos poderes compulsórios relativamente à mão de obra.

N. 48.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 22 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

O ministro do trabalho, senhor Ernest Bevin, anunciou ontem na Câmara dos Comuns que o governo resolvera fazer uso dos poderes que lhe haviam sido conferidos em maio ultimo, pelo “Persons and Property Act”, instituindo a obrigação do trabalho. Declarou que havia chegado o momento em que se tornava necessário fazer o registro industrial da população por grupos de idade, estabelecendo, assim, a lista daqueles que serão chamados a servir o Estado em indústrias nacionais.

2. Outras medidas foram anunciadas para aumentar a capacidade produtora da Grã-Bretanha e regulamentos, a serem expedidos sem demora, classificarão as indústrias consideradas importantes para o esforço de guerra nacional. Nessas indústrias os empregadores não mais poderão demitir os operários e empregados, a não ser em caso de mau procedimento, sem a permissão do Estado. Os operários e empregados, por sua vez, não poderão deixar os seus empregos. Não haverá direito de recurso das decisões tomadas pelo governo.

3. As autoridades empreenderão uma campanha para desviar a mão de obra das indústrias não essenciais para as essenciais. Nestas ultimas será impedida a organização do trabalho na base de horas reduzidas e, se for necessário, estatuir-se-ão horas mínimas de trabalho.

4. O senhor Bevin advertiu os Comuns de que as disponibilidades de mão de obra masculina estavam praticamente exaustas, tornando-se portanto indispensável utilizar, sempre que fosse possível, mão de obra feminina.

5. Por outro lado as forças armadas tinham necessidade de mais homens e, em consequência disso, se procederá à revisão daqueles até agora classificados como pertencentes a ocupações reservadas, isto é, de utilidade para a indústria do país, sendo também chamadas ao serviço militar novas classes de idade mais elevada.

6. O governo britânico está assim, finalmente, tomando as medidas compulsórias, com relação à mão de obra, reclamadas desde há meses pelos entendidos em assuntos econômicos e industriais. Em vários ofícios anteriores tenho informado Vossa Excelência das críticas cada vez mais fortes feitas ao governo pela sua frouxidão nessa matéria. Aliás, toda a política do governo, nesse particular, foi vigorosamente criticada ontem na Câmara dos Comuns por vários deputados.

7. O senhor Bevin deu também algumas notícias animadoras ao Parlamento na sessão de ontem, declarando que a produção de munições e armamentos em geral tinha aumentado enormemente, o mesmo acontecendo, segundo fora informado pelo ministro da produção aeronáutica, com relação à produção de aviões, que havia ultrapassado o esquema previsto. Também a construção de navios mercantes havia aumentado consideravelmente na segunda metade de 1940.

8. O debate sobre esse assunto de importância transcendente para o país deverá continuar na sessão de hoje, esperando-se importante discurso do primeiro ministro e, bem assim, de *sir* Andrew Duncan, ministro do abastecimento e presidente do Comitê Executivo de Importação.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa **consideração.** [P6]

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 22 JAN. 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Café apresado a bordo do Cap Norte.

N. 51

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 22 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

Com referência ao despacho EC/69/9442(00) de 1º de junho último, cabe-me levar ao conhecimento de Vossa Excelência que o procurador geral considera que os documentos por nós fornecidos não constituem prova suficiente que lhe permita liberar

as partidas de café apresadas a bordo do vapor alemão Cap Norte ou o produto da respectiva venda, visto como o conhecimento e os contratos revelam que a firma Felix Fonseca S/A vendeu a Kiefer, Helinke & Co., de Hamburgo, café embarcado para Hamburgo em trânsito para a Iugoslávia para diversos clientes dessa casa naquele país.

2. A fim de poder chegar à uma conclusão de que efetivamente esse café não pertence a uma firma alemã, o procurador pede que lhe sejam fornecidos as apólices de seguro, as cambiais, a correspondência trocada entre Felix Fonseca e o Departamento Nacional do Café sobre esse seguro, bem como um *memorandum* historiando a transação.

3. A dúvida consiste em que não está claro qual seja o papel da firma Kiefer, Helinke & Co., se o de agente intermediária ou de revendedora, em outras palavras se a transação, no que diz respeito a F. Fonseca, terminou com o embarque destinado à dita firma ou continuava até que os destinatários recebessem a mercadoria.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa **consideração.** [P7]

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 22 JAN 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Ação contra o comunismo na Grã-Bretanha.

N. 50.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 22 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

Conforme informei pelo meu telegrama n. 35, o governo britânico resolveu agir com toda a energia para impedir que o Partido Comunista continue a exercer atividades que já estão causando apreensões e assim é provável que esse partido seja dissolvido e impedido de funcionar como organização política. Também serão tomadas medidas

severas contra a circulação de impressos e toda e qualquer publicação visando fazer propaganda comunista.

2. Não parece ser intenção do governo britânico, pelo menos por enquanto, tomar qualquer medida restritiva contra os comunistas no que diz respeito à liberdade de palavra e de imprensa, mas sempre que fique dentro dos limites de não afetar a segurança nacional.

3. A ação governamental agora encetada foi motivada pela campanha derrotista empreendida pelo comunistas a soldo de Moscou e também apoiados por Berlim para paralisar o trabalho das fábricas de munições. Assim já foram expedidas as necessárias instruções para ser exercida uma severa fiscalização sobre todas as pessoas cujas atividades possam ser suspeitadas de serem tais fatos fiquem provados os autores serão passíveis de julgamento perante as Cortes Criminais do país para aplicação de penas previstas pelos regulamentos que se referem à defesa do Império.

4. Essa decisão foi tomada depois do ministro do interior ter examinado atentamente a situação e ter tido conhecimento da reunião comunista realizada nesta capital na semana passada, que os centros vermelhos denominaram de “Reunião do Povo”. Essa reunião foi presidida pelo líder comunista Pritt, membro da Casa dos Comuns e dela participaram cerca de dois mil delegados de diversas agremiações trabalhistas, tendo sido proferidos violentos discursos de caráter comunista de franco derrotismo.

5. O desenvolvimento dos acontecimentos foi rápido e deveras interessante. Os operários nas fábricas ao lerem os relatórios dos debates desse congresso, viram com grande surpresa que os delegados estavam unicamente pregando o derrotismo e falando em nome de todas as classes trabalhadoras da Grã-Bretanha e logo trataram de tomar as providências necessárias.

6. Assim os operários da fábrica de aviões de Havilland formularam sem demora um veemente protesto no qual contestaram a legitimidade dos poderes dos delegados e responsabilizaram os mesmos pela declaração de serem representantes desses operários. Acrescentaram que jamais haviam concedido mandatos nesse sentido e exigiram que esse protesto fosse publicado no boletim do respe[c]tivo comitê, e o assunto fosse divulgado pela imprensa londrina. Esse protesto foi assinado por cerca de 97% dos operários dessa fábrica.

7. Numa outra usina os delegados foram de fato eleitos, mas durante uma reunião em que apenas compareceram cerca de 12 operários e, ao regressarem foram demitidos,

um por atraso em retomar os seus trabalhos e outros por ausência sem licença nem motivo justificado. Nenhum desses operários protestou contra essas demissões.

8. Os delegados da fábrica de motores Napier eram quase todos capatazes e designados para defender os interesses dos operários ligados a questões internas, sem autorização de se envolverem em manobras políticas.

9. O Conselho de Indústrias Horsford declarou representar quatro mil operários, mas, na reunião convocada para a eleição dos respe[c]tivos delegados, apenas compareceram 15 membros. Alguns outros conselhos industriais presentes à conferência não figuram na lista reconhecida pelo congresso dos Trade Unions.

10. A Federação dos Mineiros do País de Gales do Sul, decidiu enviar uma delegação representativa dos seus 120 mil membros, mas essa resolução foi adotada por dez votos contra oito e assim mesmo não foi pedido um mandato especial aos diferentes grupos operários a ela filiados.

11. O partido das cooperativas de Barrow-in-Furness enviam apenas nove delegados e os membros de algumas cooperações a ele ligados, estão exigindo que lhes sejam prestadas informações sobre se a delegação visitou Londres com os seus próprios recursos e desejam saber porque não foram consultados sobre os fins a que se propunha o congresso que só ulteriormente souberam ser de caráter comunista.

12. O motivo porque tantas fábricas de aviões e de maquinismos para a aviação situadas nas vizinhanças de Londres enviaram delegados à convenção, parece ser devido ao fato do comitê do distrito londrino da União coletiva de engenharia incluir no seu seio um número apreciável de comunistas ativos que podem exercer uma eficaz pressão sobre os operários devido aos postos que ocupam.

13. Não é conhecido um só caso em que os organizadores do Congresso tenham deliberado por meio de votação.

14. Seis soldados que participaram dos trabalhos do Congresso, dos quais um em uniforme, não representavam nenhuma organização militar e ali compareceram individualmente.

15. Os propagandistas da paz por qualquer meio quiseram ver na presença desses militares uma participação do Exército procurando fazer crer que estavam representando as forças de um centro militar britânico cujo nome aliás, não puderam citar.

16. Um grande número de pessoas e mesmo de agrupamentos indicados publicamente como tendo aderido a Convenção negaram, pela imprensa, terem tido qualquer contato com a mesma.

17. Evidentemente a reunião desse Congresso foi de menor importância mas revelou que já existe no país um núcleo de pelo menos duas mil pessoas agindo por conta de Moscou e, reunido aos interesses alemães, disposto a agitar as classes trabalhadoras e criar dificuldades na construção de guerra.

18. Assim a ação do governo britânico será enérgico, pois certamente o plano visado não deixa de ser rapidamente compreendido, isto é, enfraquecer a ação do governo e criar dificuldades à sua defesa.

19. Os jornais de hoje noticiam que o jornal comunista *The Daily Worker* foi suspenso, sendo suas oficinas aqui e em Glasgow ocupadas pela polícia que teria encontrado uma grande cópia de material de propaganda bolchevista e de caráter subversivo o que está compreendido na[s] penalidades de que cogita a lei de defesa nacional.

20. Também foi apreendida a edição de uma folha semanal denominada *Week* que estava sendo distribuída gratuitamente nas fábricas e quartéis e que procurava instigar o povo à revolução para obter com a Alemanha e implantação de um regime totalitário na Grã-Bretanha.

21. Os jornais mais autorizados, refletindo a opinião pública do país, aplaudem sem reserva a atitude enérgica do governo e instigam a que prossigam sem desfalecimentos na sua ação repressiva contra os comunistas e fascistas “que só almejam a destruição dos direitos e liberdade do povo britânico e sua dominação pelos patrões de Berlim e Roma”.

22. Existe a impressão que estamos atravessando uma nova ofensiva da propaganda comunista agora ajudada por Berlim e isso concorda com a informação digna de todo o crédito o que transmiti a Vossa Excelência pelo telegrama anteriormente citado e que indica estar sendo organizada uma ação conjunta, russo-alemã, favorável a Moscou e servindo aos interesses de Berlim no atual momento.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.<sup>[P8]</sup>

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo. "Tale of Terror: and some queer-looking warships

Evening Standard Naval Correspondent

Mr. Churchill must feel some personal satisfactions in the activities of the veteran monitor Terror (7200 tons), which has continued to plaster the Italian positions on the Libyan coast with its 15in. guns, although the enemy on six occasions have claimed that it has been sunk. It is one of the survivors of a fleet of shallow-draught vessels the building of which was ordered by Mr. Churchill himself in the last war.

Soon after the outbreak of war in 1914, the British Government took over three river monitors mounting 6in. and 4in. guns, built by Vickers for Brazil, and used them in operations off the Belgian coast.

Later Mr. Churchill and Lord Fisher met Mr. Schwab, the American contractor, who mentioned that he had on his hands four turrets, each mounting 14. Guns which had been ordered for a Greek battleship which was being built in Germany. "What about building monitors to carry the guns?" asked Mr. Churchill. Lord Fisher agreed, and four of these odd-looking vessels were built in six months. Others followed, mounted with 15in. guns, and one of these was Terror.



Before the monitors were ready, old battleships and sloops were used for coastal operations, and these suffered heavy [sic] casualties (especially in the Dardanelles).

But although sixteen monitors took part in a much larger number of bombardments in the Dardanelles, and in many other waters, only two were lost. They proved remarkably successful throughout the war.

Terror was hit by three torpedoes while in action off the Belgian coast, but she got back to Portsmouth for repairs and was in service again within a few weeks. Another, Erebus (still in commission), was hit by an "explosive boat" and was back in actions again within a fortnight.

Great Britain had only three monitors - Marshal Soult is the third, and she became a training ship - at the beginning of this war. The rest were ruthlessly scrapped. Effective use could have been made of them in the shallow waters off the Libyan coast. And in other seas.

But the Italians cannot hit back with this weapon. They have no monitors - unless they have built some since the war started.

The smaller monitors which had been built for Brazil and which Mr. Churchill had taken over, figured in one of the most spectacular episodes of the war. They sank



the last of the German cruiser raiders (Konigsberg) left afloat after they had been chased in all the oceans. These cruisers had sunk 217,000 tons of shipping, and one of the Konigsberg's first victims was Winchester Castle, which had a £250,000 cargo of tea, the loss of which, only partially covered against war risks, caused a temporary panic in the tea market.

Konigsberg was hunted by several powerful cruisers. Her base in German East Africa was destroyed, her supply ships were sunk, but the cruiser could not be found. For some months her whereabouts was one of the mysteries of the war/ then it was discovered that she was hiding up a branch of the Rufiji River (German East Africa) and that she had lightened herself to get as far up as possible out of reach. The cruisers searching for her could not get up the river and they blocked the exit to keep her there.

Later the ex-Brazilian river monitors were sent out and they got up the river to firing distance. With the assistance of an airplane as a spotter (one of the early occasions when aircraft was used to get the range for naval guns) they opened fire over hills at 9500 yards and disposed of Konigsberg.



Monitors in embryo formed part of the British fleet in the seventeenth century, first as defensive forts and then as coast attack ships. But the name of this type of vessel comes from an American civil war between the Federal ship Monitor (1200 tons) and the Confederate Merrimac (3500 tons), both of shallow draught, in Hampton Roads.

The unwieldy Merrimac (which took half an hour to turn) was out-manuevered by Monitor (called "The Yankee cheese box on a raft", her ends actually being under water), but neither ship could inflict any serious casualties on the other and the affair was indecisive. But here began the era of the armored ship.



**OFÍCIO • 22 JAN. 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Política comercial do Império britânico. Editorial do The Times.

N. 55

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 22 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

O editorial do Times de 18 do corrente, intitulado Markets and Prices, é do maior interesse e importância. Como o título indica, trata do problema dos mercados para os grandes produtos primários e, bem assim, dos preços destes.

2. O presidente da National Farmers Union apoiou uma sugestão feita recentemente por sir George Courthrope e sir Percy Hurd, autoridades na matéria, no sentido de ser convocada uma conferência dos produtores do Império, nos moldes da realizada há dois anos em Sydney. A aludida conferência concordou unanimemente com a necessidade de uma política de venda, a fim de impedir a inundação do mercado britânico e a baixa dos preços a um nível não remunerador. Essa política, subsequentemente aprovada pelo governo britânico e outros, encarou a constituição de Conselhos de Produtores, os quais controlariam o volume dos suprimentos das diferentes partes do Império, tendo faculdades para cooperar com os principais países estrangeiros compradores.

3. O Times lembra que já algumas experiências foram feitas nessas linhas, relativamente a carne, trigo, estanho, borracha e outras matérias-primas. Embora nem todas essas iniciativas tenham sucedido, acha o Times que bem poucos produtores voltariam livremente à concorrência ilimitada.

4. Os planos elaborados na Conferência de Sydney não foram realizados inteiramente devido à guerra, mas mesmo na eventualidade de convocação de uma nova conferência para refazer o trabalho executado pela de Sydney, é indispensável, diz o Times que as resoluções tomadas na mesma sejam levadas em conta para quaisquer planos futuros. Como será necessário bastante tempo para obter a cooperação de todos os interesses e governos afetados, propõe o Times que desde já se comece a trabalhar nesses planos. Depois da guerra será demasiado tarde para impedir as flutuações erráticas e catastróficas dos preços, com todas as suas consequências econômicas, sociais e políticas.

5. Os temores dos fazendeiros ingleses com relação às perspectivas de post-guerra foram atenuados provisoriamente pela promessa que fez o governo britânico de manter o mercado assegurado com preços garantidos para toda a duração da guerra e por mais doze meses após a sua terminação. Este período de doze meses, é de supor, dará ao Ministério da Agricultura tempo para elaborar uma política capaz de proporcionar aos vários ramos da agricultura do país condições estáveis e suscetíveis de assegurar o seu desenvolvimento.

6. Os domínios, entretanto, continuam receosos do efeito que os grandes excedentes de diversos produtos, que se estão acumulando, terão sobre os preços. O governo britânico anunciou que esses excedentes seriam utilizados para o abastecimento das populações

que agora estão sofrendo falta em consequência da ocupação dos seus territórios. O ministro da Economia Beligerante, senhor Dalton, insinuou que quaisquer saldos restantes poderiam ser usados como reservas estabilizadoras, a fim de impedir a alta dos preços acima de um nível atingível para o consumidor ou uma baixa prejudicial às necessidades dos produtores. O Times menciona, a esse propósito, o plano para um fundo estabilizador de preços, elaborado pelo senhor Clare Grondona para a Royal Empire Society.

7. O Times reitera a necessidade de serem esses problemas estudados desde já, a fim de não expor a agricultura inglesa, a dos domínios e dos outros grandes países produtores de matérias-primas, a uma repetição do que sucedeu depois da última guerra. Salienta que os países produtores de gêneros alimentícios e matérias-primas constituem o grande mercado para as indústrias secundárias e opina que as atuais relações econômicas estreitas entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos deverão facilitar aos dois governos o exame desses problemas, em conjunto. Por sua vez, a Missão Willingdon, na opinião do Times, certamente preparou o terreno para a cooperação com os países sul-americanos produtores de matérias-primas. A presença em Londres dos governos holandês e belga, que controlam regiões coloniais importantes, e a do conselho francês livre, dono de algumas colônias francesas, também deverá contribuir para a solução dessas questões.

8. finalmente o Times mostra a necessidade de considerar tanto os interesses dos produtores, como também dos consumidores, lembrando que associações de produtores estão inclinadas a considerar o problema sob o ponto de vista da superprodução, quando é um fato que a produção de gêneros alimentícios do mundo não é demasiado grande e sim insuficiente. A verdadeira caçaga de que sofremos é que uma grande parte dos consumidores não pode comprar em quantidades suficientes.

9. O artigo do Times tratou de um problema que interessa de perto a todas as nações e a futura repercussão das ideias aventadas pelo conceituado órgão da imprensa merecerá toda a atenção desta Embaixada.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração[P9].

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 22 JAN. 1941 • AHI 28/2/1

[Índice:].

N. 56

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 22 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, um recorte do *Evening Standard*, de 11 do corrente, contendo uma referencia à brilhante participação nas operações de guerra contra as forças italianas na Líbia do monitor *Terror*, um dos que estavam em construção na Inglaterra, em 1914, para a nossa marinha de guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo

n.1. "Tale of Terror". *The Evening Standard*, Londres, 11 de janeiro de 1941.

Evening Stardar Naval Correspondent

Mr. Churchill must feel some personal satisfaction in the activities of the veteran monitor *Terror* (7200 tons), which has continued to plaster the Italian positions on the Libyan coast with its 15in. guns, although the enemy on six occasions have claimed that it has

been sunk. It is one of the survivors of a fleet of shallow-draught vessels the building of which was ordered by Mr. Churchill himself in the last war.

Soon after the outbreak of war in 1914, the British government took over three river monitors, mounting 6in., and 4in, guns, built by Vickers for Brazil and use them in operations off the Belgian coast.

Later, Mr. Churchill and lord Fisher met Mr. Schwab, the American contractor, who mentioned that he had on his hand four turrets, each mounting 14in guns which had been ordered for a Greek battleship which was being built in Germany. “What about building monitors to carry the guns?” asked Mr. Churchill. Lord Fisher agreed and four of these oddlooking vessels were built in six months. Others followed, mounted with 15 guns, and one of these was Terror;

\*\*\*\*\*

Before the monitors were ready, old battleship and sloops were used for coastal operations, and these suffered heavy casualties (especially in the Dardanelles).

But although sixteen monitors took part in a much larger number of bombardment in the Dardenelles, and in many other Waters, only two were lost. They proved remarkably successful throughout the war.

Terror was hit by three torpedoes while in action off the Belgian coast, but she got back to Portsmouth for repairs and was in service again within a few weeks. Another, Erebus (still in commission), was hit by an “explosive boat” and was back in action again within a fortnight.

Great Britain had only three monitors – Marshal Souit is the third, and she became a training ship – at the beginning of this war. The rest were ruthlessly scrapped. Effective use could have been made of them in the shallow Waters off the Libyan coast. And in the seas.

But the italians cannot hit back with this weapon. They have no monitors – unless they have built some since the war started.

\*\*\*\*\*

The smaller monitors which had been built for Brazil and which Mr. Churchill had taken over, figured in one of the most spectacular episodes of the war. They sank the last of the German Cruiser raiders (Konigsberg) left afloat after they had been chased in all the oceans. These cruisers had sunk 217,000 tons of shipping, and one of the Konigsberg's

firts victims was Winchester castle, which had o £250.000 cargo of tea, the loss of which, only partially covered against war risks, caused a temporary panic in the tea Market.

Konigsberg was hunted by several powerful cruisers. Her base in German East Africa was destroyed, her supply ships were sunk, but the cruiser could not be found. For some months her whereabouts was one of the mysteries of the war; then it was discovered that she was hiding up a branch of the Rufigi River (German East Africa) and that she had lightened herself to get as far up as possible out of reach. The cruisers searching for her could not get up the river and they blocked the exit to keep her there.

Later the ex-brazilian river monitors were sent out and they got up the river to firing distance. With the assistance of na airplane as a spotter (one of the early occasion when aircraft was used to get the range for naval guns) they opened fire over hills at 9500 yards and disposed of Konigsberg.

\*\*\*\*\*

Monitors in embryo formed part of the British fleet in the seventeenth century, firts as defensive forts and then as coast attack ships. But the name of this type of vessel comes from na American ship. The first battle ever fought by ironclads was during the American civil war between the Federal ship Monitor (1200 tons) and the Confederate Merrimac (3500), both of shallow draught in Hampton Roads.

The unwiedly Merrimac (which took half an hour to turn) was outmaneuvered by Monitor (called “The Yankee chesse box on a raft”, her ends actually being under water), but neither ship could inflict and the affair was indecisive. But here began the era of armoured ship.

\*

**TELEGRAMA • 23 JAN 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Idoneidade moral da firma Tomas de La Rue & C°.

NP

Da Embaixada em Londres  
Em 23 de janeiro de 1941.

43 – QUINTA FEIRA – 17hs.30 - Resposta ao telegrama de Vossa Excelência nº19. Posso informar que a firma Tomas de La Rue & C° goza, aqui, de sólido crédito

comercial, sendo considerada, e oferece as melhores garantias técnicas. Atualmente, fabrica papel moeda para a China, Turquia, Irlanda, Escócia, Uruguai, Irã, Grécia, Espanha e África Oriental e tem contrato com a Polônia e o Congo belga. Fornece, também, chapas e máquinas para impressão de papel moeda para a Argentina e para notas de £ 0-1-0 e £ -0-0-10 do Banco da Inglaterra. Fornece selos do correio e estampilhas fiscais para 72 países. Em trabalhos de litografia de luxo é considerada entre as melhores, neste país.

Moniz de Aragão



OFÍCIO • 23 JAN. 1941 • AHI 28/2/1

Índice: A situação política.

N. 59

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil.

Londres, 23 de Janeiro de 1941

Senhor Ministro,

Três acontecimentos de ordem política acabam de ser verificados e por casualidade no mesmo dia, isto é a 20 do corrente mês. Todos são de natureza a exercer uma influência considerável no decurso da guerra.

2. Um é posse do Presidente Roosevelt que assim inicia o seu terceiro mandato presidencial nos Estados Unidos, o outro é o encontro em Berchtesgarden dos dois chefes de Governo do eixo e o terceiro é o discurso proferido pelo Ministro dos Negócios estrangeiros do Japão em Tóquio.

3. Os Estados Unidos da América, a Europa e o Extremo Oriente, por assim dizer todo o mundo está assim agitado e convulsionado pela desorganização geral oriunda do que foi provocado pelo imperialismo germano-italo-nipônico.

4. Em pleno mais afastado como um cenário de fundo, pode ser apreciado o último discurso do Presidente Roosevelt aqui considerando como uma de suas mais belas, nobres, e vigorosas orações, tanto para a defesa da democracia, como da liberdade e das forças morais e cristãs da humanidade.

5. “Os Estados Unidos não podem recuar”, e essa vontade clara e precisa do Presidente americano, apoiada pela quase unanimidade do seu povo, explica a atitude da Tríplice, a entrevista do Fuehrer e do Duce, e as declarações do Senhor Matsuoka.
6. O eixo sentiu o golpe. O êxito político incontestável que o Senhor Hitler acaba de lograr junto ao Governo de Vichy e que o protege a oeste e mesmo no Mediterrâneo não compensa, no entretanto, as derrotas do Senhor Mussolini na Grécia e na Líbia, a fraqueza imprevistamente revelada do regime fascista e de seus recursos, a fermentação da Europa Oriental, onde a Rumania está em completa anarquia, a Bulgária cada vez mais hesitante e resistente às pressões de Berlim e a Grécia enfrentando valentemente o inimigo contra quem luta sem lhe dar tréguas com grave ameaça para o prestígio italiano.
7. Nessas condições os ditadores reconhecem a necessidade de agir com urgência e mormente antes que o “terrífico apoio americano” de que já falou o Senhor Wilkie, possa impedir que o eixo desfeche o tão anunciado golpe mortal contra o Império Britânico nas suas Ilhas, no Mediterrâneo, e nos Balcãs.
8. Uma diversão no Extremo Oriente seria muito propícia para ocupar os Estados Unidos, e paralisar sua ação na Europa.
9. O Gabinete de Tóquio parece disposto a se prestar a esse jogo da Alemanha. No discurso que o Senhor Matsuoka pronunciou na Dieta japonesa, recordando suas declarações anteriores, admitiu o caráter automático da participação eventual do Japão nas operações militares do eixo, fez ameaças em relação às Índias Neerlandesas e principalmente à Indo China e convidou os Estados Unidos a se manterem fora do atual conflito devendo porém reconhecer a hegemonia do Japão no Extremo Oriente.
10. A Tríplice, agora mais do que nunca dirigida pelo Senhor Hitler, parece que está reunido suas forças para uma grande ação. A propaganda alemã empresta à entrevista de Berchtesgarten e ao discurso do Ministro japonês o valor, não somente de um importante aviso e seria a indicação do início de uma fulminante ofensiva em todas as frentes.
11. Os comentadores italianos nas suas irradiações de ontem e anteontem seguem o mesmo sistema de ameaças.
12. Dizem que os ataques germano-italianos nos mares, nos ares e no Mediterrâneo serão cada vez mais intensos e que não restaria à Grã-Bretanha senão setenta dias para receber o golpe de graça. Acrescentam que a nova guerra relâmpago que a Alemanha está preparando com um cuidado minucioso, será muito mais violenta que a verificada nas campanhas da Polônia e da França.



13. Desde logo um fato é evidente. Na Polônia como em França, a aviação alemã não encontrou resistência por parte dos aliados, pois a aviação alemã não encontrou resistência por parte dos aliados, pois a aviação francesa era quase nula e a britânica ainda não dispunha dos elementos com que conta atualmente e cuja ação tem sido das mais eficazes e brilhantes. De outro lado devemos considerar que a Itália não consegue, sem a ajuda alemã, restabelecer a sua situação militar e assim sua aliança será cada dia um peso maior para o Reich.

14. O Japão pela sua parte está impossibilitado fisicamente de levar a bom termo a conquista da China e de assim fazer a guerra com probabilidades de êxito contra os Estados Unidos.

15. O auxílio americano à Grã-Bretanha está em pleno desenvolvimento.

16. Assim o esforço germano-italiano, ainda mesmo apoiado pelo Japão, não oferece grandes probabilidades de imediato e definitivo resultado como deseja o fuehrer mesmo porque a Grã-Bretanha está pronta para todas as eventualidades e decidida, como disse o Senhor Churchill em Glasgow, há poucos dias, a não ceder um palmo do seu território ao inimigo ainda que isso custe a vida de todos os ingleses.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.<sup>[P10]</sup>

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Oswaldo Aranha,  
Ministro de Estado das Relações Exteriores.



OFÍCIO • 24 JAN 1941 • AHI 28/2/1

Índice: A queda de Tobruk.

N. 63

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 24 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

A tática prudente do general Wavell resultou brilhantemente uma vez mais.

2. Ele não se lançou ao assalto da praça forte de Tobruk senão depois de uma hábil e ousada manobra de envolvimento e após uma destruição sistemática da resistência das forças inimigas.
3. Tal como em Sidi-Barrani e em Bardia, o general Wavell demonstrou ter compreendido o caráter da guerra moderna fazendo combinar o emprego das medidas blindadas e motorizadas com os elementos da aviação e da marinha de guerra.
4. Isso vem provar, se fosse necessário, que os processos usados pelos generais de Hitler podem ser também empregados contra seus aliados e, talvez um dia, contra eles próprios.
5. O general de Gaulle não tinha cessado de preconizar esses métodos durante a campanha da França e tinha provado a sua excelência com os poucos elementos de que dispunha nos combates contra os alemães em Laon e em Abbeville.
6. Hoje na grande luta da África as forças motorizadas francesas livres participaram da vitória de Tobruk ao lado das unidades inglesas e dos valorosos regimentos australianos.
7. Os italianos serão forçados a refletir sobre este fato e essa colaboração de soldados franceses na vitória do império britânico aumenta aqui a esperança sobre os futuros destinos da França.
8. Não é necessário insistir sobre a importância da ocupação de Tobruk pelos britânicos. Os italianos consideravam essa cidade como uma de suas mais importantes bases na Líbia e ali se tinham solidamente instalados. Julgavam Tobruk como a cidadela [sic] essencial para o seu domínio [da] Cirenaica.
9. A perda de uma tal posição é certamente de natureza a abater gravemente o moral das tropas e do povo fascista e esse acontecimento ainda foi mais grave, considerando o número elevado de prisioneiros ali feitos que atinge a 20 mil homens, incluindo quatro generais e um almirante.
10. O total dos prisioneiros feitos desde o início da ofensiva britânica naquele setor já ultrapassa cem mil homens e, segundo os técnicos militares, o general Graziani já teria perdido, desde o começo da campanha africana, 2/3 dos efetivos do seu exército.
11. Parece certo que o general Wavell vai explorar sua vitória e já se prepara para perseguir o inimigo, sendo provável que o seu próximo objetivo seja o porto de Derna onde os italianos dispõem apenas de uma fraca guarnição e a defesa da cidade é bem menos importante do que a de Tobruk.

12. O avanço sobre Derna será relativamente mais fácil pois os aeródromos ocupados agora pelos britânicos naquela região poderão ser utilizados pela sua aviação e principalmente Wavell tem agora em suas mãos uma base naval de primeira ordem que poderá utilizar para o desembarque de tropas e abastecimento do seu Exército sem longas e penosas viagens.
13. Assim em toda a África o duce [duque] está sofrendo severas derrotas pois também na Eritre[i]a e na Abissínia os seus soldados estão em franca retirada acossados pelas forças britânicas.
14. Alguns jornais americanos dizem que na última entrevista de Berchtesgaden, o *fuehrer* teria se mostrado muito irritado em relação à fraqueza e falta de preparo do Exército italiano e é sabido que a situação militar italiana é objeto de sérias preocupações na Alemanha.
15. Aliás os generais alemães conhecem desde longo tempo as falhas do organismo militar italiano e não tem ilusões sobre as possibilidades de ajudar sua aliada no solo africano e julgam que a situação do império italiano está muito comprometida.
16. Parece que o apoio alemão será prestado pela sua aviação que utilizará as bases italianas do mediterrâneo para onde já foram enviados 500 aviões de bombardeio *Junker* e *Stuka* e talvez tropas germânicas sejam enviadas em socorro dos italianos na Albânia.
17. A ação preponderante será certamente, como disse, no Mediterrâneo e ali devemos esperar que se travem grandes batalhas tais como a recente do estreito da Sicília.
18. Entretanto não é desprezada a possibilidade de ações nos Bálcãs e a sempre anunciada invasão continua e cada vez mais entre as grandes probabilidades embora isso obrigue ao *fuehrer* a agir em duas frentes.
19. Os próximos dois meses devem ser deveras críticos e a Grã-Bretanha terá que enfrentar graves perigos e principalmente a sua população será severamente castigada pela aviação inimiga.
20. Já se anuncia um super *blitzkrieg* chegando os jornais alemães a prognosticar a destruição total de Londres em 60 dias.
21. Todos confiam no elevado moral do povo britânico, no sólido preparo de sua defesa e na coragem de suas tropas e assim enquanto se anunciem graves momentos permanece a convicção de que mais uma vez os atacantes serão repelidos. Isso não impede que a ação da aviação alemã ainda venha a produzir importantes danos materiais e pessoais semeando a morte e a miséria.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 24 JAN 1941 • AHI 28-2-1**

Índice: Mercadorias apreendidas pelo governo da Grã-Bretanha

N. 64

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 24 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício nº 398, 18 de setembro último, sobre providências que estavam sendo tomadas por esta embaixada, a pedido dessa Secretaria de Estado, no sentido de ser obtida a liberação de mercadorias embarcadas pela firma Guilherme Ludwig, de Porto Alegre, para a Bélgica e Holanda, e apreendidas pelo governo britânico, tenho a honra de enviar a Vossa Excelência, em anexo, cópia de uma carta recebida do Barclays Bank Limited, datada de 20 do corrente, contendo informações, por nós solicitadas, sobre o andamento e o estado atual da questão.

2. O Barclays Bank, como Vossa Excelência verá, dirigiu ao Ministério do Abastecimento deste país, em agosto do ano passado, um pedido de indenização do valor das mercadorias, apresentando em seguida a documentação completa solicitada, como prova da propriedade das mesmas. Nada, porém, conseguiu.

3. No princípio do corrente mês, o Banco pôs-se novamente em contato com o citado Ministério, perguntando se um *affidavit* do Banco do Brasil, ante um consulado britânico, serviria para demonstrar a propriedade da mesma mercadoria. O Ministério respondeu negativamente, dizendo ao mesmo tempo que a propriedade teria de ser determinada por evidência documentária.

4. Em seguida, o Banco fez indagações sobre o andamento que havia tido o pedido de indenização, tendo sido informado de que o mesmo não fora ainda considerado. O banco perguntou ainda se havia examinado o total da indenização reclamada pelo Banco do Brasil, em relação ao preço que o Ministério pretendia pagar pela mercadoria requisitada, sendo informado de que essa questão não podia ser examinada enquanto não fosse resolvida a propriedade das mercadorias, mas que normalmente o preço que o Ministério pagará será o correspondente ao valor das mesmas imediatamente antes da requisição.

5. A propósito deste caso, é preciso salientar que, não obstante achar-se o Ministério do Abastecimento de posse de uma documentação suficientes para comprovar a propriedade do senhor Guilherme Ludwig, isso nada adiantou até agora para a solução do caso, o que, segundo informa o banco, parece ser devido ao fato de estar a seção competente do mesmo Ministério sobrecarregada com milhares de reclamações semelhantes. Parece que o único meio rápido de resolver as questões desta natureza consista em uma garantia dada por um banco ou firma idônea, como no caso, aliás citado pelo Banco do Brasil, dos Moinhos Rio-Grandenses S.A., de Porto Alegre (anexo 2º ao despacho nº EC/69, de 9/8/40). No presente caso o Barclays Bank não quer dar essa garantia e nessas condições nada mais podemos fazer do que esperar a decisão do Ministério. Em vista, porém, da importância das normas envolvidas, utilizamos os serviços dos advogados desta embaixada, senhores Forsyts, Kerman & Phillips, para instar por uma breve solução da reclamação em apreço.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

TELEGRAMA • 25 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Guerra na Europa. Vitórias inglesas na África. Possibilidade de invasão da Grã-Bretanha.

#### Da Embaixada em Londres

44 – SÁBADO – Em 25 de janeiro de 1941 – 13hs.30 - O governo britânico, embora sem grande nervosismo, está encarando a possibilidade de Londres ser vítima de nova série de ataques aéreos mais intensos, se possível, do que os que já sofremos. Caso isso se verifique e a situação fique ainda mais grave, também sob o ponto de vista de uma possível tentativa de invasão, fui, confidencialmente, informado sobre a possibilidade de que a população civil seja evacuada, afim de melhor permitir a defesa desta capital. Sei que o *Foreign Office*, neste caso, obedecendo a um antigo plano, providenciará para a localização do Corpo Diplomático em zonas de, relativamente, menor perigo. Prevejo críticos momentos para os próximos sessenta dias, mas julgo que a resistência e o preparo das forças britânicas, cada vez mais eficientes, ainda vencerão o atacante. Todo o país confia animado, com uma coragem sem limites e excelência moral, robustecido pelas recentes vitórias na Líbia. O "*Times*" e outros jornais salientam a declaração do Ministro dos Negócios Estrangeiros, rebatendo os boatos tendenciosos, de origem alemã, sobre as relações anglo-portuguesas, referentes à pouca simpatia pelo atual regime português. Nessa declaração, o Ministro dos Negócios Estrangeiros salienta a cordialidade anglo-lusitana, acrescentando que a vitória britânica significará uma garantia dos direitos de todas as nações e da defesa de sua independência e que jamais o Império Britânico intervirá nos negócios internos de outros países, nem imporá qualquer governo ou regime. Notícia oficial indica que, em Tobruk, foram aprisionados quatorze mil italianos, entre os quais quatro generais e um almirante, tomados 200 canhões, sendo que as baixas britânicas atingiram apenas a quinhentos homens, entre mortos e feridos. Prosseguindo na campanha anti-comunista, o governo apreendeu a edição do jornal "*Daily Worker*", proibindo sua publicação, assim como a do hebdomadário "*Week*", também comunista.

Moniz de Aragão

\*

[Índice:]. Proteção interesses italianos

NP

Da Embaixada em Londres  
Em 25 de janeiro de 1941.

45 – SÁBADO – 13hs.45 - Referência ao meu telegrama nº33. Apartida do vapor foi adiada por uma semana. O número de italianos a serem embarcados monta a cerca de cento e trinta, suscetível de ser aumentado com a possível inclusão de alguns internados por solicitação desta embaixada. As instruções do governo italiano são indispensáveis ao prosseguimento das negociações.

Moniz de Aragão

\*

**TELEGRAMA • 27 JAN 1941 • AHI 29/5/4**

CONFIDENCIAL

[Índice:]. Material bélico.

NP

Da Embaixada em Londres  
Em 27 de janeiro de 1941.

46 – SEGUNDA FEIRA – 17hs.30 - Referência ao telegrama de Vossa Excelência nº27. Dirigi-me ao *Foreign Office*, que vai tratar do assunto com o máximo interesse.

Moniz de Aragão

Nota: Exp. pag. 372.

\*

**TELEGRAMA • 27 JAN 1941 • AHI 30/1/1**

Índice: Carnes brasileiras na Grã-Bretanha.

Telegrama No. EC  
29-21200

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres  
Em 27 de janeiro de 1941.

<sup>ii</sup> O Frigorífico Serrano de Rosalvo Scherer, situado em Ijuhy, Rio Grande do Sul, vendeu no começo do ano de 1940, duas mil caixas de carne de porco em conserva à firma Anderson e Coltmann, de Londres, com câmbio fechado no Banco do Brasil em Porto Alegre. Em maio daquele ano, o governo inglês cancelou as encomendas dos produtos suínos em geral, medida que atingiu o frigorífico acima mencionado. Como se trata de mercadoria já definitivamente vendida, segundo alega o interessado, agradeceria a Vossa Excelência examinar a questão aí e providenciar junto a esse governo, se for o caso.

Pago pelo interessado (Western)

Exteriores

Expedido em 27 de 1 de 1941 via Western [*assinatura*]

\*

**OFÍCIO • 27 JAN 1941 • AHI 28-2-1**

[*Índice:*] A política anglo-americana.

N. 67

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 27 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,



A resolução dos americanos de dar aos britânicos toda a ajuda necessária, para tomar a vitória de suas armas mais e próxima, se afirma cada dia mais, ao mesmo tempo que mais se fortalecem os vínculos que unem a Grã-Bretanha aos Estados Unidos.

2. Essa associação e esses sentimentos foram demonstrados nesses últimos dias por diversos atos e manifestações cujo efeito espetacular deve ter impressionado profundamente os países do eixo.

3. Os governantes de Washington julgaram que uma situação excepcional deve ser enfrentada com meios extraordinários. Assim se explicam o gesto do presidente Roosevelt, o qual rompendo todas as regras protocolares, foi pessoalmente receber o novo embaixador do Império Britânico; a entrevista de *lord* Halifax com o secretário de Estado americano, antes mesmo de ter entregue suas cartas credenciais; a dispensa de serem entregues essas cartas; a viagem a Londres do senhor Willkie, antigo candidato republicano à Presidência dos Estados Unidos, são tantos atos que revolucionam as tradições e que não encontram precedentes na história diplomática ou política de países como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.

4. *Lord* Halifax disse uma verdade afirmando que o *chanceler* Hitler tinha cometido um grande erro estratégico quando, depois da batalha de Flanders não buscou obter maior vantagens atacando as Ilhas Britânicas para invadi-las. Nessa época este país estava sem grandes meios de defesa e o colapso francês tinha impressionado profundamente.

5. Talvez a história um dia poderá dizer que o *fuehrer* perdeu as suas maiores probabilidades de ganhar definitivamente a guerra quando o povo americano compreendeu que a Grã-Bretanha constituía a sua primeira linha de defesa.

6. Na entrevista que o senhor Wendell Willkie teve recentemente, em Lisboa, com o general Carmona, declarou que 90% dos americanos são favoráveis à uma ajuda total à Grã-Bretanha.

7. Hitler não pode mais mudar o curso dos acontecimentos nos Estados Unidos, embora supunha que possa retardá-los e assim jamais os seus agentes e emissários ostensivos e secretos estiveram tão ativos tanto ali como em todo o continente americano.

8. Sei que o senhor Willkie em conversa com personalidades do Foreign Office teria declarado que a maioria da comissão dos negócios estrangeiros da Câmara americana é favorável ao projeto do presidente Roosevelt e assim também sucederá no Senado, cuja comissão já começou a estudar o assunto.

9. Enquanto corre esse processo legislativo no Congresso, os organismos criados em Washington pelo presidente e os senhores Willkie e Hopkins, em Londres, estudam os

melhores métodos próprios para apressar o auxílio dos Estados Unidos e a coordenação da produção entre a usina americana e a usina britânica. É uma corrida de velocidade que está em curso o que faz prever que induzirá a Alemanha a também agir rapidamente no sentido de dar o seu fulminante ataque quanto antes.

10. Isso está sendo esperado, e todas as medidas defensivas foram estudadas. A confiança do país é ilimitada na ação do governo, mas ninguém se ilude que ainda teremos que enfrentar graves perigos e suportar dolorosos sofrimentos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa **consideração.**<sup>[P11]</sup>

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 28 JAN 1941 • AHI 30/1/1<sup>iii</sup>**

Índice: Material bélico.

Telegrama No. NP  
27 71400  
Confidencial

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres  
Em 25 de janeiro de 1941.

O governo brasileiro estuda a possibilidade de adquirir na Suíça [sic] metralhadoras de marca Oerlikon e provavelmente sua patente e respectiva maquinária para fins de fabricação no Brasil. Peço-lhe assegurar-se de que esse governo não criará obstáculos à importação de tal material.

Exteriores

Expedido em 25 de I de 1941 via Western [*assinatura*]

\*

**TELEGRAMA • 28 JAN 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Visto em passaportes.

NP

Da Embaixada em Londres  
Em 28 de janeiro de 1941.

48 – SEGUNDA FEIRA – 18hs.30 - Referência ao telegrama de Vossa Excelência nº22. O Cônsul Geral ainda não tendo recebido as instruções mencionadas, agradecerá, se possível, ser informado qual a solução adotada, afim de que o Encarregado de Negócios do Brasil possa responder ao governo holandês, que está muito empenhado. Tratando-se de simples viagem para os Estados Unidos da América de pessoas munidas de vistos americanos, pelos quais se responsabiliza a Legação holandesa, agradecerá que o caso possa ser excepcionalmente atendido.

Moniz de Aragão

\*

**OFÍCIO • 28 JAN 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Carbonados. Compra de 50% da produção brasileira pela Alemanha.

N. 70

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 28 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

O Daily Telegraph de hoje diz que, segundo notícia publicada pelo jornal *P.M.*, dos Estados Unidos, uma organização de contrabando de diamante está operando em grande escala no Brasil, para assegurar a continuação do funcionamento da máquina de guerra alemã. Cerca de 50% da produção de carbonados está sendo adquirida pela Alemanha, a preços altíssimos. Sem isso, algumas das indústrias de guerra vitais daquele país seriam obrigadas a deixar de trabalhar dentro de seis meses.

2. Consta, diz o referido jornal, que o embaixador alemão no Rio de Janeiro, senhor Kurt Pruefer, dirige as atividades dos peritos em diamantes que estão invadindo o nosso

mercado e exportando essa pedra para fora do Brasil. Berlim teria dito a Pruefer que nada deve impedir sua ação no sentido de adquirir o controle dos nossos suprimentos. *Sir* Geoffrey Knox, embaixador britânico, teria fornecido ao governo brasileiro provas de que o senhor Kurt Pruefer está fazendo sair os diamantes do país na mala diplomática alemã, fugindo assim às taxas de exportação e infringindo as regras de direito internacional.

3. Nosso governo parece ter conhecimento de tudo, mas hesitaria em pedir a retirada do representante alemão, para não prejudicar as relações germano-brasileiras. Além disso, não é seguro que a Grã-Bretanha comprará os carbonados, se forem encerrados os negócios com a Alemanha. Os agentes britânicos, por seu lado, não podem interceptar os diamantes, surpreendendo os agentes nazis na volta das regiões diamantíferas, por medo de prejudicar as relações com o Brasil.

4. O *P.M.*, diz mais que os diplomatas italianos no Rio de Janeiro auxiliam essa exportação, mandando as malas diplomáticas pelos aviões da Lati para Roma, via a África do Norte.

5. Em contradição com o que afirmou quando disse não ser seguro que a Grã-Bretanha comprará os carbonados, o *P.M.*, alega que os círculos interessados do Rio de Janeiro souberam que as autoridades britânicas querem deslocar os alemães do mercado, fazendo um grande esforço para comprar toda a produção.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 29 JAN 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*]. Proteção interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

51 – QUARTA FEIRA Em 29 de janeiro de 1941 – 12hs.30 - Resposta ao telegrama de Vossa Excelência nº 33. Angelo Lauria, provisoriamente em Londres, voltará à Ilha de Man caso não seja concedida a repatriação pela qual já estávamos trabalhando e seu nome incluído na lista que submetemos às autoridades competentes. As negociações para a repatriação de italianos estão infelizmente em suspenso por falta de resposta ao meu telegrama nº 20, de 13 do corrente. A partida do navio foi fixada para os próximos dez dias. Este governo necessita, urgentemente, resposta do governo italiano sobre duas consultas feitas no referido telegrama.

Moniz de Aragão

\*

**OFÍCIO • 30 JAN 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] O Exército alemão segundo a opinião britânica.

N. 76

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 30 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

A questão da quantidade e da repartição dos efetivos do Exército alemão está especialmente despertando a atenção dos técnicos militares deste país principalmente em função do eventual avanço das tropas do *reich* no Próximo Oriente.

2. Segundo as informações mais autorizadas no verão passado por ocasião da ofensiva alemã o Exército do *fuehrer* em campanha era constituído por cerca de 210 divisões. Admitindo que cada divisão fosse constituída por 20 mil homens, incluindo tropas de toda espécie, o *reich* disporia atualmente de um Exército ligeiramente inferior a 3.250.000 homens.

3. No que se refere às divisões blindadas é possível que o número das mesmas seja de 12 ou 14 considerando a atividade das usinas de guerra alemãs mormente depois da campanha de França.

4. Atualmente a propaganda do *reich* não cessa de difundir rumores sobre movimentos de tropas alemãs com o evidente fim de estabelecer confusão nos espíritos dos governantes e na opinião pública em geral.

5. Está sendo naturalmente observada uma discricção absoluta nos meios britânicos competentes no que se refere à real distribuição do Exército alemão, mas, segundo notícias provenientes de países neutros de pontos habitualmente bem informados, parece que o dispositivo geral desse Exército não variou consideravelmente depois da derrota francesa.

6. Naquela época todos supunham que existissem 15 ou 20 divisões alemãs nos Países Baixos, de 70 a 80 na França, de cinco a seis na Noruega e mais ou menos quatro na Dinamarca. No entretanto na fronteira oriental do *reich* existiam 70 divisões e de dez a 12 na Áustria e Tchecoslováquia.

7. Um elemento novo na situação política europeia é constituído pela ocupação da Romênia pelos Nazis e pelo envio de forças germânicas para a Itália.

8. Enquanto os efetivos na Romênia alcançariam dez ou 12 divisões não parece que neste momento existiam mais de 40 a 50 mil homens na Itália.

9. O resto das tropas do *reich* constituiria a reserva geral que estaria presentemente na Alemanha perto das fronteiras dos territórios ocupados sendo que 70 divisões dessa reserva constituída por uma força de elite estaria acampada ao longo das costas do canal da Mancha e no mar do Norte pronta para atender a qualquer eventual tentativa de invasão das Ilhas Britânicas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.<sup>[P12]</sup>

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 30 JAN 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Perspectivas da guerra.

N. 77

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 30 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

O período que estamos atravessando é caracterizado por uma espécie de pausa na ação hitleriana exatamente como sucedeu há seis meses, antes da ofensiva aérea contra a Grã-Bretanha, e antes das invasões da Noruega, da Bélgica e da Holanda.

2. O *fuehrer* várias vezes empregou essa tática que consiste em manter uma expectativa ansiosa para despistar seus adversários.

3. O senhor Goebels procurando definir o método da guerra alemã declarou anteontem que este consistia essencialmente no emprego das alternativas de “pausas longas e criadoras” e de “batalhas fulminantes e dramáticas” e assim o chanceler Hitler durante os meses em que parece menos ativo faz seus preparativos, amadurece suas decisões e mantém o espírito guerreiro do povo alemão. Ele trata, e isso não foi dito pelo senhor Goebels, de minar e destruir o moral dos outros povos.

4. No que se refere aos preparativos alemães deve ser mencionada a constante progressão dos reforços militares que o *reich* está mandando para a Romênia, a penetração discreta dos “especialistas” na Bulgária, na Iugoslávia e a viagem a Berlim do ministro da guerra húngaro.

5. Em Ankara os meios militares e políticos começam a ver nesses movimentos os sinais precursores de uma ofensiva para a primavera em direção à Salónica.

6. Quanto à preparação moral devem ser considerados dois fatos que embora diametralmente opostos agem no mesmo sentido sobre o espírito público nos Bálcãs. Um, é o exemplo da Romênia que tendo tudo cedido à Alemanha tudo perdeu, e o outro é que a Grécia tendo batido a Itália demonstrou que nem sempre a reação contra países mais fortes é negativa.

7. Os Nazis da Bulgária e da Iugoslávia podem ver atualmente, examinando a situação da Guarda de Ferro romena, com que desembaraço Hitler abandona e não hesita em trair os seus amigos quando o seu interesse está em jogo.

8. O *fuehrer* continua empregando o método de obter o máximo de vantagens com o mínimo de risco. Daí suas ameaças e brutalidades alternadas com amabilidades simuladas e promessas que vai fazendo a Sofia e a Belgrado.

9. Na própria Grécia ele se esforça de lançar a indecisão e o desânimo, mas parece difícil vencer o moral de um povo vitorioso que tem o apoio do mundo inteiro e que sabe poder contar materialmente com a Grã-Bretanha e a Turquia.

10. Assim a situação psicológica e moral nos Bálcãs é contrária aos projetos do *fuehrer* e se ele quiser impor ali a sua vontade deve recorrer à força.

11. É também com a força e com a sua própria, pois os italianos estão desfalecendo, que ele deve entrar no Mediterrâneo, no Atlântico e na Macha para prosseguir a guerra e principalmente atacar a Grã-Bretanha.

12. Nesse fato devemos encontrar a explicação das palavras pronunciadas pelo almirante Raeder que anunciou há poucos dias a agravação da guerra naval sob todas as formas para aniquilar a potência naval inglesa e inutilizar os centros vitais do Império britânico impedindo totalmente o seu abastecimento.

13. Seja qual for a evolução que tomar a guerra e por mais violenta que seja a ação alemã todos aqui tem a impressão de que a Grã-Bretanha está preparada para enfrentar toda e qualquer eventualidade e repelir o inimigo.

Aproveito o ensejo para reiterar o Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa **consideração.**[P13]

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações exteriores

\*

TELEGRAMA • 31 JAN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Extradução chefe republicano espanhol.

Da Embaixada em Londres

Em 31 de janeiro de 1941.

52 – QUINTA FEIRA – 18hs.00 - A Delegação busca, em Londres, dirigiui-me um apelo para interceder junto aos governos francês e espanhol, afim de que não se verifique a extradicação do chefe republicano espanhol, recente mente detido para esse fim, segundo telegrama publicado no "*Times*".

Moniz de Aragão

✉

TELEGRAMA • 31 JAN 1941 • AHI 29/5/4



[Índice:]. Instituto Internacional do Açúcar. Contribuição do Brasil.

Da Embaixada em Londres  
Em 31 de janeiro de 1941.

52 – SEXTA FEIRA – 17hs.15 - Referência ao telegrama de Vossa Excelência nº 36. Informei o Instituto do Açúcar. Muito agradeceria a Vossa Excelência resposta ao assunto do telegrama nº14, pois o Conselho Internacional do Açúcar necessita conhecer a nossa atitude.

Moniz de Aragão



**TELEGRAMA • 31 JAN 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Guerra na Europa. Discurso do Chanceler Hitler.

Da Embaixada em Londres

54 – SEXTA FEIRA – Em 31 de janeiro de 1941 – 17hs.30 - O discurso de Hitler, é considerado aqui como constituindo uma ameaça ao continente americano, receoso do eficaz auxílio americano e no seu conjunto, relativamente, moderado, sobretudo, reservado, mas, dele não podem ser tiradas conclusões, pois parece destinada a dar confiança ao seu povo, não deixando parecer suas futuras intenções. Os preparativos da defesa do país continuam ativamente na previsão de um ataque fulminante, que fontes autorizadas supõem deva ser tentado durante o mês de fevereiro, quando as correntes marítimas e marés são mais favoráveis na Mancha. Nos últimos dois dias as atividades aéreas foram mais acentuadas tendo fracassado os grandes ataques, com bombas incendiárias, de ontem e anteontem, graças a ação da defesa passiva. Mr. Wilkie, em visita oficiosa, continua sendo muito festejado e suas declarações são francamente favoráveis à política de completa cooperação e auxílio dos Estados Unidos da América. Sua visita ao presidente da Irlanda está despertando maior interesse não sendo excluída a possibilidade, também, de uma visita a Vichy. A nova vitória britânica na África foi recebida com grande entusiasmo.

Moniz de Aragão

\*

**TELEGRAMA • 31 JAN 1941 • AHI 30/1/1<sup>iv</sup>**

Índice: Guerra na Europa Forças militares dos países em guerra.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres

Em 31 de janeiro de 1941.

Rogo enviar informações minuciosas acerca da situação militar desse país, decorrente da guerra, principalmente no que se refere às características das suas forças, organização do alto comando e suas relações com o governo, armamento e estimativa das massas mobilizadas. Exteriores

v

**OFÍCIO • 31 JAN 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] O ultimo discurso do chanceler Hitler.

N. 78

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 31 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

O *fuehrer* alemão pronunciou ontem um discurso cheio de divagações, de repetições de assuntos já por ele tratados, com as mesmas recriminações sobre o Tratado de Versalhes, de idênticos ataques contra a Grã-Bretanha, as democracias, os judeus, os emigrados políticos, renovando certas falsas e audaciosas afirmações sobre a politica alemã nos últimos tempos, concluindo com palavras tranquilizadoras para o seu povo afirmando que a Alemanha não morrerá de fome e nem será batida.

2. Poucos trechos foram considerados de maior importância e alguns silêncios mereceram atenção.

3. O chanceler Hitler toma o duce [duque] sob sua proteção reconhecendo os embaraços atuais do seu parceiro, admite seus infortúnios mas declara-se fiador da honra de Mussolini na sua amizade com o *reich* e da vontade da Itália de prosseguir a luta.

[4]. Fez uma ameaça aos Estados Unidos e mesmo ao continente americano considerando a Europa como seu espaço vital e que tanto a Alemanha como a Itália não permitiriam aos americanos de se imiscuir nos seus negócios.

[5]. No momento em que o Congresso de Washington discute o projeto de lei sobre a ajuda total à Grã-Bretanha o *fuehrer* entende dever ameaçar com o torpedeamento todos os navios americanos. É uma manobra de intimidação bem conhecida complementar das que já tentou sem êxito e mais especialmente da empregada há poucos dias pelo ministro dos negócios estrangeiros do Japão instigado por Berlim.

[6]. Contra a Grã-Bretanha ele anuncia no seu discurso em termos vagos que desfecharia golpes onde e sempre que puder e que começará na primavera a guerra submarina com a mais forte intensidade possível.

[7]. Deve ser notado que desta vez o *fuehrer* não se referiu à organização da Europa nem de suas relações com os demais países e nem fez a menor alusão à situação da França. Não alude também a nenhuma das operações em curso ou em preparação e não pronunciou uma única vez a palavra invasão.

[8]. A imprensa londrina e os círculos mais autorizados consideram esse discurso como relativamente moderado e sobretudo reservado aliás como exige a presente situação.

[9]. Com efeito desde junho ultimo Hitler tem tido que enfrentar graves dificuldades militares e diplomáticas que não cessam de aumentar. Ele não pode senão enaltecer o passado e prometer um lindo futuro para manter o moral do seu povo e intimidar a América.

[10]. O marechal Goering em uma mensagem especial e Goebels recebendo Hitler no Sportpalast em Berlim, tocaram o sinal de reunir em torno do *fuehrer* fazendo entrever as graves dificuldades que se anunciam para as próximas semanas.

[11]. Não é possível tirar conclusões extas desse discurso que se desenvolveu em generalidades sem nenhuma precisão.

[12]. A palavra foi dada ao homem para esconder o seu pensamento e esse provérbio pode ser aplicado especialmente ao senhor Hitler e a seus discursos de 30 de janeiro de 1936 quando ele declarou querer afirmar ser um elemento pacífico entre as nações pois no dia 7 de março seguinte invadia a Romênia; em janeiro [de] 1939 ele dizia que somente os belicosos acreditavam ser possível uma guerra e reafirmava sua aparente convicção que o mundo teria uma longa era de paz e no entretanto seis meses depois atacava furiosamente a Polônia.

[13]. No momento atual ninguém se ilude na Grã-Bretanha e todos acreditam que se aproxima o momento mais grave desde o início da presente guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 31 JAN 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Artigo de madame Tabouis.

N. 81

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 31 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, o incluso recorte do *Sunday Dispatch*, de 26 do corrente, contendo a correspondência semanal de Nova York feita pela conhecida jornalista francesa, madame Tabouis.

2. Nesse artigo dedica quatro parágrafos à questão do material bélico comprado para as nossas forças armadas na Alemanha e ao bloqueio britânico, para dizer, com a nota sensacional que caracteriza as suas reportagens, que os nossos círculos militares, influenciados pela propaganda alemã, teriam pedido ao senhor presidente Getulio Vargas que declarasse guerra à Inglaterra, e que brevemente os Estados Unidos negociariam alguma forma de aliança com os países sul-americanos para contrarrestar [*sic*] a influência dos países do eixo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 31 JAN 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Artigo de Madame Tabouis.

N. 81.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 31 de janeiro de 1941

[Anexo]

Emb. Londres/81/1941

"The Sunday Dispatch"

Londres, 26 de janeiro de 1941

Madame Tabouis

President Roosevelt is planning another extremely important step - the creation of a giant overall Control Board which would, in fact, give the Government command over the economic, commercial and financial life of the United States.

- Such a move would give the President a power in America as absolute as Hitler's in Germany. Yet, in spite of Mr. Roosevelt's fears, the first reaction among American business circles to this plan has been excellent.

- At the same time I found an extremely favourable reaction among the important leaders of American finance whom I interviewed during the inauguration ceremonies in Washington.

- Their unanimous opinion was for America to enter the war immediately, as they fear that Hitler may, anyway, plunge the U. S. into war within two months by attacking Singapore - with Axis friend Japan as the attacker.

- It must be said that among the general American public, and the women particularly, there is a feeling that the United States should not participate in the war at this juncture.

- The policies of the State Department also reflect the evolution of ideas which President Roosevelt is impressing upon all Americans today.

- A few days ago the Brazilian leader, President Vargas, informed the State Department of the following very interesting fact. Military leaders of his general staff, influenced by Nazi propaganda, requested him to declare upon England because the British blockade war harmful to Brazilian interests:

- President Vargas replied that his decision would be made only after consultation with President Roosevelt. Surrounded with great mystery, the affair was reported to the State Department. As a result, pro-Nazi papers in Brazil which published news unfavourable to the United States have been banned.

- Well informed circles anticipate that within the very near future an agreement of some sort between the United States and Brazil will be announced.

- The State Department today realises that speedy action is necessary for the total alliance of South American countries with the United States - or else one will see ties being established between these States and the Axis Powers.

- Signing of the new Russo-Japanese agreement has excited much comment in Washington and caused the State Department to examine very carefully a report they had just received from London. In this Mr. Harry Hopkins, the U. S. envoy in London, stressed Mr. Anthony Eden's wish that the United States should make some rapprochement gesture towards the Soviet.

- To this report must go the credit for the lifting of the United States moral embargo against the Soviet which followed.

- This is simply an American gesture of good will. Moscow would like to obtain U. S. machinery to extract oil from Russian wells. But United States officials know that if the Russians produce more oil than they need the surplus would go to the Japanese or the Nazis. Nevertheless, the State Department felt at this moment, when the Moscow Government is establishing ties with Tokyo, it was necessary to make a courteous gesture towards the Soviet.

- There is no doubt that a Russo-Japanese rapprochement in the Far East would have consequences as fatal as those the Russo-German pact has had.

- The State Department is eagerly awaiting the arrival of Robert Murphy to find how efficient assistance can be given to the Allies in North Africa.

- Washington experts believe that if Britain captures Italy's next big port, Benghazi, the Germans, to stop the Italian disaster, would have to attack Gibraltar and French Morocco.

- Hitler's plan is that the Italians should divert as large a number of British troops as possible when he launches the great spring attack he plans against Great Britain.

\*

**OFÍCIO • 31 JAN 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Inquérito sobre propaganda britânica no Brasil.

N. 83

Confidencial

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 31 de janeiro de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de informar a Vossa Excelência que, desde algum tempo, o governo britânico vem se preocupando seriamente com o desenvolvimento da propaganda ítalo-alemã no nosso país e na Argentina e assim resolveu proceder a um inquérito, tendo disso encarregado uma personalidade, que suponho tenha sido o senhor Ortiz Echange que goza de toda confiança deste governo, e tem em Buenos Aires uma posição de real destaque na imprensa, pois é um dos redatores principais de *La Nacion*, o qual agiria ligado aos Serviço de Informações deste país.

2. Esse jornalista teria viajado com tal fim por toda a América do Sul e mesmo já publicou no seu jornal em Buenos Aires referentes a este assunto.

3. Vim a saber desse fato em conversa com o embaixador argentino que confidencialmente me forneceu uma cópia da informação recebida pelo Foreign Office no que se refere ao Brasil.

4. Junto remeto a Vossa Excelência cópia desse documento com o pedido do embaixador Le Breton de ser feito uso extremamente confidencial para que não seja descoberto pelo governo britânico a origem de nossa informação.

5. Disse-me ainda o embaixador argentino que no referente ao seu país o relatório indicava certa preocupação de ordem política devido à atual crise ali reinante, e que estaria sendo explorada pelos elementos do eixo com o fim de ser preparada uma revolução com um golpe extremista. Há dias, tendo circulado o boato de que o governo do *reich* enviará como embaixador para Buenos Aires o senhor Von Papen, isso pareceria indicar que, de acordo com os seus sinistros precedentes, ele iria assumir aquele posto para dirigir com a sua notada habilidade e astucia esse movimento, mas a notícia, segundo me disse o embaixador argentino, não passou de projeto mas parece ter entrado nas cogitações do governo de Berlim, o que é bastante sugestivo.

6. Tratando-se de informações emanadas de tão boa fonte, apresso-me em levá-las ao conhecimento de Vossa Excelência para os fins convenientes.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo]

Confidencial

#### Situación del esfuerzo propagandístico británico en los Estados Unidos del Brasil

La impresión recogida por los observadores británicos con respecto a la situación del esfuerzo propagandístico que el gobierno del Reino Unido en el Brasil, es que acaso sea esta República aquella en la cual han alcanzado menos éxito.

Las razones que se aducen para explicar esta circunstancia son las siguientes:

- a) la vastedad del país y el hecho de que los intereses de Rio de Janeiro y de São Paulo sean, a veces, divergentes.
- b) la fuerza de la importante minoría alemana.
- c) el criterio estricto y, según dicen, en ciertas oportunidades parcial del censor.
- d) la orientación de la prensa, que en ninguna otra República de Sud América incluye tantos diarios favorables al Eje.



- e) la falta de organización del servicio de prensa de la embajada británica en Rio y la alegada inadaptabilidad del agregado de prensa, para el desempeño eficaz de sus funciones.

Se hace notar, por otra parte, que la opinión pública es, en general, favorable. Además, el servicio de noticias de la agencia *Havas* surtía a 27 importantes diarios, y ha de ser continuado en adelante por la agencia *Reuter*, lo que constituye una evidente y considerable ventaja.

Los observadores lamentan la forma de actuar del agregado de prensa, *mr. Abbott*, caballero que fue durante 20 años cónsul general de S. M. en São Paulo. Se extrañan de su parsimonia en invertir los fondos de que dispone; de que no aproveche de su condición de católico para insinuar su propaganda a través de los círculos clericales; de que no haya establecido contactos con los ambientes universitarios, que se consideran favorables a la causa británica; de que sus relaciones con la prensa en general se limiten a atender al *Correio da Manhã*, despreocupando la vinculación con todos los demás periódicos, a cuyos representantes – se insinúa – trata con una frialdad que está en desacuerdo con la hidalga tradición de cortesía del país; de que resienta toda forma amistosa de observación.

Notan, sin embargo, que el embajador lo sostiene en toda forma, fundado, según referencias personales, en que la principal ventaja del agregado es precisamente la de que, como hace muy poco o nada, difícilmente habrá de crear situaciones comprometedoras para su jefe.

De resultas de los viajes de observación cuyos resultados se refieren, se ha tratado de coordinar y conciliar la acción de la Oficina de Prensa de la Embajada, el Comité de Propaganda de Rio de Janeiro y la Cámara de Comercio Británica. Las casas comerciales, que habían venido suscribiendo unos 30 contos mensuales para propaganda, han convenido en que trataría de reunir unos 100 contos para dicho objeto, con los que se contratará, como primer medida, un especialista en publicidad cuyos servicios serán compartidos con el Comité de São Paulo, y un empleado de prensa propiamente dicho, destinado a mantener los contactos con los diarios de la Capital.

El mismo criterio se aconseja para São Paulo, donde el cónsul general, según se refiere, está distanciado del embajador en Rio, de la Cámara de Comercio local y del agregado de prensa, vale decir: de todo el mundo. Los británicos

consideran a São Paulo como el más “fascista” de todos los centros importantes de Sud América contemplan, por lo tanto, con alarma el hecho de que el cónsul general se niegue a circular folletos o cartas de propaganda sino en un número ridículamente inadecuado. Han reorganizado por consiguiente sus servicios, en forma similar a la adoptada en Rio, y reunido a este efecto unas £1.000 mensuales.

En términos generales, el esfuerzo propagandístico británico en el Brasil parecería que debiera dirigirse, en la opinión de los observadores, hacia contrarrestar la propaganda y sobre todo la influencia alemana; a mantener los intereses británicos libres de la amenaza potencial que significa el movimiento integralista.

\*

TELEGRAMA • 01 FEV 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Proteção interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

Em 01 de fevereiro de 1941.

56 – SÁBADO – 12hs.45 - Referência ao telegrama de Vossa Excelência nº 39. Rogo informar ao governo italiano que os arranjos para a partida do navio prosseguem satisfatoriamente. A demora é proveniente da fixação da rota, tendo o Almirantado sugerido modificação, aguardando apenas resposta da Alemanha. Assim, o governo britânico, para não prejudicar a repatriação dos italianos, insiste na reposta sobre o consentimento do governo alemão sobre as facilidades de trânsito do governo português.

MONIZ DE ARAGÃO

\*

DESPACHO • 1 FEV 1941 • AHI 29/3/13<sup>v</sup>

Índice: Proposta do Conselho Internacional do Açúcar.

N. EC/13/ 665.81 (04)

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres

Em 1 de fevereiro de 1941

Senhor Embaixador,

Com referência ao telegrama dessa embaixada, n 14 de 8 de janeiro p.p., sobre a reunião do Conselho Internacional do Açúcar, na qual foi aprovado, para os quatro anos açucareiros, contingente igual ao do ano anterior, tenho a honra de levar ao conhecimento de V. E. que o Instituto do Açúcar e do Alcool, em resposta a consulta que lhe foi feita por este ministério, solicitou fossem transmitidas ao representante do Brasil junto aquele Conselho as indicações seguintes:

"Para o fim de possibilitar a manifestação do representante do Brasil junto ao Conselho, sobre o caso, manifestação esta que deverá ser favorável, para tornar efetiva a decisão relativa a fixação do novo contingente de exportação em volume idêntico ao do ano anterior, julga este Instituto que seria da máxima importância fixar, para o Brasil, um contingente equivalente a exportação realizada no período-quota de 1º de setembro de 1939 a 31 de agosto de 1940, que atingiu a cerca de 80.000 toneladas.

Não sendo, entretanto, possível obter a fixação daquele contingente, deverá ser defendida a quota integral de 60.000 toneladas, inicialmente instituída para o Brasil pelo Conselho.

Todos os esforços deverão ser envidados para que deixe de vigorar a redução de 10%, que tem sido imposta ao nosso contingente de exportação, desde o segundo período-quota, fixado pelo Conselho".

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(c) Maurício Nabuco.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

\*

**TELEGRAMA • 3 FEV 1941 • AHI 30/1/1**

Índice: Proteção de interesses italianos.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À Embaixada em Londres  
Em 3 de fevereiro de 1941.

Referência ao seu telegrama n. 25 - o governo italiano concordo com a sugestão de que as questões referentes aos prisioneiros de guerra italianos sejam tratadas por intermédio dessa embaixada, de que, reciprocamente, o governo britânico se ocupe dos prisioneiros ingleses através da embaixada dos Estados Unidos da América em Roma. O governo italiano pede informar esse governo de que os campos de concentração para prisioneiros de guerra ingleses estão situados um em Sulmana (Itália Central) e outro na Eritréa; deseja conhecer a localização, na Inglaterra, Império Britânico e Egito, dos campos para prisioneiros italianos. Mediante plena reciprocidade, o governo italiano desejaria receber listas nominativas dos prisioneiros italianos recolhidos a cada campo.

Exteriores

Nota rec 282

Extra

Expedido em 3 de 2 de 1941 via Western [assinatura]

\*

**TELEGRAMA • 3 FEV 1941 • AHI 30/1/1<sup>vi</sup>**

Índice: Proteção de interesses italianos.

Telegrama No. II  
45-21730

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres  
Em 3 fevereiro de 1941.

Consta ao governo italiano que esse governo estaria propenso a conceder tratamento diverso aos prisioneiros de guerra italianos, segundo pertençam ao exército ou a milícia fascista, concentrando os primeiros em campos separados dos últimos. Em caso de ser procedente a notícia, o governo italiano, que não reconhece para essa discriminação nenhum fundamento jurídico nem militar ameaça medidas de retorsão. Outrossim em face da declaração feita (nos comuns) a 28 de dezembro pelo ministro da guerra britânico de que esse governo estaria disposta a transportar para a Inglaterra parte dos prisioneiros de guerra, com o fim de suprir a falta de mão de obra, o governo italiano deixou constante que o transporte de prisioneiros para a Inglaterra em navios ingleses os exporia a riscos que contrariam a Convenção de Genebra sobre prisioneiros de guerra. Rogo a Vossa Excelência averiguar a procedência de ambas as notícias e responder-me com a possível urgência. EXTERIORES

\*

**OFÍCIO • 03 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] A campanha contra o comunismo.

N. 88

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 03 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Conforme informei pelo meu ofício n. 50, de 22 de janeiro ultimo, este governo prossegue com a máxima energia a sua campanha contra as atividades comunistas, visivelmente ajudadas pelos elementos simpáticos ao fascismo.

2. A supressão dos dois jornais *Daily Worker* e *Week* foi levada à Casa dos Comuns, onde se travou animado debate.

3. A ação do governo foi aprovada por uma grande maioria, isto é 223 contra 6 votos no caso do *Daily Worker* e de 297 contra 11 para o *Week*.

4. A decisão foi iniciada pelo senhor Aneurin Bevan, deputado socialista, o qual declarou que, embora contrário à propaganda dissolvente do *Daily Worker*, era de opinião que a suspensão de qualquer jornal sem lhe dar os meios de defesa poderia resultar na perda de confiança por parte da população do uso do direito da liberdade da imprensa.

[5]. Declarou ainda ter sido informado que, há alguns dias, o ministro do interior convocou a Associação dos proprietários de jornais para declarar ser sua intenção suprimir o *Daily Worker* e o *Week*, o que foi levado a efeito na tarde desse mesmo dia.

[6]. Ficou evidente pela leitura dos jornais que, com pouquíssimas exceções, todos tinham concordado com essa medida, o que, na opinião do orador, indicava um golpe nos ideais democráticos da Grã-Bretanha como um ato restritivo da liberdade da opinião. Temia que essa ação do governo viesse transformar esses jornais em publicações clandestinas e perigosas para a defesa nacional, com a possibilidade de ser instalada uma organização no gênero da “Gestapo”, para a espionagem industrial, em vez de ser permitida francamente uma propaganda mais facilmente fiscalizada pelo governo.

[7]. O senhor Lees-Smith, também socialista, propôs a rejeição da segunda parte da moção do sr. Bevan, reconhecendo que medidas especiais e eficazes deviam ser adotadas para impedir a divulgação da matéria considerada como prejudicial ao esforço bélico da nação, com evidente proveito para o inimigo.

[8]. O deputado comunista senhor Gallacher declarou que o próprio ministro Morrison já se tinha declarado como favorável à uma terminação da guerra tão rapidamente quanto possível. Interpelado pelos outros membros sobre o significado dessa declaração, foi obrigado a dizer que se referia a um discurso do senhor Morrison pronunciado em 1912. Prosseguindo, o sr. Gallacher afirmou que o *Daily Worker* jamais tinha querido enfraquecer ou quebrar o moral do povo britânico e, pelo contrário, tinha sempre procurado encorajar, entre outras coisas, as medidas visadas pelo governo para a proteção da população contra os ataques aéreos e jamais os comunistas teriam aprovado ou sugerido atos de sabotagem. Julgava poder afirmar que o *Daily Worker* estava pronto a se defender de qualquer acusação de ter violado leis afetando a defesa nacional e assim insistia na revogação das medidas que impediam a publicação do referido jornal comunista.

[9]. Finalmente o ministro do interior tomou a palavra no meio de grandes aplausos para rebater as opiniões expressas pelos membros socialistas e comunista, declarando não poder ser considerada a afirmação do *Daily Worker*, em um dos seus últimos números, de que a desgraça da atual guerra devia ser imputada ao “brutal governo capitalista, desejoso de se aproveitar da situação para auferir maiores lucros e benefícios para os seus objetivos imperialistas”. Afirmou ser essa declaração de um cinismo cruel e lhe parecia absurdo que os comunistas pudessem falar em direitos democráticos ou de apelarem para os tribunais, quando todos sabem o que se passa a tal respeito nos países totalitários, tais como a Rússia e a Alemanha. Explicou que, já em julho do ano passado, o governo tinha prevenido o *Daily Worker* de que a sua atitude estaria sendo considerada como prejudicial aos interesses da segurança do país e que, só agora tendo sido tomadas medidas radicais, isso demonstrava a longa clemência das autoridades britânicas. Não lhe parecia aconselhável permitir a publicação dos dois jornais comunistas para prevenir o perigo que já estavam causando e um processo perante as Cortes criminais seria facilitar a propaganda nociva desses órgãos por mais alguns meses. O senhor Morrison afirmou que muito lhe era desagradável impedir a publicação de qualquer jornal, mas, antes de tudo, tinha que zelar pela defesa nacional e tais órgãos de publicidade eram extremamente nocivos em tempo de guerra, mas assegurava à Câmara dos Comuns que ele pretendia usar os poderes que lhe tinham sido conferidos com a maior circunspeção, mas no momento atual tinha julgado faltar ao seu dever se não agisse energicamente e com toda presteza, julgando interpretar desse modo o sentimento da grande maioria da Câmara.

[10]. Esse discurso produziu grande impressão e foi muito aplaudido, tendo a imprensa em geral comentado muito favoravelmente.

[11]. Sei que outras medidas estão sendo previstas visando impedir a propaganda comunista que, como já disse, anteriormente, estaria sendo ajudada pelos elementos fascistas e nazistas, com o fim de causar dificuldades ao governo, na sua política de ativar a produção nas indústrias de guerra e melhor se defender na atual guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Índice:*] As atividades do cardeal Hinsley.

N. 89

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 03 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

O cardeal de Londres, desde algumas semanas, vem desenvolvendo uma grande atividade e isso parece indicar que se trata de uma nova orientação da Arquidiocese de Westminster, provavelmente inspirada pelo Vaticano.

2. A alocução que Sua Eminência irradiou no fim da semana passada teve uma grande repercussão e produziu uma profunda impressão. Esse efeito foi tanto maior por ter constituído uma severa crítica da nova ordem política planejada pelo Eixo para ser instaurada na Europa depois da atual guerra e ter exposto suas ideias sobre o que a Igreja católica considera mais prático, mais sadio e mais forte para assegurar o progresso e a liberdade do mundo. O cardeal procurou acentuar que não tinha o objetivo de tratar de política, mas simplesmente defender os valores espirituais e morais do catolicismo, acrescentando exprimir convicções pessoais como um cidadão livre de um país onde a liberdade individual é sem limites.

3. Disse ainda que, segundo as palavras do corajoso São Tomás, também queria declarar que, além de ser um leal servidor de sua pátria, era, antes de tudo, um servo de Deus e isso era o ponto capital que o induzia a falar no momento atual.

4. Considerava a nova ordem dos Nazis como fundada na vontade de um só homem, imposta a nações escravizadas enquanto que falava em um país onde existe a religião de Estado, a qual ele não pertence, mas onde a civilização cristã impera como base de sua organização.

5. A irradiação do cardeal Hinsley, tendo sido divulgada várias vezes e em várias línguas, é hoje bastante conhecida e assim apenas direi uma palavra sobre o sentido profundo desse discurso.

6. O orador procurou salientar que na luta que a Grã-Bretanha empreendeu, em companhia de seus aliados, dirige a guerra sob ideais e princípios cristãos, de fé, justiça, liberdade de consciência e de caridade contra forças do mal, pois, segundo ele, no mundo



inteiro está travada a batalha contra Deus e a Igreja, que concretiza o totalitarismo do século XX, sob a forma nazista.

7. Supõe que seria avançar demasiadamente, dizendo que a luta em que está empenhada o império britânico seja uma nova cruzada contra os infiéis, mas a ameaça espiritual que constitui o nazismo, se recordarmos a promessa divina, tão consoladora, e que constitui nossa esperança, as portas do inferno prevalecerão para os culpados.

8. Os jornais em geral comentam com muita simpatia as declarações do cardeal, considerando-o como uma das principais figuras do Sacro Colégio.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 04 FEV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Guerra na Europa. Forças militares dos países em guerra.

Da Embaixada em Londres  
Em 04 de fevereiro de 1941.

60 – TERÇA FEIRA – 12hs.30 - Os círculos políticos continuam preparados para a anunciada e próxima ofensiva alemã contra a Grã-Bretanha. Com a chamada da classe de 1919, haverá quatro milhões de homens em armas, exercitados e equipados, dispendo de armas automáticas, protegidos por elementos blindados e motorizados e tanques prontos para atuar na primeira linha de batalha. As forças aéreas contam atualmente com uma reserva de pilotos para mais do dobro dos aparelhos existentes, cujo número cresce num ritmo progressivo com o auxílio norte-americano, na razão de mais de mil por mês. A Guarda Nacional foi mobilizada, constando de um milhão e quatrocentos mil homens, e a defesa da costa, segundo a opinião dos técnicos, é constantemente reforçada e considerada de primeira ordem. O exército inglês que está operando na África é calculado em cerca de 400 mil homens. As informações corrente[s] indicam que a próxima intensificação de guerra aérea e submarina, visa paralisar a indústria de guerra e abater o

moral da população, por falta de víveres, com violentos ataques sobre as principais cidades e centros industriais britânicos, para desorganizar a vida do país e, principalmente, a tentativa de invasão. Nesse intervalo, a Itália, ajudada pela Alemanha, tentaria uma ofensiva sobre Salônica, através da Iugoslávia, e Hitler trataria de ocupar a Turquia e, possivelmente, invadir Portugal e Espanha para isolar completamente a Grã-Bretanha. Na previsão dos próximos acontecimentos, a população foi aconselhada a armazenar víveres para duas semanas. MONIZ DE ARAGÃO



**TELEGRAMA • 4 FEV 1941 • AHI 30/1/1**

Índice: Proposta do Conselho Internacional do Açúcar.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres

Em 4 de fevereiro de 1941.

<sup>vii</sup> Referência ao seu telegrama n 53. O Instituto do Açúcar e do Alcool julga que seria da máxima importância fixar para o Brasil um novo contingente de 80.000 toneladas, equivalente à exportação realizada pelo Brasil no período-quota de 1 de setembro de 1939 a 31 de agosto de 1940. Caso não seja possível obter a fixação desse contingente, deverá ser defendida a quota integral de 60.000 toneladas, inicialmente instituída. Todos os esforços deverão ser enviados [sic] também para que deixe de vigorar a redução de 10%, imposta ao nosso contingente de exportação, desde o segundo período-quota, fixado pelo Conselho Internacional do Açúcar.

Exteriores

Expedido em 4 de fev de 1941 via Western [*assinatura*]

[Índice:] Mês Político n. 2

N. 97

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 05 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n. 2, relativo ao mês de janeiro próximo passado.

[Anexo]

Mês político n. 2.

A ofensiva britânica na Líbia continuou durante o mês com não menos êxito que em dezembro do ano passado. As forças do império sob o comando do general Wavell, reunidas no Egito desde o começo da guerra, eram muito inferiores às de que dispunha a Itália naquela colônia. Na ofensiva, os ingleses lançaram 50 mil homens, contra os 250 mil do marechal Graziani. Depois da queda de Sidi-Barrani, Bardia e Tobruk 105 mil prisioneiros já foram feitos. Se juntarmos as perdas entre mortos e feridos, veremos que mais de metade das forças italianas foram eliminadas pela surpresa, rapidez e habilidade das operações executadas pelo comando britânico. Calcula-se aqui que estas estejam agora reduzidas a cem mil.

Os planos ingleses prevêm a ocupação das principais posições da costa africana sobre o Mediterrâneo. A invasão da Líbia continua ao longo da costa. Os italianos lograram retirar os efetivos concentrados em Derma e tudo indica que se estão preparando para uma maior resistência frente a Benghazi, aproveitando as condições mais favoráveis do terreno, bem diferentes das encontradas até então. Não se pode ainda prever como se desenvolverá a campanha da Tripolitania, uma vez terminada a da Cyrenaica. Mas já se percebe que os êxitos britânicos acentuam a resistência dos franceses no norte da África contra os design[i]os avassaladores da Alemanha. Ainda não foram executados os termos do armistício no que concerne as fronteiras ítalo-francesas naquela área e os alemães estão

exercendo pressão para obterem acesso às bases francesas de Trípoli. Tão pouco se mostra a Grã-Bretanha demasiado preocupada pelo fato da Alemanha ter despachado para a Sicília reforços aéreos, único auxílio que ela pôde prestar até agora à Itália, afim de tolher os movimentos das forças navais britânicas no Mediterrâneo. Ao que parece, a Royal Air Force está em condições de controlar essas operações sem afetar o seu potencial defensivo nas Ilhas Britânicas contra o esperado golpe que o inimigo há de desferir sobre elas cedo ou tarde. Também os suprimentos de toda espécie que estão vindo dos Estados Unidos, pela via marítima e aérea, tanto podem ser despachados para o norte da África como para o Reino Unido. Este é um fator que há de pesar nas decisões alemães, pois são de imediata repercussão na atitude das forças francesas sob o comando do general Weygand. Tão pouco há que desconhecer a presença na África Equatorial de importantes contingentes de franceses livres no Chad, nunca inferior a 40 mil homens. Estas poderão ser reforçadas pelas tropas sul africanas, uma vez expulsos os italianos da Eritrêa e da Abissínia, como parece ser o objetivo do Comando Britânico no “Middle East”. Também nessas frentes as ofensivas britânicas vão logrando apreciáveis resultados.

A conquista do triangulo fortificado de Kassala é importante, visto como o mesmo visava impedir a penetração britânica na Eritrêa pela estrada de ferro que se dirige ao porto de Massawa, o que cortaria a melhor base de suprimento das forças estacionadas na Abissínia. Reina aqui confiança em que antes de Junho, quando termina a estação própria para campanhas, se tenha verificado o colapso total do Império Italiano.

---

Antevê-se para a próxima primavera, e esse é o assunto forçado de todas as conversas, a tentativa de invasão da Grã-Bretanha.

Está tudo pronto para repelir esse ataque, qu[e] se supõe será simultâneo por mar e pelo ar. Essa invasão teria tido lugar o ano passado, depois do colapso da França, se não tivesse sido a superioridade local conquistada pela Royal Air Force em Dunkerque como sobre a Inglaterra, e o domínio dos mares pela frota britânica.

Depois de Dunkerque Hitler adiou a realização dos seus planos, na esperança de que os Quinta-Colunistas e os apaziguadores e derrotistas tivessem influído em favor de uma paz negociada. Ao mesmo tempo, ele tinha esperança de que os italianos obtivessem uma vitória decisiva no Mediterrâneo. Solapado o moral britânico e mortalmente ferido o império no Egito, não era preciso correr o risco de uma aventura no Canal da Mancha.

[O] ano de 1941 começa para Hitler em condições menos favoráveis. Fracassou a paz negociada, os armamentos britânicos aumentaram consideravelmente, Mussolini foi

derrotado na Grécia e na Líbia, e o presidente Roosevelt foi reeleito. Resta-lhe ainda uma alternativa – a campanha submarina.

No seu ultimo discurso, Hitler, repetindo o do almirante Reader, alude à poderosa ofensiva que os submarinos vão desenvolver contra a navegação no Atlântico. Mas se essa tentativa contra as Ilhas Britânicas falhar, ele terá que tentar a invasão direta. Essa invasão na primavera de 1941 será uma operação muito mais perigosa que no outono de 1940. As razões são tão óbvias que não é preciso enumerá-las. É possível que Hitler conte com alguma arma nova, ou uma combinação de armas e métodos novos.

O coronel Knox, ministro da marinha americana, admite mesmo que os alemães venham a empregar gases. Até agora eles se tinham absterido de fazê-lo, mas quiçá o tentem agora. O governo aqui está, em todo caso, aconselhando a população civil a tomar todas as precauções. Antes de tentar a inva[são], é mais que provável que a Alemanha incorpore a Bulgária no seu bloco continental. Ela tudo fará para que essa incorporação seja voluntária pela adesão à Tríplice Aliança. As notícias que chegam do Danúbio indicam que os preparativos de invasão prosseguem, pari-passu com a penetração de turistas e técnicos, segundo a tática empregada na Romênia. Resta a saber qual será a atitude da Turquia.

---

A casa dos comuns terá brevemente que se pronunciar sobre um novo pedido de crédito para financiar a guerra. Já em duas ocasiões anteriores ela aprovou crédito na importância de um bilhão de libras cada. Até a data, já foram votados créditos no total de £2.700.000.000.

Quando foi aprovado o último, em outubro, a média diária das despesas exclusivamente com a guerra atingiu a cifra de nove milhões de libras ou 64 milhões por semana. Esse crédito de um bilhão, segundo os cálculos do ministro da fazenda, deveria ter durado até 31 de março, fim do ano financeiro. Mas essa média foi excedida. Ela é agora avaliada em dez milhões por dia, pelo que tornou-se necessário pedir suplemento. Mesmo esta segunda cifra poderá ser excedida no correr do ano. Assim, será pedido um suplemento de £600,000.000 até o fim do ano financeiro ao mesmo tempo que um de £1.000.000.000 para o ano vindouro. Acrescentado esse suplemento aos créditos anteriores, mais à despesa ordinária de £667.000.000, o total orçamentário sob[e] a £3.967.000.000 para o ano que termina em 31 de março de 1941. Os impostos só

produziram £1.360.000.000 de modo que deixam um déficit de £2.607.000.000 a ser coberto por empréstimos.

---

Em resposta aos insistentes apelos feitos no Parlamento e pela imprensa para que sejam totalmente mobilizados os recursos industriais da nação, o governo acaba de submeter novos planos aos representantes dos industriais e dos operários. O ministro de trabalho, senhor Bevin, depois de apresentá-los à Câmara, discutiu-os com a Confederação dos Empregadores e com o Conselho Geral das Trade Unions, que os aprovaram. Os detalhes serão agora estudados em conjunto pelos comitês dos empregadores e dos empregados. A novidade consiste no trabalho obrigatório para as mulheres, que serão convocadas por classes anuais. O objetivo é substituir os homens obrigados ao serviço militar.

Quando subiu ao poder o senhor Winston Churchill, o Parlamento armou o governo de poderes discricionários, que permitem a mobilização de todos os súditos britânicos ao serviço do Estado. Até agora o recrutamento voluntário, à parte o serviço militar obrigatório, para todos os ramos da defesa civil, como para alguns das forças armadas, tais como a aviação (Royal Air Force) e a guarda nacional (Home Guard) foi mais que suficiente. O recente *raid incendiario* sobre Londres revelou, entretanto, um ponto fraco na defesa do país e que exigia a aplicação urgente desses poderes extraordinários. O ministro do interior introduziu a 19 de janeiro novas medidas que tornam obrigatório dos 16 aos 60 anos, 48 horas por mês, os serviços de homens e mulheres na extinção de incêndios, posto que, por enquanto somente os homens serão chamados.

Nas três semanas que se seguiram ao incêndio do Guildhall, houve um extraordinário afluxo de voluntários para o A.R.P. (Air Raid Precautions) para estabelecer a vigilância obrigatória contra bombas incendiárias em todos os prédios de certa importância (residências, escritórios e fábricas), o senhor Morrison declarou que continuará a utilizar os grupos de voluntários como núcleos da vasta organização, só recorrendo à compulsória caso esses não sejam em número suficiente. Até agora, a resposta ao apelo governamental[1]; tem sido tão entusiástica nas fábricas como nas casas de comércio.

---

No dia 22, o primeiro ministro re[s]pondeu nos Comuns às críticas que aí vinham sendo feitas ao governo pela falta de energia e coordenação com que conduz a guerra. O senhor Churchill falou com a sua franqueza habitual e com a coragem que sempre enfrenta as adversidades. Confessou que tem havido atraso no rearmamento do país e, aceitando as justas críticas que se lhe faziam, examinou as sugestões oferecidas para corrigir as falhas existentes e explicou porque não podia adotá-las. Não há divergências entre o governo e os críticos quanto ao objetivo em vista – a mobilização de todos os recursos do país – senão quanto aos métodos empregados. A oposição queria que fo[s]se criado um ministério para a cooperação da defesa econômica, a igual do que existe para a coordenação das pastas militares, com autoridade sob todos os departamentos competentes e somente subordinado ao 1º ministro. O gabinete, porém, rejeitou o projeto, propondo em substituição a criação de dois comitês, um para a produção o outro para a importação, que cooperarão com os já anteriormente estabelecidos (Defesa Civil, Política Interna e Alimentação), graças a um outro Comitê que consistirá dos presidentes de todos eles mais o *chancellor of the exchequer* (ministro da fazenda), o *lord* do selo privado, sob a Presidência do *lord* presidente do Conselho, *sir* John Anderson. Além de ser o órgão de contato com o gabinete de guerra para o trabalho dos respe[c]tivos comitês, tem a função de estudar as questões econômicas.

É um mecanismo complicado, que só a experiência revelará o merecimento. Os comitês executivos da produção e da importação têm o objetivo de zelar pela justa distribuição entre os diversos ministérios das necessidades de cada um, evitando a competição existente no suprimento das matérias primas[.]

---

O mês de janeiro foi crismado em Londres de “American Month”. Primeiramente esteve aqui o coronel Donovan, porta-voz do presidente americano, em peregrinação agora pelos Bálcãs. Depois veio o senhor Harry Hopkins, em missão pessoal do senhor Roosevelt e finalmente o senhor Wendell Willkie, o candidato republicano à recente eleição. Os dois últimos tiveram as honras dos cabeçalhos dos jornais, inspecionaram ruínas, misturaram-se com todas as classes da população e tomaram parte em uma série de funções públicas e particulares. A capital recebeu-os com grande satisfação e a popularidade que conquistaram ofuscou a das estrelas do cinema.

Dois tipos inteiramente opostos, física e mentalmente. Fino e lacônico um, expansivo e bonachão o outro, não são menos característicos da raça norte americano. *Lord* Beaverbrook, no jantar que ofereceu a Hopkins, apresentou-o a seus convidados

dizendo: “estou certo de que jantei esta semana com o futuro presidente dos Estados Unidos”. Depois de uma pausa acrescentou: “devo, porém, informar que ontem também jantou comigo o senhor Willkie”. Assim caracterizou o ministro da produção aérea a importância das duas visitas, que tanto contribuirão para informar o governo americano sobre a verdadeira situação neste país, e não menos para ajudar a passagem no Congresso das medidas propostas pelo Poder Executivo.

O senhor Willkie apressou o seu regresso para ser ouvido pela Comissão de Diplomacia do Senado. No parlamento assi[s]tiu ao debate sobre a supressão do jornal comunista *Daily Worker*, que ele definiu como característico dos processos democráticos. Um jornal extremista que pregava, num momento como o atual, a desunião da classe operária da causa nacional, merecia as honras de uma investigação pelos representantes da soberania popular. Essa mesma sessão ofereceu-lhe ainda outro espetáculo: os debates sobre a conduta do senhor Robert Boothby. Este membro do Parlamento e do governo reconheceu o erro cometido numa questão de créditos tchecos congelados em Londres, embora sem intenções desonestas, e demitiu-se ante a condenação dos seus pares.

Não é, pois, de admirar que o senhor Willkie ouvisse com interesse e respeito tão edificantes exemplos dos processos parlamentares.

Redação do Conselheiro

Joaquim de Sousa-Leão

\*

**OFÍCIO • 05 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Missão comercial britânica ao Brasil.

N. 99

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 06 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Muito agradeceria a Vossa Excelência se julgasse oportuno enviar informações tão completas quanto possíveis sobre as conversações aí realizadas entre esse Ministério e os outros departamentos interessados e a missão Willingdon, principalmente se das mesmas resultou algum entendimento.



2. Julgo que seria do maior interesse que os serviços comerciais desta embaixada fossem informados das medias aí eventualmente tomadas e do exato pensamento do governo brasileiro, para boa orientação dos trabalhos desta missão e melhor coordenar seus esforços na defesa dos nossos interesses econômicos e comerciais no momento atual e preparar a nossa ação no que se refere aos problemas que surgirão depois da presente guerra, para auferir os mais proveitosos resultados.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

OFÍCIO • 06 FEV 1941 • AHI 28-2-1

[Índice:] *Ship Warrant Scheme*

N. 100

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 06 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

A pedido do Ministério da Marinha Mercante, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, em anexo, copia da carta de 31 de janeiro último, acompanhada de uma tradução e de três anexos, em que o Ministério elucida as disposições do *Ship Warrant Scheme*, com relação à navegação neutra.

2. Como diz o referido documento, aquele Ministério espera que o governo brasileiro possa demonstrar às companhias de navegação brasileiras a vantagem em fazerem uso desses *Ship Warrants*, pois de outro modo seus navios podem ficar sujeitos a que lhes sejam negadas facilidades para navegação nos portos controlados pelo governo britânico.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

TELEGRAMA • 06 FEV 1941 • AHI 29/5/4

Da Embaixada em Londres

66 – QUINTA FEIRA – Em 06 de fevereiro de 1941 – 12hs.15 - Referência ao telegrama de Vossa Excelência nº45. Nenhuma discriminação sendo feita entre prisioneiros pertencentes ao exército ou à milícia fascista, todos são estritamente tratados, segundo a Convenção de Genebra. Ainda nada foi definitivamente assentado, quanto ao transporte para a Inglaterra. Fizemos representação às autoridades competentes, no sentido indicado pelo telegrama de Vossa Excelência. O problema da distribuição dos prisioneiros está sendo estudado, de modo a achar-se ocupação remunerada, evitando a inatividade nociva.

Moniz de Aragão

Nota: Exp. pag. 505.

\*

**TELEGRAMA • 06 FEV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Proteção interesses italianos. Evacuação de civis italianos na Abissínia.

NP

Da Embaixada em Londres  
Em 06 de fevereiro de 1941.

67 – QUINTA FEIRA – 12hs.30 - O governo britânico está seriamente preocupado com a situação dos civis italianos residentes na Abissínia, principalmente

mulheres e crianças, ameaçados pela revolução ajudada pelas tropas britânicas. O ódio ali reinante contra os italianos será dificilmente contido, por isso o Primeiro Ministro declarou que a Grã-Bretanha não pode propor a evacuação dos civis italianos, mas poderá facilitar, se for solicitada, conquanto já tenha sido perdido muito tempo útil. O "*Daily Telegraph*" informa que o conde Volpi teria sido incumbido de negociar com as autoridades britânicas o assunto acima referido, o que ainda não está confirmado. Agradeceria qualquer informação a respeito.

Moniz de Aragão

\*

**TELEGRAMA • 06 FEV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Proteção dos interesses italianos.

NP

Da Embaixada em Londres  
Em 06 de fevereiro de 1941.

69 – QUINTA FEIRA – 17hs.30 - Aditamento ao meu telegrama nº67. O Ministro dos Negócios Estrangeiros, com quem almocei hoje, disse-me estar surpreendido com a notícia divulgada pela imprensa, sobre o desejo do governo italiano, de evacuar civis, mulheres e crianças, da Abissínia, pois, até agora, não foi abordado sobre o assunto. Confirmou a declaração do Primeiro Ministro e teme que, se for extao ser esse o desejo do governo italiano, mais tarde não seja possível, devido ao desenvolvimento da guerra naquela região.

Moniz de Aragão

Nota: Rec. pag. 653.

\*

[Índice:] A mobilização geral da nação.

N. 106

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 07 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

De acordo com o plano geral da mobilização das forças produtivas da nação britânica tudo indica que o governo vai obrigar todos os estrangeiros civis residentes neste país a trabalharem ou a se alistarem nas forças armadas aliadas.

2. Isso é até um certo ponto uma completa modificação da política adotada anteriormente pela qual os emigrados não podiam exercer atividades ou mesmo se dedicarem a quaisquer trabalhos para salvaguardar integralmente os direitos dos trabalhadores ingleses.

3. Naquela ocasião os estrangeiros podiam apenas ingressar nos corpos de pioneiros presentemente ocupados em desobstruir os quarteirões bombardeados e remover os entulhos das casas destruídas.

4. A intensificação do esforço industrial nos últimos seis meses permitiu absorver a maior parte da mão de obra britânica ainda desocupada e o apelo aos trabalhadores estrangeiros virá preencher a falta existente em certas especialidades de trabalho.

5. Os círculos mais autorizados indicam existirem atualmente na Grã-Bretanha cerca de 250 mil estrangeiros civis de diversas nacionalidades, 15 mil poloneses, 14 mil belgas e 12 mil franceses. Existem alguns milhares de alemães e austríacos que se acham internados.

6. Entre esses 250 mil civis uma grande parte já trabalhava aqui antes da guerra e não serão visados pelo próximo decreto mas os outros deverão se dirigir às bolsas de trabalho para obterem empregos conforme suas habilitações.

7. Nessa forma será constituída uma espécie de legião estrangeira do trabalho.

8. Segundo o *Daily Worker*, os estrangeiros mobilizados, tanto homens como mulheres, usarão uma insígnia representando um ferreiro forjando uma pá com a inscrição "Força International do Trabalho".

9. Esses trabalhadores receberão os mesmo salários atribuídos aos súditos britânicos e trabalharão em idênticas condições e serão colocados tanto quanto possível em grupos

de suas próprias nacionalidades. Os franceses, belgas, tchecos e poloneses serão, como já está sendo feito, dirigidos para as indústrias mecânicas, usina aeronáuticas e fábricas de tecido; os holandeses para as indústrias de diamante e de pesca; os noruegueses serão ocupados nos trabalhos florestais e as demais nacionalidades participarão dos trabalhos agrícolas onde a mão de obra está sendo exigida com grande urgência.

10. As bolsas de trabalho e certos sindicatos serão abertos para cada país, existindo já para os franceses e belgas. O centro sindical francês, já muito ativo, publicava até pouco tempo um boletim mensal agrupando os trabalhadores de todas as classes e tinha por fim fazer trabalhar os operários e trabalhadores técnicos de preferência nas suas profissões ou provisoriamente em qualquer outra ocupação. Essa organização dispõe de caixas de seguros contra o desemprego e a contribuição de cada membro é de apenas um *shilling* e seis dinheiros por semanas.

11. O plano é fazer esses centros cooperarem intimamente com os “Trade Unions”.

12. O projeto está sendo acolhido com grande simpatia e os trabalhadores britânicos já se manifestaram em franca simpatia em relação à colaboração da mão de obra estrangeira no esforço comum de ajudar a Grã-Bretanha a vencer a guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 07 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] As derrotas italianas na África.

N. 107

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 07 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

A tomada de Agordat e de Barentu, na Eritrêa, fornece a ocasião de precisar com mais clareza os êxitos obtidos nas últimas semanas pelas tropas britânicas no território africano.

2. O exército do general Wavell está presentemente combatendo em cinco frentes e sua zona de operações abrange uma região quase tão extensa quanto o continente europeu.

3. As táticas empregadas são as mais diversas pois enquanto, na Líbia, as tropas suportam um frio intenso, ventos glaciais que projetam ondas de areia nas máquinas dos *tanks* e nos veículos motorizados, a ponto de perturbar a marcha, os soldados que avançam na Somália e na Abissínia sofrem as torturas de um calor extremamente forte.

4. Na frente da Eritrêa os êxitos de Agordat devem ser salientados pois todos se recordam que em 19 de janeiro último duas divisões italianas tinham sido expulsas de Kassala, no Sudão e se tinham refugiado em Agordat e em Barentu.

5. Os ingleses seguiram em sua perseguição e na sexta-feira passada tinham conseguido romper a linha de defesa italiana e a isolar uma divisão em Agordat e a outra em Barentu.

6. Na primeira dessas cidades as tropas britânicas e hindús infligiram ao inimigo severas perdas e capturaram um importante material bélico e não cessaram de perseguir o exército fascista que se retira apressadamente para Keren na direção d[o] [l]este. [?]

7. Quanto à divisão que se encontrava em Barentu muito ao sul de Agordat e próximo a fronteira norte da Abissínia também foi rechaçada com grande baixas.

8. Do lado etiópico foram constituídas duas frentes, uma a oeste e outra ao sul.

9. O general Wavell acaba de obter uma de suas grandes vitórias na frente oeste e suas tropas que tinham partido do Sudão Oriental e tinham tomado Metemma há alguns dias avançam agora sobre Gondar.

10. Na frente do sul as tropas que procedem de Quênia já estão combatendo além de Moyale na direção de Negeli e também foi de Quênia que vieram as unidades que estão operando na Somália italiana e que tendo penetrado profundamente na parte [l]este acabam de obter grande êxitos.

11. Assim devemos distinguir quatro frentes na África Oriental. A quinta frente e, sem dúvida, a mais importante é a da Líbia.

12. Como Vossa Excelência sabe, no dia 12 de dezembro foi tomado Sidi-Barrani e no dia 16 os britânicos entraram em Sollum. No dia 4 de janeiro ocuparam Bardia, a 22 do mesmo mês Tobruk e a 30, depois da rendição de Derna, continuaram avançando sobre Benghazi pela via interna na zona de Gebel-Akhar e pela rodovia costeira.

13. Nessas regiões montanhosas o inimigo pode opor maiores dificuldades ao avanço dos ingleses mas o abastecimento é agora mais fácil, pois as tropas britânicas dispõem de água, legumes e frutas depois da ocupação de Derna.

14. De qualquer maneira o avanço sobre Benghazi está se operando em forma prudente e metódica e apesar de terem os alemães enviado, segundo propalam, cerca de 1.500 aviões para auxiliar os italianos tudo permite crer que muito breve a mais importante base de Cirenaica terá a mesma sorte de Tobruk.

15. Pelo que precede pode ser verificado que o avanço britânico prossegue em todo o território africano e que os italianos estão sendo derrotados em todos os encontros.

16. O duce não tem nem mesmo o consolo de lograr a mínima vantagem na Albânia onde a sua ultima contra-ofensiva acaba de fracassar de modo impressionante apesar de todos os esforços empregados para levantar o moral do povo italiano.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 07 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Manobras do Exército britânico.

N. 108

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 07 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

As recentes manobras do Exército britânico realizadas principalmente nas regiões costeiras foram operadas com grande proveito e entusiasmo em condições extremamente severas devido aos rigores do inverno e constituem um desmentido às alegações da propaganda alemã a qual pretende que o moral e a eficiência das tropas britânicas metropolitanas estava prejudicado pela inação.

2. Os soldados ingleses que, na opinião dos próprios franceses imparciais, se bateram magnificamente nas Flandres e na Somme, reunidos a várias centenas de mil outros que

desde então não cessaram de aperfeiçoar o seu preparo técnico e cujos efetivos estão sendo incessantemente aumentados, sabem bem que a hora de mostrar o seu valor voltará e que como em outras guerras serão eles que deverão dar o golpe decisivo.

3. A trágica experiência da França e a falta de resultado definitivo das operações navais e aéreas bastaria para fazer compreender, se já não estivessem convencidos, que nem o bombardeio nem o bloqueio bastarão para esmagar o adversário.

4. Os selvagens ataques alemães sobre Londres, sem preocupação de objetivos militares e em outras partes das Ilhas britânicas não fizeram senão reforçar a decisão dos soldados ingleses de destruir a máquina de guerra alemã.

5. Qualquer elemento do Exército britânico seja qual for a unidade a que pertença, responderá sempre com entusiasmo a qualquer pergunta sobre o seu propósito de não retardar um encontro com os alemães e afirmará sempre a sua decisão de levar a luta até o fim com perfeito conhecimento dos motivos porque se está batendo e que não poderá ter seguranças na sua pátria enquanto o perigo alemão pairar sobre o mundo.

6. Assim não é possível supor que o moral do Exército britânico esteja deprimido e todos os que aqui estão são testemunhas do entusiasmo com que os novos recrutas se incorporam às suas unidades.

7. No que diz respeito à eficiência das forças terrestres britânicas não é possível fornecer precisões de ordem técnica mas é possível dar alguns detalhes sobre as recentes manobras das quais participaram cerca de cem mil homens e que foram principalmente destinados a evidenciar a resistência física e moral da tropa e o seu preparo para repelir a possível tentativa de invasão.

8. A maioria dos soldados ficaram sem dormir durante 48 horas, sem repouso, fazendo longas e contínuas marchas através [de] campos, pântanos e escalando montes de pedra e areia. Durante a noite atacaram posições defendidas por um suposto inimigo protegidas por cortinas de fumo as quais foram batidas pela artilharia de campanha.

9. Durante esses penosos exercícios os soldados apenas tiveram duas refeições diárias, isto é, café antes do amanhecer e jantar no anoitecer.

10. As operações foram feitas utilizando veículos motorizados, *tanks* e de diversas outras espécies, para proteger a marcha dos soldados, atuando todos em terrenos extremamente ingratos e durante a noite sem emprego de qualquer luz. As defesas anti-aéreas tiveram um papel preponderante em todas as ações.



11. Sei que os relatórios dos árbitros são extremamente favoráveis e registram um grande valor físico da tropa não tendo sido verificado nenhum sinal de desfalecimento entre os soldados conduzidos valentemente pelos seus oficiais.

12. Esses exercícios continuam a ser feitos seguidamente em diversos pontos do país para que a defesa seja homogênea no que diz respeito ao valor técnico e militar de todos os oficiais e soldados.

13. Junto remeto um exemplar da página do *Illustrated London News* contendo interessantes fotografias relativas ao assunto em questão.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 07 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] A situação militar da Grã-Bretanha.

N. 109

Reservado

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 07 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

De acordo com as instruções contidas no telegrama de Vossa Excelência n. 40, de 31 de janeiro ultimo, procurarei satisfazer Vossa Excelência, fornecendo as informações que me foi dado obter, apesar das dificuldades do momento e da falta que faz no serviço desta embaixada a colaboração de técnicos militares o que, aliás, já foi notado por este governo, uma vez que existem em outras missões brasileiras e na nossa embaixada em Berlim trabalha atualmente um adido militar e de aeronáutica.

2. Desde o inicio das hostilidades o Exército inglês teve que ser completamente organizado pois praticamente era inexistente e foi com um grande esforço que nos primeiros meses da guerra pôde ser enviado para a França um corpo expedicionário de cerca de quatrocentos mil homens e posteriormente um outro de 30 mil para a Noruega.

3. Depois do colapso da França a defesa deste país tornou-se o objetivo principal das cogitações governamentais e consistiu em promover ativamente a defesa das Ilhas Britânicas contra uma possível tentativa de invasão pelos alemães. Desde logo foi intensificado o serviço militar obrigatório e o adestramento de uma Guarda Nacional para defender o país contra os ataques de pára-quedistas e assim esse corpo conta hoje com 1.700.000 homens, perfeitamente equipados com um material ultra-moderno, dispondo notadamente de fuzis de um longo alcance, e de grande poder destrutivo e metralhadoras. Esse corpo está composto em grande parte de veteranos da última guerra.

4. A defesa da costa foi dividida em várias zonas e importantes obras de cimento armado, constituindo verdadeiras fortalezas, protegem o país contra um eventual desembarque de tropas com elementos motorizados e tanques. Além disso foi instalado em todo litoral um importante sistema de defesa constituído por possante artilharia, sendo que os canhões de longo alcance, fronteiros à costa francesa, são ultra-potentes e conseguem bombardear os pontos fortificados de Calais, Boulogne e Cap Gris Nez. Essa artilharia está disposta de forma diversa segundo o terreno e a sua importância estratégica e se compõe de peças de dez e 12 polegadas.

5. As forças terrestres que atualmente alcançam cerca de três milhões homens e que, depois da recente chamada da classe de 1919, ainda aumentarão, estão submetidas a um preparo intenso e contínuo. Dispõe de uma ótima proteção, constituída por carros blindados extremamente rápidos e de tanques ligeiros e médios. Além disso a proteção anti-aérea tem sido muito estudada e os canhões de três e quatro polegadas têm dado extraordinário resultado, demonstrando uma grande eficácia contra os aviões inimigos.

6. Os rapazes de 19 anos de idade que se apresentarão, no dia 22 do corrente, aos registros de recrutamento por ordem do serviço nacional das forças armadas, representam a vanguarda de uma vasta reserva de soldados de que dispõe a nação. A proclamação real que acaba de ser publicada, abra[n]geu mais seis classes, sendo que os membros de quatro serão elegíveis para servir na polícia, no corpo de bombeiros e nos serviços da defesa nacional como também nas forças do Exército da Coroa. As datas de inscrição para os homens entre 37 e 40 anos inclusive não foram ainda definitivamente fixadas, o que corresponde às classes de 1903, 1902, 1901 e 1900. Os rapazes de 18 anos não serão chamados senão em caso de grande necessidade.

7. O quadro abaixo indica o número de inscritos até a presente data de conformidade como recente decreto. Não existem cifras separadas para a classe de 1920, pelo fato de

não lhe ter sido fixada um dial especial para sua inscrição e assim os homens ao atingirem a idade de 20 anos foram registrados conjuntamente com os recrutas de outras categorias.

Classes	Registrados
1919	219.964
1918	215.231
1917	238.585
1916	257.802
1915	323.572
1914	314.430
1913	312.912
1912	326.259
1911	292.025
1910	332.995
1909	310.688
1908	322.597
1907	312.641
1906	340.840
1905	381.643
1904	350.340

Total de registrados: 4.852.494

8. O homens de idade superior a 41 anos ainda não foram chamados pois foi pó enquanto considerado suficiente o número de recrutas obtidos mormente por estarem sendo severament[e] aplicadas as regras que admitem raríssimas exceções para o serviço ativo do Exército e assim, por exemplo, não me foi possível isentar o meu *chauffeur* de 235 anos de idade e dois empregados de chancelaria.

9. Existe ainda a proteção da artilharia defensiva do Exército, principalmente contra carros blindados e tanques, auxiliada por peças semelhantes à do tipo “75”, usadas pelos Exército francês e cuja eficácia foi demonstrada recentemente nas batalhas da França.

10. As estradas principais estão preparadas para impedir ou retardar a marcha de elementos motorizados se eventualmente pudessem desembarcar. Essa defesa é constituída por blocos de cimento armado e fortalezas dissimuladas ao longo das rodovias

onde também estão dispostos outros obstáculos. As pontes já foram minadas e todas as instruções foram dadas à população para ficar imobilizada em caso de invasão e assim não congestionarem as estradas como sucedeu na Polônia, França e Bélgica.

11. A massa mobilizável pode atingir a cinco e meio milhões de homens e as fábricas de armamento e munições já estão se preparando para tal eventualidade.

12. O Exército hoje é comandado diretamente pelo primeiro ministro, como chefe do gabinete de guerra, o qual se entende com o ministro de guerra que por sua vez mantém ligação permanente como o estado maior.

13. As operações na África estão sendo atendidas por um corpo expedicionário constituído de um pequeno número de tropas metropolitanas, tiradas dos elementos que se retiraram do continente via Dunkerque e de australianos, sul africanos, hindus e franceses da legião do general de Gaulle, formando um conjunto de cerca de quatrocentos mil homens. O armamento foi na maior parte enviado da Grã-Bretanha e consiste em excelentes armas automáticas, veículos velozes motorizados e tanques pesados com um grande poder ofensivo e preparados para resistir ao clima tropical e às tempestades de areia do deserto.

14. Os técnicos militares têm estudado detidamente os problemas táticos decorrentes das últimas campanhas na França e vão tratando de aproveitar esses ensinamentos.

15. Os meus ofícios sobre a tomada de Tobruk e outros já tem dado uma ideia como foram proveitosos para o Exército inglês aquelas operações. Estou tratando de obter dados oficiais e mais detalhados sobre a organização atual do Exército britânico e logo que obtenha, os transmitirei sem demora.

16. Há dias, em conversa com um almirante americano e um adido naval argentino, estes se manifestaram surpresos e entusiasmados pelas qualidades militares reveladas pelos soldados britânicos e pelas tropas canadenses e australianas. Não regatearam elogios ao material de que dispõe atualmente o Exército britânico e, como disse o senhor Wendell Willkie, assistiremos a uma verdadeira carnificina se os alemães tentarem a invasão.

17. Um ofício anterior informou a Vossa Excelência sobre as manobras experimentais a que está sendo submetida a tropa metropolitana para verificar a sua resistência e preparo. Como disse então, os resultados excederam à qualquer expectativa.

18. Os círculos autorizados acreditam que, se for tentada a invasão, será repelida, como aliás já se verificou nos pequenos ensaios de setembro e outubro e, além disso, os

métodos agora adotados pela defesa aérea muito contribuirão para impedir que as tropas alemãs sejam vitoriosas nos seus eventuais ataques contra a Grã-Bretanha.

19. Todos concordam que, se a invasão tivesse sido levada a efeito em grande escala em junho, logo depois do colapso francês, a situação teria sido deveras crítica para a Grã-Bretanha pois então a sua defesa era extremamente precária.

20. Continuarei a informação sobre o que me for dado saber sobre este assunto.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 07 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] A situação política e a Bulgária.

N. 113.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 07 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Todas as atenções estão voltadas para a sorte que está reservada à Bulgária e, se ali veremos uma repetição de tudo o que sucedeu na Romênia.

2. Por muitos indícios aqui geralmente acreditam que a situação nos Bálcãs cada vez mais se torna crítica e que se está aproximando o momento de grandes acontecimentos.

3. Não resta dúvida que existe entre a Bulgária e a Romênia uma grande diferença, pois enquanto o primeiro desses países é eslavo, o segundo conta com mais resistência interna, pois, embora alguns políticos não escondem as suas simpatias pela Alemanha, os camponeses e uma grande maioria da população das cidades é pró-russa e em muito casos francamente comunista. No Parlamento búlgaro existe uma forte oposição a qualquer tentativa de diminuir a soberania da nação búlgara.

4. As derrotas italianas na África e na Grécia, o caos e as ameaças de escravização da nova ordem política alemã, conforme sucedeu na Romênia, repercutiram profundamente em Sofia e em Belgrado. Assim foi que a Iugoslávia e a Bulgária

renovaram em 24 de janeiro ultimo o velho pacto de amizade insistindo sobre a decisão de manterem integralmente a independência e a neutralidade dos dois países signatários.

5. A visita do enviado especial do presidente Roosevelt, o coronel Donovan, as indicações que ele forneceu sobre as intenções americanas de ajudar a Grã-Bretanha, por todos os meios assim como a Grécia, a China e todos os países que futuramente foram vítimas de agressão, reanimaram a coragem dos hesitantes.

6. O comunicado de 12 de janeiro pelo qual o governo russo desmentiu oficialmente ter apoiado, ou mesmo ter tido conhecimento da intenção de Berlim de fazer ocupar a Bulgária por suas tropas, provocou uma iniciativa de 15 deputados da oposição que perguntaram ao governo explicações sobre a situação e pediram esclarecimentos precisos sobre sua atitude, principalmente no que esclarecimentos precisos sobre sua atitude, principalmente no que diz respeito a uma proposta russa feita ao governo búlgaro em dezembro ultimo. Essa proposta visava a conclusão de um tratado de assistência militar mutua. Alguns dias antes, o Parlamento tinha ousado votar contra um projeto de lei que transformaria a Bulgária em um distrito econômico do *reich* alemão.

7. A decisão recente do senhor Bagrianov é sinal de resistência por parte do primeiro ministro e do rei, de quem ele parecia ter toda confiança, assim como de Hitler que via no senhor Bagrianov uma espécie de Quisling búlgaro.

8. Esses são os índices tranquilizadores, mas os sintomas inquietantes não faltam. Os agrupamentos de tropas alemãs ao longo da fronteira romena-búlgara com todo o material necessário para uma invasão, a chegada contínua de “turistas” e de “técnicos” alemães, a pressão crescente da diplomacia da Wilhemstrasse para obrigar a Bulgária a subscrever o Pacto Tríplice para legalizar a passagem das tropas alemãs pelo território búlgaro, são fatos que muito preocupam a atenção dos políticos britânicos e dos demais países interessados.

9. Em Ankara, segundo estou informado, onde, durante muito tempo, acreditavam que o *fuehrer* não tivesse nos Bálcãs senão intenções defensivas, já existe um acentuado temor que o estado maior alemão esteja preparando uma ofensiva fulminante para se apoderar de Salonica, cuja tomada poderia intimidar os gregos e os turcos e constituiria uma base de operações contra os ingleses no Mediterrâneo oriental. Tudo parecer indicar que, neste caso a Turquia julgaria que seus interesses vitais e sua integridade territorial estaria seriamente ameaçada.

10. O governo búlgaro, colocado entre uma Alemanha poderosa e uma Rússia reservada, entre uma corrente pró-nazista e uma tendência pró-russa, privado de qualquer

auxílio externo que lhe poderia em outras ocasiões ser logo prestado pela antiga entente balcânica, ou mesmo por um acordo com a Turquia, trata de manobrar e busca ganhar tempo, mas está impossibilitado de tomar qualquer decisão definitiva.

11. Não resta dúvida que cada vez mais nos aproximamos do momento em que *reich* alemão terá que tomar qualquer iniciativa, pois o tempo está favorecendo a Grã-Bretanha, que cada dia mais se fortifica nas suas ilhas e ganha prestígio com as suas espetaculares vitórias na África, onde o exército italiano, completamente batido, se retira por toda a parte atropelado pelo seu inimigo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 10 JAN 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Guerra na Europa. Bases alemãs na Irlanda.

Da Embaixada em Londres

17 – QUINTA FEIRA – 10 de janeiro de 1941–18hs.30 - O problema irlandês parece-me entrar em sua fase decisiva, preocupando seriamente o Governo Britânico, que julga que o plano de invasão alemão cogite da ocupação preventiva dos portos irlandeses conforme expus em meu ofício nº 520 de 11 de novembro de 1940. A imprensa trata longamente do assunto, salientando a importância política e estratégica das bases irlandesas que, no momento atual, são essenciais à defesa britânica, reclamando uma ação defensiva imediata do Governo britânico. As vitórias britânicas n Líbia causaram grande entusiasmo, aumentando consideravelmente a confiança acrescida pelas reiteradas declarações do presidente Roosevelt de apelo material sem limites a este país. A declaração do presidente de Portugal reafirmando a amizade e a aliança luso-britânica feita na ocasião da entrega de credenciais do novo embaixador inglês foi objeto de especiais comentários dos jornais. Novas e severas medidas de restrição da alimentação à estão sendo aplicadas na previsão de intensificação da campanha submarina inimiga.

Moniz de Aragão

\*

**OFÍCIO • 10 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] A força aérea alemã.

N. 117.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 10 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Junto tenho a honra de remeter a Vossa Excelência recorte do *Observer* do dia 9 do corrente, contendo um interessante estudo do major Oliver Stewart, uma das autoridades mais competentes em assuntos de aviação e relativa à atual força aérea alemã.

2. Nesse trabalho está claramente exposta a presente situação da Royal Air Force em face da aviação inimiga e estou certo de que o assunto interessará ao nosso estado maior do Exército.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 10 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] A vitória de Benghazi e a situação dos italianos na África.

N. 118.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 10 de fevereiro de 1941



Senhor Ministro,

A notícia surpreendente da tomada de Benghazi foi aqui recebida com a mais viva alegria, pois essa cidade é considerada como a mais importante base naval que os italianos possuíam na Líbia. A tomada de Benghazi significa que toda a Cirenaica está atualmente em poder dos ingleses.

2. Foi graças a uma manobra estratégica extremamente ousada que unidades blindadas dos britânicos se apoderaram desse posto surpreendendo os italianos e o avanço de exército do Nilo, que no dia 30 de janeiro entrou em Derna foi, por assim dizer, fulminante.

3. Foi assim uma extraordinária vitória que acaba de lograr o exército do general Wavell.

4. Benghazi, a antiga Berenice dos Ptolomeus, depois de Tripoli, é o porto mais famoso da costa africana e uma vez tomada significa que os exércitos fascistas da Cirenaica estão cortados de qualquer comunicação com o mar e que a Grã-bretanha está de posse de uma base de considerável importância para as suas futuras operações contra a Sicília.

5. Pelas operações em curso, parece que os italianos não oferecem praticamente resistência aos britânicos e se retiram rapidamente para o oeste.

6. O número de prisioneiros capturados é considerável e desde o início da campanha africana essa cifra atinge a mais de 120 mil.

7. Os mais otimistas não podiam prever um avanço tão rápido, pois tudo foi feito em menos de dois meses. Todas as semanas foram assinaladas por novas vitórias do general Wavell, com um ritmo extremamente acelerado, dirigido por um chefe que compreendeu o real caráter da guerra moderna e que sabe utilizar simultaneamente a arma motorizada, o avião e a frota. Em oito dias seus exércitos avançaram 180 milhas no deserto e em apenas 15 dias para, partindo de Tobruk, alcançaram Benghazi apesar de todas as dificuldades topográficas e das tempestades de areia que tiveram que enfrentar. Tanto quanto a marcha das operações deve ser admirada a forma pela qual foi preparada a ofensiva britânica.

8. No mesmo momento em que os italianos falavam com arrogância dos preparativos do general Graziani o estado maior britânico reforçava e equipava metodicamente o seu exército do Egito. No mar, onde o Império Britânico nunca deixou de ter o domínio, os navios circulavam regularmente carregados de soldados e de material, principalmente de

tanques. Isso sucedia em setembro e outubro precisamente quando a Alemanha lançava os seus furiosos ataques aéreos contra as Ilhas Britânicas.

9. Todos ignoram quais sejam os futuros planos do general Wavell, mas tudo indica que continuará perseguindo o inimigo até a Tripolitania e pode ser verificado desde já que a situação de Mussolini na África é deveras precária e que já está ficando assaz difícil a possibilidade de um auxílio alemão.

10. Depois da batalha da Sicília não parece que os nazis julguem ser viável seguir operando no Mediterrâneo. Um só elemento poderia, não impedir a vitória inglesa na África, mas talvez retardá-la. Isso seria a ocupação de Bizerta e a entrega da esquadra francesa que Hitler está tentando obter, exercendo uma intensa pressão sobre o governo de Vichy.

11. Isso ao que parece não é tarefa fácil e aqui geralmente existe confiança no patriotismo do marechal Petain e do almirante Darlan.

12. Os últimos acontecimentos parecem indicar que os franceses muito trabalhados pelos americanos, não cederão às ameaças de Berlim.

13. Enquanto isso, a situação dos italianos na África vai se agravando pois, além do mais eles só contam ali com a hostilidade dos nativos. As tribos da Líbia não esquecem os massacres de Graziani e esperam o momento propício como os Etiópicos na Abissínia para se vingarem.

14. Nessas condições o governo britânico tem sérias preocupações sobre a sorte das populações civis, principalmente das mulheres e crianças italianas, que os italianos obrigaram a se transferir para a Abissínia. Esse assunto foi objeto de um telegrama que enviei a Vossa Excelência e que foi comentado pela imprensa, a qual divulgou a notícia de que o conde Vulpi teria sido encarregado de negociar com o governo britânicos a evacuação desses civis.

15. Como disse a Vossa Excelência, o ministro Eden disse-me, por ocasião de um encontro que com ele tive num almoço na embaixada de Espanha, que o governo britânico ignorava o assunto e como anteriormente declarou o primeiro ministro, este governo não podia tomar nenhuma iniciativa, mas temia que o tempo venha a prejudicar qualquer medida desse gênero, caso o governo italiano tenha intenção de assim agir, e que desde logo, em tais circunstâncias não podia assumir qualquer responsabilidade sobre o que possa ocorrer se a revolução na Abissínia for vitoriosa, auxiliada, como está sendo, pela ofensiva das tropas britânicas que já penetraram em território etiópico.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 10 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Reorganização do Gabinete britânico.

N. 119.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 10 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Devido ao recente falecimento de *lord* Lloyd, ministro das colônias, acaba de ser efetuada uma pequena reorganização do Gabinete britânico.

2. Assim *lord* Moyne foi nomeado ministro das colônias e designado para exercer as funções de *leader* da Câmara de Lords; o senhor Malcolm Macdonald deixa a pasta da higiene para ser alto comissário no Canadá em substituição do senhor R. Campbell, nomeado ministro plenipotenciário junto à embaixada britânica em Washington. O novo ministro da higiene é o senhor Ernest Brown que foi substituído no ministério da Escócia pelo senhor Thomas Johnston.

3. O primeiro ministro nomeou ainda diversos sub-secretários para os ministérios do trabalho, das pensões, da alimentação e da agricultura.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 10 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Discurso do 1º ministro de 9 de fevereiro de 1941

N. 121

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 10 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, no incluso recorte, o texto completo das palavras do senhor Winston Churchill, irradiadas ontem à noite, sobre a próxima fase da guerra e a situação em geral, o qual está sendo aclamado como o seu melhor discurso e teve uma animadora repercussão em todos os círculos aqui e nos Estados Unidos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 11 FEV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Guerra na Europa.

NP

Da Embaixada em Londres  
Em 11 de fevereiro de 1941.

74 – TERÇA FEIRA – 17hs.00 - O discurso do Primeiro Ministro foi considerado como o mais otimista e confiante no resultado final da guerra dos que tem feito até hoje, e foi irradiado durante um alerta, com aviões inimigos sobrevoando Londres. A imprensa unanimemente aplaude as palavras sadias e francas do orador, salientando a importância de suas declarações e elogia calorosamente a ação naval britânica contra Gênova e as

extraordinárias vitórias britânicas na Líbia. Tudo indica que a expansão alemã nos Bálcãs está em pleno desenvolvimento e os súditos britânicos que se encontram na Bulgária já teriam recebido ordem de partida para a Turquia, com a possível urgência, pois parece iminente a ocupação do território búlgaro por tropas nazistas. A atitude russa e a turca em face dos acontecimentos ainda não estão indicados com precisão. A manobra visa um ataque contra a Salonica através da Bulgária. A situação na França está sendo acompanhada, como de hábito, existindo confiança em que o governo de Vichy não entregará a esquadra e as bases da África francesa, que seriam defendidas pelas armas, se necessário. Continuam os preparativos da anunciada ofensiva inimiga contra a Grã-Bretanha, estando a aviação britânica muito ativa na obra de destruição dos elementos dos supostos pontos de partida da invasão. O governo britânico está persuadido de que, no seu esforço desesperado para destruir este país, a Alemanha empregará gases, o que daria lugar a imediata represália, já tendo Berlim sido devidamente avisada para não abandonar, um só momento, suas máscaras. A impressão geral é de que se a invasão for tentada, será repelida, pois os técnicos julgam que o preparo atual das tropas britânicas e seu armamento justificam amplamente esse prognóstico.

Moniz de Aragão

\*

**TELEGRAMA • 11 FEV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Guerra na Europa. Rompimento relações diplomáticas da Grã-Bretanha com a Rumânia.

Da Embaixada em Londres

75 –TERÇA FEIRA 11 de fevereiro de 1941– 17hs.00 - O governo britânico devido à situação externa de gravidade nos Bálcãs, decorrente da completa ocupação da Rumânia pelos alemães, e à iminente invasão da Bulgária, resolveu romper as relações diplomáticas com o governo rumêno, dando ordens para a partida imediata de seu ministro e pessoal da Legação e Consulado. A rumena aqui também está preparando a sua partida. inforção de fonte autorizada indica que os alemães estão usando a Rumânia como base e ponto de partida imediata ação militar nos Bálcãs. O Primeiro Ministro preveniu ao governo búlgaro sobre o perigo que está correndo seu país, e a ação que o governo

britânico exerceria, sem demora, se as tropas alemãs transpusessem a fronteira búlgara. As últimas notícias informam que o governo russo não prestará assistência à Bulgária se for invadida, enquanto a atitude da Turquia continua sendo observada com muita atenção, pois se mantêm extremamente reservada. Os círculos autorizados predizem que Hitler está agindo afim de impelir o Japão a participar da guerra, no momento e que for lançada a grande ofensiva contra a Grã-Bretanha. O governo britânico, de acordo com Washington, está tomando todas as precauções para poder enfrentar qualquer situação que eventualmente ocorra no Pacífico, de forma que o Japão fique isolado e privado de qualquer auxílio da Alemanha, e bloqueado pelas potências interessadas. Moniz de Aragão

\*

**OFÍCIO • 11 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] O ultimo discurso do senhor Churchill.

N. 127

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 11 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Há cerca de cinco meses que o primeiro ministro não tinha falado para o Império Britânico. A última vez que o senhor Churchill tomou a palavra, em 11 de setembro de 1940, os ditadores do eixo pareciam prestes a realizar os seus sonhos de hegemonia mundial.

2. O senhor Hitler tinha começado a batalha de Londres e preparava a invasão das Ilhas Britânicas e o senhor Mussolini ameaçava o Egito e o canal de Suez, centros vitais do Império. Nessa ocasião a América do Norte hesitava em tomar qualquer atitude definitiva com uma certa incredulidade e uma viva apreensão sobre a resistência da Grã-Bretanha.

3. Quanto caminho percorrido desde então e como se transformou a situação política e militar deste país.

4. Hoje o frágil cenário do Segundo Império Romano ameaça ruir, os exércitos do *duce* estão sendo castigados pelos gregos na Albânia e sua frota de batalha destruída em grande parte, está reduzida à impotência. Quanto ao *fuehrer*, depois de ter perdido a batalha de Londres e ter feito falência nas suas preliminares tentativas de invasão, deve prestar socorro à sua aliada desfalecente.
5. A Grã-Bretanha e o Império agüentaram a investida e juntos repeliram corajosamente os assaltantes, obtiveram vitórias e suas forças materiais e morais não cessaram de aumentar a despeito dos sofrimentos, prejuízos e perdas de vidas preciosas.
6. Todos os planos dos chefes do eixo ficaram perturbados e a realização dos seus sonhos torna-se mais difícil. Os Estados Unidos ganharam confiança e sob a direção do presidente Roosevelt estão intensivamente preparando o maior auxílio que lhes é possível dar à Grã-Bretanha.
7. O primeiro ministro pôde com um legítimo orgulho apresentar um balanço exato da situação que representa um dos mais extraordinários episódios da história da Grã-Bretanha e do mundo enumerado com franqueza as forças de que dispõe o Império e assim justificando os motivos de um razoável otimismo.
8. Não devem ter sido somente os franceses ao ouvir o canhoneiro de Genova e ao conhecer a extensão das vitórias britânicas no Mediterrâneo que tenham sentido um justificado júbilo pois por isso também uma grande esperança anima agora os povos dos países ocupados pelos nazis e por todos os que estão ameaçados da mesma sorte.
9. Pelo exame feito o senhor Churchill não se limitou a manifestar os motivos de sua confiança no futuro mas como em outras ocasiões ele disse toda a verdade ao seu povo tirando certas conclusões e prevendo certas graves eventualidades.
10. O perigo subsistente no Mediterrâneo Central, nos Bálcãs, onde a situação se complica, no Atlântico, em torno e sobre as Ilhas Britânicas e finalmente a ameaça da invasão não desapareceu e mesmo se apresenta em forma mais aguda.
11. O *fuehrer* terá que agir e todas as vitórias que ele poderá obter e mesmo que o conduzisse, como em outras épocas, Alexandre até as bocas da Ganges, de nada servirão se não conseguir abater a Grã-Bretanha.
12. A guerra deve sem dúvida entrar proximamente em uma nova fase de uma extrema violência.
13. O primeiro ministro seguro da resolução britânica, confiante na ciência dos seus chefes militares como civis, pediu apenas ao presidente Roosevelt que lhe dê os instrumentos que permitam à Grã-Bretanha de terminar a sua tarefa. Os Estados Unidos

darão esses elementos com tanto mais facilidade quanto hoje sabem de modo preciso, garantidos pela palavra do ministro Churchill, que isso não acarretaria o envio de seus homens para os campos de batalha da Europa.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 11 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] A recente visita do senhor Wilkie.

N. 128

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 11 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

A recente visita a este país do senhor Wilkie, candidato à presidência da República dos Estados Unidos nas últimas eleições oponente ao senhor Roosevelt despertou grande interesse e certamente nenhum americano mesmo os mais ativos jamais conseguiu ver e observar tanta coisa em tão pouco tempo.

2. Durante dez dias o senhor Wilkie esteve em toda a parte na Grã-Bretanha e manteve um contato direto extremamente importante com os elementos mais destacados do governo britânico, da Irlanda e todos os centros operários, industriais, comerciais e militares deste país.

3. Assistiu a cada fase típica da Grã-Bretanha em tempo de guerra e falou com os ingleses de todas as categorias desde o rei até os vendedores ambulantes do East End.

4. Manteve uma ligação coninua com o primeiro ministro, com os operários das fábricas de aviões, carregadores de estradas de ferro e dos portos, com burgueses, membros da defesa civil, políticas nas ruas, condutores e recebedores do caminho de ferro subterrâneo dos auto-ônibus, etc. Percorreu quase todo o país e observou com tristeza os



estragos causados pelas bombas alemães aos edifícios mais importantes, igrejas, escolas, hospitais, etc e passou uma noite em um dos abrigos populares durante um ataque aéreo.

5. O senhor Wilkie regressou no dia 5 do corrente aos Estados Unidos, voando até Lisboa e dali para sua pátria. Ele teve que abreviar a sua permanência por sido chamado para depor perante o Comitê das Relações Exteriores do senado americano a respeito do decreto que ali está sendo discutido de auxiliar a Grã-Bretanha.

6. Antes de partir declarou à imprensa que regressava levando impressões inolvidáveis da Grã-Bretanha, onde tinha vivido em uma época que podia ser considerada como uma das mais grandiosas pela coragem e energia que está demonstrando o povo britânico.

7. Acrescentou que tinha ficado profundamente impressionado pelo fato de ter assistido na Câmara dos Comuns, durante esta guerra cheios de respeito ao direito alheio e referentes à liberdade da imprensa e da palavra, isto é, quando o governo julgava dever se defender das acusações que lhe foram feitas por ter suspenso a publicação de certos jornais comunistas. Isso revelava como era compreendida a liberdade neste país e como é aplicado o regime democrático mesmo em tempo de guerra.

8. Pelo programa que passo a descrever, Vossa Excelência verá como foram empregados os dez dias da permanência do senhor Wilkie e como foram diversas as personalidades que teve ensejo de conhecer e tratar.

9. No dia 26 de janeiro às 15 horas aterrou em um aeródromo do oeste da Inglaterra vindo de Lisboa. Suas primeiras palavras foram: “Sinto-me muito feliz de estar na Grã-Bretanha por cuja causa não somente tenho a maior simpatia, como também estou me esforçando para que os Estados Unidos, concedendo à Grã-Bretanha todas as facilidades e ajuda a seu alcance, possam auxiliar a luta de homens livres que defendem a liberdade do mundo”.

10. Prosseguindo a sua viagem para Londres no dia 27 teve logo uma conferência com duzentos jornalistas britânicos e estrangeiros. Em seguida avistou-se com ministro de Informações, senhor Duff-Cooper, fazendo depois uma inspeção da área da City devastada pelo fogo das bombas incendiárias como também das ruínas do Palácio do *lord* Mayor, o famoso *Guildhall*, também recentemente destruído pelas bombas alemãs. Tendo tido conhecimento de que cerca de três milhões de livros dos mais interessantes sobre história tinham sido queimados por bombas incendiárias em uma biblioteca vizinha da Catedral de São Paulo o senhor Wilkie disse “destruíram o local onde foi contada a verdade”. Nesse mesmo dia almoçou com o primeiro ministro, visitando depois o senhor

Anthony Eden, ministro dos Negócios Estrangeiros e o senhor Bevin, ministro do Trabalho. Jantou com *lord* Stamp, chefe da Coordenação Económica do país.

11. No dia 28 visitou a catedral de São Paulo, recebendo do vigário geral, como lembrança, um fragmento da bomba incendiária que atingiu aquele monumento britânico. Conversou com o presidente do Banco da Inglaterra, almoçou na Câmara dos Comuns convidando pelo senhor Attlee, chefe do Partido Trabalhista, assistindo depois o famoso debate sobre a suspensão do *Daily Worker*, de que tratei antes, e também no ofício nº 88, de 3 do corrente. Visitou o cardeal Hinsley e o senhor Kingley Wood, membro do gabinete de guerra e jantou com *lord* Beaverbrook, ministro da Aeronáutica, estando presentes todos os membros do Gabinete de Guerra.

12. Em 29 de janeiro conferenciou com o ministro do Abastecimento e visitou em seguida o ministro dos Transportes mantendo uma longa conversa com o chefe do Conselho dos *Trade Unions*, o senhor George Gibson, assistindo a uma discussão do Conselho sobre a mobilização de homens e mulheres para os serviços industriais da guerra. Almoçou com o chefe do Departamento das Caixas Económicas, visitou o quartel general das forças polonesas e entrevistou o embaixador da China. Esteve mais tarde com os ministros do Interior e da Saúde Pública. Ao anoitecer inspecionou cinco abrigos modelos durante uma alerta, acompanhado por miss Wilkinson, secretária parlamentar do ministro do Interior. No dia 30 de janeiro visitou o edifício da capela do Templo das Cortes de Justiça, grandemente danificado pelos bombardeios, acompanhado pelo ministro da Justiça, com quem almoçou. Esteve mais tarde no Almirantado examinando a sala histórica das cartas marítimas famosas, entretendo-se longamente com o ministro da Marinha. Recebeu ao anoitecer os representantes da imprensa, jantando com o senhor Duff-Cooper, ministro de Informações.

13. Em 31 de janeiro visitou Dover e a costa sul-este para inspecionar a linha de defesa fortificada da Grã-Bretanha. Assistiu a uma série de disparos de tiro antiaéreo contra aviões inimigos. Recebido pelo vice-almirante sir Bertram Ramsey, que acompanhou o senhor Wilkie em visita ao castelo de Dover, onde almoçou e foi apresentado ao comando da guarnição, declarou “Sou de opinião que os alemães terão uma tarefa dura, tentando a invasão. Garanto-lhes que não gostaria ser eu um invasor alemão”.

14. No dia 1º de fevereiro visitou o American Eagle Club (sede dos aviadores voluntários americanos). Foi extremamente aplaudido por grande multidão popular ao visitar o bairro operário de Londres (Lambeth Walk); almoçou com o senhor Herschel

Johnson, encarregado de Negócios americano. Inspeccionou várias usinas de guerra e assistiu a uma conferência sobre a indústria química.

15. Em 2 de fevereiro foi à cidade de Coventry, onde o bispo mostrou-lhe as ruínas da celebre catedral, examinado em seguida a área devastada do centro da cidade. Almoçou com o presidente da Sociedade dos Fabricantes e Negociantes de Automóveis e outros chefes de indústrias. Recebido com entusiasmo pelos habitantes de Birmingham, presidiu em seguida a uma conferência de imprensa. Passou a noite no castelo de *lord Derby*.

16. Passou o dia 3 de fevereiro em Liverpool visitando as áreas bombardeadas e entrevistando os membros da Defesa Civil. Ficou muito impressionado com a decisão de ser continuada a construção da nova catedral monumental de Liverpool, apesar das grandes dificuldades do momento. Em seguida, visitou Manchester, percorrendo diversas usinas onde falou intimamente com muitos operários.

17. No dia 4 de fevereiro, depois de passar a noite em Manchester, viajou de avião para Dublin, acompanhado do Alto Comissário do Eire em Londres, senhor Dulanty. Almoçou e entreteve-se em “discussões francas e cordiais” com o senhor de Valera. Regressou de avião para Londres, via Liverpool, onde foi recebido em audiência pelo rei. Depois de uma entrevista de uma hora, tomou chá com o rei e a rainha. Jantou com amigos, tendo em seguida longa conferência com representantes da imprensa.

18. Finalmente no dia de fevereiro, às 0:25 horas, deixou Londres para Bristol onde foi recebido antes da madrugada pelo prefeito. Inspeccionou em seguida as áreas bombardeadas e visitou o novo centro destinado às mulheres servindo nas forças armadas e que foi doado pela cidade de Bristol nos Estados Unidos. Às 9 horas da manhã tomou no aeroporto o avião para Lisboa e os Estados Unidos, depois de entregar uma mensagem para ser irradiada ao povo alemão, pela qual manifestava o seu entendimento de simpatia ao povo britânico na atual luta, embora sendo de origem alemã, mas certo de que todos os seus compatriotas nas mesmas condições compartilhavam da sua opinião.

19. O senhor Wilkie deixou aqui muitos amigos e produziu uma grande impressão pela sua inteligência, franqueza e amabilidades com que tratou a todos, de qualquer categoria social.

20. A imprensa durante a sua permanência dedicou-lhe sempre um lugar de destaque no seu noticiário e todos estão convictos de que a visita do senhor Wilkie terá uma grande influência nas deliberações do Congresso americano sobre o projeto que ali está sendo discutido, referente ao auxílio dos Estados Unidos

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 13 FEV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Medidas tomadas pelo Conselho do Algodão da Grã-Bretanha.

NP

Da Embaixada em Londres  
Em 13 de fevereiro de 1941.

79 – QUINTA FEIRA – 12hs.45 - Como resultado de várias medidas tomadas pelo controle do algodão, é possível, segundo declaração oficial do próprio Conselho do Algodão, divulgada pela imprensa, que os exportadores britânicos se vejam inibidos, durante curto período, de indicar aos seus clientes as datas definitivas pra as novas encomendas. Essa circunstância talvez permita nossas fábricas agir sem demora e, nesse intervalo, obter encomendas adicionais de fregueses estrangeiros, sobretudo a Argentina.

Moniz de Aragão

\*

**TELEGRAMA • 13 FEV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Guerra na Europa. Entrevista dos Chefes dos Governos espanhol, italiano e francês.

NP

Da Embaixada em Londres  
Em de fevereiro de 1941.

81 – QUINTA FEIRA – 17hs.00 - O governo britânico desmente o boato circulante com insistência de que o general Franco e Mussolini estejam discutindo qualquer proposta britânica e que muito menos tem conhecimento de qualquer conversa secreta, de interesse, em Roma, visando uma paz em separado. Nenhuma proposta foi formulada e se Mussolini estivesse disposto a fazer qualquer sugestão, certamente já teria feito pelos canais competentes. A entrevista em curso entre os Chefes dos Governos espanhol, italiano e francês desperta grande interesse, sendo objeto de desencontrados prognósticos da imprensa. Os círculos competentes julgam que o assunto dominante da referida entrevista é a posição dos três países na África, em face da atual derrota italiana e o problema ligado a uma possível retirada do exército italiano através da Tunísia. Existem todos os indícios de preparativos para uma invasão, estando prontas as forças alemãs e dispostas a atender à primeira ordem para atacar este país num gesto desesperado de esforço para obter uma solução da atual guerra. Alguns círculos, entretanto, sem esconder a gravidade da situação, julgam que Hitler divulga essa ameaça iminente para esconder os seus verdadeiros propósitos, que seriam de uma imediata ação militar vigorosa nos Bálcãs e possivelmente na Espanha, visando Gibraltar. Os governos belga e holandês retiraram os seus representantes diplomáticos em Bucarest.

Moniz de Aragão

\*

**OFÍCIO • 13 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] As conversas hispano-italo-francesas.

N. 137

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 13 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Todos os observadores concordam quando opinam que os encontros Franco-Mussolini e Franco-Petain que provavelmente serão seguidos das entrevistas que se anunciam entre os senhores Sunner e Ribbentrop, significam unicamente tentativas para salvar Mussolini, mas onde esse acordo de vistas cessa de existir é quando se refere aos meios a serem empregados para tal fim.

2. Várias hipóteses são aqui consideradas e entre elas uma parece desde logo dever ser afastada pelo simples exame da situação.
3. O Duce cuja posição pessoal e em face da que apresenta o seu país nunca esteve, apesar das aparências e a despeito dos serviços prestados à Espanha, em condições de impor sua vontade ao general Franco. Embora o caudilho espanhol tenha consentido em ir ao encontro do Duce, não resta dúvida que Mussolini se apresenta como o pedinte.
4. Consequentemente ele não obterá nada mais do que o general Franco se dispunha voluntariamente a lhe conceder, ou que seja exigido pelo *fuehrer*, pois ao contrário de Mussolini e da Itália o prestígio de Hitler e a admiração pela Alemanha mantêm intactos no exército e na falange espanhola.
5. Restam pois duas hipóteses - uma é a da mediação e a outra a de uma ofensiva de paz - ambas se originam em Vichy e estão sendo divulgadas pelos órgãos dos correspondentes americanos. A primeira não merece ser considerada e já foi mesmo desmentida pelo governo britânico.
6. O armistício e a paz parecem ser muito desejados na Itália, senão por Mussolini pelo menos pelo povo que sempre foi contrário à guerra, pela casa real, por uma parte do exército, pelo Clero e por alguns membros do próprio partido fascista.
7. Está claro que o *fuehrer* não pode permitir que Mussolini conclua uma paz separada nem mesmo um armistício que teria para a Alemanha graves consequências estratégicas e não menos consideráveis consequências de ordem política.
8. Tudo indica que os dirigentes de Berlim não hesitariam em intensificar a sua pressão em Roma agindo por todas as formas para evitar que a Itália se separe do eixo, abandonando a Tríplice e entregando suas bases à Grã-Bretanha.
9. A nova ofensiva de paz é ao contrário inteiramente conforme aos processos e vantajosa para o *Reich*. Os precedentes não faltam, seja no período que precedeu a guerra, seja depois de setembro de 1939, isto é, cada vez que Hitler prepara uma ação diplomática ou militar de importância faz sempre preceder de uma campanha de apaziguamento ou de uma ofensiva de paz.
10. Foi Hitler quem sugeriu em novembro de 1939 a iniciativa de paz dos soberanos da Bélgica e da Holanda e mais tarde fez multiplicar as sondagens no mesmo sentido pelos monarcas da Escandinávia. Algumas semanas antes do ataque da Noruega ele ainda procurava iludir o senhor Sumner Wells sobre possibilidades de um arranjo pacífico do atual conflito.

11. Desta vez o objetivo da Alemanha seria provocar de novo uma confusão e criar dúvidas sobre a resolução da Grã-Bretanha, no espírito dos países e dos homens de Estado, que nos Bálcãs e em outros lugares tenham veleidades de resistência no momento em que o *fuhrer* prepara em segredo, com febril atividade e método, as armas com as quais quer abater o Império Britânico e seus aliados.

12. Nesse caso o Duce não tiraria um proveito imediato da operação a menos que não seja seguida do internamento na Tunísia dos restos do exército do general Graziani.

13. A presença ao lado do caudilho espanhol do embaixador de Espanha na França faz supor que o governo de Vichy pretende desempenhar um papel em toda essa manobra cujos fins reais não são perfeitamente compreensíveis.

14. Inútil será acrescentar que essa ação diplomática está sendo diligentemente acompanhada por este governo e pelos Estados Unidos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

|

[P14]

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 14 FEV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

82 – SEXTA FEIRA Em 14 de fevereiro de 1941.

– 17hs.00 - Os círculos ligados ao "*Foreign Office*" acreditam que a entrevista ítalo-espanhola não é motivo de inquietação para a Grã-Bretanha, e que nada autoriza a acreditar que a Espanha modifique sua atitude atual que, embora tenha reafirmado sua amizade para com as potências do Eixo, o general Franco confirmou sua decisão de manter a política independente, sem compromissos de se envolver na Guerra. A recente atitude do Japão está impressionando o governo britânico e, enquanto o Gabinete de

Guerra australiano está examinando a situação grave no Extremo-Oriente para adotar medidas defensivas urgentes, aqui considera-se que as relações anglo-japonesas estão chegando a um ponto muito delicado, o que obrigaria a Grã-Bretanha a tomar providências muito importantes, principalmente para impedir que o Japão continue a abastecer os navios alemães que estão operando no Pacífico, atacando a marinha mercante inglesa. Depois de relativa tranquilidade, Londres foi ontem novamente bombardeada por alguns navios isolados, durante curto tempo, tendo-se produzido estragos apreciáveis nos distritos de habitações populares. O pessoal da Embaixada e do Consulado está bem.

Moniz de Aragão

\*

**TELEGRAMA • 14 FEV 1941 • AHI 30/1/1**

Índice: Carnes brasileiras na Grã-Bretanha

EC 58-61730

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres  
Em 14 de fevereiro de 1941.

Referência ao seu telegrama 601, de 1940. Rogo informar se já foram fixadas, definitivamente, as quotas do Brasil para 1941 de carne frigorificada. No caso afirmativo, quais são elas, preços estabelecidos e também a distribuição respectiva entre os frigoríficos. Outrossim, se há quota relativa à carne de porco e, existindo quais as condições do fornecimento e frigoríficos contemplados. Exteriores

\*

**OFÍCIO • 14 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Os objetivos de guerra da Grã-Bretanha.

N. 140

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 14 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,



A questão dos objetivos de guerra continua a constituir um assunto de grande interesse e sempre ocupa a atenção dos periódicos, livros, etc., tanto aqui como nos Estados Unidos.

2. Em várias ocasiões o governo britânico foi convidado na Câmara dos Comuns a tornar público os seus fins na atual guerra.
3. Geralmente sempre se absteve mas julgou dever criar um comitê interministerial encarregado de preparar a doutrina do gabinete nesta matéria.
4. Na Câmara dos Comuns ontem um deputado interpelou o senhor Churchill sobre se a questão dos objetivos da guerra tinha sido objeto de consultas com o governo americano e se a Câmara seria informada antes de qualquer declaração ministerial. O primeiro ministro respondeu que os Estados Unidos compreendiam não tão bem as razões pelas quais a Grã-Bretanha está se batendo que não se recordava ter tido de tratar este assunto com qualquer representante americano. Acrescentou que não podia tomar nenhum compromisso para com a Casa dos Comuns fora das conversações normais existentes entre o governo e as comissões parlamentares.
5. É porém sabido que *Lord* Halifax deve tomar a palavra no próximo dia 21 nos Estados Unidos e que a imprensa americana está insinuando que ele tem a intenção de tratar no seu discurso da questão relativa aos objetivos de guerra da Grã-Bretanha.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 14 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[*Índice:*] A política britânica e os Balkans.

N. 141

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 14 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

O discurso do senhor Churchill terá tido entre outros méritos o de esclarecer a situação nos Bálcãs obrigando os diferentes países a precisar as suas posições em face as manobras da diplomacia hitleriana.

2. Trata-se principalmente da Bulgária e da Iugoslávia pois a Grécia e a Turquia, ligadas por um tratado de aliança com a Grã-Bretanha, estão colocadas em outro plano embora entrem igualmente em linha de conta.

3. Em Sofia o discurso do primeiro ministro provocou uma reunião imediata do gabinete e a publicação de um comunicado que desmente vagamente a entrada de tropas alemãs em território búlgaro mas não exclui certas concessões feitas aos turcos.

4. Em Belgrado a opinião pública ficou muito impressionada mas não se sente em iminente perigo embora seja sabido que a pressão alemã também está sendo exercida sobre o governo iugoslavo para que assine o Pacto Tríplice.

5. Ankara está parece agindo de modo a reconstruir a Entente balcânica que foi mencionada pelo senhor Churchill como sendo um único meio de resistir vitoriosamente à invasão nazista.

6. Não resta dúvida que Atenas veria com prazer os seus vizinhos se organizando em uma liga defensiva mas não existe grande esperança de ser logrado esse objetivo depois do colapso rumaico e da visível capitulação búlgara. Essa política também encontra uma grande resistência alemã que age apoiada em uma técnica já conhecida e muito temida pelos países fracos.

7. Hitler aplica atualmente no este europeu a tática que lhe deu tão bons resultados no Ocidente no decorrer do ano passado. Consiste em reunir em diversos pontos uma massa de manobra pronta a agir tal como uma avalanche em qualquer direção e dar a cada um dos países que se sentem ameaçados garantias aparentes para impedir que se unam ou se aliem a vizinhos, para isolados ficarem sem defesa.

8. Deve ser recordado o que sucedeu há um ano com a Noruega, a Dinamarca, a Holanda e a Bélgica quando as ameaças da Alemanha alternavam com declarações de amizade que se estendiam de Oslo e Berna.

9. Atualmente ajustando o seu dispositivo para uma fulminante ofensiva, Hitler diz aos búlgaros que sua independência será respeitada, que não serão arrastados à guerra e que como compensação pela neutralidade que devem manter, naturalmente simpática ao *Reich*, receberão como recompensa uma saída para o mar Egeu. Aos iugoslavos trata de tranquilizar os seus próprios expansionistas e trata de seduzir os gregos com a possibilidade de uma paz vantajosa com a Itália. Quanto aos turcos ele encarregou o

embaixador Von Pappen de lhes declarar que jamais o exército alemão entrará na zona de segurança que o Estado Maior turco traçou em torno das fronteiras ocidentais do país.

10. Os esforços do *fuehrer*, como disse, convergem no sentido de isolar a vítima que escolheu e se possível obter que se renda completamente sem que tenha de disparar um fuzil.

11. A vítima escolhida neste momento é a Grécia e assim trata de ocupar a Bulgária, cercar e paralisar a Iugoslávia, não provocar os turcos e mesmo tranquilizá-los para se apoderar de qualquer forma de Salónica de onde dominará toda a península balcânica e o Mar Egeu.

12. Esse é o fim da manobra cujas peripécias ainda se podem desenrolar durante várias semanas e que são acompanhadas aqui com calma e vigilância, aliás como sucede Ankara e Atenas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 14 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] A Grã-Bretanha e a Rumania.

N. 142

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 14 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

A senhor Eden [sic] explicou ontem na Câmara dos Comuns os motivos que determinaram o rompimento de relações diplomáticas com a Romênia e a conseqüente retirada da legação britânica em Bucarest.

2. O governo romeno, disse o ministro dos Negócios Estrangeiros, está presente completamente sob o domínio alemão e isso está provado por fatos e por declarações públicos do referido governo.
3. Os "instrutores" nazis do exército romeno constituem hoje um verdadeiro corpo militar que já tomou posse dos principais pontos estratégicos do país, dispondo de um importante material bélico.
4. Nessas condições, acrescentou o Ministro Eden, a Romênia é hoje uma base militar alemã sem que o governo de Bucareste tenha jamais feito o menor protesto.
5. Na capital romena os alemães desde alguns dias divulgavam o boato de que a Grã-Bretanha estava prestes a declarar a guerra e naturalmente a propaganda de Berlim aproveita o ensejo para tomar a defesa general Antonesco que "soube tão bem restabelecer a ordem no país e seguir a política que dominará a Europa em breve tempo". A partida missão diplomática britânica foi mais celebrada na Alemanha do que em Bucareste e os centros alemães buscam impressionar os centros políticos romenos fazendo crer que se trata de uma renuncia da Grã-Bretanha de seguir atuando nos Bálcãs e que representa uma confissão da derrota da diplomacia britânica naquela região.
6. Não resta dúvida que tais argumentos pouco impressionarão os povos oprimidos mas infelizmente na atual emergência não possuem elementos de reação.
7. A atitude britânica foi imitada pelos governos holandês e belga, atualmente com sede em Londres, os quais imediatamente também retiraram suas Legações acreditadas em Bucareste.
8. Dei conta a Vossa Excelência desses fatos sem demora pelo telégrafo.  
Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 15 FEV 1941 • AHI 30/1/1**

Índice: Proteção de interesses italianos.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres

15 de FEV de 1941 – Aditamento ao despacho telegráfico n 55 - governo italiano agradece o interesse demonstrado pelo Brasil e observa que a repartição não se poderá fazer, por enquanto, pois consta que, como medida de segurança, o vapor no qual os italianos deveriam embarcar não fará proximamente a projetada viagem. EXTERIORES

\*

**OFÍCIO • 17 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] A guerra na Itália.

N. 148

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 17 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

No momento em que todos perguntam quais as novas "combinações diabólicas", seguindo a frase do Primeiro Ministro, que estarão sendo preparadas pelo *fuehrer*, a "Royal Air Force" toma a ofensiva e assesta rudes golpes ao inimigo.

2. Assim como a general Wavell compreendeu as lições da estratégia moderna e emprega com êxito, em todas as frentes, o sistema da guerra relâmpago, a aviação britânica também utiliza os processos os mais modernos e mais audaciosos e não quis deixar ao inimigo a iniciativa de qualquer operação.

3. Os jornais comentam como um fato altamente significativo que enquanto os críticos militares estão absorvidos pelo[s] seus cálculos sobre as possibilidades de descidas de paraquedistas alemães nas ilhas britânicas os primeiros desembarques assinalados sejam de paraquedistas ingleses.

4. Assim os que na noite de segunda para terça-feira passada aterraram nas Províncias de Lucânia e de Calábria parecem ter caudado sérios prejuízos na Itália do Sul.

5. O primeiro comunicado de Roma afirmava que os paraquedistas, armados de granadas de mão e de metralhadoras, se propunham fazer saltar vias férreas, destruir estradas de rodagem e o serviço de águas, mas que tinham sido capturados antes de terem podido produzir estragos.

6. No sábado, 15 do corrente, o governo fascista teve porém que desmentir essas declarações pois as destruições operadas pelos paraquedistas ingleses foram tão importantes que ele teve que confessar que o tráfego de mercadorias tinha sido interrompido "por motivo de força maior" nas linhas férreas de Brindisi, Bari, Taranto, Foggia e Leques e em todas as estações da província de Nápoles.
7. Ninguém pode pois duvidar que os paraquedistas tenham sido impedidos de cumprir a tarefa de que foram encarregados. Uma outra prova desse fato é dada pela proibição do governo italiano impondo aos jornalistas estrangeiros não se locomoverem no interior da Itália e se ausentarem da península.
8. A aviação britânica não se contentou com esse único empreendimento e assim tem continuamente depois disso bombardeado os centros industriais e as bases aéreo-navais italianas. Na noite de sábado para domingo Catania, Siracusa e Brindisi foram atacadas sofrendo graves danos. Um outro ataque foi igualmente levado a efeito sobre as ilhas do Dodecaneso e bombas incendiárias caíram em Rhodes.
9. A guerra assim está sendo implacável conduzida contra a Itália no mar, nos ares e mesmo em terra no próprio solo italiano.
10. Em todas as frentes da África e no coração da Itália, em Gênova há alguns dias, em Nápoles ontem, a Grã-Bretanha desfecha cada dia golpes os mais rudes.
11. Não é somente a Itália que sofre os ataques da aviação britânica pois os alemães não são esquecidos e os portos chamados da invasão, na Mancha e no Mar do Norte, tem sido objeto de violentos ataques aéreos.
12. Deve ser salientado que essa ofensiva da aviação britânica não impede a defesa aérea de se mostrar extremamente vigilante. Assim em três dias os aviões de caça abateram seis bombardeiros alemães sobre as Ilhas Britânicas.
13. Assegurando uma proteção cada vez mais eficaz deste país a "Royal Air Force", em ligação com a esquadra e o exército de terra, desorganiza os transportes e as comunicações do inimigo, esgota suas tropas e as destrói sempre que lhe é possível.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 18 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Manobras do exército britânico.

N. 151

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 18 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento ao meu ofício n. 108, de 7 do corrente, tenho a honra de informar que prossegue febrilmente o treinamento do exército operando nesta ilha com o objetivo de impedir uma possível invasão inimiga.

2. Coube agora ao corpo expedicionário canadense composto de cerca de 30.000 homens desenvolver uma série de exercícios para comprovação do seu preparo e de sua eficiência.

3. Essas manobras visavam repelir uma invasão, tendo sido realizadas em larga escala e foram consideradas como um dos maiores exercícios militares até hoje empreendidos neste país.

4. Os canadenses avançaram através um largo setor em marchas batidas e em grande velocidade durante o dia e noite sem ter praticamente nenhum repouso durante seis dias. De madrugada atacavam o inimigo imaginário com granadas de mão e com cargas de baioneta e esses combates na maioria se desenrolaram em regiões extremamente ingratas, vizinhas à costa.

5. A 1ª divisão reforçada por unidades de artilharia, engenharia, sinaleiros e metralhadores cooperando com um esquadrão da aviação canadense, composto de cinco esquadrilhas de aviões de bombardeios e de seis de caça da "Royal Air Force", participou dos exercícios mais realísticos jamais executados pelos canadenses que, deve ser dito, deram prova de uma coragem e de uma resistência sem limites.

6. As operações foram levadas a cabo como se já tivesse tido início a invasão. O Estado Maior do corpo em operações acompanhou todas as tropas dirigindo as manobras do respectivo quartel general que se instalou em um restaurante de uma cidade cerca de Dover enquanto o major general Parker dirigiu pessoalmente os ataques principais.

7. Enquanto linhas intermináveis de veículos motorizados se encaminhavam para a zona de operações, um batalhão de reconhecimento patrulhava a região e avançava rapidamente, protegido pela escuridão abatendo os escoteiros inimigos ou aprisionando-os para ocuparem os postos avançados de defesa já preparados pela Guarda Nacional. Esses postos são todos de concreto solidamente construídos e munidos de pequenos canhões.

8. Tanques pesados e médios, artilharia principalmente anti-ataque e anti-aérea, sem cessar se encaminharam para o local do combate. Os soldados se mantiveram sempre alertos e só puderam ter como repouso um tempo reduzido ao mínimo para alguns cochilos.

9. O grande encontro se verificou ao anoitecer do quarto dia e o combate durou cerca de um dia e meio.

10. Uma brigada saindo do seu esconderijo protegida por altos parapeitos avançou resolutamente e um batalhão de Winnipeg e Vancouver alcançou o seu objetivo depois de uma grande luta desalojando o invasor com uma carga de baioneta apoiada pelos tiros de artilharia.

11. Às 12 horas do sexto dia de manobras outras brigadas puderam prosseguir no avanço espalhando-se sobre todo o terreno em linha de ataque protegidas por metralhadores e granadeiros.

12. Os árbitros depois de um exame minucioso do desenvolvimento das operações opinaram unanimemente que o invasor foi repellido com grandes perdas.

13. Em conversa com pessoas autorizadas ouvi que os Ministérios da Guerra e Defesa Nacional, ficaram muito satisfeitos com os resultados obtidos nessas manobras e que são gerais os sobre o moral da tropa e sua resistência.

14. Prosseguem tais exercícios em outros setores sendo que os locais escolhidos para o desenvolvimento das operações são fixados sem aviso prévio para melhor serem avaliados os elementos de defesa com que conta o país.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



TELEGRAMA • 19 FEV 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Carnes brasileiras na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres  
Em 19 de fevereiro de 1941.

86 – QUARTA FEIRA – 12hs.00 - Resposta ao telegrama de Vossa Excelência nº58 . Não existe cota para nenhum país. Como resultado das negociações que estão terminando, o Ministério da Alimentação comprou, para embarque, até agosto próximo, 23.500 toneladas de carne frigorificada, sendo, primeiro, 12.500 toneladas de carne do tipo resfriado e os preços dos diferentes idênticos aos dos contratos anteriores, indicados na letra C, parágrafo 16, do ofício nº27, da Delegação de Carnes, de 21 de março de 1940; nessa quantidade estão incluídas 500 toneladas de quartos traseiros, sem osso, por preço ainda não ajustado; também, 3.500 toneladas de miúdos volume necessário, considerando a grande compra de carnes de vaca em conserva. Segundo, 6 mil toneladas em meias carcaças tipo Continental, sem osso, por preço ainda não ajustado. Terceiro, 5.000 toneladas de porco congelados, sem osso, inclusive miúdos ao preço de £ 0-0-5 e um quarto. Distribuição de carne de vaca: Armour 33 1/2%; Swift e Wilson 19% cada um. Distribuição de porco: Frigorífico Nacional Sul brasileiro 500 toneladas; as restantes 4.500 entre os frigoríficos acima mencionados, proporcionalmente, à carne de vaca. Quarto, 40 mil toneladas de carne de vaca em conserva, sendo 37.550 de produtos novos, cujos preços foram indicados no telegrama nº642, e 2.450 de produtos estoques ao preço de primeira qualidade, dúzia de latas de doze onças, £ 0-6-9, de 6 libras e 2 libras, £ 0-3-6, segunda qualidade, respectivamente, £ 0-6-3 e £ 3-1-0. Os frigoríficos contemplados e na proporção indicada no telegrama nº12. Oferecemos mais 6.800 toneladas de carnes em conserva, que provavelmente serão aceitas. Conseguimos também, finalmente, que o Ministério solicitasse oferta de carne de porco em conserva. O Ministério declarou que, a situação dos transportes permitindo, comprará quantidade suplementar de carne frigorificada. O Delegado do Carnes comunica esperar a terminação das negociações pendentes para remeter o relatório.

Moniz de Aragão

\*

**OFÍCIO • 19 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] A crise balcânica.

N. 153

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 19 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Para fazer um juízo razoável sobre a declaração búlgara-turca, parece-me ser necessário afastar desde logo os comentários exagerados da propaganda alemã e as informações extremamente pessimistas da imprensa americana, para chegarmos a um meio termo e assim ser melhor encarada a situação.

2. A Bulgária, na iminência de ser invadida pelo exército alemão, quis se proteger do lado turco, prometendo à Ankara que os búlgaros não violariam a zona de segurança estabelecida pelo Estado Maior turco. Do seu lado, a Turquia se comprometia a não avançar em território búlgaro, o que significa que esses dois países trataram de evitar um conflito armado entre ambos. Isso é a essência dos esforços recentemente feitos pelo governo de Ankara para fazer reviver a Entente Balcânica.

3. Esses esforços não podiam lograr um resultado mais positivo senão com a participação da Rússia. Moscou, porém, só tem em vista evitar a todo o modo de se envolver na guerra e possivelmente aproveitou a situação para auferir proveitos e, depois que a Bulgária não concordou com a sua proposta para a conclusão de um acordo de assistência militar russo-búlgaro, o que facilitaria a absorção pelos russos da Bulgária, o governo muscovita se desinteressou da sua sorte. Esse parece ser o sentido exato do comunicado publicado, em 12 de janeiro último, pela agência “Tass”, que tornava desde logo os governos búlgaro e alemão responsáveis pelos acontecimentos que pudessem ocorrer naquela região.

4. Desde então a liberdade de ação do governo turco ficou limitada e foi obrigado, por motivos de ordem estratégica, de ajustar a sua ação à de Moscou. Pelo Tratado de Ankara de 17 de outubro de 1939, a Turquia se obrigou a ajudar a Grã-Bretanha e a França no caso em que essas duas potências fossem obrigadas a cumprir os seus compromissos para com a Romênia e a Grécia sob a condição, porém, que tal fato não a envolvesse em um conflito armado com a Rússia. Sucede que, depois da conclusão desse Tratado, a França desapareceu do Oriente e com ela se dispersou o exército do General Weygand

que devia apoiar o exército turco nos Bálcãs; a Romênia não somente renunciou à garantia britânica, mas ainda colocou-se sob o domínio alemão. Assim as condições da colaboração turca nos Bálcãs foram perturbadas pela capitulação francesa.

5. Parece, pois, que não é de todo sem fundamento a crença de alguns que a Turquia, trabalhada pela Rússia, trata de evitar de intervir no conflito, embora julgue dever não renunciar a compromissos anteriores contratadas com outras potências, tais como a Grã-Bretanha e a Grécia que lhe poderão ser úteis em determinada ocasião. Os círculos diplomáticos mais autorizados são de opinião, que, em definitiva, a Turquia não intervirá se a Alemanha atravessar a Bulgária para atacar a Grécia, caso isso seja feito com o consentimento do governo búlgaro.

6. Está claro que, assim agindo, a Turquia também trata de evitar de, por sua vez, ser atacada pela Alemanha<sup>viii</sup>, que teria dado garantias à Rússia de não molestar o governo de Ankara, prometendo respeitar o seu território, caso fique inativa diante de uma ofensiva alemã contra a Grécia através da Bulgária ou da Iugoslávia.

7. Assim a Rússia joga também uma partida arriscada, quando trata de evitar que a Turquia se envolva na guerra para eliminar o risco da Alemanha atacar principalmente a região turca dos Dardanelos, o que não exclui que mais tarde, independente de qualquer compromisso, o *fuhrer* venha, se lhe for possível, tratar de seguir sua marcha para o Oriente, em direção dos petróleos do Irã e de Iraque.

8. O governo britânico não julga com pessimismo a situação e considera que o pacto agora assinado pode facilitar a Bulgária a resistir e talvez evitar um trágico desfecho da crise reinante nos Bálcãs. De qualquer modo, a situação do exército do general Wavell na África não será afetada e apenas a ação britânica no Mediterrâneo oriental pode se tornar mais difícil no caso da Alemanha avançar sobre Salonica. Nesta hipótese não é improvável que já tenham sido tomadas medidas entre os Estados Maiores turco e britânico e há quem afirme que um corpo expedicionário britânico já estaria sendo preparado para auxiliar a Grécia em tal emergência.

7.<sup>ix</sup> Em resumo, considero a situação nessa parte do teatro da guerra bastante confusa e incerta e sei que está preocupando deveras o governo britânico.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 19 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] A situação na Irlanda.

N. 155

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 19 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Uma recente resolução do presidente de Valera, ordenando a evacuação de Dublin das mulheres e crianças para local mais protegido contra ataques aéreos, indica que os irlandeses começam a perceber que sua segurança material, para não falar da independência nacional, está ligada à própria defesa da Grã-Bretanha.

2. Na parte econômica foram obrigados, há algum tempo, a adotar um sistema de rações para o consumo de pão, do chá, do carvão, do petróleo, do aço, das madeiras, do algodão, da borracha, etc.

3. Os irlandeses compreendem, talvez um pouco tardiamente, que a guerra não faz exceção para eles, mas infelizmente os agentes inimigos continuam a circular livremente no país, que na sua posição de neutro, tal como a Bélgica, a Holanda e a Noruega, no começo das hostilidades, mantém relações diplomáticas com a Alemanha. Esses agentes tem assim toda as facilidades para espionar o país e preparar o terreno para a anunciada invasão contra a qual a aviação e a frota britânica deverão proteger a Irlanda. A imprensa diz que os irlandeses estão acordando em face do perigo e que o presidente de Valera já estaria seriamente preocupado.

4. Uma pessoa bem informada disse-me, há dias, que o senhor Wilkie, por ocasião de sua rápida visita a Dublin, teria declarado ao senhor de Valera que a opinião dos católicos irlandeses nos Estados Unidos não aprova a sua atitude em relação à Grã Bretanha e que ele desejaria ver a Irlanda encetar uma colaboração franca e útil para melhor defender as ilhas britânicas e irlandesas na luta contra o inimigo comum que é a Alemanha. Parece que o senhor Wilkie teria mesmo entregue ao senhor de Valera uma carta do presidente Roosevelt, fazendo um veemente apelo nesse sentido e que teria fortemente impressionado o governo irlandês.

5. As últimas notícias deixam prever a possibilidade de um entendimento entre Dublin e Londres no que diz respeito à defesa nacional.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 20 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] A política alemã e a América do Sul.

N. 156

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 20 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Há dias ouvi de uma alta personalidade política e militar inglesa algumas interessantes informações referentes a atual ação política da Alemanha que muito diz respeito ao nosso continente.

2. Disse-me o meu informante que, além da propaganda que o *Reich* deseja intensificar no nosso continente, como há tempos telegrafei a Vossa Excelência, para criar embaraços à nossa exportação para este país, existe o propósito de fomentar uma agitação política anti-norte americana e de caráter interno, procurando provocar greves e auxiliar os elementos, ou, pelo menos, obrigar os governos a desviar sua atenção do grave problema atual, isto é, a guerra contra os países que querem dominar o mundo pela força.

3. Acrescentou que o hitlerismo, apesar de estar envolvido na dura luta do momento, contudo não perde de vista obter primeiramente uma maior influência e depois a hegemonia sobre os povos sul americanos. Berlim, apoiando-se em suas conquistas européias e nas possibilidades de ação, em territórios africanos, que facilmente poderão ser submetidos, mais ou menos diretamente, vai preparando e organizando o modo de mais se aproximar do Atlântico Sul.

4. Assim acaba de ser divulgado que uma importante missão alemã, composta de cinquenta membros, figurado entre eles oficiais graduados do Estado Maior, chegou a

Agadir, com o fim de fazer trabalhos de exploração mineral em Turoudan. Esse pretexto, como observou o meu informante, serve para mascarar os verdadeiros objetivos dessa missão alemã em toda a costa ocidental africana, que seriam pesquisas para o descobrimento de supostas riquezas minerais. Afirmam os indígenas que nos vales dos rios Sus, Nun e Draa existem fabulosas riquezas que os franceses e espanhóis, que ocupam esses territórios, não se acham em condições de explorar e por isso os alemães aproveitariam a atual situação, com promessas de grandes vantagens a Vichy e Madrid.

5. Essa tática de penetração nazi já é muito conhecida e devemos recordar que Agadir constituiu sempre um dos centros de atividade preferidas pelos agentes alemães desde os tempos do Imperador Guilherme. Há anos passados, quando os Espanhóis ocupavam a região de Ifni, encontraram os chefes cabillas Aiteljons inteiramente sob as ordens da propaganda germanófila.

6. O famoso Sultão Azul nunca foi senão um agente alemão e se tornou célebre por uma entrevista publicada na imprensa espanhola pouco antes da guerra civil, quando um personagem ilustre proclamou abertamente existirem ligações das tribos vizinhas do Saara com a Alemanha, que então auxiliava a revolta dos muçulmanos contra a França. Os agentes germânicos tentavam utilizar a ocupação alemã de Ifni para formar um centro de influência sobre os cabilas daquela zona e então enviaram expedições de propaganda para fomentar agitações, disfarçados em comissões de investigações das ricas regiões minéreas ali existentes, mas o general espanhol Capaz, que era o governador daquele território, impediu que desenvolvessem suas atividades com patriótica dignidade, afastando os espanhóis das manobra alemãs na costa ocidental da África.

7. Os alemães continuaram afirmando que Ifni contém formidáveis reservas de ouro, mas jamais foi ali encontrado pelos espanhóis qualquer indício desse fato. Realmente o que buscavam os alemães é exatamente o que tratam de obter hoje, isto é, pontos estratégicos de apoio que possam servir para que sua aviação consiga alcançar o Atlântico Sul em qualquer oportunidade com o volume de tráfego que for necessário. Pretendem assim ter nas suas mãos o domínio da rota Europa-América, pelo sul, com a grande extensão imperial do futuro que favoreceria a qualquer intento de hegemonia mundial extensivo às Américas, auxiliado pelos processos da aviação. Essa rota do futuro estava controlada pela França e pela Espanha, que ocupam toda a costa ocidental da África desde o Estreito de Gibraltar até Dakar.

8. Os alemães querem, a todo custo, apoderar-se dos pontos estratégicos onde instalem aeródromos para servir de base para o caminho de penetração no Atlântico Sul.

Essa seria a verdadeira razão da missão nazista, assim como das outras que presentemente atuam por conta de Berlim na costa ocidental da África, buscando supostas riquezas.

9. A atitude patriótica do Império Francês livre fez fracassar em grande parte o objetivo alemão, não podendo apoderar-se, como queria, das possessões francesas na África e não seria estranho que nas recentes entrevistas entre o marechal Petain e general Franco esse assunto tinha sido abordado, considerando a sua grande importância.

10. Tudo isso revela eloquentemente que a Alemanha não perde de vista a política de influência que quer exercer sobre os povos ibero-americanos, procurando, desde logo assegurar-se do controle das comunicações diretas entre a Europa e as repúblicas sul americanas, buscando estender o seu domínio ao longo da costa da África desde o Marrocos espanhol até o Marrocos francês, passando por Ifni, o Saara e o Rio do Ouro até Dakar, ponto essencialmente cobiçado por Hitler para um dia próximo manter a América do Sul ao alcance dos seus aviões.

11. Considerando a importância dessas informações e ainda mais a sua origem digna de toda a fé, julguei do meu dever levá-las, sem demora, ao conhecimento de Vossa Excelência para os fins convenientes.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 20 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Comitê britânico

N. 160

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 20 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Tendo sabido que o governo britânico havia organizado um comitê para estudar o problema do excedente da produção mundial de matérias primas e gêneros alimentícios, criado pelo bloqueio de quase todo o continente europeu pela marinha deste país, achei

que seria conveniente para os nossos interesses econômicos que esta embaixada entrasse, sem demora, em contato com o mesmo.

2. Dirigi-me, assim, a *Sir Frederick Leith Ross*, incumbido da direção desse comitê, pedindo-lhe que recebesse o primeiro secretário J. de Alencar, encarregado dos serviços comerciais desta missão, no que fui prontamente atendido.

3. Junto, Vossa Excelência encontrará um relatório preparado por esse funcionário, sobre a conversação que teve com o referido presidente do comitê.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

[*anexo*]:

*Sir Frederick Leith Ross*, K.C.B., G.C.M.G., está à testa de um comitê designado pelo governo britânico para estudar o problema do excedente da produção mundial de matérias primas e gêneros alimentícios, problema esse que se tornou mais grave em consequência do bloqueio da maior parte da Europa, exercido pelas forças navais britânicas.

2. A imprensa de Londres, como também certas revistas de caráter econômico, tem se referido de quando em vez a esses problemas e as atividades do referido comitê, que são de evidente interesse para o Brasil.

3. *Sir Frederick Leith Ross*, na entrevista que me concedeu, atendendo a um pedido formulado por Sua Excelência o senhor embaixador Moniz de Aragão, começou por declarar que as recomendações eventualmente feitas pelo comitê tinham que ser submetidas ao governo britânico, antes de poderem dar ensejo a qualquer ação. Acrescentando que o ponto de vista dos Estados Unidos era da maior importância nesses problemas, confirmou as notícias divulgadas pelos jornais financeiros do mesmo dia, isto é, que o governo britânico havia submetido ao dos Estados Unidos sugestões destinadas a assegurar uma cooperação econômica mais íntima.

4. *Sir Frederick Leith Ross* passou, em seguida, a enumerar vários dos produtos de que o Brasil tem um excedente exportável, mencionando em primeiro lugar o café e depois o algodão e o cacau, dizendo que este último produto seria provavelmente considerado dentro em breve.

5. Em qualquer acordo, disse *Sir Frederick*, será necessário ter em vista três pontos principais: o primeiro - a necessidade de regular o consumo normal de um dado produto



nos respectivos mercados; segundo- as medidas para lidar com o excedente não consumível; terceiro- os planos relativos à futura produção do gênero em questão.

6. Salientando claramente que minhas perguntas eram ditadas apenas pelo desejo de obter informações de possível interesse para o Brasil e não ter a respeito do assunto quaisquer instruções, pedi que me dissesse como encarava o comitê a questão do auxílio financeiro aos países que nas presentes circunstâncias não se achavam em posição de vender parte de sua produção. Havia o comitê cogitado da compra de tais excedentes, deixando-os eventualmente armazenados nos países produtores, com o fim de constituir estoques para utilização futura e, nessa hipótese, de que maneira seria feito o financiamento desses estoques? Nada pode responder o presidente do comitê, deixando entrever, contudo, que a solução dessa questão dependia sobretudo da atitude dos Estados Unidos.

7. O senhor Cairns, secretário da Conferência Internacional de Carne, que faz parte do comitê, perguntou-me como - assegurada ao Brasil uma participação justa nos mercados- encararíamos uma limitação da produção de algodão. O problema algodoeiro, disse, era o que mais inquietava os Estados Unidos, os quais, afirmou, envidarão todos os esforços para resolvê-lo de um modo favorável à sua posição de maior produtor mundial. Respondi que não tinha informação alguma sobre o ponto de vista brasileiro, no concernente a esse assunto. Poderia apenas expor meu ponto de vista pessoal. Pedi *Sir Frederick* que dissesse o que pensava a respeito. Disse então parecer-me que, relativamente ao algodão, se devia tomar em consideração, em primeiro lugar, que o Brasil era um produtor natural dessa fibra, que já fora um dos maiores produtores mundiais e que agora estava novamente firmando essa posição. Acrescia que, com o aumento da sua população e a melhora do padrão de vida, o consumo da nossa indústria têxtil para cobrir as necessidades domésticas estava crescendo. Por outro lado, a nossa situação geográfica na América do Sul, dado o fato do desenvolvimento da indústria têxtil brasileira e de ser o Brasil produtor da respectiva matéria prima, indicava necessariamente que o Brasil estava chamado a suprir certos países sul americanos com artefatos de algodão. Isto, aliás, se estava verificando em escala crescente. Assim, seria indispensável ter em mente não só o consumo interno atual, mas ainda o futuro. No que diz respeito à colocação do excedente exportável da nossa produção, parecia-me que, antes de que fosse possível abordar a questão de uma limitação da produção no Brasil e em outros países, seria indispensável examinar certos problemas, como o do fomento, em diversos países, de culturas que nos mesmos antes não existiam ou apenas vegetavam sem se desenvolver.

O Brasil, por exemplo, mesmo antes da guerra, havia visto vários mercados, que antes abastecia com certos produtos seus, desaparecem ou minguarem em consequência do desenvolvimento nos mesmos de uma produção doméstica desses produtos. Bem perto de nós, a República Argentina, cuja economia repousava sobre alicerces fortes constituídos pelo trigo, milho, carne, linhaça, etc., havia encorajado no seu território o cultivo de vários produtos que na sua estrutura econômica só podiam ser considerados secundários, como o mate, o açúcar e mesmo o algodão. O mercado argentino para esses artigos que produzíamos havia diminuído ou desaparecido. Era de ver, a esse propósito, que a balança comercial entre o nosso país e a República do Prata havia, ano após ano, sido muitíssimo favorável à nossa vizinha. Considerando que o café brasileiro, ainda nosso principal produto, já antes da guerra sofria uma concorrência aguda e desde muitos anos mais constituía para a economia brasileira o esteio que antes fora, o comércio internacional de algodão era para o Brasil da maior importância. Essa era uma impressão pessoal do assunto, manifestada apenas para atender ao pedido de *Sir* Frederick Leith Ross e do senhor Cairns, e certamente era muito falha. Uma questão desse alcance importava necessariamente em longo e aprofundado estudo dos dados estatísticos da produção mundial da fibra e das repercussões de uma limitação sobre a economia geral do país.

8. *Sir* Frederick Leith Ross disse-me que procuraria, tanto quanto possível, manter-me ao corrente do trabalho do comitê. Antes de me despedir, perguntei se havia lido os artigos publicados no "*Financial Times*" e "*Financial News*" do dia, sobre o problema que seu comitê estava estudando e, tendo resposta negativa, lhe mostrei os recortes respectivos, o que agradeceu.

9. Os artigos aludidos noticiam o que *Sir* Frederick já havia confirmado, isto é, que este governo sugeriu ao de Washington uma cooperação mais íntima em assuntos econômicos. Essas sugestões se ligam principalmente às questões conexas das falhas existentes no bloqueio econômico da Europa e da utilização do excedente mundial de certos produtos primários. A reação do governo americano, dizem os referidos jornais, parece ter sido de modo a permitir a esperança de que um acordo seja concluído num futuro relativamente próximo. Os dois problemas são ligados, pois, se a exportação de mercadorias norte-americanas úteis à Alemanha pode ser impedida com relativa facilidade pelo governo de Washington, por outro lado é compreensível que:

"... the Latin American countries can hardly agree to take similar drastic measures unless they can be assured that

every possible step is being taken to assist this area to deal with commodity surpluses which have arisen as a result of the European blockade".

10. O "*Financial News*", depois de referir-se aos planos formulados pelos Estados Unidos antes da Conferência Pan-americana de julho último, para a formação de um bloco econômico interamericano, e à modificação havida na atitude dos Estados Unidos, relativamente aos problemas econômicos, em consequência da continuação da resistência da Grã-Bretanha à Alemanha, declarou:

"... In short, the British Empire will now join fully in the plans for developing and assisting the Latin-American Republics".

11. Ambos os jornais referem-se à necessidade de regular o consumo normal de cada mercado, às medidas para a utilização do excedente não consumível e aos planos relativos à futura produção de artigos primários, opinando que o acordo cafeeiro, concluído entre os países produtores desse artigo e os Estados Unidos, apenas aborda a primeira das três questões mencionadas.

[assinatura]

Primeiro Secretário da Embaixada.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

TELEGRAMA • 19 FEV 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice*:]. Material bélico.

Da Embaixada em Londres

89 – SEXTA FEIRA – 19 de fevereiro de 1941 – 18hs.00 - Aditamento ao telegrama de Vossa Excelência nº46 . O Ministério do Bloqueio agradeceria conhecer os pormenores sobre a patente, inclusive o número de canhões e máquinas, afim de responder sem demora. Caso Vossa Excelência concorde talvez seja útil a Legação suíça aqui apoiar esse pedido.

Moniz de Aragão

\*

OFÍCIO • 22 FEV 1941 • AHI 28-2-1

[Índice:] A situação política internacional.

N. 163

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 22 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

A declaração do senhor Butler, sub-secretário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, feita ontem na Câmara dos Comuns, sobre a oferta japonesa de mediação na atual guerra, não surpreendeu os observadores da situação internacional que conhecem de sobra os métodos da política nazista.

2. Segundo essa declaração o Japão teria afirmado no dia 18 do corrente, pela palavra do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, desejar "ardentemente" manter a paz e que "estaria pronto a servir de mediador não somente no Extremo Oriente mas também em qualquer parte do mundo".

3. No dia imediato o mesmo ministro definia a posição do governo de Tóquio acrescentando que sua oferta era igualmente válida para os Estados Unidos, mas que o Japão não interviria jamais senão a pedido das potências interessadas.

4. Encarecendo essas declarações oficiais, a imprensa japonesa deixou claramente perceber que se uma conferência da paz se reunisse, todas as potências convidadas poderiam apresentar suas reivindicações e protestos.

5. Tudo leva a crer que essa nova ofensiva de paz, apesar das negativas de Berlim, foi inspirada pelo governo alemão e uma ação dessa natureza não ficaria limitada ao Japão pois há indícios que o general Franco, a pedido do Duce, teria sido convidado a agir no mesmo sentido para propor um acordo que visaria cessar as hostilidades no mar latino e permitiria a consolidação de uma vasta zona de paz. Esse assunto teria sido tratado também durante o recente encontro entre o caudilho espanhol e o marechal Petain, mas ambos julgaram não dever se imiscuir em tão delicada matéria.

6. Na outra extremidade do Mediterrâneo a propaganda alemã afirma, desde algumas semanas, que o *fuehrer* não visa senão garantir a paz nos Bálcãs e que no interesse geral a Grécia deveria pelo seu intermédio e sob seus auspícios entrar em negociações com a

Itália. Esses são os principais temas que tem sido constantemente repetidos em Atenas, em Ankara pelos representantes mais autorizados dos nazis e foram também os pontos essenciais das conversas do próprio *fuehrer* com os ministros iugoslavos em Berchtesgarden.

7. Estamos pois em face de uma nova ofensiva de paz em grande estilo que tem, entre outros fins, o de fortificar nos Estados Unidos o movimento pacifista e de criar obstáculos à grande corrente de solidariedade que está levando os americanos cada vez mais a ajudar a Grã-Bretanha. Essa manobra é certamente, de um lado, um sinal de fraqueza como foi a ofensiva de paz de 1917 a qual recorda em forma evidente.

8. É também e principalmente uma astúcia de guerra inteiramente nos moldes do Terceiro Reich tal como os métodos que levaram os países aliados à Conferência de Munique em 1938 e como a oferta feita ao embaixador britânico em Berlim em agosto de 1939; as propostas dos soberanos belga e holandês e as tentativas dos monarcas escandinavos em fevereiro de 1940 antes da agressão contra a Noruega, Países Baixos e Bélgica.

9. Enquanto se prepara a ofensiva de paz os japoneses reúnem suas forças na ilha de Hainan e concentram sua esquadra no Mar da China e os alemães ativam os preparativos de invasão da Bulgária visando uma agressão à Grécia para ajudar a Itália e seguir sua marcha para o Oriente.

10. Não devemos esquecer que a nova Tríplice está contaminada pelo germe de uma conflagração universal e que Hitler não hesitará em precipitar o Japão em um conflito se julgar que uma tal calamidade poderá paralisar o esforço americano e quebrar a resistência britânica.

11. Paz ou guerra nenhuma dessas duas manobras não surpreenderão, a meu ver, o Império Britânico nem os Estados Unidos e assim no mesmo dia em que o governo japonês lança sua ofensiva de paz o presidente Roosevelt interditava a passagem e qualquer uso, não autorizado, das bases navais e aéreas no Pacífico Ocidental e um exército australiano desembarcava em Singapura.

12. A Grã-Bretanha está resolvida a continuar a luta até o fim e as informações aqui recebidas induzem a crer que a reação nos Estados Unidos decorrente da atitude japonesa foi contrária aos fins visados pelo eixo.

13. Em telegrama de hoje dei conta a Vossa Excelência resumidamente destes importantes assuntos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 23 FEV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]. Guerra na Europa. Situação no Extremo Oriente e nos Bálcãs.

Da Embaixada em Londres  
Em 23 de fevereiro de 1941.

90 – SÁBADO – 14hs.00 - A questão do Extremo-Oriente ocupa presentemente o primeiro lugar nas preocupações. A Grã-Bretanha, além de reforçar as guarnições de Cingapura, também o fez com outras bases do sul no Oceano Pacífico. Este país, de acordo com os Estados Unidos da América, está resolvido a defender energeticamente suas possessões e seus direitos, onde estejam ameaçados, enfrentando resolutamente qualquer perigo, tratando de evitar, de todos os modos, a extensão da guerra ao Oceano Pacífico. A notícia relativa à proposta japonesa de mediação, seja no Extremo-Oriente ou em qualquer parte do mundo, provocou a declaração do sub-Secretário dos Negócios Estrangeiros na Câmara dos Comuns de que o governo britânico tinha recebido uma mensagem de Tóquio nesse sentido, limitando-se a acrescentar que o assunto receberá a devida atenção. É sabido que essa resposta em nada compromete o governo britânico, devendo ser considerada como simples cortesia. Quaisquer que sejam as origens de iniciativas desse gênero, o governo britânico não está disposto a enfraquecer sua atenção como exame de propostas de paz contrárias aos interesses do país e antes da rendição do inimigo e eliminação total dos regimes nazista e fascista. Um porta-voz do "*Foreign Office*" disse que referida proposta, elaborada em termos evasivos, sem bases sólidas, constitui um balão de ensaio, acolhido glacialmente em Washington, e parece também que desagradou Berlim, embora aqui todos estejam convencidos de que Hitler estava ao corrente do assunto e de que talvez mesmo tenha sido inspirador. A comunicação

japonesa foi entregue pelo embaixador aqui, segunda feira última, e não será publicada enquanto a resposta britânica não chegar ao Japão. Parece que o Japão e a Alemanha teriam decidido que uma ação conjunta deveria ter sido efetivada na semana passada, com um ataque japonês no Extremo-Oriente coincidindo com a ofensiva alemã na frente europeia. Motivo imprevisto, tal como e principalmente a atitude enérgica anglo-americana, em face do Japão, perturbara o plano, determinando a ofensiva de paz para distrair a atenção mundial e permitir a Hitler, entretanto, preparar a situação para nova ação militar na primavera e atirar sobre a Inglaterra a responsabilidade pelo prosseguimento da guerra. O "*Foreign Office*" acha que, se o Japão deseja sinceramente a paz, deve começar cessando as hostilidades contra a China. A situação nos Bálcãs continua grave, havendo o propósito de envio imediato de um corpo expedicionário britânico de 200.000 homens, provavelmente para a Salonica afim de defender a Grécia se for atacada pelos alemães. As notícias da campanha britânica na África são extremamente satisfatórias. Os ataques aéreos do inimigo sobre Londres, conquanto atenuados e postergados, continuam fazendo vítimas entre a população civil. Moniz de Aragão

\*

**OFÍCIO • 24 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[*Índice:*] A próxima ofensiva alemã.

N. 165

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 24 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Todos os esforços da propaganda alemã e italiana visam dar a impressão de estarmos vésperas de uma grande ofensiva alemã que seria encetada sobre diversas frentes simultaneamente e pelos meios os mais formidáveis não sendo excluída a hipótese do emprego de gases contra a população da Grã-Bretanha.

2. As irradiações alemã, americana, italiana, húngara, espanhola, etc., tem divulgado sensacionais notícias a esse respeito. Os planos atribuídos a Hitler e a sua pretendida ação fulminante contra este país, no Mediterrâneo, no Bálcãs, no Pacífico, na África e até no Extremo Oriente tem sido descritos com uma riqueza incalculável de detalhes.

3. Nos Bálcãs a ocupação da Bulgária parece já ter começado, o que já teria dado lugar em Belgrado e em Sofia a uma viva agitação. Na capital búlgara as manifestações anti-germânicas são atribuídas a "desordens de caráter comunista".
4. Dois desmentidos devem ser salientados um de Moscou buscando salvar sua responsabilidade negando qualquer participação na assinatura do acordo turco-búlgaro e o de Berlim e Roma protestando contra notícia de oferta de mediação no conflito ítalo-grego.
5. Os alemães buscam novamente criar confusão e pânico nos Bálcãs noticiando um desembarque de tropas britânicas em Lemos e em Salonica.
6. Belgrado continua silenciosa sobre os resultados das entrevistas de Berchtesgarden, mas anuncia a viagem do ministro dos Negócios Estrangeiros, senhor Marcovitch, a Budapeste onde, segundo os telegramas de hoje, teria chegado a ordem de Berlim de dissolução do exército húngaro. Evidentemente as posições da Hungria e da Iugoslávia são tratadas simultaneamente pelo Reich.
7. Na extremidade sudoeste do continente europeu a Alemanha envia amavelmente uma coluna motorizada do seu exército a título de socorro, para ajudar os trabalhos de desobstrução das ruas de Santander. Alguns aqui chegam a supor que se trata de um pequeno cavalo de Tróia que assim penetra na Espanha.
8. A Grã-Bretanha, entretanto, coloca minas em toda a extensão do Mediterrâneo central.
9. No Extremo Oriente a ofensiva de paz japonesa fracassou. O ministro Matsuoka deu a esse propósito explicações julgadas aqui como deveras infelizes dizendo ter sido mal interpretado o seu pensamento, pois só tinha em vista uma mediação japonesa no conflito franco-siamês. Entretanto na declaração que o embaixador japonês fez ao Foreign Office, estava claramente indicado que o Japão oferecia a sua mediação para a solução de "qualquer conflito em qualquer parte do mundo".
10. As reações de Berlim e Roma foram diferentes. Os italianos a princípio se regozijaram com a notícia enquanto os alemães afetaram um grande desinteresse e de superioridade quando é sabido que o balão de ensaio foi preparado na capital alemã.
11. Enquanto isso os governos do eixo, pela voz dos seus embaixadores em Roma e Berlim, fazem declarações públicas reafirmando a fidelidade do Japão à Tríplice e designando a Grã-Bretanha como o inimigo comum cuja derrota noticiaram para um futuro próximo.



12. Essa agitação é aqui interpretada como um prelúdio ao esforço que vai ser tentado pela Alemanha uma vez que não pode contar com a eficiência das armas italianas e que, quanto ao Japão a sua ação seria cheia de perigos.

13. Devemos, pois, prever para as próximas semanas um desenvolvimento da situação militar alemã comportando uma intensa campanha submarina cooperando com a aviação para provocar um bloqueio contra a Grã-Bretanha. Essa ação seria combinada com ataques maciços da aviação inimiga contra centros industriais de armamentos deste país e bem assim para destruir as comunicações internas e perturbar a sua vida econômica e comercial. Os alemães buscariam igualmente uma solução do problema Mediterrâneo para permitir que melhor possam desfechar um golpe direto contra as ilhas britânicas.

14. Aqui todos se mantêm confiantes e direi mesmo os centros militares desejariam que fosse lançada a tentativa de invasão certo como estão que o exército e a aviação britânica saberá cumprir o seu dever auxiliados pelo patriotismo e pela coragem dos seus compatriotas que hoje são todos, por assim dizer, soldados de primeira ordem, otimamente preparados para repelir o invasor.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 25 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Laranjas. Importação na Grã-Bretanha.

N. 167

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 11 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento aos meus ofícios anteriores, a respeito da situação da laranja brasileira neste mercado, tenho a honra de informar a Vossa Excelência que o Foreign

Office, referindo-se à conversação que tive com o ministro da Alimentação, sobre o assunto, em 19 de abril do ano passado, comunicou-me, por nota de 24 do corrente, não ser provável, em virtude da falta de praça refrigerada, que importações da nossa fruta, no Reino Unido, possam ser feitas durante a próxima estação.

2. O referido departamento, que declarou haver o governo britânico chegado a essa conclusão, prejudicial para o Brasil, com o máximo pesar, acrescentou, porém sem garantir, que algumas pequenas quantidades serão possivelmente embarcadas, entre abril e julho do corrente ano.

3. Junto, Vossa Excelência encontrará copias da referida nota e minha resposta, assim como de uma carta dirigida pelos Serviços Comerciais desta embaixada ao Ministério da Alimentação, relativamente à matéria, no dia 9 deste mês.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 25 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Os discursos do fűehrer e do duce

N. 168

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 11 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

O[s] dois ditadores apenas com vinte e quatro horas de intervalo um do outro proferiram grandes discursos inteiramente nos moldes de seus regimes.

2. Desta vez, porém, o mundo não se emocionou pois o tempo das ameaças e das intimidações já passou e de resto um dos dois, Mussolini, pode ser considerado como praticamente batido, com o seu exército e a sua esquadra derrotada pelos britânicos e gregos.

3. No dia 18 de novembro, três semanas antes do início da campanha do Grécia e da ofensiva do general Wavell, o duce se gabava de dominar o Mediterrâneo e anunciava o ajuste de contas com a Grécia mantendo todas as suas reivindicações – Córsega, Nice, Tunísia e Malta.

4. Desta vez ele reconhece que a Itália não estava pronta e acusa a “história” que lhe “apertou o pescoço” e trata de pedir perdão ao seu povo, confessando praticamente que o enganou quando afirmava a força invencível dos oito milhões de baionetas italianas.

5. Ele oferece ao povo italiano, emocionado pela derrota, exasperado pelas restrições alimentares, pelas privações de todas as classes, pelos bombardeios da aviação e da esquadra britânica, indignado pelo número crescente de alemães na península, como promessa confortadora a perspectiva de uma longa guerra que segundo ele será ganha graças à força alemã.

6. É a confissão mais flagrante das responsabilidades dos erros praticadas que jamais foi proferida por qualquer chefe de governo.

7. Mussolini não pode mais ser considerado pelo fueher como seu parceiro que já deve considerar a Itália como um país protegido necessitado do prestígio e da força alemã.

8. Hitler se utilizará da Itália por todos os modos obrigando seus habitantes e trabalharem para o Reich e no seu discurso de Munich fingiu estender [sic] sua mão a Mussolini com benevolência prometendo socorrê-lo.

9. A maior parte da alucução [sic] do fueher é dedicada a justificar a sua política no passado e a glorificar o presente.

10. Pela primeira vez ele aludiu aos boatos de revolução na Alemanha para repeli-los com desprezo. Saúda a chegada da primavera anunciando uma vez mais a guerra submarina sem limite e desafia a Grã-Bretanha de desembarcar tropas no continente.

11. A leitura atanta [sic] desse discurso permite verificar que jamais o fueher demonstrou tanta indecisão [sic], nervosismo e inquietação. No entanto o duce colocou o seu destino nas suas mãos que não parece mais tão seguro da vitória final.

12. Esses dois discursos refletem, a meu ver, a perturbação profunda que as vitórias britânicas trouxeram aos cálculos e planos de Roma e Berlim.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 25 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[*Índice*] Controle da exportação britânica para o Brasil

RESERVADO

N. 174

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 25 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Em carta datada de 18 do corrente, anexa por cópia, o Foreign Office me comunicou que, por Ordem a ser expedida no dia seguinte, seria estendido ao Brasil o controle das exportações instituído em novembro último para uma série de países. Disse o Foreign Office que o embaixador britânico no Rio de Janeiro tivera instruções de informar o governo brasileiro da expedição dessa ordem e explicar ao mesmo as circunstâncias que haviam levado o governo britânico a tomar tal decisão.

2. Segundo o comunicado à imprensa, que veio apenso à carta do Foreign Office, as autoridades britânicas incluíram o Brasil – como também o Chile, o Peru e a Colômbia – entre os países para os quais as exportações só podiam ser feitas mediante licença prévia do *Board of Trade*, obedecendo à necessidade do conseguir o maior benefício possível pra o Reino Unido das suas exportações e também com objetivo de manter o volume das exportações britânicas para esses países dentre dos seus recursos em libras esterlinas.

3. Com o intuito de obter maiores esclarecimentos sobre o assunto o secretario J. de Alencar visitou o *Board of Trade*. No relatório anexo encontram-se as informações colhidas pelo dito funcionário para as quais tomo a vênua de chamar a atenção de Vossa Excelência.

4. Foi-nos dito que, se o Reino Unido havia realizado importantes compras no Brasil, afluindo destarte grande soma de esterlino para a conta especial do Banco do Brasil no Banco da Inglaterra, por outro lado muito haviam aumentado as exportações inglesas ao nosso país, de modo que o *Board of Trade* estava prevendo o desequilíbrio da balança de pagamentos e a falta de esterlino no Brasil. Se isto podia ser remediado comprando maior

quantidade de produtos brasileiros, tal solução não era sempre possível pois a Grã-Bretanha, nas circunstâncias atuais, devia limitar as suas compras aos artigos indispensáveis para o prosseguimento da guerra e à sua existência. A falta de transporte, por sua vez, também limitava as compras possíveis. Não existia, contudo, intuito algum de diminuir as importações de produtos do Brasil.

5. Se as afirmações do *Board of Trade* são até certo ponto tranquilizadoras, não resta dúvida, entretanto, que a faculdade de poder controlar as exportações proporciona às autoridades britânicas uma arma valiosa nas suas negociações comerciais.

6. Pelas conversações com o *Board of Trade* soubemos da decretação pelo governo brasileiro, em 10 do corrente, do controle da exportação de numerosos produtos. Esta informação foi recebida pelo Foreign Office da embaixada britânica no Rio de Janeiro há mais de duas semanas, tendo já mesmo sido publicada no número de 20 do corrente do *Board of Trade Journal*, órgão oficial daquele departamento. Certas revistas entram em circulação atualmente com bastante atraso e não tínhamos ainda recebido esse número no dia da entrevista com o *Board of Trade*. Este se mostrou muito interessado por saber maiores detalhes sobre a medida tomada pelo nosso governo. Conforme tive a honra de dizer a Vossa Excelência no meu telegrama, sobre assunto do controle da exportação britânica, muito agradeceria que futuramente esta embaixada seja mantida telegraficamente ao corrente de todos os atos do governo brasileiro que afetem o nosso comércio exterior, pois o correio aéreo demora atualmente um mês para aqui chegar.

7. O *Board of Trade* também proporcionou outras informações de grande interesse para a nossa orientação, dizendo-nos que as autoridades britânicas haviam adiantado a importância de £500.000 ao Brasil para a compra de algodão, informação essa cuja confirmação agradeceria a Vossa Excelência, referindo-se ainda a outras negociações de caráter comercial. Afirmou, aliás, que o incidente do *Siqueira Campos* adiou certas propostas de compra de produtos brasileiros que a embaixada britânica no Rio de Janeiro tivera instruções de fazer ao nosso governo em fins do ano passado.

8. O aludido departamento evidenciou também grande interesse pela situação dos congelados em mil-réis de propriedade britânica, proveniente de juros e outros pagamentos, creditados no Banco do Brasil. Esses congelados, cujo valor fora aqui estimado em princípio do ano em £2.000.000, deviam, disse o *Board of Trade*, ser liquidados paulatinamente, mas essa liquidação havia prosseguido muito lentamente.

9. Pelo que acima ficou exposto renovo a Vossa Excelência o pedido de sempre trazer esta embaixada ao correto do que aí for feito em relação ao nosso comércio em

geral afetando principalmente este país e também sempre informada esta repartição sobre as ideias e projetos que eventualmente o nosso governo tenha a respeito deste assunto, para que possamos agir de modo eficiente auxiliando mesmo qualquer negociação que por ventura Vossa Excelência julgue dever entabular com a embaixada britânica.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

TELEGRAMA • 26 FEV 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:]. Comércio Brasil-Grã-Bretanha. Controle da exportações.

Da Embaixada em Londres

97 – QUARTA FEIRA – Em 26 de fevereiro de 1941 – 13hs. - O "*Foreign Office*" passou nota, comunicando haver o embaixador inglês aí informado Vossa Excelência de extensão do Brasil das medidas de controle da exportação, explicando as circunstâncias que levaram esse governo a tomar tal decisão. Solicitamos maiores informações do "*Board of Trade*", que afirmou que a medida visava impedir o desequilíbrio da balança de pagamentos entre ambos os países e que este governo havia procedido de modo semelhante com outras nações onde a situação comercial indicava possível falta de esterlinas, não tendo absolutamente a intenção de diminuir as compras no Brasil por motivo do controle de exportação. Na mesma ocasião soubemos que o governo havia decretado em 10 do corrente o controle da exportação de numerosos artigos, informação essa recebida por este governo telegraficamente e já publicada no número que acaba de sair do jornal oficial do "*Board of Trade*". Esse departamento está interessado em informações detalhadas sobre o assunto. A esse propósito, muito agradeceria a Vossa Excelência providenciar afim de que esta embaixada seja mantida ao corrente de todas as

medidas que afetam o comércio exterior do Brasil, especialmente com este país, por via telegráfica, visto demorar o correio aéreo um mês. Colhemos também no "*Board of Trade*" outras informações de interesse para nossa orientação sobre as negociações de caráter comercial feitas aí entre a embaixada inglesa e o nosso governo. O "*Board of Trade*" está interessado em conhecer a situação dos créditos em mil réis congelados, provenientes dos juros das empresas inglesas, cuja liquidação paulatina foi prometida no começo do ano passado e que aqui julgam est[ar] feita lentamente. Agradeceria a remessa urgente de nova tarifa aduaneira que, estou informado, acaba de entrar em vigor.

Moniz de Aragão

\*

TELEGRAMA • 26 FEV 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*]. Exportação de laranjas brasileiras para a Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres  
Em 26 de fevereiro de 1941.

52 – QUARTA FEIRA – 13hs.15 - Este governo, em nota de 24 de fevereiro, lamenta muito, devido à falta de vapores munidos de câmaras frigoríficas, ser improvável a importação de laranjas do Brasil durante a estação vindoura. Acrescenta, sem contudo garantir, que poderá, provavelmente, importar do Brasil quantidade muito pequena entre abril e junho. Respondi salientando a importância para o Brasil da indústria cítrica e solicitando reservar praça sempre que possível. A cópia da correspondência trocada segue pelo correio aéreo.

Moniz de Aragão

\*

OFÍCIO • 27FEV 1941 • AHI 28-2-1

[*Índice:*] Algodão. Política do governo britânico sobre as indústrias desse produto.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 11 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

O capitão Oliver Lyttelton, presidente do Board of Trade, respondendo a várias perguntas que lhe foram dirigidas, sobre a indústria do algodão neste país, e especialmente sobre as exportações, em vista das restrições recentemente anunciadas, declarou ontem na Câmara dos Comuns que ainda não podia fazer uma exposição geral da política do governo, mas que tinha esperanças de realizar isso em um futuro próximo.

2. As causas dessas restrições, disse ele, foram as seguintes: a necessidade de mão de obra para as indústrias de guerra, as dificuldades de transporte, a premência de instalações industriais e a falta de armazéns. Esses fatores reunidos criaram uma situação difícil, que todas as indústrias, não somente a têxtil, terão de encarar. O objetivo do governo é utilizar as fábricas, a mão de obra e as matérias primas, que estiverem disponíveis, do modo mais eficiente possível. As exportações tem de ser orientadas cuidadosamente, afim de que preencham as necessidades da Grã-Bretanha, mantenham as suas conexões para depois da guerra e forneçam ao país a moeda estrangeira de que precisa. Algumas das exportações, deve ser lembrado, vão para os Domínios onde circula o esterlino e, se eles puderem passar sem alguns dos produtos britânicos que estão acostumados a receber, isso será um grande auxílio à Grã-Bretanha, no seu esforço para vencer a guerra, pois permitirá que essas mercadorias sejam enviadas para mercados de moeda forte.

3. A respeito da mão de obra, o capitão Lyttelton disse ainda que o governo, sabendo que na indústria de algodão de Lancashire estão empregadas muitas mulheres casadas, fará possível para que sejam transferidas para as indústrias de guerra, em primeiro lugar, os homens solteiros. Essas mulheres serão, tanto quanto possível, aproveitadas em fábricas de munições ou armamentos que se encontrem nas proximidades das regiões em que residem, afim de evitar os problemas de reinstalação das mesmas, transportes, etc. Não podia ainda dizer quantos operários ficariam disponíveis para outro trabalho em consequência da limitação da produção das indústrias têxteis.

4. É de especial interesse notar a sugestão feita pelo presidente do Board of Trade de diminuir as exportações para o Império britânico, evidentemente ditada pela necessidade em que se encontra o Reino Unido de desviar maior quantidade de mercadorias para os países de moeda ligada ao dólar. Essa sugestão tem relação com as medidas tomadas em



19 do corrente, para estender [sic] ao Brasil, Chile, Colômbia e Peru, o controle da exportação (ofícios reservado nº 174, de ontem). As autoridades britânicas encontrarão possivelmente alguma dificuldade em realizar esse objetivo, pois os Domínios, se não puderem abastecer-se de mercadorias neste país para compensar as suas grandes exportações ao mesmo, enfrentarão forçosamente a formação de congelados, criando-se assim novos problemas de difícil solução.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 27 FEV 1941 • AHI 28-2-1**

[Índice:] Relatório anual do Conselho de Portadores de Títulos Estrangeiros. Editoriais do "*Financial News*" e "*Financial Times*".

N. 177

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 11 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento a ofícios anteriores, sobre a tentativa de mediação japonesa, devo informar que hoje, durante um almoço que ofereci nesta embaixada ao Senhor Butler, subsecretário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o qual, na ausência do ministro Eden, dirige de fato a política internacional da Grã-Bretanha, ouvi deste certos detalhes extremamente interessantes e que passo a expor

2. Assim a resposta do senhor Churchill ao senhor Matsuoka, dada por intermédio do senhor Butler, na Câmara dos Comuns, e a declaração feita no mesmo dia pelo senhor Roosevelt, liquidaram de vez a ultima ofensiva de paz da Tríplice.

3. Outras virão, sem dúvida, mais tarde precedendo uma grande operação estratégica ou decorrente de uma profunda modificação do equilíbrio das forças. De qualquer forma a atual experiência foi condenada a um completo insucesso.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 28 FEV 1941 • AHI 28-2-1

[Índice:] Acordo anglo-espanhol

N. 178

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 28 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Acaba de ser concluído um acordo provisório entre a Grã-Bretanha e a Espanha referente à questão de Tânger, o qual despertou vivo interesse e comentários favoráveis da imprensa, senso considerado como um fato importante para a garantia de relações diplomáticas anglo-espanholas mais cordiais.

2. Essas relações já se apresentavam mais confiantes desde algum tempo, mas o incidente de Tânger criou imprevistas dificuldades que poderiam agravar a situação e perturbar o desenvolvimento da política de melhor entendimento entre Londres e Madrid.

3. Todos sabiam que a Grã-Bretanha não podia, de nenhuma forma aceitar uma atitude do governo espanhol que atingia diretamente seus direitos e seus interesses e também todos compreendiam quanto o Foreign Office estava desejoso de resolver o caso para que o incidente não fosse motivo para perturbar as relações dos países.

4. A situação, porém, era delicada e merecia muito cuidado e tato, demandando principalmente muita boa vontade das partes interessadas. Assim foi feito e a Grã-Bretanha, fazendo concessões, recebeu em troca garantias extremamente importantes principalmente a que se refere ao compromisso do governo espanhol de não fortificar a

zona de Tânger, pois, essa ameaça, instigada pelos alemães tinha causado sérias preocupações ao Estado Maior britânico e certamente, se efetivada, teria determinado uma ação de grande energia no interesse da defesa nacional.

5. Informações complementares indicam que as negociações de Tanger demonstram que ambos os países concluíram um acordo sem preconceitos e isso constitui um fato de extrema importância.

6. A Grã-Bretanha, ao manter o princípio que a violação unilateral de um acordo internacional é inadmissível, e que a política dos fatos consumados é incompatível com as relações internacionais normais entre estados, não deseja, entretanto, de nenhuma forma, deixar de reconhecer os interesses legítimos espanhóis nessa zona.

7. Admite que Tânger, na atual emergência, poderia se transformar em um centro de intrigas que poderia vir a ser perigoso para a Espanha e assim obtém a salvaguarda dos seus direitos e dos seus nacionais e essa satisfação, convém acrescentar, não até agora obtida pela Itália apesar da importância de sua colônia e das suas obras culturais naquela cidade.

8. O modo prático e leal com que os negociadores trataram do assunto demonstra que a questão, devido principalmente à boa vontade das partes em questão, permite considerar que a questão ficou virtualmente resolvida.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 01 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Polvilho brasileiro na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

102 – SEXTA-FEIRA – 1º MARÇO 1941 – 18h00 – A Firma Isaac Modiano, importadora habitual de 500 a 1.000 toneladas, mensalmente, de polvilho de mandioca, por intermédio de P. Machado & Cia., caixa posta 185, Fortaleza, estado do Ceará, foi advertida confidencialmente pelas autoridades britânicas para sustar seus negócios com a aludida firma brasileira, considerada suspeita. A fim de não prejudicar o comércio com o Brasil e indústria brasileira e evitar que as compras de polvilho sejam desviadas para Java, a firma interessada desejaria indicação urgente de outra firma brasileira idônea, capaz de negociar quantidades importantes do aludido produto. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 01 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] Mês político

N. 183

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 11 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

À Sua Excelência e Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político nº 3, relativo ao mês de fevereiro próximo passado.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo] N. 1

Mês político nº 3

Nas vésperas de grande batalha do Atlântico com que Hitler anunciou sua vitória sobre a Grã-Bretanha, lord Chatfield fez há dias um discurso que é uma advertência e um apelo. O ataque em grande escala sobre as rotas marítimas, já foi iniciado por meio de submarinos, aviões e torpedeiros rápidos (E Boats) alemães, colocados ao longo da costa francesa sobre o Atlântico. Sobretudo os ataques aéreos têm-se revelado particularmente perigosos e frequentes, já diretamente às saídas os portos, já perseguindo os comboios no alto mar. Partindo de Bordeuax e Lorient saem os *dive-bombers* até 1.000 quilômetros [sic] da costa. A defesa contra taes [sic] golpes de surpresa é naturalmente muito precária. Tem sido ultimamente mais numerosas as perdas pelos aviões do que pelos próprios submarinos. O raio de ação daqueles, sua maior visibilidade e relativa invulnerabilidade, torna, essa arma excessivamente perigosa.

O ex-ministro da Coordenação da Defesa prevê que o bloqueio será intensificado ao máximo de que a Alemanha é capaz. Devemos esperar, disse ele, que as nossas perdas mercantes aumentarão, a ponto de se tornarem alarmantes. Só há uma maneira de se garantir contra esse perigo, é repetir o esforço desenvolvido em 1917: primeiramente tirar o máximo rendimento de tonelagem existente, em segundo lugar tornar mais rápidas as reparações. Lord Essendon, dando eco ao clamor público, declarou perante a Chamber of Shipping que maior celeridade na descarga era essencial. Além de outros fatores de que resulta congestão nos portos, a insuficiência de mão de obra e de transporte terrestre para a distribuição das mercadorias constitue [sic] falhas muito sérias, como tão pouco há a necessária cooperação entre os diferentes Ministérios competentes.

O Ministério do Transporte, utilizando-se dos poderes discricionários, acaba de introduzir um plano para a criação de um corpo móvel de estivadores, com a aprovação das associações de classes, que concentrará sob sua direção todos os empregados no Merseyside (Liverpool, Birkenhead, Manchester, etc.), o qual deverá estender-se à região do Clyde brevemente. Essa medida visa assegurar uma mais rápida circulação nos portos, esperando-se realizar uma economia de 40% no número de horas atualmente empregado nas operações de carga e descarga [sic]. O plano assegura uma remuneração mínima aos estivadores qualquer que seja o gênero de serviço, todos eles tornados obrigatórios. São eles regimentados como nas forças armadas, trabalhando para a comunidade e não para determinados empregadores como até agora. Com a cooperação dos armadores, das autoridades portuárias e das trade unions, conta-se com uma rápida reorganização nas docas, nos estaleiros e nos transportes, a partir do dia 10 de março.

-----

As devastações causadas pelo bombardeio intenso nos portos e cidades industriais não afetou o moral da população inglesa que vem sendo preparada para a guerra total. O que a surpreende é que o governo tenha relutado tanto tempo em por em prática as medidas de que se armou e vive a pregar. Se os alemães não procederem à invasão, a guerra será decidida no mar. Tudo depende da aptidão dos ingleses em manterem abetas suas rotas de navegação. A marinha mercante, com extraordinário heroísmo tem continuado a transportar cargas preciosas através de todos os perigos, graças à proteção e vigilância da Royal Navy. Como se explica que essas cargas não eram escoadas com toda a rapidez e jazia à mercê das bombas incendiárias, deficientemente protegidas? A necessidade de uma defesa contra o fogo tornou-se imperiosa desde os raids de 7 de setembro contra as docas do Tamisa. Passaram-se seis meses de discussões e só ultimamente, depois do incêndio da city é que se introduziu a vigilância compulsória e e ainda assim pouco satisfatória. Só as firmas que empregaram mais de 30 pessoas estão obrigadas a manter o serviço. Todas se queixam de falta de homens. Algumas cidades res[s]entiram-se de falta de água para extinguir os incêndios.

-----

Enquanto que Grã-Bretanha continuou durante o mês a ofensiva iniciadas no novo ano em dois teatros – contra a Alemanha no ar; conta a Itália nos três elementos ar, terra e mar – Hitler preparou-se para novos golpes em longínquas paragens. Seus planos são mais complexos que os da Inglaterra e dependem de uma perfeita coordenação para o êxito.

De um lado, como já me referi, a sua campanha contra as vias de comunicação, não só para obrigar à rendição pela fome e escassez de matérias primas, como para impedir a chegada do auxílio americano. De outro lado, vem ele incitando os japoneses fazer ameaças contra o Império Britânico no Pacífico sul, jogando-os contra a Indochina e as Índias neelandesas, de modo a fechar para a Inglaterra essa importante fonte para fornecimento de óleo.

Para todos os efeitos a Bulgária está incorporada às potências do Eixo e o seu território já vem sendo ocupado pelas tropas alemães, apesar do otimismo com que a imprensa britânica recebeu a hábil e progressiva manobra dos nazis nos Balcãs. O recente pacto de não-agressão turco-búlgaro foi bem acolhido pela imprensa britânica sem

embargo de se que tornou evidente a completa aquiescência do exército búlgaro aos desígnios agressivos da política alemã. A retirada do ministro britânico de Sófia, seguiu-se-a de poucos dias a do ministro em Bucarest[e]. Segundo este, os alemães colocaram 350.000 na Rumânia. Tais forças, com ou sem a participação ativa dos búlgaros atravessarão a Bulgária para atacar Salonica e possivelmente a Turquia depois. Enquanto Berlim exercia uma pressão diplomática sobre Sófia, elementos da força Luftwaffe e do Exército penetravam disfarçados as fronteiras do país para preparar os aeródromos e tomar outras medidas preliminares. O referido pacto era indicativo, além do mais, de que a Turquia manteria uma atitude defensiva, sendo mesmo discutível se ela defenderá seu território europeu, a despeito de todas as suas solenes e reiteradas declarações de que fará a todo transe. Os turcos têm que andar com cuidados por causa da atitude ambígua de Moscou. Foi por instigação dos Sovietes que a Turquia não se mexeu quando da agressão italiana sobre a Grécia. Agora ela está aparentando maior firmeza, depois da visita do ministro dos Estrangeiros e do chefe de Estado Maior britânico.

Também sobre a Iugoslávia dirige Hitler as suas vistas. Como preço para a neutralidade desse país, propõe o chanceler alemão que se façam cessões territoriais à Hungria e à Bulgária, mediante a incorporação de parte da Albânia e de um corredor ao mar Egeu, através da Grécia. Completamente cercada, a Iugoslavia será facilmente subjugada à nova ordem europeia, econômica e política.

Não se divulgaram quais serão as medidas que a Grã-Bretanha empegará para vir ao socorro da Grécia contra a Alemanha. Ouve-se dizer que ela desembarcará tropas em Salônica, onde já teria estabelecido uma base aérea. Esses planos estão sendo mantidos em segredo. Hitler espera assustar os gregos, induzindo-s a concluir um armistício com a Itália. Estes, porém, ainda não deram mostra de enfraquecimento. Continuam a progredir na Albânia, atacam com vantagem a aviação italiana e despacham tropas para a fronteira búlgara. Isto deixa pensar que o senhor Eden, na sua visita à Turquia, terá revelado a intenção de ampliar o socorro britânico.

-----

Presentemente ninguém poderá acusar a diplomacia inglesa de tímida ou hesitante. A linguagem do ministro em Sofia, repetindo a advertência pública à Bulgária do senhor Churchill, no seu recente discurso, há três semanas, pelo rádio, não pecou pela indecisão.

Tanto nesse terreno como no militar, as iniciativas têm sido prontas e eficazes. Com uma rapidez que ninguém previa os ingleses vem dando golpes decisivos no império

africano da Itália. Em seguida a Benghazi veio a queda fulminante de Mogadishu a capital da Somalilândia, limitando o perigo dos aviões e submarinos italianos, imobilizados nas suas bases.

Enquanto os alemães avançam para o Mediterrâneo, segundo seus métodos usuais: diplomacia, espionagem, corrupção, até a entrada dos aviões e carros de assalto, os ingleses não se conservaram na atitude de espectadores, senão que procuraram ripostar e contrarrestar essa ofensiva.

A oportuna missão do senhor Eden ao próximo-Oriente, justamente com o general sir John Dill, teve um duplo objetivo. Permitiu-lhe entrevistar-se com o general Wavell, repetindo os entendimentos que precederam na sua viagem anterior as brilhantes vitórias na Líbia, como foi ajustar medidas estratégicas com os aliados, turcos e gregos. Embora ainda tenha terminado as suas visitas, o êxito das mesmas parece assegurado, em parte contribuindo o prestígio do chefe militar, a aliança anglo-turca saiu robustecida e isso num momento em que a ameaça alemã está se aproximando.

Na véspera de uma campanha em que os turcos, como os gregos e os ingleses deverão coordenar os seus esforços, essas visitas sucedendo às recentes conferências do general Wavell em Atenas, estarão dando que pensar aos alemães.

-----

Ao mesmo tempo que Hitler prossegue a sua guerra de nervos nos Balcãs, o Japão, talvez por instigação dos seus parceiros do Eixo, tira partido das dificuldades europeias para expandir a sua penetração para o sul. Há anos que o Japão vem hostilizando os interesses britânicos na China. Depois de fomentar um conflito entre o Sião e a Indochina, o governo Toquio promoveu uma mediação favorável ao primeiro, que vem afirmar sua suserania na esfera em que pretende exercê-la. O ministro do Exterior insinuou no seu último discurso que estaria pronto a mediar também na guerra europeia. O senhor Butler imediatamente declarou nos Comuns que a Grã-Bretanha de nenhum modo entraria em negociações de paz, o que levou o senhor Matsuoka a desmentir-se. O senhor Churchill teve uma entrevista no dia com o embaixador do Japão para reafirmar que as medidas de reforço de base de Singapura, onde foram desembarcadas tropas australianas e para onde foram despachados mais aviões, não ameaçavam o Japão e eram medidas exclusivamente defensivas.

A esquadra americana do Pacífico, vem sendo reforçada e já foi aprovada no Congresso créditos para a fortificação da Ilha de Guam, no Pacífico, medidas que terão tido um efeito moderador em Tóquio. Usando a base de Singapura, essa esquadra será um



obstáculo eficaz para qualquer agressão japonesa contra as Índias neerlandesas. O Japão não se arriscaria a ocupar qualquer dessas possessões, sem primeiro aniquilar as bases britânicas de Hong Kong e Singapura ou a holandesa de Surabaya, de modo que a atitude daquele país só poder ser explicada pelo desejo de criar uma atmosfera de inquisição, prestando assim aos alemães o serviço de distrair forças britânicas da fonte europeia.

-----

O decreto legislativo sobre privilégios diplomáticos foi finalmente aprovado. Foi um dos raros atos, como disse o senhor Butler, propostos pelo Foreign Office, para o qual não há precedentes. Ficou estabelecido um “status” de independência para os membros dos governos Aliados e dos Franceses Livres, na Grã-Bretanha. Os soberanos e o corpo diplomático, que os representa, gozam desses privilégios, mas para os governos no exílio não havia as mesmas imunidades, pois esta é a primeira vez que Londres é a sede de administrações que continuam a exercer suas funções em território estrangeiro. Esses governos, em virtude do *Allied Force Act*, já comandavam suas respeitivas forças armadas na Grã-Bretanha. O novo decreto dá aos ministros de Estado e funcionários graduados a mesma extraterritorialidade de gozam os diplomatas.

A presença de tantos governos Aliados neste país, faz-se da Inglaterra, na frase do secretariado parlamentar do Foreign Office, uma Europa em miniatura.

-----

Estão virtualmente concluídas entre o Foreign Office e a delegação norte-americana chegada em janeiro, as negociações para a administração e jurisdição das bases aéreas e navais cedidas pela Grã-Bretanha nas colônias britânicas na América.

Certos membros do Parlamento desejam debater em sessão secreta esses arranjos, embora estejam de acordo com o arrendamento das mesmas, considerado como servido os interesses de ambos países.

Londres, 1º de março de 1941

Moniz de Aragão

\*

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 03 de março de 1941

Senhor Ministro,

O registro das adesões ao Pacto de Berlim que tinham sido provisoriamente encerrado em 24 de novembro último, depois de assinatura da Eslováquia, que acompanhou as da Hungria e da Rumania, foi de novo aberto no sábado, como era previsto, para receber a firma do ministro dos Negócios Estrangeiros da Bulgária.

O primeiro ministro búlgaro e conde Ciano, que reaparece na cena política italiana, viajaram até Viena de avião, pois o fuder quis que a adesão búlgara, preparada desde longa data, fosse apresentada com uma réplica imediata à viagem do ministro Eden à Ankara, que de fato significa, graças à ação enérgica do Foreign Office, uma reafirmação da aliança anglo-turca e ao acordo completo, a que, segundo se afirma, chegaram os chefes militares turco e britânico nessa mesma ocasião.

3. A cerimonia de Viena, da qual também participou o embaixador japonês em Berlim, não é, a meu ver, um simples episódio organizado de firme propósito pela propaganda do Eixo, da luta intensa que se desenvolve nos Balcãs entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, mas também serviu de ocasião para Hitler poder simular ser o organizador da Europa e o apóstolo da paz.

4. Pode ser facilmente percebido no discurso pronunciado por Ribbentrop os sintomas de uma nova tentativa de paz, favorecendo em linhas gerais os objetivos imperialistas da Alemanha.

5. O Eixo, disse, em resumo, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, quer obrigar a Grã-Bretanha a compreender a boa razão e obriga-la a fazer a paz. Acrescentou que a Triplice se propunha a dar às nações o lugar que lhes compete de fato, libera-las do jugo britânico e assegurar-lhes defesa e prosperidade.

6. É em poucas linhas o programa da nova ordem nazi, em uma Europa unificada e dirigida incondicionalmente por Berlim, tendo como principais auxiliares Roma e Tóquio.

7. Seguindo a praxe nacional socialista não escapou a ameaça de sanções e assim foi dito que se a Grã-Bretanha continuar obstinada em defender o seu Império e seus Aliados, “perturbando a paz do mundo”, o Reich tomará a ofensiva para subjugar o seu inimigo.

8. Também vemos no plano de Hitler uma outra alternativa e essa dirigida aos povos balcânicos. A sorte da Bulgária está firmada contra a vontade da maioria popular, restando

a Iugoslávia, Grécia e Turquia. O fueher que fascinar esses três países com a ostentação de sua poderosa máquina de guerra, que ele pretende ser irresistível.

9. Na realidade, porém, o chanceler alemão parece inquieto com o futuro e não se mostra muito tranquilo do lado russo que, apesar de ter permitido a ocupação da Bulgária, contrariamente à atitude adotada em Moscou, por ocasião da invasão da Rumania, não se desinteressa realmente dos búlgaros. Essa é a explicação que se pode ter das palavras do ministro Filop, afirmando a vontade do seu país de prosseguir cultivando e estreitando as relações tradicionais de amizade com a União Soviética.

10. O fueher está principalmente preocupado com a atitude da Iugoslávia, devido as possibilidades de ação contra a Grécia, que daí lhe pode advir em consequência das decisões tomadas em Ankara.

11. Devido a tal situação, parece pouco provável que o governo alemão queira precipitar os acontecimentos em forma ostensivamente militar.

12. Parece a todos que o fueher vai acentuar sua pressão sobre cada um dos Estados limítrofes da Bulgária para dominá-los e impedir que a Grã-Bretanha possa tomar pé no continente.

13. No caso de ser certa essa hipótese a Iugoslávia será certamente a próxima vítima e isso esta sendo previsto tanto em Londres como em Ankara, que agora parecem finalmente decididos a energicamente defender e liberar a Europa do jugo extremista.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 03 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] A política internacional

N. 184

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 03 de março de 1941

Senhor Ministro,

O registro das adesões ao Pacto de Berlim que tinham sido provisoriamente encerrado em 24 de novembro último, depois de assinatura da Eslováquia, que acompanhou as da Hungria e da Rumania, foi de novo aberto no sábado, como era previsto, para receber a firma do ministro dos Negócios Estrangeiros da Bulgária.

O primeiro ministro búlgaro e conde Ciano, que reaparece na cena política italiana, viajaram até Viena de avião, pois o fucher quis que a adesão búlgara, preparada desde longa data, fosse apresentada com uma réplica imediata à viagem do ministro Eden à Ankara, que de fato significa, graças à ação enérgica do Foreign Office, uma reafirmação da aliança anglo-turca e ao acordo completo, a que, segundo se afirma, chegaram os chefes militares turco e britânico nessa mesma ocasião.

3. A cerimonia de Viena, da qual também participou o embaixador japonês em Berlim, não é, a meu ver, um simples episódio organizado de firme propósito pela propaganda do Eixo, da luta intensa que se desenvolve nos Balcãs entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, mas também serviu de ocasião para Hitler poder simular ser o organizador da Europa e o apóstolo da paz.

4. Pode ser facilmente percebido no discurso pronunciado por Ribbentrop os sintomas de uma nova tentativa de paz, favorecendo em linhas gerais os objetivos imperialistas da Alemanha.

5. O Eixo, disse, em resumo, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, quer obrigar a Grã-Bretanha a compreender a boa razão e obriga-la a fazer a paz. Acrescentou que a Triplice se propunha a dar às nações o lugar que lhes compete de fato, libera-las do jugo britânico e assegurar-lhes defesa e prosperidade.

6. É em poucas linhas o programa da nova ordem nazi, em uma Europa unificada e dirigida incondicionalmente por Berlim, tendo como principais auxiliares Roma e Tóquio.

7. Seguindo a praxe nacional socialista não escapou a ameaça de sanções e assim foi dito que se a Grã-Bretanha continuar obstinada em defender o seu Império e seus Aliados, “perturbando a paz do mundo”, o Reich tomará a ofensiva para subjugar o seu inimigo.

8. Também vemos no plano de Hitler uma outra alternativa e essa dirigida aos povos balcânicos. A sorte da Bulgária está firmada contra a vontade da maioria popular, restando a Iugoslávia, Grécia e Turquia. O fucher que fascinar esses três países com a ostentação de sua poderosa máquina de guerra, que ele pretende ser irresistível.

9. Na realidade, porém, o chanceler alemão parece inquieto com o futuro e não se mostra muito tranquilo do lado russo que, apesar de ter permitido a ocupação da Bulgária, contrariamente à atitude adotada em Moscou, por ocasião da invasão da Rumania, não se desinteressa realmente dos búlgaros. Essa é a explicação que se pode ter das palavras do ministro Filop, afirmando a vontade do seu país de prosseguir cultivando e estreitando as relações tradicionais de amizade com a União Soviética.

10. O fueher está principalmente preocupado com a atitude da Iugoslávia, devido as possibilidades de ação contra a Grécia, que daí lhe pode advir em consequência das decisões tomadas em Ankara.

11. Devido a tal situação, parece pouco provável que o governo alemão queira precipitar os acontecimentos em forma ostensivamente militar.

12. Parece a todos que o fueher vai acentuar sua pressão sobre cada um dos Estados limítrofes da Bulgária para dominá-los e impedir que a Grã-Bretanha possa tomar pé no continente.

13. No caso de ser certa essa hipótese a Iugoslávia será certamente a próxima vítima e isso esta sendo previsto tanto em Londres como em Ankara, que agora parecem finalmente decididos a energicamente defender e liberar a Europa do jugo extremista.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 03 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] A política internacional

N. 184

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 03 de março de 1941

Senhor Ministro,

O registro das adesões ao Pacto de Berlim que tinham sido provisoriamente encerrado em 24 de novembro último, depois de assinatura da Eslováquia, que acompanhou as da Hungria e da Rumania, foi de novo aberto no sábado, como era previsto, para receber a firma do ministro dos Negócios Estrangeiros da Bulgária.

O primeiro ministro búlgaro e conde Ciano, que reaparece na cena política italiana, viajaram até Viena de avião, pois o fuder quis que a adesão búlgara, preparada desde longa data, fosse apresentada com uma réplica imediata à viagem do ministro Eden à Ankara, que de fato significa, graças à ação enérgica do Foreign Office, uma reafirmação da aliança anglo-turca e ao acordo completo, a que, segundo se afirma, chegaram os chefes militares turco e britânico nessa mesma ocasião.

3. A cerimonia de Viena, da qual também participou o embaixador japonês em Berlim, não é, a meu ver, um simples episódio organizado de firme propósito pela propaganda do Eixo, da luta intensa que se desenvolve nos Balcãs entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, mas também serviu de ocasião para Hitler poder simular ser o organizador da Europa e o apóstolo da paz.

4. Pode ser facilmente percebido no discurso pronunciado por Ribbentrop os sintomas de uma nova tentativa de paz, favorecendo em linhas gerais os objetivos imperialistas da Alemanha.

5. O Eixo, disse, em resumo, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, quer obrigar a Grã-Bretanha a compreender a boa razão e obriga-la a fazer a paz. Acrescentou que a Triplice se propunha a dar às nações o lugar que lhes compete de fato, libera-las do jugo britânico e assegurar-lhes defesa e prosperidade.

6. É em poucas linhas o programa da nova ordem nazi, em uma Europa unificada e dirigida incondicionalmente por Berlim, tendo como principais auxiliares Roma e Tóquio.

7. Seguindo a praxe nacional socialista não escapou a ameaça de sanções e assim foi dito que se a Grã-Bretanha continuar obstinada em defender o seu Império e seus Aliados, “perturbando a paz do mundo”, o Reich tomará a ofensiva para subjugar o seu inimigo.

8. Também vemos no plano de Hitler uma outra alternativa e essa dirigida aos povos balcânicos. A sorte da Bulgária está firmada contra a vontade da maioria popular, restando a Iugoslávia, Grécia e Turquia. O fuder que fascinar esses três países com a ostentação de sua poderosa máquina de guerra, que ele pretende ser irresistível.

9. Na realidade, porém, o chanceler alemão parece inquieto com o futuro e não se mostra muito tranquilo do lado russo que, apesar de ter permitido a ocupação da Bulgária,

contrariamente à atitude adotada em Moscou, por ocasião da invasão da Rumania, não se desinteressa realmente dos búlgaros. Essa é a explicação que se pode ter das palavras do ministro Filop, afirmando a vontade do seu país de prosseguir cultivando e estreitando as relações tradicionais de amizade com a União Soviética.

10. O fueher está principalmente preocupado com a atitude da Iugoslávia, devido as possibilidades de ação contra a Grécia, que daí lhe pode advir em consequência das decisões tomadas em Ankara.

11. Devido a tal situação, parece pouco provável que o governo alemão queira precipitar os acontecimentos em forma ostensivamente militar.

12. Parece a todos que o fueher vai acentuar sua pressão sobre cada um dos Estados limítrofes da Bulgária para dominá-los e impedir que a Grã-Bretanha possa tomar pé no continente.

13. No caso de ser certa essa hipótese a Iugoslávia será certamente a próxima vítima e isso esta sendo previsto tanto em Londres como em Ankara, que agora parecem finalmente decididos a energicamente defender e liberar a Europa do jugo extremista.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 05 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Ataques aéreos sobre Cardiff.

Da Embaixada em Londres

107 – QUARTA-FEIRA – 5 MARÇO 1941 – 10h45 – Os ataques incendiários sobre Cardiff foram extremamente violentosa, causando severos danos à população civil. O cônsul está bem e pede tranquilizar a sua família. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**TELEGRAMA • 05 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Carnes brasileiras na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

109 – TERÇA-FEIRA – 5 MARÇO 1941 – 16h30 – Referência ao telegrama de Vossa Excelência n. 29. Anderson e Coltman declaram que não houve venda definitiva. Segue, hoje, ofício pelo correio aéreo. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 05 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] A declaração soviética sobre a ocupação da Bulgária.

N. 194

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 05 de março de 1941

Senhor Ministro,

O capitão Waterhouse, secretário parlamentar do *Board of Trade*, declarou há dias na Câmara dos Comuns que não mais serão publicadas estatísticas relativas ao comércio deste país. A publicação de qualquer dados sobre a matéria era considerada prejudicial aos interesses nacionais, ainda mesmo sob forma muito limitada, como vinha sendo feito desde o início da guerra.

2. À vista do exposto, reitero o pedido que dirigi à Vossa Excelência pelo ofício nº 137, de 27 de abril de 1940, no sentido de serem remetidas a esta embaixada, regularmente e sem demora, estatísticas do comércio (volume e valor) entre o Brasil e a Grã-Bretanha.

Aproveito o ensejo para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.



Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 06 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[*Índice:*] As declarações do senhor Matsuoka e o discurso do primeiro ministro  
australiano

N.197

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 06 de março de 1941

Senhor Ministro,

O embaixador do Japão nesta capital entregou no dia 4 do corrente a resposta do senhor Matsuoka à mensagem do senhor Winston Churchill de 24 de fevereiro último.

2. Nessa mensagem o primeiro ministro britânico, embora assegurando ao governos japonês do desejo da Grã-Bretanha de evitar um conflito com o Império do Sol Nascente, chamava a atenção do ministro dos Negócios Estrangeiros desse país sobre os vínculos que presentemente unem Tóquio a Berlim e Roma e acrescentou que ele defendia a causa do Império britânico o qual não comportava neste momento nem compromisso nem negociações que possam enfraquecer a ação britânica na luta de vida ou morte em que está a nação empenhada.

3. O senhor Matsuoka na sua resposta diz que, apesar de ficar fiel aos seus compromissos com a Alemanha e a Itália, o Japão deseja evitar qualquer conflito com a Grã-Bretanha e que nesse sentido envidará todos os seus esforços.

4. O primeiro ministro britânico tomando conhecimento dessa resposta teria afirmado uma vez mais a resolução irredutível da Grã-Bretanha de conduzir a guerra até um fim vitorioso.

5. Nessas condições o senhor Matsuoka retirou o seu oferecimento de mediação geral como ele próprio se desmentiu anteontem afirmando que jamais tinha reclamado a

expulsão dos brancos da Oceania e desempenha o papel de bom apóstolo que não deseja como o fueher senão a paz e prosperidade para o mundo dominado por eles.

6. O governo japonês na mesma ocasião fez na imprensa nipônica uma grande e escandalosa publicidade em torno de certas passagens do discurso pronunciado no dia 3 do corrente pelo primeiro ministro da Austrália que tinha insistentemente convidado as nações do Pacífico a não mais se olharem com desconfiança e usar de franqueza e tolerância uma com as outras.

7. Isso foi interpretado em Tóquio como um gesto de apaziguamento e uma oferta de aproximação. Esse discurso, do senhor Menzies, foi muito criticado pela imprensa australiana e até mesmo por certos membros do gabinete de Canberra.

8. É sabido que todas as medidas de precauções militares, o envio de um corpo expedicionário à Singapura, as decisões para a defesa da Austrália, os graves avisos dados à população australiana, tiveram que ligar durante a viagem do senhor Menzies no Oriente na Europa.

9. o primeiro ministro da Austrália, que se acha presentemente em Londres, se declarou ontem que o seu pensamento tinha sido mal interpretado, pois, ele não é, de nenhuma forma, um partidário de um apaziguamento e que continua inteiramente de acordo com os objetivos indicados e as medidas tomadas, na sua ausência, pelo Gabinete de Guerra australiano.

10. A imprensa chinesa recorda muito oportunamente que um conflito com o Japão é inevitável, pois, o seu firme proposito é atacar os interesses britânicos na Malásia, na Birmânia, nas Índias neerlandesas depois de ter firmado seu domínio no Indochina e no Sião.

11. Aqui em geral todos acreditam que somente um acordo perfeito entre a Grã-Bretanha, os Estados Unidos, a Austrália e as Índias neerlandesas e uma ação enérgica e combinada desses países poderá deter o Japão e impedir a sua expansão no Extremo Oriente no sul do Pacífico.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 06 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Proteção interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

111 – QUINTA-FEIRA – 6 MAR. 1941 – 13h00 – Resposta ao telegrama de Vossa Excelência n. 65. As autoridades competentes consideram perfeitamente explicável a diferença entre o número de prisioneiros fornecido pela Cruz Vermelha e o dos desaparecidos. As listas requerem tempo para serem transmitidas. Os nomes telegrafados para Genebra são igualmente transmitidos a Londres. O conselheiro da embaixada examinou as diversas listas existentes no Prisoners of War Information Bureau. Os nomes e as indicações são perfeitamente inteligíveis. É possível que o serviço esteja sendo menos em feito entre Genebra e Roma. Cópias das referidas listas estão sendo fornecidas à legação suíça no Cairo, que poderá melhor fornecer a identificação. As listas do meu telegrama n. 65 deverão ser obtidas nos campos bases, pelas potências protetoras nas respectivas áreas.

MONIZ DE ARAGÃO

\*

**TELEGRAMA • 06 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Ataques aéreos sobre Cardiff. Situação do consulado.

Da Embaixada em Londres

113 – QUINTA-FEIRA – 6 MARÇO 1941 – 18h00 – Aditamento ao meu telegrama n. 107. Os ataques aéreos sobre Cardiff causaram maiores danos do que no princípio se supunha. A rua onde está situado o consulado foi interditada. O edifício periga devido a um explosivo de retardamento localizado a cem metros de distância. O cônsul Nestor de Braga Mello e família, com quem estou em permanente contato, estão bem. Autorizado por mim transferiu, provisoriamente, sua residência para uma cidade próxima, vindo diariamente a Cardiff. MONIZ DE ARAGÃO

\*

TELEGRAMA • 07 MAR. 1941 • AHI 29/5/4

Índice: Irregularidade de desembarque de mercadorias. Mala Real Inglesa.

#### Da Embaixada em Londres

115 – TERÇA-FEIRA – 7 MAR. 1941 – 18h00 – Fui procurado pelo diretor da Mala Real Inglesa, que pediu a minha intervenção junto ao governo brasileiro, no sentido de relevar a eventual multa que venha a ser aplicada à sua agência aí, devido ao fato de ter o vapor *Prado* descarregado mercadorias não incluídas no manifesto e deixado de descarregar outras. Deseja explicar a Vossa Excelência que o motivo da irregularidade foi decorrente do bombardeio de Liverpool durante os preparativos da partida, produzindo a destruição dos documentos e impossibilitando a ratificação em tempo, perante o nosso consulado, sem nenhum propósito de desrespeito aos nossos regulamentos e considerando ainda a falta de tempo por urgência da partida do vapor nas atuais circunstâncias. Parecendo-me justificada a razão exposta, ousou pedir a intervenção de Vossa Excelência a fim de obter solução favorável. MONIZ DE ARAGÃO

\*

OFÍCIO • 07 MAR 1941 • AHI 28/2/2

[Índice:] Algodão. Compra global do produto brasileiro pela Grã-Bretanha

N. 203

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 07 de março de 1941

Senhor Ministro,

Alguns jornais desta capital, como comuniquei a Vossa Excelência por telegrama, noticiaram, em 21 de janeiro último, que as autoridades britânicas estavam examinando a possibilidade de fazer uma compra global de algodão brasileiro.

2. A vista disso e não tendo esta embaixada tido qualquer notícia do Brasil, sobre o assunto, os nossos Serviços Comerciais aqui se dirigiram, em 3 de fevereiro, ao *Cotton Control*, solicitando informações.

3. O *Raw Materials Department*, do Ministério do Abastecimento, respondeu-nos pelo *Cotton Control*, em 6 do corrente, dizendo confidencialmente que a embaixada britânica no Rio de Janeiro se pusera em contato com o governo brasileiro, relativamente à matéria, tendo-lhe comunicado que o governo britânico estava preparado para adquirir no Brasil, através do mencionado controle, 100,000 fardos de algodão. Segundo essa informação, o negócio ainda não fora fechado, por ter o nosso governo alguma dificuldade em fornecer as quantidades solicitadas de certos pontos e combinar antes de ser concluído um acordo definitivo.

Junto, Vossa Excelência encontrará cópia da correspondência acima citada.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 10 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] A força aérea balcânica e japonesa

N. 208

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 10 de março de 1941

Senhor Ministro,

No momento em que o conflito ameaça se estender aos Balcãs e no Extremo Oriente, pareceu-me interessante examinar a potência militar aérea dos estados balcânicos e do Japão.

2. A excelente revista de aeronáutica inglesa, *The Aeroplane* cujas informações são sempre muito precisas, fornece em um dos seus últimos números detalhes muito valiosos. Assim a aviação rumaica [sic] possui atualmente quinhentos aviões que estão sob fiscalização da *Luftwaffe* alemã e compreendem modelos de segunda classe com exceção de alguns tipos *Morane*, *Blenheim* e *Savoia Marchetti*.

3. A aviação iugoslava conta com novecentos aparelhos dos quais 450 de primeira linha dos melhores tipos fornecidos em grande parte pela Gra-Bretanha.
4. A Turquia conta na sua aviação com uma força quase idêntica à da Iugoslávia dominando porém os aviões de bombardeio Bleinheim e Heikel sendo os aparelhos de caça todos de fabricação americana dos tipos Martin e Curtiss.
5. A aviação búlgara é sem importância e conta apenas com uma centena de aparelhos de diversos modelos todos antiquados.
6. No que diz respeito à Grécia é sabido que reforçou consideravelmente sua aviação com o auxílio da Real Força aérea britânica e se encontra em condições de enfrentar toda a esquadra aérea italiana. Deve possuir presentemente cerca de 2.000 aparelhos entre gregos e britânicos.
7. Quanto ao Japão, a revista inglesa acima citada salienta que essa nação, que pretende impor sua hegemonia no Extremo Oriente, não possui certamente os elementos necessários para o domínio do ar.
8. Sua aviação não apresenta nenhuma originalidade e está constituída unicamente de aparelhos de modelos estrangeiros principalmente alemães, franceses e americanos e não pode figurar entre as grandes forças aéreas mundiais.
9. Segundo o mesmo jornal o Japão possui cerca de 3.000 aparelhos de todas as categorias, sem controle central, pois, a aviação militar está dirigida pelo Ministério de Guerra e a naval pelo Ministério da Marinha o que é considerado aqui como um grave fator de desorganização na defesa aérea de um país.
10. A aviação japonesa pretende contar com mil aparelhos de caça, mas esse número é considerado como exagerado. Possui sete navios porta aviões e cinco porta hidroaviões.
11. O pessoal total é de 33.000 homens e a produção das fábricas japonesas anual pode ser avaliada entre 1.500 a 2.000 aparelhos.
12. A revista conclui que o Japão está longe de poder rivalizar com os Estados Unidos no que diz à sua força aérea tanto como material quanto como pessoal.
13. Agradeceria a Vossa Excelência mandar informar do que procede ao nosso Ministério de Aeronáutica.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 11 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Vice-cônsul do Brasil em Calcutá.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

119 – TERÇA-FEIRA – 11 MAR. 1941 – 12h00 – Recebi hoje do ministro dos Negócios Estrangeiros [*sic*] declarando que o governo britânico lamenta muito não poder conceder *exequatur* ao senhor José Oswaldo Meira Penna, como vice-cônsul em Calcutá, visto o governo da Índia ter sido obrigado a declinar, nas atuais circunstâncias, de aceitá-lo como agente consular devido à sua simpatia pelo nazismo. MONIZ DE ARAGÃO

\*

OFÍCIO • 11 MAR 1941 • AHI 28-2-2

[Índice:] A situação da Irlanda

N. 209

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 11 de março de 1941

Senhor Ministro,

Conforme tenho tratado em ofícios anteriores, a situação da Irlanda continua preocupando seriamente este governo.

2. Já quando por aqui andou o senhor Willkie o assunto foi estudado com muita atenção e agora o senhor Donovan, emissário especial do presidente Roosevelt também foi a Dublin conversar com o presidente de Valera.

3. É incontestável que os Estados Unidos estão apoiando a Grã-Bretanha no desenvolvimento de uma política em relação à Irlanda que atenda interesses de defesa da Ilha.

4. Segundo ouvi de uma alta personalidade politica, existe um plano anglo-americano que ajudaria a Grã-Bretanha a combater com mais probabilidade de êxito os submarinos alemães e que ao mesmo tempo garantiria a neutralidade da Irlanda.

5. Esse plano estaria sendo estudado pelos presidentes Roosevelt e de Valera e comportaria as seguintes cláusulas: a) a Irlanda ficaria sob a garantia dos Estados Unidos e a ilha seria internacionalizadas; b) a defesa nacional completa da Irlanda seria organizada como uma unidade própria sob o controle da América do Norte, da Grã-Bretanha e do próprio governo irlandês; c) na costa oeste ficariam localizados os portos nos quais os Estados Unidos descarregariam as mercadorias destinadas à Grã-Bretanha que atravessariam a ilha para serem reembarcadas na costa este; d) o mar da Irlanda seria vigiado por um sistema de patrulhas navais britânicas e americanas para impedir os ataques alemães contra as exportações irlandesas e americanas.

6. Não resta dúvida que se a Irlanda adotar esse projeto a sua atitude passara a ser de não beligerante, aliás muito semelhante à adotada pelos Estados Unidos.

7. Parece que o presidente de Valera teria declarado ao senhor Willkie e agora repetiu ao senhor Donovan que ele pessoalmente é inteiramente favorável a certas formas de cooperação entre a Irlanda e os Estados Unidos e assim fazia um apelo ao presidente Roosevelt para poder comprar armas que lhe permitam defender seu país contra os perigos de uma invasão alemã e que contava com os Estados Unidos para a proteção da integridade nacional irlandesa.

8. Essa declaração causou boa impressão pois poderá facilitar uma negociação tendo por fim uma mais íntima colaboração entre Dublin e Londres visando um mesmo objetivo, isto é, a defesa contra o inimigo comum.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*



Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 11 de março de 1941

Senhor Ministro,

A última convocação para o serviço militar, efetuada em fim de janeiro último, agora em curso de execução, fornecerá mais um milhão e quinhentos mil homens de dezoito e dezenove anos e trinta sete a quarenta anos de idade.

2. Entre estes se encontram milhares que já fizeram o serviço militar nos últimos meses da outra guerra.

3. O governo pensa em utilizar esses veteranos na defesa civil e em trabalhos militares da retaguarda, sendo que uma grande maioria já está incorporada voluntariamente na "Home Guard".

4. Todos os ingleses até sessenta anos estão sujeitos a serem mobilizados para os serviços de combate aos incêndios nas cidades atacadas pelos aviões inimigos.

5. Assim ficou dominada a ameaça das bombas incendiárias como ficou provado nos ataques de sábado e domingo último, quanto para cada bomba arremessada pelos aviões alemães, acudiram sem demora seis indivíduos desse grande exército formando em poucas semanas e que atua com uma eficácia e uma coragem extraordinária.

6. Praticamente cada inglês é hoje um soldado seja qual for a sua idade e sua posição social. Uma grande maioria, como disse antes, está afetada a trabalhos da defesa passava e em serviços civis, mas a tendência é permitir que todos os homens úteis possam se transformar sem demora, sendo necessários, em soldados de primeira linha deixando às mulheres os postos que se desempenham, seja qual for a sua importância.

7. O estribilho atual é que não deve existir nenhuma ocupação ou cargo exercido por homens que não possa ser desempenhado por mulheres na hora do perigo e como todas dizem que não há nenhum trabalho masculino que as mulheres não possam exercer, brevemente não haverá pretexto que prevaleça para impedir que todos os homens, no momento preciso, deixem de empunhar a sua carabina como soldado da frente avançada na defesa da pátria.

8. Numerosos corpos auxiliares do exército já foram constituídos unicamente por mulheres, uniformizados e perfeitamente militarizados.

9. A aviação, os transportes, a intendência miliar, o corpo de saúde, a defesa antiaérea, já contam presentemente com centenas de mil mulheres, prestando excelente serviços e até mesmo na marinha de guerra elas estão trabalhando. Agora o Ministério da Marinha está convocando mais de mil mulheres para serviços militares em terra.

10. A tendência é, pois, de utilizar cada vez mais o serviço feminino mormente nos trabalhos civis para substituir os homens mobilizados e retirados dos escritórios, fábricas, usinas e centros de agricultura.

11. O esforço feminino, realizado para cooperar ao trabalho de defesa nacional, é considerado com grande admiração e a verdade é que as setenta mil mulheres, já em serviço, fazem um trabalho de guerra duro e muitas vezes heroico.

12. Esses corpos femininos que até agora não estavam sujeitos à disciplina militar acabam de ser nela incluídas e ficarão submetidos a todas as leis dos códigos militares.

13. O Times, há dias, em um interessante artigo estudando o trabalho feminino na atual guerra, considerou que a primeira vitória da Grã-Bretanha foi ganha pelas suas mulheres, pois, hoje constituem uma verdadeira força militar e os seus serviços são já considerados como elemento valiosíssimo e indispensável ao Exército e à Marinha na luta pela vitória.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 12 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] A guerra marítima.

N. 212

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 12 de março de 1941

Senhor Ministro,

O ataque da primavera que o chanceler Hitler anunciou no seu discurso parece ter começado.

2. Assim as perdas de navios mercantes, decorrentes da ação inimiga, verificadas na semana que findou no dia 2 do corrente, foram bastante sensíveis, embora não tão elevadas quanto as que tinham sido anunciadas pela propaganda alemã.

3. As perdas reais foram de 30 navios com uma tonelage total de 148.038. Desses navios, vinte, representando 102.871 toneladas eram britânicos, oito, deslocando 42.000 toneladas, eram aliados e um neutro. Os alemães tinham declarado falsamente que a tonelage nesse período alcançava a cifra de 432.500. Essas perdas são reconhecidas como graves, mas o total para o mês de fevereiro último se manteve abaixo do verificado em novembro do ano findo.

4. Os círculos marítimos declaram que, assim como eles não se mostraram muito otimistas no decurso das oito últimas semanas quando as perdas hebdomadárias foram sensivelmente inferiores à média verificada desde o início das hostilidades, seria errado demonstrar agora um exagerado pessimismo quando o inimigo está desenvolvendo o seu esforço máximo. Acrescentam esses mesmos círculos que os contra-ataques da frota e da aviação britânica já começou a produzir resultados satisfatórios e não poderão ser revelados senão ulteriormente para não dar ao inimigo indicações que possam ser para ele de utilidade para a ação que empreendeu.

5. Parece certo que já foram destruídos um bom número de submarinos que os alemães ficarão bastante surpreendidos de não ver regressarem às suas bases.

6. Existe uma real confiança que essa segunda ofensiva submarina será dominada tal como sucedeu com a primeira ação inimiga desse gênero.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 12 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[*Índice:*] O esforço britânico.

N. 213

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 12 de março de 1941

Senhor Ministro,

No momento em que o presidente Roosevelt, cujo protesto de auxílio à Grã-Bretanha foi adotado pelo Congresso americano por uma considerável maioria, se prepara a acelerar a ajuda às democracias, o governo britânico, por sua vez, entende levar ao máximo o seu esforço de produção. Verdadeiras medidas revolucionárias são as que foram anunciadas no domingo último pelo ministro do Trabalho.

2. Todas as mulheres de 20 a 23 anos de idade serão proximamente convocadas para trabalhar nas usinas de guerra e, enquanto não ficar estabelecido esse serviço obrigatório, o senhor Bevin faz um apelo às voluntárias. Ele pediu a todas as mulheres inglesas de contribuírem para a defesa nacional, fabricando os obuses e enchendo os cartuchos das bombas e granadas. Ele se dirigiu a todas as classes sociais e tanto às mulheres solteiras como às casadas. O Ministério do Trabalho disse necessitar imediatamente de 100.000 voluntárias, e para as mães de família que se apresentarem foram previstas todas as medidas de proteção e amparo para os filhos menores.

3. Também para a indústria da construção naval o senhor Bevin reclamava especialistas e trabalhadores e fez um apelo veemente nesse sentido, pois julga necessário que os estaleiros e arsenais trabalhem com pleno rendimento no momento em que a Alemanha se gaba de empreender sem tréguas a mais feroz guerra submarina. Nessas condições o governo britânico adotou uma medida enérgica, colocando sob a direção do almirantado tudo o que se refere à construção e reparação dos navios de guerra e mercantes.

4. Toda a Grã-Bretanha aceita com satisfação as severas providências impostas pelas circunstâncias do momento. Falando em Newcastle, o presidente do trade union dirigiu por sua vez um caloroso apelo a todos os trabalhadores e operários britânicos, pedindo que se esforcem em produzir o máximo do possível em canhões, aeroplanos e munições.

5. Deve ser dito que presentemente o esforço da produção industrial britânica alcança dez vezes mais do que no período 1914-1918. Os operários ingleses compreendem o que lhes incumbe de responsabilidade para ganhar a guerra e se sentem orgulhosos de participar de uma tarefa que julgam sagrada, tal como definida pelo presidente Gibson, isto é, “derrotar Hitler e restaurar a liberdade no continente e a democracia nos países que sofrem sob o domínio dos nazis.”

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 12 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] Relações franco-britânicas.

N. 214

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 12 de março de 1941

Senhor Ministro,

O governo britânico foi ontem surpreendido com a declaração feita em Vichy pelo almirante Darlan em relação ao bloqueio com a ameaça de organizar comboios de navios mercantes protegidos por navios da esquadra francesa.

2. Os círculos governamentais não ligam grande importância aos comentários injustos do almirante Darlan e julgam inconcebível que ele tenha agido de boa fé ao dizer que os ingleses são menos generosos do que os alemães que atualmente exploram e dominam a França.

3. Consideram esses círculos que os problemas do momento são extremamente graves para “pilherias desse gênero”.
4. O primeiro ministro, segundo se propala, fará uma declaração a respeito deste assunto para demo[n]strar uma vez mais qual a verdadeira razão da atual política britânica.
5. À primeira vista parece que Vichy, visivelmente inspirado pelos alemães, deseja colocar a Grã-Bretanha em face a duas hipóteses. Permitir que os navios franceses atravessem Gibraltar livremente o que significaria o abandono do bloqueio ou provocar um conflito armado com a esquadra francesa o que seira cair na cilada alemã.
6. a impressão geral é que os ingleses não se deixarão intimidar e não afrouxarão o bloqueio, apesr do almirante Darlan declarar que os mantimentos que quer importar são destinados unicamente ao consumo da França não ocupada.
7. Essa justificativa não é considerada como válida, pois, o governo britânico tem provas suficientes de que tudo que entra na França está sujeito a um confisco alemão na proporção de 80% para ser dividido entre o Reich e a Itália. Além disso é sabido que muitas fábricas na referida zona estão produzindo material de aviação e maquinarias de guerra para a Alemanha, sendo que algumas usinas espontaneamente, e outras sob a ameaça de não mais ser permitido o abastecimento de matérias primas para o território francês sob o governo do marechal Petain.
8. O tráfego entre Marselha e os portos africanos há muito meses não tem sido tão intenso como atualmente, e não entretanto o almirante Darlan no seu discurso apenas se referiu ao trigo quando muitos navios chegados ali transportam principalmente copra, óleo vegetal e outros produtos gordurosos de que há grande falta na Alemanha o que verdadeiramente representa uma violação do bloqueio econômico britânico.
9. O Times em artigo de hoje diz que refletindo sobre as ameaças do almirante francês seria bom que o governo britânico recordasse ao Marechal Petain a extensão dos saques e roubos dos alemães em todo o território francês como também lhe fizesse sentir estar ele adotando francamente uma política de “cooperação leal com a Alemanha” segundo suas próprias declarações o que sem dúvida representa uma ação que pode ser interpretada como pouco amistosa, para não ser considerada como hostil, à Grã-Bretanha.
10. Nessas condições, prossegue o mesmo jornal, o governo de Vichy não pode pretender auferir um tratamento preferencial e mais favorável ao concedido aos demais países neutros e amigos da Inglaterra.

11. Não resta dúvida que, apesar de tudo, a Grã-Bretanha não esquece que o povo francês foi seu grande aliado na outra guerra e até bem pouco tempo e sei que o Ministério do Bloqueio Econômico estaria mesmo disposto a facilitar a importação de trigos e outros alimentos pela França para livrar a sua população da fome de que está ameaçada por culpa dos alemães, se fosse encontrado uma forma que impedisse a reexportação para a Alemanha.

12. O governo britânico tem estado em continuo contato com o presidente Roosevelt sobre este assunto, pois, de forma alguma quer favorecer à Alemanha, sendo esse o principal objetivo da questão ventilada por instigação de Berlim.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 13 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Danos causados ao consulado do Brasil em Liverpool.

Da Embaixada em Londres

125 – QUINTA-FEIRA – 13 MARÇO 1941 – 13h30 – O cônsul em Liverpool pede informar ter sido, ontem à noite, atingido o edifício do nosso consulado, diretamente, por bombas explosivas, ficando inutilizado por incêndio. Além disso, bomba de explosão retardada nas imediações da vizinhança impede o acesso. O cônsul e demais funcionários puderam, com risco de vida, salvar o dinheiro e a parte mais importante do arquivo, tendo depositado no cofre as estampilhas, os carimbos e outros valores. O serviço terá que ficar interrompido, enquanto se providencia nova instalação. Todo o pessoal está bem e pede tranquilizar as famílias. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 13 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] A guerra e os Balcãs.

N. 218

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 13 de março de 1941

Senhor Ministro,

Apesar de ser difícil formar uma ideia exata sobre a situação diplomática e militar nos Balcãs, todos os sintomas permitem ver que estamos na iminência de decisões e acontecimentos importantes nessa parte da Europa, que, depois de ter sido desde o começo do ano o principal centro de atividades diplomática, parece prestes a se transformar em um dos maiores teatros de operações militares.

2. O fuhrer está fazendo preparativos febris, sempre declarando que o seu objetivo é manter a paz na Europa do sudeste; suas tropas de choque e suas divisões blindadas descem pelas rodovias, pelos vales da Struma e da Maritza, esperando talvez poder utilizar a estrada serbia [sic] do Vardar.

4. Os gregos, cada vez mais decididos a lutar, reforçam suas fortificações em frente de Salonica; os turcos consolidam suas defesas na fronteira turco-búlgara e turco-grega. Do lado britânico foi confirmada a notícia de um desembarque de dez divisões australianas e neozelandesas em um ponto do médio oriente que se presume seja Salônica.

5. A parte diplomática está principalmente concentrada em Belgrado depois que o ministro Eden voltou ao Cairo de onde ele está fiscalizando o desenvolvimento dos acontecimentos depois de ter sucessivamente visitando os governos turco e grego e de ter a Grã-Bretanha rompido relações diplomáticas com a Bulgária.

6. Na Iugoslávia as influências alemã de uma parte, britânica e turca de outra, se contrariam. Sem dúvida a influência ryssa também está agindo, buscando complicar a situação. Parece que a tarifa de Hitler se revela mais difícil do que ele supunha. A oposição governamental em Belgrado, que se apoia sobre os sentimentos da grande maioria do país, permanece resoluta e recusa partilhar com o regente e o primeiro ministro as responsabilidades de uma capitulação. O Exército não está nazificado como sucedeu na Bulgária. O maior perigo parece ser a escolha que deverá fazer o governo entre a



manutenção da independência do país e a salvaguarda, ilusória em caso de ocupação alemã mesma parcial, da unidade nacional.

7. O governo britânico está agindo de forma a fortificar a posição de Belgrado no caso de querer resistir e essa ação sendo feita de comum acordo com os Estados Unidos.

8. O ministro iugoslavo disse-me estar certo de que o seu país tudo fará para defender sua liberdade de nação livre, mas receia que as forças alemãs obriguem o seu governo a, pelo menos, adotar uma atitude simpatizante com o Eixo e isso devido em grande parte à falta de meios de defesa da Iugoslávia em face da formidável de guerra alemã.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 14 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] A “magna carta”

N. 223

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 14 de março de 1941

Senhor Ministro,

O ato do governo americano recentemente aprovado pelo Congresso de Washington e logo transforma em lei pelo presidente Roosevelt, despertou aqui a mais viva satisfação e produziu um recrudescimento de confiança.

2. O senhor Winston Churchill em um discurso breve e visivelmente emocionado expressiu ontem na Câmara dos Comuns a gratidão do povo britânico e para dar aos seus ouvintes a medida exata do acontecimento ele evocou um dos maiores episódios da história da Inglaterra.

“ O governo e o povo dos Estados Unidos, disse o primeiro ministro, acabam de promulgar um nova magna carta que não se refere somente aos direitos e às leis que permitem edificar uma civilização sadia e avançada, mas que proclama também, pelo preceito e exemplo, o dever dos homens livres e das nações soberanas em qualquer lugar em que estejam situadas de compartilhar da responsabilidade e dos encargos de apoiar os que os suportam”

3. A importância e o sentido dessas palavras não escapará aos americanos, pois o senhor Churchill julga que a nação norte americana, prestando o seu apoio às democracias envolvidas na guerra contra os totalitários, formulou uma espécie de magna carta internacional pela qual os homens e os Estados livres ainda existentes não podem se desinteressar dos perigos que ameaçam as liberdades dos demais países.

4. retomando as palavras do primeiro ministro direi: “A mais poderosa potencia democrática por um solene estatuto declarou que empregará as forças esmagadoras de sua indústria e de seus recursos financeiros para assegurar a derrota do nazismo para que as nações grandes e pequenas possam viver em segurança, tolerância e liberdade”.

5. É sobre esse plano superior da manutenção da liberdade humana que se encontram os duzentos milhões de homens que povoam o maior império e a maior Republica do mundo.

6. Não é possível duvidar que uma tal linguagem seja facilmente compreendida por todos.

7. Em Berlim, segundo informações aqui recebidas nos meios autorizados, os funcionários da Wilhelmstrasse explicaram aos jornalistas que os Estados Unidos tinham tomado essa decisão para prolongar a guerra. Segunde eles, o governo americanos pretende obter um duplo proveito com tal prolongação, tal como vantagens financeiras e quando chegar o momento partilhar a herança de uma Grã-Bretanha exausta por uma luta de vários anos.

8. Essas palavras constituem uma manobra que a ninguém engana, pois não é possível que nem em Berlim como em Roma os homens....

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 14 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] Mês econômico nº 2. Fevereiro de 1941.

N. 224

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 14 de março de 1941

Senhor Ministro,

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estados das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta respeitosos cumprimentos e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório econômico nº 2, relativo ao mês de fevereiro de 1941, feito pelos Serviços Comerciais desta embaixada.

Londres, 14 de março de 1941

[Anexo]

(Pelos Serviços Comerciais da embaixada)

N. 2

Mês econômico de fevereiro de 1941

Prosseguindo na política de obter divisas estrangeiras para o esforço da guerra, o *Board of Trade*, por sugestão do *Export Council*, resolveu fazer, no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, uma exibição de modelos das principais casas de modas de Londres, enviando a essas capitais dezoito jovens inglesas como manequins. Os modelos serão exibidos simultaneamente ao Copacabana Palace Hotel, no Rio de Janeiro, e no Alvear Hotel, em Buenos Aires, a 22, 23 e 24 de abril próximo futuro. Será também feita uma apresentação em São Paulo.

2. O *Import Licensing Department* solicitou aos importadores britânicos, pelo “Aviso aos Importadores” nº 114, de 5 fevereiro, providencias urgentes afim de que os exportadores e seus agentes nos países além-mar não mencionem em telegramas os nomes

dos navios em que serão embarcadas mercadorias para o Reino Unido, nem a data de partida dos mesmos. A transmissão dessas informações foi considerada prejudicial à navegação.

3. Em meados de fevereiro, foi expedida uma Ordem (*Statutory Rules and Orders*, 1941, nº 192) estendendo ao Brasil, bem como Chile, Colômbia e Peru, o controle das exportações, estabelecido, para uma série de países, o controle das exportações, estabelecido, para uma série de países, em novembro do ano passado. O *Board of Trade* informou que a medida visava impedir desequilíbrio na balança de pagamentos com os referidos países, não tendo absolutamente como objetivo a diminuição das compras britânicas no Brasil. Não há dúvida, entretanto, que ela proporciona ao mencionado departamento uma arma efetiva para regulamentar não somente as vendas de mercadorias britânicas, como também as compras dos produtos dos países em questão. É evidente que, se o *Board of Trade* chegar à conclusão de que convém mais exportar para países que não sejam o Brasil, Chile, Colômbia e Peru, diminuirá, ipso facto a necessidade de esterlinos nestes últimos, o que fará com que as autoridades britânicas se mostrem menos inclinadas a comprar os seus produtos. Até a entrada da nova ordem em vigor, os países que haviam concluído com a Grã-Bretanha acordos de pagamentos tinham até certo ponto a possibilidade de obriga-la a comprar seus produtos, recorrendo ao meio de importar tanto quanto possível deste país, pois a Inglaterra tinha então interesse em provê-los de esterlinos para que pudessem pagar essas importações. É, entretanto, necessário ter em mente, a esse propósito, que já antes dessa medida muitas mercadorias britânicas estavam sujeitas ao controle de exportações e regime de licenças, qualquer que fosse seu destino.

4. No dia 25, o “*International Rubber Regulation Committee*” resolveu que, para o segundo trimestre do corrente ano, será mantida a quota de exportações de borracha de 100%.

5. Foi divulgado, em princípios do mês de fevereiro, que uma firma, que acabará de ser incumbida de comprar para o governo britânico, havia adquirido 25.000 fardos de algodão peruano, por conta do Ministério do Abastecimento. Não se soube se essa aquisição foi determinada por um novo ajuste com o governo do Peru, ou se por um acordo realizado, meses antes, pelo qual certas quantidades de algodão que aparecessem no mercado peruano, depois de entrar em vigor na Grã-Bretanha o sistema de licenças para a importação do produto, teriam de ser adquiridas por conta deste governo. Foi também revelado, na mesma ocasião, que o Controlador do Algodão havia autorizado a

importação de algumas centenas de fardos de algodão da mesma procedência, por conta de particularidades, durante o mês.

6. A imprensa desta capital publicou uma declaração do primeiro ministro do Egito, sobre negociações que se estavam realizando entre o governo britânico e o do Cairo, relativamente à eventual compra da safra egípcia de algodão do ano em curso – segundo a qual estava sendo discutida unicamente a fixação de vários pontos detalhadas dessa compra. Os círculos algodoeiros ficaram surpreendidos com isso, pois acreditavam que uma aquisição da safra egípcia, semelhante britânicas mediante um acordo prévio de controle da produção daquele país.

7. Em meados do mês, foram estabelecidas novas medidas de limitação da produção industrial para o consumo interno. Assim, os contingentes industriais internos de tecidos de algodão, linho e seda foram limitados, de acordo com as *Limitation of Supplies Orders* de 1940, a 20% do volume do período base e os de tecidos de rayon a 40% do mesmo período. Esse período é o de abril a setembro de 1939. Os contingentes foram fixados, relativamente a cada classe de tecidos, para um período de seis meses. São os seguintes os contingentes para o período de seis meses. São os seguintes os contingentes para o período que termina de 31 de março do corrente ano: algodão -37 ½ ; linho e seda – 25% cada um; rayon – 66⅔%. Essas medidas, que entrarão em vigor no dia 1º de abril próximo futuro, foram determinadas pela necessidade, que tem a Grã-Bretanha, de fazer o melhor uso possível da sua marinha mercante e de reduzir a sua importação.

8. O Conselho do Algodão declarou que, em virtude de várias medidas tomadas pelo Controle do Algodão, os exportadores britânicos se verão possivelmente inibidos, durante um certo período, de indicar aos seus clientes datas definitivas para novas encomendas. Essa declaração foi comunicada sem demora à Secretaria de Estado e isto talvez tenha permitido às nossas fábricas, agindo com presteza, obter encomendas adicionais dos fregueses estrangeiros, sobretudo dos argentinos.

9. O presidente da *Liverpool Cotton Association* anunciou, no dia 14, que o governo britânico resolvera tomar a si a importação de todas as classes de algodão. Nenhuma decisão fora ainda tomada sobre a posição dos contratos para entregas futuras. Negociações estavam em curso para a utilização, pelo Ministério do Abastecimento e pelo Controle do Algodão, dos serviços das associações algodoeiras de Liverpool e Manchester para a compra e distribuição desse produto. Parece que o governo resolveu tomar tal medida, afim de estar em melhor posição para efetuar compras globais nos

diferentes países produtores e, bem assim, utilizar de modo mais conveniente a praça disponível.

10. Durante o mês, os jornais continuaram a referir-se à possibilidade de efetuar o governo britânico uma compra global de algodão brasileiro. Nada, porém, houve de positivo.

11. O Ministério da Alimentação comunicou à embaixada, no dia 1º de fevereiro, haver resolvido, a pedido dos embarcadores brasileiros, fazer um aumento nos preços de certos miúdos, constados do 3º contrato global de compra de carne frigorificada brasileira.

12. Durante o mês, esta embaixada prosseguiu nas conversações com o governo britânico, relativamente à venda de carne brasileira, especialmente de carne em conserva, a este país.

13. O Ministério da Alimentação, segundo foi anunciado, passou a ser o único comprador de polpa de fruta importada, neste país, tendo como agente, para isso, a Fruit Pulp Association, Limited. 48 Mark Lane, Londres, E. C. 3.

14. Pela *Statutory Rules and Orders*, 1941, nº 107 – *Emergency Powers (Defence) Food (Oranges)*” foram estabelecidos novos preços máximos para as laranjas: a) numa primeira venda; b) numa venda por atacado. Nas vendas em varejo, o preço das laranjas, qualquer que seja a sua procedência, é de 6d. por libra.

15. O Foreign Office comunicou à embaixada, em 24 de fevereiro, não ser provável, em virtude da falta de praça refrigerada, a importação de laranjas brasileiras no Reino Unido, durante a próxima estação. O referido departamento acrescentou, no entanto – mas sem garantir – que algumas pequenas quantidades serão possivelmente embarcadas, entre abril e julho do corrente ano.

16. No dia 3 de fevereiro entrou em vigor a *The Nuts (Maximum Prices) Order*, 1941 (*Statutory Rules and Orders*, 1941, nº 120”, fixando preços máximos para nozes descascadas e com casca. A mesma ordem também proibiu, a partir do dia 24, a venda de nozes mistas, descascadas e com casta, sem licença do Ministério da Alimentação. Poucos dias depois, esse Ministério da Alimentação resolveu não mais permitir a importação dessas nozes e, bem assim, a de cocos secos, enquanto permanecerem as presentes dificuldades de transporte. Terminados os estoques existentes e continuando as circunstâncias atuais, não haverá nozes para

distribuição ao comércio. A ordem citada teve assim por fim impedir a alta dos preços, que se teria dado em consequência da falta desses gêneros alimentícios.

17. Examinando as numerosas medidas tomadas pelas autoridades britânicas durante o mês, verifica-se novamente a extensão que vai tomando cada vez mais o controle do governo britânico não somente exterior do país, como também sobre todas as atividades econômicas da nação e mesmo sobre a vida particular da população. Não há dúvida que a economia britânica vai assumindo rapidamente todas as feições de uma economia dirigida, devendo-se a esse propósito salientar que muitas das dificuldades surgidas neste país desde a guerra são devidas à tentativa de conciliar a economia livre com a necessidade de controle da mesma pelo governo.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 17 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] Relações franco-britânicas.

N. 225

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 17 de março de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento ao meu ofício nº 214 de 12 de março, tenho a honra de informar que como era previsto o governo britânico está estudando o problema do bloqueio no que se refere à França como um grande desejo de aliviar os sofrimentos dos franceses ainda que devido à pilhagem dos alemães, mas sem que isso implique em afrouxar as medidas adotadas contra o inimigo.

2. As ameaças do almirante Darlan que elogiou a “generosidade dos alemães”, não demoveu a Grã-Bretanha do propósito de buscar um arranjo possível, sendo que a indignação e o res[s]entimento não constituem estados de espírito políticos.

3. Em um ponto porém, o governo britânico não cederá: nada será autorizado que possa ser proveitoso aos alemães. Os carregamentos de trigo para os franceses não poderão dissimular reais fornecimentos para os exércitos do Reich que ocupam três quintas partes do território francês e que constituem as mais diretas ameaças contra as ilhas britânicas.
  4. A Grã-Bretanha formulou suas exigências prevendo uma fiscalização rigorosa para ter segurança que a infiltração alemã na África do Norte deva cessar.
  5. Os Estados Unidos estão dispostos a exercer essa vigilância e também para o desembarque, transporte e distribuição dos viveres não havendo pois dificuldades materiais se houver boa fé por parte do governo de Vichy.
  6. Os planos para o abastecimento urgente de artigos alimentícios para a parte não ocupada da França serão divulgados nos próximos dias.
  7. O governo britânico em combinação com os Estados Unidos está preparado para fazer tudo que esteja ao seu alcance para evitar a fome em França resultante da opressão e do saque alemão.
  8. A Inglaterra pela sua atitude perturba a manobra política inimiga e assim age atendendo mais uma vez aos fins humanitários.
  9. O objetivo visado por Hitler para produzir um conflito entre Londres e Vichy não será logrado.
  10. Compete agora ao almirante Darlan demonstrar que ele não tem realmente outro desejo senão evitar aos franceses a miséria e a fome e que seu espírito de colaboração não o conduz a favorecer as exigências do fuehrer contra os interesses dos seus compatriotas.
- Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 18 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Repercussão discurso presidente Roosevelt.



## Da Embaixada em Londres

131 – TERÇA-FEIRA – 18 MARÇO 1941 – 16h30 – O discurso do presidente Roosevelt continua tendo grande repercussão e está tendo determinante influência na atitude dos países balcânicos mais diretamente ameaçados pelo Reich. Segundo informações de boa fonte, a Alemanha ainda não fez qualquer exigência formal à Iugoslávia, exercendo, porém, grande pressão indiretamente, e, por sondagem dos seus diplomatas em Berlim estaria convencida de que o governo iugoslavo cada vez mais se dispõe a assumir atitude enérgica em defesa da independência nacional. O fracasso da grande ofensiva italiana na Albânia e as vitórias britânicas na África também contribuem para essa política de firmeza, tanto em Belgrado como em Atenas. Com referência à resposta da Turquia à mensagem de Hitler é sabido que contém apenas agradecimentos, reafirmando a decidida vontade do povo turco de manter sua independência. Aqui acreditam que, caso os alemães ataquem nos Balcãs, a Grã-Bretanha, auxiliada pelos Estados Unidos da América, dará todo o apoio moral e material, tanto à Grécia como à Turquia. A ameaça de invasão pelos alemães recrudescer com a aproximação da primavera. Os ataques aéreos sobre Bristol, foram, ontem e anteontem, de excepcional violência. Os círculos diplomáticos acreditam na possibilidade de um próximo rompimento de relações entre os Estados Unidos da América e a Alemanha. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 19 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] A ação militar britânica na África.

N. 232

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 19 de março de 1941

Senhor Ministro,

A ocupação do porto de Berbera pelas tropas britânicas constitui na opinião dos técnicos um grande acontecimento militar.

2. Deve ser recordado o tom dos comunicados italianos em agosto do ano passado quando celebraram “a extraordinária vitória” das armas do duce na Somália britânica.
3. Enquanto a imprensa de Roma comentava com grande entusiasmo esses altos feitos o fuehrer enviava felicitações ao duce e no entretanto tratava-se de êxitos facéis devido ao colapso francês o que obrigou aos britânicos a abandonarem aquelas posições por motivos estratégicos.
4. Assim Mussolini perdeu agora todas as vantagens que ele tinha obtido no começo da campanha e não somente acaba de perder a Somália britânica mas também foi obrigado a abandonar ultimamente a região de Sidi-Barrani, no Egito, a de Kassala e de Gallabat, no Sudão e a de Moyale em Quênia.
5. Em agosto de 1940 apesar de tudo o que foi dito em Roma a posse da Somália britânica não apresentava uma utilidade considerável para os italianos mas atualmente, para os britânicos, a situação é bem diversa ao recuperarem Bérbera. No estado atual das operações esse porto é de uma grande importância estratégica.
6. As tropas italianas estão sendo expulsas da Somália britânica e praticamente não podem se retirar senão para a pequena Somália francesa que se estende em torno do porto de Djibouti, e por Bérbera poderão se encaminhar as colunas de abastecimento do exército britânico que avançam sobre Jijiga e Harar.
7. Presentemente toda a África Oriental italiana está ameaçada. Na Somália os britânicos já se apoderaram de Mogadishu, na Eritreia estão cercando a praça força de Keren e está sendo esperada a queda de Asmara. Assim a Abissínia está cercada a este pelas tropas vindas da Somália, a oeste pelas do Sudão e ao sul pelas que procedem de Quênia.
8. A Etiópia que foi, por assim dizer, a primeira etapa no desenvolvimento da política de expansão das potências do Eixo com violação de todas os princípios do direito internacionaal vai ficar liberada do jugo estrangeiro graças às forças do Império britânico.
9. O momento parece se aproximar em que Mussolini perderá a totalidade do seu império da África ocidental e em que o rei da Itália terá que restituir o título de imperador da Abissínia ao seu legítimo dono.
10. Não me refiro ainda ao império do norte tão comprometido desde que a Cirenaica foi dominada pelas tropas do general Wavell e que apenas da Líbia somente a Tripolitania ainda se encontra sob domínio fascista.
11. Desde novembro último não ouvimos mais o duce reclamar Nice, Córsega, Savoya e Túnisia. Parece que ele presentemente tem outras preocupações mais graves e

as operações que prossegue no Mediterrâneo oriental não são de moldes a tranquiliza-lo, pois nessa região está presentemente instalado o principal teatro da guerra.

12. Tudo leva a crer que estamos em vésperas de grandes acontecimentos e assim depois do desembarque de tropas britânicas em um porto não divulgado do próximo Oriente, foi agora noticiado que grandes transportes, carregados de soldados ingleses, atravessaram Gibraltar dirigindo-se para o Mediterrâneo oriental certamente para reforçar o corpo expedicionário, a que acima me referi, tendente a reforçar a posição da Turquia e da Grécia no caso de um ataque alemão como muitos supõem seja proposito do Estado Maior do fuehrer.

13. Em geral reina agora um maior otimismo sobre a situação geral mormente depois da atitude firme adotada pela Grã-Bretanha e pelas promessas formais do presidente Roosevelt.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 19 MAR 1941 • AHI 28-2-**

[Índice:] O último discurso do presidente Roosevelt.

N. 233

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 19 de março de 1941

Senhor Ministro,

Segundo informações recebidas nos círculos diplomáticos ligados ao Foreign Office, o discurso do presidente Roosevelt provocou na Alemanha um despeito e uma irritação muito mais intensa do que poder ser julgado pelos comentários da imprensa e dos rádios de Berlim e de Roma.

2. Aqui julgam que essa reação é facilmente compreendida, pois o fuehrer e seus auxiliares geralmente se mostram em tais casos de uma violência sem limite e não admitem que uma palavra mais franca de um homem de Estado da Europa Central ou dos Balcãs possa ser proferida contra eles ou contra o nazismo e quando isso ocorre logo desencadeiam uma campanha de insultos nos seus órgãos de imprensa e tratam imediatamente de aplicar represálias.

3. Na atual circunstância Hitler e seus companheiros ficaram naturalmente perplexos e indignados diante a coragem e conclusão de um tratado de não agressão e defesa mútua entre a Iugoslávia e a Rússia Soviética.

10. Ouvi a esse respeito certas observações em relação ao fato de que uma agressão significa naturalmente pouco quando, como é o caso da Iugoslávia e Rússia, não possuem fronteiras comuns.

11. Por outro lado um auxílio mútuo seria a maneira natural para a Rússia incitar a Iugoslávia à resistência contra a pressão alemã e eventual tentativa de absorção [sic] ou ocupação incompatível com a honra de uma nação livre.

12. Existe um certo ceticismo entre os diplomatas britânicos em relação ao fato de saber se Moscou cogita verdadeiramente de prestar uma assistência militar e total à Iugoslávia.

13. Alguns julgam que os Soviets tendo tido conhecimento de certos projetos atribuídos aos alemães de encetarem no começo do verão uma campanha contra a Ucrania, velha ambição de Hitler, não hesitarão em buscar aliados onde seja possível.

14. Outros pensam que a Rússia agirá segundo o desenvolvimento dos acontecimentos e em tal eventualidade Moscou agiria de acordo com Berlim se o Reich for bem sucedido e em posição diametralmente oposta em caso contrário.

15. De qualquer forma por enquanto não vejo motivo real para crer que a ação Berlim-Moscou não continue a ser exercida em plena harmonia, pois até agora a política Stalin-Hitler ainda não entrou em grave choque continuando ambos a dividir os proveitos sempre que a ocasião tem sido propícia.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 20 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. (Ataque aéreo a Londres).

Da Embaixada em Londres

134 – QUINTA-FEIRA – 20 MARÇO 1941 – 14h00 – O ataque aéreo, ontem à noite, foi extremamente violento, sendo Londres o principal objetivo. Quatro hospitais, inclusive uma maternidade, foram atingidos, além das docas. As bombas lançadas, ontem, foram de excepcional poder explosivo. Ainda não foi divulgado o número das vítimas, que deve ter sido importante. O subsecretário dos Negócios Estrangeiros, interpelado na Câmara dos Comuns, declarou que qualquer sugestão para garantir a população civil italiana, na Abissínia, devia partir do governo italiano ou da autoridade militar naquela zona. Acrescentou que o governo britânico jamais recebeu pedido nesse sentido, mas devia declarar que, enquanto se desenvolvem as operações militares, as forças e os servidores do Estado nada podem fazer para proteger a população localizada atrás da linha inimiga que, em dado momento, pode ficar ameaçada. Cumpre, pois, conforme declaração do subsecretário dos Negócios Estrangeiros, ao alto Comando italiano assegurar a proteção da referida população. MONIZ DE ARAGÃO

\*

OFÍCIO • 21 FEV 1941 • AHI 28-2-?

[Índice:] Controle da exportação britânica para o Brasil.

N. 237

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 21 de março de 1941

Senhor Ministro,

As medidas de controle da exportação para o Brasil, Chile, Colômbia e Peru (ofício nº 174, de 26 de fevereiro último) estão provocando protestos de partes dos negociantes desta praça. Dizem eles, segundo o *Evening News* de 20 do corrente (recorte anexo), que essas medidas impedem o pleno aproveitamento do bom trabalho realizado pela missão Willingdon, na América do Sul.

2. Os exportadores ingleses acham absurdo, naturalmente, que o governo, tendo feito uma grande despesa para estimular o comércio com os países sul-americanos, não permita agora, quando os resultados desse trabalho estão começando a aparecer, o embarque de qualquer mercadoria para o Brasil, Chile, Colômbia e Peru, sem licença de exportação. Um negociante declarou que tem pedidos no valor de cerca de £60.000, aguardando aprovação das autoridades.

3. O *Evening News* diz ainda que, de acordo com declaração de uma pessoa da Câmara de Comércio britânica, foi necessário aplicar o regime de licenças às exportações para os quatro países acima citados, afim de defender os interesses dos próprios exportadores. Muitos negociantes, querendo colocar-se na dianteira para a venda de seus produtos e aproveitar o trabalho de propaganda que estava sendo feito pela missão Willingdon, haviam remetido grandes quantidades de artigos para os mercados sul-americanos, antes mesmo de receberem qualquer pedido. Mercadorias no valor de mais de 1.000.000 tinham sido lançadas nessa cartada. Não havia receio de que as mesmas não fossem vendidas, mas era duvidoso que os exportadores conseguissem receber as respectivas importâncias, devido à falta de esterlinos na América do Sul.

4. A esse propósito, devo informar que os Serviços Comerciais da embaixada vêm recebendo pedidos de intervenção, por parte de exportadores ingleses que estão vendo seu comércio com o Brasil tolhido pelo controle estabelecido em 19 de fevereiro último. Estamos tratando de atender a esses pedidos, tendo em vista que a canalização de mercadorias inglesas para o Brasil, além de ser conveniente por termos agora poucos países em que nos suprir e por ser deficitária a nossa balança comercial com o principal deles, os Estados Unidos, tem também como resultado maior interesse por parte da Grã-Bretanha em comprar no Brasil.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 22 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] Mercadoria apreendida pelo governo britânico. Instituto Nacional do Mate.

N. 239

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 22 de março de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento ao meu telegrama de 11 do corrente, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, cópia de uma carta recebida do Ministério da Alimentação deste país, sobre o caso da mercadoria embarcada pelo Instituto Nacional do Mate, no vapor francês *Myson*, para o *Comptoir International du Mate*, com sede em Paris, e apreendida pelas autoridades britânicas.

2. O referido Ministério diz que a mercadoria em questão foi considerada aqui como pertencendo ao *Comptoir International du Mate*, na data da requisição. Pede, por isso, que o Instituto brasileiro forneça informações e apresente documentos, que comprovem o seu direito a receber a correspondente indenização.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 22 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] Missão comercial britânica à América do sul.

N. 240

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 22 de março de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, nos inclusos recortes<sup>1</sup>, dois artigos publicados pelo Times, de 22 do corrente, sobre a viagem da missão Willingdon à América do sul.

2. O primeiro deles, artigo editorial intitulado “*Good will and markets*”, se refere, entre outras coisas, a declarações feitas recentemente, nesta capital, por um dos membros da Missão, *lord* Forres, a respeito da potencialidade industrial do Brasil e de outros países sul-americanos. Segundo, *lord* Forres, essa potencialidade, ainda na sua infância, receberá da guerra um poderoso impulso; e no seu desenvolvimento o capital dos Estados desempenhará um papel importante, conjuntamente com o capital britânico, no qual muitos daqueles – principalmente a República Argentina – se apoiaram, no passado.

3. O Segundo artigo faz considerações de ordem geral sobre a mencionada viagem.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 24 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] Lã. Exportação para o Brasil.

N. 245

---

<sup>1</sup> Documento não possui os anexos mencionados.



Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 24 de março de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício nº 234, de 20 do corrente, relativo a providências que está embaixada estava tomando no sentido de obter que as autoridades britânicas permitam a saída de 500 fardos de lã da África do Sul, para a firma *Varan Gasparian*, do Brasil, tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência, a título de informação, que, atendendo ao telegrama nº 74 dessa Secretaria de Estado, solicitamos, para a solução do assunto, os bons ofícios do Foreign Office.

2. Esse Ministério, ao qual entregamos o *memorandum* incluso por cópia, prometeu interessar-se pelo caso.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 25 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] Guerra na Europa. Atividade nazista na América do Sul. Situação balcânica.

Da Embaixada em Londres

138 – SEGUNDA-FEIRA – 25 MARÇO 1941 – 18h15 – Os jornais salientam a conferência em Santiago do Chile dos embaixadores alemães em Buenos Aires, Lima e La Paz como o prenúncio de uma ação nazista mais intensa na América do Sul, tal como parece já estar ocorrendo no México, acrescentando que o assunto está sendo objeto de muita atenção do governo americano, mormente com relação à defesa do canal do Panamá. O

desenvolvimento da situação balcânica continua a inspirar vivo interesse, não havendo otimismo sobre a atitude do governo iugoslavo. O governo britânico mantém-se em permanente contato com Ancara, Atenas e Belgrado. Um boato não confirmado, mas julgado digno de crédito, indica que o governo russo teria dado segurança à Turquia de não intervir na sua política se julgar dever agir em defesa de sua independência. Possivelmente uma declaração será feita em Moscou nesse sentido. O último bombardeio de Plymouth produziu graves danos na zona residencial, sendo grande o número de mortos, sobretudo de mulheres e crianças. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**TELEGRAMA • 25 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] Normas para a entrada de estrangeiros no Brasil.

Da Embaixada em Londres

141 – TERÇA-FEIRA – 25 MARÇO 1941 – 13h00 – Com referência à circular 1499, devo ponderar que a mesma está criando dificuldades e má impressão nos meios oficiais, que não ignoram terem sido feitas certas exceções de nacionalidade. Certos números de ingleses, perfeitamente idôneos, necessita, de vez em quando, visitar o Brasil em viagem de negócios e fiscalização de interesses particulares, ou em companhia de outras missões oficiosas e culturais. Presentemente, Francis Toye deseja visitar o Rio de Janeiro, a convite da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, sem que o consulado-geral possa visar seu passaporte, conforme ordem vigente. Agradeceria a possibilidade desta embaixada e do consulado-geral terem latitude para fazer certas exceções, como, por exemplo, no caso acima referido. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**TELEGRAMA • 26 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] Guerra na Europa. Situação balcânica. Utilização de bases inglesas do Atlântico.

Da Embaixada em Londres

144 – QUARTA-FEIRA – 26 MAR. 1941 – 16h30 – A assinatura, pela Iugoslávia, do pacto tripartido, não causou surpresa, mas é considerada de extrema importância para o desenvolvimento da guerra. A expansão germânica nos Balcãs está determinando maior aproximação das relações anglo-russas, estabelecendo, entre Moscou, Ancara e Londres possibilidades de êxito para novos entendimentos, no interesse da defesa comum. O subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros disse-me hoje, reservadamente, estar iminente a assinatura do contrato e regulamento para a utilização das bases inglesas no Atlântico, pelos Estados Unidos da América, acrescentando considerar a situação com o maior otimismo, em face da franca e decisiva política americana de auxílio à Grã-Bretanha. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**TELEGRAMA • 26 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Normas para a entrada de estrangeiros no Brasil.

Da Embaixada em Londres

145 – QUARTA-FEIRA – 26 MARÇO 1941 – 18h15 – Aditamento o meu telegrama n. 141. Realizou-se hoje um grande almoço, no Conselho britânico, de despedida ao senhor Francis Toye, que partirá para o Rio de Janeiro para dirigir a Sociedade de Cultura Inglesa. Estiveram presentes altas autoridades diplomáticas e políticas. Foi levantado um brinde a Sua Excelência o Senhor Presidente Getúlio Vargas. O subsecretário dos Negócios Estrangeiros pediu-me manifestar a Vossa Excelência o desejo deste Governo de que seja o passaporte visado nesta embaixada, visto tratar-se de funcionário pago pelo governo britânico, tendo, portanto, carácter semioficial, e dispensar o Foreign Office o máximo interesse ao assunto. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**DESPACHO • 26 MAR 1941 • AHI 29/3/13**

Índice: Contribuição do Brasil para o Conferência Internacional de Carnes.

N. AC/24/845.73 (60) (00)

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres

RIO DE JANEIRO – 26 MAR. 1941 – A secretaria de Estado das Relações Exteriores apresenta seus cumprimentos à embaixada do Brasil em Londres e, para fins de caráter orçamentário, solicita-lhe o obséquio de remeter, com a maior urgência possível, informações sobre o montante das contribuições que deverão ser pagas pelo Brasil à Conferência Internacional de Carnes, nos exercícios de 1941 e 1942. [EXTERIORES]

\*

**TELEGRAMA • 27 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Golpe de Estado na Iugoslávia.

Da Embaixada em Londres

147 – QUINTA-FEIRA – 27 MARÇO 1941 – 13h00 – Notícias de Belgrado, que acabam de ser recebidas pelas agências telegráficas, dizem que, esta madrugada, o rei Pedro deu um golpe de Estado, expulsou o regente Paulo, prendeu o primeiro-ministro e o ministro dos Negócios Estrangeiros, tomando posição francamente contra o Eixo. Essas notícias causaram grande sensação, sendo esperado a cada momento o texto da proclamação dirigida pelo rei ao seu povo. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**TELEGRAMA • 27 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Golpe de Estado na Iugoslávia.

Da Embaixada em Londres

148 – QUINTA-FEIRA – 27 MARÇO 1941 – 16h00 – Aditamento ao meu telegrama n. 147. O primeiro-ministro acaba de declarar que o governo britânico dará todo apoio ao novo rei dos sérvios, croatas e eslovenos na defesa contra a eventual agressão alemã, não duvidando de igual atitude por parte dos Estados Unidos da América. Acrescentou que o Império Britânico e seus aliados farão causa comum com a Iugoslávia. A situação é

considerada extremamente delicada, sendo ansiosamente esperada a reação na Rússia e na Turquia. MONIZ DE ARAGÃO



TELEGRAMA • 27 MAR. 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Guerra na Europa. Ataque ao Navio brasileiro *Taubaté*.

#### Da Embaixada em Londres

149 – QUINTA-FEIRA – 27 MARÇO 1941 – 16h30 – A imprensa trata minuciosamente da agressão alemã ao navio brasileiro *Taubaté*, lamentando ter havido vítimas e condenando severamente o aviador nazista, cuja conduta considera criminosa e imperdoável. Diversos colegas têm manifestado a esta embaixada seus sentimentos de simpatia. MONIZ DE ARAGÃO

\*

OFÍCIO • 27 MAR 1941 • AHI 28-2-2

[Índice:] Programa de paz.

N. 257

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 27 de março de 1941

Senhor Ministro,

No recente discurso proferido por *lord* Halifax em Nova Iorque na *Pilgrims Society* ele esboçou em grandes traços um primeiro ensaio do programa de paz.

2. Apesar de ainda ligeiramente esboçado vale a pena observar e perceber o movimento geral do projeto cuja parte essencial subsistirá sem dúvida depois dos retoques necessários.

3. O frontispício desse programa de paz, que servirá talvez de guia para a reconstrução após guerra, está constituído de princípios que se baseiam em qualquer democracia na própria vida e garantia da liberdade de todos os seres humanos.

4. *Lord* Halifax declarou que a guerra atual tinha por objeto a manutenção desses princípios.

5. “O presente conflito, disse o referido embaixador, pôs em perigo certas máximas essenciais à vida que todos queremos viver, que desejamos ver em torno de nós. É verdade que combatemos pela nossa própria vida porque ela sem essas máximas ficaria sem interesses e valor”.

6. O embaixador britânico em Washington continuou dizendo: “Esses princípios constituem os elementos básicos dos direitos promulgados na declaração da Independência americana há cento e cinquenta anos. Como o presidente Roosevelt fez há dez dias em seu discurso histórico eu desejaria poder reivindicar hoje para todo homem o direito de pensar, falar e de agir livremente dentro dos limites das leis e de ter franca liberdade de acesso ao pensamento dos outros homens com o direito de formar livremente associações nacionais ou internacionais, viver sem temor de agressão, da injustiça e da miséria e finalmente o direito de crer e de adorar segundo o impulso de sua consciência”.

7. Em seguida a esta declaração de ordem geral, *lord* Halifax indicou o plano de reconstrução do mundo. Ele disse perceber no futuro uma associação de nações fortes em condições de cooperar para garantir sua prosperidade econômica e sua defesa. Nenhuma nação poderá dominar as outras e todas, mesmo as mais pequenas e fracas, deverão ter o seu lugar e estar prontas para certos sacrifícios para o bem geral.

8. A ordem internacional para ser estável deve prever e regular as modificações que poderão intervir nas relações entre os estados, mas acrescentou *lord* Halifax, os direitos não poderão existir sem os deveres.

9. Qualquer nação deverá estar pronta como todo cidadão para tomar na devida consideração tudo o que interessa na esfera política como na econômica e prosperidade do vizinho.

10. Seria inútil ensaiar impor um sistema de associação de povos à nações que não queiram colaborar sinceramente e parece que é necessário tratar de criar no mundo condições políticas e econômicas tais que os povos perceberão por si mesmo a profunda comunhão de sus interesses.

11. A união dos países britânicos (*British Commonwealth*) é hoje o bastião da defesa das liberdades humanas e poderá se transformar, graças a sua dispersão geográfica, na formula de partida que nos encaminhará para a unidade de um mundo mais vasto.

12. *Lord* Halifax falou ainda da cooperação econômica entre os povos: “Quando a vitória for conquistada o nosso objetivo será desenvolver por todos os meios pelas trocas a percepção o interesse geral. Os problemas que implicam necessidades comuns não

podem ser resolvidos senão por uma ação coletiva. Nosso propósito será uma justa repartição da prosperidade”.

13. Enfim o embaixador declarou que esse vasto programa de reconstrução não podia ser encarado senão existir um dispositivo de segurança que impeça a Alemanha de retomar, depois de sua segunda derrota, pela terceira vez a sua política agressiva, abusiva de dominação do mundo e assim esperava que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha compreendessem a imensa responsabilidade que então lhe caberá.

14. Direitos do homem, associação política dos povos para a própria prosperidade econômica e defesa, manutenção de uma força armada enquanto a Alemanha não se submeter às novas doutrinas são os princípios pontos do vasto plano que *lord* Halifax apresentou, não somente diante dos membros da *Pilgrims Society* de Nova Iorque, mas diante de todas as pessoas e organizações políticas que tem responsabilidades na elaboração da futura paz.

15. Por uma extraordinária coincidência ele colocou como lema de sua alocução a citação de Pascal, referente a uma organização mundial baseada na justiça e na força, exatamente como foi feito em 1924 quando foi firmado o protocolo da Sociedade das Nações, referente à segurança e defesa dos estados, membros da referida organização.

16. A imprensa comenta elogiosamente o discurso do embaixador, julgando que ele prestou um grande serviço à grande obra de liberdade e progresso que está sendo elaborada pelos governos britânico e americano.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 27 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[*Índice:*] O novo aderente ao Pacto Tripartido.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 27 de março de 1941

Senhor Ministro,

O governo iugoslavo ao aderir em Viena, com era esperado, ao Pacto Tripartido assinou a submissão do seu país à Alemanha.

2. Essa é a opinião dominante nos meios ligados ao Foreign Office e as notas pelos quais o fùhrer garantiu as fronteiras da Iugoslávia e se compromete a não pedir autorização para a passagem de tropas alemãs através [d]o território iugoslavo não terão certamente valor senão enquanto Hitler julgar compatível com seus interesses políticos e de acordo com sua[s] necessidades estratégicas.

3. Releva notar que o governo alemão não se comprometeu a não invadir a Iugoslávia por sua própria iniciativa.

4. Nem a resistência da nação, especialmente do elemento sérvio, nem as avisos e recomendações reiteradas dos governos britânicos, grego e turco puderam a ação do regente Paulo.

5. Foi ele quem solicitou a incorporação da Iugoslávia na órbita do Eixo e isso foi claramente indicado pelo ministro Ribbentrop no seu discurso no qual coloca o governo iugoslavo no mesmo pé de igualdade que os outros signatários tais como a Hungria, Romênia, Eslováquia e Bulgária.

6. Assim, pois, ficou afastada qualquer possibilidade de formação de um frente balcânica de Belgrado a Ancara através [d]a Sérvia meridional, [d]a Macedônia e [d]a Trácia.

7. É uma situação que os governos de Londres, de Atenas e de Ancara tinham previsto e que já tinham considerado ao elaborarem os seus planos defensivos.

8. Em relação à defecção do governo iugoslavo devem ser notadas as declarações que acabam de ser trocadas entre a Turquia e a Rússia soviética.

9. Por esse ato o governo de Moscou deu aos turcos a certeza que sua resistência a uma eventual agressão seria compreendida pelos russos que nada fariam para comprometê-la guardando uma perfeita neutralidade.

10. Em certos termos as relações turco-russas voltaram ao que eram antes da assinatura do tratado germano-russo em 17 de setembro de 1939 e se encontram restabelecidas no plano do acordo de não agressão russo-turco de 1925 o que significa que a Rússia e a Turquia estão decididas a prosseguir no desenvolvimento de uma política de paz e se obrigam a observar entre elas uma neutralidade que não exclui a perfeita



compreensão para o caso em que uma ou outra dessas nações seria atacada uma vez que todas duas prometem não participar de qualquer combinação que poderia arrastá-las a atos de hostilidades entre ambas prevalecendo uma perfeita reciprocidade.

11. Parece interessante observar a evolução da política de Moscou que foi anunciada pela sua atitude em relação à Bulgária antes e depois da adesão de Sofia à Tríplice.

12. Continuando a se mover no quadro da neutralidade e da paz, Moscou foi progressivamente impelido a modificar a sua neutralidade pacífica à medida que a ameaça alemã se aproxima dos Estreitos.

13. A declaração de 25 do corrente, marca um passo a mais, pois, introduz novamente na fraseologia russa a noção de agressão cujo autor não ser senão Hitler.

14. O assunto sendo considerado sob este aspecto não parece exagerado dizer que a referida declaração de 25 de março, constitui um documento importante e que estabelece entre Moscou, Ancara e Londres possibilidades de possíveis contatos e eventuais entendimentos.

15. Assim estou informado de que nos últimos dias tem sido frequente as visitas do embaixador dos Sovietes ao Foreign Office e que nos círculos políticos desta capital o assunto está sendo considerado com um maior otimismo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

TELEGRAMA • 28 MAR. 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Guerra na Europa. Ataque ao navio brasileiro *Taubaté*.

Da Embaixada em Londres

150 – SEXTA-FEIRA – 28 MARÇO 1941 – 10h30 – Aditamento ao meu telegrama n. 149. A agressão ao *Taubaté* continua sendo o principal comentário da imprensa e do rádio. O

*Times* publicou hoje destacada e extensa entrevista do comandante Tinoco, o qual afirma, sem hesitação, ter, não somente ele mas toda a tripulação, visto distintamente a insígnia alemã na asa e na cauda do aparelho atacante, o qual de nenhum modo poderia ter-se equivocado quanto à nacionalidade do vapor. Forneceu ainda outros pormenores sobre a brutalidade do ataque, salientando a cortesia do acolhimento pelas autoridades de Alexandria e o imediato auxílio prestado por um avião britânico, que logo atendeu ao seu pedido de socorro. O comandante acrescenta que, além das avarias sofridas pelo *Taubaté* no ataque à metralhadora, houve o arrombamento do casco do navio por explosão de uma bomba próxima, um morto e doze feridos. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**TELEGRAMA • 28 MAR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Proteção interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

152 – SEXTA-FEIRA – 28 MARÇO 1941 – 16h00 – Referência ao meu telegrama n. 196, do ano passado. O crédito aberto pelo governo italiano para o assunto do telegrama de Vossa Excelência n. 165 está prestes a esgotar-se. Abandonado o projeto de repatriação e agravando-se a situação de muitas famílias, em consequência dos bombardeios aéreos, torna-se premente que esta embaixada possa continuar a socorrer o “Comitê de auxílio aos italianos desvalidos”. Agradeceria que Vossa Excelência obtivesse, do governo italiano, remessa de soma igual. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**DESPACHO • 29 MAR 1941 • AHI 29/3/13**

Índice: Missão comercial britânica ao Brasil.

N. EC/26/812. (60) (42)

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres  
Em 29 de março de 1941

Senhor Embaixador,

Tenho a honra de acusar o recebimento do ofício n 99, de 6 de fevereiro último, pelo qual V. E. solicita informações sobre as conversações realizadas entre o ministério e outros órgãos da administração pública e a Missão Willingdon e, principalmente, se das mesmas resultou algum entendimento.

2. Em resposta, cabe-me informar V. E. que dos entendimentos entre o governo brasileiro e a Missão Willingdon não resultaram medidas imediatas, tendo havido apenas uma troca de ideias, de vez que a referida missão tinha um caráter mais político do que propriamente comercial.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(d) Maurício Nabuco.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

\*

**OFÍCIO • 29 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] Ataque aéreo alemão sobre o *Taubaté*.

N. 264

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 29 de março de 1941

Senhor Ministro,

Com referência aos meus telegramas Ns°. 149 e 150 de 27 e 28 do corrente, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos recortes<sup>2</sup> do *Times*, *Evening Standard*, relativos ao bombardeamento do vapor brasileiro *Taubaté*, por um avião alemão nas costas do Egito.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

---

<sup>2</sup> Documento não traz os anexos citados.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 31 MAR 1941 • AHI 28-2-**

[Índice:] As vitórias britânicas na África.

N. 265

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 31 de março de 1941

Senhor Ministro,

Os exércitos do Império britânico acabam de logras novos êxitos na Eritreia e na Abissínia que tomam o aspecto de vitórias decisivas.

2. A ocupação pelos britânicos da praça forte de Keren representa incontestavelmente um acontecimento extraordinário.

3. Uma terça parte dos efetivos do Exército italiano na África oriental tinha sido concentrada para a defesa fortaleza que, graças a esse fato e a sua excepcional posição estratégica, resistiu durante sete semanas aos impetuosos ataques terrestres e aéreos.

4. As tropas do duce estão se retirando apressadamente para Asmara, sempre porem perseguidas pelos exércitos imperiais, e assim, sem exagero, poder ser prevista dentro de alguns dias a ocupação da capital da Eritreia, assim como o porto de Mar Vermelho.

5. Nessa forma os italianos perderão a mais antiga de suas colônias africanas.

6. Não menos importante é a rendição da Harrar, segunda capital da Etiópia e antiga residência do Imperador.

7. A Abissínia está agora cercada por todos os lados e assim colunas provenientes da Eritreia pelo norte, da Somália a este, de Kenya ao sul e do Sudão a oeste avançam

progressivamente, ameaçando a capital do país que praticamente já está privada de qualquer meio de receber socorro.

8. Nessa forma a Itália, depois de ter perdido a Cirenaica, está em véspera de ter que abandonar toda a África oriental.

9. Os círculos mais autorizados britânicos salientam que não é bastante fazer referência às derrotas italianas, pois as potências do Eixo estão inteiramente ligadas e o que atinge Roma fere também Berlim.

10. Considerem pois que as desventuras do duce são extremamente incômodas para o *führer*. Enquanto este tenta de socorrer a Itália e preparava a invasão dos Balcãs, acaba de perder um dos seus maiores trunfos em virtude da revolução de Belgrado e a onda de descontentamento popular em Iugoslávia tudo transformou e nem mesmo deu tempo de secarem as assinaturas dos seus ministros no pacto firmado em Viena.

11. O Times comentou o fato, dizendo que “um povo e um Exército fieis as suas tradições gloriosas se ergueram, infligindo a Hitler a derrota mais dura que jamais ele sofreu.”

12. Em geral a imprensa mostra grande satisfação em face dos recentes acontecimentos de Belgrado e dizem que os demais povos oprimidos devem ter sentido um grande conforto e constatam que desde junho do ano passado as potências do Eixo tem acumulado uma série de insucessos, tais como a impossibilidade do governo alemão de abater a Grã-Bretanha; desastres de Mussolini na Grécia, na Agrica [sic] e nos mares do Mediterrâneo e fracasso diplomático e político sem precedente da Alemanha hitleriana na Iugoslávia.

13. Acrescentam que esta primavera, que o *führer* tinha anunciado como devendo ser precursora da morte e da miséria na Grã-Bretanha, não trouxe até agora senão derrotas e derrotas para Berlim e Roma.

14. A situação continua muito confusa na previsão da atitude que adotará Berlim, mormente quando se prepara, com a capitulação de Belgrado, a impressionar o Japão e obter do governo de Tóquio uma ação forte para enfraquecer a colaboração norte-americana.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 31 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] Missão comercial britânica à América do Sul. Declarações de *lord* Forres.

N. 266

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 31 de março de 1941

Senhor Ministro,

Já no ofício nº 240, de 22 do corrente, refiro-me a declarações feitas por um dos membros da missão Willingdon, *lord* Forres, do Conselho de Indústrias e de Exportação do *Board of Trade* e presidente do Grupo de Exportadores. Recentemente, em discurso pronunciado na Câmara de Comércio de Londres, o mesmo salientou ser necessário acelerar o plano britânico de exportações, afim de combater o sistema alemão de trocas. No passado, a instabilidade do câmbio fora um dos maiores obstáculos à realização de negócios com a América do Sul e, se essa dificuldade pudesse ser resolvida, as demais também poderiam. Os exportadores, assim, não perderiam o contato com os mercados e fregueses daquele continente, ainda mesmo que não estivessem em condições de fornecer tudo o que lhes fosse encomendado

2. *Lord* Forres declarou que tinha ficado muito impressionado com o número e a variedade de indústrias que se estavam desenvolvendo no Brasil. Uma empresa dos Estados Unidos estava auxiliando o aumento da produção de aço no nosso país e barras aí preparadas já vinham sendo usadas na construção de edifícios. Pneumáticos feitos de algodão e borracha do Brasil estavam sendo exportados para a África do Sul.

3. *Lord* Forres disse ainda que cientistas brasileiros, em conexão com outros peritos, haviam descoberto um método de utilização do café na manufatura de substâncias plásticas (*plastics*) que poderiam ser usados para a fabricação de aviões e automóveis.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 31 MAR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] O comércio internacional depois da guerra.

N. 267

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 31 de março de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, nos inclusos recortes<sup>x</sup>, dois editoriais do Financial News, de 25 e 26 do corrente, sobre os problemas que o Reino Unido terá de encarar, terminada a guerra, com relação ao seu comércio

2. O primeiro deles, do dia 25, ao tratar do comércio internacional, mostra que a Grã-Bretanha tem interesse no desenvolvimento do mesmo, não só pelo benefício que tirará da especialização internacional, como também pela questão do transporte e construção de navios. A Grã-Bretanha não poderá, porém, conseguir o aumento desse comércio, sem comprar os produtos de outros países; e isso significa que os produtos britânicos terão de preparar-se para lutar contra a competição do estrangeiro.

3. O segundo editorial diz, entre outras coisas, que, relativamente a numerosos artigos primários, a Grã-Bretanha poderia talvez negociar contratos de compra de grandes proporções, por longo prazo. Não seria difícil, por exemplo, ao Ministério da Agricultura determinar a quantidade total de trigo a ser importada durante uns três anos e assegurar o seu fornecimento por meio de negociações com os produtores. O mesmo poderia ser feito

com o açúcar, a carne, o cobre, o minério de ferro e grande número de outros artigos, cuja procura, numa economia bem dirigida, seria estável. Do mesmo modo, haveria possibilidade de fixar, em muitos casos, a exportação. Essa solução parece ao Financial News, a melhor para estabilizar o comércio mundial e impedir nas relações comerciais internacionais as flutuações violentas que no mercado interno deveriam ser evitadas por uma política adequada.

4. Atualmente, lembra o jornal, certos produtos estão sendo comprados em quantidades globais. Esse processo, acha, perdurará depois da guerra. Confessando que o comércio nessa base se assemelharia um tanto ao regime comercial introduzido pela Alemanha, desde há alguns anos, afirma que o objetivo não seria o mesmo. Os alemães, declara, tiveram por fim restringir o comércio e auferir os maiores benefícios para o Reich, enquanto que o intuito da política comercial aventada seria, pelo contrário, desenvolver o comércio ao máximo possível, evitar flutuações prejudiciais e proporcionar benefícios e segurança a todos os países.

5. Visto a importância do órgão financeiro em questão, são de interesse esses editoriais, por evidenciarem o pensamento de certos círculos econômicos deste país, sobre a matéria.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

TELEGRAMA • 1 ABR. 1941 • AHI 30/1/1

Índice: Importação de lã na Grã-Bretanha.

N. EC 79-41530

Secretaria de Estado das Relações Exteriores



À Embaixada em Londres

Em 1 de abril de 1941 –

Referência ao meu telegrama n 74. Rogo a Vossa Excelência apoiar os pedidos de importação de lã feitos pelo Sindicato Patronal Textil São Paulo em telegramas de 13, 27 e 31 de março último, informando quais os motivos das dificuldades opostas pela British Wool Comission. EXTERIORES

Pago pelo Dr. Firmo Dutra,  
representante do sindicato  
acima mencionado nesta Capital.

\*

OFÍCIO • 01 DE ABR 1941 • AHI 28-2-2

[Índice:] Mês político.

N. 270

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 01 de abril de 1941

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político nº 4, relativo ao mês de março próximo passado.

Londres, em 01 de abril, de 1941

Anexo n. 1

Mês político nº 4

A aprovação do Lease and Lend Bill foi aqui interpretada como uma declaração de guerra virtual. Qualquer dúvida a respeito foi removida pelo discurso histórico do presidente Roosevelt, perante os representantes da imprensa no dia 15 de março, precedido de um pedido de verbas para a soma imensa de sete bilhões de dólares, suplementando o bilhão e meio já aprovado na lei.

O presidente colocou os Estados Unidos ao lado da Grã-Bretanha, da Grécia, da China e de todos os governos no exílio que tiveram ocupados os seus territórios pelos agressores. A passagem mais significativa talvez, seja em que diz, a “grande tarefa do dia... é transportar os produtos das usinas para as frentes de batalha da democracia”, é assegurar “a subsistência da ponte vital através do oceano, a ponte de navios que conduzem o armamento”.

Esse discurso revela o que já se presumia, que os Estados Unidos não iriam fazer o esforço supremo e todos os sacrifícios decorrentes para deixar que os aviões, os carros de assalto, as munições enferrujem nos portos de embarque ou sejam afundados no Atlântico por falta de proteção adequada. Na medida do possível, navios americanos acabarão transportando o material e, se necessário, até comboiarão os navios de guerra americanos.

A associação voluntária dos Estados Unidos com a Grã-Bretanha e suas aliadas cria naturalmente problemas tão grandes como se fosse necessária a imediata coordenação entre as forças armadas. A embaixada americana em Londres está assumindo proporções impressionantes. Além do pessoal ordinário, foram incluídos dois com a categoria de ministros, a igual do que se fez na embaixada britânica em Washington. Um deles é o senhor Averell Harriman, cuja missão de caráter técnico é a superintendência do material a ser entregue.

Há neste momento quatro missões transitórias americanas em Londres tratando do[s] problemas relativos à guerra, tais como o das bases navais, invenções científicas, defesa sanitária etc.. Esses serviços estão sendo acomodados na Chancelaria da embaixada, cujos escritórios vão aos poucos se estendendo pelo edifício em que se encontra instalada.

Outro aspecto capital da participação norte-americana na guerra é o caráter não financeiro do fornecimento de munições e outros materiais à Grã-Bretanha. Nos termos da referida lei esses materiais poderão ser emprestados diretamente, sem empréstimo, mediante a promessa de devolução dos mesmos ou de outros pelo devedor. Ficou reconhecida a impraticabilidade e o erro econômico da acumulação de dívidas da guerra passada. O presidente Roosevelt firmou a sua posição em face dos complicados problemas do crédito internacional, já que os países, em suma, entregam ou recebem mercadorias, o dinheiro so tendo um valor que é o de estabelecer a medida de comparação.

-----

A 11 do corrente, o secretário de Estado do Ar, sir Archibald Sinclair, citou cifras interessantes sobre as perdas inimigas desde o começo da guerra em combates contra a Grã-Bretanha. 4.250 aviões alemães e 1.100 italianos haviam sido destruídos sem sombra de dúvida e provavelmente mais aviões foram destruídos nos aeródromos e no mar, que não puderam ser certificados. Os ingleses perderam 1.800 aparelhos, sendo que bom número de pilotos puderam salvar-se. A explicação para essa desproporção, disse sir Archibald Sinclair, está na qualidade das máquinas e do pessoal; 130.000 rapazes de 16 a 18 anos, um quinto da população masculina dessas idades foram incorporados ao novo Air Training Corps. São amplas reservas que, mais as que se preparam no resto do Império, asseguram a capacidade de expansão da Royal Air Force para fazer frente aos milhares de aparelhos que serão entregues pela indústria americana no correr deste ano e em 1942.

-----

Não fosse a severidade da censura as dificuldades de comunicações postais, jpa se teria notícias mais circunstâncias sobre o desembarque de tropas britânicas na Grécia, desembarque que teria ocasionado a hesitação da Iugoslávia, a principio, em assinar a Triplice Aliança, bem como firmeza turca na resistência à dominação alemã sobre os Balcãs. Tudo o que os jornais ingleses forma autorizados a publicar, foram referencias à brilhante cooperação da Marinha e da Aviação ao comboiarem sem percalços ao longo das bases inimigas do Dodecaneso, navios carregados de munições.

Curiosa está sendo a reação alemã e essas notícias. A invasão da Bulgária foi desculpada sob pretexto de que as forças britânicas planejavam ocupar Salonica e a Grécia foi ameaçada caso consentisse no desembarque das mesmas. Agora os representantes de Wilhelmstrasse limitam-se a pô-las em dúvida, alegando que depois de comprovadas, o governo tomaria então medidas mais indicadas.

Que a batalha dos Balcãs não será ganha somente por pressão e ameaça, se conclui da permanência do senhor Anthony Eden, representante do War Cabinet, e de sir John Dill, chefe do Estado Maior, no Egito, e desde o dia 31, em Atenas. Seus planos são mantidos em segredo. A principio, deveriam ter regressado tão rapidamente quanto possível dessa visita ao Mediterraneo para reportarem o resultado dessas conferencias a Downing Street. Agora é evidente que se considera a presença do ministro do Exterior mais conveniente no Cairo que em Londres para a condução da guerra diplomática, no momento. De lá pode comunicar-se mais rapidamente com as capitais da Turquia, da Rússia e do Iraque. Desde que o objetivo principal da diplomacia britânica no futuro

imediatamente será o de encorajar a resistência ao principal inimigo naquela área, ninguém se surpreende que o senhor Eden mantenha o seu quartel-general entre Atena e Cairo.

Na verdade, essa inovação diplomática parece coroada de êxito. A revolução pacífica que se verificou na Iugoslávia, 48 horas depois da assinatura em Viena (25 de março) da adesão solene ao Pacto da Tríplice Aliança, pode ser atribuída indiretamente às afirmações com que o secretário de Estado e os chefes militares, generais Dill e Wavell, souberam infundir ânimo a gregos e turcos, quanto à realidade da ajuda britânica. A imprensa norte-americana anunciou a 20 de março que os ingleses haviam desembarcado 100.000 homens em Salônica. Talvez seja essa a verdadeira explicação para a pausa alemã na fronteira búlgara.

Depois de assistir à entrada das tropas alemãs em 2 do corrente na Bulgária, capitulação integral do governo búlgaro às ameaças e pressão alemã, o Foreign Office ficou inativo ante o fato consumado, limitando-se a romper relações. Não tendo preparado sua política balcânica, tudo o que pode fazer o senhor Eden foi retomar o contato perdido depois da guerra passada. Hitler, prosseguindo na sua tática de solpar a resistência dos países que ele pretende incorporar à órbita alemã, havia desde meados de fevereiro convidado os ministros iugoslavos a definirem a posição do país perante a Nova Ordem. Flanqueado como se acha desde a entrada dos alemães na Bulgária, com um governo simpático e um regente tímido, a decisão teria sido dificilmente outra. Nos Comuns, o senhor Butler leu a nota do ministro britânico, declarando o choque que constituía para o seu governo a decisão do governo iugoslavo, bandeando-se com o inimigo. Mas a admirável resistência grega à nova ofensiva italiana e os movimentos do ministro dos Estrangeiros inglês, foram incentivo suficiente para provocarem a revolta das forças armadas servias, não esquecidas do papel desempenhado na guerra passada e relutantes em permitirem a passagem de tropas que iriam invadir a vizinha e antiga aliada, já que as voltas com um inimigo muito mais poderoso;

Esta reviravolta teatral teve maior repercussão porquanto coincidiu com a visita do senhor Matsuoka em Berlim, que, para aumentar o embaraço da situação, parte para Roma, quando das derrotas italianas na Eritreia e na Abissínia, e lá chega a tempo de presenciar a reação da espetacular derrota naval italiana no mar Jônio

\*\*\*\*\*

As perdas marítimas na primeira semana do mês subiram a 148.058 toneladas, cifra assustadora, uma das mais altas desde o começo da guerra. Na semana seguinte, 98.873, ainda uma cifra considerável. A importância dessas cifras ressalta da comparação

com a media anterior das perdas. Até maio [de] 1940, como revelou o Almirantado, em 5 de março, as perdas britânicas, aliadas e neutras, haviam sido 40.000 toneladas por semana. Nos seguintes sete meses foram de 90.000, voltando-se a 51.000 nos dois meses subsequentes.

Ao mesmo tempo a Luftwaffe atacou em grande escala Liverpool, Glasgow, Portsmouth, Hull e Londres. Os bombardeios noturnos e a guerra submarina foram intensificados. É sem dúvida o grande esforço designado a enfraquecer a Inglaterra antes de proceder-se à invasão. Mas os ingleses estão respondendo. Durante o mês, 50 aviões alemães foram derrubados pelos caças britânicos à noite. Um novo comando naval, o Western Approaches, foi criado para enfrentar a batalha do Atlântico, sob a direção do almirante sir Percy Noble. As forças terrestres continuam em ativo treinamento.

-----

Em março 17, os ingleses recuperaram Berbera, a capital da Somalilândia britânica. A campanha contra as forças italianas na Eritreia, Somalilândia e Abissínia prossegue vitoriosamente. No sul, pela Jubalândia, o avanço foi rápido, quase tanto como na Líbia. Mas nos precipícios da Eritreia e da Abissínia, o progresso foi mais lento. Só a 27 caíram Kerem, depois de uma acirrada resistência dos italianos, admiravelmente defendidos pelas condições locais, e Harar. E a 30 Diradawa na estrada de ferro Addis Abeba – Djibuti. Estão os italianos com a retirada cortada e cada dia a pressão dos ingleses. A queda final do “Império” aproxima-se inexorável e quiçá dentro de um mês se assista à capitulação.

\*\*\*

Quando a campanha submarina foi eficazmente contida o ano passado, a Alemanha resolveu invadir e ocupar as nações neutras suas vizinhas. Esse processo continuou agora nos Balcãs. Mas, si novamente for contido no Atlântico, e depois do golpe sofrido nos Balcãs, a França e a península Ibérica correm perigo que atingiu a Escandinávia, pois Hitler precisa de novos portos e mais costas para atacar a navegação.

Já no mês político anterior fiz alusão à penetração alemã no Norte da África. Substituindo-se às comissões de oficiais italianos que deveriam ter ido tratar da aplicação das cláusulas do armistício, comissões alemãs têm ido para Argélia, Casablanca e Dakar, com a complacência das autoridades de Vichy. Além disso prosseguem os preparativos alemães nos portos franceses da Biscaia, permitindo a invasão de Portugal pelo mar. Os cruzadores “*Gneisenau*” e “*Scharnhorst*”, navios que tem estado ativos na Batalha do Atlântico, usam Brest como base e em Lorient se encontram os submarinos alemães.

Londres, 1º de abril de 1941

Moniz de Aragão

\*

**TELEGRAMA • 2 MAR 1941 • AHI 30/1/1**

Índice: Controle das exportações no Brasil.

N. EC 80-41930

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres  
Em 2 de março de 1941.

<sup>xi</sup> Referência ao seu ofício n 174. O governo dos Estados Unidos da América, devido à situação internacional, controlou as exportações do país, declarando, porém, que concederia facilidades às destinadas ao Brasil, caso o governo brasileiro garantisse que os produtos daquela procedência não seriam reexportados. Foi para atender a essa situação que o Brasil instituiu o regime dos certificados de exportação. Se Vossa Excelência julgar necessário, poderá dar conhecimento a esse governo das verdadeiras razões que levaram o governo brasileiro a tomar aquela atitude. Exteriores

\*

**OFÍCIO • 02 ABR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] A batalha naval anglo-italiana.

N. 278

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 02 de abril de 1941

Senhor Ministro,

A batalha naval que acaba de ter lugar no Mediterrâneo, próximo ao cabo Matapan, constitui a maior derrota sofrida pela Itália desde o início das hostilidades.

2. No momento exato em que a frota britânica infligia à marinha de guerra de guerra do duce um tão grave revés, as tropas do general Wavell entravam em Asmara, capital da Eritreia.
3. Sete navios de guerra italianos foram afundados, sendo três cruzadores de 10.000 toneladas e quatro destroyers de primeira linha.
4. Um couraçado de classe “Littório” de 35.000 toneladas, provavelmente o “Vittório Veneto” ficou gravemente avariado e possivelmente destruído pela aviação britânica quando buscava ganhar sua base. As perdas italianas são calculadas em 4.000 homens entre oficiais e marinheiros, sem contar a tripulação do “Vittório Veneto”.
5. Segundo os comunicados oficiais, foram salvos pelos navios britânicos cerca de 1.000 homens, incluindo vários de nacionalidade alemã.
6. As perdas inglesas foram nulas, tanto pessoais como materiais, e apenas um avião não regressou à sua base.
7. O almirante, sir Andrew Cunningham, comandante em chefe da esquadra do Mediterrâneo, diz que até agora a Itália perdeu dois terços de seus couraçados, mais de 50% de seus cruzadores armados de canhões de 203; cerca de 25% de seus cruzadores e contratorpedeiros armados de canhões de 152 e mais ou menos 30% dos seus submarinos de todas as categorias.
8. Sir Andrew Cunningham entretanto acrescenta na sua proclamação que “a esquadra britânica continuará a agir com toda a energia de forma que até o fim do ano a marinha italiana não mais exista.”
9. Um dos mais autorizados técnicos navais diz hoje que praticamente a esquadra italiana foi batida e nada mais poderá tentar entregando definitivamente o Mediterrâneo ao completo domínio da força naval britânica.
10. Junto remeto retalhos do “Daily Telegraph” contendo uma minuciosa descrição da referida batalha acompanhada de um pequeno mapa, indicativo da posição em que se achavam as duas esquadras ao iniciarem a luta.
11. Este assunto, interessando ao nosso Ministério da Marinha, muito agradeceria a Vossa Excelência mandar fornecer ao aludido Ministério um cópia do presente ofício.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 02 ABR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] O incidente anglo-francês.

N. 279

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 02 de abril de 1941

Senhor Ministro,

O incidente ocorrido entre um comboio francês e a esquadra de patrulha britânica do Mediterrâneo é considerado como grave pelas consequências que pode determinar, mas as autoridades britânicas julgam ser inoportuno fazer comentários neste momento e preferem não envenenar o assunto.

2. Os círculos diplomáticos e militares não ligam especial atenção à nota de protesto que, segundo notícias provenientes de Vichy, teria sido entregue pelo embaixador francês em Washington ao governo americano.

3. O ato da esquadra inglesa é julgado aqui como inteiramente conforme com o direito internacional e, de forma alguma, ilegal ou arbitrário, constituindo o ponto essencial a ser mencionado na nota britânica, que eventualmente tenha de ser enviada ao governo americano em resposta à nota de Vichy. Além disso, o governo inglês nessa mesma ocasião, segundo informando, fará uma nova declaração, afirmando que continuará a agir da mesma forma em condições semelhantes, pois se trata da visita de navios suspeitos de transportar contrabando de guerra e assim ato que constitui direito de beligerante.

4. Todos aqui estão convencidos de que o lamentável incidente de Algers causiu uma penosa impressão nos Estados Unidos e que o governo americano apoiará inteiramente o ponto de vista britânico.

5. elementos ligado ao “Foreign Office” confirmam que o almirante Leahy, embaixador americano em Vichy, já informou ao marechal Pétain sobre o modo de pensar do governo de Washington e de que a França deve limitar ao mínimo possível a sua



política de cooperação com a Alemanha, para que seja permitido aos Estados Unidos continuarem a ajudar as populações privadas de alimentos dos territórios ocupados. Segundo informações aqui recebidas, o governo francês teria dado seguranças nesse sentido no preciso momento em que as baterias de Algers fizeram fogo sobre os navios de guerra britânicos.

6. Existe assim a impressão que o incidente foi provocado por ordem do governo de Berlim, de acordo com o almirante Darlan, cujos sentimentos anti-britânicos são bem conhecidos.

7. O objetivo principal era de impressionar o ministro Matsuoka sobre a inutilidade do bloqueio britânico contra a Alemanha que assim provaria ter meio de importar tudo quanto jugasse necessário por intermédio da França.

8. Também o führer teria lançado mão de uma medida extrema para que a visita do ministro japonês pudesse ter algum resultado prático, pois as últimas notícias aqui chegadas dizem que ele teria cortesmente declinado o convite de Hitler de uma participação ativa e imediata do Japão no conflito.

9. A Alemanha teria permitido ao governo de Toquio enviar submarinos e aviões através território russo, sem grande resultado, pois a condição imposta pelo Japão para participar da guerra seria que as tropas do Reich invadissem primeiro a Grã-Bretanha para então poder o governo do Japão cooperar com mias probabilidades de êxitos no Extremo Oriente.

10. Em última análise parece que o führer esperava que a chegada do ministro Matsuoka a Berlim coincidissem com êxitos navais italianos, e assim pode ser compreendida a consternação do duce e dos insucessos diplomáticos do senhor Ribbentrop na Iugoslávia.

11. A propósito da atitude britânica em relação ao bloqueio no que diz respeito à França, junto remeto o texto de um comunicado que acaba de ser divulgado pelo Ministério da Guerra Econômica e que não será publicado. Esse comunicado foi distribuído às autoridades competentes e às missões navais estrangeiras nesta capital.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

\*

**TELEGRAMA • 03 ABR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa.

Da Embaixada em Londres

158 – QUINTA-FEIRA – 3 ABRIL 1941 – 16h45 – Em consequência da capitulação de Asmara e da iminente ocupação de Massana, fica assim toda a Eritreia em poder dos britânicos que também já ocuparam mais de metade da Abissínia. Notícias oficiais dizem que os italianos se retiram em toda a parte em completa derrota. Os círculos autorizados dizem que o ministro de Negócios Estrangeiros japonês em Berlim e Roma recebeu penosas impressões sobre o atual desenvolvimento da guerra, determinando a abstenção do Japão em intervir imediatamente ao lado do eixo, como desejaria o governo alemão. As relações anglo-russas têm feito progresso, tornando-se mais cordiais, confirmadas por declaração oficial do subsecretário dos Negócios Estrangeiros à Câmara dos Comuns. Tem havido frequente contato entre o embaixador russo aqui e o Foreign Office, nos últimos dias. A diplomacia britânica, de acordo com a Turquia, procura formar um bloco de resistência turco-greco-iugoslavo, apoiado pela Grã-Bretanha e pela Rússia, contra a expansão ítalo-alemã nos Bálcãs e no Próximo Oriente. O governo britânico declarou, oficialmente, que vai intensificar o bloqueio da França, considerando que sua independência e neutralidade não podem ser admitidas, pois mesmo o território francês não ocupado não pode ser tecnicamente neutro, pois está realmente sob a influência de Berlim, e acresce que as autoridades francesas continuam criando dificuldades ao livre exercício das funções do direito de beligerância britânico, sendo em tudo manejadas pelos alemães em seu proveito, isto é, importando tudo o que necessitam por intermédio de navios franceses, inclusive material bélico. Nestas condições, o governo britânico considera seu direito impedir, por todos os modos, que o bloqueio seja rompido em favor da Alemanha e julga que não age nem ilegal nem arbitrariamente. O governo britânico estaria sendo integralmente apoiado pelos Estados Unidos da América nessa política, que já teria, nesse sentido, agido energicamente em Vichy. As últimas notícias indicam que o

número total de prisioneiros italianos na África alcança a cifra de 180.000 homens. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**TELEGRAMA • 03 ABR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Importação de lã de procedência inglesa.

#### Da Embaixada em Londres

159 – QUINTA-FEIRA – 3 ABRIL 1941 – 18h30 – Referência ao telegrama de Vossa Excelência n. 74. Os pedidos do Sindicato patronal das Indústrias Têxteis estão recebendo toda a atenção, como habitualmente faz esta embaixada. As dificuldades são decorrentes do controle geral da exportação britânica que, entre outras coisas, determina o país para onde a exportação é mais conveniente aos interesses britânicos. Permito-me recordar que a instituição do controle foi motivado [*sic*], também, pelo receio da falta de esterlinas em certos países, para pagamento de mercadorias, constando, aliás, ter havido dificuldades no Brasil para a remessa de fundos e na África do Sul para o pagamento do fornecimento de lãs, em fins do ano passado. MONIZ DE ARAGÃO

\*

OFÍCIO • 04 ABR 1941 • AHI 28/2/2

[Índice:] A guerra na África e a situação nos Balcãs.

N. 288

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 04 de abril de 1941

Senhor Ministro,

A ocupação de Asmara, capital da Eritreia, com quanto esperada causou entretanto uma certa surpresa pela rapidez do avanço das tropas britânicas, pois, técnicos militares julgaram que os italianos poderiam opor uma maior resistência,]

2. Segundo as informações aqui recebidas o esforço supremo foi feito em Kerem obrigando os exércitos do duce a usar a maior parte de suas munições e assim esgotados em homens e material, trataram somente depois disso de proteger a retirada sem esperança de qualquer salvação.
3. O único objetivo do Alto Comando italiano foi, desde algum tempo, prolongar a resistência tanto quanto possível nas praças fortes tais como Kerem e Harrar com o fim de impedir que os exércitos imperiais terminassem a luta na África oriental antes do início da estação das chuvas que habitualmente começam em meados do mês corrente.
4. Os britânicos sabem tão bem quanto os italianos as dificuldades que representariam o desenvolvimento das operações depois dessa data e assim tudo indica que o general Wavell tudo fará para que a vitória completa seja obtida até o domingo de páscoa.
5. O Times há dias fez notar que por uma singular coincidência o duce escolheu uma sexta-feira santa para atacar os albaneses uma das suas mais condenáveis agressões e agora talvez em outra sexta-feira santa ele perca todo o seu Império africano.
6. A situação italiana parece gravemente comprometida e as tentativas feitas por Mussolini para reconquistar o terreno perdido na Albânia não lhe foram mais favoráveis do que os seus esforços de resistência na Eritreia e agora trataria de obter o auxílio dos alemães para reafirmar sua posição.
7. Entretanto os meios diplomáticos de Londres consideram principalmente dos fatos importantes em relação à política balcânica. O primeiro e o regresso do ministro Eden e do general Gill a Atenas e o segundo são os preparativos de ofensiva dos alemães sendo que até agora não foi possível precisar se o ataque será feito contra a Iugoslávia ou Grécia e mesmo Turquia ou se contra esses três países conjuntamente.
8. Os observadores militares julgam que o país mais ameaçado é a Iugoslávia e a Grécia e muitos afirmam que as hostilidades terão início talvez dentro de uma semana primeiramente contra a Grécia para evitar que os italianos sejam logo atacados pelos iugoslavos na Albânia fortificando a posição dos gregos.
9. A presença do ministro Eden em Atenas demonstra que todos os aspectos da situação estão sendo examinados pelos Aliados e assim evitar qualquer surpresa.
10. O governo alemão fez lançar o boato de uma visita do ministro Eden a Belgrado sem dúvida para conhecer o pensamento do governo britânico, mas este respondeu pelo silêncio e alguns jornais apenas declararam que não era necessário precisar o itinerário do senhor Eden e de outras autoridades.

11. A atitude britânica é confiante nas decisões de Belgrado. A impressão dominante é de mais otimismo no resultado da luta diplomática tramada nos Balcãs mormente depois dos brilhantes êxitos pelos exércitos do Reino Unido da África e pela sua esquadra na recente ação contra as forças navais italianas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 05 ABR 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] A situação na Líbia.

N. 292

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 05 de abril de 1941

Senhor Ministro,

Na guerra como na política e na diplomacia em certo momento é necessário correr riscos e assumir responsabilidades considerando tanto a situação geral como o objetivo que se tem em vista alcançar.

2. Sob este ponto de vista a retirada de certos elementos ligeiros britânicos avançados na frente da Líbia e o abandono de Banghazi encontram sua explicação e justificação se consideram esses fatos fora do conjunto das operações.

3. Assim embora a notícia tivesse sido recebida no primeiro momento com um certo desapontamento e mesmo inquietação, deve ser dito que a África setentrional e oriental, a bacia oriental do Mediterrâneo e os Balcãs constituem atualmente com todo inseparável sob o aspecto estratégico se o assunto for encarado sob o ponto de vista diplomático.

4. Toda e qualquer ação, avanço ou recuo, em um desses setores tem imediata repercussão sobre os demais.
5. O governo julgou deve destruir o segundo Império romano, reduzir à importância sua frota de guerra no mar que Mussolini declarou ser seu e de se manter na Europa continental contra a vontade de Berlim que tudo faz para expulsar os britânicos.
6. Esse programa está em vias de realização e todo parece indicar que a África oriental italiana (Eritreia, Somália e Abissínia) estará dentro de poucos dias inteiramente sob o domínio britânico.
7. Não é, pois, possível crer que depois das derrotas sofridas pelos exércitos e esquadra italiana ao largo do cabo Matapan os germano-italianos poderão alcançar o sul do Canal de Suez.
8. A expulsão definitiva dos elementos do Eixo dessa parte de África e da bacia do Mediterrâneo oriental consolida a posição britânica e facilita as comunicações da esquadra, da aviação britânica com a Grécia e do corpo expedicionário operando nos eventuais campos de batalha dos Balcãs.
9. Ainda que não tivéssemos assistido há oito dias ao extraordinário robustecimento da posição Iugoslávia, que permite grandes esperanças, para a defesa desse país, apoiado pela Grã-Bretanha e Turquia, o governo britânico devia subordinar sua ação na Cirenaica e Tripolitania à sua presença na Europa continental.
10. Os meios de guerra e as armas podem mudar mas a situação geográfica permanece e comanda a estratégia.
11. A expedição da Cirenaica tinha por fim principal proteger o Egito e o Canal de Suez mas não o de conquistar a Tripolitania.
12. A operação voluntariamente limitada para não estender indefinidamente as linhas de comunicações, de imobilizar tropas necessárias em outros sectores, resultou além do que era esperado e seus efeitos essenciais permanecem intactos.
13. A ofensiva ítalo-alemã visava também obrigar os ingleses a enfraquecer o ataque contra a Eritreia e Abissínia o que não foi logrado e agora depois da ocupação dessa região sobrarão tropas para fortalecer a defesa do general Wavell na Líbia.
14. Essa é a impressão dominante nos meios militares competentes em face dos últimos acontecimentos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 07 ABR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] material bélico.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

163 – SEGUNDA-FEIRA – 7 ABRIL 1941 – 17h15 – Necessitando liquidar o assunto referente ao meu telegrama n. 123, muito agradeceria instruções. MONIZ DE ARAGÃO

\*

OFÍCIO • 07 ABR. 1941 • AHI 28-2-2

[Índice:] A nova agressão alemã. .

N. 294

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 7 de abril de 1941

Senhor Ministro,

As últimas notícias aqui recebidas indicam que o Fuhrer iniciou a sua ofensiva de primavera, atacando simultaneamente a Grécia e a Iugoslávia com a colaboração da Itália.

2. Em uma proclamação aqui divulgada, o chefe do governo alemão procura justificar sua ação sem porém encontrar argumentos convenientes em favor do seu ato.

3. A semelhança das razões invocadas e até a coincidência da hora dessas novas invasões com as anteriormente operadas na Holanda e na Bélgica constituem objetos de comentários da imprensa londrina.

4. Em geral, todos manifestam aqui que o interesse dominante não reside nessas tentativas de justificação, mas nas decisões tomadas por Berlim e nas circunstâncias em que se produziu essa nova agressão, sob todos os pontos de vista injustificada.
5. Contra sua própria tendência, várias vezes demonstradas, contra a doutrina do seu Estado Maior, o chanceler Hitler resolveu instalar uma nova frente de batalha.
6. Depois da conquista fulminante da Europa ocidental há cerca de dez meses, o Fuhrer se tinha gabado de ganhar, pouco a pouco, sem um tiro, todos os territórios europeus que foi incorporando ao Reich e de assim obrigar o Reino Unido a se submeter ao fato consumado.
7. Entretanto, a Alemanha não conseguiu até agora invadir a Grã Bretanha e os últimos povos livres da Europa recusaram de se submeter ao domínio do Eixo.
8. O Império britânico, em obediência da garantia dada em abril de 1939, tem sustentado a Grécia contra o seu agressor italiano e agora Hitler, para conquistar o último canto de terra livre, deve empregar a força e lutar.
9. No momento em que ele se empenha com a Itália nessa aventura, encontra em sua frente a Grécia e a Iugoslávia unidas, e a Grã-Bretanha que, tendo retomado o seu posto no continente, vai combater lado a lado com essas nações.
10. A Turquia, sobre a qual Hitler guarda o mais absoluto silêncio, vigia a sua fronteira e além defende a zona dos seus interesses vitais.
11. No segundo plano os Estados Unidos tratará de ajudar os povos agredidos com todas as suas forças, conforme a recente declaração do Presidente Roosevelt.
12. A Alemanha também enfrenta a Rússia que no sábado último assinou com a Iugoslávia um pacto de não agressão e de amizade, pelo qual essas duas potências prometem manter uma mútua política de confiante amizade.
13. Pode facilmente ser notada a diferença entre esse acordo e os tratados que garantem ao mesmo caso a neutralidade benevolente.
14. Assim a Rússia parece decidida a agir preventivamente, se assim me posso exprimir, para impedir a extensão da guerra nos Balkans.
15. É a definição da política tradicional do Kremlin, mas constitui também uma visível crítica da ação de Hitler que, diante do povo russo, é apresentado agora com um agressor.
16. Não é mais possível saber o que resta do tratado germano-russo de 23 de agosto de 1939, pelo qual as duas partes se comprometeram no artigo 2º a não apoiar ou auxiliar de nenhuma forma uma terceira potência que entrasse em conflito com um deles, e, pelo



artigo 3º, a estabelecer contatos imediatos para consultas mútuas para todas as questões de interesse comum.

17. Logo depois do golpe de Estado de Belgrado, foi previsto que os acontecimentos então ocorridos marcavam uma fase nova no desenvolvimento da guerra e essa situação até agora esclarecida e aparece como inspirada por novas diretivas com perspectivas imprevistas que podem alterar profundamente a ação dos elementos em luta.

18. Ainda não está definida a atuação da Turquia, mas tudo indica, e aqui todos acreditam, que será em tudo conforme ao seu compromisso com a Grã Bretanha e com a Iugoslávia, mormente depois de ter ficado segura de não correr perigo por parte de Moscou.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Muniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 09 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] O auxílio britânico nos Balcãs.

N. 297

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 09 de abril de 1941

Senhor Ministro,

A confirmação da noticia anteriormente divulgada do envio de um corpo expedicionário britânico para a Grécia causou grande satisfação e foi considerada como particularmente apropriado no momento em que a Grã-Bretanha foi chamada para dar um apoio total às novas potencias obrigadas de lutar contra agressões do Eixo.

2. Além disso foi notado que quando os gregos respondiam por um altivo desafio e de magnifico desprezo ante às tentativas alemãs de intimidação, a Grã-Bretanha ela também desprezava as alegações do Reich, pretendendo que as tropas britânicas não poderiam pôr o pé no continente.

3. A imprensa londrina não deixou a esse propósito de observar o modo estranho pelo qual Berlim somente agora se refere à presença de forças britânicas na Grécia para justificar sua agressão, pois, não devia certamente ignorar tal fato existente há algum tempo.

4. Isso parece tanto mais extraordinário, pois, o Reich afirma na mesma ocasião em suas declarações públicas que a Grã-Bretanha acende a guerra nos Balcãs fazendo morrer, por sua causa, os soldados dos seus aliados.

5. Pode, porém, ser compreendido que a Alemanha não deseja admitir que a Inglaterra, tendo demonstrado a sua grande força impedindo a invasão nas suas ilhas, possa passar a uma ação direta e ofensiva enviando tropas para uma outra extremidade da Europa.

6. Todos admitem aqui que pelo espirito indominável de que fazem prova pequenos povos tais como os iugoslavos e gregos e pelo enorme esforço que estão desenvolvendo para a sua própria defesa, merecem sem duvida a admiração do mundo inteiro e tem direito ao mais amplo auxilio.

7. Quando o aspecto dos acontecimentos nos Balcãs fez prever que cedo ou tarde a Alemanha atiraria contra a Grécia o peso de suas forças para socorrer a sua aliada derrotada, a Grã-Bretanha tomou logo disposições para tornar efetivo o seu auxilio o que dá toda significação às últimas notícias oficiais sobre o corpo expedicionário britânico que já está operando ao lado das novas vítimas do furor teutônico.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 9 ABR. 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] O pacto soviético-iugoslavo.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 9 de abril de 1941

Senhor Ministro,

A conclusão do pacto soviético-iugoslavo causou satisfação em Londres estabelecendo uma certa compensação para as preocupações produzidas pela investida alemã contra a Grécia e Iugoslávia.

2. O motivo desse ato é explicado nos meios bem informados como sendo devido a que o ataque do *fiihrer* era esperado e diante da iminência da agressão o acordo foi feito para frisar o desagrado de Moscou.

3. Porta-vozes do Foreign Office dizem que a impressão dominante é que o pacto aludido deve ter por fim essencial convencer a Turquia de que ela não correrá nenhum perigo por parte de Moscou, seja qual for a atitude que adote nas presentes circunstâncias. Também julgam que deve ser interpretado de forma mais ampla, significando que a Rússia não deseja ser criticada no caso em que o auxílio turco não seja prestado, correndo a culpa por conta de Moscou.

4. De qualquer forma a Rússia não hesitou em assumir uma atitude que constitui uma verdadeira recriminação contra a Alemanha e não vacilou também em manifestar claramente ao ministro Matsuoka que o Japão não deve nada esperar além de certos possíveis acordos comerciais com real proveito para a União Soviética.

5. Matsuoka tendo em grande parte empreendido sua viagem por estar munido da garantia de Hitler de que a Rússia concordaria, sob pressão do Reich, em assinar um pacto de amizade e de não agressão para engrandecer o prestígio japonês e lhe dar maior liberdade de movimento na China e no Pacífico, não é pois, injustificado que o ministro nipônico manifeste a sua viva de decepção e se considere enganado pelo *fiihrer*.

6. Uma tal firmeza inesperada da política soviética tem, segundo dizem em Londres, como explicação primordial, que o Kremlin quis constantemente fazer o máximo para dissuadir o Reich de não buscar uma dominação nos Bálcãs, senão de ordem econômica e assim julgou dever tomar em face da atitude do *fiihrer* certas precauções de caráter diplomático e mesmo de defesa nacional contra projetos confessados pela Alemanha de uma ação contra a Ucrânia.

7. Tais projetos podem se tornar mais ameaçadores se a Alemanha vencer facilmente a campanha militar na Macedônia e na Trácia e sinta conseqüentemente a necessidade de compensar o seu *déficit* econômico que cada vez mais se avoluma.

8. Independentemente das repercussões políticas, a atitude dos soviets em relação à Turquia, a recente visita do general Wavell a Ankara, demonstram de modo positivo que as conseqüências militares da revolução Iugoslávia devem ter sido estudadas muito atentamente na Turquia e a reunião do gabinete otomano anunciada pode trazer notícias mais amplas e interessantes sobre o desenvolvimento da ação de Ankara que ainda se mantem muito reservada apesar de todas suas declarações de respeito e fidelidade à sua aliança com a Grã-Bretanha.

9. Certos elementos do Ministério da Guerra autorizados salientam que a Turquia tirará rapidamente as conclusões dos dados militares do problema, tais como aparecem atualmente decorrentes do ataque alemão contra a Grécia. A ofensiva violenta no Vale do Strouma se não produzir no tempo previsto os resultados desejados pelo Estado Maior alemão poderá incitar esse último a buscar a decisão por um movimento envolvente pelo Vale da Maritza.

10. Isso poderá explicar a presença desde já de fortes concentrações alemãs na fronteira turco-búlgara apesar de que aqui ninguém se ilude sobre os verdadeiros propósitos de Hitler em relação à Turquia.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 9 ABR. 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] *São Paulo Development Co. Ltd.* Interesses da firma *Dawnay, Day & Co., Ltd.*

N. 300

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 9 de abril de 1941

Senhor Ministro,

Esta embaixada foi procurada há alguns dias pelo senhor dr. Joseph Sagall, diretor do departamento estrangeiro da casa bancaria Dawnay, Day & Co., Ltd. Informou-nos que sua firma havia concluído um acordo com a *São Paulo Development Co. Ltd.*, concessionária do porto de Cananeia, no Estado de São Paulo. A casa *Dawnay, Day & Co. Ltd.* Parece estar disposta a financiar o desenvolvimento do porto em questão e da região vizinha. Segundo seus planos seriam encaminhados refugiados para colonizar as terras da concessão, sendo uma proporção desses de origem étnica semita. A fim de examinar as propriedades da *São Paulo Development Co. Ltd.* e estudar vários pontos relacionados com o desenvolvimento industrial de Cananeia assim com as possibilidades de colonização e imigração, em conexão com as autoridades brasileiras, a firma se propõe enviar ao Brasil uma delegação chefiada por *sir* Cuthbert Headlam, membro da Câmara dos Comuns, membro da Câmara dos Comuns.

2. O senhor dr. Joseph Sagall declarou que foi dado conhecimento do plano ao presidente do *Board of Trade* e a *sir* Herbert Emerson, alto comissário da Liga das Nações, e que este último demonstrou interesse em cooperar uma vez investigados os aspectos econômicos e políticos do projeto. A delegação examinaria também as possibilidades do comércio anglo-brasileiro.

3. Em carta dirigida a esta embaixada sobre o assunto, e de que uma cópia vai anexa a este ofício, o sr. Joseph Sagall pediu facilidades para a concessão dos necessários vistos nos passaport[*e*]s dos membros da delegação.

4. Muito agradeceria a Vossa Excelência a bondade de habilitar-me a responder à carta em questão.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



**TELEGRAMA • 11 ABR. 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] Carnes brasileiras na Grã-Bretanha. Comunicação ao Banco do Brasil.

Da Embaixada em Londres

168 – SEXTA-FEIRA – 11 ABR. 1941 – 12h30 – A fim de satisfazer o pedido do Banco do Brasil em São Paulo, muito agradeceria a Vossa Excelência transmitir ao mesmo o seguinte: “As alegações dos frigoríficos têm fundamento, pois não chegamos ainda a acordo com o Ministério da Alimentação sobre o preço da carne de vaca, quartos traseiros desossados, tipo resfriado e mais carcaça desossada, tipo continental, embora os frigoríficos, apesar disso, estejam remetendo essa carne, sujeita, porém, a ajustamento de preço posterior. Uma informação completa sobre a quantidade já vendida e o preço de outros cortes miúdos e de carne em conserva, sobre os quais já houve acordo, encontra-se no Ministério das Relações Exteriores. Acrescentarei que está sendo negociada a venda adicional de sete mil e quinhentas toneladas de carne de vaca frigorificada, para cada um dos meses de junho, julho e agosto, ficando, porém, subordinada à condição de haver praça disponível. José de Alencar Neto”. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**TELEGRAMA • 15 ABR. 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] Importação de lã de procedência inglesa.

Da Embaixada em Londres

171 – TERÇA-FEIRA – 15 ABRIL 1941 – 16h00 – Aditamento ao meu telegrama n. 159 e referência aos telegramas de Vossa Excelência ns. 74 e 79. O Comitê Britânico de Lã acaba de conceder licença a 500 fardos destinados a Varen. Muito agradeceria a Vossa Excelência informar o Sindicato Patronal das Indústrias Têxteis de São Paulo. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**TELEGRAMA • 15 ABR. 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] Guerra na Europa. Pacto russo-japonês.

Da Embaixada em Londres

172 – TERÇA-FEIRA – 15 ABRIL 1941 – 17h30 – A situação geral continua bastante confusa, mas todos aqui estão confiantes. A ofensiva alemã na Líbia causou desapontamento, mas os círculos militares não consideram que ofereça real perigo ao Egito, visto que a defesa britânica será reforçada por elementos disponíveis depois da derrota italiana na Abissínia e na Eritreia. A campanha balcânica será penosa e longa e a atitude da Turquia é observada com grande atenção. Considera-se aqui, que a significação do pacto russo-japonês não deve ser exagerada, sendo ele destinado a estabelecer uma situação que já existia de fato entre Tóquio e Moscou. Também se considera o acordo inspirado no desejo do Japão ficar mais garantido, no caso de conflito no oceano Pacífico, e no da Rússia ficar mais protegida, numa eventual expansão germânica na Ucrânia.

MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 15 ABR. 1941 • AHI 28-2-2**

[*Índice:*] O último discurso do senhor Churchill.

N. 306

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 15 de abril de 1941

Senhor Ministro,

O primeiro ministro tomou ontem a palavra na Câmara dos Comuns para fazer uma declaração sobre a atual situação diplomática e militar.

2. Como de costume o senhor Churchill falou com uma inteira franqueza e mesmo com uma certa energia sem atender ao que ele julga serem “questões de prestígio ou de considerações de opinião pública.”

3. É a linguagem viril de um chefe seguro de suas tropas as quais nada dissimula e que não trata de iludir com vagas esperanças.

4. No balanço que ele fez, os aspectos favoráveis da situação, as vantagens obtidas e duráveis foram inscritas no mesmo plano dos indícios desfavoráveis, dos elementos incertos e das possíveis consequências negativas.

5. No ativo deve ser mencionado o desmoronamento do Império italiano da África Oriental que liberta as forças imperiais britânicas e um material de grande importância, que fez dominar completamente o Mar Vermelho, artéria vital do Reino Unido, as severas derrotas infligidas à esquadra italiana em Matapan em grande parte reduzida à impotência, o aumento constante da força material e moral da aviação britânica e os progressos contínuos obtidos nas defesas aéreas do Império britânico.

6. No passivo real ou virtual deve ser inscrita a presença dos alemães na África do Norte e o avanço dessas forças na Cirenaica que constitui sem dúvida uma nova ameaça para o Egito; a ofensiva nazista nos Balcãs que oferece um crescente perigo para a Turquia e para a Ucrânia e poderá ser dirigida novamente para oeste visando uma tentativa de invasão da Grã-Bretanha; a possibilidade de ruptura do equilíbrio das forças navais no Mediterrâneo se o governo de Vichy cedesse a certas imposições de Berlim e a batalha aérea e submarina do Atlântico que está infligindo sensíveis perdas à marinha mercante britânica.

7. A apresentação desse balanço foi feita pelo primeiro-ministro com toda a sinceridade e evidentemente teve por fim indicar ao povo britânico que não deve se entregar a um otimismo fácil que certos recentes acontecimentos poderiam justificar e para que todos prossigam nos seus esforços de preparar a defesa do país.

8. É principalmente sobre a batalha do Atlântico que o senhor Churchill mais se estendeu na sua exposição. Construir navios incessantes e proteger os comboios constitui a ordem do dia.

9. Essa ordem é tanto valiosa para o Império britânico como para os Estados Unidos se o governo americano não quiser que seus esforços sejam feitos em vão para ajudar a Grã-Bretanha a ganhar a guerra.

10. A vitória do Atlântico é que deve assegurar às democracias ocidentais a superioridade material necessária para abater definitivamente a força alemã.

11. Restabelecendo a verdadeira perspectiva dos acontecimentos e sua importância, o senhor Churchill indicou claramente a orientação que devem ter os esforços a serem feitos para ser obtida a vitória para a qual os Estados Unidos estão cada vez mais decididos a colaborar.



Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 15 ABR. 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] Algodão brasileiro. Importação na Grã-Bretanha.

N. 311

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 15 de abril de 1941

Senhor Ministro,

Esta embaixada foi informada, em meados de março do corrente ano, de que alguns exportadores de algodão do Brasil se encontravam em situação difícil, por não poderem embarcar quantidades desse produto, que se haviam comprometido, por contratos, a fornecer a firmas deste país. As autoridades britânicas, segundo nos foi dito, não estavam concedendo licenças para a entrada do nosso algodão aqui e os exportadores brasileiros, embora os respectivos contratos não fixassem datas certas para os embarques, estavam esperando pela licença, em alguns casos, havia cerca de sete meses, o que lhes causava dificuldades junto ao Banco do Brasil. Escrevemos, então, ao controle do algodão, transmitindo essas informações e pedindo-lhe examinar a questão a fim de ser acelerada a concessão das necessárias licenças.

2. No dia 24 do mesmo mês, a Companhia Prado Chaves, de São Paulo, solicitou providências desta embaixada no sentido de poder embarcar 1243 toneladas de algodão, que, vendidas a *R. J. Rouse & Co., Ltd.*, de Londres, deveriam ter sido despachadas de agosto de 1940 a fevereiro de 1941, encontrando-se, no entanto, retidas ainda no Brasil, por falta da licença. Dirigimo-nos logo ao referido controle, tratando deste caso particular.

3. O Ministério do Abastecimento, respondendo as duas cartas, pelo Controle, informou-nos em 10 do corrente (carta anexa por cópia) que, em março de 1940, a *Liverpool Cotton Association* realmente avisara aos importadores que uma quantidade apreciável de praça regular seria concedida ao algodão brasileiro. A situação, no entanto, mudará em fins de maio do mesmo ano, quando foi estabelecido o sistema de licenças de importação para o algodão do estrangeiro. A *Liverpool Cotton Association*, a pedido do *Cotton Control* advertira o comércio, a 8 de junho, de que não era aconselhável qualquer compra do produto, sem prévia obtenção da licença de importação e sem a segurança de que seria concedida a praça necessária. Outro aviso, no mesmo sentido, fora publicado em 10 de agosto. Os negociantes não deviam, assim, ter continuado a agir tomando por base o que fora divulgado em março do ano passado.

4. O Ministério do Abastecimento disse na mesma carta que as autoridades britânicas continuam tratando da compra de uma grande quantidade de algodão no Brasil, mas que as negociações confidenciais, sobre o assunto, ainda não foram terminadas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 17 ABR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Danos no edifício da embaixada. Situação funcionários.

Da Embaixada em Londres

174 – QUINTA-FEIRA – 17 ABRIL 1941 – 12h30 – Os ataques aéreos desta noite foram extremamente violentos, os mais terríveis, durando desde o anoitecer até a madrugada. Nosso quarteirão, principalmente nossa rua e vizinhanças, sofreu graves danos e a maior parte dos edifícios foram destruídos. O edifício da embaixada foi

seriamente danificado, tendo o prédio próximo se desmoronado. O pessoal da embaixada, auxiliado pelo vigia, trabalhou toda a noite com extrema dedicação, protegendo o arquivo contra a possibilidade de incêndio e destruição do edifício, merecendo caloroso elogio. A situação ameaça tornar-se extremamente grave, com o recrudescimento dos bombardeios. Rogo a Vossa Excelência urgente solução para o assunto do meu telegrama n. 128, a fim de poder, eventualmente, socorrer o pessoal e atender a gastos extraordinários. Todos estão felizmente bem. Rogo a Vossa Excelência avisar às respectivas famílias. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 17 ABR. 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] O pacto russo-japonês.

N. 318

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 17 de abril de 1941

Senhor Ministro,

O pacto de neutralidade russo-japonês de 13 do corrente, continua sendo objeto dos comentários os mais diversos e contraditórios principalmente por parte da imprensa estrangeira.

2. A propaganda da Tríplice possui a arte de provocar confusão nos espíritos.
3. Berlim, Roma e Tóquio desde domingo último cantam hinos de vitória e inundam o mundo com notícias extraordinárias afirmando que o novo pacto russo-japonês constitui um aditamento ao acordo tripartido de 27 de setembro de 1940 e que o governo de Moscou abandonará à sua sorte a China dando liberdade ao Japão para empreender sua política expansionista para os mares do sul.
4. O próprio texto do referido acordo não parece justificar tais interpretações.
5. A Rússia se comprometeu a ficar neutra no caso do Japão ser atacado. Não é verossímil que os Estados Unidos ou a Grã-Bretanha sejam os autores de uma agressão contra o Japão e se ao contrário o governo de Tóquio empreender um ataque contra os Estados Unidos ou contra o Império britânico, a Rússia pode se considerar desligada de seu compromisso.

6. O Japão por seu lado está obrigado a ficar neutro se os soviets forem objeto de uma agressão mas a Rússia, não podendo ser atacada senão pela Alemanha, parece evidente que o governo japonês se coloca em posição contraditória com o compromisso que assumiu pelo pacto da Tríplice, isto é, de socorrer com toda suas forças o signatário desse pacto que for agredido.
7. Assim, pois, longe de poder ser considerado como um anexo do pacto de Berlim o acordo de Moscou parece ser a própria negação.
8. Um dos objetivos do *fuehrer* ao constituir a nova Tríplice foi principalmente garantir-se contra uma eventual mudança da política russa com ameaças de ser constituída uma dupla frente de batalha.
9. Stalin ao assinar o acordo de Moscou parece ter descoberto o que estava sendo preparado contra ele e justificou a sua posição ganhando a possibilidade de ter que combater a oeste sem temor de um ataque na Ásia.
10. O governo de Moscou, conforme as informações de Ancara e de Chongqing, teria assegurado aos chineses que continuará a abastecê-los e a fornecer armamentos para a luta em que estão empenhados contra os japoneses.
11. É evidente que estamos em face de uma diplomacia sútil e complicada e principalmente desleal.
12. Na verdade a aplicação do pacto de Moscou dependerá do curso dos acontecimentos e foi, aliás, o que o senhor Cordell Hull, muito sabiamente, quis indicar na sua recente declaração feita à imprensa americana, quando ponderou que facilmente as partes poderiam ser tentadas por diversas causas a exagerar o alcance do referido acordo. Acrescentou o estadista americano que seu governo, no que lhe dizia respeito, não via motivo determinante para uma mudança de sua política.
13. O aviso para útil, pois, segundo toda verossimilhança o Japão sob a direção do senhor Matsuoka, entusiasmado pelo seu êxito, vai se servir do pacto de Moscou para desenvolver em todas as regiões do Pacífico uma formidável propaganda, acentuando certos processos de intimidação.
14. Os governos britânico e americano não estão dispostos a ceder e o Japão bastante depauperado por guerras que duram há vários anos não parece em condições de ousar uma aventura extremamente perigosa nos mares do sul contra forças possantes como são presentemente as do Império britânico e dos Estados Unidos reunidas ou mesmo apenas contra a esquadra americana.

15. Em resumo os círculos ligados ao Foreign Office, sem deixar de considerar a importância do pacto russo-japonês, julgam principalmente como sendo um movimento de defesa russa contra a possibilidade de um ataque alemão.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 18 ABR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] material bélico.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

177 – SEXTA-FEIRA – 18 ABRIL 1941 – 16h00 – Sem resposta aos meus telegramas ns. 123 e 163, respectivamente de 13 de março e 7 de abril, rogo a Vossa Excelência informar ao ministro da marinha de que, de acordo com as instruções do delegado do Tesouro brasileiro em Nova York, vou depositar a quantia de 507 libras, em meu poder, na conta da delegacia na América do Norte na casa Rothschild, nesta cidade. .MONIZ DE ARAGÃO

\*

**TELEGRAMA • 18 ABR 1941 • AHI 30/1/1<sup>xii</sup>**

Índice: Intercâmbio comercial entre o Brasil e a Suécia. Navegação sueca.

N. EC 91-61900

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres

18 ABRIL 1941 – Referência ao seu telegrama n 127. A Legação da Suécia comunicou terem as autoridades alemãs declarado que, a partir de 15 do corrente, não poderiam dar

as garantias necessárias à segurança dos navios suecos, empregados no intercâmbio sueco-brasileiro, e que fazem escala nas Ilhas Farcé, afim de serem inspecionados pelas autoridades britânicas. O governo sueco pediu, por conseguinte, ao governo britânico, que indicasse um novo porto de inspeção, fora da zona de perigo alemã. Tendo em vista os interesses brasileiros em jogo, rogo a Vossa Excelência apoiar a pretensão [sic] daquele governo. EXTERIORES

\*

**OFÍCIO • 18 ABR. 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] Artigo sobre o Brasil publicado pelo jornal Cavalcade.

N. 319

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 18 de abril de 1941

Senhor Ministro,

O Cavalcade, jornal desta capital, de caráter sensacional, porém muito lido, pelo seu baixo preço, publicou, no número de 8 de março último, o incluso artigo (anexo n.1), dizendo estar o Brasil infestado de escorpiões e moscas. Estas últimas, acrescenta o jornal entre outras coisas, são em tão grande quantidade “que podem até escurecer o sol e invadem de tal modo os vapores que transportam carne que os mesmos chegam a parecer navios carvoeiros”.

2. No anexo n.2, Vossa Excelência encontrará o texto de uma carta que o secretário J. de Alencar, encarregado dos Serviços Comerciais desta Embaixada, dirigiu ao referido jornal, a respeito do assunto.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 18 ABR. 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] A guerra na Líbia.

N. 320

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 18 de abril de 1941

Senhor Ministro,

Conforme tive a honra de informar anteriormente os revezes sofridos recentemente pelos ingleses na Líbia provocaram um geral desapontamento que seria inútil dissimular. Aliás, isso será refletido na imprensa e em certo movimento na Câmara dos Comuns tendente a exigir do governo informações e explicações claras e precisas.

2. Enquanto que em apenas algumas semanas os exércitos do general Wavell tinham conquistado a Cirenaica foi bastante triste para os britânicos ver o inimigo retomar pouco a pouco todo o território perdido.

3. Entretanto, todos aqui aconselham não perder a calma e sem cair em um otimismo exagerado julgam dever recordar os fatos e encarar a situação tal como se apresenta.

4. Desde logo exige um exame retrospectivo abrangendo os últimos cinco meses. Nessa época eram esperados graves acontecimentos na África e diariamente os italianos anu[n]ciavam os êxitos de sua ofensiva contra o Egito.

5. O general Wavell porém, tomou a iniciativa do ataque em forma fulminante e em alguns dias os italianos foram expulsos do território egípcio e os exércitos imperiais avançaram rapidamente na Cirenaica.

6. Depois da ocupação de Benghazi alguns acreditavam que a ofensiva na Líbia seria prosseguida e que os britânicos iriam até Trípoli.

7. Entretanto, a conquista da África Oriental foi julgada, segundo dizem contra a opinião do general Wavell, mais importante do que a ocupação da Tripolitânia.

8. Era necessário tentar a expulsão dos italianos da Eritreia e da Somália britânica e italiana. Pareceria necessário fazer do Mar Vermelho um caminho sem perigo para os

comboios de reforços e munições o que foi conseguido e acaba de ser reconhecido pelos Estados Unidos.

9. Mais tarde foi necessário ajudar os aliados dos Balcãs e daí o enfraquecimento da frente da Líbia de onde foram tiradas as divisões que desembarcaram na Grécia.

10. Evidentemente havia um grande risco, mas os técnicos julgavam haver outros maiores, deixando a Itália de posse do seu Império Oriental e fortalecendo a propaganda alemã que apregoava não poder o Reino Unido prestar auxílio material e seus aliados, e como disse o *Daily Telegraph*, significa tudo perder na guerra quem não quer se arriscar e isso ficou provado com a estratégia adotada com a linha Maginot.

11. Dessa forma em geral aqui a opinião corrente é que se diante da superioridade das forças alemãs o general Wavell foi obrigado a se retirar ele atualmente não tem mais que combater os italianos, pois, os exércitos do *duce* foram completamente liquidados na África. Além disso, o chefe das forças imperiais manobra com uma extrema habilidade e depois de ter cedido terreno na Cirenaica e evitado perdas inúteis, agora começa a resistir a Tobruk não se entregou.

12. Um contra-ataque causou numerosas baixas aos nazis e na direção de Sollum os alemães foram repelidos com graves perdas de material e de homens.

13. Embora Sollum esteja na fronteira do Egito o inimigo até agora não conseguiu penetrar no território egípcio.

14. Apesar de ser a situação considerada como perigosa deve ser observado que os britânicos não desanimam e que a recente vitória marítima contra comboios italianos de abastecimento é sem dúvida uma operação militar de grande importância.

15. Durante os últimos meses o inimigo conseguiu fazer passar grande quantidade de material e de soldados da Sicília para Trípoli com a cumplicidade da França enquanto a frota britânica estava ocupada em outro teatro da guerra.

16. O último feito demonstra a sua superioridade e eficácia.

17. Na batalha gigantesca que se está travando do Mar Vermelho ao Atlântico veremos certamente alternativas de derrotas, dificuldades e êxitos, mas em toda a parte os alemães encontrarão na Grã-Bretanha um adversário decidido e que não cederá jamais.

18. Na África do Norte especialmente eles se iludirão se considerarem já terem ganho a partida.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.



Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 19 ABR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Aquisição de oito vapores noruegueses para pesca de baleia pelo governo brasileiro.

RESERVADO

Da Embaixada em Londres

178 – SEXTA-FEIRA – 19 ABRIL 1941 – 18h00 – Referência ao telegrama de Vossa Excelência n. 89. O encarregado de Negócios Estrangeiros da Noruega, o qual já comunicou aos ministros da Marinha mercante e da Defesa a proposta recebida pelo ministro norueguês. Receia resposta negativa, visto que toda a frota mercante foi requisitada pelo seu governo para fins de guerra. Supõe que os vapores partirão para o Canadá a fim de serem devidamente armados para a proteção de comboios. Informará a resposta definitiva dos ministérios competentes. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**TELEGRAMA • 22 ABR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Passagem de tropas alemãs pela península Ibérica e território francês não ocupado.

Da Embaixada em Londres

181 – TERÇA-FEIRA – 22 ABRIL 1941 – 13h30 – Os meios competentes estão muito preocupados com o recrudescimento da propaganda alemã na Espanha, tanto mais inquietadores por concordar com a campanha atual dos falangistas espanhóis contra Portugal, apoiados pelo rádio alemão na Holanda, que continua a insistir em que a manutenção da aliança anglo-lusa é contrária aos interesses portugueses no momento

atual e que o governo português deve definir a sua atitude. Um porta-voz do Foreign Office disse-me que o governo alemão pediu ao general Franco o direito de passagem a seis divisões para atacar Gibraltar. Esse pedido teria sido feito em carta pessoal de Hitler ao caudilho, que lhe foi entregue por Rodolpho Hess, que acaba de regressar a Berlim. Idêntico pedido para as referidas tropas atravessarem a França não ocupada será feito ao almirante Darlan na sua próxima visita a Paris. Os círculos diplomáticos acreditam na possibilidade, de uma ou outra forma, das tropas alemãs atravessarem a Espanha, visando Gibraltar, dentro de poucas semanas. A situação nos Balcãs deixa poucas esperanças. Será inevitável a evacuação das tropas da Grécia, o que acredito já começou, lentamente, em direção ao Egito. A ocupação britânica do Iraque é comentada de modo favorável, tendo merecido a aprovação da Rússia. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**TELEGRAMA • 22 ABR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Aquisição de oito vapores noruegueses para pesca de baleia pelo governo brasileiro.

RESERVADO

Da Embaixada em Londres

182 – TERÇA-FEIRA – 22 ABRIL 1941 – 18h00 – Aditamento ao meu telegrama n. 178. O ministro dos negócios Estrangeiros da Noruega informa ao encarregado de Negócios do Brasil o seguinte: embora requisitados, os navios continuam propriedade dos respectivos armadores, não sendo possível ao governo norueguês dispor deles. O ministro telegrafará nesse sentido à legação norueguesa aí. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**DESPACHO • 22 ABR 1941 • AHI 29/3/13<sup>xiii</sup>**

N. rc/41/943.2 (00)

Índice: Paradeiro de mercadorias.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres

Em 22 de abril de 1941

Senhor embaixador,

Com referência ao ofício n 246, datado de 25 de março último, relativo às mercadorias exportadas pela Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S/A, de São Paulo, com destino à Europa, e apreendidas por um dos países beligerantes, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que o assunto foi também encaminhado à embaixada do Brasil em Berlim, que está providenciando a respeito.

2. Em consideração disso, torna-se desnecessário interceder junto ao governo britânico, pelo que deixo de remeter a Vossa Excelência as informações perdidas.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(e) J.R. de Macedo Soares.<sup>xiv</sup>

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

**DESPACHO • 23 ABR 1941 • AHI 29/3/13**

Índice: Mercadorias retidas na Grã-Bretanha.

N. RC/42/944.2 (00)

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres

Em 23 de abril de 1941

Senhor Embaixador,

Com referência ao ofício n 461, datado de 19 de outubro do ano próximo passado, relativo à defesa dos interesses da firma Marcelino Martins Filho & Cia., desta capital, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que, segundo informa aquela firma, os documentos solicitados estavam em poder dos correspondentes, em Antuérpia, dos bancos que negociaram os saques.

2. Ao ser informadas, porém, de que o "Belgian Shipping Advisory Committee" se havia apoderado da mercadoria, para vendê-la por conta dos consignatários, a mencionada firma pediu aqueles bancos que autorizassem os seus correspondentes em Antuérpia a apresentarem os documentos em questão ao referido "Comitê".

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(f) Maurício Nabuco.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

\*

**OFÍCIO • 23 ABR. 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] O primeiro-ministro recusa debates sobre a guerra.

N. 331

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 23 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

O senhor Winston Churchill ontem na Câmara dos Comuns se opôs aos pedidos formulados por vários deputados de ser feita pelo governo uma declaração clara e precisa sobre a recente visita do ministro dos Negócios Estrangeiros ao próximo Oriente e sobre o atual desenvolvimento da guerra.

2. O primeiro-ministro fundamentou sua negativa no fato de que a presente situação não comporta tais declarações, acrescentando que a Grã-Bretanha deve tomar principalmente em consideração os interesses de outros países.

3. Uma declaração por parte do ministro Eden, disse ainda o primeiro-ministro, seria no momento atual também contrária aos interesses públicos e esperava que a Câmara dos Comuns continuasse a demonstrar, como até agora tem feito, o mesmo espírito de tolerância e de confiança a respeito dos chefes responsáveis pela conduta da guerra,

provando ao mundo inteiro que permanecem intactos os seus sentimentos de calma e prudência que são qualidades características do país, já provadas em tantas outras situações tão difíceis e delicadas como a do presente momento.

4. Acrescentou o senhor Churchill que uma vez definida a evolução que estão tendo os acontecimentos e esclarecida a situação não tardaria a fornecer uma declaração completa à Câmara sobre tudo o que tem corrido e que tão justamente preocupa a casa dos Comuns.

5. Essas declarações do ministro Churchill foram, como disse, resultantes do desejo de certos membros de serem iniciados quanto antes debates sobre os últimos fatos ligados à guerra.

6. O membro laborista Shinwell chegou a interpelar o primeiro-ministro sobre o fato do público, na sua opinião, estar muito inquieto sobre a situação, ansiedade essa que uma declaração do senhor Eden poderia calmar.

7. Em resposta do senhor Churchill disse que não compartilhava com o orador, no que dizia respeito à inquietação do público britânico, pois o povo continuava revelando sempre as mesmas qualidades de firmeza, confiança e calma tradicionais e que tinham permitido ao governo britânico conduzir a guerra, como até agora tinha feito, para obter uma completa vitória embora reconhecesse que a tarefa é e será dura e demandará muitos esforços e sacrifícios.

8. Depois de um curto debate a Câmara concordou em aguardar as declarações do primeiro-ministro o qual julgará quando deverá fazê-las.

9. Existe, contudo, uma certa irritação contra a ação do ministro Eden que muitos julgam responsável pela retirada de tropas da Líbia e pela não continuação da avançada do general Wavell sobre Trípoli.

10. Depois dos debates prometidos, muitos acreditam que o primeiro-ministro será obrigado a fazer uma reorganização ministerial, da Marinha Mercante, do Bloqueio e provavelmente da Propaganda.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

TELEGRAMA • 23 ABR. 1941 • AHI 30/1/1

Índice: Importação de lã da Grã-Bretanha.

N. EC95-41930

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres

23 DE ABRIL DE 1941 – Ciente de haver essa embaixada conseguido a licença para o embarque de 500 fardos de lã, que vem aliviar a situação precária das nossas fábricas de tecidos, rogo a Vossa Excelência empregar novos esforços no sentido de serem permitidas as importações das outras partidas já encomendadas e que são as seguintes: 800 fardos para o beneficiamento de Fios São José, 500 fardos para F. Kowarick & Companhia e 250 fardos para o Moinho Santista. Exteriores

Pago pelo Dr. Firmo Dutra,  
representante do sindicato  
acima mencionado nesta Capital.

\*

OFÍCIO • 23 ABR. 1941 • AHI 28-2-2

[Índice:] Os últimos bombardeios de Londres.

N. 332

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 23 de abril de 1941

Senhor Ministro,

Depois dos terríveis ataques aéreos noturnos de quarta-feira e sábado últimos, os mais violentos até agora verificados, e sem nenhum objetivo de ordem militar, quando

durante horas seguidas e continuamente os aviões alemães despejaram toneladas de explosivos e milhares de bombas incendiárias sobre Londres, os seus habitantes passado o perigo voltaram logo à sua normal.

2. Na segunda-feira a grande capital, embora com o seu tráfego perturbado e apresentando estragos consideráveis, já se entregava febrilmente às suas atividades demonstrando uma vitalidade sem limite.

3. É surpreendente a capacidade de adaptação dos londrinos a todas as situações, mesmo as mais graves como a atual.

4. Existem quarteirões em que quase todas as casas foram destruídas e onde nas restantes todos os vidros foram quebrados e portas arrancadas.

5. Na rua em que está situada a nossa embaixada, um grande número de prédios desapareceram e em torno de nossa casa num perímetro de menos de cem metros caíram seis bombas de alto poder explosivo e centenas de incendiárias.

6. O edifício sofreu grandes danos pela deflagração dessas bombas e assim quase todas as janelas da frente e portas foram arrancadas.

7. A parte interna foi pouco afetada mas o maior perigo que corremos foi devido a terem caído sobre a casa três bombas incendiárias que foram prontamente extintas pelo nosso vigia permanente, auxiliado pelo pessoal que com extrema dedicação trabalhou toda a noite para dominar o princípio de incêndio que se verificou e sobretudo resguardar o arquivo.

8. Em telegrama já tive ensejo de me referir a esse fato e aqui renovo a expressão do sincero louvor que a todos faço pelas provas de coragem ainda mais uma vez demonstradas por todos que estão servindo nesta embaixada.

9. Presentemente uma grande parte da população vive com janelas quebradas, as lojas sem vidros seguem com o seu comércio, expondo os seus artigos sem nenhuma proteção e existe muita gente que continua a viver em casas danificadas sem teto.

10. A municipalidade embora disponha de um crédito de mil seiscentos milhões de libras para alojar a população privada de habitação e apesar de ter preparado alojamentos excelentes para todos, dificilmente obtém que famílias sinistradas abandonem suas residências, embora quase em ruínas, privadas de qualquer conforto e até do serviço de gás, água e esgotos.

11. Em tais condições muitos habitantes de Londres celebraram no domingo as suas habituais reuniões de família depois de sacudir o pó de suas roupas e de tapas com madeira e papelão suas portas e janelas destroçadas.

12. Todos suportam com alegria e boa disposição todas as incomodidades e sofrimentos por que estão passando.
13. Recentemente as autoridades alojaram centenas de famílias pobres, privadas de habitação, no luxuoso edifício Gloucester House, em Park Lane, mas esses novos hóspedes não se sentiram bem no meio de tão rica instalação, nesse palácio cheio de mármore e bronzes cuja construção atingiu mais de 50 mil libras. Apenas puderam voltar às suas antigas casas preferindo viver entre paredes desafumadas e janelas quebradas.
14. Esse esforço individual para restaurar os próprios lares é uma das maiores forças de resistência com que conta Londres para sua defesa.
15. Excetuando os serviços públicos, a iniciativa particular tem feito verdadeiros milagres.
16. Na realidade os esforços das autoridades pode resolver somente problemas gerais de serviços públicos e de abastecimento considerando a extensão da área londrinense e o número de seus habitantes.
17. Quando os transportes, os serviços de água, gás, eletricidade, telefone ficam interrompidos tudo é feito para seu pronto restabelecimento, mas a restauração de residências particulares não seria possível se a população não tivesse sempre demonstrado uma tenacidade e um espírito de colaboração de ordem admirável.
18. O problema privado do homem que vê destruída sua casa, arruinado seu comércio ou indústria só poderia ser resolvido pelo esforço de cada um, como tem sido feito, colaborando com a ação das autoridades britânicas.
19. Existem casos de famílias terem tido suas casas bombardeadas três a quatro vezes que obstinadamente repararam em todas essas ocasiões seus pobres móveis e carpinteiros, sapateiros, alfaiates, mecânicos etc., com instalações provisórias prosseguem no seu trabalho como se nada tivesse ocorrido.
20. Posso assegurar a Vossa Excelência que apesar dos consideráveis efeitos desses dois últimos ataques que segundo os últimos cálculos causaram quase dois mil mortos e cerca de quatro mil feridos o moral da população continua a ser extremamente elevado e todos só pensam em auxiliar o governo por todos os modos para ganhar a guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão



A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 24 ABR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Aquisição de oito vapores noruegueses para pesca da baleia pelo governo brasileiro.

RESERVADO

Da Embaixada em Londres

183 – QUINTA-FEIRA – 24 ABRIL 1941 – 13h00 – Referência ao telegrama de Vossa Excelência n. 97. Devo esclarecer que, embora os navios continuam propriedade dos respectivos armadores, estes não podem dispor dos mesmos, visto terem sido requisitados pelo governo norueguês até o fim da guerra, conforme meu telegrama n. 178. MONIZ DE ARAGÃO

\*

OFÍCIO • 24 ABR. 1941 • AHI 28/2/2

[Índice:] Financiamento britânico de transações em dólares no Brasil e Argentina.

N. 334

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 24 de abril de 1941

Senhor Ministro,

O Financial News e o Financial Times de hoje publicaram uma notícia dizendo que acabava de ser concluído um ajuste entre os bancos centrais da Argentina e da Grã-Bretanha, em virtude do qual nenhuma transação em dólares americanos poderá ser feita por um banco inglês com clientes argentinos sem a prévia obtenção do Controle de

Câmbio Argentino de uma licença de importação em moedas livres pelo importador argentino interessado.

2. Esse ajuste, dizem os referidos jornais, foi feito por haver-se verificado que em alguns casos, quando bancos ingleses haviam financiado transações em dólares entre a Argentina e outros países, a Grã-Bretanha não recebeu dólares não obstante haver desembolsado essa moeda para o financiamento. Parece que as transações aludidas eram sobretudo de exportação de carne, cereais ou café da América Latina para os Estados Unidos, exportações essas ligadas a importações correspondentes de máquinas e artigos manufaturados dos Estados Unidos.

3. Doravante as autoridades argentinas, nas transações financiadas em dólares americanos, fornecerão dólares para reembolsar os bancos britânicos que houveram financiado essas transações, uma vez entregue a respectiva mercadoria.

4. Dizem os mesmos jornais que um ajuste semelhante foi concluído com o Brasil, resolvendo assim as dificuldades encontradas pelos bancos ingleses, que haviam financiado o comércio entre o Brasil e outros países, de obter o pagamento de dólares do importador brasileiro, não obstante já haverem sido pagas essas importâncias ao exportador no país de origem da mercadoria.

5. Esses ajustes foram, ao que parece, acolhidos com grande satisfação na *City*, não somente por demonstrarem o empenho das autoridades britânicas de amparar o comércio ultramarino, como ainda por testemunharem a íntima colaboração existente entre o banco da Inglaterra e os bancos centrais latino-americanos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

**TELEGRAMA • 25 ABR. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Intercâmbio comercial entre o Brasil e a Suécia. Navegação sueca.

Da Embaixada em Londres

186 – QUINTA-FEIRA – 25 ABRIL 1941 – 18h00 – Referência ao telegrama de Vossa Excelência n. 91. Apoiei junto ao Ministério do Bloqueio a pretensão da Suécia, tendo sabido estar o assunto em via de solução satisfatória. Nessa ocasião foi-me referido, com certo ressentimento, estar o Lloyd Brasileiro beneficiando-se com as vantagens do esquema dos *ship Warrants*, sem ter ainda assinado o compromisso, bem como não ter o Brasil acompanhado o recente precedente continental, imobilizando os navios alemães refugiados em nossos portos, conforme o entendimento para solucionar o caso do *Siqueira Campos*. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 25 ABR. 1941 • AHI 28-2-2**

[Índice:] A ação diplomática de Berlim.

N. 337

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 25 de abril de 1941

Senhor Ministro,

De acordo com impressões colhidas nos meios políticos e diplomáticos ligados ao governo tudo indica que a próxima ação diplomática do Reich parece orientada contra a Turquia, que o *fuehrer* estimaria, segundo seus processos habituais, fazer ceder sem luta armada.

2. Já se observam sintomas evidente da guerra de nervos dirigida contra Ancara e assim alternativamente Berlim oferece aos turcos um pacto de não agressão, pede liberdade de trânsito pelos Dardanelos e em todos os casos faz compreender que o governo otomano deve renunciar à sua aliança com a Grã-Bretanha. Todos os meios da propaganda alemã são utilizados para demonstrar a ineficácia do concurso inglês citando

os exemplos da Grécia e da Iugoslávia sem ser esquecido o bombardeio de Belgrado e a avançada fulminante das divisões blindadas do *fuehrer* através as montanhas balcânicas.

3. Na mesma ocasião o chanceler Hitler organiza o dispositivo militar que servirá para apoiar sua manobra diplomática.

4. Desde o porto de Constanza até a Ilha de Lemnos as tropas e a aviação alemã e, segundo eles afirmam, submarinos ligeiros completam o cerco das águas e dos territórios turcos a oeste e ao sul do Mar Negro ao Mar Egeu, passando pela Trácia onde as divisões germânicas substituíram os soldados búlgaros.

5. Entretanto, antes de se empenhar a fundo nessa nova aventura, Hitler necessita saber o estado de espírito e as verdadeiras disposições dos governos turco e russo.

6. Daí a presença simultânea dos embaixadores na Turquia e na Rússia, em Berlim.

7. Aqui acreditam que o governo turco nada decidirá sem consulta prévia com Stalin e com o gabinete de Londres.

8. O perigo que ameaça a Turquia constitui também uma ameaça para os interesses russos nos mares Negro e Egeu.

9. A iminência desse perigo determinou a assinatura de acordo de 24 de março último, fundado no tratado turco-russo de 1935 e pelo qual os dois países garantiram mutuamente sua neutralidade no caso de uma agressão.

10. Em um recente artigo publicado em Moscou no jornal *Pravda* foi dito que a União Soviética continua decidida a prosseguir a sua política independente determinada pelos interesses do seu povo e do Estado assim como destinada a preservar a paz.

11. Não me parece possível ainda duvidar que a presença dos exércitos alemães nas margens do Mar Negro e nas Ilhas do Mar Egeu não constituam ameaças para os interesses do Estado soviético e para a paz.

12. Sendo exato como foi publicado em Londres que o governo russo desde a assinatura do tratado russo-japonês começou a transferir o seu exército do Extremo Oriente para oeste pode ser concluído que a Rússia está decidida a não se deixar surpreender pelos acontecimentos.

13. Parece, pois, que Stalin quer apoiar com uma ostentação de força a pressão diplomática que prepara a exercer em Berlim para deter Hitler no caminho do Oriente e da Ucrânia.

14. O embaixador turco disse-me, há dias, que seu país está calmo, mas vigilante e que seu governo encara a partida que está sendo jogada em Berlim, Ankara e Moscou como de interesse capital para o desenvolvimento da atual guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 01 MAI. 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa.

Cumprimento acordo anglo-italiano sobre libertação membros corpos diplomático e consular

Da Embaixada em Londres

197 – QUINTA-FEIRA – 01 MAIO 1941 – 17h00 – O ministro dos negócios estrangeiros, em nota que acabo de receber, faz referência ao entendimento existente entre este governo e o italiano, sobre a libertação dos membros dos corpos diplomático e consular e seu pessoal e a família quando detidos por uma das partes. Faltando-lhe notícias, há duas semanas, do paradeiro do ministro inglês em Belgrado e seu pessoal, este governo tem motivos para supor terem sido capturados pelas forças italianas, embora sem confirmação. Assim, o governo britânico não pode deixar de duvidar das intenções do governo italiano a esse respeito e, em consequência, resolver deter nas Bermudas o adido naval italiano em Washington. Almirante Lais, em viagem para a Itália, até ficar esclarecida a situação. O governo britânico pede informar o governo italiano, assegurando que as medidas adotadas em relação ao referido almirante são inteiramente de precaução e que tem toda a intenção de cumprir o acordo no seu verdadeiro espírito de reciprocidade, o que acredita também ser propósito da Itália. Rogo a Vossa Excelência uma resposta urgente que me habilite a responder a este governo.

MONIZ DE ARAGÃO

\*

OFÍCIO • 01 MAIO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] Mês político n. 5.

N. 355

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 1º de maio de 1941.

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n. 5, relativo ao mês de abril próximo passado.

[Anexo]

Mês político n. 5

O mês que acaba de se encerrar trouxe duras lições para os ingleses. O desenvolvimento da magistral estratégia empregada pelos alemães nos Balcãs e na Líbia não tinha sido devidamente avaliado pelo governo e pela opinião pública neste país. Esta nota de surpresa e a compreensão de gravidade da situação ressalta agora dos comentários da imprensa e dos discursos no Parlamento. O triunfo alemão sobre um exército aguerrido e considerável como o sérvio, a dissolução do Estado iugoslavo no espaço de poucos dias, foi feito militar da primeira magnitude mais aniquilante que a conquista da Sérvia em 1915 por Mackensen. Ter impedido a junção dos sérvios com os gregos na Albânia, como ter separado a Grécia da Turquia penetrando até o mar Egeu, equivaleu a ação, quer militar, quer politicamente, só comparável à técnica guerreira de Napoleão.

A pressão alemã agora passa a ser exercida sobre a Turquia e a Mesopotâmia. As forças britânicas, repelidas da Grécia, ficarão submetidas ao cerco alemão no Egito. Os dois pontos vitais para o Império, o canal de Suez e os oleodutos, que suprem a esquadra com o petróleo de Mosul, estarão expostos aos ataques da aviação alemã, instalada em Benghasi e na Grécia. Dizer-se que só a Batalha do Atlântico será decisiva é prova de demasiado otimismo, pois a luta para o domínio no Mediterrâneo faz parte dessa batalha, visto afastar a Grã-Bretanha das suas fontes de suprimento.

É apenas uma questão de tempo a ocupação da Turquia europeia. Assegurado o comando dos Dardanelos e cortado o contato da Rússia com o mundo ocidental, se os alemães quiserem, como o revelaram nas campanhas contra a Polônia, a França, nos

Balcãs e na Líbia, poderão eles, com os seus carros de assalto, penetrar pela planície russa até Moscou e Leningrado, cidades que a Luftwaffe está apta a destruir, como destruiu Varsóvia e Belgrado. A Rússia meridional seria também conquistada com a mesma facilidade até Baku, pois Hitler para poder reorganizar a Europa sob a hegemonia da Alemanha precisa do trigo da Ucrânia e do petróleo do Cáucaso. Os soviéticos sabem bem que estão ameaçados pelas duas armas em que até agora eram mestres – a revolução e a propaganda. Hoje a supremacia nessas armas passou para os nazis. É por ter consciência dessa inferioridade que Stalin aceitou a colaboração com o seu arqui-inimigo. Isolado, vai ele agora pagar o preço da sua persistente hostilidade ao Império Britânico. Ao passo que deste nada tinha a temer, seu destino é, pois, aceitar a nova ordem nazista e consentir que a Rússia se torne um Estado vassalo da Alemanha.

Em suma, a Alemanha está vendo realizarem-se todos os planos frustrados na guerra passada, da qual esta é a continuação, isto é, a posse dos portos da Mancha e de Paris, segundo o plano Schlieffen, a campanha da Sérvia, a absorção da Itália, a conquista da Romênia e um segundo Brest-Litovsk.

Estas conquistas por mais brilhantes e avassaladoras, porém, não bastam para assegurar a vitória. Por mais formidável que seja a ameaça contra o Império Britânico, elas não serão decisivas enquanto se mantiver o espírito de resistência. Este parece permanecer intacto. Os recentes bombardeios violentos sobre Londres (16 e 19 de abril), vieram reafirmar a determinação do povo britânico.

Está o povo (quero dizer as classes pobres), ainda mais que os políticos, compenetrado de que a guerra contra os alemães é de vida e morte. Já não diferencia entre os inimigos de 1914 e os nazis. Nenhuma submissão aos termos propostos pelo senhor Matsuoka ou paz sem vitória seria aceitável, dado o seu presente estado de espírito. Observa-se, porém, uma certa dissatisfação [*sic*] com o governo. Os reversos na Cirenaica puseram abruptamente fim ao otimismo que se generalizara depois das vitórias sobre os italianos. O primeiro-ministro continua a ser o *leader* indiscutido, cuja popularidade em nada diminuiu. O governo é que está sendo criticado. A crítica é, sobretudo, contra a ineficiência burocrática de alguns ministérios. Ela manifesta-se também no Parlamento, cujos debates vêm sendo mais animados e mais interessantes. Mas o interesse que os mesmos despertam resente-se da falta de oposição inteligente.

A opinião pública tem perdido confiança na política, pelo menos quanto ao seu aspecto partidário. Ela vai inequivocamente pendendo para a esquerda. Mas não se pode dizer que essa tendência favorecerá o Partido Laborista, como tampouco o Liberal, que

segundo se prevê, não sobreviverá a guerra. É que o *Labour Party* foi tão inepto na política internacional, quanto depois os conservadores. A esquerda não é menos responsável pela guerra, no seu utópico pacifismo, que a direita apaziguadora. Na condução da guerra, a participação laborista não se revela à altura das expectativas. A sinceridade de um Greenwood (ministro sem pasta) ou de um Morrison (ministro do Interior), a energia de um Bevin (ministro do Trabalho) não os livraram de um certo desapontamento. Nem essa falta de visão está sendo compensada por uma atividade sempre bem-sucedida. Julga-se também que o senhor Churchill precisa de ter um auxiliar com quem dividir parte das suas múltiplas tarefas. Admite-se que *lord* Beaverbrook deixe a pasta em que imprimiu o seu dinamismo para ocupar essa posição. Esperam-se outras modificações ministeriais que permitam a introdução de novos elementos estranhos ao Parlamento e vantajosamente recrutados nos meios de negócios, a exemplo de *lord* Woolton, *sir* Andrew Duncan e o senhor Lyttelton. Diz-se, outrossim, que haverá fusões de atividades esparsas, unindo-se os Ministérios do Transporte e da Navegação. Enfim, conta-se para muito breve com uma reorganização ministerial.

As críticas manifestam-se também ao redor da personalidade do senhor Eden, cuja prolongada missão à Turquia e à Grécia, durante todos o mês de março e princípios de abril, não logrou a união balcânica que poderia ter enfrentado a ameaça alemã. Culpam-no de responsabilidade na aventura grega, que impediu o complemento da tarefa de liquidar o império italiano em Trípoli.

É evidente que encarado o problema, do ponto de vista puramente militar, foi um erro enfraquecer os já não abundantes elementos mecanizados com que contavam os ingleses na Líbia. A campanha da Grécia, longe das bases, era desvantajosa, sobretudo pela insuficiência do apoio aéreo. Contra as forças superiores do agressor, a posição do corpo expedicionário era necessariamente precária, a menos que a Turquia e a Iugoslávia tivessem feito a tempo causa comum. Mas do lado político, a posição era outra. A Grã-Bretanha até então não havia podido prestar ajuda eficaz a nenhum dos países vítimas da agressão alemã. Os objetivos alemães nos Balcãs eram óbvios. Os campos petrolíferos do Iraque e o controle do Egito. Para ganhar o tempo necessário para que se avolume a contribuição americana, impunha-se a resistência nos Balcãs. Havia ainda o compromisso para com a Grécia. Era preciso tentar a organização da defesa comum dos países ameaçados, mas para isso era mister a expedição imediata de efetivos de certa monta, sob pena de sério desprestígio. Era mister correr o risco. E se o fracasso, em vista do desequilíbrio de forças, tinha que ser inevitável, a luta foi heroica e a retirada sob os



ataques incessantes de uma aviação, que dominava os ares, resultou um milagre de estoicismo e organização. A evacuação iniciada em 24 de abril, terminou poucos dias depois. 45.000 homens, ou 80% da força expedicionária, puderam ser salvos. As perdas em mortos, feridos e prisioneiros cifram-se em 13.000, muito menores que as alemãs, segundo as estimativas inglesas.

Na segunda semana do mês entrante, a Câmara terá ocasião de pronunciar-se sobre o voto de confiança pedido pelo governo. Prevê-se uma aprovação por unanimidade. O senhor Churchill prometeu que o debate não seria restrito às operações militares na Grécia e na Líbia, mas abrangeria igualmente a política administrativa e econômica.

É no Mediterrâneo que o exército alemão pode atacar o Império Britânico. A oportunidade já se oferecera após o colapso francês, mas não foi aproveitada o ano passado porque a Alemanha esperava uma vitória fácil na Batalha da Grã-Bretanha. Agora que a Batalha do Atlântico está indecisa, parece que o ataque será pela Síria.

Prostrada a França, o governo de Vichy dificilmente se oporá à penetração alemã nessa região, quando já se acham ocupadas as ilhas no Egeu. Se essa tentativa não for por diante, resta Gibraltar e Marrocos. Na eventualidade de uma marcha alemã sobre a Espanha, com ou sem o seu consentimento, a França será ainda mais pressionada a se declarar. Para melhorar a sorte da população, dependente da França ocupada para o abastecimento alimentar e de matérias-primas na França inocupada, seus governantes serão afinal forçados a uma decisão em favor da Alemanha. Se a França recusar a cooperação, Vichy receia seja constituído em Paris um governo chefiado por Laval, bem como a ocupação do resto do país. Nessa previsão, é provável que o almirante Darlan, como admite a imprensa aqui, se coloque à frente da esquadra e a ponha à disposição da Alemanha. Breve, portanto, assistiremos ao trágico desenlace, que atirará os dois antigos aliados um contra o outro.

Já no Iraque viu-se o êxito das intrigas germânicas provocando o golpe de Estado em que tomou conta do poder um simpatizante do Eixo. Dada a posição central desse país, entre a Síria, a Turquia e Irã, e a existência dos preciosos poços de petróleo, é fácil de compreender o perigo da situação aí criada. Servindo-se dos aeródromos na Síria, os alemães poderão conduzir tropas pelos ares a fim de interceptar o oleoduto ou dinamitar os poços.

Depois da derrota grega, o principal teatro de operações voltou a ser o da Líbia. Os alemães estão se esforçando por penetrar a linha de defesa na fronteira egípcia. Tobruk, no flanco alemão, está sendo um obstáculo ao seu avanço, o que permite aos

ingleses concentrar os seus esforços. O general Smuts anunciou que as tropas sul-africanas que estão liquidando os últimos postos italianos na Abissínia, serão conduzidas ao Egito. Os primeiros navios conduzindo munições e armamento americanos estão chegando a Suez, fruto da declaração americana de que o mar Vermelho não é mais zona de combate. Para se assegurarem esse ponto vital, é forçoso que os ingleses possam expulsar os alemães do norte da África. Desta feita, Trípoli não poderá ficar nas mãos dos italianos, sob pena dos alemães estabelecerem ligações com os franceses em Túnis e os espanhóis em Marrocos.

A Batalha do Atlântico prossegue com toda a fúria. Os persistentes ataques alemães sobre Liverpool e outros portos revelam que eles bem percebem que mais importante ainda que a campanha submarina é a destruição dos portos. A intensificação das medidas de defesa naval e aérea já tem logrado resultado, a extensão do patrulhamento da esquadra norte-americana veio facilitar a tarefa da Royal Navy, o bombardeio contínuo das bases dos submarinos inimigos, forçam os alemães a atacarem as docas onde atracam os comboios. As medidas de defesa contra os graves estragos que os aviões têm causado não se fizeram esperar e o número crescente de aparelhos derrubados ultimamente pelos *night-fighters* é de certo modo encorajante.

O problema constitucional da Índia continua insolúvel e a preocupar os governos daquela colônia e o da Grã-Bretanha. O recente debate parlamentar, apesar do discurso do ministro Amery, não satisfaz à Câmara. O mesmo desapontamento reina na Índia. Embora não seja esse um momento para realizar importantes reformas constitucionais, quando as comunicações através do canal de Suez estão ameaçadas e quando a atitude do Japão é duvidosa, acredita-se que o proposto estudo em conjunto dos três projetos – britânico, do Congresso e dos Moderados – poderá permitir uma fórmula para um acordo temporável [*sic*]. É possível que o vice-rei designe um Comitê Especial de Guerra para colaborar com o governo e associado à Câmara dos Príncipes, numa mais ativa participação na guerra.

Moniz de Aragão

\*

[Índice:] Proteção interesses italianos; cônsules em Calcutá e Bombaim

Da Embaixada em Londres

198. A – QUINTA-FEIRA – 02 MAIO 1941 – 16h00 – Afim de evitar inconvenientes com a dupla representação dos interesses italianos na Índia, atualmente confiados aos cônsules brasileiro e Calcutá e espanhol em Bombaim, o *foreign office* consultou-me se não seria possível congregar nas mãos do representante brasileiro a referida proteção. Essa providência tornou-se necessária devido à concentração, na Índia, da totalidade dos prisioneiros de guerra italianos. As comunicações com o governo e as autoridades militares de Delhi competiriam ao nosso cônsul em Calcutá. Caso Vossa Excelência concorde, e após entendimento com o governo italiano, seria vantajosa a designação, conforme meu telegrama nº 522, de um cônsul brasileiro para Bombaim, em vista do afastamento territorial dos campos de internamento.

MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 02 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Guerra econômica.

N. 359

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 2 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Num artigo publicado pelo *Financial News* de hoje, o correspondente diplomático desse jornal diz que, no debate geral sobre a guerra, a ser realizado na Câmara dos Comuns, na próxima semana, é possível que alguns oradores se refiram à guerra econômica, embora tal assunto não esteja incluído nesse debate.

2. Segundo o referido correspondente, o fato de não terem ainda os depósitos e refinarias de óleo da Romênia sido atacados pela aviação inglesa, em particular, será objeto de duras críticas na Câmara dos Comuns. Em muitos círculos, o sucesso do avanço germânico nos Balcãs é atribuído, em parte, ao fato de que os alemães foram deixados

tranquilamente de posse do óleo da Romênia, não precisando assim lançar mão de suas reservas. A atitude adotada pelo Ministério da Economia Beligerante, considerando mais vantajoso bombardear esse óleo depois de chegar à Alemanha, será atacada, atendendo a que, devido às circunstâncias, em vez do óleo ser mandado para os exércitos, estes é que foram mandados para a vizinhança dos depósitos de óleo.

3. Continua o correspondente dizendo que o governo britânico com certeza será solicitado a reparar esse erro. Os círculos diplomáticos pensam que a atitude da Turquia, e mesmo a da Rússia, com relação à pressão alemã, será determinada em grande parte pela decisão e do governo de bombardear, ou não, os mencionados depósitos de óleo. Uma campanha alemã contra qualquer desses países requereria enormes quantidades de petróleo e as tropas alemãs envolvidas nas operações teriam de abastecer-se principalmente nas fontes da Romênia. A imprensa turca já está criticando a atitude britânica relativamente ao assunto.

4. Outra questão que será levantada no próximo debate sobre a guerra econômica, acrescenta o correspondente, é a dos “navicerts”, pela facilidade com que tais certificados estão sendo concedidos. Círculos bem informados dizem que durante os últimos meses enormes quantidades de mercadorias foram embarcadas de Martinica para Casablanca e outros portos da França controlados pela Alemanha, com o conhecimento e o consentimento do Ministério da Economia Beligerante. Segundo informações seguras, as importações de óleo e outros produtos essenciais efetuadas por Martinica excederam de muito as necessidades dessa colônia, pela razão de que o excedente é reexportado para a França. O pagamento é feito com certeza pela reserva de ouro francesa, que se encontra naquele território, e uma grande parte dos artigos assim importados, sob a garantia de “navicerts”, é enviada para a Alemanha. Consta também que o volume de matérias essenciais, recentemente importado por Portugal sob “navicerts”, é demasiado grande. As importações de algodão e óleo feitas por esse país, no mês de janeiro último, foram superiores às efetuadas durante todo o ano de 1939. Uma parte desses produtos deve ter sido reexportada para os países do Eixo. A Espanha também teve permissão para importar, há pouco, uma quantidade apreciável de óleo, estando os seus depósitos completamente cheios. Ela adquiriu ainda um grande número de tanques móveis para óleo, os quais serão de grande utilidade para tropas germânicas que eventualmente atravessem o país. Por outro lado, termina o correspondente, há esperanças de que o movimento de tropas na fronteira da Sibéria com o Manchukuo desorganizará por algum

tempo o tráfego na estrada de ferro transiberiana, retardando o transporte das cargas alemãs via Vladivostock e Harbin.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 02 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Mês econômico n. 4. Abril de 1941.

N. 360

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 2 de maio de 1941.

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório econômico n. 4, relativo ao mês de abril de 1941, feiro pelos serviços comerciais desta embaixada.

[Anexo]

Mês econômico n. 4

(Pelos serviços comerciais da embaixada)

Embora o governo britânico continue na política de não publicar quaisquer dados sobre o comércio exterior do país, a imprensa desta capital divulgou, sem mencionar cifras, que o movimento de importação e exportação durante o 1º trimestre do corrente foi muito superior ao do mesmo período do ano passado.

2. Prosseguindo sua política de auxílio econômico à Espanha, com o intuito de ampará-la contra a pressão exercida pela Alemanha e tratar de mantê-la neutra, a Grã-Bretanha concluiu em 7 de abril um acordo suplementar ao firmado em 18 de março

último. Pelo novo ajuste este país emprestará à Espanha a importância de £2.500.000, para a compra de gêneros alimentícios e matérias-primas essenciais.

3. Em debate na Câmara dos Comuns no começo do mês, o capitão Oliver Lyttelton, presidente do Board of Trade, declarou, relativamente à concentração das indústrias, que o governo não tinha a intenção de forçar as firmas pequenas a se unirem numa nova ordem industrial, nem de reduzir mais a produção, mas sim de evitar o desperdício resultante do pouco aproveitamento dos sacrifícios já feitos, Em particular, seria evitado o desperdício de mão de obra, libertando os operários que pudessem ser aproveitados nas indústrias de guerra. Nove operários de cada dez deslocados em virtude da “Limitation of Supplies Order”, já tinham sido absorvidos. A fim de assegurar a concentração dos distritos onde houvesse pouca procura de mão de obra, elaborar-se-iam mapas das diversas regiões atingidas pela concentração para as várias indústrias. Com o intuito de impedir a requisição ao acaso de fábricas, o controlador-geral de Fábricas e Armazéns prepararia um registro das fábricas disponíveis, a requisição destas sendo feita por seu intermédio. Havia dois métodos principais de garantir a concentração, declarou o senhor Lyttelton: 1) as firmas poderiam manufaturar seu artigo para um grupo, vendendo-lhe o mesmo ao preço de custo, e cada firma desse grupo colocaria no mercado os seus próprios artigos, os produtos especiais de cada uma sendo substituídos por produtos de tipo *standard*. O governo prestaria, entretanto, auxílio para que essas firmas pudessem conservar a existência das suas marcas de fábrica; 2) os fabricantes que recebessem suprimentos de matérias-primas poderiam vender a outros o direito de utilizar seus processos e patentes. A indústria algodoeira havia adotado um terceiro sistema, não geralmente aplicável, impondo uma contribuição às firmas que continuassem a trabalhar, em benefício daquelas que fechassem, tal contribuição sendo aceita pelo Tesouro como “revenue charges”. Não seria possível controlar tão completamente o comércio retalhista, mas o governo procuraria manter tanto quanto possível a repartição do comércio retalhista tal qual existia entre as grandes empresas, as sociedades cooperativas e os pequenos negociantes, obrigando, porém, as grandes empresas, utilizando maior número de empregados do que as pequenas, a substituí-los por outros de mais idade ou então a diminuir o seu comércio. O governo encorajaria o agrupamento provisório de pequenas firmas enquanto durar a guerra, mas evitaria modificar a situação das mesmas quando o deslocamento causado fosse desproporcional às vantagens obtidas pela concentração, Na opinião do presidente do Board of Trade, a reorganização do comércio depois da guerra seria grandemente auxiliada por uma enorme procura de artigos de consumo e o controle teria que continuar

por algum tempo, para salvaguardar as firmas fechadas em virtude da concentração e para evitar especulações. O período de transição da guerra para a paz deveria ser gradual.

4. Em outro debate na Câmara dos Comuns, o presidente do Board of Trade, falando sobre a concentração da indústria algodoeira, disse que a falta de algodão em rama e a necessidade de manter o abastecimento de certas fábricas (cerca de 140) com grandes contratos para o governo, não tinham permitido o suprimento do mesmo produto a outras (umas 60), muitas das quais haviam fechado. As fábricas que ainda estavam funcionando haviam sido provisoriamente classificadas como essenciais e deveriam pagar uma contribuição, cujo valor estava sendo considerado, para a manutenção das fábricas fechadas. O problema da concentração devia ser resolvido com urgência. A incerteza prejudicava a indústria e por isso fora necessário fixar prazos para a concentração voluntária.

5. A imprensa desta capital anunciou, em 24 de abril, que havia sido concluído um ajuste entre os bancos centrais do Brasil e da Argentina e o da Grã-Bretanha, em virtude do qual nenhuma transação em dólares americanos poderá ser feita por um banco inglês com clientes brasileiros ou argentinos sem que seja obtida previamente do Controle de Câmbio respectivo uma licença de importação em moedas livres pelo importador interessado. Esses ajustes haviam sido feitos por ter sido verificado que em alguns casos, quando bancos ingleses haviam financiado transações em dólares entre o Brasil ou a Argentina e outros países, a Grã-Bretanha não recebera dólares, embora tivesse desembolsado essa moeda para o financiamento.

6. Em meados de abril, constou que o Ministério da Alimentação havia encomendado, na Jamaica e nas possessões britânicas vizinhas, cerca de 1.500 toneladas de polpa de laranja e de pomelo, a serem fornecidas durante o segundo ano da guerra. Os preços f. o. b., por tonelada, combinados foram: para a polpa de laranja – £20 – 0 – 0; para a polpa de pomelo – £8 – 0 – 0.

7. Em aditamento à “The Nuts (Maximum Prices) Order, 1941 (Statutory Rules and Orders, 1941, n. 120)”, foi expedida uma nova ordem (The Nut Kernels – Control and maximum Prices – Order), fixando preços máximos para nozes descascadas, nas vendas em varejo, a partir de 21 de abril.

8. A Diamond Trading Company, segundo notícias publicada pela imprensa, em 26 de abril, resolveu diminuir de 4s. para 2s. 6d., por quilate, o custo da redução de diamantes industriais a pó. Os preços de diamantes industriais de boa qualidade foram reduzidos de 20%, em relação às cotações de março.

9. O Ministério da Alimentação, segundo foi divulgado pela imprensa, adquiriu uma certa quantidade de açúcar da República Dominicana, por intermédio de Nova York, ao preço de U. S. c 0,75 por libra, f. o. b. São Domingos. Constatou também que o Ministério havia comprado uma pequena quantidade de açúcar cubano.

10. causou surpresa ao mercado de Mincing Lane a designação de *sir* Walrond Sinclair para controlador da Borracha. Nenhuma declaração oficial foi feita a respeito [*sic*], mas a imprensa disse ter boas razões para acreditar que o controle da borracha não afetaria os corretores e negociantes do produto, durante ainda algum tempo, suas atividades não sendo [*sic*] restringidas pelo esquema. A tarefa de *sir* Walrond seria sobretudo ocupar-se da distribuição da borracha. Era sabido que grandes estoques desse produto haviam sido acumulados no Reino Unido; tais estoques não podiam permanecer presos por longo período, mas deveriam ser utilizados. Outros fornecimentos das plantações se tornariam então indispensáveis e era com relação a esse ponto que o controle seria necessário, no sentido de manter um suprimento permanente e adequado para atender a futura procura.

11. A situação do comércio exterior neste país continua a agravar-se em consequência das elevadas perdas sofridas pela sua marinha mercante e a dos países aliados à Grã-Bretanha. Segundo os dados divulgados pelo Almirantado britânico, 293.089 toneladas de navios ingleses e 195.035 toneladas de navios aliados ou neutros foram afundadas durante o mês de abril. É preciso ter em mente que a essas cifras, representando uma perda total, deve ser ainda acrescida por um tempo uma tonelagem importante correspondendo a navios danificados. Tendo em vista os efetivos crescentes das forças militares que a Grã-Bretanha mantém no Próximo Oriente e em Singapura, é evidente a onerosa tarefa imposta aos meios de transporte marítimo deste país. Não há dúvida de que isso vai se refletindo e se refletirá ainda mais no volume do comércio exterior britânico. A exiguidade crescente da tonelagem de que dispõe a Inglaterra é possível que leve as autoridades a reorientar em parte seu comércio de importação, procurando abastecer-se em maior escala nos países do continente americano e deixando de fazê-lo em escala tão importante nos domínios situados nos Antípodas.

Abril de 1941.



**OFÍCIO • 05 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[*Índice:*] Comércio com o inimigo. Lista negra.

N. 363

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 5 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício n. 326, de 22 de abril último, tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que, no dia 25 de abril último, o Board of Trade expediu uma nova Ordem de Emergência (n. 532), reunindo numa só lista todas as firmas consideradas como inimigas da Grã-Bretanha.

2. A orem acima citada, não fazendo alteração alguma nas ordens anteriores, com relação ao Brasil, segue pelo correio comum.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**TELEGRAMA • 06 MAIO 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] Guerra europeia. Bombardeio de Liverpool. Destruição da chancelaria do consulado brasileiro.

Da Embaixada em Londres

203 – SEGUNDA-FEIRA<sup>3</sup> – 6 MAIO 1941 – 18h00 – Os últimos e sucessivos ataques a Liverpool foram de extraordinária violência. O escritório do nosso consulado foi incendiado, com a perda total dos bens da chancelaria, não se registrando, felizmente, qualquer acidente com relação ao pessoal do consulado. Há esperanças de salvar as estampilhas que acham no cofre soterrado nas ruínas. A renda acha-se depositada no banco. A chancelaria foi instalada na nova sede do consulado português, por amável insistência do seu titular. Conviria urgente autorização a Harrison & Sons para supri-la de material de expediente. O cônsul prepara o orçamento para a nova instalação provisória. Estão interrompidas as comunicações telefônicas e telegráficas. O vice-cônsul foi obrigado a vir a Londres afim de prestar-me informações. Quaisquer instruções deverão ser dirigidas a esta embaixada. Rogo tranquilizar as famílias dos funcionários daquele consulado. MONIZ DE ARAGÃO

\*

TELEGRAMA • 06 MAIO 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Açúcar brasileiro na Grã-Bretanha.

#### Da Embaixada em Londres

204 – TERÇA-FEIRA – 06 MAIO 1941 – 17h00 – O conselho internacional de açúcar solicitou ao nosso delegado pedir a atenção do governo brasileiro para o fato de ter o Brasil excedido de 153 toneladas a quota do segundo ano açucareiro e de 13.571 toneladas a quota do terceiro ano, isto é, 1939-1940. Acredita ser provável que, na próxima reunião, haja referência ao assunto, por parte de alguma delegação. Parece, assim necessário que a delegação brasileira receba com urgência elementos para defender e justificar a nossa posição. MONIZ DE ARAGÃO

❖

TELEGRAMA • 6 MAI 1941 • AHI 30/1/1

Índice: Guerra. Proteção de interesses italianos.

---

<sup>3</sup> Dia da semana diverge da data do documento.

URGENTE

N. NP/ II 105-31630

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À Embaixada em Londres

6 MAIO 1941 – Resposta aos seus telegramas 197 e 201. O governo italiano declara-se disposto a cumprir o acordo no seu mais amplo espírito de reciprocidade. Estão sendo tomadas providências para reunir numa estação de águas italiana o pessoal da legação britânica em Belgrado e os cônsules funcionários subalternos, jornalistas e súditos britânicos, num total de cerca de cem pessoas, evacuados da Suíça ou da França. O embaixador americano em Roma disse ao nosso encarregado de negócios que havia informado o governo britânico sobre essas providências, acrescentando ter recebido de Washington a comunicação de que o governo britânico, posto ao corrente do procedimento das autoridades italianas, havia dado instruções no sentido da partida do almirante Lais, logo que possível. EXTERIORES



**OFÍCIO • 06 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Política europeia.

RESERVADO

N. 365

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 6 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Há dias tive ensejo de conversar com uma alta personalidade política que é aqui considerada como uma de mais responsabilidade no momento atual.

2. No curso dessa conversação pude colher algumas informações de grande interesse e que passo a referir.
3. Assim aqui julgam que, apesar das contínuas notícias divulgadas pela imprensa sobre a presença de vinte e sete divisões alemãs entre Bordéus e Baiona que ali estariam aguardando ordem para invadir a Espanha, existem indícios para fazer crer que essas

forças servirão não para uma ação militar na península Ibérica, mas para operações na África, mais provavelmente em Marrocos.

4. A futura manobra hitleriana na África do Norte está sendo entrevista com uma precisão crescente.

5. A Espanha serviria unicamente de estrada livre para a penetração nazista na África e o objetivo do *führer* é utilizar bases no protetorado de Marrocos e colônias espanholas da costa ocidental da África para poder dispor livremente da via imperial do Reich da América pelo Atlântico Sul.

6. Nos últimos meses os alemães, aproveitando-se da benevolência do governo de Madri, foram colocando seus agentes e mesmo elementos militares em postos estratégicos no caminho costeiro que se estende do estreito de Gibraltar até o Saara.

7. Assim, Tanger, Ceuta, Larache, cabo Juby, Canárias, Rio do Ouro, Guiné Espanhola e Fernando Pó, cujas defesas têm sido reforçadas por técnicos alemães, constituem as principais etapas do caminho que estão percorrendo para alcançar Dakar que atualmente já está praticamente controlado pela aviação nazista que tem concentrado seus aparelhos em grandes massas em toda essa linha.

8. Tal como a Espanha poderá ser o único caminho para a África, esta servirá de rota do nazismo para alcançar as costas da América do Sul.

9. O objetivo principal da ação germânica é, sem dúvida, segundo aqui opinam, assegurar-se, por meio do domínio da costa ocidental africana, uma comunicação com o continente americano para burlar o bloqueio britânico.

10. O meu informante acrescentou que em Berlim já existe a certeza de que não poderá vencer a batalha do Atlântico e assim buscam abrir um caminho costeando a África para que possam estabelecer uma fácil ligação entre Dakar e Natal, por onde possam receber matérias-primas e produtos alimentícios da América do Sul.

11. Essa esperança de poder iludir o domínio do Atlântico, exercido pelas esquadras britânica e americana, constitui incentivo dos alemães para arrastar a Espanha nessa aventura, pretendendo convencer aos espanhóis que, graças a essa manobra, poderão dispensar os víveres que atualmente recebem dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.

12. Assim colocando o assunto, o governo de Berlim julga poder realizar os seus intuítos de intervir na política espanhola sem chocar com o sentimento de independência daquele país, e sem ter necessidade de ocupar militarmente a península para que esta se preste docilmente a servir de instrumento para o desenvolvimento do seu programa de ocupação da África com o fim acima citado.

13. Apesar de parecer a muitos iminente a realização desses acontecimentos[,] aqui acreditam que ainda será retardada até que fique completada nos seus mínimos detalhes.

14. Não existe a crença de que possa ser realizada antes de uma completa vitória nazi-italiana no Egito e sem que as tribos do Marrocos se disponham à revolta contra o regime atual do protetorado em que se encontram.

15. Para concluir a impressão que tive dessa conversa é que ainda mesmo no caso de não ser tentada imediatamente essa nova ação alemã é incontestável que neste momento as ambições do *führer* se estendem sem limites, abrangendo já a Espanha para dominar a costa da África e se aproximar da América do Sul.

16. Tratando-se de assunto de tamanha importância para os nossos interesses, julguei do meu dever leva-lo sem demora ao conhecimento de Vossa Excelência para os devidos fins.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 07 MAIO 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Carnes brasileiras na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

209 – QUARTA-FEIRA – 07 MAIO 1941 – 19h00 – Rogo transmitir urgentemente ao frigorífico nacional Sul Brasileiro em Porto Alegre o seguinte telegrama reservado: “Meu longo trabalho conjuntamente com o do senhor Anderson Coltman junto ao ministério da alimentação finalmente produziu resultados. É importante que responda urgentemente a telegrama da referida firma. É indispensável que seus produtos sejam integralmente satisfatórios. Considero a sugestão feita por Anderson razoável, em vista das circunstâncias. Não voltará a oportunidade presente de firmar sua reputação junto ao

ministério da alimentação. Lembro que em consequência da falta de navios o ministério considera essencial aproveitar integralmente a praça disponível e receber uma mercadoria perfeita de transporte e dá motivo à exploração dos frigoríficos concorrentes que dispõem de pouca influência em consignação como acho conveniente, fiscalizarei a mesma aqui para defender seus interesses. Saudação Alencar” MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 07 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Guerra econômica.

N. 369

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 7 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

O senhor Hore Belisha fez ontem, na Câmara dos Comuns, críticas ao governo, pelos acontecimentos que se estão dando no Iraque. A técnica alemã ali era igual à empregada na Romênia e a recompensa era a mesma – o óleo. Na Romênia, disse o senhor Belisha, segundo o *Financial News*, os campos de óleo não foram destruídos em tempo. O governo devia tomar cuidado para que a Grã-Bretanha não ficasse em situação desvantajosa no Iraque.

2. Falando sobre a produção de guerra, o senhor Hore Belisha disse que a Grã-Bretanha gastava entre 50% e 58% da renda nacional em armamentos, quando na Alemanha a proporção era de 63%. Do lado da Grã-Bretanha, a quantidade de aço disponível para a produção de guerra era de 27 ½ milhões de toneladas por ano, incluída a produção disponível dos Estados Unidos, ao passo que a Alemanha tinha à sua disposição 49 milhões de toneladas, tomando em conta a produção dos países sob o seu controle. Ele esperava que algum dia a Grã-Bretanha e os Estados Unidos chegassem a produzir 100 milhões de toneladas. Enquanto que a Alemanha tinha passado o último inverno trabalhando intensamente, o governo britânico havia tardado muito em adotar uma política de trabalho e a concentração das indústrias.

3. O senhor Shinwell, também, criticou a política econômica do governo, particularmente com relação ao transporte, afirmando que tinha havido uma série de

declarações inexatas e contraditórias sobre a tonelagem à disposição do país. O programa de substituição não era tão satisfatório como o governo dizia. O primeiro-ministro havia declarado que no próximo ano vários milhões de toneladas de navios americanos estariam disponíveis para a Grã-Bretanha; se isso significava três milhões, ele mantinha que o programa americano de construção de navios não permitia a possibilidade de assegurar qualquer coisa que se aproximasse desse volume de tonelagem.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 08 MAIO 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Carnes brasileiras na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

210 – QUINTA-FEIRA – 08 MAIO 1941 – 16h00 – Após longas negociações, o ministério da alimentação acaba de confirmar haver atribuído 7.500 toneladas de praça mensal para as carnes frigoríficas brasileiras, nos meses de junho, julho e agosto, respectivamente, completando, assim, a terceira compra global de carne refrigerada. A importância total da compra será, assim, de 44.000 toneladas, o que, nas circunstâncias atuais, pode ser considerado assaz satisfatório. Seguirá, pelo correio aéreo, relatório completo do delegado internacional da carne, sobre o assunto. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 08 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Lã. Exportação para o Brasil.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 8 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício n. 315, de 16 de abril último, sobre a exportação de lã da África do Sul para o Brasil, tenho a honra de confirmar o telegrama n. 204, de anteontem, pelo qual comuniquei a Vossa Excelência haverem as autoridades britânicas competentes autorizado o embarque do referido produto para as firmas F. Kowarick & Cia. (500 fardos), Beneficiamento de Fios São José (800 fardos) e Moinho Santista (250 fardos).

2. Essa autorização, como informei a Vossa Excelência, foi concedida na presunção de que os importadores brasileiros estarão em condições de arranjar meios para o transporte da mercadoria.

3. Junto, Vossa Excelência encontrará cópia da carta que recebemos do Comitê Britânico de Lã, relativamente ao assunto.

4. Desejo ainda dizer a Vossa Excelência, a título de informação, que o Comitê da Lã, numa das cartas que nos dirigiu sobre a matéria em apreço, disse que o pedido feito em favor das firmas acima citadas levantava questões de princípio sobre o suprimento de lã dos domínios ao Brasil, em relação à quota combinada com o Board of Trade. Escrevemos a este departamento, fazendo referência a esse ponto e pedindo que, se possível, nos desse informações sobre a extensão dessa quota. O Board of Trade respondeu que não havia quotas para as exportações de lã para o Brasil e que o comitê quis provavelmente referir-se ao sistema geral de licenças de exportações para o nosso país, o qual tem como objetivo subordinar as exportações à existência no Brasil de esterlinos disponíveis para seu pagamento.

5. Em anexo, remeto também a Vossa Excelência cópias de correspondência trocada sobre este assunto.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



**OFÍCIO • 08 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Os debates da Câmara dos Comuns.

N. 374

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 8 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

O grande debate sobre a situação política da Câmara dos Comuns terminou na quarta-feira com uma moção de confiança ao governo, aprovada por 447 votos favoráveis e três negativos, dos deputados dr. A. Salter, pacifista, Pritt e Gallacher, os únicos comunistas da Câmara.

2. Os membros da Casa dos Comuns aprovaram assim quase unanimemente a política do primeiro-ministro sobre o envio de tropas à Grécia e manifestaram sua inteira confiança no resultado das operações em curso no Oriente e em todos os outros teatros da guerra. Outrossim, declaram-se seguros de que o governo seguirá agindo com a máxima energia, utilizando todos os recursos econômicos, materiais e pessoais da nação para obter a vitória.

3. Os debates depois do discurso do ministro dos Negócios Estrangeiros prosseguiram animadamente, tendo sido principalmente notadas as intervenções dos senhores Lloyd George e Hore Belisha.

4. O senhor Lloyd George fez severas críticas à ação governamental mormente no que se refere à falta de informações sobre os acontecimentos em curso e em relação à política britânica nos Balcãs e Próximo Oriente.

5. Saudado por estrondosas aclamações, o senhor Churchill respondeu desde logo em poucas e enérgicas palavras às críticas do antigo primeiro-ministro e do senhor Hore Belisha, que ele qualificou de pouco construtivas e desapontadoras por terem sido feitas por tão eminentes políticos, sendo que o segundo era o ministro da Guerra no início das atuais hostilidades.

6. O senhor Churchill afirmou que o silêncio do governo em certos casos é necessário pela preocupação de não fornecer ao inimigo certas informações que lhe poderiam ser preciosas.

7. O tom extremamente crítico do senhor Lloyd George, assim como a resposta do senhor Churchill, parecem indicar que a entrada do *leader* liberal no gabinete de Guerra, que muitos julgam provável, estaria fora de questão.
8. O senhor Churchill terminou o seu discurso sob aclamações extremamente calorosas e prolongadas; uma das maiores manifestações que a Câmara dos Comuns jamais assistiu.
9. Nessa ocasião o primeiro-ministro, com uma energia extraordinária, não hesitou em prever a prolongação da guerra até o ano de 1945, observando, contudo, que se assim acontecer, esse ano de luta será menos duro do que os precedentes.
10. Relembrou suas palavras famosas depois da derrota francesa, quando dizia só poder oferecer lágrimas, sangue e muito sacrifício durante um longo tempo e agora acrescentou a parte justificável de erros cometidos com as suas conseqüentes decepções, e isso poderá continuar ainda por um certo período, mas asseverou acreditar firmemente na vitória completa e definitiva com a colaboração e o auxílio dos Estados Unidos.
11. Salientou que a Grã-Bretanha atualmente fabrica cada mês tantos tanques pesados quantos os existentes quando o senhor Hore Belisha deixou o Ministério da Guerra e antes do fim do corrente ano deverá estar sendo fabricado o dobro, independentemente da imensa produção americana.
12. Afirmou ainda que o general Wavell já dispõe de quase quinhentos mil homens e que o governo britânico tenciona defender Creta e Tobruk até a morte e sem ideia de retirada.
13. O número de membros do Gabinete de Guerra é um dos raros pontos em que a concepção do senhor Churchill difere da opinião de numerosos deputados e assim é provável que o assunto volte a ser agitado, não sendo excluída a possibilidade de serem incluídos no referido gabinete representantes dos domínios.
14. Em relação ao esforço de guerra, ficou verificada a necessidade de sua intensificação ao máximo e assim podemos considerar a importância de tal assunto pela declaração ministerial preferindo que essa matéria seja debatida secretamente.
15. Pode desde já ser considerado como certo que será iniciada uma larga troca de ideias de ordem prática, tendo como finalidade um estudo mais atento e cuidadoso da situação por parte de técnicos em uma atmosfera de discrição necessária para obter os meios de realizar a determinação do governo manifestada hoje pelas palavras do senhor Churchill, plenamente aprovada pelo Parlamento.

16. A imprensa unanimemente elogia a atitude do senhor Churchill e se congratula pelo brilhante voto de confiança que lhe foi dado.

17. Junto Vossa Excelência encontrará os textos dos discursos dos senhores Winston Churchill e Anthony Eden.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 09 MAIO 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Carnes brasileiras na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

211 – SEXTA-FEIRA – 09 MAIO 1941 – 16h00 – Referência à comunicação cuja transmissão solicitei em meu telegrama N° 209. As transações nele referidas, relativas a uma partida de carne de porco em conserva e outra de carne de vaca em conserva sobre as quais os frigoríficos nacionais poderão fornecer detalhes, só poderão ser concluídos na base de consignação, pois o ministério da alimentação, devido à má qualidade do produto anteriormente recebido dessa firma, não aceita outra base. Saliento que, só depois de persistentes esforços, conseguimos que o ministério concordasse em experimentar esses produtos dos frigoríficos nacionais. Muito agradeceria a Vossa Excelência a fineza de fazer sentir à referida companhia a conveniência de anuir à mencionadas condições que lhe foram sugeridas por seus agentes, insistindo na necessidade absoluta de só enviar mercadoria perfeita e devidamente acondicionada. Seria também aconselhável a intervenção dessa secretaria de estado junto ao Banco do Brasil, para que permita, excepcionalmente, a exportação da partida aludida em consignação, por tratar de assunto de interesse nacional, tendo por fim colocar os frigoríficos nacionais como fornecedores desses produtos do ministério da alimentação. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 09 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Declaração do presidente do Board of Trade. O plano econômico.

N. 381

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 9 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Uma declaração importante sobre a política do governo com relação aos problemas econômicos da guerra e de depois da guerra foi feita ontem pelo senhor Oliver Lyttelton, presidente do Board of Trade, na qual salientou o fato de ter o governo um plano econômico, coerente, compreensível e abrangendo todos os problemas.

2. O ministro declarou que os objetivos do governo nesse particular eram:

1) Mobilização de todo o aparelho industrial, das matérias-primas, da navegação etc., para a produção de guerra;

2) Racionamento da população civil, para excluir a produção de artigos não essenciais, auxiliando assim o aumento da fabricação de armamentos;

3) Mobilização da mão de obra;

4) Impedir a inflação;

5) Iniciar a elaboração de planos para depois da guerra.

3. No momento, disse o senhor Lyttelton, o governo era quase o único comprador das principais matérias-primas, como aço, toda classe de metais, madeiras, lã, papel, ácido sulfúrico, produtos químicos industriais, cimento. Outrossim, controlava todos os transportes terrestres e marítimos.

4. Ainda não tinha sido preciso, segundo afirmou o presidente do Board of Trade, fazer a mobilização em grande escala da mão de obra disponível; não obstante, paulatinamente essa mobilização se estava realizando de acordo com a necessidade das indústrias existentes. Ficaria completa dentro de alguns meses, quando as novas fábricas estivessem prontas. A concentração da indústria pelo Board of Trade, posta em execução há dois meses, contribuiu a aumentar o número de operários para as indústrias de guerra.

5. O senhor Lyttelton falou do perigo de inflação, dizendo ser imprescindível tomar medidas para evitá-la, pois a inflação minava a estrutura da civilização e arruinava quase

todas as classes da população. No momento havia no país maior quantidade de dinheiro – embora o aumento não fosse grava – e um volume reduzido de mercadorias. Para evitar a inflação era preciso que o dinheiro excedente fosse absorvido, e isso o governo em parte conseguiria pela taxa sobre vendas, em parte pelos impostos diretos que agora incidiam nos salários mais reduzidos, e em parte também pela economia da população. Acrescentou que estas medidas, embora severas, eram necessárias. Proporcionavam ao Tesouro a maior importância de dinheiro que era possível obter por esses meios e sustentavam o crédito do governo, facilitando a continuação da sua política de dinheiro barato.

6. Finalmente, o senhor Lyttelton referiu-se à elaboração de uma política econômica de depois da guerra e explicou que no Board of Trade fora criado, havia alguns meses, um departamento especial, chefiado por *sir* Charles Innes, para estudar os problemas dos primeiros dois ou três anos depois da guerra. Era preciso recordar que pela primeira vez na sua história a Grã-Bretanha seria – internacionalmente – um país devedor. Em consequência, talvez se tornasse necessário continuar, depois da guerra, uma política de seleção nas exportações e manter o controle das importações. O senhor Oliver Lyttelton opinou que terminado o conflito haveria uma procura mundial nunca antes vista para artigos de consumo e que conviria impedir um surto de prosperidade irregular. O controle das indústrias pelo governo não poderia assim ser retirado senão paulatinamente, à medida que as condições mundiais se tornassem normais, e deveria continuar por algum tempo depois da guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 12 MAIO 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Proteção interesses italianos.

## Da Embaixada em Londres

215 – SEGUNDA-FEIRA – 12 MAIO 1941 – 13h15 – Referência ao telegrama de Vossa Excelência Nº 109. Não podendo Vossa Excelência concordar com o assunto do meu telegrama nº 198A, peço vênua para sugerir, como possível alternativa, que o nosso cônsul em Calcutá seja incumbido da função especial de visitar os campos de internamento na Índia. Os assuntos relativos aos prisioneiros de guerra são os que mais interessam ao governo britânico centralizar numa só potência protetora, junto às autoridades militares. Assim, a defesa dos interesses italianos civis continuariam a cargo do cônsul espanhol em Bombaim, sua jurisdição. MONIZ DE ARAGÃO

\*

### **TELEGRAMA • 13 MAIO 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Chegada a Glasgow de Rudolph Hess.

## Da Embaixada em Londres

217 – TERÇA-FEIRA – 13 MAIO 1941 – 17h15 – A sensacional chegada aqui de Rudolph Hess está causando viva impressão, sendo o principal assunto na imprensa. Rudolph Hess desceu em paraquedas de avião alemão de caça desarmado, vindo da Baviera. Está, presentemente, num hospital em Glasgow, devido a ferimento no acidente de aterragem. Foi, oficialmente, identificado e a habilidade de seu vô noturno, desmente a alegação dos nazis de desequilíbrio mental. Estão sendo feitos diferentes comentários pelo motivo de sua vinda ao país inimigo, sendo mais aceito o propósito de desertar dos nazis, depois de uma profunda desinteligência pessoal com Adolf Hitler e outros membros do partido, pondo em perigo sua vida. Rudolph Hess era sinceramente contrário a qualquer política germano-russa, sendo inimigo mortal dos comunistas, o que parece indicar o propósito da Alemanha se aproximar, cada vez mais, de Moscou. MONIZ DE ARAGÃO

\*

### **OFÍCIO • 13 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Recomendações da Missão Willingdon. Exportação de produtos brasileiros com destino ulterior à Alemanha.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 13 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Segundo a imprensa de Londres, está em vias de terminar o relatório da Missão Willingdon, parecendo, contudo, que só depois de haverem os diversos departamentos governamentais interessados examinado o mesmo é que será resolvido se o relatório será publicado integralmente ou em parte.

2. Percebe-se a recomendação recebida pela imprensa de manifestar que as circunstâncias mudaram consideravelmente desde a época quando foi resolvida a ida de uma missão à América do Sul (setembro de 1940). É verdade, aliás, que a posição relativamente à praça disponível mudou muito. Os jornais dão assim a entender que os países sul-americanos não devem nutrir esperanças exageradas como resultado das recomendações que serão contidas no relatório da Missão Willingdon.

3. O *Financial Times* escreveu a esse propósito:

The feeling in London is that the nations of latin America realise only too well that their contribution to winning the war consists largely of making those economic sacrifices which the diversion of normal European trading with them must entail for the war's duration.

4. Por sua vez, o *Financial News* estampou em 12 do corrente um artigo do seu redator industrial intitulado "Can Britain deliver the goods", aludindo a um recente discurso de *lord* Willingdon, dizendo haver a Inglaterra dado pouca atenção a esses mercados. O *Financial News* salientou que desde a volta da missão pouco se havia falado na necessidade de aumentar o intercâmbio comercial entre a Grã-Bretanha e a América do Sul. Referindo-se em seguida à política da seleção das exportações, tanto no que diz respeito à sua natureza, quanto ao seu destino, o jornal reproduziu grande trecho do discurso feito na sessão geral anual da Câmara de Comércio Britânica de São Paulo pelo seu presidente, o senhor A. H. Norris.

5. O *Financial News* salientou de modo especial a parte do mencionado discurso que trata do desenvolvimento industrial do Brasil, mostrando que esse desenvolvimento importava necessariamente em uma reorientação das importações brasileiras, sendo do maior interesse para a Grã-Bretanha manter a sua posição em nosso mercado.

6. Finalmente o *Sunday Despatch*, de 11 do corrente, publicou um artigo com o cabeçalho “Japan buys war goods refused by us”, na sua coluna comercial. Abordando o assunto do comércio entre o Reino Unido e a América do Sul, ligado às atividades da Missão Willingdon, de um modo decidido e com maior liberdade de linguagem, o referido jornal declarou concisamente que muitos acreditam que o relatório da missão não será publicado pela razão de que “(...) while the report wants more trade with South America, the Government apparently does not”.

7. O senhor Bernard Harris, autor da coluna, afirma haver ouvido de negociantes que os controladores respectivos recusaram peremptoriamente ofertas de mercadorias sul-americanas, que faltavam aqui e não se podiam obter alhures. Comentando isto, declarou o senhor Harris que embora não houvesse necessidade dessas mercadorias, assim mesmo isto não era uma razão decisiva para não comprá-las. Devido ao fato de que a Inglaterra não queira comprar, os exportadores no Brasil e em outros países se viam forçados a vender ao Japão e à Rússia. Deste modo, importantes matérias-primas, como algodão, sementes oleaginosas, peles, fibras etc., eram exportados a estes países e seu destino ulterior era certamente a Alemanha. Menção especial foi feita, a esse propósito, ao óleo de rícino (mamona), afirmando o senhor Harris que o Japão estava agora comprando vinte vezes mais do que antes da guerra. Também haviam aumentado muito as exportações de manganês brasileiro para o Japão.

8. A Rússia teria vendido seu próprio algodão à Alemanha e o estaria substituindo por algodão brasileiro.

9. O artigo termina afirmando que possivelmente a falta de praça apresente algum empecilho a compras na América do Sul. Assim mesmo, muitos artigos agora adquiridos alhures poderiam ser importados do Brasil a um preço menor, em menos tempo e com economia de tonelagem marítima. A atenção dos departamentos governamentais havia sido chamada para esses aspectos da questão, a fim de que fosse dada uma nova orientação ao comércio exterior do país.

10. A esse propósito, desejaria acrescentar que desde o começo da guerra os serviços comerciais desta embaixada têm insistido na conveniência para a Inglaterra, no interesse mútuo das relações comerciais entre os dois países, de voltar-se para o Brasil como fornecedor de uma série de produtos e artigos, adquiridos desde o começo da guerra em outras fontes, muitas vezes a preços mais elevados e importando em transporte mais demorado. A perda de tantos mercados para os nossos produtos e os prejuízos sofridos pelos produtores criavam – mostramos discretamente – um terreno favorável para a



propaganda dos inimigos da Inglaterra. Várias razões militavam, assim, a favor de compras pela Inglaterra de produtos brasileiros, mesmo na eventualidade de não haver possibilidade imediata de transportá-los a este país.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 13 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] A política russa.

N. 385

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 13 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

O decreto de 1º de maio do presidente da União Soviética designando Stalin como presidente do Conselho dos Comissários do Povo foi aqui considerado como um importante acontecimento tanto do ponto de vista russo, quanto internacional.

2. Com uma cândida ingenuidade o rádio alemão quis fazer crer que essa mudança era de pura forma, tratando-se de assunto essencialmente de política interna e que a Alemanha “por princípio jamais intervém nos assuntos de outras nações”.

3. É incompreensível que Stalin, exercendo de fato o poder, sendo realmente o ditador da Rússia, tenha agora julgado dever tomar encargos que o tornam ostensivamente o chefe de direito. Devem, pois, existir graves motivos para que ele resolva sair da sombra onde há vinte anos se escondia para assumir todas as responsabilidades, tomando a direção dos negócios do Estado.

4. Stalin acumula de ora avante as funções e os poderes de chefe do Partido e de chefe do Governo, isto é, passa a estar investido da mesma autoridade que possuía Lenin ao assinar o Tratado de Brest-Litovsk.
5. A presente situação parece, pois, exigir uma autoridade idêntica e assim foi necessário que Stalin assumisse o comando do governo soviético.
6. Stalin concentra nas suas mãos toda a engrenagem administrativa, o exército, indústria, abastecimento, transporte, propaganda, polícia interna e externa, tal como se o momento exigisse a intervenção do chefe do Kremlin com toda sua autoridade pessoal sem igual em todo o país.
7. Depois da assinatura, em agosto de 1939, do tratado germano-russo, Berlim e Moscou seguiram caminhos paralelos até o momento em que a avançada alemã fez reaparecer suspeitas e ameaçou interesses russos.
8. Logo depois do colapso francês, Stalin se apressou em tomar medidas de segurança, ocupando a Bessarábia e anexando a Bucovina. Não parou aí, pois, incorporou os Estados Bálticos à União Soviética e iniciou uma larga penetração na Europa Oriental e Central.
9. Desde outubro de 1940, Hitler anulou parcialmente o valor dessas posições estratégicas com a ocupação da Romênia e com a descida em direção às bocas do Danúbio e às margens do mar Negro. No mês de março último, apesar dos esforços de Moscou, tornou-se dono da Bulgária, aproximando-se, pois, dos Dardanelos. Três semanas mais tarde fazia cair o último bastião eslavo dos Balcãs, obrigando a Iugoslávia a aderir à Tríplice. A sublevação que expulsou o príncipe Paulo apenas atrasou a decisão e depois da recente campanha balcânica das forças militares, navais e aéreas do Reich formam um meio círculo em torno das terras e das águas russo-turcas.
10. A conclusão desse conjunto de fatos parece ser que os tratados de 23 de agosto e de 28 de setembro de 1939, entre a Alemanha e a Rússia, foram ultrapassados nos seus efeitos pelos acontecimentos.
11. A fronteira dos “interesses recíprocos”, que as duas partes se comprometeram respeitar foi atingida e foi mesmo atravessada pela Alemanha nos Balcãs e nos Dardanelos.
12. Parece difícil que o *führer* possa continuar a auferir dos referidos acordos um benefício substancial.
13. Existem sinais evidentes que Berlim já percebeu estar avançando muito rapidamente, o que já estaria despertando temores no Kremlin.

14. Nessas condições teriam sido dadas ordens para calmar Moscou com lisonjas e certas aproximações que chegariam a um convite para que os soviéticos se juntem à Alemanha para a divisão do mundo, segundo as teorias da nova ordem hitleriana.

15. Berlim já estaria excitando a ambição russa com a promessa de lhe facilitar novas compensações territoriais a este da atual fronteira germano-russa que deve ser mantida.

16. A atual situação é favorável para uma tal aproximação, considerando as dificuldades existentes entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos com o governo soviético e um sintoma evidente é a expulsão dos representantes iugoslavo, belga e norueguês de Moscou.

17. Esse ato foi sem dúvida inspirado pelo governo alemão e isso parece indicar que a Rússia entra assim a colaborar mais estreitamente com o Reich.

18. Não resta dúvida que, por outro lado assim agindo, se expõe às pressões do chanceler Hitler com os seus métodos conhecidos de guerra de nervos, provocações e outras manobras de intimidação.

19. O fim de Hitler neste caso, como em outras ocasiões, é obter a submissão do adversário ou a guerra e, nessas condições, Stalin, que bem conhece a situação, resolveu tomar a direção direta da política soviética.

20. Existe naturalmente uma certa preocupação no seio do governo britânico em face desses acontecimentos, mas sem que por ora sejam considerados como extremamente graves, pois, justificadamente ou não, continua a inspirar confiança e lealdade da Turquia no cumprimento dos seus compromissos decorrentes da aliança anglo-turca.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 14 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] A política russa.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 14 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao meu ofício n. 385, de 13 do corrente, devo informar que, depois da modificação governamental russa, foi notada a ação diplomática do governo soviético, decidindo retirar os privilégios diplomáticos aos representantes belga, norueguês e iugoslavo acreditados em Moscou e de estabelecer relações diplomáticas com o Iraque.

2. A primeira decisão é difícil de explicar e a segunda é atribuída ao desejo manifestado desde o ano passado pelo governo de Bagdá, isto é, antes do golpe de Estado de Rashid-Ali em 3 de abril último.

3. As duas decisões têm visivelmente uma intenção pouco amistosa para com a Grã-Bretanha, pois a Iugoslávia, a Bélgica e a Noruega são aliados do Reino Unido. O Iraque, pelo menos o seu atual governo, desde o princípio deste mês está hostilizando as tropas britânicas.

4. Moscou poderá alegar que sua atitude corresponde às decisões do governo britânico que se obstina em não reconhecer juridicamente a incorporação dos Estados Bálticos à União Soviética.

5. O gesto de Stalin pode ser considerado como uma concessão à Hitler como prenúncio de uma maior aproximação germano-russa.

6. Parece desde logo certo que o Kremlin quis impedir que Hitler tenha qualquer motivo de censura sobre a atitude russa, devendo ser notada a satisfação causada em Berlim pela manifestação russa em relação ao Iraque no momento atual.

7. De qualquer forma, embora o modo de agir da Rússia seja considerado nos meios autorizados britânicos como deveras enigmático e incerto para poder ser facilmente interpretado ou explicado, não deixa, contudo, de despertar nos círculos diplomáticos uma viva inquietação.

8. Certas informações colhidas em fontes insuspeitas indicam realmente, conforme informei anteriormente, que o Reich, verificando os temores que estavam causando em Moscou os preparativos alemães nas fronteiras da Finlândia, Polônia e Romênia, julgou oportuno, para modificar essa situação, submeter ao Kremlin certos planos de cooperação, comportando, além de uma garantia total, possibilidades para a Rússia de novas

anexações territoriais e aumento de sua zona de influência nas regiões especificamente russas.

9. Os territórios que seriam assim apropriados pela Rússia estariam nas regiões asiáticas, principalmente no perímetro petrolífero do Irã.

10. As tendências russas de imperialismo asiático facilitariam sem dúvida essas combinações e permitiriam Stalin conceder a Hitler um predomínio absoluto no continente europeu a oeste do Vistula.

11. De acordo também com as informações a que aludi antes, a Rússia consideraria atualmente que o seu inimigo número um é a América do Norte.

12. A União Soviética julga que é devido à influência americana que a Grã-Bretanha não fez até agora as concessões que o amor-próprio do governo de Moscou desejaria obter do senhor Churchill.

13. Nessas condições, uma aproximação com o Reich se produziria como consequência de uma cooperação mais íntima entre Londres e Washington.

14. Ninguém aqui pode dizer qual o fundamento de uma notícia divulgada por um jornal de Nova York sobre uma próxima proposta americana de união entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha sob os moldes do que foi oferecido pelo senhor Churchill à França em junho do ano passado.

15. Essa sugestão, pelo que pude apurar nos meios bem informados, é ainda prematura, mas não resta dúvida que a colaboração entre Washington e Londres continuará a ser cada vez mais íntima e essa política não sofrerá nenhuma modificação, devido a qualquer ação de Berlim ou de Moscou.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 14 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Produção de aço. Reino Unido-Estados Unidos.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 14 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Em importante artigo, publicado hoje, o *Financial Times* examinou a produção de aço dos Estados Unidos e do Reino Unido em comparação com a dos países do “Eixo”. A produção de aço dos Estados Unidos (único grande produtor que ainda publica estatísticas), no corrente ano, chegará, conforme as últimas estimativas, a cerca de 87.000.000 de toneladas de barras. No fim de 1940, a capacidade teórica da indústria americana de aço passou a ser de 84.148.000 de toneladas. Nesta semana, de acordo com as cifras do American Iron and Steel Institute, a produção atingirá 99,2% desse máximo teórico.

2. Em 1937, ano em que a indústria em geral se manteve num nível elevado, a Grã-Bretanha produziu aproximadamente 13.000.000 de toneladas e a Alemanha 19.500.000.

3. Os acontecimentos de junho do ano passado colocaram sob o controle da Alemanha toda a produção de aço e ferro do continente europeu, exceto a da Rússia. Antes da guerra a França, o Luxemburgo, a Bélgica e a Itália produziam aproximadamente 16.000.000 de toneladas por ano, não sendo provável, contudo, que a Alemanha esteja obtendo a produção máxima das indústrias desses territórios. Certamente o Reich estará fazendo todos os esforços para aumentar a sua própria produção. De qualquer modo, porém, a capacidade total da produção ao seu dispor não poderá exceder 45.000.000 de toneladas, sendo de ver que nesse cálculo não foram levados em conta os prejuízos causados continuamente pelos bombardeios aéreos dos seus centros industriais.

4. O Japão, em 1937, produziu cerca de 6.000.000 de toneladas de aço, o que significaria que, sem a importação regular de consideráveis quantidades, não está em posição de fazer guerra na mesma escala que uma potência de primeira ordem.

5. A Grã-Bretanha e a América, continua o *Financial Times*, com uma produção conjunta de 100.000.000 de toneladas de aço por ano, aproximadamente, não podem temer uma competição com os países do Eixo. No momento, acredita-se que a capacidade de aço da Grã-Bretanha seja de mai ou menos 14,7 milhões de toneladas anuais. Isso não é suficiente para atender a todas as necessidades dos serviços de guerra e das indústrias essenciais, e o controle do aço e do ferro tem importado aço em quantidades consideráveis

da América. O aço importado está sendo em grande parte guardado como reserva para as emergências e, nesse particular, a posição é extremamente satisfatória.

6. As estatísticas do comércio exterior em 1940 mostram que as importações britânicas de manufaturas de aço e ferro, nesse ano, se elevaram de £9.699.807 para £16.555.718.

7. A matéria em questão, diz ainda o *Financial Times*, poder ser examinada sob os seguintes aspectos: 1) interrupção da produção em consequência da atividade aérea inimiga; 2) efeito, sobre os operários, do trabalho de 21 turmas por semana, em vez de 18, como antes da guerra; 3) repartição econômica e eficiente do aço. No que se refere ao primeiro ponto, a indústria britânica de aço tem perdido o menos possível de horas de trabalho, graças à vigorização dada à mesma e à resoluta atitude dos operários. Relativamente ao segundo ponto, as horas adicionais de trabalho não afetaram a saúde dos operários. Quanto ao terceiro ponto, é preciso lembrar que, já antes da guerra, a indústria do aço e do ferro era uma das mais bem assentadas e controladas organizações do país. Ao começar o conflito, foi posta à disposição do Controle do Aço e do Ferro, pela British Iron and Steel Federation, uma lista completa da distribuição, capacidade e produção corrente de todos os altos fornos e máquinas de laminação. Isso habilitou as autoridades a, sem demora, reorientar a indústria de acordo com a nova situação. A distribuição, prossegue o jornal, é efetuada segundo o “Distribution of Steel Supplies Scheme”, que impõe o emprego de um formidável sistema de formalidades e licenças, mas permite às autoridades controlar constantemente a indústria. Esse esquema, seis meses depois de posto em prática, foi modificado e simplificado, e todo o aço agora é praticamente utilizado para fins absolutamente essenciais. A construção de edifícios para cinemas e de outros desnecessários, no momento, cessou inteiramente; o consumo civil foi reduzido ao estritamente indispensável. O terceiro item tem sido assim observado de maneira inteiramente satisfatória.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 14 MAIO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] Guerra econômica. O petróleo da Romênia.

N. 390

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 14 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

O *Financial News* de hoje publicou um artigo do seu correspondente político sobre o petróleo da Romênia. Os círculos políticos criticam severamente a omissão do governo em tomar medidas para a destruição dos poços de petróleo rumaicos. Consideram que a atitude do Ministério da Economia Beligerante foi demasiado otimista. Parece que este acreditou que os alemães não teriam a possibilidade de aumentar o volume de petróleo rumaiico transportado ao Reich. Mesmo na eventualidade de ser possível aos alemães aumentar a produção dos poços de petróleo da Romênia, era tido como certo que a quantidade disponível para a Alemanha, devido à dificuldade de transporte, não passaria de 2.000.000 toneladas por ano.

2. Houve assim grande espanto aqui quando se soube que a Alemanha e a Itália estavam agora em condições de transportar o petróleo pela via marítima, atravessando os estreitos dos Dardanelos e navegando na proximidade da costa grega. Consta que estes países dispõem de cerca de 480.000 toneladas de navios-tanques para o transporte de petróleo de Constanza, no mar Negro, a Trieste. Dessa tonelagem parece que 180.000 toneladas são de navios de propriedade britânica ou fretados pelo governo britânico, e que não foi possível inutilizar a tempo para impedir que os alemães deles se apoderassem.

3. Calcula-se que a viagem de um navio-tanque, da Romênia à Itália e de volta à Romênia, inclusive o tempo necessário para o carregamento e descarregamento, concertos etc., toma pouco mais de um mês, de modo que, com a tonelagem agora disponível, seria possível assegurar o transporte anual de não menos de 5.000.000 toneladas de petróleo.

4. Presentemente a produção anual dos campos petrolíferos da Romênia é de 6.000.000 toneladas, mas esta cifra é suscetível de um aumento considerável, uma vez que a Alemanha os explorará intensivamente e não atenderá a considerações comerciais.



5. Ficam assim justificados os que, desde a ocupação alemã da Romênia, insistiram em que fossem bombardeados os poços petrolíferos. Mesmo antes da conquista alemã da Grécia, os argumentos do Ministério da Economia Beligerante, diz o correspondente político, não eram sustentáveis. O mencionado ministério alegara ser difícil bombardear os campos petrolíferos por serem os objetos vulneráveis muito espalhados e afirmara ser mais proveitoso destruir o petróleo rumáico depois de chegado nas refinarias alemãs.

6. O Ministério da Economia Beligerante parece ter esquecido que a Romênia possuía instalações consideráveis de refinação. Muitas das mesmas se acham cerca de Ploesti e constituem um alvo fácil. Acresce que a Alemanha não esperou que o petróleo chegasse em seu território, mas mandou um exército alemão aos campos de petróleo. Afirma-se em alguns círculos que a situação militar e diplomática do sudeste da Europa foi bastante influenciada pela omissão da Grã-Bretanha de destruir os poços e refinarias rumáicos antes da campanha alemã na Iugoslávia e na Grécia. Acredita-se que esta campanha teria sido muito mais difícil se os alemães se tivessem encontrado na necessidade de transportar o petróleo da Alemanha para o terreno das operações militares e que a destruição do petróleo rumáico teria inclinado a favor da Grã-Bretanha a atitude da Turquia e da Rússia.

7. Conforme já escrevi anteriormente (ofício n. 359, de 2 do corrente), acredita-se que o próximo debate dos Comuns sobre a guerra econômica, o Ministério da Economia beligerante será criticado por não haver feito pressão sobre o governo a fim de que fosse vencida qualquer relutância por parte de outros ministérios, como o do Ar e o Foreign Office.

8. É possível que se solicite ao governo modificar sua atitude, na presunção de que, mesmo nesta hora tardia, uma ação séria contra as refinarias e tanques em Ploesti e outros lugares na Romênia teria repercussões diplomáticas e militares favoráveis para a Inglaterra.

9. Finalmente devo dizer que, na *City*, há quem afirme que a atitude do governo britânico foi em parte devida à pressão dos “vested interests”, isto é, dos capitais britânicos investidos na indústria rumáica de petróleo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 14 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] A fuga de Rudolph Hess para a Grã-Bretanha.

N. 391

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 14 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Conforme antecipei pelo telégrafo, Rudolph Hess, o segundo sucessor de Hitler, o seu braço direito no Partido e o seu amigo mais fiel, acaba de se constituir prisioneiro dos ingleses.

2. Essa é sem dúvida a notícia mais extraordinária e sensacional que foi divulgada desde o início da guerra.
3. A surpresa causada pela chegada de Rudolph Hess na Escócia foi de tamanha magnitude que muitos chegaram a duvidar da veracidade de tal informação.
4. Esse acontecimento sem precedentes na história foi objeto de extensos comentários em todos os círculos políticos e por parte da imprensa.
5. Todos os que conheceram Hess e puderam julgá-lo, não hesitam em asseverar que ele era o único homem entre os colaborado[re]s mais imediatos de Hitler que demonstrava mais equilíbrio, ponderação e sinceridade em suas convicções políticas.
6. Nessas condições, a sua fuga da Alemanha deve ter obedecido a motivos extremamente imperiosos. A verdadeira razão não é conhecida e o governo britânico declarou que não fornecerá nenhuma indicação, mas desde logo asseverou estar Hess perfeitamente bem e, conforme o laudo dos médicos que o examinaram, não sofre de qualquer perturbação mental.
7. Foi identificado pelo conselheiro de embaixada Ivone A. Kirkpatrick, que serviu longos anos na embaixada britânica em Berlim, estando, pois, em condições de poder facilmente reconhecê-lo.

8. O ministro das Informações insinuou a hipótese que Rudolph Hess resolveu deixar sua pátria infeliz para viver, embora prisioneiro, em país livre.
9. Essa apreciação não deixará de aumentar o ponto de vista exageradamente otimista que alguns emitem de que os ratos deixam o navio quando este começa a naufragar.
10. Creio que convém julgar essa opinião como sujeita a muitas reservas.
11. Não resta dúvida que é natural a satisfação do ministro Duff Cooper, pois o assunto representa um acontecimento sensacional para a propaganda britânica, mas é duvidoso que Hess tenha subitamente renunciado a toda a sua obra, em que tanto trabalhou, para a formação do nacional-socialismo na Alemanha.
12. O governo britânico já afirmou que Rudolph Hess não trouxe nenhuma incumbência de fazer qualquer proposta de paz nem veio investido de qualquer mandato.
13. Não resta dúvida que Hess saiu da Alemanha espontaneamente depois de ter minuciosamente preparado a sua fuga e ter calculado todos os perigos, pois sua cabeça será agora posta a prêmio no Reich.
14. O seu exílio para a Grã-Bretanha deve ser prova de que razões de força extremamente maior o impeliram a tal ato, considerando o que isso representa, pois se trata de uma personalidade de imediata confiança do *führer* e para a qual não havia segredos na Alemanha.
15. Esses fatos tão evidentes incitam os meios diplomáticos britânicos a pensar que Rudolph Hess abandonou sua pátria, ali deixando sua mulher e seu filho expostos aos mais graves perigos, porque sua situação pessoal ficou insustentável, com risco de sua própria vida.
16. A forma pela qual o rádio alemão apresentou o assunto demonstra certamente que Hitler temia de tal forma a evasão de Hess que não hesitou em lhe proibir o uso de aviões, sendo ele, como acaba de provar, um dos seus mais hábeis pilotos.
17. Nos meios autorizados de Londres, todos acreditam que graves divergências irromperam entre ele, o *führer* e certos membros dirigentes do Reich, em consequência da orientação política que a Alemanha está tendo presentemente.
18. Os que privaram com Hess e que o conhecem bem, como eu, não duvidam em afirmar que ele era um dos únicos chefes nazistas verdadeiramente sincero em seus sentimentos e convicções contrárias ao comunismo e, principalmente, contra Stalin.

19. A brusca mudança da atitude do Reich, em relação à Rússia, deve ter sido uma das causas primordiais dessas profundas divergências políticas que devem ter assumido uma importância capital.
20. Pode ser objetado que tudo leva a supor que Hess teria aceito e concordado com o tratado concluído pelo ministro Ribbentrop, em 1939. Essa objeção pode, entretanto, ser refutada pelo fato de que Hess sabia que a União Soviética, naquela ocasião era extremamente vulnerável e que seria possível ao Reich submetê-la facilmente pela força depois da vitória na frente oeste, poucos meses depois, quando esperavam que a Alemanha poderia impor a paz.
21. O prosseguimento indefinido da luta contra a Grã-Bretanha, permitindo à Rússia de se fortalecer, teria induzido a Hess a necessidade de ser iniciada, sem demora, a guerra contra os soviéticos, sem esperar a vitória do Ocidente, para ainda poder a Alemanha lutar contra um inimigo mais ou menos desarmado.
22. É sabido que O Estado-Maior alemão julga que ainda presentemente o momento é favorável para uma tal ação, mas será muito tarde dentro de seis meses.
23. Considerando as sinceras convicções de Hess, certamente não deixou de combater com todas suas forças para impedir que fosse desprezada a política antirrusa, embora justificada por muitos elementos nazistas que julgavam ser de primeira necessidade derrotar antes de tudo a Grã-Bretanha.
24. Essa atitude facilmente criou sérias dificuldades, envenenou as relações entre Hess e seus companheiros amigos de Ribbentrop e, talvez mesmo, com o próprio *führer* a tal ponto que chegou a por em perigo a sua vida.
25. Hess conhece bem os processos nazistas de eliminação dos elementos que não se submetem incondicionalmente e naturalmente, recordando o que foi feito a Roehm e Strasser e, segundo muitos, a Balbo; não hesitou em fugir a tempo de evitar o seu “suicídio”.
26. Incontestavelmente, o ato de Rudolph Hess terá na Alemanha, como em todo o mundo, uma formidável repercussão.
27. Suas consequências serão, principalmente na Alemanha, incalculáveis e imprevisíveis. Desde logo, pelo efeito produzido, a fuga de Hess custa mais caro a Hitler de que a perda de uma batalha e compromete o efeito de seus recentes êxitos, pois é a prova precisa de que presentemente está ocorrendo no interior da Alemanha, podendo ser interpretada como o indício do grave perigo que ameaça o nazismo e seu próprio chefe.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 14 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Comércio com o inimigo. Lista negra.

N. 392

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 14 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício n. 363, de 5 do corrente, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, exemplares da Ordem de Emergência n. 622, de 8 deste mês, contendo a seguinte lista de firmas estabelecidas no Brasil e consideradas como inimigas da Grã-Bretanha:

- Cappuccii & Cia..  
Rua da Alfândega, 172, Rio de Janeiro;
- Cekace Pharmaceutica Ltda.  
Rua da Alfândega, 144, Caixa Postal 1912, Rio de Janeiro;
- Fiação e Tecidos Guaratinguetá S. A., Cia..  
Rua Benjamin Constant, 143, São Paulo e a Guaratinguetá;
- Frazão, Carlos.  
Bvd. Da República, 49-51, Pará;
- Informadora Rápida Ltda..  
Praça Mauá, 7, Rio de Janeiro;
- Laboratório Esculapio Ltda..  
Rua da Alfândega, 144, caixa Posta 1912, Rio de Janeiro;

– Sá, Elysio.

Rua Visconde de Cabo Frio, 44, e Rua Valparaíso, 64, Rio de Janeiro.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**TELEGRAMA • 13 MAIO 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Fuga Rudolph Hess.

Da Embaixada em Londres

218 – QUINTA-FEIRA – 15 MAIO 1941 – 17h00 – Continua sendo vivamente comentada a fuga do senhor Hess que se acha recolhido a um hospital militar, sendo considerado prisioneiro de guerra. O senhor Hess, desde sua chegada, está conversando livremente com um representante das autoridades britânicas, sendo esperadas, proximamente, declarações do primeiro ministro sobre o assunto. Os círculos bem informados asseguram ter ele declarado que o povo alemão está sofrendo devido aos ataques aéreos, tendo acrescentado que estaria disposto a prestar informações ao governo britânico, que seriam de grande utilidade para livrar a Alemanha da atual tirania. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 15 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Mês militar n. 1.

N. 394

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 15 de maio de 1941.

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta os seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório militar n. 1<sup>[E15]</sup>, da embaixada.

[Anexo]

Home Guard (Guarda Nacional) – A Home Guard é uma organização de caráter militar, criada depois da invasão dos Países-Baixos e da Bélgica com o fim de auxiliar a defesa da Grã-Bretanha contra um eventual ataque alemão.

Os seus membros são cidadãos não pagos que, continuando [a] exercer ocupações civis, se engajam voluntariamente e, de acordo com os termos do alistamento, não são obrigados a nenhum tempo determinado de serviço. Ela não possui artilharia, mas os seus componentes são armados com fuzis e metralhadoras.

O objetivo principal dessa força é aumentar as defesas locais da Grã-Bretanha; é-lhe confiada a proteção de localidades e pontos-chave vulneráveis, estações de caminho de ferro, fábricas etc.. Tem também a incumbência de vigiar para, no caso de um movimento inimigo, avisar forças militares superiores. À Home Guard foi atribuída uma parte definida nos planos de defesa deste país, e a sua importância não repousa na ação individual dos seus membros, mas numa devida coordenação com outros elementos de organização militar, sob o comando de autoridades militares competentes.

A Home Guard está sob a organização e administração do Ministério da Guerra, sob a direção do G. H. Q. (Quartel-General em Chefe) das Forças Metropolitanas, que lhe controla as unidades por meio de comandantes e comandantes de áreas. Esses comandantes de áreas são oficiais de Exército com os postos de major-general e brigadeiro. O comandante em chefe das Forças Metropolitanas é responsável pelo “treinamento” da Home Guard, de acordo com as suas funções, sob a direção-geral do Conselho do Exército.

Em cada área a Home Guard está organizada e chefiada por comandantes militares de zonas por intermédio de comandantes de zonas de Home Guard, sob a direção de G. O. S. C. in C. (*General Officers Commanders in Chief*) comandantes do Exército.

O comandante militar de zona é responsável pela organização de cada zona, cada zona subdividindo-se em grupos e cada grupo em batalhões. Os batalhões em cada zona compõem-se de companhias, que consistem de pelotões e seções, conforme as necessidades da defesa local.

A autoridade que forma uma unidade ou subunidade da Home Guard será sujeita à decisão do comandante militar da zona local.

Existe um organizador honorário da Home Guard para cada zona que auxilia o comandante militar da mesma em matérias relacionadas com o recrutamento, organização e equipamento das unidades dentro da referida área. Esses organizadores não têm posto da Home Guard.

A administração da força terá um caráter local e é feito por meio de associações do Exército Territorial (espécie de Guarda nacional que existia antes da guerra) e da Aviação Militar, cada associação tendo obrigações administrativas para com as unidades organizadas na sua zona.

Algumas empresas governamentais, estradas de ferro e fábricas de apreciável importância, têm a faculdade de formar destacamentos de Home Guard para a proteção dos respectivos estabelecimentos nos quais os seus empregados ou funcionários se podem alistar. Esses destacamentos, porém, formarão uma unidade ou subunidade da organização da Home Guard local, e a suas atuações na defesa dos ditos estabelecimentos será determinada num plano submetido à direção das autoridades militares.

O diretor-geral da Home Guard é responsável perante o C. I. G. S. (*Chief of Imperial General Staff*) podendo dirigir-se diretamente aos outros membros civis e militares do Conselho do Exército. No Ministério da Guerra ele coordenará a organização e administração da Home Guard, aconselhando os membros do Conselho do Exército responsáveis nos assuntos que dizem respeito à Home Guard considerada como uma parte do Exército.

Oficiais do Exército instruem as diversas escolas de preparação de oficiais da Home Guard. Não há organizações femininas na estrutura da Home Guard.

Recrutamento de oficiais para o Exército inglês – A maneira de formar oficiais no Exército inglês foi completamente modificada desde o começo da presente guerra. Foi abolida o antigo sistema pelo qual aqueles que aspiravam ao oficialato tinham que, mediante certas condições, cursar uma das escolas militares de Sandhurst e Woolwich, de acordo com a arma a que se destinavam. O novo processo procura não somente



satisfazer as necessidades técnicas de guerra, que exigem a formação rápida de um grande número de oficiais, mas também adaptar-se ao movimento comumente designado por: democratização do Exército.

A base deste sistema é que ninguém pode chegar ao oficialato sem antes servir na tropa.

Normalmente o cidadão ingressa no Exército sem comissão e depois de um certo tempo de serviço pede para ser designado para o *Senior Training Corps* (organização que prepara os homens às escolas de formação de oficiais) onde serve, como praça de pré de quatro meses a um ano, de acordo com o preparo técnico que necessita como soldado. Depois de um exame bastante rigoroso no qual são levadas em conta também a inteligência, a capacidade de comando e as qualidades morais do candidato, é ele mandado para uma Escola de Preparação de Oficiais (Officers Cadet Training Unit). Aí ele serve um período de tempo similar e é submetido a um treinamento muito rigoroso. Há um sistema de observação, exercido pelos seus superiores, que tem por fim verificar se possui qualidades para ser oficial. No fim do curso passa [por] um exame e se o candidato for aprovado será comissionado em 2º tenente em um dos três regimentos dos que lhe é dada a escolha. Todas as comissões são temporárias pelo período de guerra.

Há certas exceções a esse sistema. Uma delas é a do *Junior Training Corps*. Sendo 20 anos a idade legal para o serviço militar, os rapazes aos 18 anos podem voluntariamente ingressar no *Junior Training Corps*, que é uma tropa especial para aqueles que não chegaram à idade militar e que desejam obter eventualmente uma comissão. Nessa tropa o candidato faz a aprendizagem do manejo das armas como soldado. Isto faculta-lhe a vantagem de não ser obrigado a servir como soldado quando chega a idade de conscrição. Do *Junior Training Corps* poderá ele ir diretamente para o *Senior Training Corps* sem passar pela tropa.

Outra exceção ao processo básico é verificada pelas exigências científicas de certas armas como artilharia e engenharia. Os estudantes de algumas escolas, geralmente os que se dedicam ao estudo das ciências exatas, têm conhecimentos científicos que os habilitam mais facilmente que outros a servir nas armas de artilharia e engenharia. Nessas condições, eles não passam pelas escolas comuns de preparação de oficiais, mas seguem o curso civil da universidade a que pertencem, com, ao mesmo tempo, um curso especializado de matérias militares.

Londres, 15 de maio de 1941.

## Moniz de Aragão

\*

**TELEGRAMA • 16 MAIO 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Repercussão na Inglaterra do acordo franco-germânico. Caso Hess.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

219 – SEXTA-FEIRA – 16 MAIO 1941 – 16h30 – O ministro dos negócios estrangeiros informou à Câmara dos Comuns que a atitude do governo francês, quanto à Síria, determina, praticamente, a transferência à Alemanha do direito de mandato francês naquele território, onde já estão chegando oficiais e aeroplanos alemães. O governo britânico já tomou providências para uma ação imediata, no que está sendo apoiado pelo governo americano, que também agirá com toda a energia. A nova situação criou uma crise grave nas relações entre Vichy e Londres. O discurso do marechal Pétain foi interpretado aqui como indicativo de um ulterior e próximo avanço nazista em direção a Dakar, para estabelecer contato direto com a América do Sul e ameaçar o continente, o que já está dando lugar a conversas entre os governos britânico e americano. O primeiro ministro disse, ontem, que o senhor Hess não está investido de missão, que fugiu apenas para escapar à ameaça contra sua vida e está perfeitamente são. Consta que o interessado continua fazendo mais declarações sobre a situação de sei país. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 19 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] As relações econômicas internacionais da América Latina.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 19 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

O editorial do *South American Journal*, de 17 do corrente, comenta longamente sobre as relações econômicas internacionais da América Latina, feito pelo senhor Jaime A. Zuloaga, diretor do Comércio Exterior do Departamento de Controle Geral da Colômbia, e publicado nos “Anales de Economia y Estatística” desse país.

2. O referido artigo concorda com as previsões do senhor Zuloaga de que o campo que triunfar na guerra atual terá fatalmente uma influência determinante sobre a atitude da América do Sul e que, no caso da vitória britânica, as mudanças políticas, nesse continente, não serão tão sérias quanto as perturbações econômicas e sociais. O que o jornal vensura é o fato de ter o autor do relatório querido demonstrar que a política dos países sul-americanos de permitir a inversão de grandes capitais estrangeiros no seu desenvolvimento econômico constitui uma espécie de atentado velado contra a sua independência.

3. O argumento geral do jornal consiste em recordar seu tema favorito das faltas frequentes, de grande número das repúblicas sul-americanas, contra os capitais britânicos e de como estes abandonaram progressivamente grande parte do controle que exerciam antes sobre as atividades de suas empresas nessas repúblicas.

4. O jornal contesta o argumento do senhor Zuloaga de que a política mais eficaz de penetração é a de inversão de capitais nos negócios de transporte. Diz que, durante os últimos trinta anos, nenhuma nova via férrea foi construída, na América do Sul, com capital britânico e que algumas milhas de linhas assentadas, nesse período, foram somente curtas extensões das estradas existentes. A maior parte das companhias foi formada há 50 ou 60 anos, com permissão dos governos dos países interessados, os seus itinerários tendo sido fixados de acordo com os desejos das respectivas autoridades. Se algumas linhas foram construídas através de regiões despovoadas, cuja exploração econômica seria obra de séculos, como diz o relatório, as autoridades locais e, frequentemente, personagens locais tiveram parte importante na decisão; essas linhas, aliás, não deram o resultado que era de esperar.

5. O *South American Journal* termina o seu artigo dizendo que será bem recebido qualquer estudo que economistas latino-americanos façam sobre o passado, procurando,

dos fatos observados, formar possíveis planos para o futuro. Nenhum benefício poderá, porém, ser esperado se tais estudos contiverem falsas afirmações; os economistas jovens devem, por isso, ser prevenidos contra o risco de chegar a conclusões que a experiência mostra não serem justas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 19 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Transações entre a Grã-Bretanha e a América Central.

N. 398

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 19 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

As autoridades britânicas acabam de expedir, de acordo com os “Defence (Finance) Regulations, 1939”, duas ordens estabelecendo que todas as exportações para Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, excluída a zona do canal, [EI] Salvador e Venezuela, deverão ser pagas em esterlinos de uma conta da América Central, ou em dólares, ou em esterlinos registrados.

2. Os pagamentos a esses países, conforme as mesmas ordens, serão feitos em esterlinos a contas da América Central. Essas contas só serão utilizadas para pagamentos à área esterlina. Entre contas da América Central, quaisquer pagamentos poderão ser feitos livremente.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 19 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[*Índice:*] As vítimas dos ataques aéreos alemães.

N. 399

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 19 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Segundo notícias oficiais que acabam de ser divulgadas durante o mês de abril findo, os ataques aéreos alemães contra a Grã-Bretanha causaram 6.055 vítimas na população civil, sendo 2.418 mulheres e 680 crianças.

2. Houve, além disso, 6.926 feridos, compreendendo 2.748 mulheres e 519 crianças.

3. Entre esses ataques, convêm salientar os dois extremamente violentos realizados contra Londres nos dias 16 e 19 de abril, que causaram prejuízos materiais de suma importância, tendo sido destruídas ruas inteiras em várias zonas, principalmente na *City* e em Park Lane.

4. O Hospital de St. Thomas, a Câmara dos Comuns, o Museu Nacional, a Abadia de Westminster e o Palácio de St. James figuram entre os edifícios que sofreram danos mais consideráveis.

5. A nossa embaixada, como referi a Vossa Excelência pelo telégrafo, ficou muito danificada devido à explosão de seis bombas extremamente poderosas que caíram na vizinhança, num perímetro de cem metros em torno ao nosso edifício, além de um grande número de engenhos incendiários, alguns dos quais alcançaram o nosso telhado, mas, graças aos esforços e dedicação do nosso pessoal, pôde felizmente ser evitado o incêndio de que estivemos seriamente ameaçados.

6. O total de vítimas acima mencionado é o mais elevado desde o mês de outubro e o número de mortos durante os quatro primeiros meses do corrente ano atinge a 12.615 e de feridos a 15.563.

7. Esses algarismos são inferiores aos verificados nos últimos quatro meses de 1940, quando houve 21.669 mortos e 30.556 feridos.

8. Os jornais continuam a salientar que os ataques alemães visam principalmente terrorizar a população civil, sem a menor preocupação de ordem militar.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 20 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] A posição da Alemanha relativamente ao estanho.

N. 402

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 20 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Por me parecer de interesse para essa Secretaria de Estado, esta embaixada tem enviado a Vossa Excelência algumas informações sobre o que se diz neste país relativamente à situação da Alemanha, no que se refere à sua situação econômica e, principalmente, às suas disponibilidades de certos produtos.

2. Prosseguindo nessa orientação de trabalho, transmito um resumo de um artigo do *Financial News* a respeito das reservas de estanho daquele país, baseado sobre o número de abril da revista *Tin*.

3. Uma das causas da derrota da Alemanha, na última guerra, foi o fato de ter havido nesse país uma grande falta de estanho.
4. A partir de 1933, ano em que Hitler subiu ao poder, as importações desse produto, na Alemanha, diminuíram ligeiramente. A produção do país, em 1936, foi de 50 toneladas e, em 1937 e 1938, de 100 toneladas.
5. A Bélgica só deve ter podido fornecer à Alemanha uma quantidade muito pequena dessa matéria-prima, pois que os seus fornos de Hoboken, onde é fundido o estanho do Congo belga, alcançaram o seu máximo de produção em 1938, com 7.000 toneladas; mas as exportações belgas, em 1937 e 1938, foram de 8.200 toneladas, de maneira que a Alemanha, quando invadiu aquele país, não deve ter encontrado ali um grande estoque do produto em questão.
6. A Holanda, com os seus fornos de Arnhem, utilizados principalmente para a fundição do Minério das índias orientais neerlandesas e da Bolívia, produziu umas 38.000 toneladas de estanho em 1938, parecendo ter sido a única fonte em que a Alemanha pôde obter uma quantidade considerável desse metal. Essa quantidade, entretanto, era unicamente a que se achava nos estoques, já que a Holanda, depois de invadida, não mais pôde receber suprimentos de minério.
7. Dos outros territórios dominados pela Alemanha, nenhum produzia estanho, nem tinha estoques apreciáveis desse metal.
8. Os únicos países a considerar são, assim, aqueles que podem fazer fornecimentos ao Reich, por terra, sem ter que passar pelo bloqueio.
9. A Espanha está fora de questão porque as suas importações do metal, de algum tempo para cá, diminuíram a 1.000 toneladas por ano.
10. A Itália tem suas próprias necessidades a atender e assim não pode certamente dar qualquer quantidade à Alemanha. Seu consumo, nos últimos cinco anos, foi de 4.600 toneladas e suas importações nunca excederam essa cifra.
11. A Rússia ocupa o quarto lugar, entre os países consumidores de estanho. Suas importações se elevaram de 3.800 toneladas anuais para cerca de 10.000 toneladas, em 1936. O enorme desenvolvimento das indústrias, nesse país, justifica, até certo ponto, esse aumento, mas é bem possível que uma parte dessas importações tenha sido realmente destinada à Alemanha. Em 1940, a Rússia importou 2.650 toneladas de estanho dos Estados Unidos, via Vladivostok; esse comércio, no entanto, foi proibido pelo governo americano.

12. Resta examinar a situação do Japão, como possível fonte de abastecimento da Alemanha. As importações de estanho, naquele país, aumentaram de 4.544 toneladas, em 1936, para 9.363, em 1938. Sua produção é somente de cerca de 500 toneladas anuais. Assim, levando-se em conta suas atividades na China e o aumento de sua produção de folhas de Flandres, de 73.352 toneladas, em 1927, para 230.000 toneladas, em 1937, ver-se-á que o Japão não está em condições de fazer remessas do metal em questão ao Reich.

13. As reservas de estanho da Alemanha devem estar diminuindo rapidamente. O seu programa de construção de navios, aviões e armamentos, para 1939 e 1940, se foi tão extenso como parecia, deve ter quase esgotado as quantidades, de que dispunha, desse metal. Uma única fonte de abastecimento ainda lhe resta: essa consiste no aproveitamento do estanho velho. Não é boa, portanto, a posição da Alemanha, no que se refere ao produto em questão.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 21 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] A situação política.

N. 403

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 21 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

No que diz respeito à evolução paralela das relações anglo-francesas e germano-francesas, cada vez mais consideram aqui que só devem ser realmente tido em conta os atos e que pouca importância têm as palavras.



2. Não importam as intenções do governo de Vichy, sejam quais forem suas declarações, ainda mesmo quando afirma não pretender atacar a Grã-Bretanha ou os Estados Unidos se, concedendo facilidades e bases estratégicas ao inimigo, facilita por sua própria ação as agressões dos alemães contra a sua antiga aliada.
3. Todas as indicações recebidas do Próximo Oriente confirmam a impressão de que na prática a França cedeu à Alemanha seus direitos, obrigações e privilégios na Síria, renunciando assim à política de nada fazer que possa redundar em ameaça ou prejuízo para a Grã-Bretanha e isso em troca apenas da liberação condicional de uma ínfima parte dos prisioneiros de guerra franceses ainda em poder dos nazis e de certas e muito limitadas facilidades comerciais entre as duas zonas do seu território.
4. Segundo informações colhidas em fontes autorizadas, o governo francês cederia também a Tunísia aos italianos e Marrocos aos alemães. A Itália desistiria de suas reivindicações em relação à Córsega, Nice e Savoia.
5. A subida ao trono da Croácia de um príncipe italiano constituiu uma satisfação ao amor-próprio de Mussolini e uma manifestação de prestígio para Roma, uma vez que a Itália não pode se expandir senão englobando minorias não italianas.
6. Notícias dignas de crédito acrescentam que a instalação dos fascistas na Croácia desapontou o governo húngaro que sempre manteve suas pretensões de readquirir os privilégios de que sempre beneficiou nos países eslavos na época da monarquia dos Habsburgos.
7. Deve ser notado que a Espanha foi posta fora desses arranjos, mas os círculos diplomáticos ligados ao Foreign Office estão persuadidos que se os espanhóis se resolverem a fazer uma política de maior adesão com Berlim, a França ainda teria que ser sacrificada, pois teria que ceder Orã a Madri sob a invocação de necessidade imposta pela nova ordem europeia.
8. Em geral aqui julgam que Vichy não recebe nada mais do que uma concessão irrisória ou garantias de valor problemático em troca do abandono de direitos e vantagens contrárias a todas as tradições francesas.
9. Certas informações recebidas nos últimos dias indicam que as relações germano-russas se mantêm incertas e incompreensíveis.
10. Assim, em meados de abril, o embaixador alemão em Moscou teve instruções para sondar o governo russo sobre a possibilidade de uma visita de Hitler à capital soviética, mediante um “insistente” convite de Stalin.

11. O Kremlin se esquivou e retardou qualquer negociação nesse sentido, sob o pretexto de que naquela ocasião o governo russo estava muito preocupado com os preparativos das celebrações patrióticas do dia 1º de maio.

12. Ulteriormente foram feitas novas diligências, mas com um acolhimento muito reservado, o que teria provocado em Berlim uma viva irritação e teria determinado a atitude ameaçadora que o Reich assumiu contra a Rússia há cerca de quinze dias.

13. As relações entre Berlim e Moscou melhoraram depois disso, mas parece que a Rússia busca somente cultivar a amizade do Reich sobre bases limitadas e isso serviria para explicar porque os governantes soviéticos também busca simultaneamente distender suas relações com Londres e Washington, porém com a condição essencial do reconhecimento *de jure* pelos governos inglês e americano da incorporação dos Estados Bálticos à União Soviética.

14. As notícias tendenciosas, divulgadas no estrangeiro, de origem alemã, insinuando que o governo britânico deveria aceitar negociações para uma paz de compromisso, causaram aqui grande descontentamento.

15. A chegada de Hess, fugindo aos perigos de que estava ameaçado na Alemanha, serviu de pretexto para intensificar essa ofensiva de paz.

16. O governo britânico acredita que a propaganda pacifista foi bem montada, não deixando de ter ramificação nos Estados Unidos e mesmo aqui onde existe um pequeno número de antigos fascistas sem responsabilidade política, simpatizantes com uma solução desse gênero.

17. O novo ministro das Relações Exteriores da Argentina na sua viagem para Buenos Aires, ao passar por Washington, teria declarado que julgava possível uma tal paz que poderia ser feita com a Colaboração da América Latina.

18. Essa notícia aqui divulgada também ecoou muito mal, pois a opinião geral, que compartilho integralmente, é que todos os que supõem ser possível a cessação das hostilidades mediante um compromisso, demonstram uma total falta de conhecimento do atual sentimento do povo britânico, cujo firme propósito é de cada vez mais continuar a guerra, sem medir sacrifícios, até a vitória integral.

19. Ninguém de responsabilidade neste país, assim como todo o povo inglês, admite que a paz no mundo possa ser obtida e mantida sem o desaparecimento do nacional-socialismo alemão e do fascismo italiano.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**DESPACHO • 22 MAI 1941 • AHI 29/3/13**

N. EC/54/591.71 (60)

Índice: Artigo sobre o Brasil publicado no jornal "Cavalcade".

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À embaixada em Londres

Em 22 de maio de 1941

Senhor embaixador,

Tenho a honra de acusar o recebimentos do ofício n 319, de 18 de abril último, em que Vossa Excelência se refere a um artigo publicado no jornal "*Cavalcade*", dessa capital, sobre a praga da moscas e dos escorpiões no Brasil.

2. Ao tomar devida nota do assunto, cabe me informar Vossa Excelência de que a Secretaria de Estado aprovou os termos da carta pela qual o senhor José de Alencar Neto, secretário dessa embaixada, respondeu àquele jornal.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(g) Maurício Nabuco.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

\*

**TELEGRAMA • 23 MAIO 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Proteção interesses italianos.

Da Embaixada em Londres

226 – SEXTA-FEIRA – 23 MAIO 1941 – 12h00 – Em face da concordância do governo italiano na questão referente aos prisioneiros de guerra e à situação da praça, tratada pela embaixada do Brasil, nos termos do telegrama de Vossa Excelência nº 44, este governo acredita que a proteção da totalidade dos prisioneiros, na Índia, compete ao representante consular do Brasil, único apto a encaminhar a esta embaixada assuntos que dependem das autoridades centrais. Agradeceria uma resposta no sentido indicado pelo meu telegrama Nº 215, pois o *foreign office* fez nova consulta a esse respeito, com o máximo interesse, devido ao considerável número de prisioneiros encaminhados para a Índia. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 23 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] O ataque alemão em Creta.

N. 408

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 23 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

Desde três dias a luta prossegue encarniçada na ilha de Creta, contra a qual os alemães desencadearam um terrível ataque.

2. Não resta dúvida que eles não medirão esforços para se apoderarem dessa grande ilha, onde o rei da Grécia e seu governo estão instalados.
3. É claro que os dirigentes da guerra do Reich tudo farão para obrigar o rei Jorge, que se opôs às operações do Eixo com tanto heroísmo, a buscar refúgio fora do território helênico.
4. Isso, porém, não representa o objetivo essencial de Hitler, o qual está inscrito na própria carta do Mediterrâneo.

5. A ilha de Creta que, como Vossa Excelência sabe, tem uma superfície de 8.000 quilômetros quadrados, domina a entrada do mar Jônico e do mar Egeu.
6. Os alemães – instalados nessa base estratégica de primeira ordem os seus aviões – poderão ameaçar uma grande parte do Próximo Oriente e principalmente a Síria, sendo que o canal [*de*] Suez está distante uns mil quilômetros.
7. Pela primeira vez desde a invasão da Holanda, os nazis utilizaram os paraquedistas e em forma maciça.
8. Não devemos ter ilusões quanto à importância que Hitler e seu Estado-Maior ligam a essa operação e os sacrifícios de homens e material não contam para eles.
9. Os ataques aéreos serão ininterruptos e o emprego de paraquedistas será cada vez mais intenso.
10. A Grã-Bretanha é sem dúvida dona dos mares, mas a aviação do Reich pode impedir ou pelo menos molestar seriamente a ação dos navios britânicos.
11. Além da importância militar que representa a ilha de Creta, os alemães também consideram as operações que ali estão executando como um ensaio geral para a projetada invasão das ilhas britânicas e tratarão de verificar praticamente o que pode fazer em tais casos a aviação contra a marinha de guerra.
12. Em geral aqui estão aguardando o resultado da batalha com certa confiança, mas nos círculos militares e diplomáticos não existe um tão grande otimismo, considerando a inferioridade da aviação britânica naquele setor. Ninguém exclui, porém, que a luta será sem tréguas, auxiliada pelos valorosos soldados gregos, decididos a defender até a morte essa ilha, último recanto de sua pátria ainda não dominada pelo inimigo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Índice:] Guerra na Europa. Luta em Creta. Entrada dos Estados Unidos na guerra. Espionagem na América.

CONFIDENCIAL

#### Da Embaixada em Londres

229 – SEGUNDA-FEIRA – 26 MAIO 1941 – 18h60[sic] – a Batalha de Creta continua com a máxima intensidade, sendo objeto dos comentários de todos os círculos, unânimes em considerarem que a Grã-Bretanha teve tempo para preparar a defesa, devendo estar em condições de resistir vitoriosamente. Todos consideram que a captura de Creta constituiria extraordinária vitória alemã, visto ser base estratégica de primeira importância. A luta será, pois, de vida ou morte. Os círculos autorizados acreditam na nova possibilidade de uma tentativa de invasão da Grã-Bretanha, considerando todos que as operações de Creta constituem um anseio geral. Também admitem que, vitoriosa a Alemanha em Creta, concluirá com a Rússia um acordo sobre a admissão de zonas de influência germano-russas no Iraque e na Pérsia para a utilização do petróleo dessas regiões. A pressão sobre a Turquia foi intensificada sob a ameaça de ocupação das províncias Turcas que fizeram parte de Geórgia até 1920. Estou informado de que o general Franco, a pedido de Hitler, está tratando de empreender uma ação junto aos governos da América do Sul afim de impedir a participação dos Estados Unidos da América na guerra como beligerante, pois os governos alemão e italiano julgam que, se isso acontecer, não poderão vencer. Os jornais salientam as atividades dos agentes alemães da América, cuja propaganda estaria sendo dirigida pelo cônsul da Alemanha em São Francisco da Califórnia, em contato com o encarregado de negócios em Washington, de onde partem instruções e recursos para a agitação na América do Sul. Acrescentam que o doutor Kurt Rieth, que também usa o nome de Walter Teagle, é encarregado da organização dos partidos nazistas na América do Sul e da orientação das suas atividades, tendo estado no Rio de Janeiro, onde chegou a 6 de março último, de Roma. Nessa ocasião, conferenciou-se aí com os cônsules da Alemanha, fundando uma comissão ligada à embaixada para tratar dos interesses do Eixo na América do Sul e manter contato direto com o comitê interamericano isolados dos Estados Unidos da América, encarregado de tudo fazer para impedir a participação americana na guerra. Para esse serviço os agentes alemães disporiam de 5 milhões de dólares nos Estados Unidos da América. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 26 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Situação dos bancos estrangeiros no Brasil.

N. 411

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 26 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

O *Daily Telegraph*, de hoje, publica, na sua parte comercial e financeira, um artigo a respeito do decreto, expedido pelo governo brasileiro, em 10 de abril último, proibindo a aceitação de depósitos, pelos bancos estrangeiros, depois de 1º de julho de 1946. O prazo dado, segundo o jornal, é razoável, se é que tal medida vai ser realmente adotada.

2. Quando a nova Constituição foi elaborada, em 1937, continuou o *Daily Telegraph*, determinou-se a nacionalização dos bancos e companhias de seguro. Muita coisa aconteceu desde então e muita coisa acontecerá antes de 1946, e aqueles que mantêm contato com o Brasil consideram esse decreto como meramente transferindo para uma data indefinida o que na prática é uma parte morta da Constituição.

3. Outros círculos, porém, não têm esse ponto de vista e consideram o decreto prejudicial aos interesses do Brasil, ainda mesmo sendo um passo para a anulação dos preceitos constitucionais. Os bancos estrangeiros afetados seriam dez, com depósitos no valor de \$100.000.000 (£20.000.000). Essa cifra é comparada com a de \$585.000.000, importância dos depósitos nos bancos brasileiros, em número de 48. Os três maiores bancos estrangeiros no Brasil, termina o jornal, são o London and South America, o Royal Bank of Canada e o National City Bank of New York.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 26 MAIO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] A perda do *Hood* e a situação política.

N. 412

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 26 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

No preciso momento em que a Grã-Bretanha deve efetuar operações navais essencialmente delicadas e perigosas no Mediterrâneo oriental acaba de perder no Atlântico Norte a Maior unidade de sua esquadra.

2. Não é possível dissimular que a perda do cruzador *Hood* seja um golpe sensível para a Marinha britânica.

3. Os alemães por um golpe unicamente de sorte, conseguiram afundar esse grande navio e em condições tais que infelizmente deve ser deplorada a perda da quase totalidade de sua tripulação.

4. Segundo as últimas notícias, a frota britânica continua perseguindo a esquadra alemã não tendo, pois, terminada a batalha.

5. O *Hood* foi lançado ao mar em 1920 e deslocava 42.000 toneladas. Suas máquinas tinham um poder de 144.000 cavalos e tinha uma velocidade de 32 milhas horárias.

6. O armamento era extremamente forte, compreendendo oito canhões de 400 e doze de 130 milímetros.

7. Essa grave perda não é, contudo, de natureza a modificar sensivelmente a esmagadora superioridade naval das democracias anglo-saxônicas.

8. Não deve ser esquecido que se depois da Convenção de Washington não pôde construir navios superiores a 35.000 toneladas no entretanto o *George V* e o *Prince of Wales* são cruzadores de batalha dotados de todos os aperfeiçoamentos modernos e que mais três unidades desse tipo vão entrar em serviço proximamente.

9. Não são ainda conhecidos os reais motivos da presença do *Hood* nas águas da Groenlândia, mas é evidente que também nessa região a Grã-Bretanha tinha uma tarefa importante a cumprir como polícia dos mares os quais são preferentemente escolhidos



pelos corsários, seus inimigos, quando a ação dos navios britânicos é exigida urgentemente e com um grande número de unidades no Mediterrâneo.

10. Tudo leva a crer que o couraçado alemão *Bismarck* buscava ganhar o Atlântico para atacar os comboios britânicos em viagem dos Estados Unidos e Canadá quando foi interceptado pela esquadra britânica ao largo das costas da Groenlândia. Essa rota está sendo quase normalmente usada pelos navios alemães que tentam fugir à caça dos navios britânicos para alcançarem o oceano Atlântico.

11. Não resta dúvida que um obus de quinze polegadas do *Bismarck* alcançando o *Hood* no paiol de munições foi a causa de sua explosão, pois, embora fortemente blindado, mas devido sua tonelagem excessiva, era mais vulnerável do que os novos couraçados britânicos da classe *George V*, que são tão fáceis de manobrar quanto qualquer cruzador ligeiro.

12. A opinião dominante nos meios diplomáticos é que esse lamentável incidente fará ressurgir nos Estados Unidos, com mais urgência do que jamais [*houve*], a questão de saber se a frota americana já não deveria estar algum tempo auxiliando a Grã-Bretanha em tais operações.

13. Trata-se de saber se a esquadra dos Estados Unidos deverá assumir a incumbência da escolta dos navios mercantes provenientes de frotas americanas.

14. O recente acontecimento faz também salientar que esse relativo êxito alemão demonstra que desde algum tempo houve muita tendência em acreditar que o Reich contava somente com a força naval italiana e que essa ilusão era tão corrente em Roma como em Londres.

15. Não resta dúvida que Hitler aproveite a ocasião para fazer sentir ao *duce* que mesmo no mar ele considera como subsidiário o apoio italiano e que jamais a esquadra fascista obteve um êxito comparável ao afundamento do *Hood*.

16. Efetivamente entre a [*ilha de*] Creta e as [*ilhas*] Cicladas e as ilhas do Dodecaneso a esquadra britânica está sendo mais atacada pelos bombardeios alemães do que por unidades navais italianas.

17. A intervenção hoje anunciada dos caças britânicos de longo raio de ação está sendo interpretada nos meios competentes como medida destinada a aliviar tanto a frota inglesa como as tropas aliadas que estão defendendo Creta.

18. Esse recurso tornou-se necessário, pois, os alemães, verificando que tanto o efeito da surpresa ocasionado pela chegada maciça de paraquedistas como a ação incessante dos *Stukas* não resultou suficiente para um resultado decisivo, buscam contrabalançar a

vantagem dos Aliados, que possuem tanques e canhões, reservando um certo número de seus aviões para o transporte de artilharia e munições.

19. Os britânicos adquirem, assim, uma pequena vantagem pelo fato da chegada inesperada dos aparelhos da sua força aérea, cujo valor aparece tanto maior quanto os seus ataques estão intimamente ligados aos de sua aviação de bombardeio.

20. Nessas condições, enquanto a situação continua confusa e indecisa no fim de sete dias de encarniçada luta, contudo, os Aliados podem agora dispor do concurso da aviação que muito lhes faltava.

21. O desaparecimento do *Hood* faz recordar utilmente que presentemente uma outra batalha está sendo travada no Atlântico e que a tática alemã é de obrigar a Grã-Bretanha desguarnecer uma frente à custa de outra.

22. Toda a imprensa britânica considera que a única política a seguir neste momento deve ser a de retirar ao inimigo, a iniciativa, tanto quanto possível, em forma eficaz e de modo que possa demonstrar a real supremacia dos Aliados, mormente no que diz respeito ao domínio dos mares.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**TELEGRAMA • 27 MAIO 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Afundamento do *Bismarck*. Governo Iugoslavo em Londres.

Da Embaixada em Londres

231 – TERÇA-FEIRA – 27 MAIO 1941 – 17h00 – O primeiro ministro declarou na Câmara dos Comuns, sendo vivamente aplaudido, que o couraçado *Bismarck* foi perseguido e afundado pelo *Príncipe de Galles* e quatro torpedos dos aviões do *Ark Royal*. A notícia causou grande emoção e alegria vindo desfazer a má impressão causada pelo

desarme do *Hood*. As notícias de Creta são confusas, indicando que a situação permanece grave. O ministro iugoslavo informou-me, confidencialmente, que o rei e vários membros políticos do seu gabinete estão sendo esperados em Londres, onde estabelecerão o governo iugoslavo, indo para o Canadá apenas o ministro do comércio e técnicos militares. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**DESPACHO • 27 MAI 1941 • AHI 29/3/13**

N. EC/57/944.2 (00)

Índice: Pagamento de mercadoria apreendida na Grã-Bretanha.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À embaixada em Londres  
Em 27 de maio de 1941

<sup>xv</sup>Senhor embaixador,

Tenho a honra de acusar o recebimento do ofício n 307, de 15 de abril último, com o qual a Vossa Excelência encaminhou um formulário do Netherland Shipping & Trading Committee, afim de ser preenchido pela firma Joaquim Salvador & Cia., exportadora de uma partida de tortas de caroço de algodão destinada a Amsterdam e apreendida pelo governo britânico.

2. Em resposta, comunico a Vossa Excelência que a firma interessada informa haver recebido, em 28 de novembro do ano passado, igual formulário por intermédio da Sociedade Anônima Martinelli, agente do Lloyd Real Holandês nesta capital.

3. Após preenchido, foi esse formulário remetido citada firma aos seus representantes em Londres, senhores Frank Fehr & Co., Holand Hous, Bury Street, London E.C. 3, os quais informaram que o assunto está satisfatoriamente encaminhado para final solução.

4. A vista disso, o aludido documento será enviado a essa embaixada, se Vossa Excelência o julgar ainda necessário.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(h) Maurício Nabuco.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

\*

**OFÍCIO • 28 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] O afundamento do *Bismarck*.

N. 418

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 28 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

O entusiasmo com que o Império Britânico soube do torpedeamento do *Bismarck* foi extremamente maior, pois, desde o dia precedente o público estava sob grande tensão, sabendo que o couraçado alemão continuava sendo tenazmente perseguido pela marinha e aviação britânica. Todos estavam convencidos que o navio inimigo tinha sido condenado à destruição, mas os técnicos não queriam animar os impacientes, conhecendo as dificuldades da região ártica favoráveis à ação e manobra de uma unidade da classe do *Bismarck* podendo desenvolver uma velocidade extraordinária e dispondo de uma formidável defesa.

2. Assim, quando ontem ao meio-dia o senhor Churchill comunicou à Câmara dos Comuns que o *Bismarck* tinha sido afundado, irrompeu uma explosão de alegria e de entusiasmo que logo se estendeu a toda a população, sendo considerado esse feito como uma grande e extraordinária vitória.

3. A iniciativa coube ao almirante Hollande, que desapareceu a bordo do *Hood*.

4. O *Bismarck* foi perseguido sem folga desde sua saída de Bergen. Na segunda-feira foi anunciado que ele tinha sido alcançado por um torpedo lançado por um avião americano da Real Força Aérea.

5. Os alemães começaram então a dizer que o seu navio estava cercado por forças muito superiores e que entre a Islândia e a Groenlândia estava sendo travada uma terrível batalha.

6. A perseguição do *Bismarck*, no decurso da qual foi destruído o *Hood*, o maior navio da esquadra britânica, constitui uma das operações táticas mais perfeitas, tendo sido conduzida com uma admirável perícia.
7. Em geral aqui julgam que a perda do *Bismarck* compensa largamente o desaparecimento do *Hood*, devendo ser considerado principalmente o que representa proporcionalmente para uma e outra das duas marinhas de guerra.
8. A perda do *Hood*, navio de 21 anos de serviço, não afeta sensivelmente a supremacia naval britânica enquanto que o afundamento do *Bismarck* representa um golpe profundo para a marinha alemã, pois, trata-se de sua melhor unidade, mais veloz, mais poderosa e que singrava os mares pela primeira vez.
9. O *führer* não possui atualmente senão um outro navio dessa classe, o *Tirpitz*, e as únicas unidades de que dispõe o almirantado alemão são os couraçados de bolso *Almirante Scheer* e *Lutzon*. Quanto aos cruzadores de batalha *Scharnhorst* e *Gneisenau* foram danificados pela aviação britânica no porto de Brest, onde se acham imobilizados há várias semanas.
10. A destruição do *Bismarck* vem restabelecer integralmente o prestígio da Marinha britânica e seu poder que até um ponto teria sido afetado pela perda do *Hood*.
11. Nos meios políticos e diplomáticos todos consideram que uma dedução deve ser tirada dos recentes acontecimentos, pois, a tarefa da Marinha britânica ficaria facilitada se pudesse repartir suas pesadas responsabilidades no Atlântico com os americanos e assim ficar mais desembaraçada para atender à sua defesa no Mediterrâneo.
12. Isso, aliás, também reflete uma grande parte da opinião norte-americana, segundo os resumos dos jornais de Nova York e de Washington aqui publicados.
13. O desastre do *Hood* foi para os Estados Unidos como que um sinal de alarme, demonstrando que o auxílio americano deve ser intensificado para permitir que a Grã-Bretanha vença a guerra.
14. A perda do *Bismarck* trouxe a todos a certeza de que os britânicos são dignos desse auxílio e que os amigos aos quais estão dispostos a socorrer são de molde a aumentar e replicar os golpes mais duros, não tendo, pois, perdido as suas tradicionais qualidades de resistência, coragem e força.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**TELEGRAMA • 30 MAIO 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Carnes brasileiras na Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

239 – SEXTA-FEIRA – 30 MAIO 1941 – 17h45 – Agradeceria transmitir aos Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros Limitada, em Porto Alegre: “Reservado. Ciente do conteúdo do telegrama que Anderson e Coltman enviaram-lhe sobre as condições de pagamento. Eles não podem fazer negócio noutra base à vista das exigências do ministério da alimentação, relativamente à qualidade do produto. Permito-me recordar que, nas partidas de carne de porco em conserva enviadas antes da guerra, acontecia comumente haver proporção elevada de produto defeituoso, podendo, naquela época, seus agentes colocá-lo, discretamente, impedindo prejuízo na reputação da marca Aliança; agora, porém, não poderão fazer isso visto o exame da mercadoria ser executado pelo ministério. Se as transações não forem feitas na base indicada, Anderson e Coltman ver-se-ão possivelmente forçados a desistir do negócio, o que considero grave prejuízo para os Frigoríficos Nacionais. Saliento que se a remessa de carne de vaca em conserva for satisfatória, isso significará futuros negócios importantes e, sobretudo, colocação de sua empresa, nessa particular, em condições semelhantes aos quatro frigoríficos que agora praticamente monopolizam o comércio de exportação de carne brasileira. (a) J. de Alencar Netto.” Peço a atenção de Vossa Excelência para o assunto, que tanto interessa a nossa exportação, parecendo-me perfeitamente justificável a ponderação do presente telegrama e a proposta feita pelo agente da firma em questão. MONIZ DE ARAGÃO

\*

**OFÍCIO • 30 MAIO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] O último discurso do presidente Roosevelt.

N. 422

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 30 de maio de 1941.

Senhor Ministro,

O recente discurso do presidente Roosevelt constitui o anúncio do auxílio máximo que ele pode assegurar às democracias nas atuais circunstâncias, a menos de declarar formalmente o estado de guerra com a Alemanha e a Itália.

2. Essa é a impressão geral que se depreende dos comentários nos círculos autorizados e dos artigos dos principais jornais desta manhã.

3. A imprensa também registra a imensa maioria dos americanos que apoiam o presidente, conforme testemunham as notícias telegráficas aqui recebidas sobre declarações feitas por numerosas altas personalidades dos Estados Unidos.

4. Foi principalmente salientado pela imprensa londrina que o ponto capital do discurso é o que se refere à perfeita solidariedade pan-americana e à entrega do material de guerra à Grã-Bretanha, considerada como de necessidade imperiosa e que será realizada com toda segurança.

5. Embora permaneçam certas incertezas sobre as modalidades da execução, ninguém, porém, duvida sobre a solução dessa questão vital para os Aliados.

6. A opinião britânica nota ainda que as declarações de Roosevelt constituem uma réplica dura e resoluta às ameaças do almirante Raeder contra os Estados Unidos que assim tiveram um efeito diametralmente oposto ao que era esperado pelos alemães. Constituem também uma resposta às tentativas pelas quais os nazis julgavam poder intimidar os americanos, enviando poderosas unidades de sua frota para uma ação nas paragens da Groenlândia.

7. Finalmente o presidente demonstrou que os protestos do senhor Laval em sua recente irradiação não foram tomadas em consideração pela pouca confiança que inspiram.

8. Nos telegramas dos correspondentes de Nova York os jornais ingleses declaram que os Estados Unidos estão conscientes da luta gigantesca que se aproxima do continente americano e estão prontos a tudo fazer para salvaguardar a liberdade dos mares e defender o ideal pelo qual sempre lutaram.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 01 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Mês político n. 6.

N. 427

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 1º de junho de 1941.

A Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, o relatório político n. 6, relativo ao mês de maio próximo passado.

[Anexo]

Mês político n. 6

As operações bélicas em maio concentraram-se, como em abril, no Próximo e Médio Oriente. Consideradas da base central de operações no Egito, sobressaem duas zonas avançadas – Grécia e Creta – e duas áreas contíguas no continente – Iraque e Abissínia. Nas duas primeiras os ingleses cederam à pressão vitoriosa dos alemães. Nas duas últimas encontraram inimigos mais fracos e puderam liquidar duas ameaças estrategicamente não menos importantes.

As últimas notícias do Iraque foram particularmente tranquilizadoras por assegurarem aos ingleses o petróleo com que se abastecia a esquadra e as divisões motorizadas no deserto. O lento progresso dos ingleses sobre Bagdá só tinha uma



explicação: a insuficiência de forças. Do momento em que elas apareceram, a resistência das forças rebeldes cessou. Rashid Ali fugiu em 30 de maio, assim como a maioria dos seus companheiros do golpe de Estado. A tentativa alemã de auxiliar os seus simpatizantes aí fracassou perante a ação decisiva da Royal Air Force, que logrou transportar tropas a tempo. A rebelião foi iniciada prematuramente, talvez porque os alemães não previssem uma resistência tão prolongada na Grécia e em Creta. Eles sofreram aí um golpe no seu prestígio entre os árabes, que ficaram mais confiantes no poder do Império Britânico.

Na Abissínia, as últimas operações consistiram na liquidação dos restos da resistência italiana. O duque d'Aosta rendeu-se em 20 de maio, entregando-se com 18.000 homens, e quatro divisões italianas foram aprisionadas em Soddu e outra na região dos lagos, mais de 10.000 homens.

Foram estas as fases conclusivas de uma conquista, cuja rapidez e terminação antes de junho, isto é, antes da estação chuvosa, parecia demasiado otimismo. Isso representa para os ingleses uma grande vantagem, pois ficam com a retaguarda coberta para fazer face à pressão na fronteira da Líbia, onde novamente perderam Sollum para os alemães.

Em Creta a campanha foi perdida do momento que a Royal Air Force teve que abandonar a ilha. Só um milagre teria podido salvar as forças do general Freyberg. Bombardeada dia e noite e confrontada com o desembarque em número crescente de tropas pelo ar, a defesa foi aos poucos afastada de Maleme, depois de Canea e da base naval de Suda Bay, de Candia e finalmente, no dia 31, de toda a ilha.

A retirada de Creta, que Churchill declarou seria defendida até a morte, é a quarta evacuação pelo mar do exército britânico e imperial nesta guerra. Ainda não se sabe ao certo quais foram as perdas aí sofridas, posto que os 15.000 homens transportados para o Egito representem pelo menos metade dos efetivos com que os ingleses contavam nessa ilha.

As perdas navais também foram severas. Três cruzadores, quatro *destroyers* e diversos transportes. Ainda que as infligidas aos alemães tenham sido mais importantes, sobretudo nos primeiros dias (15.000 soldados e 250 aviões), e seguramente as maiores por eles sofridas em proporção aos efetivos empregados, elas não compensam a perda deste posto estratégico, tão primordial para a defesa do Egito. A vitória alemã foi ganha graças a superior concentração de forças num determinado ponto, tendo sido mais uma vez o avião a arma preponderante.

Os alemães escreveram uma nova página na história da estratégia militar, qual a da invasão exclusivamente pelo ar. Ainda que as circunstâncias lhes fossem favoráveis, o êxito não foi menos brilhante graças à essa admirável cooperação de audácia e engenhosidade. A rapidez com que reequiparam e desenvolveram os aeródromos da Grécia, em contraste com a ineficiência revelada nesse terreno pelos ingleses em sete meses de ocupação da [*ilha de*] Creta, foi extraordinária e o resultado colhido cem por cento eficaz. O abastecimento dessas tropas e o seu municionamento durante a encarniçada batalha foram verdadeiramente surpreendentes. Todas as testemunhas atribuem o êxito de operação ao avião de bombardeio que, fazendo as funções de artilharia, aniquilou a defesa e arrasou as cidades. A falta de artilharia antiaérea e a deficiência em ap[ar]elhos de caça foram falhas censuráveis do comando britânico, que ainda não foram exploradas pela crítica, mas hão de sê-lo quando voltar a se reunir o Parlamento. Muitas lições se aproveitam desse episódio, mas uma sobressai – a supre, a importância da arma aérea nas operações terrestres como navais. As bases aéreas constituíram o fator decisivo. Graças a sua aviação, os alemães desafiaram e investiram contra o poder naval britânico. Se a Alemanha conseguir estender as suas bases ao largo do Mediterrâneo, essa supremacia perderá muito, senão a totalidade do seu valor.

O episódio de Creta veio conformar a preponderância das novas armas, além do avião, o carro de assalto e o *Lewis guns*. Ficou mais uma vez comprovada a lição da Batalha da França de que a simples carabina resultou inútil na refrega e compeliu a entrega de milhares de soldados, que em muitos casos não chegaram sequer a utilizá-las. Mesmo em Creta, onde a luta corporal, travada com uma ferocidade sem precedentes pelo espaço de cerca de duas semanas, tampouco foi a carabina a arma decisiva.

Em primeiro lugar o *dive-bomber*, não somente eficaz para atacar objetivos militares, fábricas, cidades e linhas de comunicações, senão que revelou mais uma vez a sua utilidade ao arrasar a resistência das tropas terrestre, permitindo a invasão audaciosa dos aviões porta-tropas, lançados por assim dizer em plenas concentrações inimigas.

Esses aviões foram empregados como substitutos da infantaria e da artilharia. Esse trabalho preliminar para a invasão aérea foi feito com a mesma indiferença pelo sacrifício com que, no Atlântico foi atirado o *Bismarck*, a despeito de já estarem o *Gneisenau* e o *Scharnhorst* imobilizados em Brest, como se desses golpes de audácias dependesse a decisão final da guerra. Os ingleses não escondem a gravidade das suas perdas navais em Creta. Elas, porém, pouco adiantam para a controvérsia entre o poder naval e o aéreo. Os

ataques aéreos nessas águas estreitas foi [sic] favorável à aviação, mas, quando os navios mantêm a sua liberdade de movimentos, a eficácia da arma aérea é menos segura.

Como será explorada essa vitória? Será Chipre o próximo alvo dos alemães? Esta seria uma operação muito mais difícil, distante como está 350 milhas de Creta. Só utilizando preliminarmente as bases aéreas na Síria, como está parecendo, aliás, que se vai dar. Caso essa aventura seja considerada pelos alemães demasiado perigosa, Creta será empregada de qualquer modo como uma base mais próxima para o transporte de munições e tropas para Líbia, além de fechar à Royal Navy o acesso ao mar Egeu e a Dodecaneso. A utilização dos seus aeródromos como outros tantos navios porta-aviões, para os ataques sobre Alexandria com os aviões de bombardeio, terá uma ação paralisadora sobre os movimentos da esquadra britânica.

Creta pode também ser o prelúdio para um desembarque na Irlanda, cuja tomada é essencial para a Alemanha a fim de cortar as comunicações marítimas entre a América e a Grã-Bretanha.

Depois que serenou a atmosfera de sensação provocada pela chegada espetacular, pelos ares, caindo de um paraquedas na Escócia, na noite de 10 de maio, enquanto Londres era vítima de mais um dos raros e mais intensos bombardeios com que a Luftwaffe tem atacado esta primavera, podem-se fazer algumas deduções sobre a estranha visita do senhor Rudolph Hess. A conclusão a que chegaram, nos círculos oficiais, é que o chefe executivo do Partido Nacional-Socialista, o amigo mais íntimo do *führer* veio tentar uma negociação de paz, convencido como estava de que se chegasse a entrar em contato com certos elementos da aristocracia inglesa, a antiga Quinta Coluna, lograria, antes que os Estados Unidos entrem no conflito, um entendimento para por fim à guerra de aniquilação entre os dois grandes povos nórdicos europeus. O que ele teria dito não foi publicamente divulgado, mas parece que a linguagem por ele usada não é diferente da que emprega o Ministério da Propaganda na Alemanha.

Em resumo, Hess acha que é uma loucura para Inglaterra prosseguir na guerra. Hitler é senhor da Europa e nada do que possa fazer a Grã-Bretanha pode modificar essa situação de fato. A guerra pode continuar para maior morticínio das populações dos dois países, mas o resultado final não poderá ser outro senão a vitória alemã. Como o seu país não tem reivindicações contra o Império Britânico, certamente uma personalidade como a do duque de Hamilton, atleta internacional, poderia criar uma divisão no governo e levá-lo a concluir já uma paz negociada com a Alemanha.

Deve-se excluir a hipótese de que este voo tenha sido uma fuga. Não se pode saber se ele terá indo com enviado de Hitler, ou com o seu conhecimento, mas é inverossímil que tivesse traído o seu chefe e amigo. A verdade é que Hess estava iludido sobre o estado de espírito daqueles com quem procurou estabelecer contato, e que acreditava poder regressar vitorioso dias depois ao seu país. Mas, os ingleses conservam-no como um prisioneiro de guerra e o *mot d'ordre*, dado à imprensa, foi no sentido de eu o assunto morresse.

Foi reorganizado o serviço de bombeiros, que era até agora subdivido em organismos distritais ou voluntários, e, embora tivessem trabalhado até agora com extraordinário denodo e eficácia, não estavam convenientemente aparelhados para fazer face às exigências de um período de guerra incendiária como a que os alemães vêm sistematicamente fazendo. Por isso, o governo centralizou em 50 brigadas todas as 1.400 organizações existentes, criando um corpo profissional, o National Fire-fighting Service, sem, contudo, dispensar os serviços dos voluntários. O número dos permanentemente empregados vai ser aumentado para 80.000 e o dos parcialmente empregados para 150.000. Adquiriu-se mais um milhão de libras de material contrafogo. A expansão atual dessa corporação e as modificações agora introduzidas elevarão o respectivo orçamento anual à soma de 27 milhões de libras.

Como já era antecipado em fins de abril, foram unificadas num só ministério, Transporte de Guerra (War Transport), as duas pastas da navegação Mercante e dos Transportes. O novo ministro é o senhor F. J. Leathers, importante personalidade da City, que foi elevado ao pariato com o título de Lord Leathers.

Até abril, inclusive, as vítimas dos *raids* aéreos alemães montaram a 34.284 mortos e 80.403 feridos.

Segundo as estatísticas recentemente publicadas, essas perdas foram as seguintes:

	Mortos	Feridos
Setembro 1940 .....	6.954	10.615
Outubro 1940 .....	6.334	8.685
Novembro 1940 .....	4.588	6.202
Dezembro 1940 .....	3.793	5.044
Janeiro 1941 .....	1.502	2.012
Fevereiro 1941 .....	789	1.068
Março 1941 .....	4.259	5.557

Abril 1941 ..... 6.065 6.926

Londres, 1º de junho de 1941.

Moniz de Aragão

Redação do conselheiro Sr. Joaquim de Sousa-Leão.

v

**OFÍCIO • 03 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] As declarações do senhor A. Eden sobre a Síria.

N. 429

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 3 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, no incluso recorte, as declarações do senhor Anthony Eden, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, do dia 29 de maio, num jantar na Mansion House.

2. O senhor Eden, falando pouco depois do recente *fire-side chat*, em que o senhor Roosevelt proclamou o Estado de Emergência Nacional, passou em revista alguns aspectos da política britânica. Ele apoiou a declaração do presidente de que a liberdade dos mares era essencial à existência das nações livres. Esse conceito e o da liberdade do comércio internacional de Hitler de um império de territórios conquistados e dominados por um *Herrenvolk* com o monopólio do poder militar e industrial.

3. O senhor Eden fez ainda referências aos acontecimentos no Mediterrâneo e às aspirações de independência dos sírios e de união dos povos árabes, deixando claro que a Grã-Bretanha não consentirá que a Alemanha ganhe pé nessa região.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*:<sup>4</sup> “Reconstruction in Europe”, *The Times*, Londres, 30 de maio de 1941.]

v

**OFÍCIO • 04 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[*Índice*:] A batalha de Creta.

N. 431

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 4 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

Desde alguns dias o esforço desenvolvido pelos defensores da ilha de Creta parecia a muitos tarefa extremamente difícil nas atuais circunstâncias.

2. Isso não impede que a notícia da retirada do corpo expedicionário britânico fosse sentida pelos ingleses como um duro golpe.
3. A ilha de Creta representava para os Aliados um interesse estratégico evidente no Mediterrâneo e a vitória alemã fere o prestígio britânico no Próximo Oriente.
4. Os círculos autorizados consideram que a perda dessa base de primeira ordem ameaça agora a ilha de Chipre, o Egito e todo o Mediterrâneo.
5. A opinião britânica não deseja ser enganada com engenhosas explicações sobre o alcance da derrota sofrida em Creta e assim pode ser verificado que a vontade popular quer encarar decididamente as realidades por mais desagradáveis que sejam e se preparar convenientemente para aparar novos perigos e futuras ameaças.
6. Certos jornais chegam a denunciar algumas tendências nos meios ditos autorizados a achar fichas de consolação para o desastre de Creta e salientam que já é tempo de cessar, depois de dois anos de guerra, que a desculpa de insuficiência material

---

<sup>4</sup> Recorte de jornal não transcrito.

seja invocada e que métodos militares adequados sejam adotados sem demora para assegurar a vitória das armas britânicas.

7. É inegável que as bases aéreas de Creta permitiam ameaçar os alemães na Grécia e dava aos ingleses maiores possibilidades de operar no ar e no mar Egeu.

8. De Creta era possível desenvolver uma ação contra os Dardanelos no caso de um avanço inimigo para Este, sem contar que essa ilha constituía também um apoio extremamente útil para impedir as operações da esquadra italiana no Mediterrâneo oriental.

9. É, pois, compreensível que o Estado-Maior não tenha hesitado em defender Creta com o máximo dos elementos de que dispunha e realmente não cedeu ao inimigo senão depois de doze dias de terrível luta, tendo-lhe infligido severas perdas.

10. Parece não restar dúvida que os alemães não se limitarão a esse êxito e que Creta é apenas um ponto de partida para ulteriores operações que tentarão desenvolver no Próximo e Médio Oriente.

11. Não é possível prever exatamente quais sejam suas futuras manobras, pois, a surpresa é um dos elementos essenciais da tática militar hitleriana, mas das sangrentas batalhas que acabam de ser travadas é permitido tirar desde já um certo número de conclusões.

12. Desde logo ninguém desculpa o governo britânico de ter perdido um longo tempo sem preparar melhor a ilha de Creta para a sua defesa, uma vez que era evidente o ataque alemão.

13. Também ficou verificado a aplicação de métodos novos e se os paraquedistas não deram os resultados esperados é certo, porém, que o sistema minucioso e preciso estabelecido entre as unidades combatentes, aviões de observação e de bombardeio, provaram uma grande eficácia.

14. Esse método dominou os soldados da defesa, os quais, entretanto, se bateram com uma violência e coragem admirável, infligindo ao inimigo, como já disse, graves perdas e tão importantes que o Estado-Maior alemão não ousa mencionar o número exato.

15. Acresce que no início da ofensiva de Creta foi colocado o problema de julgar a teoria dos alemães, os quais consideram que o domínio do ar pode suplantar o domínio dos mares.

16. A batalha de Creta não permite diminuir a importância do domínio dos mares, mas, entretanto, não é suficiente e assim os alemães desalojaram os ingleses, graças à aviação operando contra um adversário que não possuía senão um reduzido número de

aparelhos e que não dispunha de bases aéreas numa distância eficaz que permitisse a ação dos aviões de caça.

17. Os alemães desejosos de vencer a qualquer preço lançaram sem cessar ondas contínuas de aviões de transporte de tropas, sem preocupação de perdas materiais e de vidas e, como disse, a ausência dos caças britânicos permitiu que lograssem o fim almejado.

18. Sob o ponto de vista do treinamento das tropas, pode ser deduzido que o preparo defensivo é ainda insuficiente e deve ser aperfeiçoado.

19. Todos esses ensinamentos serão apreciados, mesmo porque muitos consideram que as operações de Creta podem ser consideradas como um ensaio dos ataques para uma invasão futura da Ilhas Britânicas.

20. As últimas notícias oficiais indicam que mais de 15.000 homens, mais da metade do corpo expedicionário britânico, puderam ser transportados para o Egito, onde se incorporarão ao exército do General Wavell, onde poderão ser de grande utilidade no desenvolvimento da batalha que vai continuar, pois, a de Creta foi apenas uma fase dessa grande campanha que, segundo muitos, está apenas no começo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 04 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] A nova entrevista do Brenero.

N. 432

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 4 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

O recente encontro entre o chanceler Hitler e o senhor Mussolini, segundo se depreende das notícias aqui conhecidas pelos círculos autorizados, não teve



provavelmente como objeto estabelecer um novo plano de ação, parecendo mesmo que serviu apenas para combinar certas medidas de caráter militar e política decorrentes de decisões tomadas no começo da primavera, depois do *führer* ter decidido tomar sob sua direção as operações nos Balcãs e na África, onde os exércitos italianos estavam sendo continuamente derrotados pelos ingleses e gregos.

2. O governo de Berlim, para estabelecer a confusão e enganar seus adversários, no que diz respeito à orientação que será dada à guerra espalha os mais extravagantes boatos sobre suas futuras intenções.

3. Alguns se referem a uma ação contra a Rússia na Ucrânia ou contra a Turquia com a cumplicidade dos russos na Anatólia ou contra o Irã.

4. Efetivamente o governo alemão tem tomado, em relação a Moscou, precauções que podem a cada momento se transformar em pressões. Em relação à Turquia, combina oferecimentos de colaboração destinados a seduzir o governo de Ankara com o aparato de um dispositivo militar do mar Negro ao golfo de Alexandria, o que paralisa os turcos.

5. Quanto ao Irã, apenas se nota uma intensificação da propaganda nos moldes da que foi adotada para fomentar a revolta do Irã que os ingleses conseguiram dominar.

6. A União Soviética, a Turquia e o Irã são apenas os segundos planos, onde se desenvolvem os preparativos de uma ação eventual em um outro período do conflito.

7. A presente fase parece dever ser consagrada ao Mediterrâneo, ao Levante e à África.

8. Para as operações previstas por Hitler, poderá ser negligenciada a União Soviética e a Turquia, mas o governo de Berlim necessita do concurso de Mussolini e do governo de Vichy e se possível do general Franco.

9. Trata-se, pois, neste momento do problema das relações entre Berlim, Vichy, Madri e Roma para ajuste das questões mediterrâneas e africanas em litígio entre Roma e Madri de um lado e Vichy do outro.

10. A propaganda espanhola não faz mais mistério a respeito de suas reivindicações sobre o Marrocos e mesmo em relação à região de Orã, da mesma forma que os italianos no que se refere à Tunísia e Djibuti.

11. A entrevista do Brenero também parece teria sérvio para calmar Mussolini, muito inquieto com a expansão alemã nos Balcãs e no Mediterrâneo com evidente sinal de que as pretensões italianas ficariam sacrificadas pelas compensações a dar à colaboração do almirante Darlan.

12. Esse relato do *duce* aqui consideram justificado não em face de sua posição enfraquecida no Eixo, como também porque realmente é de Vichy que Hitler mais necessita neste momento.

13. Todos os agrados estão agora reservados ao almirante Darlan, que ele protegerá até o dia em que tenha obtido tudo o que pretende na Síria, na África e mesmo na França, e então dará alguma satisfação a Mussolini.

14. O próximo desenvolvimento dos acontecimentos na Síria é encerrado aqui com uma grande apreensão, sendo de temer graves complicações entre Londres e Vichy, mas todos julgam ser incontestável que em qualquer emergência o governo britânico será apoiado sem reservas pelos Estados Unidos.

15. As presentes informações indicam a Vossa Excelência o ponto de vista aqui dominante sobre este assunto e refletem os pensamentos de personalidades de grande responsabilidade no momento atual.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 04 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[*Índice:*] Comparação das rendas nacionais de certos países.

N. 434

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 4 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

Em anexo encontra-se um resumo de um artigo publicado pela revista econômica *The Statist* de 31 de maio último sobre estudos realizados pelo senhor Colin Clark, diretor da Estatística de Queensland, Austrália, relativamente à renda nacional dos países

envolvidos no atual conflito e à de certos estados que possivelmente venham ainda a tomar parte no mesmo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo]

#### COMPARAÇÃO DAS RENDAS NACIONAIS DE CERTOS PAÍSES

A revista *The Statist*, de 31 de maio último, comentou recentes estudos econômicos do senhor Colin Clark, diretor da Estatística de Queensland, Austrália, sobre a renda nacional de diversos países, com o intuito de examinar o seu poder econômico.

2. O senhor Clark adota para essas comparações a “unidade internacional”, que corresponde ao poder aquisitivo de um dólar norte-americano no período 1925-1934. Nessa base calcula a renda conjunta da Alemanha, Itália e territórios ocupados em 57.000 milhões de unidades internacionais. Dos territórios ocupados, acredita o senhor Clark, a Alemanha exigirá um esforço igual ao seu próprio, que orça em 50% do total da sua capacidade. Os recursos assim alcançados para o prosseguimento da guerra serão provavelmente completados por ajustes feitos em bases vantajosas para a Alemanha com outros países europeus, cujo comércio de exportação equivale a 1.650 milhões de unidades anualmente; desse total a Alemanha poderá provavelmente conseguir cerca de 30%, sem dar, em compensação, mercadorias de valor igual. Os recursos do “Eixo” seriam assim aumentados de mais 500 milhões de unidades, perfazendo um total de 29.500 milhões.

3. Segundo o senhor Clark, a renda nacional real do Reino Unido é maior do que a Alemanha, não obstante ser menor o número de operários na Inglaterra. Os gastos da Inglaterra para a guerra em novembro de 1940, calcula-os como sendo na proporção de 14.000 milhões de unidades por ano. Essa proporção, contudo, aumentou muito desde então e pose-se afirmar que as despesas de guerra estão agora absorvendo 50% da renda

que auferia este país antes do conflito. Na Austrália e na Nova Zelândia apenas 20% da renda nacional estão sendo gastos para a guerra, não existindo algarismos exatos relativamente à União Sul-Africana e à Índia. A Grã-Bretanha, declara o senhor Clark, está gastando praticamente a mesma proporção da renda nacional que a Alemanha. A renda real, por cabeça, da população ativamente empregada (*working population*), que fica disponível para ser consumida, é de 412 unidades no caso da Alemanha e de 635 unidades no da Inglaterra. Assim, se a Grã-Bretanha reduzir a sua população ao nível de consumo existente na Alemanha, ela poderá aumentar seu esforço de guerra de uns 33%. Examinando os dados econômicos relativos aos países do “Eixo” e à Grã-Bretanha, o senhor Clark conclui que a presente balança econômica do poder dos dois grupos não é tranquilizadora para este país. O esforço inimigo – afirma – equivale a um gasto de £5.620 milhões por ano (a base sendo a libra esterlina com o poder aquisitivo de 1938), enquanto que as despesas do Império Britânico, conjuntamente com as da Grécia, agora conquistada, somam apenas £3.550 milhões, na paridade de 1938.

4. Continuando a sua análise, o senhor Clark utiliza cálculos feitos pela revista americana *Fortune*, de novembro de 1940, sobre a renda nacional dos Estados Unidos, para chegar à conclusão de que a renda real daquele país equivalia a 84.000 milhões de unidades anualmente. Para o ano que termina em junho de 1942, a revista *Fortune* estimou a renda nacional real dos Estados Unidos em mais de 95.000 milhões de unidades internacionais. No que diz respeito ao Canadá, o Bank of Novo Scotia considera que a produção real daquele domínio pode ser calculada em 7.610 milhões de unidades. Os Estados Unidos estavam dedicando 8% de sua renda a gastos de defesa, ou sejam, 7.850 milhões de unidades, o que pode ser comparado com o total de 29.000 milhões do “Eixo” e o de 18.305 do Império Britânico. A revista *Fortune* calculou, entretanto, que, se os Estados Unidos entrarem na guerra, a sua produção de armamentos etc. se elevaria a mais ou menos 20.000 milhões de unidades, comparadas com 17.000 milhões de unidades gastas pelos Estados Unidos em 1918. Uma produção dessa ordem, conclui o senhor Clark, seria evidentemente decisiva.

5. O Japão estaria gastando 35% da sua renda nacional de 13.500 milhões de unidades, ou seja, 4.710 milhões, com armamentos; a União Soviética 25% de uma renda estimada em 24.200 milhões, isto é, 6.000 milhões de unidades internacionais. Sendo evidentemente impossível avaliar que proporção do potencial de guerra russo poderia ser posto à disposição da Alemanha na eventualidade de algum novo acordo entre os dois países, pode-se afirmar, entretanto, que só se tal proporção fosse de 100% é que se

chegaria a uma paridade, no papel, entre as forças mundiais em conflito, tomando em consideração apenas os países aludidos na análise comentada.

[José de Alencar]

v

**OFÍCIO • 05 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[*Índice:*] A política alemã na África.

N. 433

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 5 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

A situação política decorrente da atitude do governo de Vichy continua a merecer a maior atenção por parte do governo britânico mormente no que se refere à infiltração alemã na África e à ação do governo de Berlim no que diz respeito à França e Espanha.

2. As últimas notícias aqui recebidas dizem que os franceses e espanhóis estão neste momento discutindo sobre o futuro do protetorado do Marrocos.

3. Os espanhóis querem aproveitar o enfraquecimento político da França, mas o governo de Vichy procura fazer valer a sua presente atitude em favor de Hitler para anular as ambições espanholas conservando a integridade da zona marroquina.

4. Essa disputa entre franceses e espanhóis é supérflua, pois, todos sabem que os alemães já estão dominando em Marrocos e que finalmente ficará nas mãos de quem possa oferecer mais firmes garantias de completa obediência a Berlim.

5. Os alemães exigem tanto dos franceses como dos espanhóis em Marrocos que abandonem a sua missão civilizadora, os seus interesses, colocando-se incondicionalmente ao serviço da penetração hitleriana na África e quem mais docilmente se prestar a essa política logará [*sic*] o apoio alemão.

6. Não resta, pois, dúvida de que a zona francesa será conservada por Vichy ou terá de ser entregue a Franco, conforme se submetam a Hitler os governos espanhol e francês.

7. Os espanhóis se julgavam fortes em suas pretensões até que se concluiu o acordo Darlan-Hitler, fazendo valer os seus direitos de velhos amigos, mas posteriormente a situação parece ter sido modificada porque para Berlim, no momento, é mais útil o apoio

de Vichy, pois, já obtive da Espanha tudo o que necessitava e esta nada mais lhe pode oferecer.

8. A entrada em guerra da Espanha contra a vontade popular é o único que falta, mas não serviria de grande coisa devido ao extremo esgotamento moral e material do povo espanhol decorrente da grande luta, ao passo que a França mantém quase intacta a sua esquadra que excita a cobiça dos alemães.

9. É evidente que na luta para o protetorado de Marrocos os franceses têm hoje maiores probabilidades de contarem com o apoio nazi do que os espanhóis, o que é fator decisivo porque na realidade, graças à passividade dos franceses e espanhóis, os alemães lograram ser árbitros da situação no norte da África desde o momento em que ambas nações protetoras consentiram que a propaganda do nazismo entre os indígenas fomentasse o movimento nacionalista muçulmano contra o protetorado em geral.

10. Nas rivalidades franco-espanholas o que decidirá finalmente será o peso das populações indígenas manobradas hoje pelos agentes de Hitler tanto contra Madri como contra Vichy.

11. Aqui consideram que os franceses ou os espanhóis ao se submeterem à vontade de Hitler sacrificam o seu próprio destino na África como renunciam à missão protetora que se tinham atribuído e impossibilitados de qualquer ação contra a execução do sonho alemão de hegemonia mundial para o que Berlim não vacilará em despertar e mobilizar a força inimiga de civilização europeia que permanecia adormecida entre os mulçumanos.

12. Poderemos assim nos encontrar dentro em breve diante do extraordinário fato histórico que seria o despertar dos povos semitas, provocado precisamente pela nação que se intitula paladina do arianismo se a França, a Espanha e a Itália, potências europeias que faltam aos seus deveres de zeladores da civilização na África, continuarem ligadas à atual política desenvolvida pelo nazismo.

13. Os meios competentes deste país julgam que não demorará muito tempo para que a ameaça acima referida se concretize e a opinião geral é que tanto no Marrocos francês como no espanhol está sendo apenas esperada a colheita para que irrompa a rebelião dos povos islâmicos provocada deliberadamente pela Alemanha.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 05 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Ajustes marítimos entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.

N. 437

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 5 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

Acaba de ser concluído um ajuste com os Estados Unidos, pelo qual o serviço britânico das rotas marítimas do Canadá e dos Estados Unidos para a Austrália e a Nova Zelândia será feito por navios norte-americanos, enquanto durar a guerra. Segundo notícias de Washington, esse ajuste terá como resultado libertar muitos navios britânicos para o esforço de guerra deste país. Os círculos oficiais ingleses, entretanto, são de opinião que o número de navios libertados não será elevado, mas, não obstante, em princípio acolhem o ajuste com satisfação. Os meios marítimos que, seja lembrado, não dispõem em tempo de guerra de informações precisas, tendem a compartilhar a maneira de ver dos círculos oficiais.

2. Conforme já comuniquei anteriormente (ofício n. 13, de 7 de janeiro último), já desde algum tempo se estava negociando um acordo semelhante. A princípio os Estados Unidos queriam que a Grã-Bretanha assinasse um ajuste contendo estipulações quanto à redistribuição da tonelagem nessas rotas depois da guerra, sobre a base do *status quo* de 1º de junho de 1940. Os ingleses objetaram que essa base não lhes daria uma proporção justa desse comércio e propuseram que a base fosse a do *status quo* de 3 de setembro de 1939. Os interesses norte-americanos não aceitaram essa proposta e o resultado final das negociações é contido nos termos ontem anunciados e que são antes de natureza geral, não entrando em detalhes. Consta que não foi assinado acordo e que não houve nenhum ajuste quanto à proporção da tonelagem a ser redistribuída depois da guerra. O ajuste a que chegaram os dois países tem o caráter de um *Gentleman's agreement*, pelo qual os

Estados Unidos fornecem temporariamente navios para regiões de onde a Inglaterra os retirará.

3. Houve também um entendimento entre os dois países, em consequência do qual todas as taxas de frete para viagens fazendo escala em território britânico e dos Estados Unidos em qualquer parte do mundo serão controlados enquanto durar a guerra.

4. Desde que começou a guerra as companhias de navegação britânicas têm visto com bastante ansiedade que muitos navios neutros começaram a trafegar regularmente nessas rotas, com a evidente intenção de continuar a fazê-lo depois da guerra, enquanto que elas tiveram que transferir seus vapores desses serviços em atenção às exigências do transporte bélico. A fim de evitar que esses países neutros, certos aliados e algumas companhias norte-americanas se aproveitassem dessas circunstâncias de um modo julgado pouco equitável [*sic*], as autoridades britânicas começaram a discutir medidas para controlar as rotas e os serviços em questão. Parece que puderam contar com o auxílio irrestrito das autoridades estadunidenses nesse objetivo. O acordo agora combinado é o resultado dessa colaboração. Em virtude do mesmo, as autoridades dos territórios britânicos e dos Estados Unidos recusarão licenças de exportação ou importação para as mercadorias transportadas em qualquer navio cujas atividades não lhes merecerem aprovação. Destarte, nenhum navio poderá empreender qualquer viagem sem o consentimento prévio das autoridades dos territórios entre os quais deseje comerciar. Concomitantemente foi fixada uma taxa por tonelada mensal para afretamentos periódicos de unidades de companhias aliadas, neutras ou norte-americanas tocando em territórios britânicos ou dos Estados Unidos.

5. Além dos navios norte-americanos, os atingidos pelo novo acordo são uns 30 a 40 navios noruegueses, que até agora comerciavam “livremente”, 25 vapores gregos e considerável número de unidades panamenses. Parece que os entendimentos concluídos entre este país e os Estados Unidos sobre essas questões facilitarão a volta das companhias de navegação britânicas às zonas que elas consideram de sua influência tradicional.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



**TELEGRAMA • 7 JUN 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] Carnes brasileiras para a Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

Em 7 de junho de 1941.

248 – SÁBADO – 12h45 - Em consequência de longo e tenaz trabalho junto ao Ministério da Alimentação, este finalmente consentiu em examinar a possibilidade de compra de produtos de carne em conserva de outras empresas além das de "Armour", "Wilson", "Swift", "Anglo" e Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiro. Conviria, assim, que as empresas interessadas, julgadas idôneas por essa Secretaria de Estado, remetam sem demora informações completas sobre seus diversos produtos e sua capacidade de produção, se possível diretamente a esta embaixada, pelo correio aéreo, indicando o nome de seus representantes aqui. É importante preveni-las de que não existe compromisso por parte do Ministério de Alimentação de que comprará tais produtos; isto dependerá da necessidade eventual e, sobretudo, da garantia oferecida quanto à qualidade, regularidade e fabricação. Convém ainda que na eventualidade de que o Ministério resolva comprar, certamente só aceitará a mercadoria em consignação.

Moniz de Aragão



**TELEGRAMA • 10 JUN. 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] Autorização para embarque de lã.

Da Embaixada em Londres

249 – TERÇA-FEIRA – 10 JUN. 1941 – 12h30 – Referência ao telegrama de Vossa Excelência n. 115. O Board of Trade acaba de solicitar que indiquemos a quantidade total de lã sul africana que o Brasil necessitará até 31 de agosto próximo, antes de resolver

sobre a partida destinada ao Lanifício Minerva. Muito agradeceria a Vossa Excelência habilitar-me a responder. Moniz de Aragão

v

OFÍCIO • 10 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] A viagem do embaixador Winant.

N. 443

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 10 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

A propaganda alemã está fazendo circular nos Estados Unidos boatos sensacionais sobre as causas determinantes da viagem do embaixador americano em Londres que chegou há poucos dias a Washington e já teve várias entrevistas com o presidente Roosevelt e membros d governo americano.

2. Ele tem evidentemente por fim estabelecer entre os múltiplos serviços das diferentes administrações americanas e britânicas uma coordenação mais íntima e prática.

3. As notícias tendenciosas que a propaganda do senhor Goebbels faz circular buscam fazer acreditar que o embaixador Winant teria sido portador de propostas de paz alemãs que teriam sido transmitidas ao governo britânico por intermédio do senhor Rudolph Hess que aqui chegou há tempos fugindo da Alemanha. Nada existe de novo nessas pretendidas propostas que preveem a divisão do mundo entre a Alemanha e o Japão de uma parte do Império britânico e os Estados Unidos de outro lado.

4. Basta apenas dizer que tais propostas são desejos de Hitler, mas não existentes, e que os governos britânico e americano jamais aceitariam concluir a paz sem a queda do nazismo e a destruição da máquina de guerra alemã.

5. O presidente Roosevelt ontem diante dos representantes da imprensa estrangeira nos Estados Unidos disse claramente que os rumores de oferecimentos de paz constituíam uma nova manobra alemã e eu o embaixador Winant tinha ido à Washington para tratar de guerra e não de paz.

6. Vamos assim, como era de prever, que estamos em presença de uma vasta ofensiva de paz cujo fim evidente é paralisar o esforço americano e desmoralizar a opinião pública.

7. Todos sabem que tanto Berlim como Roma estão convencidos que a participação dos Estados Unidos na guerra significa a derrota do Eixo.
8. A outra manobra alemã consiste em fazer crer que o governo britânico teria feito saber ao presidente Roosevelt, pelo embaixador Winant, que não poderá continuar a luta se os Estados Unidos não participem imediatamente da guerra.
9. Essa informação tão falsa quanto a anterior está visivelmente inspirada pela mesma preocupação visando idêntico fim.
10. No momento em que os Estados Unidos, depois da proclamação do seu presidente, se consideram em estado de extraordinário perigo que buscam alcançar o máximo do seu esforço de guerra para ajudar a Grã-Bretanha é natural que os alemães perfidamente busquem estabelecer confusão no espírito dos americanos.
11. Assim os alemães buscam despertar a ideia da possibilidade de uma paz próxima e estabelecem a dúvida sobre a decisão britânica de prosseguir a guerra até a vitória e principalmente sobre a capacidade de resistência dos ingleses.
12. Hitler e seus colaboradores esperam assim afastar os americanos do que dizem ser grave perigo, por se tratar de uma guerra que simulam já consideram como ganha e cuja inutilidade em prosseguir estaria evidenciada pelas negociações que Londres julgaria desejáveis.
13. A opinião pública aqui está profundamente indignada com a divulgação de tais falsidades e foi muito elogiada a atitude franca e resoluto do presidente Roosevelt, estabelecendo a verdade exata dos fatos, desmascarando uma vez mais as manobras dos alemães.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 10 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] As razões econômicas da perda de Creta.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 10 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, no incluso recorte, o editorial do *Financial News*, de 6 do corrente, que faz um exame das causas determinantes da perda de Creta.<sup>5</sup>

2. Diz o referido jornal que há perigo de que a lição de Creta não seja tomada em consideração. É admissível que as autoridades britânicas não tenham feito o melhor uso dos recursos à sua disposição; mas é impossível julgar o assunto, sem dados completos sobre o mesmo. O que não pode, porém, ser desmentido é que a real dificuldade, que o comando das tropas britânicas teve de encarar, foi o fato de estarem seus homens sobrecarregados de tarefas e não terem equipamento suficiente.

3. O editorial acrescenta que aquele que estudar o caso terá de admitir que a verdadeira explicação do desastre de Creta é que a Grã-Bretanha ainda não possui suficiente número de homens preparados e de equipamento de guerra para todas as operações que devem ser executadas no “Middle East”. “A posição seria diferente – afirma o *Financial News* – se, nos últimos seis meses, as reservas econômicas da Grã-Bretanha tivessem sido inteiramente mobilizadas e se, desde setembro do ano passado, a produção de material de guerra houvesse sido uns 25% maior”. A situação também seria outra se este país tivesse podido desviar maior número de navios para aquela região.

4. Em resumo, o *Financial News* sustenta que a principal causa da fraqueza das forças que combatiam em Creta e, portanto, da perda dessa ilha, foi a insuficiente mobilização dos recursos econômicos do país.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

---

<sup>5</sup> Não localizado no volume.

OFÍCIO • 10 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] A independência da Síria.

N. 446

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 10 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

No dia oito do corrente um contingente de forças britânicas e francesas livres entraram na Síria para impedir, segundo os termos do comunicado oficial publicado no Cairo, que esse país se tornasse uma base de operações alemãs contra o Império Britânico.

2. Não se trata de uma operação de conquista destinada a impor à Síria a lei do vencedor, mas de uma ação preventiva que se propõe proteger as populações sírias e libanesas contra a invasão e a dominação alemã, ao mesmo tempo que visa proteger os interesses aliados no Próximo Oriente.

3. As intenções do governo britânico são tão sinceras que a entrada de suas tropas foi acompanhada de uma proclamação do general Catroux, anunciando a independência e a liberdade da Síria e do Líbano previstas pelos próprios termos do mandato confiado à França pela Sociedade das Nações.

4. Os tratados de 1936 que estabeleceram as regras desse mandato não foram ratificados pelo Parlamento francês, mas isso não impediu que as obrigações decorrentes do mesmo devam ser cumpridas.

5. Na proclamação feita no Cairo o governo britânico se associa à política de garantir a independência a esses povos.

6. A situação é, pois, clara no que se refere a esse aspecto da questão e a ação combinada das forças francesas livres e das tropas britânicas na Síria é baseada em uma política comum franco-britânica.

7. A Síria, caso responda ao apelo do general Catroux, beneficiará, no mesmo pé de igualdade que o Império Francês livre, das vantagens de ordem econômica e financeira que o governo britânico já consentiu aos territórios que aderiram ao general de Gaulle.

8. A atitude do governo de Vichy não é menos clara, pois, desde 15 de maio último, quando foi verificada a aterrissagem na Síria dos primeiros aviões alemães, pôde ser estabelecido que o Acordo Darlan-Hitler facultaria a utilização pela Alemanha das bases sírias, violando as condições do armistício franco-alemão e os próprios termos do mandato.

9. A extensão e o volume da ocupação e das infiltrações nazistas já efetuadas na Síria podem ser discutidas, mas é incontestável que o governo de Berlim utiliza os aeródromos sírios e que durante o breve período da insurreição iraquiana fez passar pela Síria aviões e material de guerra para auxiliar os revolucionários, utilizando mesmo certas armas provenientes dos estoques franceses existentes na Síria.

10. A importância estratégica da Síria é de tão grande valor que os alemães tencionavam ocupá-la e o governo de Vichy nada fez contra esse ato.

11. Assim, o dever dos Aliados foi imediatamente indicado e a qualquer preço a Grã-Bretanha e seus aliados deviam evitar que a Síria se tornasse, tanto em relação ao Egito como à Turquia, uma base de ataque contra os aliados do Próximo Oriente e que protegidos franceses fossem entregues aos alemães em violação dos compromissos os mais solenes.

12. A entrada das tropas aliadas na Síria tem, pois, por fim assegurar a vitória comum associando uma Síria e um Líbano livres e independentes.

13. Esse é o ponto de vista dominante neste país e reflete também a opinião do governo dos Estados Unidos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 10 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Mês econômico n. 5. Maio de 1941.

N. 448

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 10 de junho de 1941.

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta respeitosos cumprimentos e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório econômico n. 5, relativo ao mês de maio de 1941, feito pelos Serviços Comerciais desta embaixada.

[Anexo]

(Pelos Serviços Comerciais desta embaixada)

N. 5

Mês econômico de maio de 1941.

O papel dos fatores econômicos no presente conflito vai se evidenciando cada vez mais. Pouco a pouco os dirigentes britânicos vão percebendo não ser possível fugir à necessidade de aplicar à vida de toda a nação um regime severíssimo de racionamento, patenteando-se que o racionamento de uma parte da vida implica forçosamente no de uma outra, ligada à primeira, e assim por diante. A exatidão dessas afirmações provam-no [sic] as medidas cada dia mais numerosas tomadas pelas autoridades britânicas e que afetam todos os aspectos da atividade do país.

2. Durante o mês de maio vários problemas econômicos deram ensejo a prolongados debates e controvérsias, tanto no Parlamento como na imprensa.

3. Em virtude dos acontecimentos que se estavam dando no Iraque, realizaram-se na Câmara dos Comuns alguns debates sobre a política do governo britânico, no que se refere à questão do petróleo. A imprensa também tratou longamente do assunto.

4. Assim, no dia 6 o senhor Hore Belisha fez, naquela Câmara, críticas ao governo, pelo que se estava passando no referido país. A técnica alemã ali, disse, era igual à empregada na Romênia e a recompensa a mesma – o óleo. Na Romênia os campos de óleo não haviam sido destruídos em tempo. O governo devia precaver-se para que a Grã-Bretanha não ficasse em situação desvantajosa no Iraque.

5. Outro deputado, o senhor Shinwell, também criticou, na mesma ocasião, a política econômica do governo, particularmente com relação ao transporte, afirmando que haviam

sido feitas várias declarações inexatas e contraditórias sobre a tonelagem à disposição do país. O programa de substituição dos navios não era tão satisfatório como o governo dizia.

6. Ainda sobre a questão do petróleo da Romênia, o *Financial News*, de 14 de maio, publicou um artigo, muito bem feito, do seu correspondente político. Dizia esse artigo que os círculos políticos do país estavam criticando severamente o fato de não ter o governo tomado medidas para a destruição dos poços de petróleo rumaicos, considerando que a atitude do Ministério da Economia Beligerante, nesse particular, fora demasiado otimista. Esse departamento acreditara que os alemães não teriam a possibilidade de aumentar o volume do petróleo rumaiico que levavam para o Reich. No entanto, já se sabia que a Alemanha e a Itália estavam em condições de transportar o petróleo por via marítima, atravessando os estreitos dos Dardanelos e navegando da costa grega. Desse modo, os dois países poderiam receber não menos de 5.000.000 de toneladas anuais de combustíveis, cifra essa susceptível de aumento considerável, uma vez que a Alemanha explorará intensamente os poços petrolíferos da Romênia, não atendendo a considerações comerciais.

7. O senhor Oliver Lyttelton, presidente do Board of Trade, fez uma importante declaração sobre a política do governo, com relação aos problemas econômicos de agora e de após a guerra, salientando que as autoridades deste país tinham um plano econômico, coerente, compreensível e abrangendo todos esses problemas. Os objetivos do governo consistiam em: mobilizar todo o aparelho industrial, em matérias-primas, a navegação etc., para a produção de guerra; racionar a população civil, para excluir a produção de artigos não essenciais, auxiliando assim o aumento da fabricação de armamentos; mobilizar a mão de obra; impedir a inflação; iniciar a elaboração de planos para depois do conflito. O governo, no momento – disse o senhor Lyttelton –, era quase o único comprador das principais matérias-primas e controlava todos os transportes terrestres e marítimos. Ainda não fora preciso fazer a mobilização, em grande escala, de mão de obra disponível; essa mobilização estava sendo realizada paulatinamente, de acordo com as necessidades das indústrias existentes. A concentração das indústrias, posta em execução, dois meses antes, pelo Board of Trade, estava contribuindo para aumentar o número de operários nas indústrias de guerra. Quanto à inflação, era imprescindível tomar medidas para evita-la, pois ela minava a estrutura da civilização e arruinava quase todas as classes da população. Sendo necessário, para isso, que o dinheiro excedente fosse absorvido, o governo havia estabelecido uma taxa sobre as vendas, impostos diretos sobre os salários mais reduzidos e tomado outras medidas severas, que proporcionavam ao Tesouro a maior



importância que era possível obter por esses meios, sustentando o crédito do governo e facilitando a continuação da sua política de dinheiro barato. Finalmente, o senhor Lyttelton disse que no Board of Trade havia sido criado, meses antes, um departamento especial para estudar os problemas dos primeiros dois ou três anos depois da guerra.

8. Prosseguindo na sua política de fixação de preços e limitação do consumo interno de certos artigos, assim como de controle de exportações, o governo britânico durante o mês de maio adotou algumas novas medidas nesse sentido, sendo firmados novos acordos de pagamento no período em questão.

9. No princípio do mês a imprensa noticiou que os preços de fios de *rayon* seriam elevados, a partir de 1º de junho. Os aumentos iriam até 4d. por libra; alguns tipos, porém, não sofreriam alteração. Os preços de artigos de *tricot* também seriam elevados, provavelmente, na mesma ocasião.

10. O Ministério da Alimentação expediu uma ordem determinando o registro, até 17 de maio, dos estoques de café verde, por todos os negociantes que, no momento do fechamento do mercado, em 30 de abril, eram possuidores de quantidade de café em grão verde superior a uma tonelada líquida.

11. De acordo com o “Defende (Finance) Regulations, 1939”, foram expedidas duas ordens estabelecendo que todas as exportações para Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, excluída a zona do canal, [EI] Salvador e Venezuela, deverão ser pagos em esterlinos de uma conta de América Central, ou em dólares, ou em esterlinos registrados. Os pagamentos a esses países serão feitos em esterlinos a contas da América Central. Essas contas só serão utilizadas para pagamentos à área esterlina. Entre contas da América Central, quaisquer pagamentos poderão ser feitos livremente.

12. O governo britânico e o Conselho de Defesa do general de Gaulle concluíram um acordo econômico, com relação à África equatorial francesa. Por esse ajuste, o governo britânico adquirirá toda a produção de coquilhos, óleo de palmeira, amendoim e gergelim daquela colônia. Comprará também uma considerável proporção da safra de café do mesmo território e grandes quantidades de madeira, assegurando, ao mesmo tempo, a venda de toda a sua safra de algodão. O acordo também garantirá ao Reino Unido certos suprimentos, particularmente de algodão, sementes oleaginosas e madeiras. O governo deste país pagará todas as suas compras em libras esterlinas, ao câmbio oficial de fr[anco]s. 176.625 por libra, colocando as respectivas importâncias a disposição das

autoridades da África equatorial francesa e facilitando a essa colônia, tanto quanto possível, o suprimento de mercadorias essenciais de procedência do Império Britânico.

13. O Board of Trade suspendeu a concessão de licenças para a exportação de estanho do Reino Unido. A suspensão, que no mês passado se limitava às exportações destinadas aos Estados Unidos, ficará em vigor por algum tempo. Essa medida foi adotada devido a quererem os meios oficiais aumentar ainda mais as reservas do metal, existentes aqui. Se algum país, no entanto, tiver necessidade premente de estanho, as autoridades britânicas considerarão o caso, desde que possa ser provado que o produto será utilizado para fins ligados diretamente ao esforço de guerra do Reino Unido.

14. Os jornais desta capital divulgaram que o ministro do Abastecimento, agindo por intermédio do novo controlador da borracha, *sir* Walrond Sinclair, ia tornar-se o único importador desse produto no Reino Unido. Isso resultara de conversações realizadas entre o Ministério e a Rubber Trade Association. Os círculos interessados, segundo a imprensa, ficaram bem impressionados com os termos do acordo.

15. O Internacional Rubber Regulation Committee resolveu, em sessão do dia 21 de maio, que a quota de exportação de borracha continuará a ser, para o 3º trimestre do corrente ano, de 100% da produção básica. A percentagem de embarques de borracha dos países produtores, nos três meses a terminar em 30 de setembro, será assim a mesma dos dois primeiros trimestres do ano em curso. O comitê, no entanto, poderá, a seu juízo, reexaminar essa decisão.

16. No tocante à política britânica de desenvolvimento da produção de certos artigos essenciais, são de interesse as informações abaixo sobre a indústria siderúrgica do país.

17. A posição dos *Midlands*, relativamente a esses produtos, sofreu pouca alteração no mês de maio. A procura continuou num nível alto, [com] grandes quantidades da matéria-prima em questão tendo sido distribuídas por uma extensa área.

18. A produção de aço para fins de guerra, direta ou indiretamente, foi bastante intensificada na região de Sheffield. Houve uma grande procura de *basic steel* e a enorme produção foi facilmente absorvida.

19. No norte da Inglaterra, a continuação de uma produção excepcionalmente elevada e o considerável aumento das importações dos Estados Unidos e dos domínios permitiram uma forte expansão na distribuição do aço e do ferro. Embora o material disponível para a indústria ordinária seja ainda muito limitado, os suprimentos são suficientes para as atuais necessidades decorrentes do esforço de guerra.

20. O comércio do aço e do ferro na Escócia continuou ativo em todos os ramos. A produção de material acabado foi destinada principalmente a fins ligados ao esforço da guerra.

21. A possibilidade do exame periódico da vida econômica do país dependia em grande parte do estudo regular das cifras do comércio externo. Estas permitiam verificar o volume das mercadorias entradas no país, ou pelo menos o seu valor e do mesmo modo o superávit da produção industrial que era exportada. Durante o primeiro ano de guerra e por mais algum tempo o Board of Trade publicava esses dados no concernente ao valor do comércio, tendo deixado de dar o volume logo no início do conflito. Desde o começo do corrente ano, entretanto, não mais foram publicadas estatísticas do comércio exterior, nem sequer resumidas, e a sua falta constitui uma grande lacuna no material disponível para o estudo da economia britânica.

v

**OFÍCIO • 11 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Controle da exportação britânica para o Brasil.

N. 451

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 11 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

As medidas tomadas pelo governo britânico, submetendo a exportação de todas as mercadorias destinadas ao Brasil, Chile, Peru e Colômbia ao regime de licenças prévias (*Export of Goods (Control)* (n. 6) *Order* – ofício n. 238, de 21 de março último, e anteriores), têm dado ensejo a constantes reclamações por parte dos comerciantes e exportadores ingleses.

2. A importante revista *Food Manufacture* referiu-se à posição do comércio de exportação do Reino Unido para o Brasil e os demais países acima indicados, em artigo publicado em seu número de 1º do corrente.

3. Tratando de explicar aos comerciantes as razões que motivaram a ordem em questão, a revista afirma que o Board of Trade bem compreendeu as dificuldades e os

prejuízos causados pela medida e não a teria imposto se não houvesse surgido uma situação que necessitava de uma solução drástica. O Board of Trade teme que será necessário manter em vigor essa ordem, razão pela qual a revista passou a dar algumas indicações sobre os princípios que orientam o destino das exportações e a praxe atual do Export Licesing Department.

4. Eis o que informa a *Food Manufacture* a esse propósito:

Nem todas as exportações têm nas presentes circunstâncias um valor igual. O Reino Unido está usando uma grande quantidade de material, grande parte da sua capacidade produtora e mão de obra na fabricação de armamentos, só podendo dar outro emprego a esse material e mão de obra, isto é, utilizá-los na fabricação de mercadorias para exportação, quando essas exportações são necessárias para obter mercadorias indispensáveis. As exportações desejáveis podem assim ser classificadas em três categorias:

- a) Exportações para países com moedas-dólar ou cujas moedas são facilmente convertíveis em dólares;
- b) Exportações para a área esterlina, satisfazendo necessidades desses países, sem o que estes teriam que se abastecer alhures, pagando dólares;
- c) Um volume limitado de comércio controlado com todos os países amigos, volume esse que dependerá das disponibilidades em matérias-primas, capacidade de produção, mão de obra e transporte;

As exportações para os quatro países atingidos pela ordem (quando forem de interesse para o Reino Unido, o que em geral não acontece atualmente) cabem na classe c. A necessidade de limitar essas exportações pelo regime das licenças decorre da limitação das importações no Reino Unido ao estritamente indispensável. Esse estado de coisas desenvolveu-se rapidamente desde a ida da missão Willingdon à América do Sul. Uma grande parte dos artigos normalmente importados da América Central e do Sul não é indispensável nas presentes circunstâncias. O governo britânico, aliás, tem feito grandes compras especiais para atender à necessidade premente de esterlinos, nesses países; há, porém, um limite a tal política e não é razoável que a Inglaterra compre produtos de que não precisa, e que provavelmente só poderá transportar com grande dificuldade, com o único objetivo de fornecer a esses países esterlinos a serem empregados no pagamento de mercadorias de que há aqui pouca quantidade e que poderiam ser dirigidas com vantagem alhures. Em vista dessas circunstâncias, e não obstante o prejuízo e dificuldades decorrentes para os exportadores e importadores nos países em questão, as exportações de mercadorias inglesas têm que ser restringidas, de acordo com um critério variável. Um

dos objetivos em vista é assegurar o pagamento daquelas exportações que puderem ser feitas. Alguns exportadores são de opinião que a data do pagamento das mercadorias é assunto que lhes diz respeito, mas o Board of Trade não pode concordar com essa atitude, pois, sendo limitadas a quantidade disponível de matéria, a capacidade de fabricação e a mão de obra, é essencial de onde se possa obter uma compensação satisfatória sem tardança.

5. Prossegue o artigo dizendo que, no que diz respeito ao Brasil, o Board of Trade está atualmente concedendo licenças, com relativa facilidade, para mercadorias cujo valor é elevado, em comparação com o do material empregado na sua fabricação, e para as quais é utilizada pouca ou nenhuma matéria-prima importada.

6. A revista termina suas observações, evidentemente inspiradas pelo Board of Trade, dizendo que, em certos casos especiais, aquele departamento autoriza a exportação para os quatro países em questão:

- 1) Quando se puder comprovar, normalmente por um certificado de banco, que as mercadorias serão pagas por um saque à vista ou por crédito irrevogável, ou que tenham já sido pagas em dinheiro neste país;
- 2) Mercadorias despachadas da fábrica antes da entrada em vigor da ordem, em 6 de março último;
- 3) Mercadorias, tais como máquinas, fabricadas especialmente para o país de destino e que não possam ser vendidas em outros mercados;
- 4) Mercadorias que não serão revendidas e aquelas destinadas a alguma fábrica ou empresa produzindo artigos básicos, ou para estradas de ferro ou outros serviços públicos essenciais.

O Board of Trade, entretanto, não se acha em situação de permitir exportações para esses destinos (Brasil, Chile, Colômbia e Peru) quando fundamentadas apenas no fato de que as mercadorias respectivas tenham sido fabricadas como resultado de uma encomenda desses países.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 12 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Mês militar n. 2.

N. 454

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 12 de junho de 1941.

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta os seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório militar n. 2, relativo ao mês de maio próximo passado.

[Anexo]

Mês militar n. 2

Os dois acontecimentos mais importantes do mês de maio foram o afundamento do couraçado alemão *Bismark* e a ocupação da ilha de Creta por forças alemãs quase que exclusivamente transportadas por via aérea. De ambos estes fatos poder-se-á fazer algumas observações, das quais a mais interessante é a preponderância da aviação na batalha tanto terrestre como naval.

2. Poder-se dizer que foi a falta de auxílio aéreo necessário que ocasionou o desastre das armas britânicas em Creta. Quando se encerrou a campanha da Grécia, os britânicos dispunham de três aeródromos na ilha para os quais foram transferidos os seus aparelhos de caça e bombardeio: “Maleme”, “Retimo” e “Heraklion”, enquanto que os alemães tinham só em Atenas dois que podiam proporcionar-lhes viagens de ida e volta de menos de 400 milhas. O aeródromo mais próximo de que dispunham os alemães era o de Melos, apenas distante noventa milhas de Creta.

3. Nessas circunstâncias a Royal Air Force, não podendo empregar a sua aviação de caça, viu-se obrigada a retirar-se para a base britânica mais próxima no deserto ocidental,

a quatrocentas milhas, no extremo limite do voo de um “Hurricane”. Tentou-se adaptar aos “Hurricanes” tanques especiais para voos de grande distância com os quais eles efetuaram ataques; mas isto não deu os resultados esperados e teve de ser abandonado.

4. Deve ser notado que os aparelhos de bombardeio alemães que tomaram parte no ataque contra Creta o fizeram sempre com uma forte escolta de caças. Em várias ocasiões os aviões de bombardeio britânicos obtiveram nos seus ataques sucessos notáveis, mas finalmente foram dominados pela superioridade numérica do adversário.

5. Os alemães começaram a reunir as suas forças aéreas mais ou menos em 12 de maio e naturalmente a Royal Air Force procurou imediatamente destruir essas concentrações; aí também a ausência de proteção adequada, devido a distância das bases, fazia essas operações durante o dia demais perigosas. Viu-se a Royal Air Force reduzida a agir somente à noite.

6. A aviação alemã, por não encontrar suficiente oposição aérea, pode-se dizer mesmo que nenhuma, tornou insustentável a posição das tropas de terra que defendiam a ilha e que, se não fosse esse fato, teriam podido repelir os ataques das primeiras forças inimigas, relativamente pouco numerosas e insuficientemente armadas, que foram transportadas por via aérea.

7. Cumpre que se observe a nova técnica adotada pelos alemães no desembarque das suas tropas trazidas em aparelhos de transporte e em planadores. Um dos traços característicos dessas operações foi a absoluta despreocupação em poupar o material; os aviões transporte tinham por missão despejar os seus homens o mais próximo possível de um ponto determinado, sem levar em consideração nem o risco de serem destruídos por um mau *atenissage* [sic] ou pela ação das forças adversas.

8. No afundamento do couraçado *Bismarck*, também o papel da aviação foi importantíssimo. Primeiro o trabalho de procura levado a efeito com tanta eficácia e coragem pelo hidroavião *Cataline*, que conseguiu localizar o navio. Depois a participação primordial dos aparelhos lança-torpedo dos navios porta-avião *Victorious* e *Ark Royal*.

9. Esses fatos deixam supor que se a aviação ainda por si só não é suficiente para dominar os armamentos terrestres e navais, o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento tendem a dar-lhe uma atuação quase que decisiva na guerra.

10. Pode-se admitir que se a Alemanha ainda não atacou as Ilhas Britânicas foi, não tanto pela oposição da esquadra inglesa, que nas “águas estreitas” do canal da Mancha e do mar do Norte poderia ter a sua ação prejudicada, nem pelo obstáculo que os 35 quilômetros de água que as separam do continente são para as unidades mecânicas, mas

sobretudo porque aqui a superioridade aérea alemã não é absoluta. Qualquer preparação de invasão tem de contar com os ataques da Royal Air Force que a podem destruir.

11. Para nós a aviação deve interessar especialmente. Se admitirmos a hipótese do ataque por uma potência que tenha suas bases na costa da África ocidental, este realizar-se-á provavelmente, guardadas as proporções, da mesma maneira por que o [d]a ilha de Creta. Também o fato de não podermos atualmente dispor de uma marinha de guerra suficientemente forte para, por si só, policiar e proteger a nossa enorme linha de costa, nos deve levar a desenvolver o mais ativamente possível o nosso poder aéreo, menos dispendioso e mais de acordo com as nossas necessidades.

12. Na Alemanha, na Itália, nos Estados Unidos e neste país, já antes da presente guerra, se procurava popularizar a aviação entre as jovens gerações. Na Alemanha e na Itália a introdução dos cursos de planadores nos colégios secundários muito fez pelo seu desenvolvimento. Os rapazes habituavam-se desde muito moços a ver no voo não mais o perigo, mas o desporte palpitante.

13. Para a aviação de motor foram criadas nesses países um grande numero de escolas civis, a preços populares, que encontravam da parte dos governos toda as facilidades. Neste sentido há atualmente na Inglaterra uma instituição bem interessante chamada: “The Air Training Corps”.

14. O seu objetivo é dar aos jovens colegiais, rapazes de 14 e [sic] 18 anos, um tirocínio preparatório para a Royal Air Force. São cursos elementares de aeronáutica realizados por professores do próprio colégio ou por instrutores especiais, sem prejuízo dos estudos normais. Quando os rapazes atingem a idade militar, um grande número deles não só já tem um conhecimento bastante útil de aviação, como também ganharam [sic], em razão desses cursos que gozam de grande popularidade, o gosto pela quinta arma. Turmas das diferentes organizações do Air Training Corps, acompanhadas por instrutores, visitam, geralmente aos sábados à tarde, os campos da Royal Air Force e as fábricas de aviação onde recebem explicações adequadas.

Paraquedistas britânicos. Em estreita cooperação com o Exército e a Royal Air Force, já há algum tempo vem treinando uma força de tropas paraquedistas. Elas são atualmente submetidas a exercício intenso e são compostas de homens cuja seleção física e moral é rigorosíssima. A primeira vez que foi oficialmente anunciada a atuação dos paraquedistas britânicos foi quando desceram no sul da Itália há alguns meses. Esses pioneiros já montam a diversos milhares e serão o núcleo ao redor do qual o Exército



britânico criará até o fim do ano umas poucas brigadas. Infelizmente não se pode obter dados mais completos sobre essa arma, pois são guardados em segredo.

Tanque VIB. O tanque ligeiro britânico VIB já prestou relevantes serviços em várias frentes da presente guerra. É um veículo pequeno e de fácil manejo, que transporta uma tripulação de três homens, dos quais um é o comandante que dirige o veículo e trabalha com o rádio. Os outros são o artilheiro e o motorista. Pesando mais ou menos cinco toneladas, o tanque pode alcançar uma velocidade de 30 milhas a hora em estrada e de 20 milhas em terreno difícil. A sua direção é na frente, o motor está colocado na parte dianteira do veículo, e transmite a força através do eixo dianteiro. Nesse tipo a torre de artilharia não funciona mecanicamente, mas é manejada à mão e, em geral, armada com metralhadoras de .5 e .303 polegadas. A espessura da couraça é naturalmente menor que nos tipos de tanques mais pesados, oferecendo, entretanto, uma boa proteção.

Londres, 12 de junho de 1941.

Moniz de Aragão



OFÍCIO • 13 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] Conferência dos Aliados.

N. 456

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 13 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

O Palácio de St. James foi ontem o cenário de uma cerimônia de significação histórica.

2. Os ministros de Estado britânicos, os altos comissários dos domínios e os ministros dos governos exilados em Londres, numa declaração solene, comprometeram-se a prestar mútua assistência na luta contra a opressão alemã e italiana até a vitória final e a estabelecer uma paz duradoura com a cooperação voluntária dos povos livres.

3. O senhor Churchill inaugurou a reunião pronunciando um memorável discurso, em que exprimiu com característico vigor e eloquência a sua condenação aos ultrajes contra a humanidade, simbolizados pelas ruínas de Varsóvia, Roterdã e Belgrado, bem como o seu desafio a Hitler, Mussolini e Darlan. O primeiro-ministro terminou a sua oração reafirmando a sua confiança na vitória e com uma mensagem de encorajamento.
4. Incluso segue um recorte do *Times*, relatando o acontecimento, de que já me ocupei no telegrama n. 256 desta data.<sup>6</sup>

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 13 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Política germano-russa.

N. 457

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 13 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

Desde a conclusão do Tratado de 23 de agosto de 1939 a Alemanha e a Rússia têm seguido caminhos paralelos, evitando com cuidado as possíveis causas de eventuais desacordos e riscos de conflitos até o dia em que a política nazi e suas necessidades estratégicas fizeram com que os interesses de Hitler e de Stalin se tenham demonstrado como contrários um ao outro.

---

<sup>6</sup> Não localizado no volume.

2. Depois da capitulação de junho de 1940, o chefe do Kremlin se precipitou em tomar precauções do Báltico ao mar Negro com a incorporação dos três países baltas e da Bessarábia, supondo constituir uma linha de proteção.
3. Entretanto, no mês de outubro do ano passado Hitler ocupava a Romênia; em março último se apoderava da Bulgária; no mês seguinte esmagava a Iugoslávia anulando a influência moscovita nos Balcãs e as forças alemãs desenhavam assim um semicírculo em torno das terras e das águas russas.
4. Durante longo tempo Stalin supôs, e talvez ainda acredite ser possível, manter a orientação política que tinha adotado e que se resume no desejo de completa neutralidade e defesa da independência nacional.
5. Em novembro de 1940, por ocasião da visita do senhor Molotov a Berlim, o governo russo recusou participar do acordo da Tríplice, mas em abril último concluía com Tóquio em tratado de neutralidade que constitui uma espécie de garantia e contrapeso. O Japão então se comprometeu a respeitar a integridade territorial da União Soviética e de se manter neutro no caso de vir ela a ser atacada por uma terceira potência.
6. Essa manifestação de independência da parte de Moscou desagradou a Berlim, onde a irritação ainda mais aumentou quando Moscou, algumas horas antes da invasão da Iugoslávia pelos alemães, assinava com Belgrado um pacto de amizade e de não agressão.
7. Desde então Stalin, que concentrou todo o poder em suas mãos sob o título de presidente do Conselho, multiplicou as manifestações exteriores de sua boa vontade em relação à Hitler como estando desejoso de calmar-lhe os nervos. Deve ser recordado a denúncia das relações diplomáticas da Rússia com os governos norueguês, belga, iugoslavo e grego.
8. Hitler, porém, exige mais e como fez anteriormente com a Áustria, Tchecoslováquia, Polônia e mais recentemente com a Romênia, Iugoslávia e Bulgária, concentrou agora sobre a Rússia a sua principal atenção e nessa direção dirigiu a sua guerra de nervos anunciando ora um acordo e ora uma ruptura de relações.
9. Além disso, instalou em todas as fronteiras russas desde a Finlândia até a Bessarábia um imponente dispositivo militar, cada dia reforçado, como se o ataque fosse inevitável e próximo.
10. Na realidade a guerra relâmpago tendo, devido à resistência britânica e do auxílio americano, cedido o lugar a uma guerra de usura, Hitler não pode se comprometer e sustentá-la sem ter de uma forma ou de outra a livre disposição e o domínio do imenso

reservatório de homens e de matérias-primas que limita a Este as fronteiras da Nova Ordem.

11. As relações germano-soviéticas entram em uma fase de prova do que podem valer a vontade e a força.

12. O governo russo tudo fará para adiar o conflito e seguir estabelecendo o equilíbrio nas suas relações com a Alemanha e a Grã-Bretanha, mas provavelmente com mais vantagem para Berlim.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

**OFÍCIO • 16 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Política germano-russa.

N. 460

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 16 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao meu ofício n. 457, do dia 13 do corrente, devo acrescentar o que se refere à posição assumida pelo governo de Moscou que, buscando um arranjo com Berlim, divulgou pela agência Tass um comunicado que constitui um processo usual da diplomacia soviética quando quer dar grande realce a um dos seus atos.

2. A agência Tass fez publicar ontem uma explicação oficial cujo pretexto ou uma das razões é a campanha de informações sobre a iminência de um conflito germano-russo.

3. Em Moscou parecem dar a essa campanha uma origem parcialmente britânica, o que é injusto, pois o principal centro de irradiação foi e continua a ser Berlim.

4. O comunicado de Moscou define na realidade a posição do governo soviético, em face do problema em que se colocaram as relações germano-russas, desde mais ou menos dois anos, depois da conclusão do tratado de não agressão entre a Rússia e a Alemanha.

5. Essa posição pode ser definida da seguinte forma: 1º) a Rússia se mantém fiel à sua política de neutralidade e à atual fórmula das relações germano-soviéticas, tal como foi definida no pacto de 23 de agosto de 1939; 2º) a Rússia afirma que a Alemanha guarda a mesma atitude e que o pacto de 1939 fica, para Berlim como para Moscou, a lei determinante nas relações dos dois países; 3º) nenhum novo pacto ou acordo é previsto, nenhuma negociação está em curso e a Alemanha não apresentou à União Soviética qualquer nova exigência.

6. Assim a Rússia por sua parte não deseja mudança na sua política internacional e não formará qualquer iniciativa contrária ao pacto Ribbentrop-Stalin.

7. Isso foi dito tanto para tranquilizar Berlim como para esclarecer as demais nações sobre as intenções do governo soviético.

8. O comunicado de há dias contém também indicações interessantes sobre o movimento de tropas. No que se refere à Rússia, esses movimentos foram devidos às manobras do seu exército e quanto à Alemanha não devem, na opinião russa, ser dirigidos contra Moscou, pois o pacto de 1939 continua a regular as relações das duas potências.

9. Em conclusão, o comunicado russo deve ser considerado como uma tentativa dos soviéticos para manter as relações germano-russas dentro do quadro previsto e ajustado e, sobretudo, para obrigar Hitler a mostrar exatamente quais são os seus propósitos.

10. De qualquer forma, essa atitude não pode determinar uma melhoria nas relações anglo-russas que muitos aqui julgavam poder obter e já se fala que o embaixador britânico em Moscou, atualmente nesta capital, não regressará ao seu posto, retomando o seu lugar na Câmara dos Comuns, da qual é membro.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 16 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] Política britânica de exportação.

N. 465

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 16 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

As modificações havidas na política de exportação adotada pelo governo britânico em meses recentes e que, entre outras medidas, levaram-no a submeter a exportação destinada ao Brasil, Chile, Colômbia e Peru ao regime de licenças, o que equivale à sua limitação, têm dado ensejo a contínuas e severas críticas por parte dos círculos comerciais. Essas críticas salientaram, sobretudo, a inutilidade nessas circunstâncias da ida da missão Willingdon à América do Sul.

2. O *World's Press News*, de 12 de junho, noticiou haver recebido novas críticas procedentes da América do Sul a esse respeito, mostrando que justamente quando a missão partiu, o governo resolveu subitamente restringir as exportações para o Brasil e outros países do nosso continente. Assim mesmo, na eventualidade de ser possível a venda de modas e tecidos britânicos em nossos países, tornar-se-ia impossível exportá-los. O resultado, diz o correspondente do citado jornal, é que “(...) os alemães e os sul-americanos estão-se rindo de nós”. Na opinião do mesmo correspondente, a confissão mais prejudicial feita pelo governo foi a declaração de *lord* Forres de que “(...) mesmo o governo não sabia qual seria a política de exportação de um dia para outro”, dizendo, a esse propósito, que “se o senhor Oliver Lyttelton, seus conselheiros e o resto do governo não são capazes de tomar uma decisão sobre esse assunto num sentido ou em outro, de maneira a determinar uma política de exportação a longo termo, então, sim, estamos numa posição deveras angustiosa”.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores



**OFÍCIO • 18 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Lista negra naval. Navios transportando mercadorias inimigas para a América do Sul.

**N.**

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 18 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

Confirmando o meu telegrama de ontem, tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que o Ministério de Economia Beligerante publicou um aviso segundo o qual todos os navios que fizerem transporte, ou receberem transbordo, de mercadorias de origem inimiga, destinadas a portos sul-americanos, serão incluídos na lista negra naval (“Ships Statutory List”). Esses navios, assim, não mais poderão utilizar as facilidades de seguro e abastecimento de carvão, sob o controle dos Aliados.

2. A imprensa desta capital diz que essa medida tem por fim impedir o transporte de mercadorias, por mar, entre a América do Sul e os países inimigos da Europa. Muitos armadores – acrescentam os jornais –, embora não mandem seus navios a portos na zona beligerante, para receber produtos destinados à América do Sul, não se negam a fazê-los tocar nos portos de Lisboa e Cadiz, para os quais os países do Eixo levam esses produtos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores



[Índice:] Política econômica. Artigo do *The Economist*.

N. 469

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 18 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

O *Economist* de 14 do corrente publicou um artigo intitulado “Behind the Battle”, sobre certos aspectos da batalha de Creta e os debates havidos sobre a mesma Câmara dos Comuns. O artigo examina o lado puramente militar da questão e a afirmação do primeiro-ministro de que os críticos leigos que não conhecem todos os dados não podem chegar a conclusões definitivas. Opina que há mais de um indício de que os métodos usados pelas tropas inglesas no combate terrestre não correspondem à necessidade da guerra moderna, salientando a vantagem da Alemanha em número de tropas e material como o fator que lhe dá a superioridade militar. Termina essa primeira parte do artigo com a frase: “O único e verdadeiro fundamento da resposta do senhor Churchill às críticas é o fato de este país não possui ainda a força material para frustrar inimigo no estrangeiro (fora das ilhas britânicas)”.

2. A raiz desses males militares acha-se, diz o *Economist*, na produção e na política econômica. Alude às declarações feitas pelo senhor Menzies, primeiro-ministro da Austrália, que mostrou ter havido número demasiado pequeno de aviões e navios, e a esse propósito pergunta se a produção de armamentos neste país já atingiu o mais alto nível possível, prosseguindo:

(...) há fundamento para os que dizem que o povo britânico continua a viver e a trabalhar de um modo que não é apropriado ao perigo terrível em que se encontra. Usinas de guerra têm falta de mão de obra até para executar o seu programa atual, enquanto que milhões de homens e mulheres estão fazendo um trabalho em lojas e escritórios que poderia bem ser dispensado. A deficiência dos suprimentos de fumo, com relação à procura crescente e insaciável por parte da população civil, cria uma “crise” e as autoridades continuam a manter o direito de cada proprietário de automóvel, qualquer seja sua necessidade, a uma ração básica de gasolina. Esta não é a atmosfera verdadeira de uma nação em guerra. Também não reflete o modo de sentir de um povo livre e determinado. É em parte o produto dos temores dos políticos, o temor de solicitar aos eleitores coisas desagradáveis e penosas e o temor de abrir mão de um interesse privado... é em parte também o produto



de um hábito adquirido de regatear, hábito que já se tornou inerente aos *leaders* industriais, operários e também aos chefes dos partidos políticos. Em vez de cooperação, o que se obtém é uma transação entre interesses contrários e a senha é sempre *quid pro quo*.

3. Em seguida o artigo censura severamente aqueles que são de opinião que tudo quanto é possível fazer já está sendo feito para acelerar o esforço de guerra. Estes, diz, se parecem a certo ministro de Estado que, ao lhe ser sugerida no princípio da guerra alguma ação econômica drástica no Reino Unido, respondeu que isto, esperava, não seria necessário, pois muito antes se daria o colapso da Alemanha. Não se pode, entretanto, segundo o *Economist*, atribuir a culpa da inferioridade material da Inglaterra unicamente aos governos passados, não sendo possível sustentar que o governo atual tenha feito tudo, dentro dos poderes extraordinários que lhe foram conferidos no ano passado, para mobilizar os recursos econômicos da nação. Critica o esquema de mobilização ideado pelo senhor Bevan, achando que não é satisfatório, tendo em vista que o poder de produção do país é necessariamente limitado pela mão de obra, material e fábricas para a manufatura de artigos não indispensáveis nas presentes circunstâncias, sendo sobretudo necessário basear toda a estratégia econômica de guerra no emprego mais eficiente e inteligente da praça marítima disponível.

4. O problema de transporte merece especial atenção do articulista. Reconhecendo as enormes dificuldades com que tem que lutar o governo, acha por isso mesmo que, em consequência da limitação imposta ao volume de materiais, que pode ser importado pela tonelagem reduzida, a qual vai sofrendo novas perdas dia após dia, se impõe um exame mais severo da situação. Pergunta se a decisão do Ministério da Alimentação de não racionar o pão é bem fundamentada, quando uma diminuição no consumo do mesmo, o uso de farinha de batatas e uma utilização maior de pão feito com o trigo inteiro teria como resultado libertar anualmente alguns milhões de toneladas de praça. As importações de carne, queijo, açúcar e gorduras, afirma o *Economist*, asseguraram maior quantidade de calorias para a praça utilizada do que as importações de trigo. Os peritos em matéria de alimentação, declara, afirmam que o Reino Unido está importando entre 12 a 14 milhões de toneladas de gêneros alimentícios, quando poderia importar apenas de seis a sete milhões, se os mesmos fossem bem escolhidos. Uma política alimentícia dessa natureza implicaria evidentemente mais do que simples decisões econômicas. Tornaria necessário um controle completo sobre a produção e distribuição de gêneros alimentícios.

Importaria: em racionamento geral; em alimentação conjunta em escala muito maior; numa política de salários estudada especialmente com o fim de assegurar a cada família uma dieta mínima; numa política comum para a agricultura.

5. Eis mais um trecho do artigo resumindo as críticas que o *Economist*, com a sua autoridade, faz à política ou ausência de política econômica do governo britânico:

(...) Não há dúvida que uma política econômica de guerra completa e real importa em decisões sociais que se estendam a toda a vida da nação; tais decisões não são fáceis, quando se age passo a passo e empiricamente. O processo de mobilizar a mão de obra e as máquinas, por exemplo, fica estorvado gravement[e] pela relutância tradicional em compensar os industriais e comerciantes pelos prejuízos que essas mudanças lhes causam. Estes, devendo continuar a trabalhar a risco próprio, naturalmente tendem a retardar uma política que, muito embora essencial para o esforço de guerra, lhes ameaça seu ganho. Eles obstruem essas medidas e, querendo manter a sua renda à medida que vai diminuindo sua produção, tornam-se *profiteurs*. O operariado age do mesmo modo nessa luta para obter uma vantagem e o espírito da unidade nacional é quebrado. Existem poucas desculpas para os interesses privados, seja do lado dos empregadores, seja do do operariado, se se tem em conta as consequências de uma derrota e se toma em consideração o sacrifício dos combatentes; não há desculpa alguma para o *profiteur*. Mas uma política que de fato tornasse todos os produtores e distribuidores agentes da comunidade para o tempo da guerra, sem prejuízo para as suas liberdades após a terminação do conflito, não deixaria a quem quer que fosse o menos [*sic*] vestígio de uma justificação para proceder de modo contrário ao interesse da nação. E tal política possibilitaria a utilização máxima de mão de obra, fábricas, direção, materiais, boa vontade e lealdade.

Essas observações formuladas por um órgão da responsabilidade do *Economist* são severíssimas. O estado de coisas retratado no artigo – e que não é novidade – mostra mais uma vez a dificuldade, inerente ao regime, de reunir ao mesmo tempo as vantagens e prerrogativas da liberdade de comércio com a necessidade, imperiosa em tempo de guerra, de submeter todas as atividades econômicas do país a um programa estabelecido com o único escopo de melhor e maior utilização dos recursos nacionais.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



**OFÍCIO • 18 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] Situação política.

N. 471

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 18 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

Conforme já tive o ensejo de informar pelo telégrafo, embora afastado o perigo de uma crise ministerial decorrente dos acontecimentos de Creta, continuando o primeiro-ministro a merecer a mais ilimitada confiança do Parlamento e da nação, persistem, porém, os boatos sobre a iminência de acontecimentos sensacionais no terreno internacional e tudo permite crer que dentro em pouco serão feitas certas modificações na política interna britânica.

2. Aparentemente nada transparece que qualquer causa capital esteja em jogo, mas os prognósticos dos meios políticos bem informados acreditam na possibilidade de uma próxima reorganização do gabinete que seria feita em duas etapas. A primeira seria destinada a estabelecer um rejuvenescimento ou uma espécie de fortalecimento de certos serviços com a utilização de um pessoal escolhido sem preocupação de classes. A segunda etapa consistiria na inclusão no gabinete de um certo número de estadistas dos domínios, o que vem sendo reclamado com insistência crescente tanto aqui como em todo o Império.
3. A razão principal dessas reformas serem feitas parceladamente pode ser achada nos próprios termos da recente declaração do ministro Churchill, na Câmara dos Comuns, considerando como excelente a ideia da reunião de uma conferência imperial, acrescentando, porém, não poder no momento ser mais explícito sobre a questão de um gabinete imperial.

4. Daí pode talvez ser concluído que somente no decurso dessa conferência, facilmente convocável em qualquer momento, poderiam ser fixadas definitivamente as modalidades sobre a formação de um governo ou diretório do Império tão desejado e esperado.

5. Nada, porém, impede que desde já estejam sendo estudadas as bases dessa futura combinação e que já estejam, como muitos afirmam, sendo feitas conversações preparatórias indispensáveis, seja pelo telégrafo ou por meio de contato entre os representantes dos diversos domínios interessados.

6. Enquanto, porém, não é alcançada essa segunda etapa é sobre o dignificado da primeira que se concentram atualmente as especulações dos círculos políticos.

7. Em todo o caso, a ideia de reorganização do gabinete mais do agrado do primeiro-ministro parece ser de que seja alterado o menos possível o mecanismo governamental embora existam sérias dificuldades a esse respeito.

8. Desde logo o Ministério de Informações seria reformado, provavelmente com a substituição do seu titular, o senhor Duff-Cooper, que seria possivelmente transferido para outro posto no governo.

9. Um jornal dos mais autorizados sugeriu ontem que o senhor Emery atual secretário de Estado das Índias, fosse nomeado para o Ministério de Informações depois de reorganizado, o que permitiria na mesma ocasião confiar o estudo e a solução do delicado problema político das Índias a um homem jovem e com ideias mais modernas e práticas.

10. O que, porém, é vaticinado por um grande número de pessoas ligadas ao Parlamento é que parece inevitável, com a reforma da equipe ministerial, ser feita uma mudança radical da política interna no sentido da adoção oficial e definitiva de uma real economia mais de acordo com a situação do momento, isto é, a harmonização e coordenação pela autoridade central de todos os aspectos da atividade nacional.

11. A distribuição dos produtos alimentícios e de outros tais como petróleo, minerais, algodão etc., deverá ser feita de tal maneira que as necessidades da defesa nacional possam desde logo, em qualquer momento, ter prioridade absoluta sobre toda e qualquer outra consideração.

12. A opinião dos políticos concorda em geral, desde algum tempo, em recomendar a racionalização muito mais rigorosa para o esforço da guerra no seu conjunto, principalmente no que se refere à supressão total do petróleo para o uso de particulares, baseado na necessidade de utilização mais larga dos produtos do solo metropolitano,

permitindo assim consagrar maior tonelagem para a importação de produtos diretamente destinados a defesa e essenciais à alimentação.

13. Finalmente não poderá deixar de ser examinada a regulamentação mais severa no que se refere ao importantíssimo problema da mão de obra, evidentemente o objeto de maior preocupação do governo e que tem feito hesitar em acelerar a transposição de uma para outra etapa devido ao risco a que se expõe de ser acusado de tendências autoritárias.

14. Efetivamente no último fim de semana os discursos dos ministros Bevin e Attle, exortando os operários a ativar e aumentar rapidamente o rendimento dos seus trabalhos, demonstram que o governo estaria resolvido a alcançar o limite extremo no sentido de um apelo à boa vontade de todos, mas ninguém se ilude quanto ao fato de que nos aproximamos do momento em que serão absolutamente necessárias e inadiáveis certas decisões de caráter social mais apropriadas com a gravidade da situação e da luta em que o país está empenhado.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



TELEGRAMA • 19 JUN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Guerra na Europa. Relações germano-russa e o acordo turco-germânico vistos de Londres.

Da Embaixada em Londres

261 – QUINTA FEIRA – Em 19 de junho de 1941 – 15h00 - O assunto das relações germano-russas, intimamente ligado ao conflito da Síria, continuam a preocupar seriamente o governo britânico, o qual se mantém em permanente contato com Washington. As últimas notícias sobre a Rússia apresentam a situação como muito grave, parecendo iminente um ataque alemão apoiado pela Rumânia para recuperar a Bessarábia.

Os círculos londrinos bem informados não se mostram demasiado alarmados, considerando as notícias exageradas e como parte da guerra de nervos para obrigar a Rússia a aderir ao eixo e consolidar, assim, a política da nova ordem européia. Não excluem, porém, a possibilidade de que a Alemanha seja obrigada a atacar a Ucrânia, em vista da extrema necessidade de abastecer-se de trigo e petróleo. O avanço dos aliados na Síria está encontrando mais resistência, tendo sido assinalada a presença de aviões alemães cooperando com os franceses. O acordo turco-alemão causou aqui impressão desagradável, tendo sido considerado como êxito diplomático de Berlim, embora menor do que Hitler desejava, pois esperava obter imediatamente a utilização na Turquia de bases de penetração no Levante. Ninguém se ilude sobre as futuras consequências do acordo. Os alemães estarão melhor colocados para continuar a pressão, cada vez mais forte, sobre Ankara. O comunicado oficial declara que para o governo britânico não foi surpresa tendo sido sempre informado sobre o andamento das negociações, e mantendo-se cordiais as relações anglo-turcas. Moniz de Aragão



OFÍCIO • 19 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] Relações germano-russas.

N. 472

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 19 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

A questão relativa às relações germano-russas, intimamente ligadas ao desenvolvimento das operações na Síria, permanece como de máxima importância nas preocupações dos meios diplomáticos e militares de Londres, os quais continuam considerando como exagerados os boatos provenientes de diversas capitais ligadas ao Eixo e lançados pela propaganda do senhor Goebbels.

2. Em todo o caso ninguém nega, inclusive os próprios russos, a existência de uma forte concentração de tropas alemãs na fronteira russo-alemã calculada em mais ou menos 110 divisões e todos concordam que se trata de uma demonstração de força destinada a obrigar Stalin a fazer concessões a Hitler.

3. Segundo opiniões autorizadas é possível que um acordo já tenha sido combinado entre Moscou e Berlim e que os alemães mantenham suas tropas ao longe da fronteira moscovita não somente para esconder o seu jogo, mas também para prevenir a uma eventual ruptura do referido acordo por parte dos russos.
4. Os mencionados meios acreditam que esse acordo trataria principalmente de uma delimitação de zonas de influência no oriente, pela qual a Rússia deixaria a Alemanha com liberdade de agir na Turquia, Síria e no Iraque, mas, por outro lado, teria obtido de Berlim seguranças de que o Reich não intervirá no Irã.
5. Deve ser notado a esse respeito que os russos consideram sempre o Irã como incluído na zona que julgam dever proteger e que existe além disso um acordo entre Teerã e Moscou nesse sentido.
6. Convém igualmente ser lembrado a presença de imponentes massas de soldados soviéticos no Cáucaso, na fronteira russo-grega a este do mar Cáspio.
7. Resta saber se, além dessa divisão de zonas de influência, os russos foram obrigados a fazer outras concessões, o que parece provável e tudo depende dos planos estratégicos do Estado-Maior alemão no caso possível dos alemães estarem resolvidos a lançar uma ofensiva sobre a Síria, Palestina e golfo Pérsico, o que lhes permitiria escolher entre três pontos de partida. O primeiro seria de Creta e de Rodes diretamente para a Síria, via Chipre; o segundo através [d]a Turquia e o terceiro pelo mar Negro, utilizando os portos rumaicos via Batoum<sup>[E16]</sup>.
8. Na terceira hipótese, a cumplicidade russa seria indispensável convindo, porém, saber se Moscou está disposto a correr o risco de permitir a passagem das tropas alemãs pelo território russo.
9. Deve ser observado que, segundo informações de origem americana, quase toda a marinha mercante rumaica está armada e pronta a sair dos portos no mar Negro.
10. Na opinião de técnicos militares, a invasão da Síria ou do Iraque, via Batoum, seria mais fácil para os alemães e mais rápida do que qualquer outro meio e assim o Estado-Maior do Reich não deixará de insistir com russos para obter a utilização da base de Batoum e junto aos turcos para o trânsito de suas tropas no interior de sua fronteira oriental.
11. Uma outra possibilidade, a do ataque direto à Síria pelos ares e por ar, pressupõe a ocupação da ilha de Chipre e isso acarreta graves riscos.
12. Resta, pois, a possibilidade de os alemães atacarem diretamente a Turquia atravessando a Anatólia, mas isso não é julgado provável, pois, nesse caso os dirigentes

de Ancara tratariam de fazer qualquer acordo com Berlim, mormente se de fato for sabido que os russos estão de acordo com os alemães.

13. No caso pouco favorável dos alemães invadirem a Turquia, a empresa seria longa e penosa, pois, os seus exércitos não poderiam avançar senão lentamente pela falta de boas estradas e de aeródromos.

14. A rápida terminação da atual campanha na Síria é, pois, julgada de vital importância para permitir aos ingleses de melhor defenderem aquela região, o Iraque e naturalmente o canal de Suez e o Egito e nesse sentido estão sendo ativadas as operações ali em curso.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



TELEGRAMA • 20 JUN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Guerra na Europa. Relações germano-russas.

Da Embaixada em Londres

263– Sexta Feira – 20 de junho de 1941 – 13h00- Persiste o boato de agravação das relações germano-russas, ocupando a atenção da imprensa e interessando vivamente a opinião pública. Os círculos oficiais continuam com cepticismo sobre os ataques alemães e a única informação exata é que grandes contingentes de tropas alemãs continuam chegando à fronteira russa. Parece-me que o principal objetivo imediato de Hitler é obrigar, a todo custo, o governo da Rússia a aderir ao pacto do eixo, que se recusou em Novembro último. As notícias da apresentação de ultimatum e outras exigências alemãs foram postas em dúvida pelo Foreign Office, sem contudo excluir que sejam as intenções do governo alemão fazê-lo, caso a Rússia resista ultimar um acordo. Moniz de Aragão



**OFÍCIO • 20 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[*Índice:*] O acordo germano-russo.

N. 476

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 20 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

A conclusão do tratado de amizade germano-turco é sem dúvida na ordem diplomática a última consequência, até a presente data, do colapso francês e também decorre do desenvolvimento da campanha dos Balcãs e da ocupação pelos alemães da Grécia e das ilhas do mar Egeu.

2. O Tratado de Ancara, de 19 de outubro de 1939, era, como Vossa Excelência sabe, um acordo tripartida entre a Turquia, a Grã-Bretanha e a França.

3. O governo turco por esse ato adotou abertamente de fato a política das democracias ocidentais na ocasião em que a Rússia soviética, sua aliada, nos últimos quinze anos, se colocava na posição de uma potência benevolmente neutra em relação à Alemanha.

4. Essa adesão turca implicava por parte dos Aliados na obrigação de lhe dar um apoio ativo, fornecimentos de material bélico, e de manter um exército no oriente pronto a intervir quando necessário ao lado dos turcos.

5. No dia 23 de junho do ano passado a capitulação de Rethondes suprimiu o exército francês da Síria, então comandado pelo general Weygand, fez cessar o abastecimento de material de guerra francês e deixou a Turquia sem defesa em face às forças ítalo-alemãs.

6. O governo turco teve então o mérito de não perder o seu sangue frio e se recusou a denunciar a aliança com a Grã-Bretanha e França que desde então sem qualquer outro compromisso passou a ser um acordo bilateral.

7. Hoje ainda ele mantém o tratado de 1939 como se deduz do próprio texto do acordo de 18 do corrente mês e das declarações feitas pelo primeiro-ministro otomano.

8. Entretanto, a pressão alemã tinha sido extremamente forte desde um ano e o governo de Ancara sucessivamente por uma evolução lenta transformou a aliança ativa

em uma posição de não beligerância, de acordo com o precedente italiano, para chegar a uma posição de equilíbrio entre o Reich e o Império Britânico.

9. Depois que as colunas motorizadas alemãs completaram a conquista dos Balcãs e avançaram até as ilhas do mar Egeu, controlando praticamente a entrada dos Dardanelos e do golfo de Smyrna, o cerco das terras e das águas turcas a oeste ficou fechado.

10. Somente graças à rapidez com que os ingleses dominaram a revolta do Iraque e interviram na Síria pôde ser mantida ao sul uma comunicação livre entre a Turquia e a Grã-Bretanha.

11. Essa última circunstância contribuiu certamente a reforçar a resistência turca, em face das exigências de Berlim, e tudo parece indicar que se forem atacados, os turcos poderão ainda opor-se contra uma penetração nazista na Anatólia.

12. Assim, sob o ponto de vista dos Aliados, a conclusão do Tratado germano-turco representa mais o reflexo da situação em que se acham os turcos do que uma tendência de mudança de orientação política em relação aos países em luta.

13. Não resta dúvida que os processos alemães conseguiram vencer a resistência turca e que a assinatura do acordo em questão causou neste país uma desagradável impressão, pois, representa uma vitória diplomática do senhor von Pappen e de ora avante Berlim poderá agir na Turquia com mais facilidade. Isso, aliás, é bem compreendido aqui e ninguém se ilude que a propaganda do senhor Goebbels vai aproveitar esse êxito para mostrar o prestígio da política para o estabelecimento da nova ordem europeia e será aproveitado como arma a ser usada pelo *führer* para obrigar a Rússia a adotar a essa mesma política como, aliás, as últimas notícias já indicam.

14. Deve ser dito que o governo britânico, conforme um comunicado que acaba de divulgar, foi sempre informado das negociações entre Berlim e Ancara e considera que o governo turco agiu com perfeita lealdade.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



TELEGRAMA • 23 JUN. 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Guerra na Europa. Guerra germano-russa. Atitude da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos da América.

#### Da Embaixada em Londres

264 – SEGUNDA-FEIRA – 23 de junho de 1941 – 12h45 – O ataque alemão contra a Rússia é objeto das atenções gerais não tendo causado surpresa, apesar dos círculos oficiais ingleses terem duvidado, até o último momento. O primeiro ministro declarou que a Grã-Bretanha dará todo o possível apoio material e moral à Rússia, em face desta nova agressão, salientando, contudo, que este apoio não modifica sua opinião com relação ao comunismo, que sempre combateu. Acredita-se, aqui, que os Estados Unidos da América acompanharão a Grã-Bretanha auxiliando a Rússia, visto como uma rápida vitória alemã será apenas o prelúdio de maior esforço dos nazis para dominar o mundo e de ameaça às Ilhas Britânicas. Embora o rádio de Moscou anuncie a possibilidade de uma aliança anglo-americano-russa, aqui o assunto não é ainda encarado sob esta forma; apenas é previsto contato mais íntimo entre os Estados Maiores e [FALTA SEGUNDA PÁGINA]

Moniz de Aragão



**OFÍCIO • 23 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3**

[Índice:] A guerra germano-russa.

N. 479

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, 23 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

O inevitável acaba de se realizar com a ordem de Hitler de fazer marchar o seu exército contra a Rússia.

2. Tudo demonstrava desde uma semana, e como telegrafei a Vossa Excelência, que a Alemanha e a Rússia estavam empenhadas em uma prova de vontade e de força da qual deveria resultar ou a submissão completa de Moscou ou a guerra

3. A segunda alternativa prevaleceu e a guerra que Stalin, julgando servir aos seus interesses e da União Soviética tinha querido evitar ou retardar tanto quanto possível, finalmente lhe foi imposta pelo chefe do nazismo que até ontem jogava com ele como parceiro.

4. No dia 1º de outubro de 1939, algumas semanas depois do acordo germano-russo, de não agressão, o senhor Churchill fez interessantes declarações dizendo:

Não posso prever qual será a ação da Rússia, pois, isso é um enigma, um mistério quase indecifrável. Talvez exista uma chave representada pelo interesse nacional russo. Não pode ser conforme a esse interesse ou à segurança de Moscou que a Alemanha se instale nas margens do mar Negro ou que ocupe os Estados balcânicos e que escravize as populações do sudeste da Europa. Isso seria contrário aos interesses vitais da Rússia. Nesse ponto os interesses moscovitas se orientam na mesma direção que os da Grã-Bretanha e da França.

5. A Rússia acabou por dar razão, embora tardiamente, a essa profecia do senhor Churchill, pois que contrariamente a todas as previsões de origem alemã, Stalin aceita a luta e Molotoff chama o povo russo às armas.

6. O conflito inscrito na história entre o germanismo e o eslavismo, sejam quais forem os dirigentes do momento e suas ideologias, se repete.

7. Não existe nada de verdadeiro na conspiração anglo-russa imaginada pelo *führer*.

8. Por uma reviravolta rápida, Hitler destrói o que adorou e venera o que queimou.

9. Ele retoma a sua fase do *Mein Kampf*, de chefe da cruzada anticomunista. É uma das explicações dessa ação imprevista que parece bem se assemelhar a um golpe de desespero.

10. Acuado pela resistência britânica e pela intervenção americana para uma longa guerra, o *führer* quer, tentando restabelecer a união do povo alemão e a unidade do partido nazi, assegurar-se por meio de uma campanha fulminante a posse das riquezas russas de matérias-primas e quer igualmente esmagar o exército moscovita para afastar a temida ameaça para preparar o dia em que resolva mais livremente investir contra a Grã-Bretanha.

11. Ele conta com uma repetição da campanha da Polônia e das batalhas do ocidente.

12. Desta vez, porém, os alemães encontram um adversário que dispõe de um material considerável e de reservas imensas de homens superiores às do Reich, talvez no entretanto com preparo técnico militar inferior.

13. Seja qual for o resultado da batalha gigantesca que está tramada a este da Europa entre os dois colossos, a vantagem imediata e futura parece incontestavelmente pertencer à Grã-Bretanha e a seus aliados, pois, esse novo esforço usa a máquina de guerra alemã e permite tanto ao Império Britânico quanto aos Estados Unidos a intensificar suas produções bélicas.

14. Em 1914, a presença da Rússia ao lado dos Aliados salvou a França e pela ofensiva na Prússia oriental permitiu a vitória da Marne. Em 1940, a ausência da Rússia tornou possível a derrota da França depois do esmagamento da Polônia.

15. A entrada em cena da Rússia neste verão de 1941, parece constituir um elemento decisivo no duelo em curso entre Hitler e a Grã-Bretanha, Rússia e demais aliados.

16. O senhor Churchill uma vez mais não se enganou e no discurso irradiado ontem à noite anunciou que o governo britânico estava, nas atuais circunstâncias, ao lado da Rússia para auxiliar com todos os seus recursos a resistência ao agressor.

17. Acrescentou que a causa da Rússia é a de todos os homens livres do mundo e que embora tenha sempre combatido o comunismo, adotava esta atitude que de nenhuma forma modificava o seu modo de pensar em relação à teoria em questão. Prometeu que a Grã-Bretanha dará à Rússia todo o auxílio e jamais fará qualquer paz de compromisso com os alemães.

18. Acrescentou que o perigo de que a Rússia está ameaçada é idêntica para este país e para os Estados Unidos.

19. As últimas informações indicam que o governo americano apoiará também a Rússia e assim a coalizão dos povos está em marcha contra o inimigo comum.

20. Junto remeto a Vossa Excelência o texto do discurso do primeiro-ministro acima mencionado.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 23 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] Desenvolvimento das indústrias na América Latina.

N. 481

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 23 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, o texto de um artigo publicado pelo *Economist*, de 21 do corrente, sobre o desenvolvimento das indústrias na América Latina.

2. Diz esse artigo, entre outras coisas, que, de 1914 a 1935, a Argentina aumentou sua produção industrial de 79%, mas o Brasil de 502%. A política econômica do presidente Getúlio Vargas – acrescenta a revista – começou a dar frutos, no campo industrial, em 1934, e nenhum outro país no mundo, exceto a Rússia, aumento[u] tanto, proporcionalmente, sua produção industrial. Há hoje em dia, cerca de 1.250.000 trabalhadores registrados nas indústrias brasileiras, uns 30% estando empregados na produção de têxteis.

3. O artigo salienta ainda que esse enorme desenvolvimento foi acompanhado de legislação social adequada, tendo sido alcançado unicamente com a utilização de recursos nacionais.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 23 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] Dados estatísticos referentes ao Brasil para a revista *The Economist*, de Londres.

N. 483

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 23 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício n. 463, de 16 do corrente, levo ao conhecimento de Vossa Excelência que a revista *The Economist*, atendendo a pedido desta embaixada, comunicou que terá prazer em incluir o Brasil entre os países a respeito dos quais dá informações comerciais, sob a forma de estatísticas, no seu *Trade Supplement*, que agora está sendo publicado trimestralmente (em março, junho, setembro e dezembro).

2. Para esse fim, a referida revista salienta ser indispensável que, em princípios de cada um dos meses acima citados (março, junho, setembro e dezembro), lhe sejam entregues as estatísticas relativas à importação e exportação, aos preços de atacado e ao custo da vida, no nosso país (ofício n. 463).

3. o *Economist* solicita ainda que lhe sejam remetidos, caso possível, os índices anuais e mensais da produção industrial do Brasil.

4. Muito agradeceria, assim, a Vossa Excelência a bondade de determinar providências no sentido de ser esta missão habilitada a fornecer a essa revista os dados estatísticos acima, dentro dos mencionados prazos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 23 JUN.1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] Publicações econômicas para a revista *The Economist*.

N. 484

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 23 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

A revista *The Economist* dirigiu-se a esta embaixada, por carta de 20 do corrente, informando haver perdido em um dos últimos bombardeios, todas as informações estatísticas que possuía sobre o Brasil, e dizendo que, em vista da crescente importância do nosso país como um centro industrial, muito desejaria receber algumas publicações oficiais que tratem de nosso desenvolvimento econômico (produção, comércio, preços etc.).

2. Enviamos à referida revista, sem demora, exemplares dos trabalhos “Comércio exterior do Brasil”, do Ministério da Fazenda, “Brasil, 1939/1940” e “Minas e minerais do Brasil”, e muito agradeceríamos a Vossa Excelência a bondade de determinar providências no sentido de que essas e outras publicações lhe sejam sempre remetidas, diretamente e com toda a regularidade possível.

3. Sugiro ainda que seja enviada a essa revista a edição, em inglês, do “Observador econômico e financeiro”, cuja publicação, segundo soubemos, vai ser iniciada.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 24 JUN 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Guerra na Europa. Colaboração anglo-russa contra a Alemanha.

Da Embaixada em Londres

267 – TERÇA FEIRA – Em 24 de junho de 1941 – 12hs.30 - Reinou, ontem, grande atividade diplomática, sendo especialmente notadas as sucessivas conferências entre o embaixador russo e o embaixador americano, o qual teria dado garantias satisfatórias sobre as disposições do governo americano em relação à Rússia, e afirmado o perfeito acordo com as declarações do primeiro ministro sobre as atividades do governo britânico.



A situação da Polônia em face da atual política com a Rússia, merece especial atenção deste governo, bem assim a da Finlândia em relação à Alemanha. É iminente a partida de uma missão britânica para Moscou, composta de altas personalidades do Exército, da Marinha e da Aviação e de técnicos dos três serviços. Também é prevista a partida de uma missão econômica. Aceitando o oferecimento e o apoio dos efetivos britânicos, Stálin também prometeu a colaboração militar, econômica e comercial russa e manifestou a mais viva satisfação em receber a missão inglesa. Foram feitas declarações, ontem, pelo embaixador russo, quando examinou com o ministro dos Negócios Estrangeiros o plano de colaboração anglo-russo a ser realizado de acordo com o governo americano. A ofensiva aérea britânica contra a Alemanha e as bases aéreas e parques industriais dos países ocupados continua intensa, tendo sido abatidos 83 aviões em três dias, contra 16 britânicos. MONIZ DE ARAGÃO



OFÍCIO • 26 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] Declarações feitas pelo senhor Anthony Eden.

N. 490

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 26 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

No incluso recorte<sup>[E17]</sup>, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o texto das declarações feitas ontem na Câmara dos Comuns pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, sobre os acontecimentos que precederam a invasão da Rússia.<sup>7</sup>

2. O senhor Eden desmente as alegações do senhor Ribbentrop de que os soviets estavam de acordo com a Grã-Bretanha para atacar a Alemanha pelas costas. Ao contrário, disse ele, os nossos esforços em prol da colaboração anglo-russa e para induzir a Rússia a entrar numa união com os Balcãs foram baldados pelo receio desta de complicar as suas relações com o Reich, em virtude do pacto russo-alemão.

3. O senhor Eden mais que havia advertido o embaixador russo das informações que dispunha sobre o iminente perigo de um ataque alemão.

---

<sup>7</sup> Não localizado no volume.

4. Em seguida, passou o ministro a expor as medidas de colaboração militar e econômica assentadas com o governo russo, bem como a posição britânica com respeito à Polônia, dizendo textualmente:

A Grã-Bretanha tem menos comunistas que qualquer outra nação europeia. Sempre execramos o seu credo, mas não é este que está em jogo. A Rússia foi traiçoeiramente invadida, sem aviso ou provocação. Os russos estão se defendendo contra o homem que procura dominar o mundo, exatamente a nossa tarefa... Uma vez mais a Polônia é um campo de batalha, uma vez mais está sofrendo sem ter culpa. O povo polonês tem tido uma história ingrata. Pela sua coragem, em momento de provação sem par, ele conquistou o direito e há de reaver a sua liberdade. Essa redenção continua sendo um compromisso nosso.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 27 JUN.1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] Incidente anglo-espanhol.

N. 494

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 27 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

Estou informado de que o senhor Eden, durante a entrevista que teve anteontem com o duque de Alba, manifestou-lhe claramente o desagrado do governo britânico em face de recentes manifestações ocorridas em Madri diante da embaixada britânica.

2. Nessa mesma ocasião perguntou ao embaixador espanhol como era possível que na capital de um país amigo uma potência estrangeira pudesse organizar tais

demonstrações, que não somente constituem uma verdadeira intromissão na política externa da Espanha, pois visa perturbar as relações entre Londres e Madri, mas constitui, além disso, uma afronta à soberania espanhola.

3. Aqui em geral acreditam que os alemães procurarão explorar o mais possível esse incidente em favor de sua propaganda no que diz respeito à suposta cruzada anticomunista, sendo, pois, julgado necessário que o governo britânico denuncie publicamente o modo pelo qual os nazis, tão satisfeitos com as reações espontâneas da população espanhola, instigam os manifestantes e ofendem o governo e Madri para tentar lograr os fins que têm em vista.

4. O fato, devendo ser denunciado, deve também ser evitado no futuro e esse ponto o ministro Eden fez bem sentir ao duque de Alba.

5. Idêntica diligência à que foi feita aqui em Londres foi incumbida ao embaixador britânico em Madri junto ao governo espanhol.

6. As notícias hoje divulgadas pela imprensa indicam que o general Franco deu ao governo britânico inteira satisfação pelo desacato sofrido pela embaixada inglesa em Madri.

7. O governo espanhol também assegurou ao embaixador britânico que tais manifestações não se repetiriam e que as autoridades competentes estavam agindo para a punição dos culpados.

8. Nessas condições, o incidente pode ser considerado como encerrado, mas a agitação na Espanha incentivada pelos alemães persiste, o que está preocupando este governo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 30 JUNHO 1941 • AHI 28/2/3

[Índice:] Manobra da política alemã.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 30 de junho de 1941.

Senhor Ministro,

Há dias, em conversa com um dos mais altos funcionários do Foreign Office, pude colher algumas interessantes informações sobre certas manobras da política alemã em relação à Rússia.

2. Assim, me foi dito que no mesmo momento em que o chanceler Hitler encarregava o seu embaixador em Ancara de tentar obter do ministro dos Negócios Estrangeiros da Turquia que interviesse junto ao governo britânico no sentido de obter uma possível colaboração em uma luta contra os russos, acusava Moscou de ter querido se apoderar de algumas bases navais turcas.

3. O meu informante declarou ser absolutamente falso que durante as conversas de Berlim, em novembro do ano findo, o senhor Molotov tenha pedido o apoio de Hitler para ocupar bases turcas próximas aos Dardanelos, sendo, aliás, bem preciso o recente desmentido do governo russo a esse respeito.

4. Na realidade o *führer* convidou o senhor Molotov a aderir ao pacto tripartido, instigando a União Soviética a colaborar na formação da nova ordem europeia, da qual então julgava a Rússia não poderia deixar de participar. Acusando agora os russos de terem más intenções contra os turcos, espera poder explicar a desconfiança de Ancara em relação a Stalin e cavar o obstáculo que neste momento os separa.

5. A diligência junto ao ministro Saradjoglou era audaciosa e entrava no quadro da nova política baseada na pseudo cruzada contra o comunismo. Tratava-se, como disse, de fazer propor ao governo inglês por intermédio dos turcos, que se mantêm aliados da Grã-Bretanha, de se conservar pelo menos neutra em caso de um conflito russo-alemão.

6. Sem dúvida, o embaixador Von Papen repetiu nessa ocasião o desejo do *führer* de concluir com o Reino Unido uma paz que deixaria intacto o Império Britânico, uma vez que depois do esmagamento da Rússia a Europa ficaria inteiramente unida sob o domínio de Berlim.

7. As informações aludidas indicam que o primeiro-ministro turco levou sem demora o fato ao conhecimento do embaixador britânico e coincidiu que na véspera o senhor Churchill tinha, em nome do governo, formalmente indicado a posição da Inglaterra. Nessa ocasião, o primeiro-ministro britânico declarou, como já informei anteriormente,

que “o perigo que a Rússia está correndo é idêntico ao da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos e que qualquer homem ou nação que combater Hitler terá nossa ajuda”. Nessas condições a diligência turca ficou praticamente anulada e nem mesmo chegou a merecer qualquer exame.

8. Tratando-se de informações dignas de todo o crédito, julguei sem demora leva-las ao conhecimento de Vossa Excelência para os devidos fins.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 1 JUL 1941 • AHI 28-2-4

[Índice:] Material bélico para o Exército brasileiro.

N. 503

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 1 de julho de 1941

Senhor Ministro,

Confirmando os meus telegramas n. 274 e 276, de ontem e hoje respectivamente, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência cópia da carta que acabo de receber do "Foreign Office", a respeito da autorização concedida para o embarque, em navio americano, de Lisboa, do material bélico destinado ao Exército e constante da lista inclusa e que também fez objeto do telegrama de Vossa Excelência n. 149, de 27 de junho último.

2. Além do referido material foi concedido navicert igualmente para 79 caixas contendo maquinismos para fabricação de metralhadoras, que se encontram atualmente em Lisboa e para as quais não havia sido solicitado pedido formal.

3. Segundo a informação do Foreign Office o governo dos Estados Unidos já foi autorizado a informar o nosso governo dessa concessão, na convicção de que uma tal decisão seria agradável ao governo brasileiro.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]

FOREIGN OFFICE, S.W.I.

1st July, 1941

My dear Ambassador,

I am writing to confirm what I told senhor Souza Leão on the telephone, namely that His Majesty's government have informed the United States government, in reply to their request, that we are ready to grant unhindered passage on a United States ship, from Lisbon to Rio de Janeiro via New York, of a consignment of German war material, in which your government is understood to be interested and the details of which are specified on the list which accompanies this letter.

When this request was preferred, mention was also made of further 79 cases of material for the manufacture of machine guns, now lying at Lisbon. No actual request was put forward, in respect of these 79 cases but His Majesty's government have authorized the United States government to inform the Brazilian government that His Majesty's government are glad to offer to accord unhindered passage by the same means to this material, as well as to that specified on the enclosed list, in the belief that such action on our part would be agreeable to the Brazilian government.

I have no doubt that the United States government have already informed your government of the above, but, since senhor Souza Leão told me that you had received a telegram from Rio de Janeiro on the subject, the contents of which were not quite clear to you in the absence of more detailed information, I felt that you might like to hear from us what the exact position is.

Believe me,

My dear Ambassador,

Yours sincerely,

(a) J.V.PEROWNE.

His Excellency

Senhor J.J. Moniz de Aragão, C.B.E.

[*Anexo*]

N. A 4691/23/6

12-75 millimeter (C/34) gun carriages. The barrels are ready in Brazil

2-75 millimeter (C/34) gun barrels.

9 caissons for 75 millimeter (c/34) guns.

6,000 percussion fuses for 75 millimeter (C/34).

5 "Krauss-Maffei" tractors for 88 millimeter (C/56) anti-aircraft guns.

8 "Matra" repair trailers.

4 "Wikog" gun directors for 88 millimeter (C/56) anti-aircraft batteries.

1 Pump for pressure testing.

11 Echo sounding installations.

2 cases ship machinery spares.

51 pieces containing electrical material for water works installations[sic].

1 traction machine for mechanical tests

1 shock testing machine.

Confere:

[assinatura]

Datilógrafo-arquivista.

Conforme:

[assinatura]

1º secretário.



**OFÍCIO • 01 JUL 1941 • AHI 28-2-4**

[*Índice:*] Material bélico para o Exército brasileiro.

N. 508

Mês político n. 7

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 1 de julho de 1941

A Sua Excelência o senhor secretário de Estado das relações exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n. 7, relativo ao mês de junho próximo passado.

Moniz de Aragão

[Anexo]

Mês político n. 7

A 22 de junho, data precisa em que, há 129 anos, Napoleão atravessava a mesma fronteira, foi levantada a cortina de um grandioso drama - a invasão da Rússia pela Alemanha - acontecimento que surpreendeu e empolgou a atenção mundial. Churchill revelou-se um profeta. Faz meses que previu em discurso a este ataque contra os Soviets; Stalin havia sido por ele prevenido, e os comunistas ingleses foram igualmente advertidos da próxima reviravolta. Entretanto o golpe foi dado com relativa surpresa. É certo que a semana que o precedeu fora de rumores alarmantes. Mas, ao desmentido de Molotov seguiu-se o desmentido alemão de que perigasse a paz entre os dois países. Embora ninguém tivesse ilusões sobre a ambição de Hitler ou sobre o seu respeito à palavra empenhada, poucos acreditavam que a sua ousadia fosse tão longe, arriscando-se a uma guerra desnecessária, pois era evidente que os alemães conseguiriam da fraqueza de Stalin o petróleo e o trigo de que necessitam. A campanha agora iniciada põe antes em perigo a utilização dessas vantagens econômicas. A menos que haja um colapso rápido ou uma revolução interna na Rússia - talvez a cartada com que Hitler conta, - os alemães não poderão obter o suprimento normal desses estoques por algum tempo.

A verdade é que a invasão é uma aventura militar exigida por Hitler e pelos chefes da Reichswehr, contra o voto da diplomacia de Ribbentrop e de Wilhelmstrasse. Hitler não quis entrar em acordo. Consta que os termos propostos por aquele ministro ao embaixador soviético, na véspera da invasão, eram tais que esse retrucou serem



inaceitáveis. Parece que constavam da cessão da Ucrânia e da Transcaucasia pelo prazo de 40 anos e da desmobilização do Exército Vermelho.

Essa decisão deve ter sido ditada pela confiança nazista em que o exército alemão liquidaria com o poder militar dos Soviets, antes de que a Grã-Bretanha, com o auxílio americano, pudesse atacar o Reich; em outras palavras ela visa assegurar a retaguarda da Europa pan-germânica, batendo seus inimigos um a um. Hitler evidentemente está certo de que pode ganhar a guerra mediante uma série de golpes rápidos e fulminantes. Segundo seus cálculos, este ano de 1941 deverá ser decisivo.

Mas talvez o *fuehrer* se equivoque. Mesmo que ele consiga a vitória rápida que antevê, poderá ver-se envolvido [sic] em dificuldades que não possa controlar ou limitar.

Prudentemente, Churchill não alimentou o mesmo otimismo fácil quando falou naquele mesmo dia 22, que a maioria dos comentadores expressou pela imprensa. Se os alemães não conseguirem essa vitória fácil a empresa resultará num desastre fatal para os nazis. Mas se a tiverem, será uma grande vitória que abalará as democracias. Na sua magistral proclamação, o primeiro ministro rebateu a suposta "cruzada pela civilização européia contra o Bolchevismo", que Hitler anunciou. A agressão nazi não é uma cruzada, disse ele, mas simplesmente o prelúdio do ataque contra a Inglaterra e contra os Estados Unidos. Churchill, longe de apoiar o credo comunista, classificou-lhe os defeitos como se não distinguindo dos do nazismo. Todo o mundo civilizado é contra o comunismo, disse ele. O apoio que os russos deram aos alemães com o pacto de agosto de 1939, não lhes grangeou [sic] amigos. Churchill foi o legítimo porta voz de quase todos os ingleses, quando disse ser um inimigo do Bolchevismo, de há vinte anos, e que assim continuaria. Mas esta guerra não é de ideologias. É uma oportunidade estratégica que todos os governos, que se defendem contra a agressão nazista, tem o dever de aproveitar. Os russos, que resistem a essa invasão, receberão, portanto, toda a assistência possível do Império britânico. É uma questão de bom senso. Seria absurdo recusar-lhes cooperação. "Todos os que combatem o nazismo terão o nosso apoio; todos os que marcham com Hitler, serão nossos inimigos", eis a síntese com que ele enquadró o problema.

Foi, pois, um ato de indiscutível habilidade a decisão imediata de promessa britânica. Pôs fim a uma campanha de rumores, que a missão pacífica de Hess alimentará. Sendo o plano de Hitler dividir as opiniões, impunha-se uma liderança como a de Churchill para arrastar todos aqueles que se acham encajados [sic] nessa guerra contra a dominação mundial do ditador alemão.

A lição que res[s]alta dessa nova fase é a de que mais um neutro, que tudo fez para ficar à margem do conflito e que confiou no Pacto de Amizade e não-agressão, que lhe oferecera a Alemanha, foi por seu turno alcançado pelas chamas da guerra, quando assim o exigiram os interesses do *Reich*. Nisto a situação dos russos é idêntica a dos poloneses ou a dos holandeses e belgas. Somente os russos também haviam sido reincidentes e cínicos agressores. Metade da Polônia, os Países Báltics<sup>xvi</sup>, parte da Finlândia, a Bessarábia e a Bucovina foram as iscas com que a Alemanha lhes acenou para deles obter isolacionismo. Mas, nem por isso, nem por merecer o castigo pela defecção de 1939 poderia ser outra a política da Grã-Bretanha - a mesma que ela adotou em relação aos demais neutros, vítimas da agressão hitleriana-. O fato de que esse neutro é uma grande potência, militarmente equipada, só poderia tornar tal decisão mais evidente e inevitável. Logo a aprovaram os domínios. Seguiu-lhe os passos a administração americana, que prometeu a assistência dos Estados Unidos e descongelou em Nova York os créditos soviéticos, no total de 100 milhões de *dollars*.

Outra, porém, é a posição da Finlândia, da Romênia e da Polônia. As duas primeiras permitiram que a Alemanha utilizasse seus territórios como base para o ataque, mas enquanto os romenos tomaram parte na ofensiva, a Finlândia declarou-se neutra até que os russos bombardearam suas cidades. As relações da Grã-Bretanha com a Romênia estão cortadas. É natural que os finlandeses queiram reconquistar o que perderam para a Rússia. Mas a Finlândia foi notificada de que a Inglaterra combaterá os alemães, onde quer que se achem, como se está dando na Síria. Em face da declaração de Churchill não prevalece a simpatia demonstrada em fins de 1939 quando ela resistia a agressão.

Semelhante é o problema para os Países Báltics que haviam conquistado sua independência liberando-as da Rússia. Os governos que aí forem constituídos, se-lo-ão sob égide da Alemanha. Posto que não tenha aceito a recente perda de suas independências, a Grã-Bretanha não reconhecerá os organismos que os alemães instituírem.

Diferente é o caso da Polônia. O general Sikorski procedeu com a mesma prontidão que Churchill, definindo a atitude do seu governo. Verificada a participação da Rússia na guerra, os poloneses partem do princípio de que as fronteiras de 1921 foram ou serão restauradas e que o Pacto de Não-agressão foi revalidado. Os russos já estão sendo afastados das regiões por eles ocupadas em fins de 1939. Tal circunstância só facilitará a futura solução do problema polonês. A oferta agora da sua independência pela Alemanha

é um novo cúmulo do cinismo e da hipocrisia. Nenhum polonês deixar-se-á enganar por ela, como nenhum aceitou participar de um governo Quisling.

Finalmente surge o caso da Suécia. Quando a Finlândia estava sendo atacada pela Rússia e que a Inglaterra desejou mandar auxílio através da Suécia, o governo desta recusou-se a dar passagem às tropas aliadas. Agora, entretanto, ela deu esse consentimento à Alemanha para agredir um país neutro. O comunicado sueco procurou classificar esse ato de pequeno desvio da sua conduta imparcial e compatível com a sua soberania em vista das precauções que vão ser tomadas. Salta aos olhos a incoerência das duas atitudes e o governo britânico não perdeu tempo em queixar-se em Stockholm. O assunto foi considerado pelo senhor Eden como grave não só para as relações entre os dois países, como para o futuro imediato da Suécia, quando teve uma entrevista com o ministro da Suécia. O "*Times*" comentando o fato, afirmou que, terminada a guerra, não será possível dar o mesmo tratamento às nações que comprometeram a sua neutralidade que for dado às que a souberam reguardá-la.

Churchill prometeu ajudar os russos. Com o embaixador Cripps, partiu uma missão militar e alguns técnicos econômicos. Auxílio militar direto, porém, é geograficamente impossível. Os americanos poderão enviar material por Vladivostok. O tratado turco-alemão obriga a neutralidade daquela ex-aliada e impede um ataque sobre o flanco alemão do Mar Negro, caso pudessem os ingleses atacar por aí, o que não é provável. Resta a única contribuição da ofensiva aérea sobre os centros industriais, as bases navais e os aerodromos na França. A concentração da aviação alemã na frente russa debilitou a defesa aérea no Ocidente.

O bombardeio noturno sobre o Ruhr, a Rhenania, Hamburgo, Bremen e Kiel assumiu este mês proporções excepcionais. Vem sendo empregados melhores aparelhos, bombas mais potentes e em maior número. Em duas semanas foi lançada maior tonelagem que durante todo o mês de abril, que já constituía um record.

Ainda mais importante está sendo a ofensiva diurna sobre a Mancha. Bombardeiros escortados [sic] por caças atravessam diariamente o canal para atacar objetivos selecionados -aeródromos, usinas elétricas, refinarias de petróleo e junções ferroviárias no Norte da França. A destruição de aparelhos alemães recordam as cifras do outono de 1940, quando a Batalha da Grã-Bretanha com a diferença de que agora está com os ingleses a iniciativa. 150 aparelhos alemães contra 45 britânicos foram abatidos em doze dias de combates. Os alemães foram, por assim dizer, expulsos do ar nessa região.

-----

Posto que se intensifique a ofensiva da Royal Air Force, não é de se presumir que os alemães não a retomem num futuro próximo em grande escala. Batida a Rússia, a armada aérea da "*Luftwaffe*" será novamente lançada sobre as cidades e fábricas da Grã-Bretanha com a máxima intensidade logo que as noites voltarem a ser longas. Na previsão dessa probabilidade as autoridades estão resolvidas a melhorar a Defesa Passiva (Air Raid Precautions). Só depois que os centros de 12 importantes cidades foram destruídos é que o governo se decidiu a nacionalizar o Corpo de Bombeiros.

*Sir* William Beveridge, reputado jornalista e economista, está clamando pela imprensa por que esses serviços sejam unificados sob um Ministério da Defesa Civil. Essa campanha vem sendo bem recebida e é provável que dentro de pouco se constitua o novo ministério, com poderes amplos para obter a coordenação que se impõe entre as diversas autoridades competentes.

O mesmo esforço de concentração está sendo exigido dos órgãos de propaganda dentro de um Ministério de Informação reconstituído, mediante a criação de uma Diretoria de "*Political Warfare*" em estreita colaboração com o Foreign Office, capaz de conceber planos construtivos de organização econômica para depois da guerra, que possam ser contrapostos à Nova Ordem hitleriana, como disse o senhor Eden, em recente discurso da "*Mansion House*".

Com certa surpresa foi recebida a recusa do primeiro ministro canadense Mackenzie King ao convite que lhe dirigiu o senhor Churchill para à proposta Conferência Imperial de Guerra, que se pretendia realizar em Londres em julho ou agosto próximo, segundo o bem-sucedido presidente da guerra passada.

Em vista da resposta semelhante que deu o primeiro ministro da África do Sul general Smuts, isto é, de que não era possível aos dois ausentarem-se dos seus países no momento atual, na falta de substitutos que arquem com a responsabilidade dos seus cargos, o senhor Churchill declarou no dia 24 que era impossível reunir a conferência este ano.

Foram anunciadas, a 29, novas modificações ministeriais. *Lord* Beaverbrook passou para o Ministério dos Suprimentos, em sucessão de *Sir* Andrew Duncan, que volta à presidência do "Board of Trade", cujo titular senhor Oliver Lyttelton será enviado em missão ao estrangeiro.

O objetivo dessas mudanças é completar a mobilização da indústria e de braços para uma maior produção bélica, em resposta às críticas sobre a insuficiência e a lentidão

com que bem sendo feita a arregimentação de todos os recursos disponíveis, críticas que tem sido dirigidas mais quanto aos métodos que quanto às personalidades. Assim, o governo apela para a energia executiva de que deu provas *Lord Beaverbrook* no Ministério da Produção Aérea. Sir Andrew Duncan, graças às suas qualificações especiais como técnico em petróleo e à boa conta que deu na sua anterior administração, regressa ao departamento para que está mais apto.

A dubiedade da atitude russa e a fraqueza militar britânica demonstrada na Grécia, levaram a Turquia a submeter-se à pressão alemã, assinando o Pacto de Amizade com o Reich. Tudo o que a Turquia logrou fazer, para preservar a aliança com a Grã-Bretanha foi inserir uma cláusula respeitante aos compromissos existentes de ambos países. Se o Pacto Anglo-Turco permanece na forma, perde o seu valor no futuro. Como poderão os dois países dar-se toda a "ajuda e assistência" contra agressores no Mediterrâneo, quando a Turquia se obriga pelo novo tratado a "não recorrer a medidas, diretas ou indiretas, que sejam dirigidas" contra o agressor único ou principal que é a Alemanha?

A razão verdadeira para essa atitude turca está no colapso da França, pois que o Pacto de 1939 era na realidade tríplice, pois que era baseado no poder militar francês no Oriente próximo. Se as tropas francesas da Síria se tivessem colocado ao lado das inglesas, a balança pesaria contra a Alemanha. Agora, qualquer que seja a sua opinião sobre a vitória final, a Turquia tem que considerar seus interesses imediatos, pois ela sabe que se for atacada agora pelos alemães será fatalmente sobrepujada.

Na Síria os progressos dos ingleses e franceses livres está sendo lento, ainda que satisfatórios. A resistência da guarnição francesa está sendo mais séria do que fora esperado e as operações tem sido conduzidas pelo comando britânico com a preocupação de poupar derramamento de sangue fratricida. Consta, porém que Vichy está discutindo com Ankara a possibilidade de evacuar os 20.000 soldados que lá se encontram, pelo que deve-se esperar para breve com a suspensão da luta. Aliás, a cidade de Palmira já foi cercada e o avance dos aliados já se encontram às portas de Beirute.

Na Líbia a situação dos ingleses melhorou consideravelmente com a grande número de aviões da Inglaterra como dos Estados Unidos. Os bombardeiros e caças dos tipos mais novos tem tido notável êxito, permitindo que a superioridade aérea britânica já provada sobre os italianos também se faça sentir sobre os alemães. As patrulhas inglesas não têm encontrado oposição. Parece que os alemães só estão empregando aparelhos italianos, como foi revelado num recente bombardeio sobre Malta, que foram abatidos em grande número pela Royal Air Force. Prosseguem os ataques aéreos sobre a Cirenaica.

Redação do conselheiro Joaquim de Sousa Leão.



OFÍCIO • 01 JUL. 1941 • AHI 28/2/4

[Índice:] A preparação da agressão alemã contra a Rússia soviética.

N. 509

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 1 de julho de 1941

Senhor Ministro,

Quando a 13 do corrente, oito dias antes que Hitler, violando uma vez mais seus compromissos, atacou a Rússia, o governo de Moscou, como em tempo informei, publicou um comunicado oficial pelo qual tentou obrigar Berlim a mostrar o seu jogo. Isso foi revelado ontem em Moscou pelo vice-comissário dos Negócios Estrangeiros.

2. Deve ser recordado que nesse comunicado o governo soviético declarou que nada tinha sido mudado nas relações germano-russas, que se mantinham tal como especificava o Pacto de 23 de agosto de 1939; que o governo alemão não tinha feito nenhuma proposta ou exigência e que, nessas condições, o dispositivo militar alemão concentrado na fronteira não podia ser dirigido contra a Rússia e tampouco o dispositivo russo era dirigido contra a Alemanha.

3. O governo de Berlim, como Vossa Excelência sabe, aparentemente ignorou essa declaração que era propriamente uma demonstração política e nem mesmo a imprensa alemã se ocupou do assunto.

4. Desde então, Moscou ficou prevenido e foi depois sabido, pelo discurso do senhor Churchill, na noite de 22 do corrente e depois pelas declarações do ministro Eden, que o governo britânico tinha em várias ocasiões fornecido ao governo russo certas informações sobre as reais intenções do chanceler Hitler em relação à Rússia.

5. Em conversa com alguns dos seus colaboradores, durante o último inverno, o *fuhrer* não escondeu os seus propósitos de atacar a Rússia se os seus dirigentes não submetessem incondicionalmente às ordens de Berlim.

6. Desde então, o Estado Maior russo pode [sic] verificar o aumento constante das violações de suas fronteiras pelos aviadores alemães, que em certas ocasiões voaram até

mais de cem quilômetros [sic] sobre o território russo. Tratava-se certamente de operações militares de verdadeiros reconhecimentos aéreos para localização de aeródromos e de outras defesas. Essas flagrantes violações de território provocaram em diversas ocasiões reclamações do governo russo.

7. A intenção era pois clara e a preparação para o ataque cada vez mais ativa e a hora da agressão se aproximava.

8. Tudo indica que Hitler desta vez, como em anteriores, projetou o desmembramento dos países que se orgulha de conquistar e a instalação em diversos pontos de governo fantoches. Assim vemos reaparecer na propaganda alemã não somente a palavra de ordem contra o comunismo para impressionar as Américas, mas também as acusações contra a Rússia de ser um Estado composto de diversas nacionalidades formado artificialmente.

9. Em outros termos Hitler aplica à Rússia os mesmos argumentos invocados por ela contra a Tchecoslováquia, Polônia, Romênia, Iugoslávia e mesmo antes do período de colaboração com Vichy contra a França.

10. A Rússia propriamente dita, segundo os planos de Hitler, ficaria reduzida a um Estado de 60 milhões de habitantes sob o governo de um Tsar, talvez o filho do antigo Kronprinz, hoje casado com uma princesa [sic] sobrinha do Tsar Nicolau. A Ucrânia seria um país independente e a Rússia Branca seria igualmente constituída. Leningrad seria cedido à Finlândia e a Bessarábia restituída à Romênia.

11. Esses são os aspectos do conflito como são apreciados nos círculos políticos e diplomáticos de Londres.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



[Índice:] Comentários sobre a situação econômica e financeira do Brasil na imprensa londrina.

EC/278/550 821.2 (42) (60)

#### Da Embaixada em Londres

QUARTA-FEIRA – 2 DE JULHO DE 1941 – 13h00 - Os jornais financeiros salientam que a posição de firmeza dos títulos brasileiros na Bolsa de Londres, é melhor do que a de quaisquer outros títulos sul-americanos. Foi favoravelmente comentado o recente artigo do "*Economist*", já remetido pelo correio aéreo, o qual salienta o progresso industrial sul-americano e sobretudo o desenvolvimento do Brasil que não pode ser igualado. Acrescentou que no período de 1911 a 1935, enquanto a Argentina aumentou a produção industrial de 79%, o Brasil alcançou 502% e que o plano econômico do presidente Getúlio Vargas começou a produzir resultados em 1934. Nenhum outro país, salvo a Rússia, obteve tão notável aumento. Conclui dizendo que, no ano passado, quando o país celebrou o décimo aniversário do novo regime, o presidente Getúlio Vargas pode recordar esses progressos, ao mesmo tempo, acentuando que tinha sido facilitado pelo abundante trabalho dos brasileiros, protegidos por adequada legislação social, utilizando somente os recursos nacionais. Tratando-se de comentários do "*Economist*", órgão extremamente considerado, tenho grande prazer em transmiti-los sem demora. MONIZ DE ARAGÃO



DESPACHO • 2 JUL 1941 • AHI 29/3/13

Índice: Despesas reservadas. Planos de construção naval.

RESERVADO

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres

Em 2 de julho de 1941.

Senhor Embaixador,

Em resposta ao seu telegrama n 260, de 17 de junho último, fica V. Ex. autorizado a sacar, pela verba 3, consignação I, subconsignação n 12, 01), a), para despesas reservadas, a quantia de novecentos e trinta e sete mil e quinhentos réis (Rs. 937\$5), ou £ 15-13-00, e indenizar-se das despesas no mesmo mencionadas.



Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(i) Luiz de Faro Júnior.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.



OFÍCIO • 2 JUL 1941 • AHI 28/2/4

[Índice:] Atividades nazistas no Brasil.

N. 513

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 2 de julho de 1941

Senhor Ministro,

A título de informação tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência a inclusa folha de uma revista semanal londrina "*John Bull*", contendo um artigo do senhor Willi Frischauer, irmão do senhor Paul Frischauer, que se encontra no Rio de Janeiro, sobre as atividades nazistas na América.

2. O artigo refere-se às unidades S.A. e S.S. organizadas pelo industrial Renner no Brasil, possuindo depósitos clandestinos de armas importadas da Alemanha como instrumentos agrícolas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo:] Revista *John Bull* de 21 de junho de 1941.

## *Hitler Lie Exposed*

By Willi Frischauer

Just before the war a German yacht returned to Kiel from a two years' cruise [a]round the world.

The skipper - burly, smiling but energetic Count Felix von Luckner - jumped ashore to greet a party of Nazi naval officers.

Luckner was the ace sea raider of the last war. He sunk thousands of tons of Allied and American shipping before he was captured by the British. But his raiding expeditions never cost the life of a single seaman. He saved them all.

This reputation helped Luckner on his 1939 cruise, which, he said, was made to retrace his last war activities on the seven seas. Champagne flowed at his parties in America; he found good friends in South Africa, New Zealand and New Guinea.

Only Australia, where Luckner spent a hectic week, was suspicious. An Australian seaman who had served on Luckner's yacht declared that he carried the most up-to-date apparatus on his "pleasure" boat.

And all along the worldwide cruise he had carefully mapped the coastlines, observed the weather and charted the atmosphere, had measured, drawn, photographed and calculated.

### GOODWILL VISIT

In Greenland General Udet of the *Luftwaffe* dropped from the sky in a Nazi plane on a "goodwill visit".

Both Luckner and Udet were preparing for war against the Western Hemisphere. They helped to spread the Nazi spider's web across the Americas. Propaganda units, sabotage squads, spies, economic agents and military instructors are already in their places.

It is easy to follow the intended line of Nazi advance from Dakar across the sea to Brazil, the Nazi base for the conquest of the United States.

Over a million Germans live in Brazil. Since 1933 they have been strictly organized on Nazi Party line. There are more than 1.200 German schools in Southern Brazil alone. Teachers are furnished with Nazi propaganda material.

Brazilian Nazis, under the leadership of a wealthy manufacturer, Renner, and his four sons, are organized into S.A. brownshirt and S.S. black guard units. They have big stores of arms hidden away - arms imported from Germany as "agricultural implements". Renner employs over 5,000 Brazilian workers, but all his foremen and supervisors are Germans who hand out Nazi propaganda material every day.

On the other side of South American Continent, in Chile, the Nazis can count on some 70,000 Germans as first line collaborators in their designs.

You'd think the Army was composed of Reichswehr officers and soldiers. They have not only been trained by German staff officers, but they are equipped with uniforms that are exact copies of the Reichswehr outfit.

Further north, different forms of Nazi infiltration have been tried. The Panama Canal zone is the Nazi agent's delight. Shipping spies, geographical experts from General Haushofer's espionage organization, are furiously busy in this region. Mexico, of course, is the line of Nazi preparations for attack against the United States.

Only a few weeks ago, Americans were shocked to discover how deeply the Nazi bacillus has eaten into Mexico's economic life, how its infection has ingeniously been carried across the border and right into the heart of the U. S. A.

#### TRUSTED AGENTS

American firms have just discovered that their trusted South American agents are Nazis. Guido Moebius, local Gauleiter of Monterey, has trained and equiped a force of 150 Nazi storm troopers. In private life he controls one of the country's largest radio stations.

Felix Beick, a Nazi blacklisted by the British contraband control authorities, presides over 80 drugstores, and is a leading member of the American Chamber of Commerce in Mexico!

To reinforce this vast economic Fifth Column, Hitler recently sent Dr. Kurt Rieth, a rich German industrialist and former Nazi Minister to Austria at the time of the Dollfuss murder. But Rieth, protector of the first Nazi Fifth Column over to operate in Europe. has ventured too far afield. He travelled to the United States under false pretences, and was promptly arrested.

In the meantime, Goebbels' organization provides a comfortable background for the work of Fifth Columnists. Hundreds of Mexican and South American papers obtain their news service from a Nazi news agency, the "Transocean".

Transocean's director, Dr. Manfred Zapp, a dapper, dark, bespectacled Nazi, has been indicated by an American grand jury because of his close association with Nazi officers and agents. Released on bail pending trial, he still lives in fashionable New York hotel, and carries on his work.

Zapp supplies over 10,000 words of Nazi information and news every day. He receives it by shortwave radio and hands it out even though his customers never pay their subscription. Though he is described as the Nazi's chief propaganda agent in the Western Hemisphere, his activities are controlled by the principal Nazi agent in the U. S. A., Captain Frit Wiedemann. It is because Wiedemann that American arms factories have to be guarded by troops against attempts at sabotage.

#### IN HIGHER CIRCLES

While outwardly dissociating himself from the German-American Bund (the vast Nazi organization from which spies and saboteurs are recruited) he is busy in higher social circles.

He can count on help from pro-Vichy Frenchmen, German film actresses in Hollywood, the notorious Princess Hohenlohe and hundreds of minor agents.

Observation of British ships in American ports, exploration of America's defence preparation against Japan, the eventual unleashing of all the paraphernalia of sabotage are Wiedemann's chief tasks.

Other Nazi consuls in the U. S. work hand in glove with him. His word is command even to the German Chargé d'Affaires in Washington. Authorities in South and North America are not blind to all these facts, which are freely discussed in the American Press.

G-men long trained in the war against gangsters, are now beginning to deal with the Nazis' political thugs. And Hitler protests that he has no designs on the Western Hemisphere!

#### HISTORY AS IT HAPPENS

So sweeping is the response to John Bull's great War Time Book Opportunity, The People's History of the Second World War, that this offer must now be withdrawn.

Readers who have not already applied for their copies of this book should do so at once, before it is too late.

Here, in nearly 600 pages, including 30 pages of specially compiled strategic maps, in history written while it is happening - and yours, if you apply at once, at an amazingly low privilege price. Turn to page 19 for fuller details.

**OFÍCIO • 3 JUL. 1941 • AHI 28/2/4**

[Índice:] Mudanças no comando superior da guerra.

N. 517

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 3 de julho de 1941

Senhor Ministro,

O momento que atravessamos de uma relativa calma nas operações militares no Próximo Oriente, está sendo aproveitado pelo governo britânico para certas decisões de importância tão grande tal como a modificação do comando supremo das tropas imperiais naquela região.

2. Nessas condições a nomeação do general Wavell para comandar o Exército do Reino Unido nas Índias e sua substituição pelo general Auchinleck como comandante em chefe das tropas britânicas no Egito e África produziu uma profunda impressão e a imprensa consagra ao assunto longos comentários elogiando a sua ação militar o qual com elementos reduzidos e inferiores ao inimigo esmagou o exército italiano e conquistou a Abissínia, a Eritréia e reocupou a Somália britânica.

3. As razões que prevaleceram em Downing Street em face de uma tal deliberação é matéria que está interessado os círculos políticos londrinos.

4. Desde que a notícia foi divulgada duas hipóteses foram suscitadas.

5. Assim uns julgam que a substituição do general Wavell foi o resultado dos revezes sofridos na campanha balcânica e principalmente em Creta, pois, o generalíssimo britânico assumiu naquela ocasião inteira responsabilidade e assim constituiria o sacrifício de uma grande personalidade destinado a calmar [sic] os descontentes que sempre estão exigindo sanções.

6. A outra tese é que considerando o modo pelo qual o primeiro ministro e o senhor Eden e outras personalidades imperiais elogiaram a ação do general Wavell não pode ser julgado como objeto de discussão que a presente decisão possa ser admitida como significando um castigo.

7. O fato de ser mandado o general Wavell para as Índias quando a batalha no Egito e na Líbia não está ainda terminada deve significar somente que são previstas serias dificuldades a esse respeito como consequência da aproximação contínua dos alemães do Oriente Médio e da atitude sempre mais ameaçadora do Japão.

8. Esse último ponto de vista tinha ontem um número muito maior de partidários, principalmente devido ao progresso das tropas alemãs na Rússia dando mais razões aos temores de que Hitler tenciona retomar brevemente o seu velho plano de atacar a Inglaterra pelas Índias através o Cáucaso, Geórgia, Irã e Afeganistão.

9. As autoridades britânicas guardaram uma extrema reserva sobre a importância desse acontecimento que o senhor Hore-Belisha ontem na Câmara mostrou desejo de conhecer certos detalhes.

10. O primeiro ministro a esse propósito replicou que o governo não julgava poder dar explicação neste momento, tratando-se de matéria interessando a defesa nacional.

11. A nomeação do capitão Lyttelton como representante do gabinete de guerra no Cairo produziu também vivíssima impressão e foi calorosamente aplaudida sendo considerada como medida extremamente prática.

12. O ministro Lyttelton poderá assim liberar o comando em chefe no Oriente das responsabilidades políticas, diplomáticas, econômicas e administrativas e o envio ao Cairo de uma personalidade tão competente indica o desejo de ser dada uma vigorosa intensificação na política britânica na África e Egito.

13. Como em tempo informei, o senhor Lyttelton que acaba de deixar o senhor Lyttelton que acaba de deixar o Board of Trade tinha sido convidado para chefiar uma Missão à América do Sul com o fim de organizar um estoque de mercadorias para o fim da guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



[Índice:] A política russa e britânica no Oriente.

N. 518

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em de 1941

Senhor Ministro,

Enquanto combatem na Rússia as divisões blindadas alemãs e nazistas a África e o Oriente desfrutam de um período de calma que permite tomar as devidas cautelas para prevenir a repetição de acontecimentos da natureza dos que ocorreram no Iraque no mês que maio último.

2. O golpe de Estado e a revolta de Bagdá tornaram possível pela habilidade com que procederam os agentes alemães a explorar certas fontes de descontentamento e fomentar intrigas contrárias aos interesses britânicos.

3. O remédio mais eficaz é aqui considerado como sendo a prática de uma política liberal e firme.

4. Segundo informações recebidas nesta capital o representante do Iraque no Cairo, Nami Said Pasha, antigo primeiro ministro do governo de Bagdá, teria encetado negociações oficiais visando a próxima reunião, no Egito, de uma conferência árabe e muçulmana.

5. O objetivo dessa conferência seria o exame das relações dos diversos Estados árabes com as potências estrangeiras assim como a criação das possibilidades da formação de uma federação de países árabes. Seriam convidados a participar dessa conferência os representantes do Afeganistão, do Iraque, do Irã e das organizações muçulmanas das Índias.

6. Os círculos diplomáticos árabes contam muito com a autoridade do príncipe herdeiro da Arábia para um completo êxito de tais empreendimentos.

7. Parece haver menos confiança em relação ao soberano do Yemen que ultimamente tem manifestado uma certa simpatia pelos países do eixo mas o desaparecimento da influência italiana no Oriente pode exercer uma grande influência na política do Yemen.

8. Desde a entrada em guerra da Rússia soviética a posição geográfica e estratégica do Irã assumiu uma grande importância. Esse país constitui um reduto que pode e deve se tornar o principal centro de ligação na Ásia entre o Império britânico pelo Iraque e a União Soviética pelo Cáucaso.

9. Desde a derrota da insurreição iraquiana o governo de Berlim transferiu de Bagdá para Teheran a sede de sua propaganda e seus agentes e oficiais, disfarçados em turistas, entraram em ação.

10. Torna-se, pois, necessário que o governo iraniano tome as devidas precauções e segundo uma correspondência da Reuter já teriam sido iniciados entendimentos entre os governos de Moscou e de Londres para coordenar suas atividades políticas e diplomáticas nos países do Oriente para preparar uma contra ofensiva e anular as manobras alemãs.

11. Muitos consideram que a recente nomeação do general Wavell para comandar as tropas imperiais e participar do Conselho Governativo das Índias pode ter ligação com o desenvolvimento dos planos acima referidos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 5 JUL. 1941 • AHI 28/2/4

[Índice:] O discurso de Stalin.

N. 522

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 5 de julho de 1941

Senhor Ministro,

O recente discurso do senhor Stalin é considerado aqui como destinado a ter uma enorme repercussão em toda a parte e suscetível de obrigar as populações e potências hesitantes ou desconfiadas a considerar seriamente a atual posição política do mundo.

2. A opinião pública londrina foi unânime em julgar que Stalin fez prova de um realismo extraordinário expondo ao povo russo em particular e ao universo em geral o verdadeiro aspecto do conflito desencadeado há dias por Hitler.



3. Moscou tendo durante dois anos feito sua política com a Alemanha seja por simpatia, cálculo ou mesmo temor e tendo durante esse tempo acusado a Grã-Bretanha de fazer uma guerra capitalista e imperialista agora acaba de proclamar bem alto que essas apreciações foram erradas e que resistindo aos ataques contra seus países Stalin reconhece que o Reino Unido, a França, a Bélgica, a Holanda, a Noruega, a Iugoslávia e a Grécia não fizeram senão defender sua liberdade e que a Grã-Bretanha única sobrevivente dessa tremenda luta nada mais faz do que se bater pela liberdade comum inclusive agora da Rússia.
4. Repudiando o vocabulário antigo Stalin declarou publicamente que sua pátria combate atualmente não por ideologias mas por um idealismo nobre tal como velha concepção de amor a pátria e da liberdade.
5. De fato pode ser dito que desde o primeiro dia a Rússia se empenhou em uma guerra nacional e essa concepção foi logo compreendida pelos círculos políticos e diplomáticos ingleses mesmo entre os que não tiveram jamais qualquer simpatia pelos comunistas de Moscou.
6. As declarações de Stalin vieram esclarecer a situação, pois, o seu silêncio depois da proclamação hitleriana e mesmo depois da resposta de Molotoff permitia que se mantivesse uma certa dúvida causando alguma inquietação sobre a unidade de vistas e diretriz política dos membros dirigentes da União Soviética.
7. Stalin sabe que com a derrota do seu país todo o regime se destrozará e que Hitler não esconde sua intenção de reorganizar a carta da Rússia como pretende fazê-lo com os demais países da Europa hoje sob seu domínio.
8. Nesses projetos, como já tive ensejo de me referir em outros ofícios, o *fuehrer* inclui a Ucrânia e os Países Baltas que seriam transformados em estados vassalos assim como a Rússia branca.
9. Stalin combatendo agora por um ideal e não pela revolução vermelha facilita o apoio [sic] anglo-americano e torna mais fácil a posição da Inglaterra que também está empenhada em uma luta de morte contra os nazis.
10. O presidente do Conselho Soviético exprimiu em termos eloquentes a gratidão pela colaboração britânica contra o inimigo comum.
11. Entretanto parece que a urgência em resolver certos problemas militares será o tema essencial da colaboração anglo-russa e que as questões de ordem política serão consideradas como subsidiárias e serão apenas incidentemente evocadas e jamais em

forma que possam determinar uma dificuldade para a coordenação dos esforços no plano militar.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



**OFÍCIO • 7 JUL 1941 • AHI 28-2-4**

[Índice:] Discurso do senhor Eden.

N. 523

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 7 de julho de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o texto do importante discurso pronunciado pelo senhor Eden, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, em Leeds, ontem.

2. Prevendo que o chanceler Hitler, certo de uma vitória fácil sobre a Rússia, proporá em seguida termos de paz à Grã-Bretanha, o senhor Eden achou oportuno reafirmar o propósito em que continua este governo de não negociar em tempo algum, nem sobre qualquer assunto com o chefe do governo alemão, que, pelos seus próprios atos, aparece condenado como perjuro. Acrescentou que seria intensificado o esforço bélico britânico até que Hitler e tudo o que ele significa seja totalmente destruído.

3. O secretário de Estado repete, pois, as várias declarações que, nesse sentido, vêm sendo feitas pelos homens do governo deste país conforme tenho tido ocasião de informar Vossa Excelência em numerosos telegramas e ofícios.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



**OFÍCIO • 7 JUL 1941 • AHI 28-2-4**

[*Índice:*] Mercadorias apreendidas pelas autoridades britânicas. Companhia Prado Chaves.

N. 524

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 7 de julho de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, a título de informação, cópia de correspondência trocada entre esta embaixada e o Ministério do Abastecimento da Grã-Bretanha, sobre o pagamento de 239 fardos de algodão embarcados pela Companhia Prado Chaves, de São Paulo, no vapor “*Alhena*”, com destino a Roterdã, e apreendidos pelas autoridades deste país.

2. Tratamos desse assunto junto ao referido departamento, atendendo a um pedido que nos foi dirigido, nesse sentido, pela firma Alexander Eccles & Co., de Liverpool.
3. O Ministério do Abastecimento, como Vossa Excelência virá, solucionou o caso favoravelmente, pagando uma compensação pelas mercadorias em questão.
4. Já demos conhecimento desse resultado à Companhia Prado Chaves.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



TELEGRAMA • 8 JUL. 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Guerra na Europa. Comentários sobre a situação decorrente da guerra russo-alemã. Atitude do Japão.

#### Da Embaixada em Londres

TERÇA FEIRA – Em 8 de julho de 1941 – 15hs.45 - Conquanto os técnicos militares ainda não ousem fazer prognósticos sobre o resultado final da guerra russo-alemã, a impressão dominante é que as tropas nazistas foram, até agora, contidas em toda a frente de batalha. As últimas notícias indicam que os contra-ataques russos aumentam, em número e em força, enquanto parece decrescer a energia da ofensiva das divisões couraçadas alemãs. Depois de 15 dias de luta violenta, a resistência dos russos é julgada mais forte do que no início da guerra. As negociações prosseguem entre a embaixada russa e o chefe do governo polonês para um entendimento, visando a liberação dos prisioneiros poloneses na Rússia e acordo sobre a reintegração da Polônia nas suas antigas fronteiras. As negociações estão sendo orientadas pelo ministro Édén que consagra todos os esforços para a criação da frente única contra o inimigo comum. A situação do Japão é acompanhada com o máximo interesse, tendo aumentado a suposição de que evitará envolver-se diretamente no conflito, pelo menos, até que a luta na Rússia fique mais esclarecida. A ocupação da Islândia pelos americanos causou grande satisfação, pois será extremamente útil para a defesa da navegação entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos.

Moniz de Aragão



TELEGRAMA • 8 JUL. 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Incidentes na fronteira. Peru-Ecuador.

NP/289/272. (34) (35)

Da Embaixada em Londres

TERÇA FEIRA – 8 julho 1941 – 15h45 – A imprensa, em geral, publica notícias sobre o conflito peruano-equatoriano, lamentando as hostilidades na América e, em geral, os círculos políticos e diplomáticos julgam que tenha sido o resultado de instigações de agentes alemães e japoneses. Manifestam o desejo de uma ação conjunta dos principais países americanos, para que se restabeleça prontamente a paz continental. MONIZ DE ARAGÃO



OFÍCIO • 9 JUL 1941 • AHI 28-2-4

[Índice:] A ocupação americana da Islândia.

N. 530

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 9 de julho de 1941

Senhor Ministro,

No momento em que uma imensa frente de batalha os exércitos da Rússia soviética resistem vitoriosamente, temos notícias da frente do Atlântico de que forças dos Estados Unidos ocuparam a Islândia.

2. Essa decisão atesta o firme propósito em que se acha o presidente Roosevelt de levar a bom fim por todos os meios a sua política de amplo auxílio à Grã-Bretanha na sua luta contra o *Reich* e confirma os boatos que circulavam sobre o assunto, os quais eram acolhidos com grande ceticismo mas a fonte de onde provinham não foi jamais posta em dúvida pelos meios diplomáticos londrinos.

3. Essa atitude era explicável, pois, desde um certo tempo, principalmente depois da agressão contra a Rússia, o presidente americano parecia inclinado a paralisar o seu movimento em favor da intervenção direta dos Estados Unidos na guerra e assim deixou seus colaboradores, o coronel Jnox e o general George Marshall, na sena do combate e principalmente encarregados de sondar a intensidade de resistência ou aprovação da opinião pública em face da nova orientação do conflito europeu.

4. O presidente tinha aliás declarado em 27 de maio último que usaria lentamente e com toda cautela dos amplos poderes que lhe foram dados pelo Congresso.

5. De fato com exceção do congelamento dos créditos e o fechamento dos consulados alemães e italianos a ocupação da Islândia constitui a primeira medida

importante adotada e derivada de seus poderes de comandante chefe de todas as forças armadas do país.

6. Essa medida foi considerada aqui de importância excepcional e tem um valor prático e um caráter simbólico.

7. A posição da Islândia constituindo uma espécie de ponte entre a Europa e o continente americano assume na estratégia geral para a batalha do Atlântico e para o abastecimento da Grã-Bretanha uma importância de primeira ordem.

8. Está implicitamente indicado o propósito do presidente Roosevelt de impedir qualquer ação alemã naquela região por constituir uma ameaça para o continente americano e esse precedente já está inquietando Berlim, pois, poderá ser invocado eventualmente em outras ocasiões e cada vez que os alemães ameacem territórios visinhos [sic] ao vigésimo paralelo.

9. Notícias hoje divulgadas já se referem à reação produzida na Wilhemstrasse, que teria sido extremamente violenta, determinando, segundo parece, o envio de uma enérgica nota aos governos de Espanha, Portugal e França, para que sem demora informem ao governo alemão quais medidas que entendem tomar caso os Estados Unidos mostrem disposições de ocupar as Canárias, Açores, Cabo Verde e Dakar.

10. Um porta-voz do Foreign Office disse-me acreditar que os Estados Unidos não tencionam intervir nas ilhas referidas exceto se o presidente Roosevelt se convença de que a Alemanha se dispõe a ocupá-las.

11. Como ato simbólico significa a violação do pretendido bloqueio germânico, pois, em 26 de março do corrente ano o governo alemã[o] anunciou oficialmente a extensão [sic] da zona do bloqueio às águas da Groenlândia e da Islândia.

12. O presidente Roosevelt respondeu a esse ato quinze dias mais tarde concluindo com o ministro dinamarquês em Washington um acordo que cedeu aos Estados Unidos as bases navais e aéreas da Groenlândia.

13. A ocupação da Islândia que cessará depois da guerra constitui o complemento da utilização também temporária do território groenlandês.

14. Entre os pontos do globo que o presidente americano julgava mais seriamente expostos à uma iminente agressão figura a Islândia, citada por ele no seu memorável discurso de 27 de maio, quando também se referiu às possessões portuguesas do Atlântico, à África do Norte francesa, Dakar e Groenlândia.

15. Como Vossa Excelência sabe, ele então disse: “Todas as medidas suplementares à segurança do abastecimento da Grã-Bretanha serão tomadas assim como para a defesa do novo hemisfério”.

16. A ocupação da Islândia é sem dúvida uma dessas medidas, permitindo que muitos julguem que ulteriormente essa política terá seguimento.

17. Assim os americanos entram o ostensivamente em linha para permitir a utilização dos soldados britânicos em outros setores da guerra e tomam posição nos postos avançados do hemisfério ocidental com sua esquadra, seus aviões e sua tropa.

18. A opinião dominante é que de ora avante os Estados Unidos assumiram a guarda do Atlântico Norte e a Grã-Bretanha poderá se dedicar com mais segurança a vigiar a rota da Islândia e das ilhas britânicas.

18. Esse acontecimento cria uma situação sem precedente nos anais da história diplomática uma vez que um país neutro de acordo com uma potência beligerante ocupa um território neutro por motivo das evidentes intenções da outra nação beligerante de proceder ela mesma a essa ocupação.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 9 JUL. 1941 • AHI 28/2/4

[Índice:] Títulos brasileiros na Bolsa de Londres. Desenvolvimento das indústrias no Brasil.

N. 536

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 9 de julho de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento ao meu telegrama de 2 do corrente, tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que o “*Evening Standard*”, desta capital, também se referiu, há dias, à posição dos títulos brasileiros na Bolsa de Londres.

2. Disse o referido jornal que a alta verificada nesses títulos era devida às melhores informações sobre o comércio, que estavam sendo recebidas do nosso país: os negociantes, em geral, tinham aumentado notavelmente suas vendas nos últimos meses, a indústria de construções estava mais ativa e os fabricantes, em vista da maior procura de seus artigos, tinham desenvolvido suas produções.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



TELEGRAMA • 11 JUL. 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Material bélico.

NC/293/524.2(81)

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

SEXTA-FEIRA – 11 JUL. 1941 – 17h.- Almocei hoje com o ministro das Relações Exteriores, estando presentes outros ministros de Estado. Sua Excelência pediu-me dizer-lhe que o governo britânico tinha tido grande satisfação em encontrar uma fórmula de poder resolver, favoravelmente, o assunto relativo ao nosso armamento e que supunha satisfeito o governo brasileiro. Desde o princípio, o primeiro ministro ordenou atender o nosso pedido dentro das possibilidades e não prejudicando a política do bloqueio, vital para a defesa do Império britânico, e que sempre tinha tido em vista não perturbar, de nenhuma forma, as tradicionais relações anglo-brasileiras. No caso presente, o governo britânico desejaria que o presidente da República e Vossa Excelência soubessem todo o



empenho do governo britânico em facilitar a nossa defesa e ser agradável ao Exército brasileiro. Agradei e prometi transmitir. MONIZ DE ARAGÃO



TELEGRAMA • 11 JUL 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Arroz brasileiro para a Grã-Bretanha.

#### Da Embaixada em Londres

Sexta-feira – 11 de julho de 1941 –17hs.15- Em aditamento ao meu telegrama n 287. A firma "Bunge e Cia." pergunta se é exata a notícia da proibição de exportação do arroz brasileiro. Peço vênua [sic] a Vossa Excelência para ponderar a conveniência desta embaixada ser informada, telegraficamente, sempre que o governo brasileiro adote medidas desse gênero afim de evitar que tratem negócios relativo a produtos, cuja exportação está proibida. Moniz de Aragão



TELEGRAMA • 11 JUL 1941 • AHI 30/1/1

Índice: Venda de cem mil sacas de café à Suécia. Transferência de bandeira do navio finlandês "Anja".

N. EC-156 842.31 (71) (42)

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres

11 JULHO 1941 – A firma Almeida Prado e Companhia, de Santos, vendeu ao governo da Suécia cem mil sacas de café, cujo transporte seria feito pelo vapor finlandês "Anja", havendo já sido concedido "navicert". À vista, porem, da entrada da Finlândia na guerra, o referido navio ficou retido em Buenos Aires, o que levou os agentes da mencionada firma em Estocolmo a adquiri-lo. Trata-se agora de procurar obter que seja mantido o "navicert", possibilitando a viagem do "Anja", sob bandeira sueca, até Gotemburgo. Rogo submeter o caso à consideração desse governo. EXTERIORES

Nota: Pago pela parte (Almeira Prado & Companhia)



OFÍCIO • 11 JUL 1941 • AHI 28/2/4

[Índice:] Relatório da Missão Willingdon.

N. 540

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 11 de julho de 1941

Senhor Ministro,

O “*Financial News*”, de 9 do corrente, diz que o relatório e as recomendações da missão comercial que esteve na América do Sul, presidida por *Lord Willingdon*, já foram terminados, parecendo, no entanto, que não serão publicados.

2. Embora uma grande parte do material contido no relatório -acrescenta o jornal-, especialmente o que se refere a questões puramente políticas, seja de valor para os departamentos interessados, as questões econômicas mudaram um tanto de aspecto, desde a viagem da missão, devido aos acontecimentos internacionais. A Grã-Bretanha, assim, pouco poderá fazer para aliviar as dificuldades econômicas da América Latina, além do modesto comércio que atualmente mantém.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 11 JUL 1941 • AHI 28-2-4

[Índice:] A ocupação americana da Islândia.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 11 de julho de 1941

Senhor Ministro,

Diversos jornais dos mais autorizados trataram longamente do incidente ocorrido nos Estados Unidos com o senhor Wheeler, pertence ao grupo isolacionista e que foi aqui considerado como significativo do pouco caso que esse partido liga aos próprios interesses americanos sob pretexto de evitar que o seu país seja envolvido na guerra.

2. O senador Wheeler, do Estado de Montana, como Vossa Excelência sabe, é um dos mais terríveis adversários do presidente Roosevelt na campanha contra o auxílio à Grã-Bretanha com intervenção direta dos Estados Unidos no desenvolvimento do conflito europeu.

3. O referido senador tendo tido conhecimento há uns dez dias que o presidente Roosevelt se propunha, como tinha direito na sua qualidade de chefe supremo das forças americanas, a ocupar a Islândia, não hesitou em revelar publicamente esse segredo militar.

4. Esperava assim levantar a opinião pública e obrigar o presidente a desmentir tal propósito ou renunciar a execução da medida prematuramente divulgada nos Estados Unidos.

5. Nessas condições estou informado que o senhor Winston Churchill, não com o intuito de protestos, mas sob a forma de uma comunicação pessoal ao presidente Roosevelt, exprimiu a sua surpresa [sic] e sua inquietação em face de uma tal manobra que poderia ter causado a perda de vidas preciosas americanas e inglesas.

6. Os jornais julgam que o senador de Montana não deve ter compreendido o alcance de seu ato e as consequências que a sua indiscrição voluntária ou não poderia ter ocasionado.

7. Ao revelar ao inimigo uma decisão militar dessa importância antes de ser executada, o senador Wheeler preveniu aos alemães e lhes forneceu a possibilidade de afundar os navios transportando tropas americanas.

8. O chefe dos isolacionistas, segundo os jornais londrinos, ao tomar conhecimento da diligência do senhor Churchill parece não ter compreendido a gravidade do assunto, pois, se apressou em declarar que os Estados Unidos sendo um país democrático e de liberdade ele continuaria a empregar todos os seus esforços e por todos os meios para impedir que fossem envolvidos na guerra.

9. Em geral os meios autorizados desta capital acreditam que a opinião americana tendo podido verificar a ausência de escrúpulos dos isolacionistas condenará os seus atos e se colocará ainda mais ao lado do presidente Roosevelt o qual não deve ter ficado contrariado por um tal acontecimento que ainda mais fortificará a sua posição.

10. A imprensa também salienta o fato do presidente, na sua última conferência com a imprensa, ao saber que o senador Wheeler tinha também anunciado a ocupação das ilhas do Cabo Verde, Açores e Dakar e de ter que esclarecer a sua opinião, respondeu que os "postos avançados estratégicos" eram os que estão evidenciados naturalmente em qualquer carta geográfica.

11. Isso foi aqui interpretado como uma forma de indicar que ele se reservava o direito de decidir o caso oportunamente de acordo com as autoridades competentes do alto comando militar e naval americano tratando-se de assunto interessado a defesa continental.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



**OFÍCIO • 15 JUL 1941 • AHI 28-2-4**

[Índice:] Mês econômico nº6. Junho de 1941.

N. 547

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 15 de julho de 1941

Senhor Ministro,

A Sua Excelência o senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta respeitosos cumprimentos e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório econômico nº6, relativo ao mês de junho de 1941, feito pelos Serviços Comerciais desta embaixada.

[Anexo]

(Pelos Serviços Comerciais da embaixada).

Nº6

Mês econômico de junho de 1941.

Numerosas foram as medidas tomadas pelo governo britânico, durante o mês de junho, com o fim de coordenar e incentivar o esforço econômico e industrial do país.

2. No princípio do mês, foi concluído um ajuste entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, pelo qual o serviço britânico das rotas marítimas do Canadá e dos Estados Unidos para a Austrália e a Nova Zelândia será feito por navios norte americanos, enquanto durar a guerra. Esse ajuste terá como resultado libertar navios britânicos para o esforço da guerra. Houve também um entendimento entre os dois países, em consequência do qual todas as taxas do frete, para viagens fazendo escala em território britânico e dos Estados Unidos em qualquer parte do mundo, serão controladas durante o conflito.

3. Lord Woolton, Ministro da Alimentação, falando pelo rádio, no dia 13 de junho, declarou que a situação da alimentação na Grã-Bretanha era boa, apesar da batalha no Atlântico. Os estoques de gêneros alimentícios, acrescentou, eram tão grandes que depois de vinte e um meses de guerra o país, nesse particular estava praticamente na mesma posição de um ano atrás. Esse ministro disse ainda que o racionamento iria sofrer algumas modificações. Assim, a ração semanal de manteiga seria reduzida de 4 onças para 2 e a de queijo aumentada de 1 onça para 2.

4. O Ministério da Economia Beligerante publicou um aviso segundo o qual todos os navios que fizerem transporte, ou receberem transbordo, de mercadorias de origem inimiga, destinadas a portos sulamericanos, serão incluídas na lista negra naval (*Ships Statutory List*). Esses navios, assim, não mais poderão utilizar as facilidades de seguro e abastecimento de carvão, sob o controle dos aliados. O objetivo desta medida, segundo a imprensa desta capital, é impedir o transporte de mercadorias, por mar, entre a América do Sul e os países inimigos da Europa.

5. O Ministério da Economia Beligerante anunciou a introdução, a partir de 1º de julho, de um sistema de certificados para encomendas postais (*mailcerts*). Esse certificado será complemento do "*Navicert*", que começou a ser aplicado em dezembro de 1939, cobrindo mercadorias despachadas por mar. O objetivo dos "*mailcerts*" é habilitar os expedidores de pequenos embrulhos ou cartas contendo mercadorias, dos Estados Unidos para certos países neutros, a verificar antes do despacho se essas mercadorias poderão

passar pelas estações britânicas de exame. Esse certificado não será dado para embrulhos contendo impressos, documentos, fotografias, selos, literatura para cegos, papéis comerciais, etc.

6. O senhor Arthur Greenwood, ministro sem pasta, deu conhecimento à Câmara dos Comuns, em 20 de junho, de planos ajustados entre os governos da Grã-Bretanha, Austrália e Nova Zelândia, dispondo sobre o excesso de gêneros alimentícios produzidos naqueles domínios, que, em virtude de sua posição geográfica, eram especialmente afetados pela questão do transporte. Os acordos, publicados no mesmo dia sob a forma de "*White Papers*", estabelecem: 1) a compra, pelo Reino Unido, de todos os excessos da Austrália e da Nova Zelândia, para os quais será conseguido transporte; 2) o desenvolvimento, nesses domínios, dos processos de enlatamento de gêneros alimentícios e outros que economizem espaço nos navios; 3) a exploração de mercados alternativos; 4) a formação de estoques de gêneros alimentícios, de reserva, conforme a provável procura agora e depois da guerra e a importância da indústria na economia do país; 5) a divisão de todos os gastos entre a Grã-Bretanha e os domínios em questão. O governo dos Estados Unidos, foi dito na mesma ocasião, tinha mostrado grande desejo de auxiliar esses planos. Encarava-se, assim, a possibilidade da importação, pelos Estados Unidos, de produtos da Austrália e da Nova Zelândia e a exportação, pelo mesmo país, de artigos semelhantes para a Grã-Bretanha (carne), pela rota mais curta do Atlântico.

7. A imprensa de Londres anunciou terem terminado, sem qualquer resultado ou decisão, conversações que teriam sido iniciadas, entre este país e os Estados Unidos, para examinar a possibilidade de hipoteca aos Estados Unidos de bens britânicos no Brasil e na Argentina. Consta que ambos os lados sentiram que qualquer proposta nesse gênero não era praticável no momento, tendo em vista o princípio que regula todas as discussões anglo-americanas a respeito do assunto, isto é, que não devem ser feitas quaisquer transferências que possam prejudicar a eficiência das empresas atingidas. Não foi discutida a questão dos bens britânicos em outros países latino-americanos.

8. Em fins de maio e começo de junho terminaram-se as negociações com o Ministério da Alimentação, relativas à venda ao mesmo da nossa produção de carnes do ano de 1941, já que, como é sabido, nossa estação se encerra normalmente em fins de agosto. Em 1940 o Ministério da Alimentação comprava carne não somente para o Reino Unido como ainda para a França e as negociações então evidentemente abrangiam um volume muito maior, volume esse praticamente limitado apenas pela capacidade produtora dos diversos países. No ano em curso o referido departamento compra

unicamente para o Reino Unido e para as forças armadas britânicas no exterior. Além disso, a capacidade de importação do país sofreu alguma redução, em consequência das pesadas perdas de navios. Essas perdas são muito sensíveis, sobretudo no tocante à tonelagem com instalações frigoríficas, forçosamente limitada. Esses fatores e outros ainda fizeram com que as compras de carne, especialmente de carne frigorificada, diminuíssem apreciavelmente. Tendo esses pontos em mente, o volume de carne frigorificada vendida pelo Brasil de 44.000 toneladas, pode ser considerado como bastante satisfatório, pois proporcionalmente fomos menos atendidos do que outros países produtores. No que se refere à carne em conserva, a cifra alcançada pelo Brasil é plenamente animadora. Conseguimos colocar neste mercado praticamente o total de nossa produção disponível para exportação, sem, contudo, deixar de manter de algum modo as posições adquiridas nos Estados Unidos. Considerando as possibilidades do mercado de gado no ano em curso no Brasil, bastante prejudicado pelas secas no centro e por enchentes no sul do país, e, por outro lado, as limitações impostas ao programa de importação da Inglaterra como resultado da guerra submarina, podemos ficar relativamente satisfeitos no que diz respeito a esse ramo do nosso comércio com o Reino Unido.

9. O Ministério da Agricultura estabeleceu um programa para a matança de 300.000 cabeças de gado vacum durante o verão, ou sejam 170.000 vacas leiteiras e 130.000 bovinos para corte. Essa decisão, já prevista e parcialmente em execução, obedece às seguintes razões: em primeiro lugar, foi considerado que muitas vacas leiteiras não davam um rendimento de leite que justificasse a sua manutenção, em vista das dificuldades da alimentação para o gado; em segundo lugar, as autoridades britânicas foram de opinião a ser mais econômico, no que diz respeito ao aproveitamento dos navios disponíveis, importar carne, frigorificada ou em conserva, em vez de forragem para o gado. Com o intuito de apressar a matança, o Ministério da Alimentação resolveu pagar preços bastante melhorados para o gado de qualidade inferior, a partir de 9 de junho.

10. O Ministério da Alimentação expediu uma ordem controlando a fabricação e os preços dos produtos de carne em conserva manufaturados no Reino Unido. Assim, a partir de 7 de julho só poderão ser fabricados em recipientes de vidro hermeticamente fechados ou em latas os seguintes produtos: pastas de carne ou de peixe, sopas de carne ou de legume, galantina e pratos mistos de carne e legumes. A ordem não afetou os extratos de carne. Estabeleceu padrões mínimos de qualidade para as sopas, relativamente ao conteúdo de matérias sólidas, proteína e gorduras. As pastas de carne e de peixe

deverão conter um mínimo de 40% e não passar de um máximo de 60% de carne e de peixe, respectivamente.

11. A "*The United States Rubber Reserve Company*" ajustou com o "*International Rubber Regulation Committee*" a aquisição de 100.000 toneladas de borracha, além das 330.000 toneladas contratadas anteriormente. O "*Financial News*", referindo-se ao assunto, disse que um dos importantes aspectos do novo acordo era que a entrega da borracha, segundo fora estabelecido, seria feita num espaço de tempo que facilitaria aos países exportadores reduzirem a sua produção depois de completadas as compras originais. Isso era de vantagem para os produtores, num período de transição, quando a procura do produto, por parte dos Estados Unidos, para a formação de estoques de reserva, viria talvez a ser limitada.

12. A execução do plano de concentração da indústria têxtil está sendo realizada. Certas fábricas da indústria de algodão de Lancashire foram oficialmente avisadas, em meados de junho, do número de teares que poderiam usar durante as seis semanas a terminar em 2 de agosto, e algumas não ficaram obrigadas, por falta de licenças, a trabalhar com menos quantidade de teares do que em semanas anteriores. Outras fábricas, entretanto, não receberam qualquer notificação oficial a respeito de tais licenças, até o encerramento do trabalho no dia 24, e umas poucas foram autorizadas a usar número de teares muito menor do que o empregado antes. As restantes fábricas, exceto aquelas que tiveram ordem de não mais tecer esperavam receber suas licenças dentro de poucos dias.

13. Foi concluído um acordo entre o Peru e a Grã-Bretanha, segundo o qual o qual este país continuará a comprar daquele importantes quantidades de algodão. Esse ajuste é, de algum modo, um prolongamento do acordo firmado no fim do ano passado, pelo qual a Inglaterra se comprometeu a adquirir 100.000 fardos de algodão dos estoques existentes no Peru. No novo ajuste foi prevista a compra de uma quantidade semelhante, da colheita de 1941.



**OFÍCIO • 15 JUL 1941 • AHI 28-2-4**

[Índice:] O acordo anglo-russo.

N. 548

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 15 de julho de 1941



Senhor Ministro,

A aliança concluída em Moscou no dia 12 do corrente entre a Grã-Bretanha e a Rússia soviética constitui um acontecimento de excepcional importância e representa um verdadeiro acordo de guerra.

2. Deve ser entendido que deixa fixado em um texto o princípio da colaboração, entre os dois países, já existente desde o dia da agressão alemã, visando o prosseguimento da luta até a vitória final.

3. Os dois Estados se comprometem a prestar mutuamente todo o auxílio e assistência de qualquer natureza, isto é, no terreno militar, diplomático e econômico.

4. É a consagração jurídica do fato consumado criado pela invasão da Rússia e pela atitude então assumida pela Grã-Bretanha de acordo com os Estados Unidos.

5. No terreno prático a colaboração tinha começado desde logo sob a forma de uma troca de missões militares, envio de material bélico e principalmente intensificação das incursões devastadoras da aviação britânica em território alemão e ocupado pelo inimigo.

6. Essa colaboração agora será desenvolvida em todos os domínios.

7. Aqui julgam de pouca importância que esse acordo de ação comum seja considerado ou não como uma aliança na sua verdadeira expressão. Os Estados Unidos sem serem beligerantes colaboram com a Grã-Bretanha em forma total e tal como se fossem verdadeiros aliados.

8. O Império britânico, a Rússia e os Estados Unidos, sem estarem em guerra contra o Japão, ajudam material e financeiramente a China cujo território foi invadido e ocupado parcialmente pelos exércitos nipônicos.

9. A Espanha sem estar em guerra com a Grã-Bretanha prepara um corpo expedicionário voluntário para ir se bater ao lado do Reich.

10. Poderia multiplicar esses exemplos para demonstrar que as expressões consagradas não têm hoje mais o mesmo sentido, mas se recorrermos ao texto do acordo de Moscou poderemos verificar que os dois países se comprometeram a não concluir qualquer paz com o inimigo sem prévio aviso e de comum acordo.

11. A esse propósito o acordo anglo-russo de 12 de julho é semelhante à resolução adotada pelos governos aliados um mês antes no Palácio de St. James. Por essa resolução os governos referidos se obrigam a se ajudarem até o limite de seus respectivos recursos e a continuar a luta até a derrota da Alemanha.

12. Pela primeira vez em um texto diplomático o acordo anglo-russo faz alusão à “Alemanha hitleriana” e essa inovação parece traduzir um pensamento político bem definido.

13. A Grã-Bretanha e a Rússia como os demais aliados combatem para abater um regime e seus chefes mas não tem o propósito de destruir o povo alemão conquanto não escondam a decisão inabalável de trazê-lo a uma concepção humana e mais generosa no que se refere às relações entre nações inutilizadas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



**TELEGRAMA • 16 JUL 1941 • AHI 30/1/1<sup>xvii</sup>**

Índice: Arroz brasileiro para a Grã-Bretanha.

N. EC/160 41530

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres

16 JULHO 1941 – Em resposta ao seu telegrama n 294, cabe-me informar que, de fato, pelo decreto-lei n 3.378, de 30 junho último, foi proibida a exportação arroz, enquanto não se normalizar a situação da lavoura rizícola brasileira. EXTERIORES

\*

**DESPACHO • 19 JUL 1941 • AHI 29/3/13**

Índice: Algodão brasileiro considerado deficiente na Grã-Bretanha.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres

Em 19 de julho de 1941

Senhor embaixador,

Com referência ao ofício dessa Embaixada, n258, datado de 9 de julho do ano próximo findo, bem como a ofícios posteriores, relativos às deficiências observadas por importadores britânicos em diversas partidas de algodão procedentes de João Pessoa, Estado da Paraíba, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência o que a respeito informa o Conselho Federal de Comércio Exterior, ao qual foi submetido o assunto.

2. De acordo com a resolução adotada pelo referido conselho e aprovada pelo Excelentíssimo senhor presidente da República, o Ministério da Agricultura tomou as medidas possíveis no momento, afim de evitar a repetição daqueles fatos.

3. Além de haver sido intensificada a fiscalização do beneficiamento e da prensagem, foram determinadas pelo mesmo Ministério providências acauteladoras e de maior eficiência nos trabalhos de classificação e de controle da exportação.

4. Tomou ainda aquele Ministério a iniciativa da realização de um inquérito, tende a apurar, com segurança, as causas que concorreram para as referidas deficiências. Do apurado nesse inquérito será dado, oportunamente, conhecimento a Vossa Excelência.

5. Quanto à designação de um técnico especializado, para servir junto ao Consulado do Brasil em Liverpool, na forma do disposto no artigo 76 do regulamento aprovado pelo decreto n 5.739, de 29 de maio de 1940, é medida que se impõe, segundo o parecer do citado Ministério, para a defesa dos produtos brasileiros no mercado britânico, mas somente poderá ser levada a efeito quando a situação internacional o permitir.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(j) J.R. de Macedo Soares.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.



[Índice:] A declaração do primeiro ministro sobre a política anglo-russa.

N. 553

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 17 de julho de 1941

Senhor Ministro,

A declaração feita há dois dias pelo senhor Winston Churchill, na Câmara dos Comuns, proclamando que o Pacto recentemente assinado em Moscou deve ser considerado como uma aliança anglo-russa, foi recebida pela opinião pública deste país, inclusive pelos setores mais caracteristicamente anti-comunistas, com a mais completa satisfação e sem nenhuma desconfiança.

2. A firmeza de convicção política do povo britânico e o sentimento de confiança em sim mesmo que todos aqui possuem, podem permitir esta aliança com os *Soviets* sem nenhuma reserva mental, com perfeito conhecimento de causa, sabendo exatamente até onde a nação se compromete.

3. As reações provocadas na imprensa diante do fato consumado da luta entre a Alemanha e a Rússia honram a clareza de julgamento e de intenção que a Grã-Bretanha está demonstrando durante a presente guerra contra os governos que buscam escravizar e dominar a Europa.

4. Os meios políticos britânicos julgam ser inútil que a Alemanha pretenda escandalizar o mundo, querendo fazer crer que o presente Pacto anglo-soviético representa uma claudicação ideológica por parte da Grã-Bretanha que, assim agindo, poderá pôr em perigo os fundamentos de uma civilização que aqui consideram estar de fato ameaçada mais pelo nazismo do que por qualquer outra força de decomposição social.

5. Certos órgãos da imprensa afirmam que, em frente a terrível realidade do hitlerismo que está levando toda a Europa a escravidão, a ruína espiritual, e a ameaça do comunismo se transformou simplesmente em um remoto perigo que os nazis agitam como um espantinho para assustar aos povos fracos e melhor poder dominá-los.

6. O “Daily Telegraph” por exemplo, um dos órgãos londrinos mais autorizados, julga que Hitler, supunha que, por temor ao comunismo, os elementos conservadores da Grã-Bretanha e do mundo iriam entregar-se de mãos e pés atados à essa revolução que a

Alemanha está alastrando pela Europa muito mais funesta para a civilização do que todos os movimentos revolucionários ocorridos em qualquer época.

7. Prossegue o mesmo jornal dizendo que quando Hitler julgou conveniente não hesitou em se ligar a Stalin, e a falta de lealdade com que agiu e fez seu ajuste o governo de Berlim logo provou tendo tudo quanto tinha prometido.

8. O recente acordo anglo-russo, apesar de ter sido concluído com absoluta lealdade, não implica nenhuma concessão ideológica, nenhuma abdicação de princípios, e a Grã-Bretanha pode ajudar a Rússia com todas as suas forças até o extermínio do nazismo sem modificar a sua posição anterior nem atraiçoar os fundamentos tradicionais dos cristãos conservadores e sem ter imposto a outros povos não comunistas as doutrinas bolchevistas.

9. Poucos vezes [sic] na história diplomática alianças entre Estados edificadas sobre ideologias distintas e autogónicas [sic] são tão claras e precisamente definidas como a presente em que cada uma das partes conserva intacta sua verdadeira significação política.

10. Não parece que isso mesmo poderá ser dito pelos dirigentes de Berlim, quando em 1939 se dirigiam ao Kremlin, em humilde peregrinação, para com mãos mais livres, com o apoio de Moscou, poderem atacar essa civilização ocidental que agora pretendem defender

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 17 JUL 1941 • AHI 28/2/4

[Índice:] Comércio da América Latina.

N. 555

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 17 de julho de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, no incluso recorte, o editorial do “*Financial News*”, de 16 do corrente, que trata do comércio exterior das Repúblicas da América do Sul, referindo-se a certas informações divulgadas recentemente pelo

Departamento de Comércio dos Estados Unidos, sobre o grande desenvolvimento que esse está dando no comércio interamericano.

2. No tocante ao Brasil o referido editorial diz que em 1940 o saldo do nosso comércio exterior foi somente de \$13 milhões, o volume total de comércio tendo alcançado a cifra de \$514 milhões. No ano passado o Brasil fez alguma exportação para a Alemanha, sobretudo de artigos compactos e de alto valor, como diamantes industriais, quartzo, óleos e ceras. Esses produtos foram transportados pela linha aérea italiana.

3. Para resolver a situação difícil em que se encontram, devido à perda de quase todos os mercados europeus, os países sulamericanos – continua o artigo – terão, em primeiro lugar, de intensificar seus esforços no sentido de encontrar outros mercados no hemisfério ocidental e, em segundo lugar, de acelerar a sua própria industrialização. Aliás, a atividade industrial desses países está se tornando cada vez mais evidente.

4. O “*Financial News*” termina o editorial dizendo que, apesar das dificuldades presentes, seria inteligente que a Grã-Bretanha fizesse o possível por manter, com as Repúblicas em questão, as relações comerciais de antes da guerra e planejasse uma política comercial de longo alcance para depois do conflito.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



TELEGRAMA • 18 JUL 1941 • AHI 29/5/4

[*Índice:*] Repercussão em Londres da constituição do novo Gabinete japonês e da mediação para a solução do incidente Equador-Peru.

Da Embaixada em Londres

SEXTA-FEIRA, 18 de julho de 1941 – 13h00 – Nos círculos ligados ao Foreign Office considera-se que a crise política japonesa foi provocada por elementos extremistas do gabinete, que conseguiram impor suas vistas quanto ao desenvolvimento das ações diplomática e militar nas atuais circunstâncias. Embora as razões da demissão do

ministério japonês sejam ainda desconhecidas, parece existir desacordo entre os dois partidos do governo: um, tendente à franca intervenção na guerra ao lado do eixo, outro, pela aproximação com os Estados Unidos da América e a Grã-Bretanha. O governo britânico está acompanhando a situação do Oriente com a máxima vigilância. Os meios bem informados afirmam que Washington e Londres estão em permanente contato na previsão de graves acontecimentos contra a Rússia ou a Indo-China e as Índias Neerlandesas, o que aqui acreditam determinariam conflitos com os Estados Unidos da América. A atitude da Espanha, querendo por todos os meios, impedir a intervenção dos Estados Unidos da América na guerra, é inspirada diretamente pelo senhor Hitler e liga-se muito ao desenvolvimento da política do eixo no Extremo-Oriente. A imprensa comenta favoravelmente a aceitação pelo Perú e o Equador da mediação do Brasil, Estados Unidos da América e Argentina, ficando assim afastadas a ameaça de guerra no Continente americano.

J. Moniz de Aragão



**OFÍCIO • 23 JUL 1941 • AHI 28-2-4**

[Índice:] Relações econômicas anglo-americanas.

N. 565

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 23 de julho de 1941

Senhor Ministro,

O "*Financial News*" de hoje, na importante coluna intitulada "*Lombard Street*", tece observações interessantes sobre a instituição da lista negra pelos Estados Unidos. Afirma a folha financeira que a medida tomada pelas autoridades americanas, com o intuito de impedir transações com firmas e indivíduos na América Latina que estiverem sob a suspeita de auxiliar os interesses dos países do eixo, tem proporcionado uma nova oportunidade aos "isolacionistas" estão recebendo algum apoio por parte de elementos cujos interesses comerciais foram afetados pelas restrições criadas pela lista negra. A agitação anti-britânica alega que os exportadores ingleses beneficiarão como resultado da medida do governo americano. O "*Financial News*" considera essa atitude como absurda

e lembra que a lista negra inglesa, estabelecida no começo da guerra, foi aumentada aos poucos e hoje é muito completa. Para combater quaisquer suspeitas, fomentadas artificialmente nos Estados Unidos, as autoridades britânicas deverão trabalhar em íntima colaboração com o governo americano, afim de que as listas de ambos os países concordem tanto quanto possível.

2. Parece ainda que em círculos americanos até agora amistosos para com este país se está alegando que o comércio de exportação da Grã-Bretanha para a América Latina tem beneficiado à custa do comércio de exportação dos Estados Unidos, graças às vantagens derivadas do "*Lease and Lend Act*". Se isto fosse exato, diz o "*Financial News*", os interesses americanos envolvidos teriam motivo para queixar-se, não obstante o fato de que desde o início da guerra esses interesses se aproveitaram bastante da inabilidade dos exportadores britânicos de abastecer suficientemente os mercados sul-americanos. Essas alegações, entretanto, não tem fundamento algum. Parte alguma das mercadorias importadas pela Inglaterra dos Estados Unidos é reexportada para a América Latina ou para qualquer outro mercado, com a possível exceção dos domínios e das colônias britânicas. Essas importações tão pouco libertaram mercadorias equivalentes britânicas para a exportação. Todos os artigos e produtos importados neste país em virtude do "*Lease and Lend Act*" são necessitados urgentemente para a defesa nacional e a população civil. Essas importações cobrem uma falta e não cifram um excedente para fins de exportação.

3. Também não se pode afirmar que o "*Lease and Lend Act*" modificou a política de exportação da Grã-Bretanha no sentido de aumentar indiretamente a capacidade de exportação do país. Desde que entrou em vigor a referida lei americana, parte alguma da indústria britânica foi desviada da produção de guerra para a de exportação. Muito pelo contrário, à medida que mais e mais fábricas entraram a produzir armamentos, a proporção da indústria de guerra tem aumentado, não obstante a chegada de material bélico dos Estados Unidos em virtude da lei em questão.

4. É bem sabido que a falta de navios constitui o obstáculo principal ao desenvolvimento das exportações, e, sob esse ponto de vista, declara o "*Financial News*", o "*Lease and Lend Act*" não melhorou a situação do comércio de exportação britânico. Bem pelo contrário, o transporte das mercadorias adquiridas em virtude dessa lei requer praça adicional e assim há menos navios disponíveis para as exportações destinadas à América Latina. Sem o "*Lease and Lend Act*" a Grã-Bretanha ter-se-ia visto na necessidade de fazer um esforço extraordinário para aumentar as suas exportações com o



objetivo de habilitá-la a pagar as suas importações vitais. Possivelmente teria sido necessário conceder às indústrias de exportação prioridade especial no tocante a matérias primas, mão de obra e praça, à custa até da produção de guerra. Com a declaração do "*Lease and Lend Act*" não houve necessidade disso e pelo contrário a Grã-Bretanha pode dedicar toda a sua atenção ao desenvolvimento do esforço de guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 23 JUL 1941 • AHI 28-2-4

[*Índice:*] Perspectiva de nova ofensiva de paz alemã.

N. 566

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 23 de julho de 1941.

Senhor Ministro,

Em conversa com funcionários do Foreign Office e com os embaixadores turco e espanhol soube que a diplomacia e a propaganda do *Reich* estão fazendo visíveis preparativos em diversas capitais inclusive Ankara, Madrid e Lisboa visando uma nova ofensiva de paz.

2. Assim já foi divulgado que no mesmo momento em que a avançada alemã na Rússia parece ter sido pela segunda vez, em quinze dias, contida com graves perdas para as forças nazistas, os diplomatas germânicos e os especialistas da propaganda do senhor Goebbels afiam as suas armas para uma nova tentativa de paz que deverá ser proximamente.

3. Os círculos alemães em Ankara confessam não somente que a campanha na frente Oriental não tem produzido os resultados esperados mas admitem que os obstáculos

imprevistos encontrados na frente russa pela máquina de guerra alemã estão causando um grande nervosismo aos soldados e oficiais do *fuehrer*.

4. Observadores recentemente chegados de Berlim a Lisboa declaram que os nazis iniciaram em toda a Europa ocupada e neutra uma campanha em favor do que resolveram chamar de "cruzada contra o bolchevismo" de cujos chefes eram aliados até um mês atrás.

5. Eles querem principalmente convencer aos neutros que essa cruzada constitui a única esperança de salvar a Europa do comunismo.

6. Logo depois tratariam de buscar convencer a Grã-Bretanha desse pseudo perigo o que desde já pode ser dito com resultado negativo.

7. A atitude da Turquia não é considerada como fácil de ser compreendida apesar de que não resta dúvida que o governo de Ankara deseja de qualquer forma uma paz de compromisso.

8. Ao mesmo tempo, há apenas dois dias, a Grã-Bretanha recebeu a promessa de que a Turquia não consentirá em nenhum caso a se tornar um país conquistado, ocupado ou utilizado pelo *Reich* tal como a Bulgária e a Hungria e que jamais será dada permissão para tropas alemãs utilizarem o território turco seja qual for o motivo.

9. O correspondente da agência francesa de informações da política alemã informou que a oferta de paz hitleriana será provavelmente apresentada no próximo mês de setembro, como em tempo informei a Vossa Excelência, mas tudo depende do desenvolvimento da guerra na Rússia.

10. Essa ofensiva de paz compreenderia uma proposta contendo, entre outras, as seguintes condições: garantia de respeito à integridade territorial do Império britânico apenas desmembrado das antigas colônias alemãs que seriam reincorporadas ao Reich; liberação de uma grande parte da França sendo que a Alsácia-Lorena seria definitivamente anexada pela Alemanha e Córsega, Tunísia e uma parte da Sabóia seriam atribuídas à Itália; restauração da Holanda e da Bélgica; reconhecimento da zona de influência política, econômica e comercial dos Estados Unidos nas Américas do Sul e Central; a Noruega e Dinamarca passariam a formar um só estado com a constituição de país vassalo da Alemanha dependente do governo de Berlim.

11. Esse projeto, como Vossa Excelência verá, não cogita da Áustria, da Tchecoslováquia, da Polônia nem dos demais países balcânicos, pois, segundo alega o meu informante, já foram todos considerados pela Alemanha como definitivamente desaparecidos do mapa europeu constituído parte integrante do Reich alemão ou da Itália.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 23 JUL 1941 • AHI 28/2/4

[Índice:] Cooperação da Índia na guerra.

N. 567

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 23 de julho de 1941

Senhor Ministro,

A título de informação tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, no inlcuso recorte, as declarações do senhor Amery, secretário da Índia, na Câmara dos Comuns, anunciando a expansão do Conselho Executivos bem como a criação do Conselho de Defesa Nacional, medidas tendentes a intensificarem o esforço daquele domínio na guerra.

2. Essas decisões representam uma reconstrução do governo central sem precedentes e foram tomadas depois que fracassaram as tentativas de colaboração com o Partido do Congresso, chefiado pelo senhor Gandhi, e com o Partido Muçulmano, embora sem a preocupação de atender a exigências políticas.

3. A maioria no Conselho foi atribuída a hindús ilustres mas sem posição oficial, e é um passo avançado para a introdução de reformas liberais na Constituição.

4. O fato do vice-rei ter podido assegurar-se a cooperação de personalidades eminentes na vida hindú, cuja única preocupação é o bem da comunidade que representam, não poderá deixar de ter influência sobre o futuro regime constitucional da Índia.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



**OFÍCIO • 24 JUL. 1941 • AHI 28-2-4**

[*Índice:*] Acordo de pagamentos.

N. 570

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 24 de julho de 1941

Senhor Ministro,

Em anexo tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência uma exposição preparada pelo primeiro secretário, J. de Alencar, sobre o Acordo de Pagamentos em vigor entre o Brasil e este país.

[*Anexo*]

Exposição sobre o Acordo de Pagamentos entre o Brasil e a Grã-Bretanha

Está por terminar o prazo de vigência do Acordo de Pagamentos assinado entre o Brasil e a Grã-Bretanha, por intermédio do banco do Brasil e do banco da Inglaterra, respectivamente.

2. Não dispomos nem dispusemos em qualquer momento nesta Embaixada de dados sobre a posição da balança dos pagamentos, não sendo ela tão pouco conhecida pelos círculos comerciais deste país. Este último fato, aliás, tem, por várias vezes, dado ensejo a protestos e reclamações dos comerciantes ingleses que alegaram não ter meios para julgar se o Brasil dispunha de esterlino suficiente para assegurar o pagamento, dentro de prazos estipulados, das mercadorias inglesas exportadas ao nosso país. Sob o ponto de vista das autoridades britânicas esses protestos não mais tiveram fundamento a partir de 6 de março último (ofício n.174, de 26 de fevereiro último), quando o Board of Trade

instituiu o controle das exportações destinadas ao Brasil e a certos outros países sul-americanos mediante o regime de licenças prévias.

3. O acordo de pagamentos tinha por fim primordial visto pelo prisma dos interesses britânicos assegurar na medida do possível o equilíbrio dos pagamentos entre o Brasil e a área esterlina; dele também se podia esperar evitasse as delongas e demoras em consequência da falta de esterlino nos pagamentos de mercadorias exportadas ao Brasil. A Câmara de Comércio Britânica de São Paulo, em seu boletim hebdomadário, por mais de uma vez manifestou a opinião de que o Banco do Brasil não estava obrigado a fornecer libras esterlinas para saldar importações ou para quaisquer outros pagamentos ao Reino Unido se não tivesse libras disponíveis na conta especial no banco da Inglaterra. Afirmou a Câmara que cabia às autoridades britânicas tomar as medidas necessárias para a compra no Brasil de mercadorias em quantidades suficientes de maneira a alimentar a referida conta e fazer com que a balança dos pagamentos fosse sempre favorável ao Brasil. Essas afirmações da Câmara de comércio foram divulgadas na imprensa financeira de Londres (ofício n. 484, de 29 de outubro de 1940). O Financial News sustentou naquela ocasião que os exportadores britânicos tinham o maior interesse em que o acordo de pagamentos funcionasse sem impedimentos e isto só podia ser assegurado se a Grã-Bretanha colocasse regularmente encomendas vultosas no Brasil.

4. Desde aquela época a situação do Reino Unido, no tocante ao volume das mercadorias disponíveis para exportação, tem se modificado consideravelmente. O ritmo do esforço econômico de guerra se tem acelerado fortemente e ainda vai aumentando, tendo por consequência uma diminuição na produção de mercadorias para o consumo civil interno e para exportação. Diversas medidas têm limitado o consumo da população civil inglesa – ainda ultimamente foi imposto o racionamento de roupa e calçado. Acresce que em certos ramos industriais, o Reino Unido não pôde, ou não quis manter a sua produção. Na indústria têxtil, por exemplo, foi calculado que certos fios e tecidos não proporcionavam ao país nas circunstâncias atuais, um rendimento financeiro que justificasse a sua fabricação. A indústria têxtil estabeleceu um quadro comparativo da quantidade e do valor da matéria-prima que deve ser importada do estrangeiro para a fabricação de fios de algodão, de lã, de viscose rayon e de acetate rayon. Evidenciou-se que, relativamente ao custo, o mais barato é o viscose rayon, os mais caros os de algodão e de lã. No que diz respeito, entretanto, à cubagem de praça marítima, o fio de algodão e de acetate rayon (ofício n.335, de 24 de abril último). Empiricamente, e passo a passo, o governo britânico estendeu seu controle sobre a vida econômica do país e sobre o seu

comércio de exportação. Em 29 de abril último, o presidente do Board of Trade fez declarações importantes sobre a política do governo britânico relativamente ao comércio de exportação. Afirmou que poucas eram as mercadorias destinadas a esse comércio que não oneravam os recursos existentes no país em mão-de-obra, material, fábricas e transporte, já tão sobrecarregados com os encargos decorrentes da guerra. Essas considerações impuseram, declarou, a aplicação de uma política de seleção das exportações, encorajando aquelas que auxiliassem direta ou indiretamente o esforço da guerra. A conveniência ou não de exportar um determinado artigo ou de exportar para um determinado país seriam examinados sob o seguintes aspectos:

- 1) Se as exportações produziam câmbio, necessitado para o pagamento das importações essenciais;
- 2) Se, no caso de exportações destinadas à área esterlina ou a países aliados, elas eram essenciais para o país importador;
- 3) Se o valor do produto exportado era alto em relação ao da matéria-prima importada no Reino Unido para a sua fabricação;
- 4) Se o artigo podia ser manufaturado e exportado sem sobrecarregar recursos necessitados para a guerra.

A política do governo no sentido de encorajar as exportações e manter as relações comerciais com o estrangeiro tinha, ponderou o presidente do Board of Trade, que sujeitar-se a essas considerações. (ofício n.350, de 30 de abril último).

5. Se me estendi na narração dos fatos acima citados quanto à política oficial de exportação deste país, foi com o objetivo de salientar que o governo britânico se vê na necessidade de controlar estritamente o destino das mercadorias disponíveis para esse fim, devido ao volume limitado das mesmas, pela necessidade de fazer o melhor uso dos meios de transporte marítimos de que dispõe, e finalmente por ser imprescindível para os seus interesses destinar essas mercadorias de que precisa. Sob muitos pontos de vista os Estados Unidos gozam de uma situação privilegiada nesse particular, que se tornou ainda mais propícia depois que veio a ser lei o chamado Lease and Lend Bill. Essa medida legislativa, como se sabe, faculta à Grã-Bretanha a aquisição de todos os artigos essenciais naquele país sem a necessidade de pagá-los imediatamente em dólares. Se o fim primordial da lei foi permitir ao governo britânico comprar nos Estados Unidos armamentos e munições, ela logo abrangeu também matérias-primas e gêneros alimentícios. A Inglaterra viu-se, assim, na possibilidade de comprar, nos Estados Unidos, sem desembolso de dólares, uma série de produtos que também exportamos, como, por

exemplo, algodão. Acresce que, em virtude do acordo de troca de borracha por algodão, já este país estava importando um volume elevado da fibra americana sem que essa importação pesasse na sua balança comercial. Recentemente noticiou-se que os Estados Unidos passarão a importar da Austrália e da Nova Zelândia certos gêneros alimentícios, sobretudo carne, exportando para Inglaterra quantidades equivalentes dos mesmos produtos americanos, por ser de vantagem para a Inglaterra adquirí-los de uma fonte, como os Estados Unidos, menos afastada do que os domínios em questão.

6. Com a enumeração dos fatos acima mencionados percebe-se que muito mudou a situação no tocante às possibilidades do comércio entre o Brasil e o Reino Unido, desde a época em que foi negociado o acordo de pagamentos. Com este acordo as autoridades britânicas almejavam dois objetivos principais, além do primordial de conseguir a balança dos pagamentos com o nosso país: assegurar cobertura em libras esterlinas para as exportações inglesas ao Brasil e, em aditamento, a soma indispensável para o serviço da dívida externa, pagamentos de juros de empresas britânicas que funcionam em nosso país, fretes marítimos e seguros. Ao calcular o total em esterlinos de que precisaríamos, as autoridades britânicas tinham, portanto, um fator fixo, isto é, a soma necessária para o serviço da dívida externa. A importância relativa ao pagamento de juros de empresas britânicas no Brasil era suscetível de ser calculada aproximadamente. No que diz respeito às mercadorias inglesas exportadas para o Brasil, estas desde algum tempo se acham sob o controle completo do Board of Trade que só concede licenças quando julga conveniente. O valor total de mercadorias britânicas cuja exportação ao Brasil será permitida em determinado período decorre de uma operação aritmética e é representada, aproximadamente, pela soma restante depois de subtraídas do total despendido pela Inglaterra no Brasil com a compra de produtos brasileiros a importância para o serviço da dívida e a para o pagamento de juros. O valor das compras feitas no Brasil pode ser calculado, para esses fins, na base f.o.b. e o das mercadorias vendidas ao nosso país na base c.i.f. É evidente que esses cálculos, tanto no que se refere às exportações britânicas para o Brasil, quanto no que diz respeito às compras aí feitas, são aproximados, mas não resta dúvida que o ponto de partida será constituído pela cifra das compras totais que as autoridades britânicas têm em vista fazer em nosso país num determinado período. Essa cifra faz parte do programa geral de compras elaborado pelo governo britânico para cada ano de guerra. Naturalmente, ao calcular essa cifra com relação a um qualquer país, deve também entrar em consideração o volume e valor das mercadorias inglesas disponíveis para exportação, que a tal país poderão ser vendidas. Nas presentes circunstâncias a

Inglaterra não está em posição de exportar em escala apreciável máquinas e toda classe de artigos de aço e de ferro – mercadorias que precisaríamos. Dispõe de fios e tecidos de algodão e de lã em quantidades importantes, artigos que produzimos e mesmo exportamos e que só nos interessam em pequena escala e com relação a certos tipos. Outro grande produto britânico de exportação, que antes da guerra, comprávamos em quantidades importantes, o carvão, também não entra em consideração como fator interessante para o intercâmbio comercial entre os dois países nas presentes circunstâncias. Não somente o custo do frete impede à Inglaterra colocar seu combustível no Brasil vantajosamente – para não falar das dificuldades de praça para um produto tão volumoso – como acontece ainda que devido à premência da mão-de-obra está diminuindo a sua produção neste país, a ponto de ter sido necessário racioná-lo. Em 1938, o valor total f.o.b. das mercadorias britânicas exportadas para o Brasil foi de £5.316.606. Nesse total, carvão, coke, máquinas, artefatos de aço e ferro e certos veículos, como locomotivas, vagões etc. entraram com £2.618.420, sendo carvão, £596.073, máquinas, £1,226,467, coke, £74.606, artefatos de aço e de ferro, £450.883, veículos (locomotivas, vagões) £270.441. Essas classes de mercadorias perfaziam, portanto, quase 50% do valor total das exportações britânicas para o Brasil naquele ano. É lícito asseverar que atualmente a Inglaterra não está em condições de mandar-nos esses artigos em quantidades semelhantes.

7. No tocante à nossa exportação para este país, segundo as estatísticas britânicas, seu valor total, calculado na base dos preços que as mercadorias alcançariam no mercado livre na Inglaterra, foi em 1938 de £7.421.313, tendo-se em conta apenas aquelas que foram retidas no país, pois, incluindo as reexportadas, esse valor chegou a £7.661.315. Desse total a importância de £2.390.087 era constituída pelos seguintes produtos que a Inglaterra não mais importa do Brasil ou importa em quantidades que a Inglaterra não mais importa do Brasil ou importa em quantidades muitíssimo menores do que antes da guerra: forragem (torta para gado), £210.966; bananas, £376.253; *grapefruit*, £74.343; laranjas, £1.035.157; castanhas do Pará, £404.432 e bago de mamona, £288.936. É verdade que um dos nossos principais produtos de exportação, a carne, tem sido procurado em volume muito maior do que antes do conflito, mas as nossas possibilidades de exportação nesse particular são limitadas e já foram praticamente atingidas. Acresce que também as compras de carne da Inglaterra não são ilimitadas, acontecendo ainda que outros países produtores gozam, sob alguns pontos de vista, de uma posição privilegiada a esse respeito. Certos produtos, (café, cacau, fumo, açúcar, erva mate), de grande importância na nossa lista de exportação, não entram em consideração no comércio com



este país. O governo brasileiro tomou ultimamente várias medidas proibindo ou limitando a exportação de certos produtos, como rutilo, quartzo etc. ou restringindo-a a certos países apenas, como os Estados Unidos. Chega-se assim à conclusão de que o número dos nossos produtos exportáveis para este país, tanto sob o ponto de vista do interesse brasileiro, como sob o da necessidade deste país, é relativamente limitado. Nessas condições não deve ser de todo impossível estimar aproximadamente a espécie, o volume e o valor das mercadorias que nas melhores condições poderemos exportar em determinado período para o Reino Unido. Tal cálculo permitiria, por sua vez, avaliar aproximadamente o total (valor) das mercadorias inglesas que poderemos adquirir (na eventualidade de vendermos o volume total de tais mercadorias disponíveis à Inglaterra).

8. Parece-nos, assim, que haveria alguma conveniência em estabelecermos, de acordo com as autoridades britânicas, o alcance do intercâmbio comercial entre os dois países no terceiro ano da guerra e de chegar, de comum acordo, a um ajuste quanto à natureza das mercadorias que poderemos comprar na Inglaterra com as libras esterlinas disponíveis na conta especial, produto da nossa exportação, uma vez satisfeitos o serviço da dívida e os demais pagamentos indispensáveis. Tal ajuste nos facultaria saber de antemão que poderemos contar não somente com um determinado volume de artigos, como ainda especificar, dentro de limites evidentemente elásticos, o fornecimento de determinados artigos de que precisamos. Como o número de países industriais em que nos podemos abastecer é atualmente muito reduzido, acredito de interesse para nós assegurar ao país, desde modo, os artigos manufaturados, máquinas etc. necessários para o seu desenvolvimento e o funcionamento das suas indústrias.

9. Recapitulando as observações feitas acima, verifica-se que o comércio entre os dois países será limitado em seu volume e valor em consequência dos seguintes fatos:

- 1) Número restrito de produtos brasileiros exportáveis para a Inglaterra;
- 2) Número restrito de produtos brasileiros exportáveis, de necessidade absoluta para a Inglaterra;
- 3) Volume limitado da produção de certos artigos brasileiros de que necessita a Inglaterra;
- 4) Restrições no volume de mercadorias disponíveis na Inglaterra para exportação e seleção do destino dessas mercadorias pelas autoridades britânicas;
- 5) Diminuição na Inglaterra da produção de máquinas, artefatos de aço etc., de especial interesse para o Brasil; idem, de carvão;
- 6) Dificuldades de transporte;

7) O fator financeiro.

10. Nessas condições surge a questão: como poderíamos aumentar o volume dos produtos brasileiros comprados pela Inglaterra. Seria de interesse para o Brasil obter que este país compre maiores quantidades dos nossos produtos, indo além dos absolutamente indispensáveis para as suas necessidades, mediante um aumento proporcional do serviço da parte esterlina da nossa dívida externa? É de supor, contudo, que se aumentássemos o serviço dessa parte da dívida, surgiriam reclamações por parte dos portadores de títulos dos empréstimos contraídos em outros países e moedas. Na hipótese de ser viável um ajuste dessa ordem, não haveria necessidade absoluta de que os produtos adicionais comprados em virtude de tal ajuste fossem transportados para a Inglaterra. Poderiam ser armazenados no Brasil, constituindo estoques para utilização depois da guerra. O governo britânico concluiu recentemente acordos com os governos da Austrália e da Nova Zelândia (ofício n.515, de 2 de julho último) pelos quais, entre outras providências, serão criados estoques de mercadorias (no caso, gêneros alimentícios) cujo volume será fixado, tendo em conta: a) a procura provável durante e depois da guerra; b) a importância da indústria respectiva para o país produtor em questão. Os encargos financeiros para a aquisição e armazenagem desses estoques, até o momento da sua utilização, serão repartidos em proporções iguais entre o governo britânico e o do domínio interessado. O pagamento dos produtos destinados aos estoques será ajustado entre os respectivos governos, tomando-se em consideração o custo de armazenagem, depreciação etc., e sendo entendido que os preços serão fixados numa base que permita a realização de objetivo dos acordos, que é de manter a indústria em operação eficiente e evitar, simultaneamente, a criação de excessos desproporcionados. Os governos australiano e neozelandês concordaram em colaborar em quaisquer conversações limitadas ao Império britânico ou de caráter internacional, visando o exame dos problemas de mercados e outros relacionados.

11. Finalmente, desejaria chamar a atenção para certos mal entendidos que surgiram com relação ao Acordo de Pagamentos em vigor entre os dois países e, bem assim, para algumas falhas que consta se terem dado no seu funcionamento. A Câmara de Comércio britânica de São Paulo, em seu boletim n.8, de 8 de maio último, escreveu o seguinte sobre o assunto:

*“Misunderstandings regarding the Payments Agreement. We do not know what information on the matter has been made public in Great Britain, but it would seem from cables and letters which are arriving in Brazil from Home*

*manufacturers and exporters that the belief is current that the Brazilian authorities will provide dollars for sterling imports should sterling cover not be available. This is a definite misunderstanding of the terms of the Payments Agreement. The Agreement sets up a sterling clearing account – a compensation account for imports and exports in sterling only. Were it not for Agreement it is possible there would be no shortage of cover, as the Bank of Brazil could convert dollars into sterling. But this is only surmise, the fact being that the Brazilian authorities are not placing dollars at the disposal of importers for the payment of sterling imports.*

*Another misunderstanding has to do with the time of making payment. In this connection it is surprising the number of firms who have cabled or written to clients or prospective customers to inform them that under the terms of the Agreement credits have been made available in certain cases for the importation of merchandise of which there has been urgent need, actually Brazilian exchange control regulations lay down that the goods must have arrived in Brazil before exchange cover is furnished. But, in any case, so far as British regulations are concerned, there is nothing in the Payments Agreement which obliges the opening of credits before the shipment of goods.*

*Our advice therefore is that those interested in Anglo-Brazilian trade should acquaint themselves fully with the terms of the arrangement before turning down business or before spending money on cables requesting payment in a manner either prohibited by the Agreement or by Brazilian exchange regulations.*

*Regarding the recent order restricting the value of exports to Brazil and certain other South American countries, it has been stated in the British press that this became necessary because such countries were buying more than they could pay for. So far as Brazil is concerned, this is rather a naïve explanation. Actually, what has occurred is that British purchases of Brazilian products have not lived up to expectations, so that the clearing account has not been fed with funds.”*

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 25 JUL 1941 • AHI 28/2/4

[Índice:] A política anglo-espanhola.

N. 572

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 25 de julho de 1941

Senhor Ministro,

O ministro dos Negócios Estrangeiros ontem na Câmara dos Comuns, em resposta a uma interpelação de um membro liberal, definiu a posição da Grã-Bretanha em relação ao governo de Madrid.

2. Deve ser recordado que o general Franco no seu discurso de 17 do corrente mês tinha atacado violentamente o governo britânico o qual acusou de estar impondo a fome à Espanha e proclamou a sua completa confiança na vitória da Alemanha.

3. O senhor Eden no seu recente discurso lembrou que o governo britânico tudo tem feito para ajudar a Espanha, contribuindo de forma eficaz para a sua reconstrução econômica e comercial. Em várias ocasiões, acrescentou o titular do Foreign Office, este governo abriu créditos que alcançam sete milhões de libras para ajudar ao governo espanhol a comprar matérias primas e víveres tendo cedido importantes estoques do trigo de propriedade inglesa adquirido na Argentina.

4. Prosseguiu o ministro Eden declarando que o governo britânico lamentava dever revelar que o general Franco no seu discurso perante o Conselho Nacional da falange espanhola não somente mostrou ter uma falsa concepção da situação geral mas ainda da política econômica da Grã-Bretanha em relação à Espanha.

5. É preciso haver uma boa vontade recíproca, prosseguiu o orador, na aplicação dos acordos econômicos vigentes e o general Franco demonstra pouco interesse nesse particular.

6. A declaração do caudilho causou aqui uma desagradável impressão e todos julgam que nessas condições a Grã-Bretanha deve suspender toda e qualquer assistência

econômica e de futuro não poderá prosseguir no desenvolvimento de sua política de cordialidade e de colaboração a menos que ulteriores atos do governo espanhol justifiquem essa atitude.

7. Estou informado que qualquer ação eventual do governo britânico de caráter econômico ou de outra natureza será incondicionalmente apoiada pelos Estados Unidos, para melhor fazer sentir ao governo espanhol o desagrado tanto de Londres como de Washington em face da recente atitude do seu chefe.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 30 JUL 1941 • AHI 28-2-4**

[Índice:] Planos nazistas na América Latina.

N. 581

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 30 de julho de 1941

Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, no incluso recorte do “*Daily Telegraph*” de hoje, um longo telegrama do correspondente deste jornal em Washington, a propósito das revelações do senhor Sumner Welles quanto às atividades subversivas e anti-americanas dos alemães na América.

2. O correspondente também refere às notícias chegadas de Buenos Aires sobre a mensagem secreta descoberta pelas autoridades argentinas, que provaria a participação dos agentes nazistas no recente conflito entre o Peru e o Equador, como resultado da conferência dos quatro representantes diplomáticos alemães em Santiago.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



TELEGRAMA • 29 JUL 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Guerra na Europa. Rompimento relações entre a Finlândia e a Grã-Bretanha.

Da Embaixada em Londres

TERÇA FEIRA Em 29 de julho de 1941 – 17hs.00 - Acaba de ser divulgado que o ministro inglês em Helsinki foi notificado que o governo finlandês resolveu romper as relações com este governo devido sua presente atuação na atual guerra contra a Rússia. A notícia causou profunda impressão e todos lamentam a atitude do governo finlandês que sempre encontrou, por parte deste governo, todo o auxilia moral e material inclusive na campanha russo-finlandesa.

Moniz de Aragão



TELEGRAMA • 31 JUL. 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Guerra na Europa. Restabelecimento das relações entre a Rússia e a Polônia.  
Campanha da Rússia.

Da Embaixada em Londres

QUINTA FEIRA – Em 31 de julho de 1941 – 15hs.45- Foi assinado ontem o tratado russo-polonês, considerado como vitória da diplomacia do bom senso, elemento para o favorável desenvolvimento da guerra e da política de consolidação da paz. Ficaram assim restabelecidas, graças à mediação britânica, as relações diplomáticas entre ambos os países e anulado o tratado germano-soviético sobre a mudança territorial da Polônia, que fica garantida nos seus limites anteriores à agressão nazi-russa, além da liberação dos prisioneiros de guerra poloneses, que formarão novo e importante exército para combater contra os alemães. Os círculos diplomáticos receberam satisfatoriamente a notícia do reconhecimento, pelos Estados Unidos da América, do governo tchecoslovaco aqui instalado, sob a direção do presidente da República Benes. O desenvolvimento da campanha russo-alemã continua sendo objeto do máximo interesse, estando agora os círculos militares mais animados e confiantes na resistência russa que estaria causando grande preocupação ao governo alemão pelas graves perdas sofridas pelos seus exércitos. Apesar disso, todos aqui encaram, como previstos, o perigo da invasão da Grã-Bretanha, e o eventual ataque contra a Turquia, além da crescente utilização, pelos alemães, das bases francesas da Argélia e de Dakar.

Moniz de Aragão



OFÍCIO • 31 JUL 1941 • AHI 28/2/4

[Índice:] Declarações do ministro Eden sobre a política britânica.

N. 583

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 31 de julho de 1941

Senhor Ministro,

O primeiro ministro ao definir a política do governo britânico no momento da agressão alemã contra a Rússia, no dia 22 de junho último, declarou que: "Nós não aceitaremos jamais negociações ou conversas com Hitler ou qualquer outro pertencente ao seu bando".

2. Por ocasião do almoço que lhe foi oferecido pela imprensa estrangeira, no dia 28 do corrente, o ministro Eden retomou esse tema no seu discurso, deixando compreender que depois do malogro da guerra relâmpago na Rússia poderemos assistir a uma fulminante ofensiva de paz por parte dos dirigentes de Berlim.
3. O *fuehrer* prometeu ao povo alemão que lhe daria a paz este ano com uma vitória completa e o domínio da Europa, mas tudo indica que devido aos recentes acontecimentos na Rússia ele agora não pode senão oferecer uma paz de compromisso que será recusada como reiteradamente declaram os senhores Churchill e Eden.
4. Ambos esses ministros em suas declarações tem afirmado que uma paz sem vitória completa sobre a Alemanha seria ato imprudente e criminoso, pois, representa somente uma trégua que seria utilizada pelo chanceler Hitler para se rearmar enquanto seus adversários, novamente entregues aos seus trabalhos honestos, ficariam adormecidos numa falsa segurança.
5. Por essa razão o governo britânico recusa formalmente toda e qualquer negociação com o *fuehrer* alemão seja qual for o assunto.
6. A oferta será tentadora e como disse o senhor Eden no seu recente discurso "será um monumento de aparente moderação, de doçuras razoáveis e sobretudo de hipocrisia e falsidade".
7. Os jornais relembram que nos últimos tempos foi sabido que Hitler se propunha, como já anteriormente fez publicar, a reconhecer e mesmo garantir a integridade do Império britânico com a condição de ser reconhecida a hegemonia alemã no continente europeu.
8. Nessa Europa confiada à guarda da Alemanha países como a França teriam o lugar que lhes competem, dizem os alemães.
9. A Bélgica, a Holanda, a Dinamarca e a Noruega recobririam uma independência nominal mas de fato seriam estados dependentes política e economicamente do *Reich*.
10. Uma Polônia livre poderia ser reconstruída com o território que foi ocupado pelos russos em 1939 e seria criado um Estado tcheco sem a Eslováquia.
11. Esse plano, destinado a impressionar a imigração dos pacifistas e dos isolacionistas americanos, seria acompanhado de uma ordem do *fuehrer* a suas tropas de cessar as hostilidades durante um certo tempo de forma a fazer cair sobre a Grã-Bretanha toda a responsabilidade na continuação da guerra.



12. Como também declarou o ministro Eden o governo alemão assim agindo visaria impedir a intervenção dos Estados Unidos, fator que ele julga decisivo para a derrota nazista.

13. O referido ministro afirmou ainda que o governo britânico está firmemente decidido, e com ele os seus aliados, a eliminar para sempre a potência militar alemã, pois, constitui uma permanente ameaça de guerra.

14. O mundo julga que não é somente a pessoa do *fuehrer* que deve desaparecer mas tudo o que representa a geração dominada por ele, pois Hitler não é um fenômeno raro e transitório na história da Alemanha mas representa verdadeiramente a expressão da vontade e mentalidade germânica como já tem sido observado várias vezes em diversas épocas.

15. Terminou o ministro Eden dizendo que finalmente quatro países fortes e poderosos estão bem resolvidos a impedir novos avanços e agressões do nazismo e que essas quatro grandes nacionalidades estão unidas por vínculos ainda mais estreitos quando se trata do propósito de ser enfrentada a ameaça comum representada por Hitler e dos que trabalham para ele e para o nazismo.

16. A imprensa em geral e em particular o "*Times*" e o "*Daily Telegraph*" fazem grandes elogios às declarações do ministro Eden, que aprovam incondicionalmente.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

TELEGRAMA • 1 AGO 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Guerra na Europa. Notícias da imprensa inglesa. Atividades alemãs na América do Sul.

## Da Embaixada em Londres

SEXTA FEIRA Em 1 de agosto de 1941– 17hs.00- A imprensa, desde há alguns dias, acompanha com o maior interesse as atividades alemãs na América do Sul, comentando, longa e principalmente, as notícias relativas às medidas de defesa adotadas por alguns países sul-americanos contra a infiltração nazista. Os incidentes alemães na Bolívia e na Argentina motivaram um longo artigo no "*Manchester Guardian*", demonstrando que a ação nazista no nosso continente começa a provar ter sido mais intensa do que realmente se supunha e que tudo indica que a intriga e outras atividades serão intensificadas, mormente para criar dificuldades à cooperação dos Estados Unidos da América em favor dos aliados. No caso da Bolívia, houve a principal intenção de impedir a exportação de estanho e antimônio e no da Argentina a de dificultar a remessa de trigo e carne. Segundo informações dignas de crédito, alguns navios alemães chegaram ao Brasil, à Argentina e ao Chile em princípios do ano, conseguindo romper o bloqueio e levando importante material de propaganda e armas, principalmente fuzuis-metralhadoras revólveres e granadas de mão, destinados a auxiliar possíveis revoluções nos países latino-americanos. Essa suposição decorre de certos documentos apreendidos a bordo do navio mercante "Exlangen", há pouco tempo apreendido no Atlântico Sul pelo[s] ingleses, quando buscava romper o bloqueio, em viagem do Pacífico para a Europa. O "*Daily Telegraph*" de hoje fez referências, embora veladas, sobre esse assunto. Moniz de Aragão



OFÍCIO • 1 AGO 1941 • AHI 28/2/4

[Índice:] Atividades nazistas na América do Sul.

N. 587

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 1 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

A imprensa londrina nestes últimos dias tem comentado com o mais vivo interesse as notícias recebidas pelas agências telegráficas relativas recebidas pelas agências telegráficas relativas às atividades nazistas na América do Sul e tem salientado as medidas adotadas por várias Repúblicas ibero-americanas em consequências dos recentes acontecimentos ocorridos principalmente na Bolívia e na Argentina.

2. Conforme informei pelo telégrafo, o conceituado jornal "Manchester Guardian" publicou no dia 30 de julho um longo artigo tratando do conflito germano-boliviano, salientando que a infiltração alemã na Bolívia não difere do que está ocorrendo em outros países da América Latina.
3. Observa o articulista que os alemães em toda a parte sempre demonstraram grande habilidade e tenacidade nos seus processos em preparar golpes nos momentos mais oportunos, visando sempre o desenvolvimento das ideologias nazistas e ulterior domínio político e comercial dos países que pretendem dominar.
4. Releva que na Bolívia além do governo de Berlim manter escolas alemãs concentraram suas atividades buscando apoio no exército sendo nisso facilitado pelo fato que numerosos oficiais bolivianos tem praticado na Alemanha depois da guerra do Chaco e que ainda existe naquele país uma missão militar italiana composta de treze oficiais instrutores cujo contrato somente terminará no ano 1947.
5. Prossegue o mesmo jornal declarando que os alemães também utilizaram como meio de propaganda os serviços de suas linhas aéreas comerciais funcionando sob o nome de Lloyd aéreo boliviano cuja importância é fácil de avaliar pelo fato da posição central que ocupa entre as diversas linhas americanas e sua ligação com o sindicato Condor no Brasil, a Lufthansa no Peru e o serviço aéreo transatlântico italiano da companhia Lati.
6. Recorda a decisão do governo boliviano em maio último assumindo a direção e julga que esse ato deve estar ligado com idênticas medidas adotadas pelo Peru, Equador e Colômbia.
7. Os alemães, prossegue o referido órgão, obtiveram o apoio de uma grande parte da imprensa boliviana onde apenas um ou dos jornais conservaram suas opiniões democráticas e favoráveis ao pan-americanismo, mas o resto, cerca de seis outros diários, foram absorvidos pela propaganda dos serviços da companhia Transatlântica.
8. Os representantes de grandes corporações americanas de nacionalidade germânica não hesitaram em utilizar suas posições para fechar contratos somente com os jornais germanófilos.
9. Isso teria determinado medidas por parte dos Estados Unidos para evitar que essa situação perdurasse e de acordo com as autoridades britânicas criaram dificuldades para o fornecimento de papel de imprensa de origem canadense e destinados a esse[s] órgãos [sic] de publicidade.
10. O artigo em questão expõe em seguida outras formas das intrigas da propaganda alemã tal como a que está protegida pelas imunidades diplomáticas, processo geralmente

adotado pelos alemães em todos os tempos, favorecendo organizações de movimentos subversivos e de espionagem.

11. Tais atividades teriam determinado o governo de La Paz a pedir a retirada do ministro alemão von Wendler como medida radical para impedir que fosse instalado na Bolívia um governo extremista.

12. Pondera ainda que a recente conspiração nazista para depôr o atual governo boliviano não encontrou razões políticas fundamentais e sua verdadeira significação deve ser achada primordialmente no desejo de açambarcamento pela Alemanha dos preciosos recursos naturais da Bolívia entre os quais figura em primeira linha o estanho.

13. Menciona também o mesmo artigo que o incidente ocorreu, por coincidência curiosa, no momento em que o Japão iniciou sua ação expansionista e isso explica ainda mais que a base de tudo é a luta para o estanho, tungstênio e o antimônio, visando que não possuem esses produtos ser utilizados pelos Estados Unidos.

14. No que se refere à Argentina aqui supõem que tudo o que tem ali ocorrido ultimamente seja devido a ter sido instalado naquele país o centro da propaganda nazista para os países sul americanos decorrente do que foi aconselhado pelo agente alemão Rieth que em março último percorreu nosso continente como observador e portador de instruções para as missões diplomáticas do Reich e presídio a reunião realizada em Santiago do Chile da qual participara, os embaixadores e ministros alemães em Buenos Aires, Santiago, Lima e La Paz conforme em tempo informei pelo telégrafo.

15. Um informante autorizado disse-me confidencialmente que vários navios mercantes alemães que conseguiram chegar a portos brasileiros, argentinos e chilenos no princípio deste ano levaram clandestinamente importantes cópias de material bélico destinadas aos agentes nazistas compreendendo principalmente fuzis metralhadores, aparelhos transmissores e receptores de telégrafo sem-fio, granadas de mão, revólvers [sic], etc., além de numeroso elemento de propaganda. Esse fato teria ficado comprovado por certos documentos apreendidos recentemente a bordo do vapor alemão "Erlangen" aprisionado pelos ingleses no Atlântico Sul ao tentar romper o bloqueio aliado na sua viagem de regresso à Europa.

16. Tratando-se de assunto interessando nossa defesa, julguei do meu dever levar sem demora o que precede ao conhecimento de Vossa Excelência mormente tendo colhido as referidas informações de fonte digna de crédito.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 1 AGO 1941 • AHI 28-2-4

[Índice:] As relações anglo-finlandeses.

N. 588

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 1 agosto de 1941

Senhor Ministro,

O governo finlandês acaba de romper suas relações diplomáticas com a Grã-Bretanha conforme informei a Vossa Excelência pelo telégrafo.

2. As razões invocadas para justificar esse ato parecem fracas e todos sentem que o governo de Helsinki teve que ceder a uma formidável pressão de Berlim.
3. Segundo os jornais londrinos a imprensa finlandesa foi autorizada a deixar constância que a ruptura foi devida a razões puramente de caráter externo, pois, a Finlândia está em guerra com a União Soviética tal como a Alemanha, enquanto que a Grã-Bretanha está lutando contra o Reich, além do que o Reino unido concluiu uma aliança com Moscou.
4. Um jornal socialista finlandês chegou a declarar que "em qualquer caso temos a firme convicção que depois desta infeliz guerra os povos finlandês e britânico serão novamente amigos como foram em todos os tempos.
5. Em geral aqui salientam que existem visíveis contradições na posição assumida pelo governo finlandês e se refletem nas hesitações e na moleza das operações militares.
6. Assim depois de cinco semanas de campanha o exército finlandês está quase no mesmo ponto em que se achava no início das hostilidades exceto no que se refere à penetração de algumas patrulhas na Carelia e alguns ataques mais fortes contra Hangoe.

7. O correspondente da agência francesa de informações pretende que não existe presentemente um perfeito entendimento entre os comandos alemão e finlandês e que o primeiro teria querido lançar o exército finlandês em operações de perigosa envergadura.

8. Segundo esse mesmo correspondente a pressão exercida por Berlim sobre o governo finlandês para determinar a ruptura de relações com Londres teria sido inspirada pelo temor de possíveis negociações de paz separada entre Helsinki e Moscou com um acordo russo-finlandês que teria colocado os alemães em difícil posição estratégica.

9. A Hungria também está se batendo ao lado do Reich mas suas tropas avançam dificilmente e com grandes baixas no sudoeste da Ucrânia. Parece que os alemães utilizam os húngaros principalmente para a ocupação e organização de territórios conquistados mas na Hungria parece existir uma forte agitação contra a guerra tendo os russos muitos adeptos influentes naquele país.

10. Existe em Budapeste mesmo nos meios políticos uma minoria importante que se opôs ao acordo germano-húngaro e principalmente não cessa de manifestar contra a dominação nazista. Em certos círculos chegariam a indicar o antigo presidente do Conselho, o conde Bethlen, como o "homem de Moscou" e a memória do conde Peleki, que se suicidou para evitar de ser obrigado a se submeter ao "*diktat*" alemão continua a ser venerada como a de um dos grandes heróis nacionais.

11. Essa é o modo pelo qual é encarada a presente situação pelos círculos políticos ligados ao Foreign Office.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



**OFÍCIO • 01 AGO 1941 • AHI 28-2-4**

[Índice:] Mês político nº8.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 1º de agosto de 1941

Senhor Ministro,

A sua Excelência o senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o Relatório Político nº8, relativo ao mês de julho próximo passado.

[Anexo]

Mês político n. 8

A campanha na Síria terminou, como se esperava, em fins de julho, com a rendição das forças francesas, a qual teve lugar a 12 de julho em Acre, onde foi assinado o armistício pelo generais sir H. Maitland, Wilson e de Verdillac. A campanha não foi tão curta quanto teria podido sê-lo, devido a esperança que mantinham os ingleses e os franceses de de Gaulle de evitar derramamento de sangue e obter a adesão dos elementos franceses à causa da França Livre. A presença das tropas senegalesas e de contingentes da Legião Estrangeira dificultaram esse *desideratum*. Havia também a preocupação de não destruir Damasco, a "Pérola do Oriente" para o mundo árabe, e de não provocar a opinião pública francesa, permitindo aos homens de Vichy o emprego da esquadra francesa contra a britânica, como desejavam os alemães. As perdas dos aliados foram mínimas. Entre mortos e feridos não passaram de 2.000.

Ficou assim consolidada a posição estratégi[c]a britânica no Mediterrâneo, eliminando o perigo de cair o petróleo do Iraque nas mãos dos alemães, que sofreram um revés nessa campanha e oportunamente reforçada a cambaleante espinha dorsal da Turquia.

A despeito do que pretendem as estimativas alemães (entre 700.000 e 1.000.000 de tonelagem afundada ou posta temporariamente fora de uso), a verdade é que a Batalha do Atlântico está indo melhor para a Grã-Bretanha. As cifras das perdas, segundo os comunicados mensais britânicos, foram em maio de 360.000, contra 487.000 em março e 489.000 em abril. As cifras de junho há pouco divulgadas, foram de 330.000, as menores desde janeiro. É intenção do almirantado, até nova ordem, mantê-las desconhecidas do inimigo tanto quanto possível, de modo que não serão mais publicadas. Pode-se já

concluir que em março foi atingido o máximo da curva, tal como aconteceu em abril [de] 1917.

Ao despedir-se de seu comando no Mediterrâneo, o general Wavell declarou que a Abissínia estava praticamente livre das forças italianas. Nas operações que culminaram com a captura de Jimma (20 de junho) e de que resultaram o fim da resistência italiana ao sul de Adis Abeba, foram feitos 30.000 prisioneiros. A eliminação do exército de 250.000 italianos numa área imensa e inóspita como a Abissínia em tão curto prazo (menos de seis meses) foi um êxito militar para forças ridiculamente inferiores como as que liquidaram o Império Italiano na África. A resistência dos italianos tendo sido tenaz e valorosa, a ação do Exército Imperial Britânico foi brilhantemente conduzida. As vantagens estratégicas decorrentes dessa destruição são inestimáveis. Ficou garantida a livre passagem de munições para os exércitos do Norte da África e foram liberadas forças para defenderem o Canal de Suez. O fator moral também é considerável. Com a conquista da Abissínia foi restaurado no trono o imperador Haile Selassie, o que representa a primeira liberação do primeiro país vítima de agressão totalitária.

Ao mesmo tempo, as prudentes referências do almirantado à progressiva destruição de submarinos alemães, demonstram a impossibilidade de se por um fim ao crescente desenvolvimento da defesa britânica através da linha vital do Atlântico, que são os comboios para os Estados Unidos. O ex-presidente do *Board of Trade*, senhor Oliver Lyttelton declarou no Cairo que o comércio externo britânico mantinha-se a despeito do suposto bloqueio alemão. É exportada uma média mensal de 30 milhões de toneladas de mercadorias britânicas.

Tal melhoria é devida a uma maior vigilância pela marinha britânica, até encouraçados estão sendo utilizados nos comboios, como revelou o senhor Winston Churchill, e ao auxílio cada vez mais extenso das patrulhas navais americanas, que simplificam e diminuem a tarefa da *Royal Navy*.

Além disso, a aviação britânica vem recentemente operando com êxito contra a navegação mercante inimiga. Estes últimos meses a tonelagem afundada pelas bombas inglesas tem sido de 250 a 300.00 por mês, o que constitui uma fração considerável das disponibilidades navais do Eixo e é fator a considerar quanto à possibilidade de uma invasão das Ilhas Britânicas e de suprir as forças alemãs na Líbia.

A resposta do governo britânico, após consulta com os domínios, à ação do Japão na Indochina foi congelar os depósitos bancários e outras disponibilidades financeiras no Império, bem como a denúncia dos tratados comerciais com o Japão. A primeira dessas



sanções econômicas paralisa as relações comerciais pela cessação dos créditos. Essas medidas conjugam-se com as tomadas pelos governos dos Estados Unidos e da Holanda. O congelamento abrange também os fundos chineses, a pedido do governo de Chung-King, afim de evitar que o Japão, controlando parte da China, descubra modos e meios de fugir às sanções dos três países. O efeito dessas decisões combinadas do A. B. C. D (*América, Britain, China & Dutch East Indies*) terá uma repercussão profunda sobre a economia do Japão, pois 60% das importações japonesas provinham desses países e 40% da exportação era por eles absorvida em 1938.

Os tratados denunciados são o Tratado de Comércio Anglo-Japonês de 1911, a Convenção Comercial de 1934 entre a Índia e o Japão e a Convenção de 1937 com Burma. A denúncia do primeiro entra com vigor daqui a um ano, as duas outras dentro de seis meses.

Até agora essas medidas não afetam a exportação de petróleo americano nem envolve a ab-rogação do acordo japonês-holandês sobre esse artigo, tudo dependendo do desenrolar dos acontecimentos, mas, como declarou o senhor Eden, há bastante tempo que não tem havido exportação de petróleo britânico.

A aceitação da proteção japonesa na Indochina ergue o problema do futuro da África Colonial Francesa. Sabe-se que o almirante Leahy perguntou ao marechal Petain se o governo de Vichy vê com bons olhos a sugestão da imprensa parisiense de que seja convidada a proteção alemã para os portos do Atlântico.

Falando nos Comuns no dia 30, o senhor Eden condenou a política prosseguida pelo Japão. "Sinceramente espero, disse ele, que os responsáveis pelo destino do Império Japonês refletirão, enquanto é tempo, sobre o rumo da sua presente política." A ação japonesa na Indochina está em completa contradição com o desmentido categórico dado pelo Ministro Interino dos Negócios Estrangeiros japonês ao embaixador britânico em 5 de julho.

Depois de um intervalo de três semanas reuniu-se a Câmara dos Comuns para discutir a debatida questão da produção bélica e ouvir as conclusões do Primeiro Ministro, que prometera fazer sobre o assunto uma conscienciosa [sic] investigação pessoal.

Críticas vinham sendo feitas dentro e fora do Parlamento sobre o grau de eficiência na produção de material bélico e sobre os melhores meios de incrementá-la. Na opinião de peritos o esforço até agora desenvolvido não atinge 75% do potencial da indústria britânica. Propunha-se apresentar uma moção para concentrar numa só cabeça - um

Ministério da Produção - toda a fabricação de armamentos, com autoridade para coordenar os programas dos diferentes ministérios militares.

Churchill revelou-se nesse debate um orador polemista como tem havido poucos nos anais parlamentares da Inglaterra. Com grande êxito confundiu os seus críticos e removeu de algum modo a dúvida que pairava. Com admirável poder de convicção [sic], o Primeiro Ministro demonstrou que a produção de guerra britânica progredia de maneira confortadora em todos os ramos: navios, aviões e munições. Lord Beaverbrook estava aplicando na produção de carros de assalto o mesmo esforço febril que ativara a de aviões. Deu a entender que nesses dois anos, ou quase, de guerra, a produção já igualara o total do resultado obtido durante os quatro anos que durou a guerra passada. Prometeu que havia de obter 100% de rendimento, como deseja a nação e como impõe o perigo mortal da guerra em que o país está empenhado.

A liderança do senhor Churchill continua inexpugnável. Sua posição constitucional é tão forte quanto a do presidente americano. O país sente-se orgulhosos pelo prodigioso esforço desenvolvido no espaço de um ano da sua administração.

O senhor Churchill alegou que a interposição de mais um ministro entre os três ministérios militares e a chefia do Gabinete só dificultaria em vez de aumentar a produção, ocasionando fricções e demoras. Ele não acredita que alguém possa, sem ter a autoridade de Primeiro Ministro, controlar as iniciativas de três pastas. Assegurou que nos últimos tempos não tem havido mais rivalidades entre as mesmas e que o sistema de prioridades, já antiquado, fora substituído por uma melhor distribuição de material e trabalho.

A 13 de julho, a Grã-Bretanha e a Rússia assinaram um pacto formal prometendo-se toda a assistência na guerra contra a Alemanha Nazista, bem como não negociar armistícia [sic] ou tratado de paz em separado, o que equivale a uma aliança formal, fato aliás, confirmado pelo próprio Primeiro Ministro britânico nos Comuns.

Os russos continuam enfrentando com firmeza o ataque alemão, já tendo sustado duas grandes ofensivas. Ao terminar a sexta semana de luta, quando os alemães contavam estar senhores de Leningrado, Moscou e Kieff, a frente de batalha mantém-se a mesma que ao terminar o ímpeto da segunda ofensiva alemã, isto é, ao longo do Rio Dnieper, ao sul, ao sul, ao redor de Smolensk e de Pskov, até a costa da Estônia, onde os russos conservam as bases navais do Báltico, de Tanin e Hangö e estão contra atacando com denodo. Notam-se hoje elementos de força e solidariedade que faltavam há 25 anos. Levando a guerra para a frente oriental, Hitler está desafiando aquilo que Bismarck tanto

temia - a guerra em duas frentes. A tarefa da Inglaterra é de dar todo o auxílio material à Rússia. A *Royal Air Force* tem atacado dia e noite as defesas da Alemanha no Ocidente. Tem sido os ataques mais pesados feitos pela aviação inglesa desde o começo da guerra. Novos aviões de quatro motores *Stirling* e as Fortalezas Voadoras americanas vem sendo empregados em ataques sobre os encouraçados alemães em Brest e La Pallice, de grande altura, fora do alcance da artilharia anti-aérea. Hamburgo, Bremen, Kiel, Hannover e o Ruhr tem recebido quase todas as noites, durante o mês, descargas tão vultuosas quanto às dos alemães sobre a Inglaterra no outono passado. O senhor Moore-Brabazon, novo Ministro da Produção Aérea, declarou mesmo que breve Berlim seria bombardeada por *raids* tais que os da *Luftwaffe* sobre Londres pareciam brincadeira de crianças.

Foram anunciadas a 20 do corrente mudanças ministeriais.

O senhor Brendan Bracken, Secretário Parlamentar Privado Do Primeiro Ministro, foi nomeado Ministro da Informação, passando o senhor Duff Cooper para Chanceler do Ducado de Lancaster, ao mesmo tempo incumbido de missão ao Próximo Oriente para coordenar as diversas administrações militares e civis. O senhor R. A. Butler deixou o *Foreign Office* para a Presidência do Conselho de Educação, substituído pelo senhor Richard Law. Lord Hankey, do Ducado de Lancaster, passou para a Pagadoria Mor do Exército e presidirá diversos Comitês do Gabinete de Guerra. O senhor Duncan Sandys foi feito Secretário Financeiro do *War Office*. É genro do senhor Winston Churchill.

A mudança do Ministro da Informação era prevista devido às incessantes críticas feitas a essa pasta de propaganda, desde que foi criada aliás, tendo sido frequentes as substituições dos ministros. O senhor Bracken acompanha o senhor Churchill desde que começou a guerra. É a primeira vez que exercerá cargo ministerial. Tem experiência da vida de imprensa e passa por ser ativo, inteligente e empreendedor.

O senhor Butler, desde 1938 Secretário Parlamentar do *Foreign Office*, recebe uma merecida promoção. A sua falta será sentida pelo Corpo Diplomático em Londres, com o qual frequentemente estava em contato. É estimado pelo seu tato e rara habilidade. Eventualmente será o futuro Ministro dos Negócios Estrangeiros.

As funções do senhor Duff Cooper não tem a amplitude nem a permanência das incumbidas aos senhor Oliver Lyttelton, Ministro de Estado, conforme as definiu o Primeiro Ministro. A principal tarefa do senhor Lyttelton é facilitar a conduta das operações dos Comandantes em Chefe no Mediterrâneo, avaliando-os de uns quantos deveres, e decidir prontamente sobre matérias dependentes de autoridades diversas locais

e centrais, sem contudo interferir nas relações dos referidos Comandantes com os ministros militares ou com o embaixador britânico no Cairo.

Os Estados Unidos concederam um empréstimo à Grã-Bretanha, no valor de 425 milhões de dólares com caução, juros de 3% e pelo de 15 anos, prorrogáveis por mais 5. O empréstimo é feito pela "Reconstruction Finance Corporation". Seu objetivo é fornecer suficientes cambiais para que a Grã-Bretanha possa pagar o restante do material bélico adquirido antes do "*Lease and Lend Act*". Não haverá transferência dos títulos nem da direção das companhias, cujos títulos fora dados em caução, mesmo quando se encontrem nos Estados Unidos.

Para a aprovação desse empréstimo, foi preciso obter a ratificação da Câmara dos Comuns, visto como o prazo de duração do mesmo se estende até 20 anos e os poderes especiais de emergência de que está investido o Governo só tem a duração da guerra.

Outra manifestação do apoio americano foi o discurso do senhor Hopkins (o coronel House da presente guerra), no dia 27, pelo rádio. Nas palavras dirigidas ao povo britânico, ele refletiu o mesmo poder convincente do presidente Roosevelt. Sua mensagem foi tão emocionante quanto as mais vibrantes do seu presidente e amigo, enchendo os ingleses de coragem e fé nos recursos crescentes, econômico e naval, que os Estados Unidos estão dando à causa comum da vitória sobre o nazismo. O esforço de produção bélico conjunto dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, baterão todos os recordes e constituem, segundo o senhor Hopkins, a garantia da vitória final sobre as forças do Eixo.

Vindo logo em seguida à ocupação da Islândia pelas forças navais americanas, é evidente a preocupação daquele país de assegurar "*the world's life line*", facilitando a tarefa da marinha britânica na batalha do Atlântico. É um primeiro passo memorável que conduz os americanos para além de seu hemisfério. As consequências dessa decisão do presidente Roosevelt são de grande alcance para a efetivação da promessa do "*Lease and Lend Act*". É a extensão da doutrina da liberdade dos mares, em virtude da qual a frota americana patrulha o Atlântico em cooperação com outra grande potência, igualmente interessada.

Falando num almoço da Associação da Imprensa Estrangeira no dia 29, o senhor Eden reiterou o que já afirmara havia pouco tempo. Posto que Hitler, a essa altura, tenha perdido a esperança de poder ditar a paz de Moscou qual um conquistador, há sempre a possibilidade de que ele faça uma proposta de paz negociada. O senhor Eden declarou então que a Grã-Bretanha não consideraria tal proposta pela simples razão de que uma

paz negociada com Hitler nunca seria paz. A experiência de todos os países europeus que assinaram tratados com os Nazis é pouco encorajadora. Não haveria suspensão na corrida de armamentos, nem um momento de desafogo na tensão internacional.

Entretanto, acrescentou ele, a paz é o nosso objetivo. Mas Hitler terá que ser primeiramente desmascarado como farsante [*sic*] e deposto como um fracassado. Oxalá seu próprio povo o deponha, senão teremos que fazê-lo nós mesmos. Os termos que propusermos, mais os nossos Aliados, serão construtivos. Conterão a garantia de que o militarismo alemão não voltará a mergulhar a humanidade noutra guerra total. Assegurado esse *desideratum*, o nosso próprio interesse aconselha o restabelecimento econômico e a reabilitação moral da Alemanha, pois, uma Alemanha em bancarrota, no centro da Europa, envenenaria seus vizinhos. A lição aprendida desde 1919 é que é preciso garantir a paz mediante uma força permanente e eficaz. Demonstrada a interdependência do mundo inteiro, o senhor Eden julga que nenhuma nação pode agora fugir às suas responsabilidades internacionais. Esse convite para colaboração na futura política internacional é sobretudo dirigido aos Estados Unidos. Se o domínio da lei pode ser imposto na ordem internacional, a potência militar e a organização criadora da paz serão tarefas que repousarão de imediato sobre os povos de língua inglesa, de parceria com o resto da humanidade.

Moniz de Aragão



**TELEGRAMA • 5 AGO 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] Guerra na Europa. Bloqueio econômico da Finlândia.

Da Embaixada em Londres

TERÇA FEIRA – 5 de agosto de 1941 – 12h00 - Devido à ruptura das relações diplomáticas anglo-finlandesas, o governo britânico acaba de anunciar que a Finlândia é considerada território ocupado pelos alemães para todos os efeitos referentes à lei proibitiva de comércio com o inimigo e relacionados ao bloqueio econômico. Nestas condições todos os navios destinados a, ou procedentes de portos finlandeses serão aprisionados pelas patrulhas britânicas e as mercadorias confiscadas. Moniz de Aragão



[Índice:] A política britânica no Oriente.

N. 592

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 5 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

As últimas notícias indicam uma certa atividade da política britânica no Médio Oriente onde a propaganda alemã nos últimos tempos tem trabalhado ativamente buscando fomentar as revoluções e criar dificuldades à Grã-Bretanha.

2. O desejo do governo britânico, várias vezes afirmado, é de respeitar inteiramente a soberania e os direitos dos países do Oriente principalmente do Irã e do Afeganistão tendo já sido dadas plenas garantias nesse sentido dadas plenas garantias nesse sentido mas no entretanto os meios políticos e militares ingleses e russos não podem deixar de ver com inquietação a ação crescente dos agentes alemã naquela região.

3. Essa atividade inimiga tem aumentado desde o malogrado golpe de Estado no Irak e aqui supõem que principalmente os emissários secretos de Rashid Ali, que se evadiram no momento da ocupação britânica, tenham aumentado nos países vizinhos[sic] os seus trabalhos apoiados pela Legação alemã em Teheram e em Kaboul.

4. Tais fatos constituem os motivos determinantes da ação conjunta anglo-russa fazendo sentir ao governo do Irã que essas atividades orientadas por Berlim são consideradas tanto em Londres como em Moscou como incompatíveis com o acordo russo-iraniano e com o estatuto de estrita neutralidade desse país pedindo conseqüentemente a expulsão dos agentes alemães.

5. O ministro dos Negócios Estrangeiros em recente discurso na Câmara dos Comuns manifestou a esperança que o governo de Teheran compreendesse perfeitamente ter sido esse ato do governo britânico inspirado em sentimentos os mais amistosos e para indicar o perigo que está correndo e não tardaria em tomar medidas necessárias para a defesa do seu território e para fazer respeitar a sua neutralidade na atual guerra.

6. As últimas informações sobre a decisão do governo do Irã são confusas e contraditórias sendo observada uma grande reserva sobre certos telegramas aqui publicados anunciando ter sido recusado o pedido de expulsão dos agentes nazis.

7. Parece que contrariamente teriam sido dadas ao governo britânico certas garantias sobre a ação futura desses agentes e sobre medidas a serem adotadas para conter a infiltração germânica naquele país.

8. Não é ainda conhecida a atitude que tomará a Grã-Bretanha e a Rússia mas pode ser dito sem temor de erro que tanto Londres como Moscou não admitirão que o temor inspirado pelos alemães possa facilitar a organização de revoluções ou desordens ou mesmo permitam a manutenção de tal estado de coisas que prejudicam gravemente os interesses britânicos no Irã e podem ameaçar a posição tanto da Grã-Bretanha como da União Soviética no Oriente.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



**OFÍCIO • 07 AGO. 1941 • AHI 28/2/4**

[Índice:] “*Corned pork*” da Cia. Frigoríficos Nacionais.

[S/]N.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 7 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

Dos telegramas 209,211,221 e 239 depreende-se o longo e difícil trabalho que foi necessário para levar o Ministério da Alimentação a tomar em consideração os produtos de carne em conserva manufaturados pela Companhia Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros Limitada, de Porto Alegre. Salientarei que os respectivos agentes aqui, senhores Anderson & Coltman, Limited, desenvolveram nesse particular o melhor do seu esforço. Como resultado, o Ministério da Alimentação fechou com a Companhia

Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros Limitada vários contratos, cujos pormenores, quanto ao gênero e preço, estão indicados no anexo ao ofício n. 526, de 2 de julho último.

2. Chegou há pouco, a bordo do vapor “*Gascony*”, a primeira partida de 1.160 caixas de latas de 6 libras de “*Corned pork*”, parte do total de 12.500 caixas desse produto, comprado pelo Ministério à empresa brasileira.

3. Conforme se verifica da carta dos senhores Anderson & Coltman Limited, de ontem, anexa por cópia, e em que se acha reproduzido um trecho de uma comunicação ao Ministério [sic] da Alimentação sobre a partida acima mencionada, segundo exame feito por esse departamento em 58 caixas (5%), 2,73% do total é de latas francamente não utilizáveis [sic] (“burst and blown”). Além disso, há uma certa proporção de latas defeituosas. O Ministério observa que a partida em questão é “particularly unsatisfactory and I shall be glad if you will make strong representations to the plant”. Os senhores Anderson & Coltman Limited estão informando os Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros Limitada desses fatos.

4. É de lastimar que se tenha verificado novamente um contratempo com os produtos da companhia em questão, pela qual esta embaixada tanto se tem batido, o que, aliás, continuará a fazer. Devo salientar que, de acordo com as estipulações dos contratos dessa natureza feitos pelo Ministério da Alimentação, este tem o direito de rejeitar toda a partida se a porcentagem de produto defeituoso passar de 1%.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

OFÍCIO • 7 AGO 1941 • AHI 28-2-4

[Índice:] A política anglo-americana e a guerra.

N. 602

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 7 de agosto de 1941

Senhor Ministro,



A ação diplomática visando uma intensificação da colaboração anglo-americana é considerada neste momento como indispensável e os círculos políticos autorizados prognosticam que novos passos serão dados proximamente.

2. O desenvolvimento dessa política de crescente intimidade e amizade entre Londres e Washington constitui o resultado inevitável criado pelo novo estado de coisas derivado das modificações, as mais importantes, da situação internacional dos últimos tempos.

3. A participação da Rússia na guerra um desses fatores colocando desde logo em primeiro lugar certos problemas principalmente o da quantidade de armas e munições destinadas à Grã-Bretanha que os americanos poderão reservar para os exércitos moscovitas.

4. A evolução cada vez mais rápida e mais perigosa no Extremo Oriente, exige igualmente a revisão ou pelos menos [sic] uma coordenação mais estrita da política anglo-americana desde logo para produzir todos os efeitos desejados, derivados do congelamento dos créditos japoneses; da aplicação de embargos e finalmente no que diz respeito à execução de um plano estratégico conjunto na previsão do prosseguimento da política agressiva iniciada pelo Japão no sul do Oceano Pacífico.

5. Nessas condições parece como muito provável que a política britânica-americana, em relação a Vichy, assuma um caráter de perfeita uniformidade e de maior firmeza no que se refere à defesa do Atlântico que ficaria gravemente comprometida com a ocupação alemã em Dakar.

6. Os avisos dados pelos senhores Cordell Hull e Sumner Wells ao Japão e ao governo de Vichy foram aqui muito apreciados e os círculos diplomáticos consideram que contrariamente ao que tem sido feito até agora deve ser acreditado que as observações referidas dos estadistas americanos significam o prelúdio de uma colaboração e de uma unificação mais marcada para o desenvolvimento da política americana com a britânica em todos os domínios mesmo onde certas dificuldades técnicas tinham prevalecido.

7. Podemos, pois, concluir e os círculos diplomáticos neutros afirmam ter razões para acreditar que as novas seguranças dadas pelo governo de Vichy aos Estados Unidos foram acolhidas em Washington com indiferença e ceticismo análogo ao que despertou em Londres sendo que em nada modificou a atitude franca e decidida dos ingleses e americanos.

8. Essa impressão não parece que se modificará senão no caso do governo de Vichy, por atos e não por palavras provar que se opõe às atividades alemãs que estão ameaçando

a África francesa e principalmente Dakar que já está servindo de base a submarinos [sic] alemães e que definitivamente sob o domínio nazista poderá constituir grave perigo para a defesa do Atlântico e do novo continente.

9. A atitude do governo de Vichy não inspira confiança e tudo indica que o marechal Petain se mostra impotente para resistir à pressão dos alemães ajudado pelo almirante Darlan.

10. Esses e outros problemas não menos graves estão sendo atentamente considerados pelos governos de Washington e de Londres devendo, pois, ser esperados importantes acontecimentos em futuro próximo decorrente de uma ação conjunta dos aludidos governos na defesa dos seus interesses.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

OFÍCIO • 8 AGO. 1941 • AHI 28/2/4

[Índice:] A imprensa britânica no Extremo e Médio Oriente.

N. 604

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 8 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

A imprensa nos últimos dias salientado a gravidade da situação no Extremo e Médio Oriente diz que, apesar das indicações já fornecidas pelos meios competentes, sobre a aplicação das medidas recentemente adotadas, em relação aos créditos japoneses, terem claramente evidenciado que a Grã-Bretanha tencionava aplicar essa medida com o máximo rigor, o ministro dos Negócios Estrangeiros julgou dever dar ao Parlamento a mais completa segurança a esse respeito para desfazer certas falsas impressões que ainda

poderiam alimentar alguns elementos políticos que se mantêm partidários de uma diplomacia de conciliação que até Munique produziu tão maus resultados.

2. Assim o Japão de ora avante não poderá utilizar os seus créditos, tanto aqui como nos Estados Unidos, senão para as transações que ambos os países julgarem dever permitir com graves prejuízos para o seu comércio.

3. Não resta dúvida que a parte da declaração do ministro Eden que despertou maior atenção foi a referente ao fato de que a Grã-Bretanha liga um interesse vital a tudo o que possa ameaçar a integridade ou a segurança do Sião.

4. Assim a ocupação da Indochina pelo Japão deve ser considerada como o máximo do que o Império britânico pode suportar da parte do governo japonês sem que seja obrigado a adotar medidas mais enérgicas e decisivas do que as constituídas pelo congelamento dos créditos nipônicos.

5. Os governos de Londres e de Washington não admitem a possibilidade de uma manobra fazendo crer que o Sião tenha pedido a proteção japonesa como parece estar sendo preparado pelos dirigentes de Tóquio a exemplo do ocorrido da Indochina.

6. O ministro Eden declarou ainda com extrema energia que a política britânica não se limita no momento atual ao Extremo Oriente e assim em relação à Alemanha reiterou as afirmações que já tinha feito, em 29 do mês findo, no banquete da imprensa estrangeira, quando disse que seriam tomadas todas as medidas adequadas pela Grã-Bretanha e seus aliados afim de que o Reich não possa, depois da paz, tentar uma nova agressão pelo menos durante os vinte e cinco anos vindouros.

7. Também para o Próximo Oriente a firmeza britânica está caracterizada pela iniciativa, a que já me referi anteriormente, de prevenir o Irã sobre os perigos de infiltração alemã; pelas seguranças dadas à Turquia sobre a amizade britânica e novas promessas de futuros castigos para a Bulgária e Itália.

8. As palavras do ministro Eden foram geralmente consideradas como demonstrando que a Grã-Bretanha espera que o Irã compreenderá o caráter amistoso do aviso britânico e terá em conta a sinceridade da amizade do governo de Londres. Na atual circunstância a sua diligência foi inspirada somente por preocupação de sua defesa.

9. Em relação à Turquia o ministro Eden aproveitou a ocasião para dissipar a má impressão e mesmo certa inquietação, causada em Ankara, pelos comentários mais ou menos inspirados e publicados há dias passados pelo "*Times*", órgão oficioso, a respeito da orientação futura da política na Europa Oriental, parecendo indicar que a Rússia teria

completa liberdade de ação naquela região ficando a Turquia incluída na sua esfera de influência.

10. A explicação oficial foi naturalmente que a Grã-Bretanha dá à expressão "diretriz de uma política" um sentido diferente ao adotado pelos terroristas do eixo e consequentemente não implica de qualquer modo a ideia de dominação russa sobre os países eslavos europeus e que em qualquer circunstância a Turquia não podia estar incluída entre esses estados e nessas condições não ficaria afetada por qualquer desenvolvimento da política russa depois da atual guerra.

11. O "Foreign Office" julgou necessário esclarecer a situação e dar ao governo turco a impressão indiscutível que a Grã-Bretanha não cogita, como tem pretendido fazer crer a propaganda alemã, entregar toda a Europa Oriental à dominação russa e se limita a preconizar uma certa influência de Moscou sobre as potências de raças eslavas sem de qualquer modo afetar a soberania desses povos.

12. O ministro Eden, quis assim deixar bem claro que a Turquia não tinha razão de se impressionar pelo editorial do "*Times*", e não devia supor que a amizade russo-britânica poderia de qualquer forma prejudicar as boas relações anglo-turcas que o governo britânico tem no maior apreço.

13. O incidente parece ter assim ficado encerrado mas durante alguns dias ameaçou prejudicar os entendimentos em curso entre Ankara e Londres, pois, desde logo os nazistas não perderam a ocasião para buscar agravar o mal entendido criado pelo infeliz artigo do "*Times*", buscando impressionar o governo turco e induzí-lo a buscar na Alemanha um apoio contra o pretendido perigo russo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

OFÍCIO • 08 AGO 1941 • AHI 28-2-4

[Índice:] A ação diplomática anglo-americana e o governo de Vichy.

N. 605

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 08 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

Os meios diplomáticos ligados ao *Foreign Office* não escondem o descontentamento causado tanto aqui como em Washington pela atitude do governo de Vichy decorrente das declarações feitas pelo senhor Summer Wells em relação à política americana de não tolerar que a segurança do Atlântico e do novo continente seja ameaçada pela ocupação alemã de bases tais como Casablanca, Algeria e Dakar.

2. O comunicado oficial publicado pelo governo francês confirma o que tinha sido antecipado pela imprensa tornando o problema de difícil solução amistosa.

3. Assim, como anunciei a Vossa Excelência em outros ofícios e telegramas, as conversações anglo-americanas em curso buscam um perfeito entendimento para o futuro desenvolvimento da política conjunta de Londres e Washington, no que diz respeito ao governo de Vichy, e certas personalidades bem informadas já não ocultam a possibilidade de uma ruptura com o marechal Petain e o possível e imediato reconhecimento do general de Gaulle como chefe do governo francês além das qualidades políticas de que já está investido.

4. Nem Londres como Washington poderão aceitar como verdadeira e muito menos como sincera a argumentação de Vichy no que se refere à Indochina o que aliás já se evidencia pelo fato de que o Japão estaria oferecendo ao governo de Bangkok certas províncias do Cambodge em troca de concessões econômicas e bases estratégicas no Sião.

5. O fato das explicações sobre o pacto franco-japonês parecerem pouco convincentes, desperta ainda maior intranquilidade sobre o futuro das colônias francesas particularmente da África Ocidental.

6. O marechal Petain parece ter afirmado ao almirante Leahy que seu governo não tenciona atualmente recorrer ao auxílio alemão para a defesa de suas colônias mas que a França se reservaria todos os direitos para futuramente pedir a proteção de Berlim caso acredite que as referidas colônias se achem ameaçadas.

7. Isso, observam aqui, demonstra claramente que Vichy admite a absurda possibilidade de tais ameaças por parte da Grã-Bretanha ou dos Estados Unidos e exclui tal perigo no que se refere à Alemanha ou Itália.

8. Informações digna[s] de crédito indicam a recente passagem de três mil alemães por Casablanca em direção à Dakar os quais, segundo dizem os franceses, seriam técnicos encarregados de ajudar os trabalhos de fortificação que estão sendo feitos na África francesa por ordem de Berlim e complacência de Vichy.

9. Pode ser facilmente compreendido qual o efeito causado em Londres e Washington por esse fato bastante significativo e que ocorreu no mesmo momento em que o general Weygand ficou subordinado ao almirante Darlan, principalmente no que diz respeito aos assuntos coloniais africanos.

10. Em Londres muitos tem a impressão que Vichy cedendo praticamente à pressão alemã buscaria salvar a sua face, tentando um esforço maior para tranquilizar a América do que para evitar de ter que enfrentar a opinião pública francesa apesar de existirem indícios que a situação atualmente na França pode ser considerada como quase revolucionária e a agitação das massas populares cresce continuamente como testemunham graves manifestações ocorridas nos centros industriais de St Etienne, Lyon, Marselha, Rouen e Tolouse.

11. Apesar de tais acontecimentos a situação não teria ainda atingido o grau de gravidade a ponto de causar uma principal preocupação ao governo de Vichy que mais cuidaria, como disse, de evitar um choque com os Estados Unidos de profundas consequências, pois, comprometeria imediatamente a alimentação do povo francês já extremamente afetado pela Alemanha com as suas permanentes requisições de víveres e matérias primas.

12. O governo britânico observa [*sic*] uma grande reserva em face do desenvolvimento dessa importante ação diplomática franco-americana mas é sabido que apoia incondicionalmente os Estados Unidos e eventualmente entraria em cena se os acontecimentos assim o exigirem.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 08 AGO 1941 • AHI 28-2-4**

[*Índice:*] Relatório do delegado do Brasil ao Conselho Internacional do Açúcar.

N. 608

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 08 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, um relatório preparado pelo delegado do Brasil ao Conselho Internacional do Açúcar, primeiro secretário J. de Alencar, sobre a sessão deste Conselho realizada em 2 de julho último.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

*[Anexo]*

Relatório da Sessão do Conselho Internacional do Açúcar, de 2 de julho de 1941.

A 2 de julho último, realizou-se uma sessão, de caráter oficioso, do Conselho Internacional do Açúcar. Estiveram presentes, além do delegado brasileiro, os representantes do Reino Unido, da União Sul Africana, da Austrália, da Bélgica, da República Dominicana, da Índia, dos Países Baixos, do Peru, de Portugal, dos Estados Unidos e Filipinas, e de Cuba.

2. Eram dois os assuntos previstos na agenda:

1) O pedido formulado pelo governo da Índia para permissão de exportar até 200.000 toneladas de açúcar;

2) A posição estatística para cujo estudo fora constituído em um Sub-Comitê Especial na Sessão anterior.

3. Aberta a sessão, sir David Meek, delegado da Índia, fez leitura da carta dirigida ao Conselho em 25 de abril último (I). Salientou que um pedido semelhante fora apresentado em 1940, em virtude do desejo do governo britânico de comprar açúcar na Índia antes do que nas Índias Neerlandesas, devido a razões cambiais. Em 1940 o pedido fora aceito pelo Conselho que dera licença, mas não fora possível exportar o açúcar pela falta de vapores. Acrescia que também mudara a situação financeira, já que a moeda das

Índias Neerlandesas ficara associada à libra esterlina. O novo pedido era baseado na necessidade de fazer o uso mais eficiente possível dos navios disponíveis. Ultimamente acontecera haver navios nos portos da Índia para os quais não houve carga outra de açúcar. Em certo caso o Irã pedira 25.000 toneladas deste produto, mas como a Índia não podia exportar açúcar pela via marítima em virtude do Acordo Internacional, fora impossível satisfazer essa procura.

4. O delegado da Índia esclareceu que não estava por enquanto fazendo um pedido formal, baseado no Artigo 51 (a) do Acordo; o que estava solicitando era que o Conselho concordasse em um ajuste permitindo a exportação do açúcar quando esse fosse disponível e quando houvesse vapores, enquanto durarem as hostilidades. Tais exportações seriam para o Reino Unido, como também para o Ceilão e os países do Oriente Médio. No tocante a estes últimos seria consultado o governo das Índias Neerlandesas.

5. O pedido do representante da Índia foi bastante combatido pelos delegados das Índias Neerlandesas e da Austrália. O representante neerlandês alegou ter havido aumento da produção de açúcar na Índia, a pedido dos Governos das Províncias, para a exportação ao Irã, Iraque e Afeganistão. Parte dessa exportação seria feita por terra, não infringindo assim a letra do Acordo Internacional. Outra objeção feita pelo representante holandês foi quanto à utilização de navios holandeses, arrendados à Inglaterra, para transportar açúcar índio comprado pelo Ministério da Alimentação. Lembrou ainda que quando um pedido semelhante fora feito no ano anterior recebera aprovação com a condição de não constituir um precedente.

6. O delegado britânico apoiou o pedido da Índia, baseando-se na necessidade imprescindível de serem utilizados todos os navios da melhor maneira possível. Embora objetando contra qualquer desvio do prescrito no Acordo Internacional, o presidente do Conselho, sir Hugh Ellis, disse que nas presentes circunstâncias as exigências da guerra provavelmente forçariam o Conselho a permitir tal exportação.

7. A delegação cubana e a dos Estados Unidos declararam não poder votar sobre o assunto, atitude a que me associei. O representante cubano afirmou não estar inteiramente convencido quanto à necessidade de usar os navios disponíveis nos portos índios para transportar açúcar do Reino Unido.

8. Não tendo sido possível chegar a um acordo sobre o assunto o presidente do Conselho, a pedido de sir David Meek, representante da Índia, convocou uma reunião



oficial para o dia 23 de julho. Nessa reunião o pedido formulado pelo governo da Índia é apresentado baseado no Artigo 51 (a) do acordo Internacional, que reza:

"Todo governo contratante poderá, no caso de se achar envolvido em hostilidades, pedir a suspensão das obrigações que assumir em virtude do Acordo. Não sendo atendido no seu pedido, o referido governo poderá notificar sua denúncia do Acordo".

9. Em seguida as discussões continuaram em torno do volume de açúcar cuja exportação é desejada pela Índia, tendo o presidente do Conselho sugerido ser mais conveniente que a cifra fosse limitada à quantidade que provavelmente poderá ser exportada. Vários delegados suscitaram novamente objeções contra a necessidade para o Reino Unido de importar açúcar da Índia, o que motivou um pedido que o representante da Índia fornecesse em carta informações completas sobre o assunto.

10. Antes de terminar a sessão o presidente do Conselho leu uma nota preparada pelo secretário sobre as atividades do Sub-Comitê Estatístico, constituído em janeiro último.

11. À Secretaria do Estado das Relações Exteriores foi dado conhecimento da questão suscitada pela Índia em telegrama de 7 do corrente da embaixada do Brasil em Londres.

J. de Alencar



OFÍCIO • 11 AGO 1941 • AHI 28-2-4

[Índice:] O desenvolvimento da guerra.

N. 609

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 11 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

As recentes notícias divulgadas pelos técnicos militares, nos principais jornais nos últimos dias, indicam que o Estado Maior alemão, por ordem do chanceler Hitler, estaria estudando apressadamente uma mudança tática da guerra.

2. Os exércitos nazistas praticamente paralisados por uma inesperada resistência dos russos obrigaram ao fuehrer a encarar um novo e vasto plano que estenderá a guerra e envolverá os países seguintes: Espanha, Portugal, Japão, Sião e talvez a Turquia e a Suécia.
3. O referido plano prevê a continuação da campanha na Rússia sob a forma defensiva enquanto os exércitos alemães invadiriam a Espanha e Portugal e logo depois a Turquia em demanda do petróleo do Cáucaso.
4. Nessa mesma ocasião o Japão seria compelido por Berlim a invadir a Rússia pela Sibéria e ocupando o Sião atacaria as possessões britânicas do sul do Pacífico.
5. Uma das partes essenciais dessa combinação envolve a França que seria obrigada por Hitler a dar livre passagem às tropas alemãs e colaborar com Berlim em grande escala, pondo às ordens todos os seus recursos materiais e militares.
6. Os portos franceses no Mediterrâneo e na África ficaram sobre controle alemão sendo que Dakar, já fortificado por técnicos nazistas, seria definitivamente ocupado para base aérea e submarina do Reich.
7. Aqui acreditam que o Ministério alemão em Lisboa já teria feito sentir ao governo português a necessidade de sua cooperação com o Eixo para poder ter garantido um lugar na Nova Ordem europeia com todas as suas colônias e no caso de recusa o território português seria incorporado à falange espanhola passando a ser dirigido por Madrid que ficaria sob orientação hitleriana.
8. Em relação ao Japão, nas últimas quarenta e oito horas, como informei pelo telégrafo, aumentaram os indícios de uma próxima extensão da conflagração às regiões do Extremo Oriente como deseja a Alemanha.
9. Apesar disso o governo russo continua a demonstrar a esse respeito uma grande tranquilidade e as grandes concentrações de forças japonesas na Manchúria e em frente a Vladivostok não impediram o senhor Lozovisky de declarar à imprensa em Moscou que as relações russo-japonesas não tinham sofrido modificação desde a assinatura do pacto de neutralidade de 12 de abril último.
10. Não parece entretanto haver dúvida sobre as intenções agressivas de Tóquio, instigado por Berlim, e daí o permanente contato que tem havido entre Grã-Bretanha e os Estados Unidos, determinando mesmo em grande parte a entrevista entre os chefes destes governos que se está realizando ao largo de New Brunswick.
11. É sabido que tanto Londres quanto Washington já tomaram todas as precauções militares navais e aéreas para completar as sanções econômicas adotadas contra o Japão

e assim tanto a Grã-Bretanha como os Estados Unidos estão prontos para toda e qualquer eventualidade.

12. O Japão já foi aliás prevenido, pois os embaixadores britânico e americano em Tóquio informaram claramente ao governo japonês sobre o ponto de vista de Londres e Washington, tal como é conhecido pelas declarações feitas há dias pelos senhores Cordell Hull e Anthony Eden.

13. As conversas entre o presidente Roosevelt e o senhor Churchill talvez impressionem o governo japonês, dando-lhe a certeza da decisão conjunta das democracias anglo-saxônicas de se oporem pela força às aspirações de hegemonia japonesa.

14. De qualquer forma embora a guerra ameace tornar-se ainda mais sangrenta e mais longa [,] as perspectivas são mais favoráveis para os aliados do que ano passado e isso devido aos golpes que a Rússia tem desfechado na máquina de guerra alemã e ao apoio hoje ilimitado dos Estados Unidos à Grã-Bretanha.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 12 AGO 1941 • AHI 28-2-4**

[Índice:] A situação política e militar.

N. 614

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 12 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

No ano passado quando a aviação alemã empenhada na batalha da Grã-Bretanha recuava progressivamente para bases mais seguras da costa francesa, o chanceler Hitler concluía o Pacto de Berlim e instaurava a nova ordem européia; jogava o Japão contra os Estados Unidos; instigava os governos de Madrid e de Vichy contra Londres e impelia Mussolini a atacar o Egito.

2. Em agosto de 1941 comprometido na perigosa aventura da Rússia o *fuehrer* tenta por todos os meios provocar diversões nas duas extremidades da Europa e da Ásia.
3. A ameaça contra a Turquia não constitui propriamente uma diversão, pois, faz parte do quadro da campanha da Rússia, tratando-se apenas de um detalhe.
4. Hitler busca no Pacífico e na Sibéria, assim como na Espanha e na África francesa, encontrar os elementos que lhe permita manter no seu campo a fortuna que parece lhe estar novamente escapando.
5. É no Extremo Oriente que a manobra parece estar mais adiantada.
6. O Japão manifesta ostensivamente uma atitude agressiva e desejos de se lançar alternativamente ou simultaneamente na direção do Norte e do Sul.
7. A batalha em curso desde uma semana nas planícies da Ucrânia servirá de indicação. pois, Tóquio poderá crer que o ataque contra Sibéria, se a Rússia for batida, será menos perigoso, visto que não correrá o risco de encontrar forças americanas, britânicas e australianas.
8. Não pode ser dito desde já se esse cálculo será errado ou certo mas não deve ser esquecido que o auxílio em material bélicos dos Estados Unidos está sendo feito em larga escala para o exército russo do Extremo Oriente que assim vai sendo fortalecido em forma apreciável.
9. Na Espanha, na África do Norte e mesmo em Portugal o trabalho nazista persiste e se mostra agora mais ativo enquanto aqui em geral existe a impressão de que uma decisão nesse setor parece menos iminente.
10. Entretanto não passou despercebido que as três recentes reuniões do Conselho de ministros em Madrid determinaram importantes modificações no exército espanhol.
11. Ninguém também ignora que Hitler favorece uma nova divisão do Marrocos francês em favor do general Franco.
12. Também despertou a atenção dos círculos militares que na Espanha diversas estradas estratégicas, todas em direção à fronteira portuguesa, foram recentemente reconstruídas e modernizadas sendo mesmo empreendida a construção de novas rodovias.
13. Conforme informei pelo meu ofício n. 609, de 11 do corrente, o ministro alemão em Lisboa estaria fazendo pressão sobre o governo português para induzi-lo a aderir ao plano alemão de colaboração na nova ordem européia e naturalmente essa diligência teria sido feita sob certas ameaças tais como invasão do território português e sua dominação por um poder espanhol nazificado.

14. Por outra parte é sabido que neste momento o Almirante Darlan está sob uma grande pressão de Berlim exercida diretamente pelo senhor Abetz e indiretamente pelos extremistas franceses adeptos de uma ilimitada colaboração franco-germânica.

15. Hitler daria a Vichy a promessa e o compromisso da Alemanha de defender o Império francês, pedindo ao marechal Petain de cumprir a sua palavra dada em Montoire de ajudar o governo de Berlim da África contra as manobras britânicas e gaulistas [sic].

16. Parece, pois, nessas condições, bastante difícil ao governo de Vichy de recusar, tal como no caso da Indo-China, a pseudo proteção e eventualmente a defesa comum da África que, em palavras claras, significará aceitar o protetorado alemão, assim como deseja Hitler para ameaçar a América.

17. Tanto nesse caso como no do Extremo Oriente a situação é deveras grave, pois, os Estados Unidos consideram Dakar um dos postos avançados estratégicos do hemisfério ocidental da mesma forma que julgam, como a Grã-Bretanha, o Sião uma fronteira da Austrália e das possessões americanas do Pacífico.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



TELEGRAMA • 13 AGO. 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Guerra na Europa. Apoio anglo-russo à Turquia. Tensão das relações entre o governo de Vichy e Londres e Washington. Eventual reconhecimento do governo de Gaule. Regresso de Churchill.

Da Embaixada em Londres

QUARTA-FEIRA – 13 AGOSTO 1941 – 13h00 – Foi divulgado esta manhã o compromisso anglo-soviético para prestar toda assistência a Turquia, caso seja atacada por qualquer potência europeia. A referida garantia consta de declaração escrita em termos idênticos à feita pelos embaixadores inglês e russo em Ankara ao governo turco. Ambos os embaixadores, antes de entregarem a aludida declaração, expressaram claramente ao ministro dos Negócios Estrangeiros turco o ponto de vista deste governo e do governo russo, visando reafirmar a posição dos dois países em relação à Turquia e desfazer as intrigas nazistas, demonstrando

donde provém o perigo verdadeiro para a Turquia. O desenvolvimento da política francesa causou impressão desagradável, determinando especial atenção do governo britânico sobre as consequências futuras. A tensão entre Vichy, Londres e Washington tende a agravar-se, havendo quem suponha existir grande probabilidade do próximo reconhecimento do general de Gaulle como chefe do governo francês. O regresso do primeiro ministro é esperado para o fim da semana. MONIZ DE ARAGÃO



OFÍCIO • 13 AGO 1941 • AHI 28/2/4

[Índice:] Relatório do delegado do Brasil ao Conselho Internacional do Açúcar.

N. 618

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 18 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, um relatório preparado pelo delegado do Brasil ao Conselho Internacional do Açúcar, primeiro secretário J. de Alencar, sobre a sessão desse conselho realizada em 23 de julho último.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores



[Anexo]

Emb. Londres /618/1941.

Relatório da Sessão do Conselho Internacional do Açúcar, de 23 de julho de 1941.

Estiveram presentes à sessão oficial do Conselho Internacional do Açúcar, realizada em 23 de julho último, as delegações do Brasil, Reino Unido, União Sul

Africana, Austrália, Cuba, República Dominicana, Índia, Países Baixos, Peru, Portugal, Estados Unidos e Filipinas, e União Soviética.

2. Essa reunião fora convocada, conforme foi informada a Secretaria de Estado das Relações Exteriores por telegrama de 7 de julho da embaixada, afim de examinar o pedido, feito pelo governo da Índia, de autorização ao Conselho para exportar 200.000 toneladas de açúcar, destinadas ao Reino Unido.

3. Em 9 de julho o Secretariado do Conselho circulou uma carta de sir David Meek, delegado da Índia (I), expondo o ponto de vista do seu governo. Esse assunto já fora discutido na sessão oficiosa de 2 julho (vide o relatório que acompanhou o ofício nº 608 de 8/8/41).

4. Na referida carta o delegado da Índia salienta: 1) Que seu governo não solicita a suspensão completa das suas obrigações relativamente ao acordo, como teria o direito de fazer, limitando-se a solicitar autorização para uma quantidade máxima de 200.000 toneladas; 2) que a permissão solicitada diz respeito à exportação para o Reino Unido e, sujeito ao consentimento das Índias Neerlandesas, para todos os países do Oriente Médio e Ceilão; 3) que não foi utilizada a permissão concedida pelo Conselho para o ano de 1940 que se referia a uma quantidade igual; 4) que no ano 1939-1940 deu-se um forte excedente nos estoques de açúcar na Índia, ocasionando restrição de produção no período 1940-1941, mas deixando assim mesmo estoques superiores a 550.000 toneladas; 5) que a Índia reúne no atual momento as duas condições para poder exportar açúcar, isto é, excedente disponível e navios, não acontecendo o mesmo com relação a alguns outros países produtores.

5. Aberta a sessão, o presidente do Conselho perguntou se a delegação do Reino Unido concordava plenamente com as declarações feitas pelo delegado da Índia na carta acima referida, no tocante à disponibilidade e utilização de navios e ao desejo deste país de importar açúcar.

6. O delegado britânico pediu a um representante do Ministério da Alimentação, o senhor Rook, presente à reunião, que se manifestasse sobre o assunto. Este lembrou ser essencial para o Reino Unido poder obter açúcar do lugar mais conveniente e garantiu que tais compras na Índia não afetariam os programas de compra do Ministério relativamente a outros países. Respondendo a uma pergunta feita por sir Hugh Elles, declarou ser muito pouco provável que fossem embarcadas 200 mil toneladas de açúcar da Índia.

7. O senhor Clausen, delegado britânico, faz algumas observações sobre as mudanças que poderiam resultar da entrada do Japão na guerra.

8. O delegado dos Países Baixos declarou que se opunha à discussão da questão da exportação de açúcar pela Índia na base da existência de um excedente naquele país, e achou que o problema devia ser encarado sob o ponto de vista das necessidades do Reino Unido, o que era mais ao espírito do Artigo 51, letra a, do Acordo.

9. O senhor Du Toit, da África do Sul, referiu-se ao fato de uma parte considerável do excedente índio era constituído de açúcar importado de Java.

10. Interveio *sir* Hugh Elles perguntando ao delegado da Índia se o Conselho podia considerar a sua declaração sobre superprodução de açúcar em seu país como uma simples constatação de fatos e não como um argumento intitulado a Índia a exportar. *Sir* David Meek concordou com essa interpretação.

11. Manifestou-se em seguida longamente o delegado da Austrália, dizendo que aprovava inteiramente o pedido, quando encarado sobre o ângulo das necessidades do Reino Unido. Quando, entretanto, visto pelo lado da Índia, a atitude da Austrália precisava ser esclarecida. Em primeiro lugar, no ano 1939-40 haviam sido importadas na Índia 332 mil toneladas de açúcar e essas importações eram em parte responsáveis pelo excedente agora existente. Em segundo lugar a Índia havia aumentado a superfície plantada de 15%, dando ensejo a um excedente considerável. Leu, em seguida, trecho de um panfleto publicado pelo governo da Índia, salientando a necessidade de aumentar o rendimento por "acre" e de diminuir o preço para poder exportar ao Afeganistão, Tibete, Nepal, Burma, Ceilão e também ao Reino Unido e países estrangeiros. O senhor Pike opinou que essa declaração era muito interessante, tendo em vista os compromissos assumidos pela Índia no acordo. Também desejava saber porque é que o governo da Índia solicitava a permissão especial de uma outra delegação para exportar ao Oriente Médio. Pediu ainda esclarecimentos sobre a tonelagem marítima disponível, dizendo que não compreendia haver navios em número suficiente em Bombaim, para o embarque, até o fim do ano, de 200.000 toneladas de açúcar. Mediante certas condições, que passou a enumerar, a Austrália estava, contudo, disposta a aprovar o pedido da Índia.

12. *Sir* David Meek explicou que as declarações do panfleto citado pelo senhor Pike se referiam ao que devia ser feito no futuro para aumentar a eficiência da indústria açucareira da Índia, depois da expiração do Acordo Internacional do Açúcar, e afirmou que a Índia havia sempre observado rigorosamente todos os seus compromissos.



13. Um dos representantes britânicos, o senhor Gibson Graham, referindo-se à pergunta do delegado australiano sobre a praça disponível, explicou que o Reino Unido estava enviando grandes quantidades de mercadorias ao Oriente e que, depois de desembarcadas estas em seu destino, a viagem a Bombaim era curta. Muito longe, por outro lado, era a viagem para a Austrália.

14. Depois de terem ainda feito várias observações o delegado sul-africano e o representante do Ministério da Alimentação, o Conselho adotou a seguinte resolução, proposta pela delegação da África do Sul:

The Council notes the application of the Government of India for permission to export sugar as well as the reason for such application and solely in order not to prevent the most efficient use of shipping space herewith approves of the shipment during the present calendar year of sugar purchased by H. M. Government in the United Kingdom of a quantity not exceeding 200.000 tons from India to the United Kingdom and to such areas in the Middle East as H. M. Government in the United Kingdom may determine to be necessary to meet shipping exigencies, provided that this consent shall in no way form a precedent. The Council takes note of the application of India to include Ceylon in the area to which sugar may be shipped but defers its decision until the contingency actually arises.

15. Esse texto foi adotado por todos os delegados, com exceção do brasileiro, português e dominicano, que ainda não haviam recebido instruções dos seus respectivos governos.

16. Finalmente o representante do Ministério da Alimentação lembrou a necessidade de uma série de medidas antes de ser exportada qualquer quantidade importante de açúcar para a Índia. Os delegados não deviam pensar que 200.000 toneladas de açúcar já haviam sido ou seriam compradas para exportação. Desejava, sobretudo, [que] não fosse publicado na imprensa que estava sendo contemplada uma venda de 200.000 toneladas deste produto. O Conselho concordou que não seria dado comunicado à imprensa.

17. Recebido nesta embaixada o telegrama de 12 de agosto da Secretaria de Estado das Relações Exteriores, informando nada ter que opor o Instituto do Açúcar e do Alcool à solicitação do governo da Índia, escrevi ao Conselho (II) dando meu voto a favor da decisão tomada pelo mesmo Conselho, relativamente a essa questão sendo minha carta acusada em 15 do mesmo mês. (III).

J. de Alencar  
Primeiro Secretário.  
Delegado do Brasil ao Conselho Internacional do Açúcar.



OFÍCIO • 13 AGO 1941 • AHI 28/2/4

[Índice:]“Brazil Railway Company”. Medidas tomadas pelo governo brasileiro.

N. 619

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 13 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício n. 310, de 15 de abril último, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, no incluso recorte, uma notícia publicada pelo “*The Financial Times*”, de 12 do corrente, sobre certas medidas tomadas pelo governo brasileiro, com relação à “Brazil Railway Company” e empresas subsidiárias.

2. Refere-se essa notícia especialmente a representações que a “The Brazil Land Cattle and Packing Company” teria feito junto ao Foreign Office, por haver sido atingida pelas referidas medidas, embora não sendo subsidiária da companhia acima citada.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 14 AGO 1941 • AHI 28-2-4

[Índice:]A declaração anglo-russa sobre a defesa da Turquia.

N. 621

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 14 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

A intensificação em Ankara da atividade da propaganda nazista coincidindo com a instalação na fronteira europeia da Turquia de poderosos elementos de forças búlgaras e alemãs indicava ser o prelúdio de uma próxima ação do governo de Berlim naquela região.

2. Sem esperar o resultado da extraordinária batalha que se está travando na Ucrânia e baseado no Tratado de amizade que a Alemanha obrigou a Turquia a assinar, em 18 de junho último, quatro dias antes de lançar suas tropas contra a Rússia, o chanceler Hitler poderia ter colocado o governo turco na contingência de lhe abrir a passagem dos Dardanelos ou de permitir o trânsito de seus exércitos através da Anatólia.

3. Talvez o governo de Berlim não tenha ainda renunciado a executar esse projeto mas sua pressão sobre Ankara foi prevenida e sua manobra anulada pela dupla garantia que o governo turco recebeu no dia 10 deste mês dos embaixadores britânico e russo.

4. As declarações escritas que foram entregues ao ministro dos Negócios Estrangeiros da Turquia e as seguranças verbais então dadas dissiparam os temores que o governo otomano estava tendo sobre as reais intenções de Londres e Moscou.

5. A Convenção de Montreux que concedeu aos turcos a guarda dos estreitos ficou assim revigorada; o respeito da integridade territorial da Turquia foi novamente e oficialmente proclamada com a responsabilidade dos governos britânico e russo.

6. Um amplo concurso e todo auxílio possível por parte da Grã-Bretanha e da União Soviética foram assegurados ao governo de Ankara para o caso em que fosse vítima de uma agressão por qualquer potência europeia.

7. Nessa forma as fronteiras marítimas e terrestres respeitadas, e um apoio total em caso de agressão, eis o que dá à Turquia as declarações de Londres e de Moscou que sem dúvida constituem um dos grandes acontecimentos diplomáticos desta guerra.

8. Os círculos diplomáticos julgam que assim a Turquia poderá resistir às ameaças de Berlim.

9. As notícias aqui recebidas indicam ter tido uma grande repercussão na Turquia o ato acima referido.

10. Junto remeto a Vossa Excelência um retalho do “*Times*” desta manhã onde o assunto foi exposto nos seus mínimos detalhes com indicação da forma calorosa com que foram acolhidas em Ankara as declarações aludidas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



OFÍCIO • 14 AGO 1941 • AHI 28-2-4

[Índice:] O Brasil e a guerra.

N. 622

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 14 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

O “*South American Journal*”, de 9 do corrente, estampou um artigo do seu correspondente, intitulado “*Brazil and the war*”, referindo-se à existência no Brasil de uma população estrangeira, ou de origim [sic] estrangeira, numerosa.

2. Fazendo algumas observações sobre a atitude do Brasil em face do conflito atual, o artigo em questão encara também os perigos que poderão decorrer do mesmo para o nosso país.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

OFÍCIO • 14 AGO 1941 • AHI 28-2-4

[Índice:] Cooperação econômica na América Latina.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 14 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

Em seu número de 9 do corrente, o “*South American Journal*” publicou o incluso artigo, intitulado “*Economic operation in Latin America*”, em que se refere, entre outras coisas, ao acordo econômico concluído entre o Brasil e a Argentina e à Conferência Regional do Rio da Prata.

2. Salienta que o acordo brasileiro-argentino poderá ter consequências importantes e de interesse especial para os exportadores britânicos. O artigo alude aos resultados que se podem esperar da cooperação econômica, cada vez mais intensa, entre os países da América do Sul e lembra que um desses resultados será certamente a industrialização rápida dos mesmos países.

3. Citando declarações feitas pelo Doutor Gagneux, diretor geral do Banco Central da Argentina, sobre esse assunto, o artigo aponta a possibilidade de que a industrialização dos países sulamericanos se faça de acordo com um plano coordenado, afim de evitar [que] sejam fomentadas as mesmas indústrias nos diversos países, os quais antes deverão completar-se mutuamente.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 15 AGO 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Agente do general de Gaule no Brasil.

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres

Em 15 de agosto de 1941.

SEXTA FEIRA – 12hrs.15- O conselheiro Barão Dayet, o mais antigo encarregado de negócios da França aí, atualmente chefe do Departamento Político da Organização da França livre, pediu-me manifestar a Vossa Excelência o grande desejo do general De Gaule de enviar ao Brasil um representante sem caráter oficial, para entrar em relações oficiosas com o governo brasileiro e informar sobre o desenvolvimento crescente do movimento libertador da França e melhor poder resolver, de acordo com Vossa Excelência, certas questões de caráter administrativo. Salientou que não se trata de nenhuma forma de reconhecimento oficial do referido general. O representante em questão atuaria aí nas mesmas condições que seus colegas, já em função no México, Estados Unidos da América, Argentina, Chile, Peru, Cuba, América Central, Islândia e Canadá. Acrescentou que desejava saber, confidencialmente, se o governo brasileiro se opõe, de qualquer forma, à presença aí do aludido representante e seria especialmente grata para o general de Gaule se Vossa Excelência concordar, autorizando o visto no passaporte. Nada adiantei, prometendo apenas informar Vossa Excelência para os devidos efeitos.

Moniz de Aragão

\*

**OFÍCIO • 15 AGO 1941 • AHI 28-2-4**

[Índice:] A declaração anglo-americana.

N. 625

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 15 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

Conforme antecipei, pelo telégrafo, informando Vossa Excelência desde a partida do Primeiro Ministro, realizou-se ao largo da costa canadense o seu encontro com o presidente Roosevelt para uma conferência da qual já resultou uma declaração conjunta que consagra a solidariedade anglo-americana na ação para vencer a guerra e estabelecer uma maior identidade de vistas no que se refere aos problemas da paz.

2. Assim na entrevista histórica que acaba de ter lugar o presidente dos Estados Unidos e o primeiro ministro da Grã-Bretanha combinaram, por assim dizer, o programa da conferência e o quadro da futura regulamentação da paz mundial.
3. Muitos ficaram surpresos, não podendo ler na declaração anglo-americana nada mais do que já foi dito tanto em Londres como em Washington.
4. Trata-se na realidade de uma codificação de princípios conhecidos por terem sido mencionados em discursos e anteriores declarações dos senhores Churchill, lorde Lothian, lorde Halifax e ministro Eden feitas neste país e do presidente Roosevelt, dos senhores Cordell Hull e Summer Welles nos Estados Unidos.
5. Foi mais uma vez afirmado e em forma categórica a recusa de serem reconhecidas quaisquer mudanças territoriais obtidas pelo emprego da força, o que de fato constitui a doutrina Stimson de 1932 adotada pelo governo britânico em setembro de 1940.
6. Os dois chefes dos governos também revigoraram o princípio de direito dos povos terem ampla liberdade de organizar a sua vida tal como prescreve velha fórmula da revolução francesa como foi recentemente recordada ao ser assinado o acordo russo-polonês.
7. A declaração anglo-americana evocou também a igualdade de direitos de todas as nações para o comércio e o acesso às fontes de matérias primas, a liberdade dos mares, doutrina tradicional dos Estados Unidos, ainda reafirmada pelo presidente Roosevelt na sua mensagem ao Congresso em 7 de julho último, a construção de um sistema no qual os governos deverão viver sem temor nem necessidade e o desarmamento das nações culpadas de agressão precedendo o desarmamento geral para a segurança de todos.
8. Assim foram anunciados os objetivos de paz das democracias ocidentais.
9. Esses propósitos constituem um novo estatuto das nações e um código universal do trabalho e se assemelham bastante aos quatorze pontos do presidente Wilson, aos Pacto da Sociedade das Nações e ao Estatuto da Organização Internacional do Trabalho.
10. Os jornais salientam que a declaração Roosevelt-Churchill nada contém que os aliados da Grã-Bretanha inclusive a Rússia possam objetar.
11. Também está sendo considerada como uma medida visando anular a anunciada ofensiva de paz que dizem seria intenção do *Fuehrer* lançar proximamente.
12. Em geral aqui julgam que o mais importante o mais e o mais satisfatório deste assunto é que o governo americano, pelo seu presidente, tenha decidido de ora avante, embora sem ser beligerante, e sem mesmo ter concluído uma aliança com a Grã-Bretanha,

a obrigar o povo americano de participar mais diretamente da guerra e se comprometer a colaborar na obra de construção da paz.

13. Os círculos diplomáticos expressam a opinião que se deve esperar como resultado da conferência presidencial muito mais que a declaração conjunta sobre propósitos de paz depois da destruição do regime nazista e que os primeiros efeitos serão observados muito breve e ninguém se surpreenderá quando forem conhecidos.

14. Naturalmente os grandes problemas do momento foram examinados a fundo, o que explica a presença de numerosos técnicos militares, navais e políticos ao lado do presidente e do senhor Churchill.

15. Desde logo parece certo ter sido concertada uma ação conjugada das marinhas americana e britânica contra o Japão no caso de ser a mesma julgada necessária em face das ameaças do governo em Tóquio.

16. As próximas declarações do presidente Roosevelt e do primeiro ministro britânico trarão uma maior clareza sobre a situação e darão à opinião pública dos dois países uma maior confiança no que diz respeito ao futuro desenvolvimento da guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 16 AGO 1941 • AHI 28-2-4**

[Índice:] Navios do "Eixo" em portos latinos americanos .

N. 627

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 16 de dezembro de 1941

Senhor Ministro,



Em 15 do corrente, a imprensa londrina divulgou uma notícia no sentido de haver o governo argentino resolvido tomar conta de vinte navios alemães e italianos, ancorados nos seus portos, notícia recebida com grande satisfação, segundo os jornais, pelas autoridades do Reino Unido.

2. O "*Financial Times*" de 15 do corrente, comentando o assunto, disse que o governo britânico desde algum tempo vinha lembrando à Argentina e a outros países da América Latina que eles podiam, de acordo com as leis internacionais, exercer o seu direito de angaria, assumindo o controle de meios de comunicação, em tempo de guerra.

3. Os governos desses países - continuou o referido jornal - estavam, porém, receosos das consequências que poderiam eventualmente advir de tal medida. O assunto se prolongou assim durante uns dois meses, só sendo resolvido, pelas autoridades argentinas, quando o governo americano se manifestou no mesmo sentido indicado pela Grã-Bretanha. Calcula-se que nos portos sulamericanos haja uns 32 navios alemães, de 50 a 60 italianos, e dezessete dinamarqueses.

4. Acrescentou o "*Financial Times*" que este país, embora ainda se julgue com o direito de não reconhecer qualquer mudança de bandeira em tempo de guerra, ultimamente modificou consideravelmente a sua atitude, com relação ao assunto. A Grã-Bretanha informara aos estados latino americanos que não faria objeção a que eles assumissem o controle de tais navios, no caso de que os mesmos só fossem usados para fins por ela aprovados. Isso não significa que a Grã-Bretanha não examinará esses navios, se descobrir que eles estão sendo empregados para atividades prejudiciais aos seus interesses.

5. Constou que a Grã-Bretanha tomaria parte em conversações a se realizarem dentro em breve, para determinar exatamente a utilização dos vapores confiscados pela Argentina. Havia esperanças, terminou o mencionado jornal, de que outros governos latino americanos seguissem o exemplo daquela República do Prata, tomando sob seu controle os navios do Eixo que se encontram em seus portos.

6. Na tarde do mesmo dia tive ocasião de conversar, sobre as notícias em questão, com o embaixador argentino que me declarou serem as mesmas prematuras, pois ele apenas havia iniciado com este governo entendimentos para tal fim e acreditava que as negociações respectivas levariam algum tempo. Nesse sentido telegrafei a Vossa Excelência no dia 16, em aditamento à minha comunicação anterior sobre esse mesmo assunto.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão



OFÍCIO • 19 AGO 1941 • AHI 28-2-4

[Índice:] A Rússia e seus aliados.

N. 632

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 19 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

No momento em que se inicia a nova semana da campanha na Rússia parece necessário fazer duas observações, sendo uma referente à presente situação e a outra no que diz respeito ao futuro.

2. Desde logo vemos que depois de oito semanas de lutas formidáveis os exércitos alemães não conseguiram alcançar nenhum dos principais centros vitais da União Soviética. Os russos mantêm intacta a sua força militar e aérea e opõem tenaz e eficaz resistência às tentativas de ruptura das frentes de batalha anulando todas as manobras de envolvimento tentadas pelo inimigo. O exército russo tem coordenado uma ação defensiva em grande profundidade o que lhe tem permitido manter ao mesmo tempo a ligação entre os três marechais e conservar todas as comunicações com a retaguarda.

3. A ofensiva da Ucrânia começada há quinze dias já parece apresentar indícios de enfraquecimentos.

4. O marechal Boudienny segundo dizem os técnicos militares britânicos pode recuar sem perigo sua ala esquerda resistindo com a ala direita e o centro agora se apoia sobre a corda de um arco diminuído situado na região do Dnieper.

5. Nos meios britânicos como nos círculos russos existe agora maior confiança considerando que a situação parece estar mais consolidada para os russos.

6. Aos cétricos como aos pessimistas e inquietos tanto o presidente Roosevelt como o ministro Churchill opõem um otimismo decidido e razoável.

7. A proposta da reunião imediata em Moscou de uma conferência anglo-russa-americana para estabelecer o plano de uma repartição racional do material de guerra prova a confiança dos homens de Estado britânico e americano na resistência russa.
8. Eles vão mesmo mais longe, pois, prevêem o estabelecimento de um programa político de longo termo.
9. "Os russos aguentarão todo o inverno", declarou o presidente Roosevelt, o qual acrescentou ser urgente dar-lhes um auxílio imediato ao mesmo tempo que deve ser preparado, desde já, o material para a próxima campanha da primavera.
10. Assim no começo do terceiro mês da guerra russo-alemã o quadro é o seguinte: no primeiro plano os exércitos soviéticos que defendem polegada por polegada o solo pátrio; no segundo a organização rápidas pelas três maiores federações de povos de suas formidáveis riquezas naturais e industriais para resistir ao autor da nova agressão.
11. Jamais talvez em nenhum momento no decurso dessa guerra houve mais probabilidade de vitória para o lado da Grã-Bretanha e seus aliados.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**DESPACHO • 20 AGO 1941 • AHI 29/3/13**

Índice: Conferência Internacional de Carnes. Londres.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À embaixada em Londres  
Em 20 de agosto de 1941

A Secretaria de Estado das Relações Exteriores cumprimenta a embaixada do Brasil em Londres e solicita-lhe o obséquio de fornecer, tão cedo quanto possível, as seguintes informações complementares sobre a Conferência Internacional de Carnes:

- a) resumo histórico, desde a fundação (quando e como foi instituída) até a presente data;
- b) objetivos;
- c) atual composição da Diretoria e do Secretariado e nomes dos respectivos membros;
- d) finanças (fundos e elaboração e aprovação do orçamento);
- e) resumo das atividades;
- f) quando e como aderiu o Brasil à Conferência (data da notificação) e ato pelo qual o governo brasileiro autorizou essa adesão;
- g) situação financeira do Brasil em face da Conferência; valor das contribuições relativas a 1941 e 1942.

Rio de Janeiro, em 20 de agosto de 1941.

\*

**TELEGRAMA • 22 AGO 1941 • AHI 30/1/1**

Índice: Agente do general de Gaule no Brasil.

N. C/ 861845 940.(00)

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres  
Em 22 de agosto de 1941.

Resposta ao seu telegrama n 337. O governo brasileiro, que mantém relações com o governo de Vichy, não poderá receber agente do general de Gaule. Entretanto, permite a entrada neste país de qualquer cidadão francês desde que observe as disposições gerais para o visto de passaportes. EXTERIORES

Expedido em 22 de 8 de 1941 via Western [*assinatura*]

\*

**OFÍCIO • 22 AGO 1941 • AHI 28-2-4**

[Índice:] Material bélico para o Exército brasileiro.

N. 642

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 22 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que esta embaixada, desde algum tempo, vem enviando, regularmente, exemplares do “*Boletim do Conselho Federal de Comércio Exterior*” a algumas importantes revistas deste país, como, por exemplo, o “*Economist*”, o “*Souh American Journal*” e o “*Public Ledger*”.

2. Em consequência disso, já estão começando a aparecer nessas publicações, com mais frequência, referências ao nosso país. Assim, a revista “*Public Ledger*”, que é lida em todos os círculos comerciais, industriais e financeiros, por conter sempre informações de grande valor para os mesmos, publicou no seu número de 16 de agosto último, do qual remeto exemplares em anexo, artigos sobre o nosso comércio com a Grã-Bretanha, a restrição da venda de borracha brasileira, a nossa produção de mica e de piretro, assim como informações relativas ao café.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 26 AGO 1941 • AHI 28-2-4**

[Índice:] Declarações do primeiro ministro.

N. 645

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 26 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

As declarações do primeiro ministro feitas anteontem são consideradas certamente como as mais importantes das que ele tem feito ultimamente pelo rádio.

2. Ele descreveu o seu encontro com o presidente Roosevelt e a situação geral inclusive a campanha da Rússia em forma que trouxe um grande conforto a todos os povos oprimidos.

3. Um sopro de humanidade anima a sua mensagem de esperança e de confiança além da reafirmação das promes[s]as contidas na "Carta Magna do Atlântico".

4. A Solidez dos vínculos que unem presentemente os Estados Unidos e a Grã-Bretanha foi salientada em termos magníficos e emocionantes.

5. Ninguém até agora fez mais na história política dos dois povos anglo-saxões do que os senhores Churchill e Roosevelt para ligar esses dois países em uma ação conjunta tão perfeita.

6. A política inaugurada há cerca de um ano pela cessão aos Estados Unidos das bases britânicas no Atlântico encontrou o seu ponto culminante na definição de uma política de paz comum depois da derrota do hitlerismo que todos esperam e desejam.

7. Outros desenvolvimentos dessa política são esperados em futuro próximo.

8. O discurso do senhor Churchill foi, segundo as notícias aqui divulgadas, muito bem acolhido em todo o nosso continente, pois, encoraja os que receiavam [sic] que o presidente americano se aventurasse demasiadamente e compromettesse o seu país na guerra antes do tempo.

9. Por outra parte fornece argumentos suplementares aos que não cessaram de dizer que as aspirações de Hitler à dominação universal constituem uma ameaça para os Estados Unidos e à América em geral.

10. Pelo que diz a imprensa em Berlim a primeira reação foi de raiva mal contida e às legítimas esperanças que o senhor Churchill despertou no coração de todos os seus auditores o rádio alemão opõe como uma dura realidade o anuncio de um comboio de duas dúzias de navios que teriam sido afundados pelos submarinos e bombardeiros alemães, informação essa aliás desmentida pela chegada do referido comboio a portos britânicos com uma perda apenas de dois ou três navios.

11. A coincidência é curiosa, pois, desde mais de um mês os submarinos nazistas foram expulsos das grandes rotas do Atlântico.

12. Junto remeto a Vossa Excelência recorte do "*Times*" contendo o aludido discurso na íntegra para melhor apreciação do que contém.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 26 AGO 1941 • AHI 28-2-4**

[*Índice:*] Os britânicos e os russos no Irã.

N. 646

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em de 1941

Senhor Ministro,

Conforme informei Vossa Excelência, pelo telégrafo, na noite de anteontem para ontem as tropas russas e britânicas entraram simultaneamente no Irã.

2. Desde sábado era sabido que o governo de Teerã coagido pela pressão alemã e por um sentimento de falsa segurança recusara tomar as medidas reclamadas por Londres e Moscou.

3. Nem a Grã-Bretanha, nem a União Soviética não querem prejudicarem a integridade territorial ou a independência política do Irã mas ambos esses países sabiam que os alemães ocupavam nesse país funções importantes que lhes permitiam preparar um golpe de Estado que parecia iminente tomando a direção do governo iraniano com grave perigo para seus interesses naquela região.

4. Em outros termos Londres e Moscou corriam o perigo de ver a renovação pelos mesmos métodos de intrigas e golpes de força do que ocorreu nos Bálcãs, no Levante e no Oriente na última primavera.

5. Desta vez os aliados anteciparam as manobras dos alemães e por uma ação rápida impediram o *Fuehrer* de se apoderar das riquezas minerais do Irã, de cortar as

comunicações entre os aliados e de operar na retaguarda dos exércitos russos do Cáucaso e das tropas britânicas do Iraque e da Síria.

6. O acesso ao petróleo do Irã e do Cáucaso pelo sul ficou impedido e os portos da índias foram fechados.

7. A situação estratégica dos aliados em todo o Oriente ficou visivelmente reforçada.

8. Subsiste ainda um centro de intrigas nazistas no Afeganistão mas a rapidez e a força da ação anglo-russa deve provocar reflexões e reações salutares.

9. De resto em todo o Oriente a entrada das tropas aliadas no Irã terá uma repercussão extraordinária.

10. Pela primeira vez desde que a Rússia entrou na guerra os ingleses fizeram com os russos uma verdadeira junção e estabeleceram um meio de comunicação direta do Golfo Pérsico ao Mar Branco.

11. Quanto à Turquia parece que deverá estar mais segura sobre a sorte dos Dardanelos em vista das declarações anglo-russas de 10 de agosto garantida agora ao sul pela presença da sua aliada britânica nas fronteiras do Iraque e da Síria mas contudo não está fora do perigo de uma invasão alemã para ir atacar o Irã através do seu território.

12. De qualquer forma a impressão dominante é que nada poderá ser tentado antes de ser resolvida a campanha da Rússia e o Oriente está mais defendido pelos aliados do que supunha Hitler e seu Estado Maior.

13. O ministro Eden almoçando hoje nesta embaixada disse-me estar bem impressionado com o desenvolvimento dos acontecimentos parecendo, pelo menos até agora, que a resistência do Irã é bem menor do que era lícito supor.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

OFÍCIO • 26 AGO. 1941 • AHI 28-2-4

[Índice:] Interesses italianos.



N. 647

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 26 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, em anexo, um relatório das atividades gerais da Divisão Especial para a proteção dos interesses italianos durante o período de 11 de junho de 1940 a 30 de 1941.

1/1 Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo]

Emb. Londres /647/1941.

Depois dos trabalhos para repatriação do pessoal oficial da embaixada italiana e da primeira leva de súditos italianos, a Divisão Especial da Embaixada em Londres esteve assoberbada com os problemas surgidos com o internamento em dos italianos residentes no país e complicados pelo subseqüente desastre do "*Arandora Star*", no qual pereceram 475 súditos italianos.

Por duas semanas, centenas de pessoas aflitas encheram a sala de espera da Divisão Especial, formando cauda até a rua. Os nomes das vítimas foram comunicados às famílias depois de muito obtidos. Cenas pungentes tiveram lugar ao serem anunciados os nomes. A Cruz Vermelha Britânica manteve enfermeiras de plantão na Embaixada por vários dias, as quais prestaram socorro às vítimas de desmaios e crises histéricas.

Afim de regular a situação das famílias, a Divisão Especial tratou logo de obter das autoridades [*que*] fossem fornecidas certidões de óbito aos herdeiros dos náufragos, afim de os habilitar a processar as heranças e para os demais fins legais.

Houve grande demora na obtenção dos certificados devido à dificuldade em que se encontraram as autoridades para estabelecer a identidade indiscutível dos indivíduos.

Após as averiguações necessárias, o "*Home Office*" elaborou as listas que, aceitas pelo "*Registrar of Seamen & Shipping*" habilitarem os referidos oficiais públicos a emitir os [sic] requeridos por lei.

A Divisão Especial foi enviada igualmente uma das listas, de posse da qual, pode [sic] aconselhar a um sem número de famílias sobre os passos a tomar na regularização de sua posição legal.

Ligada ainda à questão do internamento dos italianos estava a devolução de objetos de uso pessoal e dinheiro, confiados por eles às autoridades policiais ou militares, quando detidos. A Divisão Especial obteve que diversos valores extraviados fossem devolvidos aos proprietários nos campos mesmo depois de libertados.

No caso das vítimas do "*Arandora Star*", a Divisão Especial agiu de acordo os "*War*" e "*Home Offices*" afim de encontrar os herdeiros para a devolução dos objetos e dinheiros deixados.

Durante os primeiros meses da guerra as visitas das famílias aos internados eram difíceis, mas a Divisão Especial conseguiu permissão para que fossem visitados aqueles que estivessem enfermos ou tivessem negócios urgentes a tratar. Pouco mais tarde o assunto das visitas foi regulado entre os governos italiano e britânico, sendo objeto de troca de notas entre a Embaixada e o "*Foreign Office*".

Devido à falta de alojamento suficiente nos campos, alguns internados continuaram detidos por algum tempo em prisões comuns. Medidas enérgicas foram tomadas a instâncias da embaixada e todos os que estavam nestas condições foram transferidos para os campos da Ilha de Man. Os campos provisórios, inclusive o de "*Press Heath*", ao ar livre, foram fechados a pedido da Embaixada.

Foi igualmente conseguida a regularização do serviço de correspondência para os campos. Em vista da dificuldade a princípio para a remessa de dinheiro aos internados, tanto na Grã-Bretanha, como aos que foram transportados para o Canadá e a Austrália, a Divisão Especial conseguiu fazê-lo por intermédio do "*War Office*". Já hoje podem as famílias fazer as remesas [sic] diretamente, tendo sido infelizmente restringidas as remesas [sic] aos internados no ultra-mar.

Para atender aos inúmeros pedidos de notícias que chegam à Embaixada de todos a Divisão Especial organizou um arquivo em cujos fichários figuram mais de cinco mil (5000) nomes. Só assim os pedidos feitos pelas nossas embaixadas e consulados, pela Cruz Vermelha, pela Delegação Apostólica em Londres e por particulares podem ser atendidos prontamente. Estes pedidos de informações são responsáveis pelo número

avantajado de cartas expedidas mensalmente, o qual tem sido, em média, de quatrocentos, nos primeiros oito meses de trabalho da Divisão.

Grande número de súditos italianos tem procurado a embaixada para obter conselhos, mesmo em assuntos particulares, solicitando frequentemente a obtenção de certidões e legalização de outros documentos . A embaixada em Roma tem igualmente solicitado certidões e legalização de documentos. O Governo Britânico não concordou com que a representação brasileira fosse veículo para a notificação de sentenças judiciais dos tribunais italianos durante o período das hostilidades.

Na liquidação do "*Banca Commerciale Italiana*" e "*Credito Italiano*", a Divisão Especial, com o concurso dos advogados que contratou para esse e outros fins, facilitou a descoberta do paradeiro de centenas de indivíduos que teriam sofrido grandes prejuízos na distribuição dos dividendos, caso não tivessem sido encontrados a tempo.

A embaixada tem prestado assistência mesmo em caso de italianos transferidos para campos de internamento além-mar, que tinham perdido contato inteiramente com seus negócios na Grã-Bretanha.

Os internados recorrem, sempre que necessitam, à Divisão Especial para obter providências acauteladoras de seus interesses, tanto comerciais, quanto de família. Marinheiros que foram retirados de navios neutros recuperaram o salário que lhes era devido por intermédio da embaixada, sendo-lhes as somas creditadas nos campos em conta corrente. Um italiano foi defendido em juízo e outro recebeu nosso auxílio para conseguir a gestão de seu negócio que, em virtude da falta de providências oportunas por sua família tinha sido confiado ao "*Custodian of Enemy Property*". Algumas das vítimas do "*Arandora Star*" morreram intestadas e, como em certos casos não existiam herdeiros na Grã-Bretanha, a Embaixada tomou providências para que a herança fosse devidamente arrecadada, sob administração de advogados nomeados pelo "*Custodian of Enemy Property*".

Com a decretação de medidas declarando certa zonas defesas a estrangeiros, inúmeras famílias tiveram que evacuá-las e a Divisão Especial conseguiu, em certos casos, facilitar o retorno de alguns de seus chefes afim de por em ordem os negócios abandonados.

Em Londres, a obrigação imposta aos estrangeiros de recolherem-se antes da meia noite veio afetar aqueles empregados em cafés e restaurantes. A Divisão Especial conseguiu igualmente a liberação de alguns súditos italianos desta exigência policial, permitindo-lhes assim manter-se nos seus empregos.

## Dupla Nacionalidade

Com o recrutamento geral obrigatório dos súditos britânicos para servirem nas forças armadas, foram chamados diversos filhos de súditos italianos nascidos na Grã-Bretanha, os quais, pelas leis do país, são considerados ingleses, mas pelas leis italianas conservam a nacionalidade dos pais.

A legislação inglesa permitia a estes indivíduos a renúncia formal da nacionalidade britânica por declaração aprovada pelo Ministério do Interior. Tal autorização, todavia, foi abolida pela duração da guerra, principalmente quando a renúncia iria redundar em isenção do serviço militar.

Assim, maugrado [*sic*] alguns jovens possuírem mesmo documentos militares italianos, não tendo eles em tempo feito a renúncia legal, foram obrigados a apresentarem-se às autoridades militares.

Dezenas deles recorreram à embaixada que procurou esclarecer de vez a situação com o auxílio do “*Foreign Office*”. Baldados estes esforços e temendo muitos dos interessados as penalidades das leis militares italianas por servirem nas forças britânicas, os nomes daqueles que o desejaram foram devidamente notados na Divisão Especial para futura referência. Os indivíduos que assim procederam registraram-se nas forças britânicas sob protesto, sendo a maioria, segundo nos consta, foi mandada servir em corpos não combatentes.

### Assistência

As circunstâncias decorrentes da guerra deixaram grande número dos 22 mil italianos residentes na Grã-Bretanha (dos quais 7380 eram mulheres) em situação financeira difícil. Internamento de membros de diversas famílias (o número de internados em certo momento foi superior a 4.500), evacuação de áreas defesas, desorganização de negócios, etc., foram cousas [*sic*] das perturbações econômicas no seio da colônia italiana. A Divisão Especial procurou e obteve das autoridades a extensão do auxílio público aos italianos em extrema necessidade. Mas, em vista do encarecimento da vida e da situação precária de grandes famílias, o auxílio referido sempre bastava. Tínhamos ainda que considerar os internados desprovidos de recursos, os quais recebem pequeno equipamento das autoridades dos campos, mas que, mesmo assim, necessitam algum auxílio extra que lhes faculte certo conforto. Em virtude destes fatos, esta embaixada

solicitou o auxílio para assistência que nos foi enviado pelo telegrama de 16 de julho de 1940.

De posse destes fundos, a embaixada procurou apoiar a criação do “Comitê de Auxílio a Italianos Internados”, que ficou formado sob o patrocínio do Cardeal Hinsley e do Arcebispo de Southwark, conforme foi exposto em relatórios anteriores.

Apesar do apoio financeiro dado ao Comitê, a embaixada evitou sempre imiscuir-se diretamente em suas atividades, mantendo assim o caráter de associação independente. Isto não impediu, porém, que até hoje houvesse a mais estreita colaboração do Comitê com a Divisão Especial, da qual recebe informações dadas com a maior boa vontade.

A presidente *Mrs Marie Woodruff*, e suas auxiliares que mantêm contato com as famílias, todas já residiram na Itália e tem grande amizade com o povo italiano, circunstância que veio amenizar o trato que vem tendo os membros necessitados da colônia italiana.

Afim [*sic*] de atender às necessidades da população italiana na Escócia e no País de Gales, o Comitê estendeu seus trabalhos àquelas regiões por filiais que tiveram o concurso dos vigários católicos e das autoridades consulares brasileiras.

O auxílio prestado pelo Comitê varia de visitas para conforto moral e conselhos para solução de problemas domésticos até o fornecimento de pequenas mensalidades, quer dinheiro, quer em vales para a aquisição de alimentos. O Comitê entrou em entendimento com certos armazéns que recebem em pagamento dos alimentos fornecidos os vales por ele emitidos, os quais são resgatados mensalmente.

Ainda em colaboração com o Comitê, conseguiu a embaixada obter alojamentos para algumas famílias que tiveram suas coisas destruídas pelos bombardeios aéreos. Em certos casos de desequilíbrio nervoso resultante dos bombardeios e da artilharia antiaérea, conseguiu-se evacuar as pessoas assim afetadas para áreas mais tranquilas.

A Divisão Especial encarregou-se em meados de novembro a aquisição de meias e *cache-nez* de lã, assim como chinelos de couro forrados de lã os quais foram enviados, em nome do Comitê, por ocasião do Natal aos internados desprovidos de recursos, - cerca de oitocentos. Além deste presente de agasalhos, o Comitê pôs à disposição dos *leaders* dos três campos a soma de £50 para atender a casos de urgente necessidade.

A Divisão Especial já conseguiu obter certo número de livros em italiano, francês e inglês, que remeteu à biblioteca dos Campos. Entre estes livros foram incluídos alguns didáticos para uso nas escolas organizadas pelos internados.

## Prisioneiros de Guerra

Os membros das forças armadas italianas capturadas aquém de Gibraltar são trazidos para a Grã-Bretanha, conforme o plano adotado por este governo. Segundo foi em tempo comunicado ao governo brasileiro o número de prisioneiros trazidos para este país até 30 de junho era de 65, se bem que novas levadas eram esperadas no futuro.

A Divisão Especial da embaixada mantém íntimo contato com o Departamento de Prisioneiros de Guerra, do Ministério da Guerra e do *Foreign Office*, assim como o Escritório de Informações sobre Prisioneiros de Guerra. O serviço de transmissão de comunicados oficiais sobre prisioneiros vem sendo feito regularmente e os pedidos de notícias sobre os mesmos tem sido prontamente atendidos. Por ocasião do Natal o Senhor Delegado Apostólico mostrou desejo de fazer chegar uma mensagem de Boas Festas às famílias dos prisioneiros da Itália, para que o que a Divisão Especial tomou que tornaram possível a transmissão da mensagem.

Infelizmente, à embaixada não foi possível obter notícias de primeira mão dos prisioneiros no Egito para satisfazer as solicitações que lhe foram endereçadas. Não só a defesa dos interesses italianos naquela zona está a cargo da Legação da Suíça, como as cópias de listas de prisioneiros são enviadas ao Comitê Central da Cruz Vermelha em Genebra, que, por sua vez, as transmite à Cruz Vermelha Italiana em Roma.

Mesmo assim, bom número de confirmações sobre o destino de combatentes nas forças armadas foi obtido por nosso intermédio.

Os esforços da Divisão Especial para obter exata observância da Convenção de Genebra de 1929 e para fornecer livros à biblioteca do Campo já foram objeto de comunicações anteriores.

Depois de obtida a autorização do governo italiano por intermédio do governo brasileiro, a Divisão Especial mandou imprimir o texto italiano da Convenção de 1929 sobre prisioneiros de guerra e já foram fornecidos duzentos exemplares ao Ministério da Guerra para que seja facilitado seu conhecimento entre os prisioneiros.

Londres, em 26 de agosto de 1941.



**OFÍCIO • 26 AGO1941 • AHI 28-2-4**

[Índice:] Café apresado a bordo do “*Cap Norte*”. Felix Fonseca S/A.

N. 648

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 26 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício n.596, de 7 do corrente, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência cópia de uma carta recibida [sic] dos advogados desta embaixada, senhores Forsyte, Kerman & Phillips, sobre o caso das partidas de café exportadas pela firma Felix Fonseca S/A., desta capital, m e apreendidas pelas autoridades britânicas, a bordo do vapor alemão “*Cap Norte*”.

2. Junto à referida carta Vossa Excelência encontrará cópia de uma comunicação que o procurador geral dirigiu, em 25 do corrente, aos citados advogados, dizendo que os interessados devem apresentar todos os documentos relativos ao caso, sem o que não poderá o mesmo ser resolvido. Os documentos remitidos por essa Secretaria de Estado pelo despacho EC/75, de 12 de julho último, e que foram submetidos ao procurador geral por intermédio dos advogados, segundo informei a Vossa Excelência no supra citado ofício n. 596, não parecem assim ser suficientes para o fim desejado.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 27 AGO 1941 • AHI 28-2-4**

[Índice:] Atitude anglo-americana no Japão.

N. 651

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 27 de agosto de 1941.

Senhor Ministro,

O discurso do senhor Churchill, irradiado no domingo último, de que já tratei em ofício anterior, trouxe uma nova revelação sobre o sentido e o alcance das conversas que ele teve com o Presidente Roosevelt ao largo das costas de Nova Brunswick.

2. Pouco a pouco o horizonte se esclarece e assim sabemos agora com precisão, segundo as palavras do senhor Churchill, que os Estados Unidos "se esforçaram com uma paciência infinita para lograr um arranjo honesto e amistoso que daria ao Japão todas as garantias quanto aos seus interesses legítimos".

3. É a primeira vez desde o ano de 1917 que o Governo americano aceita o encargo de uma negociação da qual pode resultar a guerra ou a paz.

4. De todas as revoluções que o Presidente Roosevelt introduziu nos costumes e usos americanos desde o "*New Deal*" esta decisão é sem dúvida a mais ousada, pois, implica na aceitação de uma responsabilidade direta no arranjo da grave situação do Extremo Oriente.

5. Ninguém pode julgar quais sejam as probabilidades de êxito em tais circunstâncias, pois, o presidente americano não tem completa liberdade de movimentos em uma negociação desse gênero.

6. Parece, porém, que há longo tempo um grupo político japonês vinha trabalhando no sentido de buscar um arranjo com os países anglo-saxões sendo que os embaixadores japoneses em Londres e Washington devem ser incluídos entre os que mais tem se esforçado por um entendimento e até mesmo pela adoção de uma política de colaboração americano-anglo-nipônica.

7. Por outro lado, pra fazer recuar os que detêm presentemente o governo japonês, ou melhor, pôr um freio às suas ambições desmedidas e devastadoras, é necessário que tanto Washington como Londres demonstrem muita energia e a todos convençam não terem medo de que a guerra alcance aquele Império asiático com todas suas graves consequências.

8. Sem dúvida a opinião americana, fora de Wall Street, reage sempre e de modo favorável sempre que se tem em vista conter arrogância nipônica.

9. Aqui muitos perguntam se o presidente Roosevelt pode ameaçar o Japão com risco de levar os Estados Unidos à guerra sem estar autorizado pelo Congresso Americano.

10. Enquanto isso o Japão animado pelo orgulho das vitórias que obteve no decurso dos últimos dez anos de agressões, violências e apropriações territoriais indevidas.



difícilmente poderá parar na corrida para o abismo em que os partidários do Eixo lançaram o país.

11. Os ultra nacionalistas de Tóquio não compreendem senão o argumento da força e com exceção dos russos que deram uma severa lição aos japoneses nas planícies da Mongólia em 1939 e dos chineses que lutam heroicamente contra um inimigo mais poderoso, há cinco anos, inflingindo-lhe sempre severas perdas, ninguém até hoje julgou dever resistir pelas armas à política de expansão e de imperialismo que os nipônicos adotaram.

12. Em todo caso é a questão da China que está atrás [sic] da cena e que finalmente deve dominar todo o debate.

13. Os japoneses com efeito, seja a qualquer partido que pertençam, jamais ocultaram que seu objetivo principal era liquidar o que chamam, com uma graça quasi [sic] infantil, de "incidente chinês", que eles provocaram, e de obter das potências interessadas o reconhecimento da hegemonia japonesa no Extremo Oriente.

14. Parece impossível que nesses pontos um negociador americano possa ceder e ainda ontem o embaixador chinês em Washington declarou à imprensa americana depois de conferência com o presidente Roosevelt que este último lhe indicará que a conferência do Atlântico também tinha cogitado das necessidades da China na sua guerra contra o Japão.

15. Parece, pois, que as probabilidades de resultado favorável da intervenção americana são mínimas e não resta senão como última tentativa de solução pacífica a que está sendo feita pelo governo americano. Todos sabem, pelas declarações do senador Churchill, que se o Japão não quiser ceder e se mostrar sinceramente disposto a fazer um arranjo compatível com a política americana do Pacífico encontrará como inimigo não somente os Estados Unidos mas todo o Império Britânico, inclusive seus domínios.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

[Índice:] A Marinha de Guerra Britânica.

N. 652

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 27 de agosto de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de informar a Vossa Excelência que o "*Duke of York*" o novo encouraçado britânico já está pronto para ser incorporado ao serviço ativo da esquadra.

2. Essa unidade da "*Home Fleet*" deveria mesmo ter transportado o Ministro Churchill na sua recente viagem, mas certos detalhes técnicos impediram a execução desse plano.

3. O Primeiro Ministro em seu discurso de domingo último, fazendo referência ao "*Prince of Wales*", a cujo bordo se realizou a conferência do Atlântico, fez alusão à incorporação à esquadra britânica do novo encouraçado dessa classe que é o "*Duke of York*".

4. Em 1937, como em tempo eu informei, foram batidas as quilhas de cinco navios de linha de 35.000 toneladas e que receberam os seguintes nomes: "*King George V*", "*Prince of Wales*", "*Duke of York*", "*Jellicoe*", "*Beatty*".

5. Os dois primeiros já estão há vários meses em serviço tendo mesmo combatido na recente batalha da Groenlândia contra o encouraçado "*Bismark*" e o cruzador "*Prinz Eugen*", da marinha de guerra alemã.

6. A frase do Primeiro Ministro acima aludida pode indicar que não somente o "*Duke of York*" mas também outros navios dessa série já estão prontos e prestes a entrar em serviço.

7. A descrição oficial dessas unidades no momento do lançamento ao mar em 1939 indicava que teriam um deslocamento de 35 mil toneladas, podendo alcançar a velocidade de 30 milhas horárias com máquinas representando a força de 152.000 cavalos.

8. O armamento consta de dez peças de quatorze polegadas cujo alcance é considerado superior as do antigo tipo de quinze polegadas e a couraça de proteção é de dezesseis polegadas e quarenta e um centímetro[s] abaixo da linha de flutuaçã[o].

9. Dois outros couraçados o "*Lion*" e o "*Temeraire*" deverão deslocar 40.000 toneladas com canhões de dezesseis polegadas. Esses navios começaram a ser construídos

em 1938 e dois outros dessa mesma classe, cujos nome[s] ainda não são conhecidos, foram iniciados em fevereiro de 1939 e todos os quatro serão armados de canhões de nove e dezesseis polegadas e poderão desenvolver uma velocidade idêntica à dos couraçados da classe "*King George V*".

10. Segundo informações colhidas em boas fontes, acredito que a construção dessas unidades não sofreu o menor atraso em consequência dos ataques aéreos inimigos e mesmo posso afirmar que foi acelerada e assim deverão ficar prontos muito antes da época fixada pelos contratos, isto é, no decurso dos anos 1942 e 1943.

11. Posso também assegurar que nas mesmas condições um número apreciável de *destroyers*, corvetas, submarinos e lanchas torpedeiras tem sido incorporado[s] à esquadra britânica nos últimos meses sem tal fato tenha sido divulgado.

12. Muito agradecerei se Vossa Excelência quizer [sic] informar o Ministério da Marinha do que precede.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



TELEGRAMA • 28 AGO. 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Guerra na Europa. Campanha na Pérsia. Situação na Próximo Oriente.

Da Embaixada em Londres

QUARTA FEIRA – 28 de agosto de 1941 – 14h30 – As operações no Iran continuam progredindo sem resistência real às tropas britânicas e russas que ocuparam as principais zonas petrolíferas e, não sobrevivendo imprevistos, a questão será liquidada em poucos dias. As declarações oficiais deste governo indicam que as medidas adotadas são exclusivamente contra a Alemanha e não estão a Grã-Bretanha e a Rússia em guerra

contra o Iran. Continuam mantidas as relações diplomáticas com Teheran, dependendo as futuras relações da atitude do Iran. O governo britânico está apenas preocupado em expulsar os alemães que preparavam um golpe de Estado anti-russo-britânico. Salienta-se, aqui, que a Grã-Bretanha não deseja perturbar o comércio, e a vida da nação persa, nem tem propósitos territoriais e que as tropas serão retiradas logo que as condições militares o permitam. Notícia de fonte neutra e segura indica que a Alemanha busca desencadear grande ofensiva diplomática e fazer maior pressão sobre a Turquia, contra quem dirigirá a guerra de nervos. Parece iminente nova exigência alemã, enquanto os nazistas concentram tropas na fronteira búlgaro-turca. Aqui se acredita que Berlim tratará de explorar o pacto de Saadbad, que une a Turquia ao Iraque, Irã e Afeganistão, já correndo boatos de que os signatários se preparam, instigados pelos nazistas para propor mediação no caso do Irã. A manobra visa agitar o Oriente, buscando envolver os países referidos, a Arábia e, possivelmente, o Egito muito ligado ao Irã. A situação da Turquia é muito delicada, mas, geralmente, inspira confiança.

Moniz de Aragão

\*

**TELEGRAMA • 28 AGO 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Campanha na Pérsia. Situação na Próximo Oriente.

Da Embaixada em Londres  
Em 28 de agosto de 1941.

QUARTA FEIRA – 14hs.30- As operações no Iran continuam progredindo sem resistência real às tropas britânicas e russas que ocuparam as principais zonas petrolíferas e, não sobrevivendo imprevistos, a questão será liquidada em poucos dias. As declarações oficiais deste governo indicam que as medidas adotadas são exclusivamente contra a Alemanha e não estão a Grã-Bretanha e a Rússia em guerra contra o Iran. Continuam mantidas as relações diplomáticas com Teheran, dependendo as futuras relações da atitude do Iran. O governo britânico está apenas preocupado em expulsar os alemães que preparavam um golpe de Estado anti-russo-britânico. Salienta-se, aqui, que a Grã-Bretanha não deseja perturbar o comércio, e a vida da nação persa, nem tem propósitos

territoriais e que as tropas serão retiradas logo que as condições militares o permitam. Notícia de fonte neutra e segura indica que a Alemanha busca desencadear grande ofensiva diplomática e fazer maior pressão sobre a Turquia, contra quem dirigirá a guerra de nervos. Parece iminente nova exigência alemã, enquanto os nazistas concentram tropas na fronteira búlgaro-turca. Aqui se acredita que Berlim tratará de explorar o pacto de Saadbad, que une a Turquia ao Iraque, Irã e Afeganistão, já correndo boatos de que os signatários se preparam, instigados pelos nazistas para propor mediação no caso do Irã. A manobra visa agitar o Oriente, buscando envolver os países referidos, a Arábia e, possivelmente, o Egito muito ligado ao Irã. A situação da Turquia é muito delicada, mas, geralmente, inspira confiança.

Moniz de Aragão

\*

DESPACHO • 30 AGO. 1941 • AHI 29/3/13

Índice: Exportação de materiais estratégicos e borracha para os Estados Unidos da América.

N. EC/102/870.1 (22) (00)

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres

Em 30 de agosto de 1941

Senhor embaixador,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em atenção ao pedido constante de seu ofício n 501, de 30 de junho último, a inclusa cópia da nota pela qual este ministério, respondendo à embaixada dos Estados Unidos da América, lhe comunicou que o governo brasileiro se comprometia a reservar para aquele país, em determinadas condições, a parte exportável de algumas matérias primas de valor estratégico.

2. Sobre o mesmo assunto, cabe-me informar Vossa Excelência de que, em aditamento ao mencionado acordo, ficou combinado que o Brasil também exportaria as

referidas matérias primas para qualquer país americano que tivesse adotado ou viesse a adotar providências destinadas a impedir a sua reexportação para fora do continente.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(k) Maurício Nabuco.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

\*

TELEGRAMA • 02 SET 1941 • AHI 29/5/4

[Índice:] Amortização de empréstimo de 1930 do Departamento Nacional do Café. Ata dos títulos.

EC/365/842.31(60)(42)

Da Embaixada em Londres

TERÇA-FEIRA – 18hs.00- Conforme expus em meu ofício aéreo n 664, os principais jornais financeiros salientam o bom efeito causado pela notícia de que o Departamento Nacional do Café realizou a amortização parcial do empréstimo de 7% do café, de 1930, produzindo alta sensível desses títulos e mantendo a procura de outros brasileiros. Moniz de Aragão

\*

**DESPACHO • 02 SET. 1941 • AHI 29/3/13**

Índice: Convenção Internacional sobre linhas de limite de carga. Londres. 1930.

N. AC/103/685.4 (00)

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À embaixada em Londres

Em 2 de setembro de 1941

Senhor embaixador,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, acompanhada dos respectivos anexos, a inclusa cópia da nota n 180, de 15 do mês de agosto próximo passado, dirigida ao ministério pela embaixada da Grã-Bretanha, relativa à aplicação da Convenção Internacional sobre linhas de limite de carga, firmada em Londres, a 5 de julho de 1930.

2. Com referência ao assunto, cabe-me informar Vossa Excelência de que o governo brasileiro concorda com a proposta do governo dos Estados Unidos da América, no sentido de ser modificada temporariamente a mencionada convenção, em vista das atuais circunstâncias.

3. Assim sendo, peço a Vossa Excelência que transmita, por nota, ao governo britânico a declaração que junto remeto.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(1) Oswaldo Aranha.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

Anexo n. 1: (Declaração a ser transmitida ao governo britânico)

O governo do Brasil, considerando a séria deficiência de navios causada pelo atual conflito e a necessidade de aproveitar, ao máximo, a tonelage disponível, declara, por meio desta, que as disposições da Convenção Internacional sobre linhas de limite de carga, assinada em Londres, a 5 de julho de 1930, serão aplicadas aos navios brasileiros, com as seguintes modificações:

Os navios poderão carregar:

a) até à linha de carga tropical, em vez da linha de carga de verão, quando esta última for aplicável, de acordo com as disposições da mencionada convenção;

b) até à linha de carga tropical em água doce, em vez da atual linha de carga tropical, quando esta última for aplicável, de acordo com as disposições da mencionada Convenção.

As referidas modificações serão indicadas no certificado de franco bordo de cada navio, ao ser o mesmo certificado endossado pela autoridade competente para expedir certificados de franco bordo, a qual terá o direito de exigir as alterações na estrutura, que julgar indispensáveis, em algum caso particular, a fim de permitir maior carregamento.

O governo brasileiro declara, ainda, que concederá, nos portos do Brasil, aos navios de qualquer outra parte contratante da Convenção Internacional sobre linhas de limite de carga, o mesmo tratamento, no que diz respeito a um maior carregamento, que for concedido aos navios brasileiros, nos portos dessa parte contratante, desde que os certificados de franco bordo de tais navios sejam endossados para os efeitos do maior carregamento acima indicado.

O governo brasileiro deixa entendido que não aplicará o maior carregamento a que se refere o parágrafo 1º desta declaração aos navios brasileiros:

a) que transportem madeira no convés e estejam marcados e façam uso da correspondente linha de carga, de acordo com a Convenção Internacional sobre linhas de limite de carga;

b) que tenham 330 pés de comprimento ou menos, quando na zona 1 ou na zona 2, conforme está definido na referida convenção.

A presente declaração entrará em vigor a partir desta data e continuará vigente até 31 agosto de 1942.

Anexo n. 2:

BRITISH EMBASSY, Rio de Janeiro.

15th. August, 1941.

Monsieur le Ministre,

I have the honour, on instructions from His Majesty's Principal Secretary of State for Foreign Affairs, to inform Your Excellency that His Majesty's Government in the United Kingdom, in their capacity as the Government charged with the administration of the International Convention respecting Load Lines, signed in London on the 5th. July, 1930, have received a communication from the United States Government pointing out that while the restrictions imposed by the Convention are appropriate under ordinary



conditions, they are now inappropriate in view of the existing emergency and the resulting shortage of available tonnage.

2. Although the Convention contains no provision for modification in war time without the consent of all the contracting governments, His Majesty's government find themselves in cordial agreement with the United States Government in this matter. The Convention was signed in London in 1930 by the representatives of more than thirty nations at a time of peace with no threat or thought of war. It was not designed to meet conditions of ruthless and worldwide aggression such as those with which civilized nations are now faced. In these circumstances His Majesty's Government in the United Kingdom have reached the conclusion that the signatories of the Convention to whom they now address themselves would feel justified in agreeing to certain temporary modifications of the Convention permitting of a limited degree of deeper loading as being in the general interest of all countries which desire to see a satisfactory termination of the present hostilities; they are, moreover, satisfied that such modification will not add significantly to the risks to which merchant ships and their crews are in present circumstances unfortunately subject.

3. His Majesty's Government accordingly propose that governments parties to the convention who find themselves in agreement with His Majesty's Government and the United States Government should severally make a declaration in the terms of the annexed draft defining the desired modifications in the application of the convention, and I have the honour to express the hope that the Brazilian Government will join with His Majesty's government in so doing. The United States Government has, by Presidential Proclamation and the issue of Regulation on August 9th., given effect to proposals similar to those contained in the annexed draft declaration. The terms of the declarations which it is contemplated will take the form of notes addressed to His Majesty's Principal Secretary of State for Foreign Affairs will be communicated by His Majesty's government to the other contracting governments.

4. It is also desired that the government of Brazil should communicate to His Majesty's government the terms in which it proposes to endorse the Load Line certificates of Brazilian ships in order that His Majesty's government may take the necessary steps to ensure that the certificate so endorsed shall be accepted in British ports.

I avail myself of this opportunity to renew to Your Excellency the assurance of my highest consideration.

(sgd.) G.G. Knox.

His Excellency Dr. Oswaldo Aranha,  
Minister for Foreign Affairs, Rio de Janeiro.

Anexo n. 3

The government of Brazil, considering the grave shortage of shipping to which the present conflict has given rise and the necessity for making the fullest use of the available tonnage, hereby declare that the provisions of the International Convention respecting Load Lines signed in London on the 5th. July, 1930, will be applied to Brazilian ships subject to the following modifications, namely, that ships may be permitted to load:-

(a) to their tropical marks instead of their summer marks when the latter are applicable under the provisions of the said Convention;

(b) to the fresh water tropical marks instead of the existing tropical marks when the latter are applicable under the provisions of the said Convention;

The foregoing modifications will be indicated on the load line certificate of each ship in an endorsement by the authority authorized to issue load line certificates, who will have the right to require such structural alterations as may be deemed necessary in any particular case as a condition of deeper loading.

The Brazilian government further declare that they will accord in the ports of Brazil to the ships of any party to the International Load Line Convention, provided the load line certificates of such ships are endorsed to give effect to the deeper loading indicated above, the same treatment in every respect as regards deeper loading as is accorded to Brazilian ships in the ports of such party.

The present declaration shall have effect from this day's date and shall continue in force until the 31st. August, 1942.

Anexo n 4

BRITISH EMBASSY  
Rio de Janeiro, 15th. August, 1941.

It is the intention of the United Kingdom Government that the deeper loading referred to in paragraph 1 of the declaration shall not apply to:-

(a) British ships registered in the United Kingdom marked with timber load lines which are carrying timber deck cargoes and using the appropriate timber load line under the International Load Line Convention;

(b) British ships registered in the United Kingdom of 330 feet length and under when in zone 1 or zone 2 as defined in the said convention.

The regulation issued by the United States Government make similar exceptions in respect of United States ships.

\*

**OFÍCIO • 02 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Mês político nº 9.

N. 665

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 02 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

A Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político nº 9, relativo ao mês de agosto próximo passado.

Londres, 2 de setembro de 1941.

[Anexo]

Mês político nº 9

No domingo, 24 de agosto o primeiro ministro com a sua habitual felicidade de expressão, definiu as declarações conjuntas dos dois chefes do governo norte-americano e britânico, apelidando os oito pontos, proclamados como os objetivos da guerra, de Carta do Atlantico. Dada a relevância do documento, o titulo não podia ser melhor achado. Alem disso tem a clareza, a simplicidade das coisas geradas no oceano. Si peca é pela modéstia e excessiva simplicidade, quando declara que seus países não buscam engrandecimento territorial, pois, ninguém os acusava de imperialismo.

Aguardada com tamanhas expectativas, após intensa publicidade que aclamou a Declaração um ato de suprema sabedoria, a opinião publica aqui mostra-se agora algo desapontada.

As críticas se dirigem sobretudo ao segundo dos princípios: “as duas potencias signatárias não consentirão em mudanças territoriais que obedeçam aos desejos livremente expressos dos povos interessados.”

Entra em jogo a incorporação da Alsácia-Lorena pela Alemanha, deportadas as populações e transplantadas novas. O mesmo quanto às províncias polonesas do Corredor germanizadas intensamente pela Alemanha. As dúvidas que se seguiram à guerra passada não são exemplos que se aceitam sem maior hesitação.

Como Churchill mesmo definiu, foi uma declaração rapidamente esboçada, um amontoado de ideias desconexas e insuficientemente amadurecidas. Assim, quando promete restaurar a soberania dos países despojadas, esquece que as soluções anteriores são em parte a causa da presente guerra. Que essa falha foi mal recebida por alguns dos Aliados, já é do conhecimento dos meios bem informados.

O general de Gaulle já manifestou o seu pensamento a esse respeito, declarando-se não ligado a essa declaração. Julga ele que a França não pode conformar-se com a simples restauração das suas fronteiras de 1939. El[e] exige para a estabilidade da paz e para a defesa estratégica do seu país, a extensão das suas fronteiras até o reino, dando realidade à ambição de todos os Estados maiores. Afirma ele que é uma parte essencial do seu programa. De outro modo a França, estará sempre indefesa e exposta ao ataque alemão.

Os poloneses, do seu lado, aspiram a uma modificação radical de fronteiras que afaste a questão do Corredor, e essa modificação só pode ser operada mediante a troca de populações, de modo a ficarem eles com parte da Prússia Oriental a cederem o Corredor.

Quer um quer outro desses programas já agora poderão ser imposta à Alemanha, uma vez que ela mesma a primeira a adotar a solução, quando repatriou os alemães do Báltico e no Tirol e fez mudanças de população na antiga Tchecoslováquia.

Numa passagem de análise retrospectiva o senhor Churchill expôs os métodos que Hitler vem empregado – dividir para conquistas, um por um. Ele decidiu-se ao ataque sobre a Rússia antes de que as Potencias Ocidentais passassem a atacar a Alemanha.

Depois virá o ataque sobre as Ilhas Britânicas, antes de que os Estados Unidos tenham desenvolvido todo o seu potencial bélico. O último ato deste processo visará as

Américas, dividindo-as, separando-as, para derrocar os Estados Unidos do seu pedestal, antes de que o programa de superarmamento possa permitir-lhe a defesa isolada.

A mensagem do discurso do Churchill é portanto dirigida aos americanos para despertar-lhe a con[s]ciência dessa ameaça da doutrina hitlerista. O desenlace desta segunda guerra mundial depende da decisão a que chegue o povo ianque, bem como o futuro da humanidade e da civilização – uma vitória final que traga uma paz duradoura ou um empate seguido de uma paz ilusória.

Também os 4º e 5º pontos, relativo ao comércio à colaboração econômica e à segurança social são todas algo vagas e não prometedoras de realizações.

Só quanto à clausula do desarmamento total da Alemanha há unanimidade nos aplausos. Eden declarou a 29 de julho que tudo o que não fosse o desarmamento completo da Alemanha seria criminoso, isto é, desarmamento total, incondicional e unilateral do Exército, Marinho e Aviação alemães, ponto de vista ao qual agora se juntam os Estados Unidos, que é o elemento mais satisfatório para os ingleses do presente documento. Essa clausula que assegura a preponderação militar da Grã-Bretanha vitoriosa, como garantia de defesa nacional e da paz internacional é considerada por todos como o fator essencial e de uma vitória duradoura.

É do ponto de vista inglês, essencial para a segurança europeia que a Polônia e a Tchecoslováquia res[s]urjam fortes para que possam manter a independência.

Além dessa dúvida, há a dos países baltas, cuja independência poderá ser contestada pela Rússia. Estarão a Grã-Bretanha e os Estados Unidos prontos a exigirem o cumprimento dos “desejos dos povos interessados?”. É uma pergunta que ainda é cedo para responder, dependendo das circunstancias em que se processaria a derrota da Alemanha ou da forma com que surgirá a Rússia depois da guerra. Na verdade, é uma imprudência ou um absurdo declarar desde já quais serão os objetivos da paz.

É possível que a Alemanha se divida. O particularismo ultramontano dos bávaros e o separatismo católico dos renanos, ainda latentes, poderão insurgir-se contra um governo central de extrema esquerda ou direita. E é mais provável que, no interesse da segurança geral, sejam apoiadas esses movimentos pelos vencedores e é evidente que isso não poderá ser sempre feito obedecendo-se à livre determinação dos povos.

É verdade que a formula “povos interessados”, é mais lata que a formula de Wilson, pois, como já tem sido apontado esta expressão tanto se aplica aos habitantes de uma região contestada, quanto aos das regiões vizinhas. No caso da Austria, por exemplo, seu futuro interessa igualmente aos austríacos como aos tchecos e aos alemães.

A Federação terá que ser regional e dirigida contra a Alemanha, que só dividida e incorporada a diferentes grupos, grupos cuja “*raison d’être*” está no perigo alemão torna-la-iam aceitável. De outro modo, na opinião dos meios diplomáticos dos Aliados, ela conquistaria fatalmente a hegemonia numa Federação europeia.

A guerra na Rússia vai num crescendo formidável. Ainda não foi alcançada o sistema de fortificações concêntrico de Leningrad[o], mais o invasor ameaça seriamente o círculo externo, enquanto os russos, resistindo heroicamente, contra atacam-no pelo flanco meridional. Moscou ainda está fora de perigo. Mas tudo é secundário ao lado do que se está passando no Ucrânia, com o objetivo de atingir a grande região industrial da Rússia entre o Dnipier e o Don.

Moscou anunciou a 28 a destruição, sem paralelo, do grande açude Lenin, o maior do mundo, num gesto incomparável de abnegação e patriotismo, que surpreendeu os alemães, que sempre contaram com o colapso do colosso russo. Cessa a fonte de energia que supria o grande parque industrial da vizinhança. Os alemães já tomaram Dnepropetrovks, o centro dos altos fornos. O avanço foi detido ao longo do Dnieper pelas tropas do marechal Budienny. No setor de Gomel, acima de Kie[v], o general Konie[v] mantém a sua prolongada ofensiva, não se sabendo se conseguirá envolver von Bock ou se será por ele envolvido.

As perdas em homens e material, de ambos lados são colossais. O senhor Churchill falou em milhão e meio ou mesmo dois milhões de alemães. As russas parecem que tem sido algo inferiores.

Entretanto diz-se aqui que os russos aguardam o outono para desenvolver a grande ofensiva, quando a neve paralisar o ímpeto alemão. Para isso contam com as suas tropas especialmente treinadas para o *ski*, os seus paraquedistas, já experimentados contra a Finlândia.

Há toda confiança em que os russos conterão o inimigo até a entrada do inverno, obrigando os alemães a reterem a maior parte das suas forças nesse *front*. Os russos estão naturalmente insistindo porque os ingleses executem uma operação sobre a Noruega para forçar à retirada de tropas alemães, 80% das quais e 90% das secções motorizadas e da aviação estão empregadas no seu front. Diante do sacrifício de dois milhões de homens que já fizeram, acham que a Inglaterra pode bem atirar 200.000 homens nessa ofensiva e estão insistindo nesse sentido. O fato é que a Grã-Bretanha precisa de algum modo vir urgentemente ao auxílio da Rússia.

A última semana do mês que coincide ser a última do segundo ano de guerra, foi cheia de acontecimentos. Um dos mais decisivos [sic] e de consideráveis consequências foi o que teve lugar na antiga Pérsia. A ação conjunta da Rússia e da Inglaterra, iniciada no dia 24, trouxe uma mudança em favor dos Aliados mais profunda do que aparece à primeira vista e da importância talvez capital para o prosseguimento da guerra.

No Irã trabalhava com intensidade a intriga alemã, com ramificações no Afegão e nas fronteiras da Índia, visando à desorganização dos suprimentos do petróleo da Anglo-Persian. Do lado russo, junto ao Cáucaso e Baku, Tabriz era um ninho de agentes nazis. Calcula-se em 2.000 o número de técnicos alemães que trabalhavam no país, todos aptos a agirem no momento indicando. Já isto constituía um perigo sério. Mas os alemães esperavam ainda renovar a tentativa fracassada no Iraque, junto a xá Riza Khan Pahlevi.

A Rússia e a Inglaterra pediram a retirada dessas agentes disfarçados. O xá respondia com promessas evasivas. A Rússia empenhada numa luta de vida e morte, frente a um inimigo gigantesco, não podia deixar exposta a retaguarda. Não havia tempo a perder. A intervenção militar foi, pois, rapidamente decidida e simultaneamente executada. Três dias depois era coroada de êxito, mediante um acordo diplomático que, salvaguardando a independência, assegura a cooperação do Irã, por uma substituição de Ministério.

Com a assistência da esquadra e da aviação, as tropas britânicas e hindus encontraram fraca resistência. O ataque pelo Golfo persa garantiu a posse do porto e das refinarias de Abadam e logo depois do oleoduto e dos poços ao sul. Enquanto do Iraque partia uma outra força que tomou a região petrolífera de Khanikin, os russos ocuparam Tubriz e Urmia. Os alemães não se mexeram. O xá deu ordem de cessar fogo a 27 e aceitou os termos impostos.

Pela duração da guerra, a Rússia e a Inglaterra controlarão as comunicações essenciais para a defesa comum e através das quais vir-se-á a estabelecer uma das rotas vitais para a remessa do material bélico prometido à Rússia pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos. Essa rota já é apelidada de *Russian Burma Road*.

O Japão continua hesitante sobre qual lado se decidir. O Império britânico, a Rússia e os Estados Unidos são fatores formidáveis. As presentes negociações que estão tendo lugar em Washington com o governo americano, sob a direção pessoal do presidente Roosevelt serão decisivas. Pois, é evidente que os americanos não mantêm mais ilusões apaziguadoras. Por isso quando o senhor Churchill na sua proclamação do dia 24,

deixou a iniciativa a este, prometeu colocar as forças do Império ao lado dos Estados Unidos, caso estes se vejam obrigados a romper com o Japão.

Foi uma advertência oportuna, repetindo a anterior do senhor Eden, quando o Japão aumentava sua pressão diplomática sobre o Thai, para incorpora-lo na sua “esfera de co-prosperidade”.

A ameaça que paira sobre a *Burma Road* e sobre Singapura e as Filipinas não poderia ser ignorada pelas duas Potencias interessadas.

O jogo do Japão é a repetição do da Itália e tem para a Alemanha a vantagem de imobilizar consideráveis forças britânicas e norte americana.

Não foram publicadas as cifras officias das perdas da marinha mercante quer em julho quer em agosto. Os alemães pretenderam ter afundado 407.000 toneladas. Mas as alegações destes são sempre exageradas.

Acredita-se que as verdadeiras cifras estejam muito aquém. Já o primeiro *lord* do Almirantado declarou que julho tinha sido o melhor mês desde que ele entrara para o almirantado em maio de 1940. Agosto também assistiu a um decréscimo nas atividades dos submarinos alemães. Na verdade, os comboios estão chegando regularmente e tudo indica que os ingleses conseguiram afastar o perigo, em parte graças à cooperação da marinha americana, que fiscaliza a rota até a Islândia. Não só a grande distancia das bases submarinas na costa francesa como a preocupação de não criar uma provocação, faz com que os alemães não se animem a perturbar aqueles mares com seus navios de superfície. Por isso todos os comboios ingleses estão agora seguindo de Liverpool para a costa da Groenlândia, daí a Nova Scotia [sic], o que os afasta da zona perigosa. As comunicações com Lisboa e Gibraltar fazem-se por pequenos cargueiros.

Uma alta patente da *Royal Navy* declarou que essa batalha será ganha porque os ingleses poderão manter as perdas dentro das possibilidades de substituição por novos navios.

Londres, em 2 de setembro de 1941

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



[Índice:] A recente entrevista Hitler-Mussolini.

N. 666

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 02 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Com exceção da imprensa e das irradiações de Berlim e Roma, ninguém aqui ligou uma grande importância à última entrevista dos dois ditadores.

2. No Reich como na Itália não há preocupação de esconder que a entrevista na frente russa foi concebida como devendo ser uma resposta ao encontro Churchill-Roosevelt e à Carta do Atlântico.

3. A imprensa italiana aproveita a ocasião para enaltecer as “magníficas condições dos soldados fascistas” chamados para combater os russos e para igualmente fazer uma publicidade sobre o *duce*, cujo nome tem desaparecido dos jornais nos últimos tempos.

4. Aos oito pontos da declaração anglo-americana o *fuhrer* e o *duce* opõem três pontos:

1º - Continuação da guerra até a vitória; 2º - supressão, não da guerra em geral, mas das causas de futuras guerras; 3º - restabelecimento da justiça pela supressão da exploração das massas populares.

5. Outros comentadores dizem: “Um só ponto, o governo universal sob o domínio de Hitler” e alguns insistem sobre o caráter “defensivo” da guerra que o Eixo deve sustentar.

6. Mussolini no telegrama de agradecimento que dirigiu ao *fuhrer*, depois da terminada a entrevista, insiste sobre o fato que a Alemanha e a Itália “manifestaram claramente ter salvo a civilização europeia do perigo bolchevista”.

7. Berlim salienta de preferencia a passagem do comunicado final relativo à continuação da guerra, mas serviços de propaganda do Eixo previram o publico contra um exagerado otimismo no que se refere ao prazo de duração da guerra.

8. a impressão aqui causada e que decorre dos comentários da entrevista é que tanto Berlim como Roma estão agora na defensiva.

9. Pouco importa que Hitler tenha pedido a Mussolini o envio de dez divisões ou que o *duce* tenha reclamado um maior concurso alemão na África, que se tenha falado das reivindicações italianas na França ou sobre a atitude da Espanha.

10. O facto essencial é que cerca de três meses depois da campanha da Rússia os dois chefes alemão e italiano tenham de comum acordo constatado que a guerra não poderá terminar vitoriosamente em 1941, contrariamente a todas as promessas que ambos tinham feito aos seus povos os quais terão que suportar um novo inverno que desta vez será de duras privações e sacrifícios e isso quando o moral dos alemães e italianos parece já estar bastante batido.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • ??? 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Amortização de empréstimo de 1930 do Departamento Nacional do Café. Ata dos títulos.

EC/367/842.31(60)(42)

Da Embaixada em Londres  
Em de 1941.

QUARTA FEIRA – 12hs.30 - Aditamento ao telegrama n 365. Os jornais desta manhã continuam comentando, favoravelmente, a alta dos títulos brasileiros, mormente os do empréstimo do café, e elogia a política financeira do governo brasileiro, que determinou sensíveis melhoramentos para a nossa situação econômica.

Moniz de Aragão

Nota: Rec. pag. 4878

N. Baptista

A.M.O./3/9/41

\*

**OFÍCIO • 05 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Diamantes.

N. 671

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 05 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Segundo o Financial Times, de hoje, cerca de £25.000 foram obtidas pelo carregamento de diamantes brasileiros, que recentemente chegou a este país. Esses diamantes (pedras preciosas e industriais) foram vendidos a preços 10% mais altos do que os conseguidos pelas remessas anteriores. Houve maior procura da variedade industrial, de que foi vendida uma grande quantidade à Rússia. Uma regular proporção das pedras preciosas foi separada para lapidação na Grã-Bretanha.

2. Os círculos interessados, acrescenta o referido jornal, se mostraram satisfeitos com o feliz resultado do trabalho desenvolvido pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos, no sentido de impedir a ida de diamantes brasileiros para os países do Eixo. Os esforços dos negociantes alemães, italianos e japoneses, para a compra dessas pedras, não tiveram sucesso, embora os mesmos tivessem oferecido altos preços ao mercado brasileiro. Isso foi atribuído principalmente ao fato de haverem as autoridades dos Estados Unidos determinado a cessação das facilidades financeiras antes disponíveis em Nova Iorque para tais negócios, ficando assim os negociantes do “Eixo” sem os meios necessários para o financiamento de suas compras.

3. Os interessantes britânicos e americanos estavam receosos de ter de pagar preços muito altos pelos produtos em questão, como resultado dessa luta. Tal, porém, não aconteceu, terminada o Financial News, pois o aumento verificado não excedeu de 10%.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 08 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Mês político nº 8. Agosto de 1941

N. 672

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 08 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta respeitosos cumprimentos e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório econômico nº 8, relativo ao mês de agosto de 1941, feito pelos Serviços Comerciais desta embaixada.

Londres, 8 de setembro de 1941.

Anexo

Mês político Nº 8 de agosto de 1941

O senhor George Hall, subsecretário de Estado das Colônias, falando na Câmara dos Comuns, disse que o governo de Quênia havia publicado uma ordem, em virtude dos *Defence Regulation*, controlando a venda e a exportação do café. Na mesma ocasião fora formado um subcomitê do departamento local de abastecimento, para fiscalizar a safra

desse produto. A primeira consideração do subcomitê era obter para o café um preço que assegurasse a continuação da sua produção. Almejava ainda o mesmo subcomitê proporcionar a todos os produtores um tratamento equitativo, habilitando as firmas estabelecidas a prosseguir nos seus negócios e a defender a sua posição em face dos competidores.

2. O secretário de Estado das Colônias, segundo anunciou a imprensa em meados de agosto, aprovou um plano de venda do café, em Uganda, por uma ordem especial, estabelecendo, entre outras coisas, a criação de um *Board of Control*. Para a execução do plano, estava sendo formada uma companhia, da qual fariam parte as três firmas que no momento negociavam o produto em parte da região. Essa companhia representaria o Board e, sob o controle do mesmo, faria todo o trabalho de compra do café na área afetada pelo esquema.

3. No dia 16 de agosto, foi assinado em Moscou um acordo econômico-comercial, entre a Grã-Bretanha e a Rússia. Esse acordo trata do suprimento de grandes quantidades de mercadorias britânicas à União Soviética, assim como do fornecimento de produtos russos ao Reino Unido. O governo britânico, por esse ajuste, concedeu à União Soviética um crédito de... £10.000.000, a juros de 3%, por um período médio de cinco anos, quando esse crédito estiver esgotado, os dois governos entrarão em negociações para a concessão de uma nova soma.

4. *Lord Moyne*, secretário de Estado das Colônias, declarou na Casa dos Lords, no dia 5, que as compras totais de cacau da África ocidental, algodão do Egito e lã do Império, em consequência dos vários acordos firmados pelo governo desde o começo da guerra, haviam alcançado a cifra de £ 171.000.000, compreendendo: £135.000.000 de lã da Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Quênia e Falklands; £25.000.000 de algodão e caroço de algodão do Egito; £11.000.000 de cacau da Nigéria e Costa de Ouro.

5. O *Times*, de 21 de agosto, publicou uma notícia de Capetown, dizendo que o *South African Citrus Control Board* estava distribuindo gratuitamente 35.000 caixas de laranjas, ou sejam, 5.500.000 frutas, entre os pobres daquele capital. O *Board* esperava que a África do Sul, dentro em pouco, poderia mandar à Inglaterra fornecimentos de pó de laranjas com o conteúdo completo da fruta fresca, em vitamina C. O superintendente dos laboratórios de baixa temperatura informara o jornal Cape Times de que, embora não estivesse ainda solucionado o problema da desidratação de frutas frescas sem destruição do seu conteúdo em vitaminas, havia indícios suficientes de que seria possível obter esse *desideratum*.

6. O International Rubber Regulation Committee, em reunião de 19 agosto, resolveu elevar a quota de exportação de borracha, para o último trimestre do corrente ano, de 100 para 120% da produção standard. Essa medida causou surpresa aos círculos interessados, visto que a produção de borracha já alcançou o seu limite máximo em muitas plantações não podem fazer todas as exportações permitidas. Esses círculos consideram que a mudança representa um aumento simbólico destinado a assegurar ao governo americano que a produção de borracha, durante a guerra, não está de modo algum limitada, podendo assim a acumulação de estoques de reserva, por parte dos Estados Unidos, prosseguir tão rapidamente quanto as possibilidades físicas o permitiam. As companhias de plantação de borracha terão benefício pequeno com o aumento da quota. O custo do trabalho diminuirá, como resultado da maior produção, mas somente uma proporção reduzida dos lucros decorrentes da melhoria da safra e dos preços ficará nas mãos dos plantadores, devido à aplicação da taxa sobre lucros excessivos (*excess profits tax*). Ao mesmo tempo, a Bolsa da Borracha é de opinião que, apesar das pesadas taxas, os títulos das referidas companhias, tendo em conta os seus preços atuais, continuarão a dar uma renda satisfatória aos respectivos portadores, em virtude das operações em 1941.

7. Os jornais anunciaram haver sido concluído, entre o Egito e a Grã-Bretanha, um acordo pelo qual este país comprará metade da safra de algodão egípcio da próxima estação. A outra metade será adquirida pelo governo do Egito. Os preços serão os mesmos do ano passado, quando a Grã-Bretanha adquiriu toda a safra a \$14,25 por cantar do tipo Ashmouni e \$15,25 do tipo Giza 7. Segundo constou, a Grã-Bretanha, em virtude dos termos do ajuste, dará aos plantadores 50% de quaisquer lucros provenientes desse negócio, enquanto que o Egito devolverá tais lucros integralmente. A Grã-Bretanha, pelo mesmo acordo, comprará ainda 2.700.000 ardebs (1 ardeb é igual a 273 libras) de caroço de algodão, a 55 piastras por ardeb. Essa quantidade corresponderá também à metade da safra disponível, mas o preço é inferior de 10 piastras ao pago no ano passado. O governo egípcio concorrerá com a diferença, em favor dos plantadores.

8. A imprensa desta capitais divulgou, em meados de agosto, que o Ministério da Alimentação havia adquirido 100.000 toneladas de açúcar cubano, ao preço de 1,75 centavos, moeda dos Estados Unidos, por libra, F.O.B. Cuba, para entrega nos meses de setembro e outubro.

-----

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

OFÍCIO • 09 SET 1941 • AHI 28-2-5

[Índice:] Sete setembro. Ecoa imprensa britânica.

N. 673

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 09 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência os inclusos recortes de jornais ingleses<sup>8</sup>, referentes à passagem do 119º aniversário da Independência do Brasil.

2. E é com real satisfação e orgulho, sentimentos que Vossa Excelência certamente compartilhará, que me desincumbo dessa tarefa, pois raramente a data nacional de um país estrangeiro tem sido tão largamente noticiada pelos jornais londrinos, tão parcamente geralmente em notícias dessa natureza.

3. Como Vossa Excelência poderá ver, grande foi a atenção despertada pelo discurso de Sua Excelência o presidente Getúlio Vargas, cujos principais pontos foram reproduzidos entre outros pelo *Times*, que salientou a preclara visão de Sua Excelência sobre os problemas brasileiros e pan-americanos conforme informei pelo telegrafo.

4. É opinião geral que Sua Excelência, com suas sóbrias, mas enérgicas palavras, demonstrou, a par de sua já sobejamente conhecida acuidade política e exato conhecimento dos problemas continentais, uma atenta vigilância ante os perigos que, nos penosos dias que atravessamos, ameaçam indiscriminadamente todas as nações.

---

<sup>8</sup> O ofício não traz os anexos mencionados.

5. E isto ficou bem evidente, quando Sua Excelência asseverou que o Brasil e as demais nações americanas achavam-se prontas para enfrentar qualquer agressão, salientando ainda que todos os preparativos apenas visavam a nossa segurança e a defesa de nossos legítimos interesses, de acordo com as normas tradicionais de nossa política exterior.

6. É com prazer que informo a Vossa Excelência ter também o Times registrado na íntegra as palavras que tive a honra de proferir no dia 7 de setembro, quebrando assim, em honrosa exceção, as lacônicas tradições do jornalismo britânico, sentindo-se feliz por ter conseguido traduzir a nossa tradicional política exterior conduzida, nesses difíceis tempos por Vossa Excelência, com tão segura mão.

7. Um concurso de felizes circunstâncias permitiu, outrossim, que nossa data nacional fosse precedida por uma grande alta em nossos títulos, fato esse que teve a mais larga publicidade.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 09 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Desarmamento econômico da Alemanha.

N. 674

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 09 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

É de interesse o incluso editorial do *Financial News* de hoje, intitulado *Disarmament of Germany*, que se refere à cláusula do chamado *Atlantic Charter*, resultado da entrevista em alto mar entre o primeiro ministro senhor Winston Churchill e o presidente Roosevelt.



2. Sustenta o mencionado jornal que, vencida a Alemanha, o desarmamento do *Reich* deverá ser executado de modo mais completo do que aconteceu depois da guerra de 1914 – 1918. Assim deverá ser impedida na Alemanha a fabricação de máquinas ferramentas, pois a existência em grande escala dessa indústria lhe permitiria refazer com relativa facilidade e rapidez seu armamento. Também as indústrias pesadas em geral deverão ser reduzidas ao mínimo, afim de aumentar a dificuldade de reconstruir suas indústrias armamentistas e de máquinas ferramentas.

3. Além disso – e esse ponto é de interesse para todos os países produtores de matérias primas – deverá ser impedida a indústria de sucedâneos e matérias primas sintéticas, devendo ser a Alemanha desarmada economicamente pela destruição de todas as fábricas em que são produzidos sinteticamente petróleo, borracha, madeira, lã e outros produtos. A maioria dessas fábricas, diz o editorial, é de qualquer modo inteiramente antieconômica e seus produtos não podem competir no custo líquido com os produtos naturais importados. Se a Alemanha for colocada na posição de poder importa-los dos mercados ultramarino mais baratos, ela lucrará com a abolição das fábricas de produtos sintéticos, estabelecidas unicamente para as necessidades da sua máquina de guerra. A substituição de produtos sintéticos caros ou de má qualidade pelos naturais, mais baratos ou melhores, deverá compensar em boa parte quaisquer perdas que sofra a Alemanha com a liquidação das suas indústrias pesadas e de máquinas ferramentas.

4. O passo final no desarmamento econômico do *Reich*, sugere o *Financial News*, será atingido diminuído a sua dependência dos recursos e mercados do sudeste da Europa e do continente europeu em geral. A Alemanha deverá ser obrigada não somente a importar suas matérias primas, mas estas deverão vir de países de além mar. Assim, em tempo de guerra, ela ficará vulnerável ao bloqueio. Esses meios, termina o editorial, constituiriam uma proteção muito mais eficaz da paz do que qualquer sistema de desarmamento militar, por extenso que seja.

5. É bastante significativo que um jornal como o *Financial News*, órgão responsável e destinado aos círculos econômicos, comerciais e financeiros, encare a redução da Alemanha à categoria de um país de segunda ordem sob o ponto de vista industrial, com uma indústria pesada diminuída, sem a indústria de máquinas ferramentas, essencial para o bom funcionamento e desenvolvimento de qualquer atividade industrial em geral trabalhando sob a proibição de utilizar produtos sintéticos e com a obrigação de importar matérias primas de países ultramarinos, isto é, com as vias de comunicações marítimas, que lhe assegurem o abastecimento, sob o controle das grandes potenciais navais.

6. Na hipótese de ser possível impor a redução da indústria pesada, proibir a de máquinas ferramentas e de produtos sintéticos e obriga-la a importar matérias primas, é difícil conceber como se procederá para obter menor dependência, por parte da Alemanha, dos países do sudeste da Europa, que constituem, em parte, mercados naturais para os produtos do Reich. Normalmente nem a Inglaterra nem a França compravam em grande escala nesses países e as mercadorias inglesas e francesas estavam mal colocadas para competir com as similares alemãs. Somente na eventualidade de um agrupamento dos países balcânicos, incluindo a Áustria, e reconstituindo assim economicamente falando, uma organização semelhante à antiga Áustria-Hungria, é que estes países seriam colocados em posição de algum equilíbrio em frente do Reich.

7. A execução de um plano análogo ao ideado pelo *Financial News* parece apresentar enormes dificuldades – mesmo na eventualidade de uma vitória militar esmagadora da Grã-Bretanha e dos seus aliados – pois contraria, até certo ponto, o desenvolvimento econômico natural de certas regiões da Europa. Não é, talvez, demais dizer que tal plano constitui uma espécie de *pendant* ao pano alemão de tornar-se o centro industrial do continente, reduzindo os demais países europeus à categoria de regiões principalmente agrícolas e subindústrias.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 09 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Diamantes.

N. 675

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 09 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

O *Manchester Guardian*, de 8 do corrente, diz, na sua seção *Finance and Business*, que o comércio de diamantes industriais apresentou ultimamente um grande aumento. A procura, por parte da indústria de máquinas-ferramentas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, era mais do que suficiente para absorver os suprimentos da África setentrional e ocidental e, bem assim, do Brasil. Essa procura, porém, cresceu consideravelmente, em virtude da entrada da Rússia na guerra.

2. O diamante industrial – continuava o referido jornal – é um dos principais produtos mencionados no acordo comercial anglo-soviético. No desenvolvimento rápido das indústrias, que se está indubitavelmente dando no interior da Rússia, o suprimento de aparelhos de pulverização e corte, de diamantes, deve ser muito inferior às necessidades. Haverá, portanto, margem para maiores vendas dessas pedras ao governo soviético durante os próximos meses.

3. O acesso exclusivo dos países aliados aos diamantes industriais - acrescenta o *Manchester Guardian* – tornou-se possível, em grande parte, devido ao monopólio virtual do sindicato de diamantes, no que se refere ao suprimento da indústria. As pedras tornadas disponíveis pelo sindicato, nas vendas, “à vista” de Londres, têm sido adquiridas principalmente por conta de um dos departamentos que tratam do abastecimento. Os interesses De Beers, ao mesmo tempo, entraram em contato direto com o governo dos Estados Unidos e, além de satisfazerem a procura corrente de diamantes por parte da indústria de armamentos daquele país, se comprometeram a fornecer ao mesmo governo pedras industriais no valor de £2.000.000. Essas pedras serão guardadas, como nova reserva estratégica. A excepcional expansão da procura de diamantes industriais poderia ter justificado um apreciável aumento nos respectivos preços; mas estes têm sido sustentados pelo sindicato no nível de antes da guerra. Assim agindo – termina o jornal – o sindicato tem concorrido, até certo ponto, para a não elevação dos preços, nas indústrias de guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

**OFÍCIO • 10 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] O último discurso do primeiro ministro.

N. 676

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 10 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

O senhor Winston Churchill fez ontem na Câmara dos Comuns uma detalhada exposição sobre o desenvolvimento da guerra e da atual situação tanto política como militar.

2. O primeiro ministro examinou todos os teatros das operações que se estendem agora em terra, no mar e nos ares desde as ilhas do Spitzberg até o mar Vermelho, salientando os sensíveis progressos obtidos desde a sua última declaração feita em junho último.

3. Diminuição da tonelagem aliada afundada pelas potencias do Eixo, aumento das baixas infligidas à marinha inimiga, intensificação das construções navais anglo-americanas e isso no que se refere à Batalha do Atlântico.

4. Necessidade de abastecer com o máximo esforço a Rússia, diminuição correspondente do fornecimento americanos à Grã-Bretanha constituindo o verdadeiro programa da próxima conferência de Moscou.

5. A consolidação da posição aliada no Oriente, (Iraque, Síria e Irã) para facilitar o abastecimento da Rússia e o seu contato com os aliados foi outro ponto tratado pelo primeiro ministro.

6. O encontro do Atlântico entre o senhor Churchill e o presidente Roosevelt foi também tratado nessa declaração, considerando o primeiro ministro que marcará um imenso progresso na história da humanidade.

7. O ministro Churchill prevenindo a nação britânica contra esperanças de uma vitória rápida não deixou de manifestar uma maior confiança.

8. Ao concluir o orador declarou que o caminho percorrido até hoje foi duro e difícil, mas se a situação parecia desesperadora há um ano para muitos, hoje não resta dúvida que é bem melhor.

9. Acrescentou que “nós podemos dizer agora que somos donos dos nossos destinos e que permanecemos senhores de nossa alma”.

10. Junto remeto a Vossa Excelência retalhos do *Daily Telegraph* de hoje contendo o texto completo dessa importante declaração<sup>9</sup>.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 11 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Problema da mão de obra.

N. 679

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 11 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Nos primeiros dias deste mês, realizou-se em Edimburg[o], o Congresso anual das *Trade Unions*. As principais resoluções adotadas nessa reunião tiveram não somente aspecto político, recomendando, por exemplo, a constituição de um órgão anglo-soviético para tratar de assunto sindicais, mas também se referiram a questões industriais, de interesse comparativamente limitado, como a relativa à participação da União nos comitês encarregados de estuar a aplicação da lei que tornou obrigatória a vigilância contra as bombas incendiárias. Só no fim das deliberações é que foi abordado um dos assuntos de real importância no momento, o *White Paper* do governo sobre a fixação dos preços pela estabilidade preliminar dos salários, o qual foi rejeitado pelo Congresso.

2. Esses pontos, entretanto, são de importância relativa, comparados com as principais questões, a mais séria sendo provavelmente a referida no relatório do Comitê

---

<sup>9</sup> O ofício não dispõe do anexo citado.

Beveridge, que recomendou a liberação, em proveito das forças armadas, de numerosos jovens especialistas e técnicos, até agora empregados nas indústrias, quando estas se queixam cada vez mais da falta de braços. As conclusões desse relatório têm provocado muitos comentários, mas elas, em si, são inatacáveis, pois invocam a necessidade que têm as forças armadas de possuir pessoal técnico adequado para manejar o material complicadíssimo exigido pela guerra moderna. O que preocupa, sobretudo, é saber como essas exigências poderão ser conciliadas com as das indústrias de guerra, que se estão constantemente desenvolvendo. Em princípio a solução é conhecida, consistindo no que se chama aqui *dilution of labour*, isto é, na distribuição do trabalho de tal modo que a mão de obra semiespecializada, ou mesmo especializada venha a dar conta totalmente das tarefas antes confiadas a operários especializados. Essa solução, porém, implicaria necessariamente na mobilização dessa mão de obra não especializada, em escala gigantesca, o que dificilmente poderia ser obtido sem tornar muito mais rigoroso o atual sistema de registro e alistamento, principalmente no tocante às mulheres, importando, em consequência, em nova orientação do processo de concentração das indústrias não essenciais.

3. O Congresso das *Trade Unions*, segundo parece, deixou de pronunciar-se sobre esse problema, ou conjunto de problemas, por não saber ainda exatamente quais as intenções do governo nesse particular. Espera-se, porém, que muito breve o assunto será tratado com certa amplitude no Parlamento.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 11 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Mês militar nº 3.

N. 681

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 11 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta os seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório militar nº 3, da embaixada.

Londres, em 11 de setembro de 1941.

[Anexo]

Mês militar nº 3

Ao iniciar-se a decima segunda semana da guerra germano-russa, as avaliações obtidas de fontes neutras dignas de crédito estabelecem que o Reich foi obrigado a concentrar na frente oriental quase que a totalidade das suas forças armadas, sem obter um resultado decisivo. Estão engajados na Rússia 171 divisões, ou seja, 5 milhões de homens, sobre um total de 7 milhões que é o efetivo do Exército alemão.

Nessa enorme frente de batalha os nazis alinharam todas suas divisões de elite e 7.500 carros de assalto (90% das suas forças blindadas) e já perderam no mínimo, um milhão de homens, isto é, 15% de seu efetivo total.

As perdas na aviação são mais difíceis de avaliar. São seguramente avultadas, se se levar em conta que 2.000 aparelhos foram empregados durante cerca de três meses quase sem interrupção. A Royal Air Force aproveitou esta situação para atacar no oeste violenta e sistematicamente. O numero das expedições de bombardeio passou de 1.100 em janeiro para 3.900 em julho. Os algarismos correspondentes às toneladas de explosivos despejados, que eram 800, alcançaram 4.400: quase que sextuplicados. Desde a primavera as expedições dos aviões de caça aumentaram de menos de 1.200 para mais de 1.500.

As atuais circunstancias se prestaram à intensificação do abastecimento transatlântico, tanto em direção ao Oriente Próximo como o Reino Unido. Sabe-se que a tonelagem afundada em 4 de julho é inferior a de todos os meses desde o início das hostilidades, exceto a dois que precederam ao Armistício de Compiegne. Mas as causas essenciais desse fato são menos conhecidas; durante os últimos quatro meses a média de

voos para proteger comboios foi de 9.000, ao passo que nos três meses precedentes só de 3.000. também durante as dez últimas semanas a média das importações hebdomadárias de mercadorias na Inglaterra ultrapassou 850.000 toneladas.

Estatísticas feitas estabelecem que para todo o correr da guerra, só em vapor sobre 204 fazendo parte do comboio é afundado pelo inimigo. Chegam cada semana ao Oriente Próximo de 20 a 30 aviões americanos.

A revista *The Airplane* consagra um editorial à adaptação dos Estados Unidos à guerra, elogiando a eficácia dos aparelhos americanos que atualmente servem na Royal Air Force. Segundo a referida revista, no Oriente Próximo, especialmente, os modelos americanos foram muito ativos. O avanço britânico na Síria foi sustentado pela aviação, tanto no ataque como na defesa. Os aviões de caça monoplace Curtiss e Tomahawk, e os de bombardeio Maryland prestaram grandes serviços. Uma coincidência irônica verificou-se pelo fato de terem eles combatido, na sua luta contra a aviação de Vichy, especialmente aparelhos também de fabricação americana: aviões de caça Curtiss e Tomahawk e bombardeio Martin. Como as marcas de identificação francesas são tricolores sobre as asas e a cauda, o reconhecimento deve ter sido difícil.

Os Catalinas são muito úteis, graças à sua grande autonomia de voo (400 milhas), para escoltar os comboios no Atlântico numa grande parte do percurso.

Espera-se a chegada dos últimos tipos americanos que devem dar um excelente rendimento, entre eles o Martin Baltimore. O Vultee Vengeance é, dizem, o mais poderoso avião de bombardeio em “pique” que existe.

O fato de terem sido introduzidos no Royal Air Force uns trinta e cinco novos tipos de aparelhos americanos trouxe, naturalmente um grande número de dificuldades para a manutenção do material, mas a estreita cooperação entre os técnicos britânicos e americanos deve aplinar rapidamente esses inconvenientes.

Foi criado recentemente um novo regimento dum caráter especial o G.H.Q Regimento de Ligação, cuja missão, em linhas gerais é o de manter as comunicações entre o campo de batalhas e o comandante em chefe.

A experiência das campanhas de França e de Flandres em 1940, quando, em razão dos assaltos inimigos contra as linhas de comunicações, ficou provado que a única maneira pela os Estados Maiores franceses e ingleses podiam obter informações era empregando pequenas fo[r]ças motorizadas, deu lugar a organização dum corpo para este fim, que já entrou em ação na Grécia no princípio da primavera passada.



Os seus componentes, dos quais uma grande porcentagem são oficiais, são todos homens escolhidos, prontos a afrontarem qualquer perigo; o regimento é equipado com motocicletas, pequenos automóveis que possam desenvolver uma grande velocidade e que dispõem dum aparelho de rádio, e pequenos aviões que são pilotados pelos próprios oficiais.

Londres, em 11 de setembro de 1941

Moniz de Aragão

\*

**OFÍCIO • 11 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Visita aos prisioneiros de guerra.

N. 682

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 11 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência as observações que me apresentaram os representantes da embaixada do Brasil depois da visita que fizeram, entre 14 e 17 de agosto último, aos três campos de prisioneiros de guerra italianos, na Inglaterra.

2. O campo nº 13 é o único campo permanente. Aí se encontram as tripulações de submarinos e os pilotos aviadores capturados sobre o Atlântico, Malta, Gibraltar e a Ilhas Britânicas.

3. Os campos Nsº 16 e 17 são campos de transito. Aí estavam alojados os 2.000 e pouco prisioneiros trazidos do Egito para serem utilizados na lavoura e a segunda leva de 1.000 chegou pouco depois.

4. Todos esses homens foram escolhidos por serem trabalhadores agrícolas. Acompanham este relatório recortes de jornais<sup>10</sup>, que os mostram dedicados a essas atividades e que trazem referências elogiosas à sua técnica de trabalho.

5. Espera-se a chegada de mais dois navios, na próxima semana, conduzindo outros 1.450 homens, igualmente destinados a trabalhos rurais, o que elevará o total a 4.450.

---

<sup>10</sup> Ofício não traz os recortes citados.

quantos são contemplados presentemente, segundo o plano traçado pelo governo britânico.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 11 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] A política de exportação da Grã-Bretanha e o *Lease and Lend Act*.

RESERVADO

N. 683

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 11 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Em anexo tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o *White Paper* intitulado “*Correspondence respecting the Policy of His Majesty’s Government in the United Kingdom in connection with the use of materials received under the Lend-Lease Act*, ontem publicado, e que contém o texto do *memorandum* enviado pelo senhor Anthony Eden ao embaixador dos Estados Unidos. Neste documento a Grã-Bretanha assume certos compromissos específicos relativamente à não utilização das mercadorias fornecidas pelos Estados Unidos em virtude da mencionada lei americana, nas suas exportações.

2. Vai igualmente em anexo o informe do primeiro secretário J. de Alencar sobre esse assunto que de perto interessa nosso comércio com a Grã-Bretanha, para a qual desejaria chamar a atenção de Vossa Excelência, pois é assunto que, indiretamente, muito nos interessa.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo]

RESERVADO

### INFORMAÇÃO

A política de exportação da Grã-Bretanha em face do *Lease and Lend Act*

---

Desde a entrada em vigor nos Estados Unidos do *Lease and Lend Act*, tem havido repetidas queixas por parte de comerciantes norte-americanos de que as facilidades concedidas ao Reino Unido pela dita medida legislativa estão sendo utilizadas neste país para fomentar as exportações britânicas, em prejuízo das mercadorias norte-americanas, sobretudo para os mercados sul-americanos. Muitas dessas queixas não têm certamente fundamento algum, pois foram feitas quando não havia ainda tempo para que aqui chegassem as matérias primas fornecidas em virtude do *Lease and Lend Act*, sendo que pela utilização das mesmas para fabricação de mercadorias destinadas à exportação é que foram motivadas tais queixas. Não é impossível que essa campanha tenha sido empreendida por quem está desejoso de suscitar nos Estados Unidos antipatia pela Grã-Bretanha.

O comercio de exportação dos Estados Unidos está sem dúvida sendo impedido, em consequência das restrições impostas pelo governo de Washington sobre os fornecimentos de matérias primas necessitadas para fins militares. Como tais matérias primas estão sendo fornecidas à Grã-Bretanha, em virtude do *Lease and Lend Act*, o governo britânico encontra-se na obrigação de tomar as medidas necessárias para assegurar que os fabricantes do Reino Unido não gozem por isso de uma posição de vantagem em relação aos seus competidores norte-americanos. As mercadorias recebidas pela Grã-Bretanha para a sua defesa, e de cujo uso foram privados os exportadores norte-

americanos, não deverão ser utilizados aqui para manter ou ainda menos fomentar a exportação inglesa, em detrimento da dos Estados Unidos.

O conselheiro comercial britânico em Washington explicou, há uns dois meses, à imprensa norte-americana que praticamente todas as matérias primas chegadas no Reino Unido dos Estados Unidos até então tinham saído daquele país. *Sir Owen Chackley* refutou as alegações da utilização desse material nas exportações inglesas e, aludindo a casos específicos, mencionou folha de Flandres, dizendo que a produção desse artigo fora reduzida de tal modo que a Austrália e a Argentina, mercados normalmente abastecidos pela Inglaterra, se viram forçados a transferir suas encomendas para os Estados Unidos.

Parece, entretanto, que as queixas continuaram, o que levou este governo a entrar em conversações com os Estados Unidos a respeito. O resultado dessas conversações é o *memorandum* que o senhor Anthony Eden enviou ontem, com nota, ao embaixador dos Estados Unidos, e que foi publicado logo em *White Paper* da mesma data.

Neste *memorandum* o governo britânico declara que todas as mercadorias recebidas aqui em virtude do *Lease and Lend Act* são necessitados para fins de defesa e que tomou e tomará todas as medidas para fazer com que as mesmas não sejam em qualquer caso desviadas, beneficiando interesses privados. Declara ainda que tais mercadorias não foram e não serão utilizadas para exportação. Quando não for possível segrega-las inteiramente, o consumo doméstico do material em questão será pelo menos igual às quantidades recebidas em virtude do *Lease and Lend Act*.

O *memorandum* contém ainda declarações importantes garantindo que as mercadorias recebidas não serão utilizadas de modo

“... a possibilitar aos exportadores de entrar em novos mercados ou de estender em novos mercados seu comércio de exportação em detrimento dos exportadores norte-americanos. Devido à necessidade de dedicar toda a capacidade (industrial) disponível e mão de obra existente à produção de guerra, o comércio de exportação do Reino Unido está limitado ao mínimo irreduzível necessário para o abastecimento ou para obter o material essencial ao esforço de guerra”.

Esse “mínimo irreduzível” do comércio de exportação precisa ser examinado. Se esse acordo for executado à risca, essa cláusula significará que a Grã-Bretanha só exportará para um determinado país na medida em que isso for indispensável para poder comprar no mesmo país as matérias de que necessita para a guerra. Ora, no caso do Brasil isto poderá acarretar uma diminuição nas compras britânicas. É verdade que já antes do acordo atual com os Estados Unidos a política comercial do Reino Unido era orientada nesse sentido. A posição do Brasil como fornecedor de materiais essenciais para a guerra nunca foi muito forte – relativamente aos gêneros alimentícios só temos, em escala apreciável, a carne frigorificada e em conserva, mas o volume das mesmas é limitado pelas nossas possibilidades e sofremos ainda forte concorrência da Argentina e do Uruguai, para não mencionar a Austrália e a Nova Zelândia. No que diz respeito ao algodão, também a nossa posição não é muito vantajosa, pois os Estados Unidos têm fornecidos e poderão suprir a Inglaterra de qualquer quantidade desse produto dentro das estipulações do *Lease and Lend Act*. O algodão brasileiro tem, é verdade, uma situação privilegiada no que se refere ao preço, existindo grande diferença entre a fibra brasileira e a da mesma qualidade norte-americana, razão essa que nos permitiu estabelecer no mercado canadense.

Uma série de produtos nossos importantes, como café, cacau, fumo e maté, não apresentam interesse algum para este mercado.

Acresce que a exportação de outros artigos brasileiros de interesse para este país, como mica, quartzo, manganês, rutilo, etc., só pode ser feita para os Estados Unidos, conforme informações da imprensa, em virtude de um acordo que firmamos com aquela república.

Quer dizer que poucos são finalmente os produtos essenciais que a Inglaterra pode comprar em nosso país, sendo o volume dos mesmos, além disso, bastante limitado. Vê-se, pois, que a aplicação da política do “mínimo irreduzível” poderá afetar seriamente o nosso comércio com o Reino Unido.

Consta, entretanto, que as autoridades norte-americanas asseguravam verbalmente ao governo britânico que não insistirão no cumprimento rigoroso dessa política e que os termos tão categóricos do memorandum obedecem à necessidade de desfazer uma vez por todas a animosidade criada nos Estados Unidos pela campanha já aludida. Isto era tanto mais importante quanto se aproxima a votação de novos créditos pelo Congresso dos Estados Unidos para poder continuar os fornecimentos previstos no *Lease and Lend Act*.

A questão da utilização das matérias primas enviadas pelos Estados Unidos, as queixas já referidas e o acordo agora realizado entre os dois governos deram ensejo a interpelação na sessão de ontem da Câmara dos Comuns. Depois de alusões a uma campanha pelos interesses do Eixo contra os fornecimentos em virtude da dita lei americana e menção do acordo, um dos deputados perguntou ao Presidente do Board of Trade se sabia que algumas associações comerciais estavam enviando circulares a seus membros indicando que deveriam abster-se de exportar. Desejava saber se o governo tinha a intenção de abandonar o comércio de exportação, tendo o ministro respondido negativamente.

A imprensa aqui já afirma que em consequência do acordo, e diminuído e exportação, haverá maior quantidade de toda classe de mercadorias disponíveis para o consumo interno. Se assim for, isto será contraproducente, pois o governo britânico tem procurado diminuir o volume de mercadorias para reduzir o consumo e tornar disponível maior quantidade de dinheiro a ser aplicado em empréstimos governamentais.

O Evening Standard, de ontem, publicou uma notícia do seu correspondente em Washington, segundo a qual

“...Britain will still be able to maintain limited trade with Latin America”.

Acrescenta o correspondente que, afim de alimentar seu exercito e população civil, a Inglaterra tinha que comprar enomes quantidades de carne da Argentina, que não podia adquirir nos Estados Unidos. Devendo pagar em moeda americana, por pertencer a Argentina à região “dólares”, era necessário para o Reino Unido exportar para aquele país seus têxteis e qualquer outra mercadoria, com o objetivo de obter dólares para poder comprar carne. As autoridades americanas compreendiam esse problema e assim:

“...under the new agreement britain will be permitted to continue exporting sufficient to Argentina to enable her to obtain essential foodstuffs, even if her exports contain material like steel, which the British are getting from the United States under the Lease-Lend Act”.

É salientar a expressão “...britain will be permitted”, que indicaria que a Grã-Bretanha de ora em diante só poderá exportar com a prévia autorização dos Estados Unidos,

Mais adiante diz ainda o correspondente:

“The U.S.A. Department of Commerce and Lease-Lend officials who negotiated the deal with the British Supply Council recognised that considerable British export trade with Latin America would also have to be allowed if Britain were to continue buying oil from Venezuela”.

Se essa notícia representar fielmente o pensamento das autoridades norte-americanas, e sempre que as mercadorias que temos para exportar possam ser consideradas essenciais pela Inglaterra, pareceria de interesse para nos exigir pagamento em dólares, afim de garantir de melhor forma o suprimento de mercadorias deste país.

É contudo, necessário dizer que, até certo ponto, a política anunciada pelo governo britânico não faz mais que cristalizar uma situação para a qual estava rapidamente caminhando a política de exportação do Reino Unido, como resultado da procura cada vez maior de mão de obra para a produção máxima de munições e armamentos em geral. A política de exportação deste país tem se torando mais e mais uma política de seleção, à medida que tem aumentado o esforço bélico, e forçosamente essa tendência só podia aumentar. Quantitativamente, talvez, o resultado das medidas propostas não seja tão grande. Os principais produtos obtidos mediante o Lease Lend, com relação aos quais existe concorrência entre os exportadores britânicos e americanos, são aço, metais não férreos e seda, sendo que, por exemplo, as exportações britânicas de aço já se acham reduzidas ao mínimo. É possível que haja mudanças maiores no tocante ao destino das exportações britânicas. Não é, contudo, improvável que, mesmo independente do acordo, tais mudanças se tivessem verificado dentro em breve. É de interesse a carta circular dirigida aos presidentes dos Grupos de Exportação por sir F. D’Arcy Cooper, presidente do Industrial and Export Council, publicada na íntegra no Financial Times de hoje.

O Daily Telegraph de hoje, em editorial sobre o assunto e depois de referir-se à cláusula já referida do memorandum em que se fala no “mínimo irreduzível de exportação” escreve:

“...This complete reversal of the pre-Lend-Lease policy of forcing our exports as high possible is the direct and logical result of Lend-Lease itself..... now our foreign Exchange requirements are limited to the payments to be made chiefly in South America for essential supplies, such as Venezuelan oil. Owing to the need to devote all available capacity and man power to war production, it is obviously to our interest to export not a ton more than is necessary to enable us to pay for vital imports”.

Naturalmente o Manchester Guardian trata do assunto na sua edição de hoje, dizendo que era necessário que:

“... the American public had to be assured in the most explicit terms that we are not using American supplies in our own selfish interests as a commercial nation but only to carry on the war and keep alive..... The United States has our pledge that our export trade will be closely limited”.

Dizendo que o senhor Keynes, economista inglês de fama universal, já dera essas seguranças em Washington há dois meses, assim mesmo, escreve o aludido jornal,

“...it has evidently been thought desirable that they should be put in black and white so that all excuses for misunderstanding, wilful and innocent, shall be removed”.

É cedo ainda para avaliar a reação dos círculos industriais e comerciais. Tive, assim mesmo, hoje conhecimento de que uma das maiores firmas da Inglaterra, que estava projetando grandes exportações para depois da guerra e no tocante ao Brasil, fizera ultimamente esforços persistentes e com êxito para colocar certos artigos em nosso mercado, experimentou forte desapontamento com a política declarada do governo britânico. A firma em questão, que está obtendo fortes lucros com a produção de armamento em



grande escala, estava disposta a empregar parte desses lucros em publicidade no Brasil, para fomentar, por enquanto em pequena escala, a venda das suas manufaturas, como preparação do terreno para depois da terminação de hostilidades.

Já no seu número de 6 do corrente, o Economist teceu vários comentários sobre o assunto em questão, dizendo que, como as estipulações do Lease and Lend Act tinham forçosamente que afetar prejudicialmente as exportações britânicas aos países amigos não beligerantes, como as republicas latino-americanas, havia necessidade urgente de uma discussão amigável entre representantes da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e das nações mais atingidas, Lembrou o Economist que:

“...Drastic curtailments of certain British exports must involve these countries in serious hardship, both from lack of essential goods, unobtainable elsewhere, and because it reduces the outlet for their own exportable surplus. This is bad propaganda for a world order which is to be free of the injustices that mark the treatment of weaker countries under the nazi new order”.

Mostra ainda o Economist o que já por diversas vezes, procurei fazer sentir às autoridades britânicas, quando sobrevinham dificuldades relativamente à concessão de licenças de exportação, isto é, que

“...Is is very bad long term policy. It is not easy, in war, to pay proper attention to the interests of those who, in Peace time, are valued customers, but it must be done. If Britain does not keep in repair the framework of her Peace time trade, economic recovery after the war will be much more difficult”.

Além do fato evidente de que estamos interessados em manter atualmente a corrente de exportações britânicas para o Brasil no maior nível possível, por significar melhor procura dos nossos produtores e, ainda, por serem agora reduzidíssimos os países onde nos podemos abastecer de certos artigos industriais essenciais, convem-nos também

a manutenção dessas relações para depois da guerra, o comércio entre as duas nações devendo forçosamente ser mútuo. Finalmente e salvo melhor juízo devemos procurar não depender, nem para as importações, nem no tocante ao destino das nossas exportações, em demasia de qualquer país.

J. de Alencar

Primeiro secretario

Encarregado dos Serviços Comerciais da Embaixada

Londres, em 11 de setembro de 1941

\*

**OFÍCIO • 11 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Licença de exportação.

N. 684

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 11 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

A *British Export Gazette*, de agosto último, referiu-se a assunto que tem sido causa, como esta embaixada já pode constatar, de reclamações por parte dos importadores de artigos britânicos, na América: a politica adotada pelas autoridades deste país relativamente à concessão de licenças para o embarque de mercadorias aqui produzidas.

2. Disse o mencionado jornal que, como já tem acontecido algumas vezes, um importador brasileiro, por exemplo, depois de colocar um pedido nesse mercado, é informado telegraficamente de que a necessária licença foi conseguida, mas para uma quantidade menos do que a encomenda. O importador concorda com a redução e naturalmente começa a tratar da venda da mercadoria que conta receber. Algum tempo depois, no entanto, esse importador recebe novo telegrama, com a informação de que a licença foi cancelada.

3. Casos como esses – termina o jornal – prejudicam gravemente o prestígio do comércio britânico. Seria preferível que as licenças fossem recusadas de início, em vez de canceladas depois de realizado o negócio.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 15 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] O discurso do presidente Roosevelt.

N. 689

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 15 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

As consequências de ordem política e prática do recente discurso do presidente Roosevelt somente devem, segundo aqui se pensa, ser analisadas, em todas os seus efeitos, depois de devidamente conhecidas as reações americanas e alemãs.

2. Desde já a opinião britânica acredita que a questão dos comboios protegidos por canhões americanos é agora inevitável e, segundo as declarações feitas a esse propósito por *lord* Halifax, a atitude do presidente americano representa o desejo da maioria do povo dos Estados Unidos.

3. Entretanto, certos círculos políticos londrinos não dissimulam a importância que ligam à posição que, em futuro próximo, os isolacionistas americanos poderão tomar em tais circunstâncias e, segundo as críticas que eles formularem contra a política da Casa Branca, melhor poderá ser compreendido aqui, se realmente os Estados Unidos acabam

de fazer um passo decisivo na direção de uma cooperação total com a Grã-Bretanha na presente guerra.

4. Existe, porém, a esperança de que o presidente Roosevelt não se deixará impressionar com eventuais manifestações de elementos germanófilos e parece também verossímil que as reações de Berlim não poderão influenciar a aplicação de certas medidas consideradas com inadiáveis, tanto no interesse britânico, como no americano.

5. No caso dos dirigentes do Reich dissimularem seu despeito e evitarem insultar a América, essa atitude será bem aceita pela oposição americana, mas trará grandes inconvenientes para o *führer* e para o senhor Goebbels que assim receberiam um duro golpe sem reagir, quando, em outras ocasiões, sempre se mostraram tão impacientes e suscetíveis com certos atos, que logo declararam inamistosos, tal como sucedeu durante as lutas políticas contra os tchecos, poloneses e iugoslavos.

6. Se, entretanto, não se absterem de qualquer reação violenta ou agredirem os Estados Unidos, ocuparão certamente, o perigo de unir todos os americanos em torno de seu presidente.

7. Nas primeiras manifestações aqui conhecidas e fornecidas pela[s] irradiações de Berlim, nota-se ainda certa hesitação na atitude a ser adotada, mas, em geral, permanece a impressão que talvez os alemães preferiram uma réplica brutal sob a forma, que de um golpe na África e nas costas do Atlântico oriental, quer de ataques indiscriminados contra os navios mercantes, sejam eles britânicos, aliados os americanos.

8. De qualquer forma, os meios militares julgam que a recente decisão do presidente Roosevelt presta um grande auxílio à Grã-Bretanha que, assim, disporá de um certo número de importantes unidades de sua esquadra para reforçar a sua posição naval no Mediterrâneo.

9. E esse auxílio é tanto mais precioso quanto no momento atual a Alemanha procura obter uma maior cooperação de Itália, com o possível apoio da França, para futuras operações no mar Negro, forçando, se necessário, a passagem dos Dardanelos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 16 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Licença de exportação. Aparelho de desidratação para S/A Usina Miranda.

N. 690

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 11 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, a título de informação, cópia da correspondência trocada entre esta embaixada e as autoridades britânicas, relativamente ao pedido feito por essa Secretaria de Estado, em despacho telegráfico de 12 de junho último, no sentido de ser obtida a necessária licença para a exportação, pela *Aluminium Plant & Vesse Company Limited*, de um aparelho de desidratação adquirido pela Sociedade Anônima Usina Miranda, de São Paulo.

2. Em 19 de agosto, como comunicamos a Vossa Excelência por telegramas do dia 21, o *Board of Trade* nos informou que, embora o assunto houvesse sido examinado com o maior interesse, a licença não podia ser concedida, devido à falta de matérias primas neste país e à necessidade, que tinham aqui, de utilizar toda a capacidade industrial e mão de obra para fins de guerra.

3. Apesar dessa resposta, tornamos a escrever ao *Board of Trade*, em 25 do mesmo mês, dizendo que o aparelho em questão era necessário para a execução do programa de utilização do excedente do açúcar no Brasil, programa esse estabelecido pelo Instituto do Açúcar, e pedindo-lhe examinar novamente o assunto.

4. Tendo reexaminado o caso, sob esse aspecto, assim mesmo o Board of Trade não pude atender a nossa solicitação como comunicou por carta de 10 do corrente.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 18 SETEMBRO 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Relações comerciais entre o Brasil e o Reino Unido.

RESERVADO

N. 694

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 11 de fevereiro de 1941

Senhor Ministro,

Devidamente autorizado por mim, o primeiro secretário J. de Alencar, na sua qualidade de encarregado dos Serviços Comerciais desta embaixada, solicitou a sir Noel Charles, novo embaixador britânico no Rio de Janeiro, o favor de uma entrevista, afim de trocar ideias sobre o comércio entre os dois países.

2. *Sir* Noel Charles atendeu com gentileza ao pedido do meu auxiliar e teve o gesto amável de visita-lo, mantendo com ele um longa conversação sobre diversas questões atinentes às relações comerciais anglo-brasileiras.

3. Em anexo ao presente, encontra-se uma informação prestada pelo aludido funcionário.

4. Peço vênica para chamar a atenção de Vossa Excelência para a declaração feita por *Sir* Noel Charles de que está incumbido de trabalhar para uma solução satisfatório de várias questões decorrentes da encampação pelo governo brasileiro, de algumas empresas britânicas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]

RESERVADO

As relações comerciais entre o Brasil e o Reino Unido. Palestra com sir Noel Charles, embaixador da Grã-Bretanha no Rio de Janeiro.

Autorizado por Sua Excelência o embaixador Moniz de Aragão, solicitei a sir Noel Charles, recentemente nomeado embaixador britânico no Rio de Janeiro, o favor de uma palestra sobre as relações comerciais entre o Brasil e o Reino Unido. Sir Noel Charles atendeu com muita gentileza esse pedido e teve a grande amabilidade de visitar-me pessoalmente na Chancelaria, tendo-se demorado perto de uma hora e manifestado o maior interesse nos diversos pontos que tivemos ensejo de discutir.

O comércio anglo-brasileiro – disse-me sir Noel Charles logo no início da nossa conversação – era assunto que teria a sua intenção constante. Como ainda não podia, evidentemente, ter um conhecimento real da situação, pedia que a descrevesse em linhas gerais.

Comecei por dizer que a guerra, desde o seu início, tivera por consequência interromper, totalmente, ou pelo menos diminuir fortemente, a importação no Reino Unido de certos produtos brasileiros – por exemplo, as frutas cítricas e as castanhas do Pará – para os quais o mercado britânico constituía o principal esteio. Verdade era que, no tocante a outros artigos da nossa exportação, sobretudo às carnes, aumentara a procura, principalmente no primeiro ano da guerra. Como resultado de importantes comprar desse último produto, o valor das importações de produtos brasileiros no Reino Unido, nos primeiros seis meses da guerra, fora relativamente elevado. Por outro lado, as exportações britânicas para o nosso país, no mesmo período, devido a diversos fatores, entre os quais a falta de transporte, o encarecimento dos fretes, etc., acusaram alguma diminuição, de modo que a balança financeira, em princípios de 1940, era bem favorável ao Brasil.

Naquele tempo a política comercial exterior do Reino Unido era dominada, em primeiro lugar, pela preocupação de economizar os recursos britânicos em divisas estrangeiras. A balança favorável ao Brasil tornara o mil-réis *hard money*. Acresce que as autoridades britânicas almejaram impedir que as libras esterlinas disponíveis no Brasil, que não tivessem utilização imediata em pagamentos nossos ao Reino Unido, fossem

vendidas na praça de Nova Iorque, deprimindo a taxa cambial da libra com relação ao dólar americano.

Nessas circunstâncias o presidente do Board of Trade nos declarara, em princípios de abril, que a Inglaterra não poderia fazer no Brasil as vultosas aquisições projetadas em seu programa geral de compras e talvez mesmo se visse obrigado a deixar de comprar de todo os nossos produtos, a não ser que estivéssemos dispostos a entrar num acordo de pagamentos. Um acordo dessa natureza foi negociado e concluído algum tempo depois entre os dois governos. Em virtude do mesmo, todos os pagamentos comerciais e financeiros entre o Brasil e a área esterlina passaram a ser feitos na moeda inglesa. O Reino Unido auferiu a grande vantagem de uma taxa cambial muito favorável da libra no Brasil, concedida pelo governo brasileiro, muito mais proveitosa para as compras britânicas em nosso país que a taxa cambial da libra esterlina “livre”, então em vigor no mercado brasileiro. Essas vantagens, é de ver, foram dadas à Inglaterra por haver sido entendido que o comércio anglo-brasileiro seria não somente mantido em nível satisfatório e semelhante ao dos primeiros meses da guerra, como ainda possivelmente melhorado.

No outono de 1940 a missão Willingdon partiu para a América do Sul. Um dos seus objetivos era estudar a possibilidade de desenvolver e fomentar o comércio com o nosso continente, mas ao mesmo tempo tinha por tarefa explicar aos países sul-americanos as dificuldades em que se encontrava a Inglaterra para mandar certas mercadorias e, por outro lado, para adquirir determinados produtos.

No intervalo entre as negociações e assinatura do acordo de pagamentos anglo-brasileiros a e partida da missão Willingdon sobreveio a catástrofe do colapso francês que modificou profundamente certos aspectos econômicos do conflito internacional. Assim, por exemplo, cessou a necessidade para a Inglaterra de abastecer a França, e bem assim a Itália, de carvão, que, portanto, ficou disponível para exportação a outros destinos. Outro item de importância: a derrota francesa significou a cessação dos fornecimentos franceses de bauxita, matéria prima básica para a fabricação de alumínio, sendo que as importações da França constituíam 90% do total importado. Ora, desse minério existiam no Brasil importantes depósitos, situados em regiões perfeitamente servidas de transporte. O Brasil poderia ter se torando grande fornecedor desse minério à Inglaterra – sedo a bauxita brasileira de qualidade perfeitamente satisfatória – sem prejuízo para qualquer interesses dos domínios ou das colônias britânicas que não costumavam abastecer este mercados.



Em fins de 1940, portanto certos fatores teriam permitido um acréscimo no volume o valor do comércio entre os dois países. Infelizmente não vingara a compra de bauxita brasileira. Por outro lado, o carvão inglês teve dificuldade de competir com o americano, devido à carestia dos fretes.

Durante a segunda metade de 1940 e sobretudo no ano em curso, o ritmo acelerado da produção de armamentos no Reino Unido, a concentração de muitas indústrias, a limitação das matérias primas entregues à indústria para fins de exportação, a falta de transporte marítimo e outros fatores, aos poucos determinaram uma reorientação da política comercial britânica. Haviam sido formados números grupos de exportação nos diversos ramos industriais e o *Board of Trade* fomentara por todos os meios uma ativa campanha de exportação, com o lema *Britain delivers the goods*. Em vista da diminuição de produção industrial para fins de exportação, as autoridades britânicas viram-se obrigadas a modificar a sua atitude relativamente ao comércio exterior. Tornou-se indispensável repartir as mercadorias disponíveis para exportação de acordo com novos princípios que foram indicados pelo presidente do *Board of Trade*. O regime de licenças de exportação, até então aplicado a relativamente poucos artigos, foi muito estendido e, nos primeiros meses de 1941, todas as exportações para o Brasil ficaram sujeitas a licença prévia, medida essa que atingiu também o Chile e a Colômbia, mas não a Argentina. Assim, nosso país ficou colocado em posição desvantajosa para abastecer-se neste mercado. Isto significa que o interesse da Inglaterra de exportar para o Brasil era limitado, concomitantemente, diminuía igualmente o interesse de comprar no Brasil, sendo necessário proporcionar-nos menor quantidade de libras esterlinas.

O comércio exterior da Grã-Bretanha sofrera ultimamente novo golpe, em virtude do compromisso tomado pelo governo britânico, no *memorandum* enviado ao embaixador em Londres, de limitar o comércio de exportação ao mínimo irreduzível necessário para obter em troca o material essencial ao esforço de guerra. No citado documento, o governo britânico comprometeu-se ainda a tudo fazer para impossibilitar que as matérias primas recebidas em consequência do *Lease and Lend Act* sejam utilizadas pelos exportadores ingleses para entrar em novos mercados ou estender seu comércio de exportação, em detrimento dos exportadores norte-americanos. Esses compromissos, rigorosamente executados, afetarão de modo apreciável a exportação do Reino Unido e sobretudo a destinada a certos países, entre os quais o Brasil, onde o número de produtos essenciais para a guerra, e disponíveis para serem exportados, é relativamente pequeno, sobretudo, sobretudo em vista do acordo que fizemos com os Estados Unidos, concedendo-lhes toda

a produção toda a produção disponível de uma série de produtos, como mica, quartzo, bauxita, rutilo, zircônio, etc.

Chamei a atenção de sir Noel Charles, nessa altura, para uma notícia enviada pelo correspondente do *Evening Standard* em Nova Iorque, comentando o acordo realizado entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, referente ao *Lease and Lend Act*. Essa notícia empregou a expressão “*Britain will be permitted to export...*” e mencionou a Argentina e o Uruguai como países para os quais a Inglaterra estaria autorizada a exportar, por dever adquirir nos mesmos produtos essências, como carne e petróleo.

Parecia-me, pois, haver indícios de que o intercâmbio comercial anglo-brasileiro estava ameaçado de sofrer nova diminuição. Ora, deixando de lado qualquer repercussão política, era muito de deplorar que assim acontecesse, pois não seria fácil para o Grã-Bretanha recuperar sua posição no nosso mercado, uma vez perdidos os contatos comerciais estabelecidos. Desde a guerra os Estados Unidos haviam adquirido uma posição de grande preponderância em nosso comércio exterior. Mostrei a sir Noel Charles o boletim do *Bank of London and South America*, de 6 de setembro, segundo o qual, nos primeiros seis meses do corrente ano, 58,8% das importações brasileiras eram mercadorias procedentes dos Estados Unidos, os quais haviam recebido 54,6% das nossas exportações. No mesmo período em 1940, essas proporções haviam sido 48,9% e 34,8%, respectivamente. No tocante ao comércio com a Grã-Bretanha, nos meses [de] janeiro a junho de 1941, a Grã-Bretanha comprara 12,1% das exportações brasileiras (1940:20,2%) e fornecera 5,7% das nossas importações (1940: 9,6%). Nas presentes circunstâncias o enorme desenvolvimento do comércio com os Estados Unidos podia ser considerado como um fenômeno natural e o Brasil tinha na república norte-americana atualmente o principal esteio do seu comércio exterior. Na minha opinião pessoal, entretanto, essa situação não era saída e não convinha aos interesses de qualquer país que cerca de 60% do seu comércio exterior fosse feito com um único mercado. A Inglaterra deveria envidar todos os esforços para manter a sua exportação para o Brasil, onde invertera importantes capitais, afim de poder desenvolver esse comércio depois da guerra. Isto era, acreditava, de nosso interesse, pois as relações comerciais entre os dois países tinham forçosamente que ser mutuas. Para que nos comprasse, tinha a Inglaterra que vender-nos suas mercadorias, e vice-versa. Era preciso não esquecer, além disso, que o Reino Unido possuía um interesse imediato e direto em comprar-nos mercadorias pelo menos na importância dos nossos pagamentos financeiros aqui, como serviço da dívida, juros de empresas britânicas, etc.

Sir Noel Charles agradeceu o resumo que lhe fizera e, referindo-se ao assunto de juros de capitais ingleses, disse que uma das suas principais incumbências era resolver certas questões suscitadas pela encampação de algumas empresas britânicas. Era imprescindível, afirmou, solucionar esse problema de modo satisfatório para ambos os países, afim de remover toda e qualquer ambiente de descontentamento de um lado e de outro. Reconhecia, disse, que as perspectivas para o comércio anglo-brasileiro não eram muito prometedoras e perguntou-me se tinha alguma sugestão a fazer nesse particular.

Respondi que, pessoalmente, era da opinião que o intercâmbio de mercadorias fosse colocado numa base mais concreta. O número de países industriais em que podíamos adquirir determinados produtos era presentemente muito limitado. Parecia-me que o Brasil conviria poder saber, de algum modo, em que proporção nós poderíamos abastecer de tais e tais mercadorias no Reino Unido, num determinado período. Conhecia bem as grandes dificuldades com que lutava a indústria inglesa e que toda a produção do país era regida, em primeiro lugar, pelas necessidades das forças armadas. Assim mesmo uma certa quantidade das mercadorias produzidas ficava disponível para exportação e era possível calcular, dentro de limites flexíveis, o volume dessa produção, por exemplo, nos próximos seis meses ou no terceiro ano da guerra. Estimado esse volume, que representaria o máximo possível da exportação, e classificando as diversas mercadorias, deveria ser possível reparti-las, de acordo com um programa estudado, entres os diferentes mercados. Um caso concreto ilustraria melhor o assunto: o *Board of Trade* calcularia a quantidade de folha de Flandres de que poderá dispor para exportação, uma vez satisfeitas as necessidades internas. Dessa quantidade seria atribuída ao Brasil a quantidade x. Desse modo, saberíamos que, no período tal, poderíamos contar com o abastecimento pelo Reino Unido, de tantas toneladas do aludido material. Do mesmo modo se procederia para outros artigos, apresentando-se, evidentemente, certas dificuldades com relação a produtos de natureza mais complexa. Assim mesmo, acreditava na possibilidade de estabelecer, sujeita a flutuações inevitáveis, uma lista de mercadorias, especificando sua natureza e quantidade, que o Reino Unido nos poderia fornecer durante um período estipulado.

De modo análogo se estabeleceria uma lista de mercadorias ou programa de compras, no tocante aos produtos do Brasil. Aliás, o *Board of Trade*, desse o início da guerra, tem estabelecido programas gerais de compra, de acordo com os demais ministérios interessados, como os da Alimentação, Abastecimento, Fazenda, etc.

Em resumo, ambos os países se dariam a conhecer, mutualmente, a espécie e a quantidade de mercadorias que julgassem estar em condições de fornecer e comprar.

O presente acordo de pagamentos seria transformado, de certo modo, em acordo de compensação, dando-se ao mesmo toda a flexibilidade possível, em vista da incerteza de vários fatores importantes. Acreditava que a concretização, assim obtida, da troca de mercadorias e serviços facilitaria bastante a atuação das autoridades na Inglaterra e no Brasil. Nas atuais circunstâncias a intervenção dos governos no comércio exterior era inevitável e, aliás, se tinha tornado mais completa, à medida que continuava a guerra. Ora, o problema do abastecimento em gêneros alimentícios e matérias primas não existia apenas para a Inglaterra: também o Brasil se via a braços com dificuldades crescentes para suprir-se de uma série de artigos essenciais para o funcionamento da sua economia. Em certos casos as nossas importações eram de interesse direto para a Inglaterra – como se dava, por exemplo, com relação à folha de Flandres, empregada na fabricação de latas para conservas – visto que a Inglaterra importa enormes quantidades de carne em conserva do Brasil.

Um acordo nessas bases tenderia talvez a evitar fatos que atualmente se dão com frequência, como a revogação de licenças de exportação já conhecidas, fatos esses que, conforme afirmou há dias o *Exporters Gazette* – cujo recorte mostrei a *sir* Noel Charles – afetavam o prestígio do comércio britânico no Brasil, sendo a negação do já mencionado *slogan: Britain delivers the goods.*

*Sir* Noel Charles ouviu com atenção o que já lhe disseram, tendo feito diversas anotações, e passou os olhos num artigo do *Economist* de 6 do corrente, o qual aludindo ao *Lease and Lend Act*, lembrou que suas estipulações tinham por força que afetar prejudicialmente as exportações britânicas para as republicas amigas da América do Sul, impondo-se, portanto, uma discussão amigável entre representantes da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, e das nações mais atingidas. Esse artigo salientava que:

“.... Drastic curtailments of certain British exports must involve those countries (América do Sul) in serious hardship, both from lack of essential goods, unobtainable elsewhere, and because it reduces the outlet for their own exportable surplus...”

e terminava afirmando ser tal política nociva, dizendo:

“It is very bad long term policy....”

Sir Noel Charles tomou nota da data do Economist em questão.

Conversamos em seguida sobre a construção, em Volta Redonda, de grandes usinas siderúrgicas, com o auxílio de fortes capitais norte-americanos. Disse-lhe que, segundo informações da imprensa brasileira, seria utilizado nessas usinas carvão brasileiro, misturado com combustível estrangeiro. O Carvão sempre fora um dos artigos básicos da exportação inglesa; parecia-me, portanto, de interesse para ambos os países examinar a possibilidade de abastecer-se o Brasil de carvão e *coke* na Inglaterra. Recordei que até há poucos anos a Inglaterra era o maior e quase o único fornecedor de carvão ao Brasil.

Espera, aliás, que se desse uma colaboração futura mais ativa por parte da Inglaterra no desenvolvimento dos nossos recursos, mas tal colaboração deveria também significar maior interesse pelos produtos brasileiros. Em teoria, a grande inversão de capitais ingleses no Brasil deveria ter resultado em desenvolver o interesse do Reino Unido em comprar no Brasil. Na prática isto não acontecera em nosso caso, devido a várias circunstâncias, sendo a principal o fato de que, até bem recentemente, o nosso maior produto de exportação fora o café, artigo pouco consumido na Inglaterra. Julgava que depois da guerra haveria no Brasil um grande campo para a indústria inglesa especializada de máquinas. O desenvolvimento das nossas indústrias secundárias e também p da indústria pesada deveriam merecer a atenção do Reino Unido, o Brasil deixaria, e já deixou de ser um mercado importante para uma série de artigos hoje fabricados no país e de boa qualidade – assim, por exemplo, aconteceu no tocante aos tecidos e, em escala menor, ao fio de algodão; mas a complexidade crescente da nossa economia e o aparelhamento em ritmo acelerado do território brasileiro significavam novos e grandes mercados para muitos artigos, máquinas, aparelhos, etc. Era, entretanto, indispensável manter o nome e prestígio das manufaturas britânicas em nosso mercado afim de poder o Reino Unido, terminado o conflito, competir vantajosamente com os demais países industriais.

Finalmente fiz menção do importante comércio de frutas cítricas que mantínhamos, antes da guerra, com o Reino Unido. Esse comércio tinha desaparecido totalmente no segundo ano do conflito, devido à necessidade de utilizar os navios com

câmeras frigoríficas para o transporte de carne. A Inglaterra estava, contudo, importante polpa e sumo de laranja, mas não o tinha feito do Brasil. Esses produtos estavam sendo fabricados no Brasil em estabelecimentos modernos e sua qualidade em nada era inferior à dos melhores produtos estrangeiros. Causaria certamente boa impressão no Brasil, se a Inglaterra passasse a comprar parte das suas necessidades, nesse particular, em nosso país. Seria, além disso, equitativo assim fizesse, visto que a indústria cítrica brasileira havia sofrido muito em consequência da perda deste mercado que, antes do conflito, lhe absorvia a maior parte da sua produção.

Trocamos ainda ideias sobre uma colaboração mais íntima no concernente à solução das dificuldades relativas aos vários documentos hoje indispensáveis para o comércio internacional, tais como o *navicerts*, licenças de exportação, etc.

Sir Noel Charles teve a bondade de dizer, ao terminar a nossa palestra, que minha exposição lhe esclarecera, de modo muito completo, o problema do intercâmbio comercial entre os dois países, nas difíceis circunstâncias do momento atual, e que, antes de partir, faria certas observações, sobre os assuntos tratados, às autoridades aqui.

Agradecei a Sua Excelência as suas palavras de gentileza e recordei que, a não ser quando tivera ocasião de tratar de fatos durante a nossa conversação, as sugestões e ideias que exprimira eram pessoais, embora conhecidas de meu chefe, o embaixador Moniz de Aragão, o qual pessoalmente concordava com esses pontos de vista.

J. de Alencar  
Primeiro Secretário  
Encarregado dos Serviços  
Comerciais da Embaixada

\*

**TELEGRAMA • 24 SET 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Formação do Comitê Nacional Francês, com sede em Londres.

NP/397/940. (00) -600. (85)

Da Embaixada em Londres  
Em 24 de setembro de 1941.

TERÇA FEIRA – 18hs.15 - Ficou assentado entre o general de Gaule, o senhor Churchill e as nações aliadas a formação de um comitê nacional francês, com sede em Londres. O referido comitê tratará das questões relativas às atividades da França livre representando, em princípio, os franceses que em toda parte tenham aderido ao movimento do general de Gaule. A organização, tendo sido feita de pleno acordo com o governo britânico e com a aprovação dos Estados Unidos da América, representa o primeiro passo para o futuro reconhecimento como sendo o verdadeiro governo francês.

Moniz de Aragão

Parisot

[?].G./25/IX/41.

\*

**TELEGRAMA • 24 SET 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Formação do Comitê Nacional Francês, com sede em Londres.

NP/397/940. (00) -600. (85)

Da Embaixada em Londres  
Em 24 de setembro de 1941.

TERÇA FEIRA – 18hs.15 - Ficou assentado entre o general de Gaule, o senhor Churchill e as nações aliadas a formação de um comitê nacional francês, com sede em Londres. O referido comitê tratará das questões relativas às atividades da França livre representando, em princípio, os franceses que em toda parte tenham aderido ao movimento do general de Gaule. A organização, tendo sido feita de pleno acordo com o governo britânico e com a aprovação dos Estados Unidos da América, representa o primeiro passo para o futuro reconhecimento como sendo o verdadeiro governo francês.

Moniz de Aragão

Parisot

[?].G./25/IX/41.

\*

**OFÍCIO • 24 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Mercadoria apreendida pelo governo britânico. Instituto Nacional do Mate.

N. 706

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 24 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar o recebimento do despacho nº EC/84, de 24 de julho último, pelo qual Vossa Excelência se serviu de remeter a esta embaixada, para serem encaminhados ao Ministério da Alimentação deste país, certos documentos e informações, sobre o caso das 4.641 barricas de mate embarcadas, no vapor francês *Myson*, pelo Instituto Nacional do Mate e apreendidas pelas autoridades britânicas.

2. Em resposta, levo ao conhecimento de Vossa Excelência que esses documentos e informações foram enviados, sem demora, ao referido departamento, o qual, por carta de 20 do corrente, de que junto cópia, informou que os conhecimentos de embarque recebidos são podem produzir efeito, por estarem marcados “*Copie sans aucune valeur et non négociable*”, e solicitou ao mesmo tempo, novos esclarecimentos relativamente ao assunto.

3. Disse ainda o Ministério que, caso resolva reconhecer o Instituto Nacional do Mate como o exportador da mercadoria em questão, qualquer pagamento ao mesmo só poderá ser feito mediante a apresentação de um documento nos termos do incluso, com a garantia de um banco britânico.

4. Muito agradeceria a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.



Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 24 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Conselho nacional da França livre.

N. 707

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 24 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Conforme informei pelo telégrafo o general de Gaulle, de acordo com o primeiro ministro britânico e presidente Roosevelt, acaba de fundar a base do governo que dirigirá a França depois da guerra.

2. Assim a chefe das forças livres, que recentemente regressou a Londres, depois de uma visita de seis meses à África e o Próximo Oriente, anunciou ontem terem sido feitas grandes modificações no que diz respeito à organização dos assuntos referentes à França Livre o que equivale à criação de um governo provisório que de ora avante trabalhará com mais eficiência.

3. Foram criadas duas novas organizações, o Comitê Nacional de franceses livres e o Conselho Nacional de deliberações.

4. O Comitê será composto de nove membros presidido pelo general de Gaulle, escolhidos entre as maiores personalidades que aderiram ao movimento da França livre e terá funções executivas e o Conselho Nacional abrangerá todas as organizações existentes nas diversas partes do mundo e terá o caráter de órgão legislativo.

5. O general de Gaulle manterá o supremo comando das forças francesas livres que com exceção da Marinha e da Aviação estão operando no norte da África.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 24 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Distribuição do potencial humano da Grã-Bretanha.

N. 708

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 24 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Uma campanha de grande envergadura vem de ser iniciada na Grã-Bretanha, com o fim de modificar seriamente o atual processo de distribuição do potencial humano pelas forças armadas e indústrias de guerra. Essa campanha, porém, ainda está sendo aparentemente orientada sob forma não oficial, como se depreende do modo por que é feita, isto é, por artigos da imprensa da esquerda e declarações de personalidades sindicalistas, como também do facto de que os grandes chefes de partidos, dos quais a maioria faz parte do governo, ainda são [sic] adesão à mesma.

2. A razão dessa campanha é conhecida. A participação da Rússia na guerra transformou consideravelmente os planos da Grã-Bretanha. Estes países, antes, só tinham de cuidar das suas forças, ativando o desenvolvimento constante da sua marinha, sua aviação, seu exército de terra e mais vários milhões destinados não somente a defender o seu território, em caso de tentativa de invasão pelos alemães, como também futuramente a tomar a iniciativa de operações no continente. Isso já causava certas dificuldades às

industrias de guerra, pois estas se viam na obrigação de aumentar cada vez mais a sua produção, apesar de serem a cada momento privadas, em favor das forças armadas, de milhares de técnicos e operários mais ou menos especializados. Ora, as tropas alemãs estão agora lutando contra um adversário cujo potencial humano é extremamente grande, mas cujo armamento e equipamento, por maior que seja, começa a ficar seriamente abalado, estando algumas de suas fontes de produção perdidas e outras ameaçadas. Assim, a indústria britânica deve agora trabalhar também para satisfazer às necessidades de seu desenvolvimento ainda maior, e muito mais rápido, que o encarado antes de junho.

3. A primeira nota, relativamente à campanha em questão, foi dada há dias pelo hebdomadário *New Statesman and Nation*, órgão independente. Nos dias 15 e 16 do corrente, os editoriais do *Daily Herald* manifestaram-se a favor dessa campanha, ao mesmo tempo em que o senhor Charles Dukes, secretário geral do poderoso sindicato *dos General and Municipal Workers* afirmava que essa era também a opinião dos dois lados, isto é, dos *leaders* das industrias e dos chefes dos sindicatos.

4. Uma das principais razões por que não se conhecerá a opinião oficial, a esse respeito, antes de algum tempo, é que a amplitude dessa campanha dependerá do resultado da conferência que se vai realizar em Moscou, na qual os russo terão ocasião de declarar de que forma lhes deverá ser prestado auxílio, nas circunstâncias atuais, permitindo aos delegados britânicos elaborar um plano de ação à luz dessas declarações, depois de examinar as possibilidades desde país e as dos Estados Unidos, diante das informações que foram prestadas pelos delegados americanos.

5. Por outro lado, três membros do governo britânicos, os senhores Herbert Morrison, A. V. Alexander e Arthur Greenwood trabalhista e sindicalista em favor do desenvolvimento da ajuda à Rússia, campanha essa de caráter oficial, nas não preconizado a forma desse auxílio. Esses três ministros trabalhistas chegaram mesmo a discursar, nesse sentido, em manifestações organizadas por correligionários políticos, em Londres, Nottingham e Liverpool.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Constituição do governo tchecoslovaco. Representante diplomático do Brasil junto ao governo tchecoslovaco..

C/NP/402/940. (00) -602.1 (80e)

Da Embaixada em Londres  
Em de 1941.

SEXTA FEIRA – 13hs.00- Recebi, hoje nota do ministro das relações exteriores da Tchecoslováquia, pedindo informar Vossa Excelência de que o governo tchecoslovaco, instalado aqui sob a presidência do doutor Benes, foi reconhecido pelos seguintes países: Grã-Bretanha, Estados Unidos da América, Canadá, Polônia, Bélgica, Egito, União Sul-Africana, Noruega, Nova Zelândia, Austrália, U.R.S.S., Holanda, Iugoslávia e China, já tendo todos esses países acreditando seus representantes diplomáticos. O ministro das relações exteriores acrescentou que o governo tchecoslovaco está ansioso por restabelecer as antigas e cordiais relações com o Brasil e estimaria que o governo brasileiro acreditasse um representante diplomático. Peço instruções.

Moniz de Aragão

C.e Souza

A.M.O./27/9/41

\*

**OFÍCIO • 26 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Governo tcheco-eslovaco.

N. 712

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 26 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Confirmando o meu telegrama de hoje, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que recebi nesta data uma nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Tchecoslováquia pela Grã-Bretanha, os Soviets, os Estados Unidos e a República chinesa, cujos governos já acreditaram representantes diplomáticos junto ao presidente Benes, bem assim o desejo do governo tchecoslovaco de restabelecer as relações oficiais com o Brasil.

2. Passo às mãos de Vossa Excelência, no incluso *memorandum*, sobre o presente status internacional da Tchecoslováquia, a lista completa dos países que mantêm relações diplomáticas com o governo tchecoslovaco, nesta capital.

Muito agradeceria a Vossa Excelência o obséquio de me habilitar a responder à referida nota.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 27 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] A situação econômica internacional depois da guerra.

N. 714

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 27 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

A revista *The Fruit World*, publicada na Austrália, em seu número de junho noticiou uma advertência feita pelo professor S. N. Wadham, da Universidade de Melbourne, contra um desenvolvimento demasiado grande das indústrias primárias depois da guerra e manifestou a esperança de que os soldados, ao voltarem a seu país, não sejam forçados, nem mesmo encorajados, a trabalhar na agricultura.

2. A Austrália dependia de indústria primárias, lembrou o professor Wadham, que por sua vez estão ligadas ao problema de dispor do excedente da produção. A indústria de maçãs estava em má situação, devido à falta de transporte e de mercado, e havia indícios de que a de carnes caminhava para situação semelhante.

3. Antes desta guerra a Austrália exportava 66% do seu trigo, (50% para o Reino Unido); 91% de lã (41% para o Reino Unido); 42% de manteiga (94 % para o Reino Unido), e 46% queijo (96% para o Reino Unido).

4. Depois da guerra haveria muita reconstrução na Inglaterra e enorme procura de mercadorias, mas uma vez que a população estivesse alimentada razoavelmente.

“....England would have to face reorientation on na economic post-war scale. In Australia new industries would have been built up, making it necessary for us to produce and export. Bratrain would not buy the quantity of goods she had in the past. The prospect of even maintaining our export levels after the war not bright”.

É interessante verificar que na Austrália, parte integrante do Império britânico, se começa a reconhecer que sua situação de domínio não lhe garante a manutenção da sua posição neste mercado, o qual – salvo uma reorganização econômica de ordem mundial – estará forçosamente empobrecido depois da guerra, sem tomar em conta que certo desenvolvimento agrícola havido aqui nos dois anos que dura o conflito será certamente defendido.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 28 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Remessa de dados estatísticos referentes ao Brasil, para revista *The Economist* de Londres.

N. 717

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 27 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício nº 483, de 23 de junho último, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, copia, de uma carta pela qual a revista *The Economist* solicitou a esta embaixada certas informações relativas ao Brasil, para publicação no próximo número (dezembro) do seu suplemento comercial.

2. Atendendo a este pedido, já remetemos à revista as cifras mensais referentes às nossas importações e exportações no corrente ano (até maio, inclusive) e, bem assim, as correspondentes às nossas exportações de café em 1929, 1932, 1937, 1938, 1939, 1940 e nos meses de janeiro a maio de 1941. Essas cifras foram extraídas das informações que essa Secretaria nos tem enviado regularmente, para divulgação na mesma revista, e de publicações estatísticas existentes na biblioteca desta embaixada.

3. Muito agradeceria a Vossa Excelência a bondade de habilitar-me a atender à solicitação do *Economist*, no tocante ao custo da vida em nosso país, enviando-nos, com a possível brevidade, como complemento das informações anexas ao despacho nº EC/32, de 4 de abril último, o índice do ano de 1939 e os índices mensais de 1940 e 1941.

4. A informação acima deverá estar em nossas mãos até fins de novembro, para que possa ser transmitida à revista, dentro do prazo pela mesma mencionado.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 29 SET 1941 • AHI 30/1/1**

Índice: Observador militar no Império Britânico.

Telegrama No. NP 218

31200

Confidencial

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres  
Em 29 setembro de 1941.

<sup>xviii</sup> O ministério da guerra está empenhado em enviar um adido militar a essa embaixada como observador das atividades bélicas no Oriente próximo e norte da África. Rogo consultar esse governo se lhe seria grato aceitar um adido militar nosso na qualidade acima mencionada.

Exteriores

Expedido em 30 de set de 1941 via Western [assinatura]

\*



[Índice:] Suspensão da linha do Lloyd brasileiro para a África do Sul.

N. 718

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 27 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

Foi recebida nesta embaixada cópia do ofício nº 80, de 5 de agosto, dirigido pelo conselheiro comercial em Pretória, senhor Júlio Diogo, a essa Secretária de Estado e que trata das consequências, para a exportação brasileira à África do Sul, da suspensão da linha sul-africana do Lloyd brasileiro.

2. Li com toda atenção o ofício aludido e julgo dever dizer a Vossa Excelência que acho muito fundamentadas as ponderações nele feitas sobre o grande prejuízo que causará ao intercâmbio comercial entre a África do Sul e o Brasil a medida em questão.

3. Pelas estatísticas verifica-se que esse comércio se estava desenvolvendo de modo muito animador, o que é tanto mais importante quanto, em virtude do fechamento da maioria dos mercados europeus, encontramos tamanhas dificuldades para colocar nossos produtos. A Argentina e o Uruguai estão enviando suas mercadorias para a África do Sul, em navios holandeses. Estes não poderão levar as mercadorias brasileiras por já irem abarrotados de Buenos Aires e Montevideú. Assim, o resultado da suspensão da linha do Lloyd será que as duas republicas do Prata desenvolverão e consolidarão seu mercado na África do Sul, enquanto que nós perderemos a posição ali adquirida. Ora, a África do Sul, entre outras mercadorias importantes para nós, como café, madeiras, cacau, tecidos de algodão, estava começando a ser um mercado prometedora para os nossos produtos de carne em conserva. Vossa Excelência bem sabe as dificuldades com que luta o Brasil para desenvolver esse comércio, devido à concorrência esmagadora da Argentina e do Uruguai, para não falar dos outros domínios ingleses. Neste mercado, como é do seu conhecimento, determinadas empresas brasileiras não conseguem estabelecer-se, em consequência da dominação exercida pelas grandes empresas estrangeiras que funcionam no Brasil. É assim, do máximo interesse para nós intensificar e consolidar novas saídas. Tudo evidencia, portanto, os resultados nefastos, para o nosso comércio exterior, da retirada dos navios do Lloyd brasileiro da linha sul-africana.

4. Lembrarei ainda que, no tocante ao fornecimento de lã sul-africana às fábricas brasileiras, artigo indispensáveis para as mesmas poderem trabalhar com eficiência, pudemos conseguir a concessão das necessárias licenças de exportação deste governo por dispormos de transporte próprio, condição essa que, repetidamente, foi exigida pelas autoridades britânicas.

5. Um artigo citado pelo conselheiro Diogo menciona que a indústria cítrica sul-africana depende quase inteiramente do Brasil, para o suprimento das taboas empregadas na fabricação das caixas para o acondicionamento das frutas. Enquanto durar a guerra, não poderemos concorrer neste mercado com a União Sul-africana, no relativo às laranjas e outras frutas cítricas. A dependência em que se acha aquele país do Brasil, para as caixas, poderá talvez ser utilizada para obtermos condições mais vantajosas para os nossos navios, caso seja factível reconstituir a linha sul-africana.

6. Finalmente direi que, no momento em que abandonamos um serviço tão bem iniciado, a Argentina está procedendo a estabelecer uma linha própria, segundo informa o senhor Júlio Diogo. É deveras lastimável e subscrevo totalmente as ponderações feitas pelo funcionário em questão.

7. Permito-me, assim, insistir junto a Vossa Excelência para que se digne mandar estudar, com urgência, o assunto e espero que, como resultado desse exame, seja possível restabelecer sem demora o serviço de navegação que o Lloyd brasileiro conta êxito vinha mantendo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 30 SET 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Títulos brasileiros em Londres.

EC/410/822.4 (60)

842.31(60)(42)

Da Embaixada em Londres  
Em 30 de setembro de 1941.

TERÇA FEIRA – 16hs.30- A falta de publicação do preço da amortização suplementar do empréstimo de café, de São Paulo, de 7%, tem dado ensejo a críticas na imprensa financeira e na city, acarretando certo declínio das cotações em geral dos nossos valores. Os agentes incumbidos das operações telegrafam para o Brasil, informando do ocorrido, não tendo ainda recebido resposta.

Moniz de Aragão

A.Lintz.

H.G./30/IX/41.

\*

**OFÍCIO • 30 SET 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] A conferência de Moscou.

N. 726

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 30 de setembro de 1941

Senhor Ministro,

A conferência tríplice proposta em 15 de agosto pelo presidente Roosevelt e o senhor Winston Churchill e aceita no mesmo dia pelo senhor Stalin está presentemente reunida em Moscou.

2. Houve uma certa admiração de que decorresse um tão longo período entre a convocação e a reunião, mas os que assim julgaram mostraram desconhecer o verdadeiro caráter e objetivo da conferência.
3. A reunião de Moscou é, antes de tudo, uma assembleia técnica que deve estabelecer o plano geral das necessidades e das possibilidades de fabricação dos três países aliados ou associados.
4. Uma tal tarefa necessita evidentemente de um estudo prévio e apurado da situação em geral nos pontos de vista militar e industrial, levando em conta as possibilidades de transporte e as vias de comunicação.
5. Esse estudo implica em casa um dos países interessados uma perfeita coordenação de vários departamentos governamentais com os centros produtores.
6. Durante o mês decorrido entre a convocação e a reunião da conferência, Londres, Washington e Moscou mantiveram uma ininterrupta ligação o que permitiu organizar minuciosamente o programa dos assuntos a serem debatidos.
7. No intervalo, tanto aqui como nos Estados Unidos pode ser avaliado com precisão as reais necessidades da Rússia e a urgência de um socorro imediato.
8. A opinião britânica, principalmente refletida na imprensa, não cessou de manifestar a sua ardente simpatia pela causa russa e os homens de Estado deste país em várias reuniões públicas afirmaram a firme deliberação de prestar à União Soviética toda a possível assistência moral e material.
9. Assim já estão sendo enviados armamentos e a força aérea britânica já está operando na frente russa. A “semana britânica de fabricação de tanques para a Rússia”, deu resultados excedendo todas as previsões. O general Wavell chegou a Teerã para combinar com os seus colegas russos a melhor utilização das vias de comunicação iranianas para a defesa do Cáucaso.
10. De Washington chegou a notícia da intenção do presidente Roosevelt de ceder à Grã-Bretanha e à Rússia toda a produção americana de material bélico dos três próximos meses.
11. A conferência de Moscou inicia, pois, os seus trabalhos sob os auspícios os mais favoráveis.
12. É necessário agir com presteza, declarou o delegado americano ao chegar à Rússia, acrescentando que os trabalhos da conferência deverão estar terminados dentro de uma semana.

13. Assim não são somente os defensores de Leningrado, de Kharkov, de Moscou e de Odessa que agradecerão esses propósitos, pois, todos os aliados estão plenamente convencidos que da campanha da Rússia depende em grande parte a destruição do nazismo que constitui o fim que todos têm em vista para a liberdade do mundo;

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 01 OUT 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Exportação britânica para a América do Sul

N. 730

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 01 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Na sessão da Câmara dos Comuns de ontem, o presidente do *Board of Trade*, sir Andrew Duncan, rejeitou uma sugestão de que seria do interessante da exportação inglesa a nomeação de agentes comerciais na América Latina, com funções semelhantes às exercidas por *sir* Kenneth Lee e pelos senhor H. S. Macintosh, em Nova Iorque.

2. O deputado Hannah lhe perguntou se não era extremamente necessário reforçar as exportações do Reino Unido, especialmente na América do Sul, tendo *sir* Andrew Duncan respondido que diversas circunstâncias tinham que ser tomadas em consideração. No momento não era aconselhável aceitar a sugestão que lhe fora feita.

3. Não há dúvida que o compromisso assumido pelo governo britânico no *memorandum* enviado recentemente ao embaixador Winant, relativamente ao *Lease and Lend Act* (ofício nº 683, de 11 de setembro último) constitui uma das circunstâncias a que

aludiu o presidente do *Board of Trade* quando declinou a sugestão de amparar o comércio inglês na América do Sul.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 01 OUT 1941 • AHI 28-2-5**

[*Índice:*] O último discurso do senhor Churchill.

N. 732

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 01 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

O primeiro ministro fez ontem perante os membros da Casa dos Comuns a exposição mais otimista das que até agora apresentou ao Parlamento e ao povo britânico desde o início da guerra e especialmente depois da capitulação de Bordeaux.

2. Desde logo referi a Vossa Excelência, pelo telégrafo, mencionando o favorável acolhimento dispensado por toda a imprensa britânica e essas declarações em que foram claramente expostos os diversos pontos revelando a verdadeira situação geral do país, tanto no terreno militar e político como diplomático.

3. Não se trata de fazer crer que tenham desaparecimento todos os perigos nem que o caminho para a vitória seja fácil e o senhor Churchill acredita mesmo que o risco de uma invasão da Grã-Bretanha subsiste e que por esse motivo o Exército britânico deve continuar mantendo uma guarda vigilante.

4. Da mesma forma a batalha do Atlântico ainda não foi definitivamente ganha, mas resultados apreciáveis foram obtidos graças à colaboração americana.

5. Não somente Hitler não conseguiu cortar as artérias vitais do Império britânico, mas presentemente as perdas infligidas pela Marinha inglesa às frotas do Eixo não cessam de aumentar enquanto que as britânicas diminuirão de duas terças partes no último trimestre.

6. Além disso surgiram modificações fundamentais desde um ano e mesmo desde os últimos três meses na posição da Grã-Bretanha e dos povos que entre maio de 1940 e abril de 1941 tinham decidido, prosseguir na luta contra o inimigo comum.

7. A Grã-Bretanha tem agora aliados mais poderosos, “se olharmos para este ou para oeste”, disse o senhor Churchill, não estamos desacompanhados”.

8. Os Estados Unidos com suas imensas reservas, a Rússia nos campos de batalha, a Europa continental, embora dominada, se apresenta em plena revolta e a China que luta pela sua independência formam um conjunto ou melhor um verdadeira coalisão em torno da Grã-Bretanha.

9. O primeiro ministro não somente falou com calor e emoção sobre a resistência dos exércitos russos mas ainda na medida em que lhe era permitido fazer publicamente sem revelar intenções secretas e projetos futuros comprometedores para a defesa do país, indicou em termos gerais que os maiores sacrifícios e os mais enérgicos esforços seriam feitos pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos para permitir à Rússia de aguentar indefinidamente a luta.

10. Sem dúvida o *führer* conservou a iniciativa e mesmo em certos domínios a superioridades militar mas como disse o primeiro ministro, os aliados estão em vias de anularem essas vantagens tal como foi feito em relação à aeronáutica.

11. Essa é a atual tarefa em que a Grã-Bretanha e seus aliados estão empenhados e o “caminho pode ser ainda difícil e perigoso”, acrescentou o senhor Churchill, mas “o fim é certo e já pode ser percebido graças a unidade de ação dos Estados Unidos com a Rússia em harmonia com o Império Britânico”.

12. Junto remeto a Vossa Excelência recorte do Times de hoje contendo o texto das declarações acima referidas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 02 OUT 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Comentário político.

N. 733

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 02 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

As alusões feitas pelo ministro Churchill no seu discurso de terça-feira, de que já me ocupei em ofício anterior, sobre a possibilidade, de uma invasão das Ilhas Britânicas, não fizeram maior impressão, pois opinião dominante é que assim falando o orador teve em vista manter a atmosfera de iminente perigo de um ataque, o que permitiu à Grã-Bretanha fazer o esforço extraordinário, em matéria de armamento e de defesa a que assistimos perplexos, e organizado assim a resistência que pode manter contra os terríveis assaltos do inimigo sem nenhum resultado prático.

2. Os meios competentes também comentam o fato que o senhor Churchill deve ter encarado seriamente as consequências que resultariam de uma pausa nas operações na frente este, o que facilitaria aos alemães reorganizarem suas forças e tirar todo o partido desse fato para encetar novas ações a oeste da Europa.

3. Círculos ligados ao Foreign Office continuam pensando que nesse caso os alemães não emprenderiam uma tarefa tão gigantesca e difícil como a invasão da Inglaterra, mas prefeririam operações mais fáceis como, por exemplo, a conquista da África francesa, e, em caso de não haver resistência por parte de Vichy, a ocupação pura e simples desses territórios combinada com a invasão simultânea da Espanha e do Portugal.

4. A questão que desde logo é assentada consiste em saber se os britânicos podem organizar uma fulminante ofensiva na África do Norte para impedir a realização do plano nazista. O senhor Churchill habilmente não quis nada adiantar no seu discurso, mas admitindo que o general Auchinleck possa repetir e completar a obra do general Wavell



do inverno passado ocupando toda a Líbia, um problema surgiria novamente e decorrente da atitude de Vichy quando as forças britânicas chegarem às fronteiras da Tunísia.

5. Os assuntos políticos e militares tem repercussões muito importantes uns sobre os outros para que na atual situação possam ser feitas previsões mesmo limitadas.

6. As conversas do general Wavell com o seu sucessor no comando das tropas operando na Líbia, seguindo-se às que teve em Londres, induz a crer que o assunto está progredindo sobre a possibilidade de uma ofensiva britânica que em geral todos desejam, mas isso não dever ser considerado como certo, devido à grande incógnita sobre o desenvolvimento das operações alemães no sul da Rússia e certo número de outros fatores imprevistos como um ataque sobre Gibraltar, etc.

7. Assim a impressão que prevalece do discurso do primeiro ministro, sem dúvida uma das suas mais brilhantes e importantes peças oratórias, é que todos devem ter paciência e esperar o momento mais propício para tomar as iniciativas que Hitler ainda detém, mas quando a ocasião chegar não deverá ser desprezada e todos deverão estar prontos para marchar em bloco contra o inimigo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 2 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Visita do embaixador Myron Taylor.

N. 734

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 2 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Nada transpirou sobre o real objetivo da visita a Londres de embaixador Myron Taylor quando de regresso de sua missão junto ao Santo Padre se dirigia a Washington.

2. Essa visita causou surpresa, pois, foi resolvida quase no momento em que o referido embaixador devia tomar o avião em Lisboa de regresso aos Estados Unidos.

3. O silêncio das autoridades britânicas e do embaixador o qual tem mantido uma absoluta discrição desde a sua partida de Roma permite fazer apenas conjecturas sobre as razões da presença do representante americano junto à Santa Fé em Londres.

4. Todos aqui confirmam que essa visita era inesperada, como disse acima, mas deve ser assinalada a coincidência da presença em Londres no mesmo momento em que chegou o senhor Taylor do ministro do Canadá em Vichy, do embaixador britânico em Madri e do ministro americano em Dublin.

5. Assim os boatos mais diversos circulam e todos tratam de encontrar a solução do mistério.

6. O único fato verdadeiramente digno de nota é a tendência muito acentuada da imprensa oficiosa de ligar nenhum crédito à hipótese, também ventilada, de ter o papa utilizado o embaixador Taylor como emissário para conversar com o governo britânico sobre a possibilidade de negociações de paz separada com a Itália.

7. Essa atitude dos círculos britânicos autorizados e da aludida imprensa provém, a meu ver, do desejo de não criar muitas esperanças derivadas das últimas notícias aqui chegadas de existir na Itália um profundo descontentamento decorrente da agravação da crise política e econômica e principalmente da falta de produtos alimentícios.

8. Em geral é emitida a opinião de que a Itália está no mesmo caso da Finlândia, isto é, que da participação na presente guerra nada mais poderá auferir, mas ao contrário só pode ser previsto que a situação interna venha a se agravar sem que por força das circunstâncias tenha elementos para se desvencilhar de domínio alemão principalmente agora quando a Gestapo exerce praticamente as funções policiais em toda a administração italiana tal como nos países invadidos pelos exércitos do Reich.

9. Os meios competentes britânicos também ressaltam que as atividades cada vez mais intensas da força aérea britânica contra objetivos na Itália não visam acentuar a desmoralização do povo italiano, mas julgam ser excelente se tal resultado estiver sendo obtido. Afirmam, porém, que essas operações da aviação britânica foram concebidas como um plano puramente de ordem militar e não político.

10. Considerando essas excelentes razões que as autoridades britânicas dão para evitar que sejam criadas falsas esperanças e enquanto não se conhece realmente o propósito da

visita do embaixador Taylor, uma grande parte da opinião pública neste país não abandonará facilmente a ideia que a sua presença em Londres não tenha ligação com próximos desenvolvimentos sensacionais da política internacional.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 2 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Artigo do Financial News. Relações pan-americanas.

N. 736

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 2 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

O Financial News de ontem publicou um editorial intitulado Pan-American Unity, que tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência no recorte anexo.

2. O Financial News alude aos efeitos da guerra sobre a economia do continente sul-americano, dizendo que a perda dos mercados fez nascer em certo momento nesses países o pensamento que seria preferível encarar uma solução de compromisso com a Alemanha nazista para evitar hostilidades prolongadas. As dificuldades econômicas, escreve o jornal, reforçaram os elementos subversivos na América do Sul e reaviveram os temores da dólar diplomacy por parte dos Estados Unidos. Assim mesmo com os esforços da administração de Washington conseguiram forjar laços mais fortes e íntimos entre os Estados Unidos e os países latino-americanos, tanto sob o ponto de vista comercial e

financeiro, quanto no tocante às relações diplomáticas. O editorial faz referência especial à formação no Brasil de indústria siderúrgica em grande escala, com o auxílio financeiro e técnico dos Estados Unidos, salientando que o material para as respectivas instalações gozará de prioridade na repartição do comércio de exportação norte-americano e passará também antes das necessidades da indústria civil dos Estados Unidos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo. "Pan-American Unity". The Financial News 01/10/41*]

When peace returns to Europe we may well be in a position to study, from contemporary records, the way in which president Roosevelt has sought to strengthen the continental solidarity of the Western Hemisphere in the last decade. Circumstance, it is true, have in some ways favoured the development the development of the "Good Neighbour" policy. Since last year the Latin-American Republics have been faced with the virtual disappearance of their vital export outlets to European markets. They have also been faced with an acute shortage of available shipping, and there has been an inevitable pile-up of surplus commodities with all the well-know symptoms of glut economics -- political unrest, and reduced purchasing power. Clearly, these factors have operated in many ways to the advantage of the United States, with its ability to render powerful financial assistance and to play the dominant part in the strategic defence of the Western Hemisphere. But the dislocation and disruption of export markets has also fostered the belief that for the benefit of Latin-America it would be preferable to face compromise with Nazi-Germany rather than to accept the losses incurred by long-term hostilities. And economic depression has also served the dual purpose of strengthening subversive forces in South America, and in reviving former fears of "dollar diplomacy" on the part of the rich northern neighbor. In spite of every difficulty, however, the Washington Administration has steadily strengthened its financial, commercial, and diplomatic links

with Latin-America, and the record of the five Hemisphere conferences, ranging from Montevideo to Panama, outlines, in fact, the creation of a continental system of defensive alliance - political and economic - that has no parallel in earlier times. Much of the work is due to the quiet, untiring persistence of Under-Secretary of State Sumner Welles, whose activities spring from the conviction that the United States must now perforce assume world leadership, and that such a position cannot be assured until Latin-America is entirely safe from Nazi machinations.

The Financial News has on many recent occasions pointed to the development of Latin-America's trade with the U.S. under war conditions. During 1940, for example, the growth of trade between North and South enabled the Southern Republics, taken as one unit, to maintain a foreign trade volume of roundly \$3,000,000,000, against \$3,200,000,000 in 1939, and enabled the larger units to register a modest active balance of trade on merchandise account. In the current year it has been necessary for some South American units to make further adjustments in order to preserve an active trade balance, but there can be no doubt that in the wider sense the countries concerned have been able to cushion the impact of trade dislocations far more effectively than seemed possible a short while ago. There is abundant evidence, too, that the Washington administration is working on a carefully framed schedule for long-term development designed to minimize the shock of adjustment to post-war conditions. In building up its own strategic adjustment to post-war conditions. In building up its own strategic "stock-piles" of raw materials, and in fostering the development of private trade relations, the U.S. administration has constantly emphasized the desirability of linking such development first with emergency needs and secondly with the probability of efficient production. In such materials as crude rubber, manila hemp, copra, jute, pal oil, kapok, &c. (for which South America is not now and important supplier, but where development is fully possible), there has been a careful assessment of the quantities which might reasonably be expected to accrue during the period of emergency. There has certainly been no endeavour to foster the development of uneconomic plant in order to obtain the temporary release of small quantities of materials at the price of lost capital, displaced labour, and uneconomic price-levels in the post-war era. And where full development is possible in such products as antimony, bauxite, coffee, copper, quebracho, zinc, nitrate &c., the U.S. has given full evidence of its willingness to finance development on reasonable terms.

Washington, indeed, has gone further than this. It has recognized that under present conditions the Southern Republics themselves must make the most energetic

efforts to promote the development of secondary industry. A notable step in this direction was the decision to finance the erection of a national steel industry in Brazil under the financial wing of the Export-Import Bank. While stipulating that imports of certain plant must await the restoration of more favorable conditions, the State Department has recently won a resounding victory over other Washington departments by securing full approval (in general terms) for priority quotas in respects of all Latin-America's most essential needs. The Brazilian steel plant will be a first example of this policy, but in all other essential requirements Latin-America will rank before U.S. civilian industry schedules. A special State department has been established in Washington for the release of urgent requests from South American Governments; private U.S. traders have another department from which they can secure the speedy release of items otherwise banned for shipment from the U.S. In line with such developments, the United States Department Of Commerce recently estimated that U.S. purchases from Southern Republics would, in the current year, amount to not less than \$1,000,000,000 , leaving them with a \$250,000,000 trade balance: the former figure is far in excess of Latin-America's normal exports to Europe. In returns, the South America countries are giving generally full co-operation in the task of confining the are giving generally full co-operation in the task of confining the processing of strategic raw materials to the Western Hemisphere and British Empire territories. Fortified by close economic relations and fortified also by the growing impudence of underground Axis activities, the United States a few weeks ago waged total economic war on the Axis forces in South America with the proclamation of a Trade Black List covering 1,800 firms and individuals from Rio Grande to Cape Horn, and declaring them Axis-owned or Axis-controlled. All trade with these firms has been cut off, and U.S. assets are frozen on this list, ranging from such great German units as Agfa, Siemens, and A.E.G. to small and (sometimes entirely innocent) neutral concerns. The immediate reaction, not unnaturally, was a blast of anger from south of the border, but Washington in only too fully aware of the spate of funds which have poured into Axis agencies as a result of the one-sided Good Neighbour policy of recent months. In their turn the South American units are fully aware of the terms which might be "offered" by a victorious Germany. Altogether, the moral of this record is that though obstacles to still closer Pan-American relationships will undoubtedly recur, the U.S. is forging solid links which should hold against all the strains of adjustment to the post-war world.

OFÍCIO • 2 OUT. 1941 • AHI 28-2-5

[Índice:] Mês político n.10.

N. 737

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 2 de outubro de 1941

A Sua Excelência o senhor secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o Relatório Político n.10, relativo ao mês de setembro próximo passado.

[Anexo]

Se, do ponto de vista inglês, a declaração do presidente Roosevelt, de volta da conferência no Atlântico com o senhor Churchill, causa certo desapontamento, depois disso sua atitude veio compensar amplamente a sua aparente reticência. No discurso do dia 1º - a resposta ao torpedeamento de três navios americanos – Roosevelt colocou Hitler num dilema pouco confortável. O episódio do *destroyer* “Greer” então frizou bem a situação. Ou a Alemanha cessa os seus ataques no Atlântico e em todos os oceanos, concedendo a liberdade dos mares aos navios que transportam o material bélico americano para a Grã-Bretanha e a Rússia, ou aceita o desafio do presidente, posição para onde quer manobra-la o almirantado americano, sobretudo agora que a diplomacia sutil da Casa Branca parece remover a ameaça japonesa. Boa parte da esquadra dos Estados Unidos está se passando para o Atlântico, para melhor assegurar a proteção da frota mercante britânica e aliada, através das zonas de defesa estabelecida por Washington.

A entrada em jogo desse importante fator assegura à Grã-Bretanha a vitória indiscutível da Batalha do Atlântico, permitindo a transferência de maior parte de sua frota para o Mediterrâneo. Impedir que isso se verificasse era justamente o papel atribuído ao Japão.

Mas não param aí os serviços que o presidente Roosevelt vem prestando com a sua nova política de shoot at sight. Por meio do Lease and Lend Act, técnicos e operários

americanos estão construindo, segundo consta, uma base naval no Ulster, cuja eventual ocupação por forças americanas (incluída nesse caso a Irlanda nas chamadas zonas da defesa do continente) afasta a tentação para um ataque alemão. Com propositada circunspeção, o presidente tem-se furtado a definir quais sejam as zonas marítimas que devem ser nelas compreendidas. O mesmo pode ocorrer com as colônias britânicas da África Ocidental, para contra restar a sempre temida utilização de Dakar e Casablanca pelos alemães.

É sabido que os russos desejam ver a Inglaterra criar uma nova frente militar ( no Ocidente) e diz-se que desejariam ver Lloyd George entrar para o gabinete.

Consultado a respeito, este teria imposto condições que obrigariam a exclusão dos atuais componentes e até do primeiro-ministro, o qual ainda adere à ideia da Coalizão.

Churchill rejeitou a proposta do Times para que indicasse o sucessor num caso de emergência e apreciou o apoio que lhe deu o senhor Mackenzie King, recentemente, contra o tão falado Gabinete de guerra Imperial, no grande discurso que daqui dirigiu aos dois povos norte-americanos. O afastamento do senhor Menzies do governo australiano veio ainda mais fortalecer a sua resistência ao referido projeto. Churchill receiaria que Menzies lhe fizesse sombra, gozando como goza de grande popularidade junto à opinião pública inglesa.

Grande número de homens públicos e de jornalistas endorsam o pedido russo da expedição de uma nova força britânica contra a Alemanha. Nas últimas sessões do Parlamento eram frequentes as interrogações sobre quando se animariam os ingleses a prestar a colaboração militar à Rússia. E se se considera que já há quatro milhões de soldados no Reino Unido, setecentos e cinquenta mil no Egito e um milhão na Índia, essa interrogação é perfeitamente justificada. Mas a dificuldade, por enquanto insuperável, está no problema da tonelagem, quer naval quer marcante, para efetuar um desembarque no Continente. Só pela Persia é que uma possibilidade existe. A atitude neutral da Turquia imobiliza, porém, as forças britânicas nesse setor, na expectativa de um ataque dos alemães sobre aquele país, se estes intentarem uma ofensiva pelo Mar Negro contra o bastião do petróleo no Cáucaso, como pode muito bem verificar.

Os turcos negaram passagem aos *destroyers* italianos, soi-disant vendidos à Bulgária e garantiram que não serão desviadas para a Alemanha as encomendas de cromo, manganês e outros produtos já prometidos à Inglaterra e aos Estados Unidos.

Na revista que passou a 30 de setembro aos acontecimentos do mês, nos Comuns, o senhor Churchill referiu-se a essa invasão do Continente europeu para aliviar a pressão



do peso sobre a Rússia, declarando que se fosse dar indicações sobre as próximas decisões estratégicas ele estaria ajudando o inimigo. E, por outro lado, se fosse enumerar as razões que impedem a realização desse projeto só viria dar seguranças gratuitas a Hitler.

Em compensação às declarações categóricas quanto a amplitude dos socorros prestados à Rússia – numa escala que aumentará dia a dia – desfizeram as dúvidas na Câmara que desistiu da sessão secreta sobre o particular.

Outra afirmação importante e animadora, que o primeiro-ministro fez, foi a relativa às cifras das perdas marítimas. Disse ele que julho a setembro estas tinham sido apenas um terço das correspondentes a abril, maio e junho. Nestes três meses elas subiram a 318 navios britânicos, aliados e neutros representando 1.416.416 toneladas. Um terço equivale a 106 navios e 42.000 toneladas durante três meses de verão.

Comparando ao ano passado, (depois da queda da França) continuou ele, não nos achamos mais só. Se olharmos para o Oriente temos um aliado com um exército capaz de enfrentar a fúria alemã e que se bate com uma tenacidade admirável. Para o Ocidente, avoluma-se a caudal de armamento que sai das fábricas de um associado não beligerante e estende-se ao Atlântico a cooperação naval da grande frota americana.

Já agora percebe-se, diz ainda o senhor Churchill, que a Alemanha capaz de todas iniciativas em terra, perdeu-a no ar. Sua força aérea não lhe permite mais desenvolver ofensivas simultâneas. Todo verão a Luftwaffe foi concentrada sobre a Rússia, pelo que cessaram os ataques contra as Ilhas Britânicas e contra os comboios.

Reuniram-se finalmente em Moscou, em fins de setembro os representantes da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos com os chefes do governo soviético, a fim de discutirem os meios de suprirem a Rússia com as suas mais prementes necessidades em armamento e matérias-primas. Essa conferência foi preliminarmente preparada em Londres, de modo que, ao partirem, os delegados das duas grandes Potências sabiam exatamente as quantidades e as datas em que poderiam ser efetuadas as entregas. Parece que os russos, abandonando a sua reserva habitual, resolveram revelar todas as suas deficiências. Segundo os correspondentes de jornais comunicam de Moscou, os delegados britânicos e americano têm-se entrevistado com Stalin, que pessoalmente tem intervido nas sessões para adiantar as decisões e eliminar tropeços burocráticos.

Que essa Conferência foi oportuna, ressalta dos desenvolvimentos das operações na frente oriental, onde a grande ofensiva iniciada sobre Kief, o coração industrial da Rússia, teve o seu desenlace mais rapidamente do que aqui se esperava. A perda de material bélico e dos meios de sua produção constitui uma séria ameaça para a defesa do

país. Parece que os russos lograram remover para o interior uma parte dessas fábricas, mas será preciso que eles resistam à pressão sobre Kharkof e a Ucrânica Oriental se quiserem continuar a guerra com os métodos atuais e a alta eficiência exigida do material bélico.

Por isso se espera que a contribuição inglesa nessa pendência vital será a máxima compatível com as suas próprias necessidades. A produção está sendo intensa quer em aviões, quer em tanks, que atingirem em setembro verdadeiros records. A última semana de produção de carros de assalto foi dedicada à Rússia e graças a esse estímulo aos operários ela subiu 10%.

O futuro da guerra depende da capacidade dos russos de opor uma resistência definitiva em algum ponto, que lhes permita manter em funcionamento as linhas de comunicação, bem como as fábricas de munições do Ural. Se isso for logrado, a guerra será encurtada e a situação militar bem outra, passado o inverno. Se, porém, eles foram eliminados a guerra transformar-se-á, como no tempo de Napoleão, em uma luta gigantesca entre as Potências Marítimas e um grande sistema continental. Onde colidirem geograficamente os respectivos interesses, haverá renhidas batalhas com relativamente poucas ocasiões para o emprego dos exércitos. Até onde alcançar o raio de ação dos bombardeios, haverá duelos encarniçados. O razoável é que as Potências Navais consigam eliminar a ameaça submarina do Eixo. A luta seria então longa, mas a vitória final, pelo extenuamento de uma das partes, penderia para o lado que domina os oceanos.

A 23 de setembro, o governo britânico dirigiu ao finlandês uma nota, que contém uma advertência para suspender a guerra contra a Rússia. Se a Finlândia persiste em invadir territórios russos, a Grã-Bretanha será forçada a tratá-la como inimiga, não só durante a guerra como quando a paz for feita, o que muito constrangeria ao governo britânico, dada a amizade que sempre existiu entre os dois países. Posto que o representante diplomático da Grã-Bretanha tenha sido expulso de Helsingfors, o governo de Sua Majestade está pronto a restabelecer as relações diplomáticas, sempre que a Finlândia termine a guerra e evacue os territórios que ultrapassam suas fronteiras de 1939.

O general de Gaulle formou um Comitê de comissários nacionais para exercerem, sob sua presidência, a direção do movimento francês-livre até que um governo possa ser constituído na França, inteiramente livre de influências estrangeiras.

Os comissários são os senhores Pleven para as finanças e colônias; Dejean para os negócios estrangeiros; Cassin para a justiça e educação; Diethelen para o interior trabalho e informação; general Gentilhomme para a guerra; almirante Muselier para a

marinha e o Comodoro do ar Valin para a aviação. O capitão T. d'Argenlieu é um comissário sem departamento.

A formação deste Comitê representa um importante passo adiante na transformação dos franceses livres da organização original meramente combatente num corpo político que deverá eventualmente incorporar todo o Império francês, na expectativa dos que o constituíram. Já foi dias depois reconhecido pelos governos britânico, russo e demais aqui exilados. O general de Gaulle conta ser reconhecido eventualmente pelos Estados Unidos, isso dependendo evidentemente da habilidade e energia com que proceda. Em tudo o caso, o governo de Vichy assiste preocupado e impotente a essa expansão, mormente depois que for cumprida a promessa, esperada para muito breve, de ser dada à Síria a sua independência.

A Grã-Bretanha e os Estados Unidos resolveram prestar auxílio financeiro ao governo do general Chiang-Kai-Chek. Foi designado como perito financeiro, por parte deste país, sir Otto Niemeyer, principal assistente de sir Montagu Norman no banco da Inglaterra. A nomeação de um técnico da sua nomeada revela a importância ligada em Londres a essa cooperação ao governo nacionalista da China, que continua com êxito a resistir do interior do país a invasão japonesa, prestando assim um inestimável serviço à causa da Grã-Bretanha.

Moniz de Aragão

Redação do ministro Joaquim de Sousa-Leão.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 3 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Bauxita.

N. 738

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 3 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício n. 301, de 10 de abril último, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, a título de informação, cópia de uma carta pela qual a firma Jafet, Naufal and Company Limited, de Londres, encaminhou a esta Embaixada cópia de correspondência trocada com o Ministério da Produção Aeronáutica da Grã-Bretanha, sobre a importação de bauxita brasileira neste país.

2. O referido Ministério, como Vossa Excelência verá, declarou que, embora a bauxita brasileira tenha sido considerada boa para a fabricação de alumínio, depois de exame feito na amostra do produto da “Mineração geral do Brasil Limitada”, enviada por essa secretaria do Estado, por intermédio do cônsul J. Baptista Pereira, – não poderá, no momento atual, facilitar praça para o transporte desse minério.

3. A firma Jafet, Naufal and Company Limited, continua a tartar do assunto junto ao referido departamento britânico, apesar de ter tido conhecimento, por notícias publicadas na imprensa desta capital, de que toda a nossa produção de bauxita, em virtude de acordo firmado com os Estados Unidos, será reservada, durante dois anos aquele país.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 3 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] A conferência de Moscou.

N. 741

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 3 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

A conferência de Moscou que se reuniu a 29 de setembro conforme informei pelo meu ofício n.726, de 30 do referido mês, encerrou seus trabalhos anteontem.

2. Em três dias, graças à minuciosa preparação que tinha sido feita em Londres, Washington e Moscou e devido ao trabalho interrompido dos delegados, a conferência logrou em tão curto tempo um completo êxito.

3. Esse feliz resultado está mencionado nos comunicados britânicos, russo e americano assim como no discurso de encerramento da conferência proferido pelo senhor Molotov e na declaração do senhor Stalin que acompanhou pessoalmente todos os trabalhos até sua conclusão.

4. A conferência de Moscou obteve não somente um completo acordo de ordem técnica, mas ainda logrou uma perfeita unidade sobre o ponto de vista político como se deduz das declarações feitas pelos chefes das delegações das três potências participantes.

5. O acordo técnico cujos detalhes, ficaram naturalmente secretos, atinge tanto as fabricações de guerra e as matérias-primas, a sua repartição, transporte e entrega segura.

6. Em termos gerais o comunicado anuncia a decisão tomada pelos Estados Unidos e a Grã-Bretanha de pôr à disposição do governo soviético tudo o que as autoridades militares e civis russas possam necessitar.

7. O governo russo a título de reciprocidade fornecerá aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha importantes quantidades de matérias-primas principalmente madeiras e minério de ferro.

8. Trata-se de um verdadeiro pacto de assistência mútua em matéria de armamentos e uma reafirmação da vontade comum dos três governos de levar a luta até a vitória.

9. No que diz respeito à União Soviética, o senhor Molotov deu uma solene garantia da “vontade inflexível” do governo e do povo russo que “suportam os mais duros e violentos golpes do invasor”.

10. O senhor Stalin declarou que “os exércitos soviéticos estão agora em condição de reforçar sua defesa incessantemente e de passar a uma vigorosa contra ofensiva.”

11. Finalmente a conferência de Moscou renovou a adesão dos três governos aos princípios contidos na “carta do Atlântico”, e principalmente no que se refere ao aniquilamento da “tirania nazista” e ao estabelecimento de uma paz, garantindo ao mundo toda a segurança política e social.

12. Pela primeira vez a Grã-Bretanha, a União Soviética e os Estados Unidos afirmam solenemente e conjuntamente a unidade de seus fins, marcando um perfeito acordo tanto para a atual política de guerra como em relação aos objetivos que têm vista para a futura paz.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 3 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Conferência Interaliada.

N. 742

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 3 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Em anexo, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o relatório do primeiro secretário J. de Alencar, sobre os assuntos econômicos tratados na II Conferência Interaliada que se reuniu nesta capital, em 24 de setembro último.

2. Conforme autorização de Vossa Excelência contida em telegrama de 22 de setembro último, o referido funcionário acompanhou os trabalhos de conferência e assim pude melhor observar tudo o que aí foi discutido e que pode de futuro interessar ao Brasil.

3. A página 9 do relatório foi feita uma sugestão no sentido de adotarmos uma mesma atitude qual a dos Estados Unidos, no presente momento, e que poderíamos assumir por ocasião de uma eventual futura reunião e assim melhor assegurar a defesa dos nossos interesses econômicos.

4. Peço a atenção de Vossa Excelência para o relatório anexo que julgo de alto interesse para os serviços competentes desse Ministério, elogiando o seu autor pela forma clara em que tratou da matéria.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 6 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] O último discurso do senhor Hitler.

N. 743

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 6 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

A imprensa em geral fez poucos comentários ao último discurso do *fuehrer* e considera que passou o tempo em que as suas orações eram esperadas com ansiedade pelas democracias ocidentais e enchiam os alemães de entusiasmo.

2. Agora, dizem os jornais londrinos, quando os alemães ouvem seu *fuehrer* buscam sobretudo motivos de esperanças e consolo.

3. A opinião dominante é que o discurso de 3 do corrente mês tinha o principal objetivo de desculpar os dirigentes em face do seu povo sendo, portanto, matéria de propaganda interna.

4. É assim que aqui julgam interpretar a explicação confusa sobre a falta de êxito dos ataques aéreos sobre a Grã-Bretanha em 1940; a longa exposição cheia de reticências e contradições sobre as relações germano-russas desde agosto de 1939 até a agressão de 22

de junho e a insistência sobre o perigo que constituía para a Alemanha e para o mundo o formidável arsenal russo.

5. Não é ainda a noção da defesa do solo nacional, mas o *fuehrer* já se aproxima da concepção da luta pela existência que ele tenta fazer compreender aos seus nacionais ou pelo menos ao seu partido.

6. Em geral os suíços, suecos, portugueses e até os japoneses, segundo telegramas aqui publicados, comentam com surpresa que o chanceler Hitler não fala mais da destruição do Império britânico; não fixa como outrora prazo para a terminação da guerra e nem mesmo para a duração da campanha russa e que não fez referência nem uma vez a uma vitória rápida e certa.

7. No começo deste ano o *fuehrer* e o ministro Ribbentrop tinham declarado que o ano de 1941 assistiria a maior vitória da nossa história.

8. A imprensa alemã, segundo foi aqui divulgado, se limitou a salientar o lado defensivo do discurso e da ação da guerra em curso, exprimindo em termos vagos a esperança de ser realizada a vontade da Alemanha de vencer.

9. Foi notado que as irradiações alemãs a esse propósito foram ainda mais significativas, pois, parafraseando a palavra de Goebbels sobre a última oportunidade da Alemanha o Rádio-Berlim acentuou a “gravidade do momento”, acrescentando que a “questão de saber como a guerra acabará é a mais importante do que a de buscar prever quando terminará.”

10. O Times em resumo também concordou com os conceitos acima emitidos dizendo que discurso era simplesmente defensivo e não mais agressivo, como os que o *fuehrer* anteriormente pronunciava.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



**OFÍCIO • 8 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Efeitos do Lend and Lend Act sobre as exportações britânicas.

N. 748

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 8 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Segundo notícias publicadas pela imprensa desta capital, os exportadores britânicos estão querendo ter um encontro com indústrias norte-americanos, a fim de discutir arranjos mais flexíveis, no tocante aos mercados sul-americanos. A Federação das Indústrias britânicas está insistindo com o Board of Trade para agir nesse sentido.

2. O senhor Leslie Downs disse na Câmara de Comércio de Hull, anteontem, que todos os mercados da América do Sul estavam agora fechados à maquinaria inglesa. Outras indústrias também – eles acreditava – haviam sido prejudicadas pelo Lend-Lease Act (ofício n.709, de 24 de setembro último), e firmas locais tinham sido que cancelar ordens, recebidas de América do Sul, para o fornecimento de máquinas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 9 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] A situação política.

N. 750

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 9 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

O *fuehrer*, tal como tem sucedido em outras ocasiões, busca criar no mundo um novo estado de nervosismo que se manifesta entre os alemães pela esperança e pela inquietação entre outros povos.

2. Em Berlim o discurso do chanceler Hitler atuou de forma a fazer esquecer o passado e exaltar o futuro próximo enquanto que no estrangeiro ele trata de aproveitar a expectativa ansiosa que despertou depois de 3 de corrente, para exercer pressões, provocar hesitações e reunir em torno dele os possíveis desanimados.

3. O espetáculo que oferecem desde vários dias a Finlândia, a Turquia e o Japão serve de exemplo.

4. Ainda que não seja conhecido oficialmente o texto da resposta finlandesa à nota do governo britânico, foi contudo sabido por intermédio do rádio alemão que deu ao assunto uma larga divulgação que ela constitui uma recusa de cessar a luta e que afirma a intenção do governo de Helsinque de continuar ajudando a Alemanha na guerra contra a Rússia.

5. Isso é aqui interpretado não somente como o resultado da pressão de Berlim, mas ainda como sintoma expressivo da convicção que anima os dirigentes finlandeses sobre a possibilidade de uma vitória alemã.

6. Em Ancara, o senhor Clodius, não tendo conseguido na semana passada a entrega de como adiou a sua partida e se esforça de renovar a negociação comercial com a esperança de que algum êxito espetacular alemão na Rússia ou em direção ao Cáucaso possa determinar o governo turco a modificar sua intransigência, concedendo maiores vantagens ao Reich.

7. Em Tóquio imprevistamente foi notado que o tom da imprensa muito reservado desde algumas semanas é agora agressivo contra os países aliados.

8. Artigos em jornais importantes revelam novamente a cólera japonesa contra o que julgam ser tentativas de cerco do Japão pela Grã-Bretanha e os Estados Unidos revelando pretendidas manobras britânicas no Siam e quanto aos Estados Unidos dizem que “a paciência nipônica tem limites e que Roosevelt comete um grave erro julgando poder prolongar indefinidamente as negociações entabuladas com o embaixador Nomura.”

9. Aqui julgam que a febre baixará em Tóquio, as hesitações atribuídas ao governo de Ancara e mesmo as intransigências de Helsínquia se dissiparão tal como os entusiasmos de Berlim se os russos puderem conter a investida alemã e se Londres e Washington prosseguirem imperturbavelmente sua política de ação solidária e forte.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 14 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Mercadorias brasileiras apreendidas pelo governo britânico.

N. 755

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 14 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício n.64, de 24 de janeiro último, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, a título de informação, cópia de uma carta que o Barclays Bank Limited, de Londres, dirigiu, em 6 do corrente, ao Banco do Brasil sobre a questão das mercadorias exportadas pela firma Guilherme Ludwig, de Porto Alegre, para a Bélgica e Holanda, e apreendidas pelo governo britânica.

2. O Barclays Bank, nessa carta, solicita certas informações e também que lhe seja fornecido um documento pelo qual o senhor Guilherme Ludwig e o Banco do Brasil se

comprometam a tomar inteira responsabilidade pela liquidação do caso com o Ministério do Abastecimento, renunciando a qualquer reclamação contra o consignatário belga e obrigando-se a indenizar este último de qualquer soma paga pelo mesmo com relação às mesmas mercadorias.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 14 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Mês econômico n.9. Setembro de 1941.

N. 756

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 14 de outubro de 1941

A Sua Excelência o senhor ministro do Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta respeitosos cumprimentos e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório econômico n.9, relativo ao mês de setembro de 1941, feito pelos Serviços Comerciais desta embaixada.

[Anexo]

N. 9

Um dos acontecimentos mais importantes sob o ponto de vista econômico, ocorrido no mês de setembro, foi o compromisso assumido pela Grã-Bretanha de não utilizar nas suas exportações mercadorias e matérias-primas fornecidas pelos Estados

Unidos em virtude do Lease and Lend Act. Em 10 de setembro, foi publicado um “White Paper, intitulado Correspondence respecting the Policy of His Majesty’s Government in the United Kingdom in connection with the use of materials received under the Lend-Lease Act”, contendo o texto de um memorandum relativo ao assunto, enviado pelo senhor Anthony Eden ao embaixador dos Estados Unidos.

2. Segundo o Financial Times de 5 de setembro, foram obtidas umas 25.000 por um carregamento de diamantes brasileiros chegado pouco antes a este país. Esses diamantes (pedras preciosas e industriais) foram vendidos a preços 10% mais altos do que os conseguidos pelas remessas anteriores. Houve maior procura da variedade industrial, de que foi vendida uma grande quantidade à Rússia. Uma regular proporção das pedras preciosas foi separada para lapidação na Grã-Bretanha.

3. Em meados do mês, as autoridades britânicas expediram uma ordem incluindo a Síria e o Líbano na área esterlina, para os efeitos dos Defence (Finance) Regulations. Em virtude disso, poderão ser creditados esterlinos em contas no Reino Unido, no nome de residentes naqueles territórios, sem a necessidade de serem cumpridas certas formalidades. Ao mesmo tempo, foi tornada sem efeito a proibição do comércio com firmas e indivíduos na Síria e no Líbano.

4. O Colonial Office anunciou haver sido ajustada pelo Reino Unido a compra das próximas safras de cacau da Costa de Ouro e da Nigéria. O West Africa Cocoa Control Board seria responsável pelas compras e vendas desse produto, e o esquema geral de controle, empregado na última estação, continuaria a ser aplicado. As compras seriam iniciadas em 3 de outubro do corrente ano. Os produtores receberiam 8s. 6d. por unidade de carga (incluída a sobretaxa de 6d. por unidade) das principais safras da Costa de Ouro (graus 1 e 2) e 14-10-0 por tonelada da principal safra da Nigéria (grau 2).

5. Nos dias 24 e 25 de setembro, reuniu-se em Londres a II Conferência Interaliada. Essas reuniões não tiveram propriamente a atuação de uma conferência, pois nelas não foram debatidos pontos de vista nem propostas divergentes. Os representantes dos países aliados se limitaram, efetivamente, a aprovar uma declaração unânime, sobre cujos termos as partes já estavam de acordo e cuja sanção era, pode-se afirmar, inevitável. No primeiro dia, a Conferência tratou de assuntos de natureza sobretudo política. Na tarde do dia 25 é que foram abordadas as questões econômicas. O senhor Anthony Eden submeteu então aos delegados um projeto de resolução tratando dos suprimentos de gêneros alimentícios, matérias-primas e outros artigos, depois da guerra, aos países ora sob o domínio alemão. Relativamente ao assunto, o senhor Eden declarou que algum trabalho

preliminar já fora realizado na Inglaterra com a criação de um Comitê Ministerial para estudar o problema dos excedentes de produtos para exportação, funcionando sob a presidência do ministro sem pasta. Esse Comitê e o Leith-Ross, ao qual também aludiu, haviam, até o momento, tratado sobretudo de compras, dentro do Império britânico, de produtos cuja quantidade se tornara excessiva em virtude da guerra e do problema do transporte marítimo. Essas aquisições almejavam principalmente estabilizar a economia dos territórios respectivos. Os Comitês, no entanto, ao realizarem as compras, tiveram também em mente a sua importância para a acumulação de estoques de reserva, a fim de atender futuramente às necessidades dos países cujos recursos vêm desaparecendo em virtude de requisições pelo inimigo. Em seguida, o ministro Anthony Eden esboçou o seguinte plano de ação:

- 1) - Exame geral e compreensivo das necessidades prováveis na ordem da sua exigência e reunião de dados sobre os suprimentos eventualmente disponíveis;
- 2) – Esboço, com antecedência, de um esquema completo de transporte a longa distância;
- 3) – Acumulação gradual de estoques de reserva nos lugares mais convenientes;
- 4) – Estudo oportunamente, da administração e do financiamento da transferência desses estoques para a Europa e da sua distribuição.

Os representantes dos governos aliados e do general de Gaulle deram sua aprovação à resolução acima citada. O embaixador dos soviets fez certas observações. O comentário mais importante foi o do ministro dos Negócios Estrangeiros da Holanda. Disse o senhor Van Kleffens que a cláusula quarta da célebre Carta Atlântica, na sua redação atual, continha uma reserva que destruía o seu significado ostensivo. Essa cláusula promete a todos os países, vencedores e vencidos, grandes e pequenos, o acesso livre às matérias-primas, numa base equitativa, ficando essa promessa, entretanto, sujeita aos compromissos existentes. O chanceler dos países baixos salientou que, já por ocasião da última guerra, promessas semelhantes, haviam sido feitas, sem lograr resultado algum. Essas observações não foram comentadas por qualquer das delegações presentes à Conferência.

6. O Financial News publicou, no dia 17, uma notícia recebida de Nova York, segundo a qual a Grã-Bretanha teria adquirido 25.000 toneladas de açúcar de Cuba, para pronto embarque, a 2,12 centavos por libra, F.O.B. Esse preço é mais alto, de 0,02 centavos, do que o pago dias antes por uma partida de 10.000 toneladas.

7. Em vista da importância do estanho para a fabricação de armamentos, nas presentes circunstâncias, é de interesse mencionar alguns dados estatísticos sobre a produção e os estoques mundiais dessa matéria-prima. A produção, durante o mês de setembro, foi de 19.400 toneladas métricas, comparadas com 21.800 toneladas no mesmo período de 1940; nos primeiros nove meses alcançou a cifra de 185.900 toneladas em 1941, contra 165.400 em 1940. Os estoques decresceram de 4.135 toneladas durante setembro, sendo de 46.729 toneladas no fim desse mês; no último dia de setembro de 1940, eram 52.824 toneladas. As entregas aos Estados Unidos foram de 12.715 toneladas no mês em questão, contra 13.625 toneladas em agosto; nos primeiros nove meses de 1941 alcançaram 119.287 toneladas, comparadas com 81.814 toneladas no período correspondente de 1940.

8. O Ministério da Alimentação da Grã-Bretanha resolveu manter um representante na América do Sul, o qual estacionará em Buenos Aires, indo periodicamente ao Brasil. Foi escolhido para essa função o senhor E. G. Norman. Seu principal trabalho será acompanhar a situação dos mercados de carne sulamericanos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 15 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] A política turca.

N. 758

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 15 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

A assinatura do Tratado de comércio germano-turco no dia 9 do corrente, foi acompanhado um dia depois de uma declaração dos governos de Berlim e de Ancara pela qual os alemães procuraram se defender das acusações que tinham sido feitas em relação a exigências e pressões de toda sorte que os delegados do Reich teriam exercido sobre os turcos.

2. Ambos os governos aproveitaram essa oportunidade para afirmar uma vez mais o caráter confiante e amistoso de suas relações tal como foi definido pelo Tratado de amizade germano-turco de 18 de junho logo depois da campanha vitoriosa de Hitle nos Balcãs e em Creta e alguns dias antes do início das hostilidades contra a Rússia.

3. Antes de se lançar nessa ousada aventura o chanceler alemão tinha querido garantir o seu flanco direito neutralizando a Turquia.

4. Efetivamente no mesmo dia da entrada de tropas alemãs na Rússia, em 22 de junho, o governo turco proclama a sua neutralidade.

5. A Turquia estava então em uma situação particularmente difícil e até mesmo inquietadora, pois, estava cercada por mar e por terra pelas tropas do Eixo.

6. Atualmente a sua posição é mais vantajosa e mesmo mais forte, pois, suas fronteiras meridionais e orientais estão livres de ameaça iminente e a Grã-Bretanha guarda a Síria e o Iraque e no Irã as forças russo-britânicas evitam aos turcos qualquer surpresa desagradável.

7. Acresce que Londres e Moscou deram ao governo turco em 10 de agosto último todas as garantias e mesmo fizeram promessas de assistência militar.

8. Entretanto, a forte pressão exercida na fronteira ocidental, o avanço alemão na Ucrânia e ao longo do mar de Azof, a gigantesca ofensiva no centro da frente russa ameaçando Moscou, parecem constituir perigos e servem de avisos.

9. Isso explicaria o novo movimento de recuo que acaba de executar a diplomacia turca cuja atitude recorda a assumida pelos diplomatas russos em face da Alemanha entre junho de 1940 e junho último.

10. Naquela época, Moscou, tal como agora Ancara, cedia terreno nos balcãs, concluía acordos comerciais com Berlim e proclamava sua neutralidade até o dia em que



Hitler tendo mostrado o seu jogo obrigou o Kremlin a chamar às armas todos os povos da União Soviética para defender a independência e o solo nacional.

11. Em geral, todos aqui confiam em tal emergência o povo tuco também se baterá com a mesma coragem e resistência demonstrada pelos russos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 16 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[*Índice:*] Informações sobre a política europeia.

N. 760

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 16 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Em várias fontes, todas dignas de crédito, tenho colhido ultimamente algumas informações sobre a política europeia que passo a expor, julgando que possam interessar a Vossa Excelência e serem úteis para os serviços competentes desse Ministério.

2. Assim, segundo notícias recentemente aqui recebidas, provenientes da Suíça e de Portugal, parece que não deve ser excluída a possibilidade de proximamente assistirmos a graves acontecimentos na Itália onde o desassossego aumenta e a situação se agrava em virtude das dificuldades internas e externas mormente decorrentes da pressão alemã e da crise alimentar. Mussolini parece estar perdendo diariamente o seu prestígio e muitos afirmam já não possuir de fato a direção suprema e livre dos negócios políticos.

3. A ocupação alemã do território e da administração italiana prossegue em ritmo acelerado. A Gestapo está procurando retirar as forças italianas que possam ser elemento de apoio para o povo em qualquer emergência de reação contra o domínio nazista.
4. Por enquanto a Gestapo parece ainda se sentir fraca para uma ação mais enérgica, e trata de consolidar sua posição reforçando seus elementos de ação contra o Partido propaz com a Grã-Bretanha, que está crescendo com o apoio de muitos chefes militares, e preparar, se necessário, uma verdadeira invasão alemã. Já se ouve falar de fortificações alemãs que estariam sendo feitas ativamente na passagem do Brennero.
5. Os aliados, para poderem aceitar uma paz separada com a Itália, terão de estar prontos a intervir militarmente para garantir a fronteira ítalo-germânica, mas essa atitude não é julgada como possível de ser adotada antes do exército do Nilo ter expulsado da África todas as tropas ítalo-alemãs e ninguém prevê ainda quando o general Auxhinleck poderá desenvolver uma operação militar dessa importância. É compreensível que os britânicos não podem arriscar o seu exército a um insucesso idêntico ao ocorrido no ano passado naquela região.
6. Não resta dúvida que hoje mais do que nunca o interesse primordial para a Grã-Bretanha continua sendo segurança da sua linha de comunicação pelo Mediterrâneo.
7. O desenvolvimento dos acontecimentos na Espanha parece confirmar certas suspeitas bem fundadas que aqui estão tendo de que o Eixo já estaria sendo julgado em Madrid com menos probabilidades de ganhar a guerra, determinando esse fato a necessidade do governo espanhol de robustecer a sua política de maior independência, em face da Alemanha e da Itália, para uma mais completa neutralidade no atual conflito.
8. Certas informações indicariam mesmo que os ingleses estariam examinando a possibilidade futura de entrar no continente com o envio de um corpo expedicionário através da Península Ibérica, naturalmente de acordo com esses países e no seu próprio interesse.
9. Assim o Gabinete de guerra britânico já deve ter escolhido o ponto mais favorável para um desembarque, mas, desde logo pode ser assegurado que, quando chegar o momento de tal aventura, ela será tentada com o máximo possível de elementos favoráveis e na zona mais próxima dos portos e das costas britânicas.
10. A Itália é um problema diferente e se abater as armas e apelar para a Grã-Bretanha para pedir proteção contra o seu antigo aliado, as forças defensoras deverão vir da África, o que ainda mais evidencia a necessidade do inimigo ser expulso da Líbia constituindo um requisito indispensável para qualquer ação militar dessa importância no Mediterrâneo.

11. A chegada da missão americana em Brazzaville é considerada aqui como de extrema importância. Realmente esse acontecimento não implica em um reconhecimento de jure do general de Gaulle pelo governo americano, mas deve ser encarado como uma aceitação de fato da autoridade da França livre sobre esses territórios estratégicos e econômicos de grande valor.
12. O coronel Cunningham, chefe da missão, está acompanhado pelo comandante Mitchell, da aviação naval americana e pelo senhor Lawrence Taylor, do Departamento de Estado, e antigo secretário da Embaixada dos Estados Unidos em Paris.
13. Os membros da missão estabelecerão contatos com os elementos da França livre e farão investigações de ordem militar, econômica, naval e sobre possibilidades de futuras ligações aéreas desse território com a América.
14. A África francesa livre é considerada pelos ingleses como especialmente importante devido a três razões: constitui um grande reservatório de mão de obra, como já foi demonstrado nas recentes campanhas da Líbia, Síria, e África; poderá oferecer, em certas circunstâncias uma importante linha transversal da defesa e constitui uma valiosa rota muito protegida para o abastecimento por via aérea de todo o próximo Oriente.
15. Na América existe cada vez mais a convicção de que o general Waygand não tenciona recuperar pelas armas, como tanto desejaria Vichy, os territórios ocupados pelas tropas do general de Gaulle e tudo indica que essa opinião é inteiramente compartilhada pelo governo britânico.
16. Outras recentes informações, aqui chegadas, permitem compor um quadro da atual situação política na França.
17. Conquanto Vossa Excelência esteja certamente bem informado sobre este assunto julgo, entretanto, dever dizer que aqui acreditam que em geral em ambas as zonas, ocupadas e não ocupada, tudo coopera para dar a impressão que os alemães tendo atacado a Rússia ficarão tão enfraquecidos que não lhes será possível alcançar uma vitória rápida e decisiva como proclamavam mormente contra a Grã-Bretanha e tal como o almirante Darlan sempre se mostrou tão convencido.
18. O prestígio do referido almirante parece ter diminuído bastante nos últimos tempos e como resultado o marechal Petain já tem em várias ocasiões impedido muitas das suas iniciativas, embora continue oficialmente a aparecer como um dos melhores discípulos do velho Marechal.
19. Os alemães empanhados a fundo na campanha russa diminuiram sua pressão sobre a França, mas as chamadas negociações de paz continuam no entretanto esporadicamente

a ser tratadas em Paris e ressurgirão com toda a intensidade logo que o momento seja mais favorável para Hitler.

20. O quartel general francês está entretanto bem informado sobre a real situação dos exércitos alemães. Assim puderam observar que as melhores tropas foram tiradas da França inclusive todas as ambulâncias, artilh[aria] antiaérea, carros armados e um número considerável de cavalos foram violentamente requisitados, sem a menor oposição de Vichy, mas com grande indignação dos seus proprietários.

21. Os oficiais alemães na França não cessam de ostensivamente criticar os últimos atos de Hitler e a disciplina dos exércitos de ocupação ali como em outros países, deixa agora muito a desejar.

22. A situação interna na França é considerada em Londres como muito grave e tudo ali se desenvolve com uma crescente confusão.

23. Em Vichy existem presentemente sete poderes que trabalham em constante luta uns contra os outros e são os seguintes: o marechal Petain; o almirante Darlan; o Exército; a Legião; o ministro Pucheu; a igreja, o esqueleto de um Parlamento que talvez venha mais tarde formar um verdadeiro elemento constitucional e nos bastidores se agita uma sombria imagem da Monarquia cujos suportes são variáveis manifestando entretanto uma completa incompreensão sobre os reais desejos do povo.

24. A diferença na mentalidade e atitude do povo das zonas ocupadas e não ocupada é cada vez maior e hoje chegaria a tal ponto que ao ser atravessada a fronteira dessas zonas existe a impressão de uma passagem de um país para outro inteiramente diferente em todos os sentidos.

25. Posso assegurar a Vossa Excelência que o ponto de vista acima exposto exprime bem a convicção aqui dominante neste momento.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 17 OUT 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Situação de tripulantes brasileiros em navios estrangeiros.

NC/425/586.6

Da Embaixada em Londres  
Em 17 de outubro de 1941.

QUINTA FEIRA – 18hs.00- Estão surgindo numerosos casos de marítimos brasileiros, contratados em portos brasileiros para viagem redonda pelos comandantes de navios gregos, que aqui não tem cumprido a obrigação de volta ao porto inicial, admitindo que os marítimos façam alteração no contrato, afim de prosseguirem viagem para outros destinos. Esta embaixada, o consulado geral aqui e o consulado em Cardiff estão tratando de amparar os direitos dos interessados, na medida do possível. Em outras ocasiões, os próprios marítimos, seduzidos por maiores vantagens, rompem os contratos, criando serias dificuldades, tendo havido até motins, determinado prisões, como o sucedido em Halifax, tendo sido esta embaixada informada pela legação no Canadá. Conviria que a capitania do porto brasileira estivesse informada e atenta, considerando as circunstâncias de momento, que invalidam a perfeita execução do contrato. Sendo possível, sugiro a proibição de engajamento de marítimos brasileiros para a zona de guerra.

Moniz de Aragão

M.L.Pimentel.

H.G./20/X/41.

\*

**TELEGRAMA • 17 OUT 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra germano-russa. Situação no extremo-Oriente.

Da Embaixada em Londres  
Em 17 de outubro de 1941.

SEXTA FEIRA – 14hs.45- As últimas notícias da frente russa indicam que a situação é muito grave, mormente no setor central com séria ameaça para Moscou, já tendo dali se retirado parte do governo, sendo que Stalin e alguns diplomatas, ainda ali permanecem. A capital soviética lutará até o extremo limite e não será delcarada cidade aberta, como teria sido proposto pelos alemães. A situação no Extremo Oriente, determinada pela atitude do Japão cada vez mais agressiva, preocupa o governo britânico, que se mantém em permanente contato com o dos Estados Unidos da América, nas últimas 48 horas. Todas as possessões britânicas e americanas, no sul do Pacífico, foram postas de alerta, sendo que as Filipinas, a Austrália e as Índias Neerlandesas tiveram ordem de estar prontas, a qualquer momento, para acontecimentos graves.

Moniz de Aragão

A. Lintz

S.A.F./17/X/41

\*

**OFÍCIO • 17 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Carvão. Redução das exportações.

N. 761

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 17 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

O senhor D. R. Grenfell, chefe do departamento de Minas, em discurso pronunciado há dias em Castleford, Yorkshire, fez um apelo à indústria mineira solicitando uma produção máxima de carvão antes do inverno. A tarefa empreendida pelo governo era imensa e por esse motivo ele havia insistido pela volta de ainda maior número de mineiros à indústria, não somente para obviar às necessidades do momento como ainda para as de 1942 e talvez de 1943. É preciso esclarecer, a esse propósito, que muitos mineiros foram deixando seu trabalho melhor remunerado em outras indústrias. Além disso, fortes contingentes foram chamados a prestar serviço militar, com o resultado paradoxal, para a Inglaterra, que há falta de carvão mesmo para o consumo interno. É verdade que o desenvolvimento das indústrias armamentistas importou em grande aumento do consumo no país.

2. O senhor Grenfell afirmou que as perspectivas para o próximo inverno eram bem melhores do que há uns três meses e que existiam grandes estoques do combustível. Assim mesmo o governo não dispunha de suficiente carvão e, em consequência, viu-se obrigado a negá-lo aos países amigos no estrangeiro. Fora necessário instituir uma severa política de restrição das exportações.

3. A esse propósito cabe-me informar Vossa Excelência de que lord Hyndley, consultor comercial e diretor geral de abastecimento do Ministério de Minas, teve a gentileza de convidar-me há dias para um almoço, ao qual assistiram *sir* Alfred Hurst, subsecretário permanente do Ministério das Minas, e os senhor W. G. Nott e Norman Smith, do Departamento de Minas.

4. Durante o almoço, lord Hyndley abordou a situação em que se acha a produção de carvão na Inglaterra e disse quanto lamentava que, em vista das grandes necessidades internas e, por outro lado, da dificuldade de manter a produção, devido à mobilização de boa parte da respectiva mão de obra, tivesse sido necessário restringir as exportações desse artigo.

Direi ainda a Vossa Excelência que o governo britânico viu-se na obrigação de pedir à Argentina e ao Uruguai, – países que, de acordo com tratados assinados com o Reino Unido, deviam abastecer-se aqui de determinadas quantidades de carvão, – de abrir mão dos seus direitos, pela impossibilidade para a Inglaterra de cumprir esses compromissos no momento atual. É de ver que nesses acordos a Argentina e o Uruguai tiveram que aceitar quotas elevadas de carvão a fim de alcançar vantagens comerciais para os seus produtos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 17 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Programa de importação.

N. 762

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 17 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Um funcionário do Ministério da Alimentação disse ontem à imprensa que a Grã-Bretanha possui atualmente estoques de trigo muito grandes, maiores mesmo do que em qualquer ocasião desde o começo do conflito, dispondo também de enormes quantidades de açúcar. Segundo essas informações este país estaria em condições de não precisar mais acumular reservas desses produtos.

2. O que a Inglaterra quer, acrescentou o referido funcionário, é que os fazendeiros façam a maior plantação possível de trigo neste outono, sendo essa a fonte mais segura de suprimento.

3. Nessas condições, as autoridades britânicas encaram a possibilidade de utilizar a praça tornada assim disponível para a importação de outros gêneros alimentícios.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.



Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 21 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] O relatório de lord Gort.

N. 773

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 21 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Junto remeto a Vossa Excelência quatro exemplares da London Gazette, órgão oficial do governo britânico contendo o relatório apresentado pelo general lord Gort, ao Ministério da Guerra quando comandante em chefe do Corpo Expedicionário britânico na Bélgica e França.

2. Esse importante documento, do qual rogo mandar entregar um exemplar a cada um dos Ministérios da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica, está destinado a provocar um vivo interesse devido principalmente à recente atitude do marechal Petain em relação aos supostos responsáveis da derrota francesa e ao fato de numerosos técnicos militares, navais e aé[r]os desejarem estudar o desenvolvimento da campanha na Rússia baseados nos depoimentos de lord Gort sobre as batalhas no continente na primavera do ano findo.

3. Todo julgam que numerosas polêmicas serão travadas as declarações de lord Gort e a principal discussão será sem dúvida à que se refere ao valor militar sobre os méritos da ofensiva e defensiva fazendo ressurgir a questão de saber se a França mesmo no caso de ter desprezado uma ação defensiva teria meios materiais de empreender a ação de ataque e nesse caso se dispunha de um potencial humano suficiente para uma tal operação.

4. Uma outra controvérsia que talvez seja suscitada é a de ficar esclarecido se a Bélgica e a Holanda deveriam ter entabulado conversações entre os seus Estados Maiores e os da Grã-Bretanha e da França antes da invasão alemã.

5. Muito recentemente o ministro belga, senhor Gutt, acusou o general Gamelin em forma quase agressiva pelo modo pelo qual dirigiu a campanha na França e afirmou que as aludidas conversas tiveram lugar no momento oportuno.
6. As declarações do general Gort demonstram que de qualquer forma esses entendimentos não se realizaram na época conveniente, isto é, no inverno de 1939 a 1940 e que as deliberações franco-britânicas foram muito prejudicadas por esse motivo.
7. Como Vossa Excelência verá, os telegramas de lord Gort salientam um fato extremamente grave e que não pode ser posto em dúvida sobre a falta de material bélico principalmente canhões anti-tanques, aviação e munição de que então dispunham os exércitos inglês e mesmo o francês.
8. Basta contemplar o esforço prodigioso empreendido desde então pela Grã-Bretanha e que está desenvolvendo cada vez mais que logo se compreenda a extrema penúria desses elementos com os quais general Gort teve que lutar.
9. As informações de lord Gort sobre a campanha na Bélgica salientam que os aliados foram sempre dominados pela ação alemã e com os mesmos métodos agora adotados na Rússia e que tiveram tanto êxito na Grécia graças principalmente à superioridade numérica do material e ao fator favorável de terem os nazistas mantido sempre a iniciativa em todos os seus ataques, gozando muitas vezes das vantagens da surpresa.
10. O resultado demonstrado foi que o Corpo Expedicionário britânico teve que abandonar o continente. Na retirada da Flanders que se seguiu, o general Gort julga que a ruptura da frente no vale da Somme e que se alargou cada vez mais graças aos elementos motorizados e blindados dos alemães, deveria ter sido aposta com a iniciativa dos aliados de contra-ataques partindo da região sul onde então existiam fortes reforços franceses.
11. Essa opinião poderá ser utilmente discutida pelas altas autoridades militares.
12. As operações preparatórias para o embarque de tropas francesas e britânicas em Dunquerque são descritas minuciosamente no relatório em questão e servem para demonstrar a grande manobra empreendida com tão excelente resultado em tão graves momentos e da qual todos guardam ainda a lembrança.
13. Também remeto em anexo quatro exemplares de uma publicação oficial, intitulada a Batalha de Flanders que constitui, por assim dizer, um complemento às declarações do general Gort. Muito agradeceria que essa publicação também fosse encaminhada aos Ministérios acima referidos.

14. A impressão dominante é que a divulgação desses documentos tem por principal objetivo justificar o governo britânico de não ter ainda empreendido uma qualquer ação militar ofensiva no continente mesmo quando os exércitos alemães estão empenhados a fundo na luta contra a Rússia.

15. Uma ação de tal natureza só poderá ser tentada quando o preparo de treinamento do pessoal e a quantidade de material de que carecer o exército britânico em tal emergência for julgado suficiente para não expor este país a um novo desastre acrescentando que a defesa das Ilhas Britânicas contra um[a] sempre possível invasão não deve ser descuidada um só momento.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 22 OUT 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Reatamento das relações diplomáticas entre a Grã-Bretanha e o México.  
NP/430/940.(00)-920.(60)(23)

Da Embaixada em Londres  
Em 22 de outubro de 1941.

QUARTA FEIRA – 16hs.45- Confirmando informação anterior, o governo britânico reatou, hoje, as relações diplomáticas com o México, interrompidas, há vários anos, devido à nacionalização do petróleo.

Moniz de Aragão

M.L.Pimentel.

[?].G./23/X/41.

\*

OFÍCIO • 22 OUT. 1941 • AHI 28-2-5

[Índice:] Política anglo-espanhola.

N. 775

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 22 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Apesar de certos boatos, que há dias circulavam em Londres, indicando que *sir* Samuel Hoare, embaixador britânico em Madrid, não voltaria a reassumir seu posto, acredito que tal fato não sucederá e que o referido embaixador regressará à Espanha proximamente.

2. Os rumores a que acima aludi eram baseados no fato de que *sir* Samuel foi muito criticado ultimamente por alguns jornais londrinos e principalmente por elementos políticos ligados ao Parlamento que guardaram uma grande desconfiança em relação à diplomacia de apaziguamento e de concessões e que desejam eliminar da cena política ou diplomática, sobretudo das esferas governamentais, personalidades que foram participantes nas negociações da Munique e que ainda ocupam posições de destaque.

3. As principais críticas feitas ao embaixador Hoare foram de estar sendo enganado pelo general Franco e pelo seu ministro de Negócios Estrangeiros e deixando a Espanha agir livremente em favor do Eixo obtendo nesse entretanto grandes favores da Grã-Bretanha em dinheiro e em víveres para o povo espanhol que se acha em situação extremamente crítica em matéria alimentar.

4. Por outro lado uma grande maioria do país julga que lord Halifax quando ministro dos Negócios Estrangeiros fez tudo o que lhe era possível pelo seu país na posição delicada e difícil em que se achava. Essa maioria considera também que o pre[s]tígio do embaixador britânico em Madrid foi suficiente para permitir à minoria espanhola,

contrária à política do senhor Suñer, de nele encontrar apoio para uma maior aproximação e principalmente para um melhor entendimento anglo-espanhol conforme aos interesses de ambas essas nações.

5. Essa opinião prevaleceu em última análise e explica a volta de *sir* Samuel Hoare para Madrid no momento em que se prevê a possibilidade de próximos e importantes desenvolvimentos políticos nessa parte da Europa.

6. O governo britânico não quer portanto se desviar de sua política tradicional conciliante.

7. O regresso a Londres de *sir* Samuel pouco tempo antes da partida para Madrid do duque de Alba e as importantes conversações que o embaixador espanhol teve aqui com os principais dirigentes britânicos e as conferências que agora tem tido com o general Franco, constituem provas evidentes que o governo britânico não somente não renuncia a política acima referida, mas ainda quer afirma-la ainda mais futuramente.

8. Nessas condições irão reforçando suas posições políticas para enfrentar a esperada crise que segundo aqui acreditam irromperá na Península Ibérica no começo do inverno quando Hitler, segundo parece, pretende desenvolver a sua ação ofensiva nessa região em demanda da África para assegurar o seu desejado domínio do Mediterrâneo e ameaçar a Grã-Bretanha e a América no Atlântico.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 22 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Café. Importação no Reino Unido.

N. 777

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 22 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício n.754, de 14 do corrente, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, cópia de correspondência trocada entre esta Embaixada e o Ministério da Alimentação da Grã-Bretanha, sobre as notícias, publicadas pela imprensa desta capital, de que esse departamento havia feito certas propostas ao comércio de café, aqui, no sentido de serem reiniciadas as importações desse produto neste país.

2. O referido Ministério, como Vossa Excelência verá, disse que realmente está considerando a importação de uma certa quantidade de café, sendo, porém, sua intenção adquirir a mesma no Império britânico.

3. Continuaremos a dar a maior atenção ao assunto, empregando os nossos maiores esforços no sentido de aumentar as exportações do nosso produto para este mercado.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 22 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Borracha. Controle dos preços.

N. 778

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 22 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Recentemente o governo instituiu o controle sobre a borracha e fixou o preço, para o produto entregue na fábrica, em  $1/1 \frac{3}{4}$ . O controlador da borracha expediu instruções no sentido de assegurar que seja pago esse preço por toda a borracha vendida no mercado de Londres.

2. O preço do produto do tipo *standard ribbed smoked sheets* - anunciou o referido controlador será de ..... ls.  $L \frac{3}{4}$ d. por libra.

3. Segundo notícias publicadas na imprensa, o Rubber Control comprou ontem algumas quantidades de balata e borracha do Pará, por conta do governo, ao comércio respectivo. A maioria das compras foi feita através de negociantes, mas em alguns casos foram utilizados corretores. A balata adquirida foi sobretudo procedente da Guiana britânica, mas algumas quantidades foram do produto brasileiro, da Guiana holandesa e da Venezuela. A borracha do tipo Pará foi de origem brasileira. Os preços pagos não foram divulgados, mas se acredita que obedeceram aos níveis atualmente em vigor neste mercado.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 22 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] O controle governamental de produtos.

N. 779

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 22 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Em anexo cabe-me remeter a Vossa Excelência um recorte do Financial Times de hoje, em que está publicada uma lista aproximada de todos os produtos que se acham sob o controle do governo britânico. Com a inclusão da borracha, realizada recentemente, todas as matérias-primas de importância, com a única exceção do estanho, estão agora controlados.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 23 OUT 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:]Consulta sobre fixação de preços de tábuas para caixas.

EC/432/842.93(60)(42)

Da Embaixada em Londres  
Em de 1941.

QUINTA FEIRA – 12hs.15- Afim de responder a uma consulta da Câmara Comercial de Londres, agradeceria dizer-me se o governo brasileiro dizer-me se o governo brasileiro fixou preço para tábuas destinadas à fabricação de caixas, só permitindo a exportação desse artigo aos preços fixados, e indicar-me a data da entrada em vigor desses preços. Trata-se de resolver as dificuldades referentes ao contrato de material para 30.00 caixa destinadas a Durban.

Moniz de Aragão

M.L.Pimentel



\*

**OFÍCIO • 23 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[*Índice:*] Importante venda de diamantes.

N. 780

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 23 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

A título de informação, cabe-me comunicar a Vossa Excelência que as autoridades britânicas, segundo notícias publicadas na imprensa, permitiram a venda de diamantes brutos no valor de um milhão e meio de libras esterlinas, propriedade do Diamond Sales Cartel em Bermuda, a compradores nos Estados Unidos e no Canadá.

2. Esses diamantes foram remetidos de Londres para Nova York na época do colapso francês. O Sindicato de Diamantes desejou utilizar-se dessas pedras como base para constituir um escritório de vendas em Nova York; isto, entretanto, não foi possível devido à legislação "anti-trust" daquele país.

3. Não é provável que a venda atual se faça por ocasião das próximas *diamond sights* em Londres, fixadas para o dia 27 do corrente, pois será necessário algum tempo para tomar as medidas preliminares. Uma vez vendidas as pedras em questão, não mais será dada permissão para exportar quaisquer pedras brutas, próprias para joias, a não ser que tenham sido previamente vendidas em Londres.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 23 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Compra britânica de algodão brasileiro.

N. 781

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 23 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Em anexo cabe-me remeter a Vossa Excelência um recorte do Financial News, de hoje, contendo longa notícia, extraída do boletim, de 16 de agosto último, da British Chamber of Commerce of São Paulo and Southern Brazil, sobre as negociações relativas à compra pelas autoridades britânicas de 100.000 fardos de algodão brasileiro.

2. A notícia faz várias considerações a respeito dessa compra e do seu efeito sobre o acordo de pagamentos entre os dois países.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 23 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Efeitos do Lease and Lend Act sobre as exportações britânicas.

N. 782

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 23 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

A repercussão, nos círculos comerciais ingleses, do ajuste feito pelo governo britânico com os Estados Unidos relativamente ao Lease and Lend Act, pelo qual o Reino Unido se comprometeu a restringir a sua exportação ao mínimo irreduzível necessário para obter as divisas indispensáveis ao pagamento das importações essenciais, levou o senhor Harcourt Johnstone, secretário do Department of Overseas Trade a fazer uma declaração de grande interesse sobre o problema do comércio exterior da Grã-Bretanha.

2. O Manchester Guardian, na sua coluna financeira e comercial, dedicou um artigo à declaração do senhor Johnstone, considerando-a como a primeira tentativa de um pensamento econômico sobre o problema da exportação. Pelo que se depreende das palavras do ministro Johnstone, as autoridades britânicas estão começando a não mais considerar as exportações apenas sob o ponto de vista dos recursos proporcionados ao país. O Lease and Lend Act é assim considerado como um grande benefício para a Inglaterra, que já não mais precisa enviar materiais escassos aos Estados Unidos com o fim de obter dólares e com os mesmos comprar munições e armamentos. Esses materiais e parte da mão de obra e energia antes dedicada ao comércio de exportação poderão agora ser utilizados diretamente aqui para a fabricação de armas.

3. As exportações para os Estados Unidos ainda consideradas necessárias pelo departamento, a fim de compensar importações não cobertas pelo Lease and Lend Act, são whisky, linho, certos tecidos especiais de algodão, artigos de lã, estanho e cerâmica. O senhor Johnstone deu assim a entender, mas não o disse explicitamente, que todas as demais exportações para os Estados Unidos, e mesmo todas as exportações para os demais destinos, terão que ser limitadas severamente às quantidades e aos tipos de mercadorias de necessidade essencial nos países importadores.

4. O Manchester Guardian comenta que se tudo isso tivesse sido explicado francamente em março último, quando entrou em vigor o Lease and Lend Act, teria sido de grande vantagem para o comércio, evitando muita confusão, irritação e desperdício de capital. Alguma coisa, opina o jornal, deveria contudo ser feita desde já no sentido de preparar-se o comércio para recomeçar as exportações depois da guerra.

5. Observa o jornal que, enquanto o esforço da guerra está aqui absorvendo toda a atenção, grandes mudanças se darão nos mercados de ultramar, que terão eventualmente de ser reconquistados para as mercadorias inglesas. Não somente os fabricantes norte-americanos estão se aproveitando dos contatos estabelecidos no passado por firmas britânicas, mas em muitos desses países novas indústrias estão surgindo, de modo que, quando os ingleses puderem voltar sua atenção mais uma vez para tais mercados, lutarão com toda sorte de dificuldades para reganhar o terreno perdido. É preciso assim, lembra o Manchester Guardian, estudar esses problemas, a fim de não se encontrar a Inglaterra, no fim da guerra, desprevenida.

6. É de interesse notar, a esse propósito, que, segundo informações colhidas, os norte-americanos estariam mesmo exigindo que as firmas inglesas cessem de publicar anúncios na imprensa dos países sul-americanos aludindo à retomada dos seus negócios depois da guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 23 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Reatamento das relações anglo-americanas.

N. 783

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 23 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Como tive a honra de comunicar a Vossa Excelência, pelo meu telegrama n. 430, de ontem, foram reatadas as relações diplomáticas entre o México e a Grã-Bretanha, interrompidas desde maio de 1938, quando o governo mexicano retirou seu ministro em Londres.

2. No incluso anexo do Times, vem publicada a declaração feita na Câmara dos Comuns pelo senhor Anthony Eden, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, anunciando que o governo britânico tomava essa decisão em vista da clarividência com que o governo mexicano tem encarado os problemas resultantes das agressões do Eixo e do apreço em que esse governo tem os princípios democráticos.

3. Em resposta a uma interpelação, o senhor Eden disse mais que o governo britânico mantinha a sua atitude com respeito ao conflito sobre a expropriação dos poços de petróleo pertencentes a companhias britânicas.

4. O governo norte-americano, depois de proteladas negociações, logrou, como Vossa Excelência sabe, recentemente um acordo, mediante o qual o México vai reembolsar parcialmente as companhias norte-americanas. Nada consta aqui sobre si se espera negociar um acordo nas mesmas bases no que diz respeito ao capital britânico, mas acredita-se que, restabelecidas as relações, será mais fácil alcançar uma solução satisfatória.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 23 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Mês militar n.4.

N. 784

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 23 de outubro de 1941

A Sua Excelência o senhor ministro do Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório militar n.4, da Embaixada.

[*Anexo*]

#### Combates simulados

As manobras militares mais completas que jamais foram realizadas na Grã-Bretanha terminaram com a Batalha de Bedfordshire. Depois de combates que duraram uma semana, foi derrotada uma força poderosa que representava a tropa invasora. Depois de combates que duraram uma semana, foi derrotada uma força poderosa que representava a tropa invasora.

Com rápidos contra-ataques, e rechaçando centenas de aviões, os defensores lançaram-se, sem medir esforços, na sua tarefa, conseguindo por fim cercar completamente os invasores.

O realismo desses exercícios chegou ao ponto de causar a morte, durante as manobras, de não menos que 19 homens (oficiais e soldados) em acidentes, cifra essa que ulteriormente será talvez ultrapassada. Tais desastres parecem um preço elevado a pagar por combates simulados, mas as condições eram forçosamente duras, tomando parte neles centenas de milhares de homens.

Unidades compostas dos mais afamados regimentos britânicos bateram-se ao lado do grosso das forças canadenses, sendo que um dos corpos engajados era comandado pelo general McNaughten, comandante em chefe das tropas canadenses.

O general sir Alan Brook, comandante em chefe das tropas na Grã-Bretanha dirigiu pessoalmente as manobras.

Movimentaram-se e lutaram dia e noite milhares de veículos motorizados e centenas de tanques.

Será intensivamente analisada a lição ensinada por estas manobras, trabalho esse que levará muitas semanas. Uma coisa, porém, ficou bem evidenciado: o Exército britânico está de tal modo treinado e equipado que mesmo uma força invasora mais

poderosa seria obrigada a bater-se desesperadamente para reter suas posições, e suas perdas seriam colossais.

O rei Jorge da Grécia, arguto estudante militar, e o capitão Margesson, ministro da guerra, assistiram a esses exercícios em companhia de altos oficiais e técnicos militares dos países aliados.

Nenhum destes mostrou-se mais interessado do que os membros da Missão Militar soviética, entre os quais se encontram especialistas que assistiram à reconstrução do Exército Vermelho, e que demonstraram ter tido do valor do Exército britânico uma impressão superior a que esperavam. O almirante Kharlamov, chefe da missão comentou: “É ótimo o Exército inglês e muito bem equipado do ponto de vista técnico; não pode haver dúvida sobre as suas capacidades bélicas, e constitui atualmente uma força combatível poderosíssima. Os senhores repeleriam um ataque alemão contra este país.”

As operações baseavam na suposição de que os nazis tivessem conseguido desembarcar um imenso exército nos condados a leste da Inglaterra, acompanhados de tanques e artilharia pesada, contra o qual foi lançado o Exército britânico do Sul.

Aviões de caça e de bombardeio roncaram nos ares às centenas. Os invasores lançaram gases tóxicos do ar, jogaram tropas paraquedistas atrás das linhas inglesas e, os espiões desenvolveram suas atividades de parte a parte, por meio de aparelhos portáteis de T.S.F.

Uma brigada canadense, depois de capturar um tanque, retirou dele a sua tripulação, substituiu-a por praças suas, fazendo-o voltar ao lado do inimigo, a fim de causar confusão.

Sendo atacado por paraquedistas, um general de brigada guiou seu automóvel a tal velocidade através do campo de batalha, que, atirando do estribo um paraquedista e quase estrangulando um outro, conseguiu escapar.

Os quinta colonistas também estiveram muito ativos, e, alterando os sinais de tráfego, conseguiram enganar uma divisão encouraçada que, depois de caminhar muitas horas na escuridão descobriu que tinha voltado ao ponto de partida.

O exame de pessoas suspeitas foi feito com muito rigor. Numa cidade, dois inofensivos padres foram levados à polícia, apesar dos seus protestos, por dois soldados de baioneta calada.

Ansiosos por empregar todos os seus esforços, os soldados de ambos os lados executaram as suas ordens sem temer fadiga nem perigos.

Nessas manobras não houve cargas espetaculares de tanques em massa. Em geral formaram-se bolsas e ilhotas isoladas como bases de operações.

No meio do combate uma brigada independente entrou em ação contra o flanco dos defensores, marchando com tal rapidez que tomou o inimigo de surpresa e capturou o quartel general de um corpo de exército;

Os invasores empregaram gases tóxicos na área de Watling Street. Em seguida 300 dos seus aviões atacaram em massa as cidades de St. Albans e Oxford. No encontro que se seguiu, os defensores conseguiram teoricamente derrubar 51 aviões inimigos.

No fim, os invasores lançaram no combate suas últimas reservas aéreas, mas sem resultado. Os defensores avançaram e capturaram uma cidade em Northampton, fazendo um desvio até as fronteiras do condado de Huntingdon. A direita passaram por algumas pequenas cidades e penetraram profundamente no condado de Hertfordshire.

O resultado não estava mais em dúvida, pois, o grosso das forças invasoras fora cercado. A Batalha de Bedfordshire foi ganha pelos defensores das Ilhas britânicas.

\*

**DESPACHO • 24 OUT 1941 • AHI 29/3/13**

N. EC/138/661.335 (20)

Índice: Convênio sobre cacau.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres

Em 24 de outubro de 1941

<sup>xix</sup> Senhor embaixador,

Tenho a honra de acusar o recebimento do ofício n 599, de 7 de agosto último, em que Vossa Excelência solicita informações relativamente a um acordo internacional sobre cacau, a que se teriam associado, segundo noticiou o jornal londrino "*The Public Leger*", a Grã-Bretanha e outros países interessados.



2. Efetivamente se acha em elaboração no Comitê Consultivo Econômico Financeiro Interamericano, de Washington, um convênio da natureza indicada, que mereceu, em princípio, a aprovação do governo britânico.

3. A esse ajuste também se manifestou favorável o governo brasileiro, tendo o Excelentíssimo Senhor Presidente da República aprovado uma resolução do Conselho Federal de Comércio Exterior, na qual se recomenda a defesa dos seguintes pontos básicos:

a) Quota anual do Brasil - 1000.000 long tons.

b) Duração do acordo - três anos, com a ressalva de poder ser dado como terminado uma vez que, em qualquer tempo, depois de feito o convênio, um país ou um grupo de países com a percentagem mínima de 25% da produção mundial de cacau declare, mediante aviso prévio de seis meses, não desejar a sua continuação.

4. Para maiores esclarecimentos, passo às mãos de Vossa Excelência, anexa por cópia, acompanhada da documentação que a instruiu, a exposição de motivos com a qual foi o assunto submetido ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República.

5. Remeto, ainda, a Vossa Excelência, a inclusa cópia, em língua espanhola, de um relatório onde se acham resumidos, desde o seu início, os diversos trabalhos realizados, a propósito do convênio em questão, pelo sub Comitê Especial do Cacau, entidade afeta ao comitê acima mencionado.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(m)Maurício Nabuco.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

\*

**OFÍCIO • 25 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Tecidos de algodão. Redução das exportações britânicas.

N. 785

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 25 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Nos círculos têxteis correram ontem boatos sobre a possibilidade de nova redução nas quantidades de artigos de algodão para exportação, com o fim de tornar disponíveis maiores proporções para o governo e o comércio interno essencial.

2. Será muito difícil saber o que há de verdade nesses rumores. A imprensa desta capital disse só ter podido obter a informação de que a política de exportação do governo estava sendo constantemente revista. Tornando-se eventualmente necessário reduzir esse comércio, medidas adequadas serão adotadas, não deixando as autoridades, no entanto, de providenciar no sentido de garantir aos mercados ultramarinos, que costumavam receber esses produtos, uma parte razoável das mercadorias ainda disponíveis.

3. Alguns círculos, diz o Financial News de hoje, acreditam que, se não for resolvida a questão da falta de mão de obra no comércio de lã de yorkshire, medidas terão de ser tomadas para controlar as exportações de artigos de lã, nas mesmas linhas das já aplicadas às manufaturas de algodão.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 28 OUT 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Proteção de interesses italianos na Síria. Manifestações do consul do Brasil a favor dos países do eixo.

II/436/940.(00)-921.5(96)(55)

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres  
Em 28 de outubro de 1941.

TERÇA FEIRA – 18hs.30- Aditamento ao meu telegrama n 434. o ministro das relações exteriores disse-me hoje, lamentar o ocorrido, devido às autoridades competentes não estarem previamente prevenidas de que a proteção dos interesses italianos na Síria tinha sido confiada ao cônsul brasileiro. Acrescentou que os edifícios das duas escolas e dos consulados italianos em Beirute e Alepo foram requisitados pelas autoridades militares por necessidades de ordem superior, como já tem sido feito aqui em idênticas condições, mas depois de removidos os arquivos. Os consulados italianos em Damasco e Trípoli não foram ocupados. Assegurou que tais requisições foram feitas pela forma mais cordial, sendo dispensada ao cônsul brasileiro a consideração devida. O ministro da relações exteriores referiu-me, confidencialmente, o fato de ter o cônsul brasileiro manifestado, por vezes, suas opiniões políticas favoráveis ao eixo, o que não contribuiu para facilitar o desempenho de suas funções. Concluiu informando ter sido dada ordem para o reconhecimento do cônsul brasileiro como encarregado dos interesses italianos.

Moniz de Aragão

Nota: Rec. pag. 5937

[?]. Souza.

[?]A./29/X/41

\*

**TELEGRAMA • 1941 • AHI 29/5/4**<sub>[P18]</sub>

[Índice:] Observador militar brasileiro no Império Britânico.

NP/437/940.(00)-520.21 (81)

520.21(60)

RESERVADO

Da Embaixada em Londres  
Em de 1941.

QUARTA FEIRA – 17hs.45- Aditamento ao telegrama desta embaixada n 414. O governo britânico reiterou seu máximo prazer com a nomeação de um adido militar brasileiro. As autoridades competentes facilitariam a visita a todas organizações militares na Grã-Bretanha, o que lhe parecia interessante, quando a Grã-Bretanha está formando um exército completamente novo, dotado de todas as mais modernas armas. Quanto a atuar como observador na África, lamentou não ser momentaneamente possível, pois não foi ainda feita tal concessão a nenhum outro adido militar neutro ou aliado, tendo mesmo sido negado a um país não citado. O ministro dos Negócios Estrangeiros acrescentou que futuramente se puder ser permitido visita a frente de batalha na África ou próximo Oriente, certamente o adido militar brasileiro seria o primeiro a ser considerado.

Moniz de Aragão

Nota: Rec. pag. 5513

A.Lintz

A.M.O./30/X/41

\*

**OFÍCIO • 29 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] O último discurso do presidente Roosevelt.

N. 792

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 29 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Os jornais unanimemente salientam hoje a importância do discurso proferido anteontem pelo presidente Roosevelt considerando que suas palavras contém verdadeiras declarações do chefe de uma nação em guerra.

2. As notícias aqui divulgadas sobre a repercussão na Alemanha e na Itália indicam que esses países também julgam as palavras do presidente americano como verdadeira declaração de guerra e os artigos violentos, insultuosos e sarcásticos dos jornais de Berlim e de Roma, oficialmente inspirados, demonstram uma visível inquietação.

3. O objetivo do *fuehrer*, disse o presidente, é claro e visa amedrontar o povo americano, mas este não se deixará aterrorizar.

4. A marinha dos Estados Unidos não pode vergonhosamente ficar atrás da linha traçada por Hitler arbitrariamente acrescentou o presidente Roosevelt.

5. Todos aqui acreditam que a lei de neutralidade será modificada, pois, é necessário que o material de guerra possa ser entregue com segurança aos países que combatem o nazismo tal como deseja o povo americano.

6. Além disso, os Estados Unidos denunciam os propósitos imperialistas de Hitler sobre a América do Sul em contradição com as suas reiteradas declarações em sentido contrário.

7. O presidente Roosevelt como Vossa Excelência sabe revelou o plano secreto do *fuehrer* que pretende dividir o nosso continente em cinco Estados vassalos da Alemanha. Assim não resta dúvida sobre os propósitos nazistas de dominação do mundo tal como aliás está mencionada na carta atribuída ao cônsul Widemann, apreendida nos Estados Unidos, e dirigida ao chanceler Hitler, publicada na revista americana Fortune de agosto último.

8. A pretendida dominação não seria somente de caráter material, mas abrangeria também a parte cultural e espiritual e o presidente também aludiu ao programa hitleriano de abolir todas as religiões existentes que deveriam substituir a cruz de Cristo pela suástica.

9. Essas revelações produziram em toda a Grã-Bretanha a mais profunda impressão reafirmando a decisão do governo e do povo britânico de não deixar prevalecer essa combinação de uma nova ordem tal como Hitler quer impor ao mundo.

10. Os círculos ligados ao Foreign Office e os porta-vozes do governo britânico de não escondem a impressão que todos têm agora de que depois do presidente Roosevelt ter proferido o seu discurso e pelo que devem significar suas declarações os Estados Unidos não têm mai senão uma pequena formalidade a cumprir para que entrem oficialmente na guerra contra as potências do Eixo.

11. É certo que tanto o *fuehrer* como o duce ainda tudo farão para evitar uma ruptura definitiva, mas não resta dúvida que os Estados Unidos já tomaram sua posição na batalha e isso reforça a firme convicção que aqui todos têm de que a Alemanha será finalmente derrotada embora a luta tenha de ser longa e cheia de duros sacrifícios.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 29 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Política britânica de guerra.

N. 793

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 29 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Os círculos políticos continuam empreendendo todos os esforços no sentido de obter a eliminação nas esferas dirigentes de todos os elementos que não sejam inteiramente partidários da política do primeiro-ministro apoiado pelas massas populares e cujo espírito seja incapaz de compreender as reais exigências da guerra total.

2. As mais recentes manifestações dessas tendências foram feitas durante várias intervenções nos debates parlamentares pelos deputados Bevan, trabalhista, Gallagher, comunista e Clement Davies, independente, e por ocasião da reunião do Partido Liberal Nacional quando o deputado Edgar Granville pronunciou um discurso expressando esse mesmo ponto de vista exigindo a formação de um pequeno gabinete de guerra e a elaboração de um severo plano de produção de material bélico.

3. O importante órgão Economist também formulou recentemente o desejo de serem adotados tais métodos governamentais que responde melhor aos interesses do país.

4. Esse grande hebdomadário cuja autoridade não tem discussão, com sua objetividade tradicional, dá um valor especial ao desejo manifestado na Câmara dos Comuns a propósito da organização da produção demonstrando que a campanha alemã na Polônia destruiu a noção profissional das tesourarias de que os fornecimentos para uma guerra total podem ser feitos pela pequena indústria especializada e na prática essa noção foi mantida até a queda do gabinete Chamberlain não tendo sido ainda definitivamente abandonada nem aqui nem na América.

5. Atualmente e como a prática tem demonstrado, não deve mais existir uma parcial indústria de guerra, mas sim uma organização total de todas as indústrias do país formando um só bloco da qual participe toda a população.

6. O Economist julga inconcebível que nesta hora tardia em que o destino da nação está em jogo existam homens ou mulheres que não contribuam com o seu esforço para a defesa nacional seja por falta de boa vontade seja por não existirem leis adequadas e precisas ou ainda por ausência de sentido comum.

7. O deputado Bevan prefere que sejam adotadas leis obrigatórias de forma a impedir que enquanto as mulheres russas lutam na frente de batalha numerosas inglesas ainda estejam nos escritórios, em suas casas ou em estabelecimentos comerciais cercadas de luxo e de toda sorte de comodidades.

8. Acrescentou o referido *leader* trabalhista, ser necessário de ora avante, devido às exigências do momento, que as mulheres devam ser tratadas com amabilidade, mas esse aforismo deve ser aplicado na medida em que seja possível nos tempos de guerra mas não significa certamente outra coisa senão a necessidade de melhor dizer às mulheres o que devem fazer, prepará-las convenientemente para duros trabalhos, dar-lhes alojamento decente, fazê-las trabalhar em condições toleráveis, nutri-las suficientemente e pegá-las na medida exata do respectivo trabalho.

9. Em outros termos o que reclama o senhor Bevan e a maioria da nação que o apoia é a aplicação real e vigorosa e mais rápida das numerosas medidas já adotadas em princípio tal como a mobilização das mulheres sem exceção. A concentração das indústrias secundárias e aplicação de certas providências complementares para fazer desse conjunto um sistema homogêneo e prático para o esforço da guerra total principalmente no que se refere à articulação e interdependência dos meios nacionais de produção com uma direção central única, fazendo desaparecer os últimos regulamentos sindicais que ainda deixam subsistir uma espécie de compartimentos impenetráveis entre as diferentes classes de operários e trabalhadores.

10. Um fato de uma excepcional importância a esse respeito e que devo citar é a reunião da Conferência dos sindicatos de certas usinas que teve lugar no domingo passado a qual formulou recomendações de caráter prático e urgente que foi aprovada visando a supressão provisória de todas as exceções de que beneficiam estas classes de modo a não prejudicar o rendimento do trabalho para a guerra.

11. Ainda que desaprovada pelos chefes dos Trade Unions compareceram a essa assembleia os representantes mais diretos da classe operária e a esse título as opiniões que foram expressas sobre a questão ou privilégios sindicais constitui a meu ver a revelação do espírito de sacrifício que anima o operariado britânico e cujo valor não escapa nem mesmo aos jornais conservadores tais como o Times e o Spectator.

12. Lord Beaverbrook há dois dias e ontem o ministro Eden deram um ideia inequívoca do interesse com o qual governo encara a tarefa a ser realizada neste momento em matéria de trabalho.

13. Tudo indica que se for necessário adotar novas restrições no regime da vida neste país e ainda mais severas desde logo não serão os operários que levantarão dificuldades, mas todos devem ser incluídos no sacrifício a ser imposto para poder ser obtida a vitória indispensável para a vida do Império.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores



\*

**TELEGRAMA • 30 OUT 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Proteção [dos] interesses italianos. Manifestações de funcionário brasileiro a favor do eixo.

II/440/940. (00)-921.5(96)(55)

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres  
Em 30 de outubro de 1941.

QUINTA FEIRA – 16hs.00- Com referência ao telegrama de Vossa Excelência n 238. As manifestações das opiniões são atribuídas ao consul geral Mario Drolhe da Costa.

Moniz de Aragão

Nota: Exp. pag. 4944.

[?] Amorim.

E.G./31/X/41.

\*

**DESPACHO • 30 OUT 1941 • AHI 29/3/13**

N. EC/140/ 822.4 (60)

842.31 (60) (42)

Índice: Títulos brasileiros em Londres.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres

Em 30 de outubro de 1941

A Secretaria de Estado das Relações Exteriores cumprimenta a embaixada do Brasil em Londres e, com referência ao ofício n 721, de 30 de setembro último, relativo à baixa dos títulos brasileiros e aos comentários desfavoráveis da imprensa e dos círculos financeiros londrinos, provocados pela falta de publicação do preço da amortização suplementar do "São Paulo 7% Coffee Loan", tem a honra de comunicar-lhe haver o Departamento Nacional do Café informado que, no acordo para o resgate suplementar dos títulos do empréstimo de vinte milhões de libras esterlinas ( £ 20.000.000), não foi assumido compromisso algum para a divulgação dos preços de aquisição dos títulos, assunto pertinente, portanto, à economia interna daquele departamento.

2. Quanto à informação de que os agentes incumbidos das operações de resgate telegrafaram para o BRasil, para comunicar o ocorrido, sem que tivessem obtido resposta, alega o Departamento Nacional do Café que, até 17 do corrente, nenhum telegrama recebeu relativo ao assunto.

Rio de Janeiro, em 30 de outubro de 1941.

\*

**DESPACHO • 30 OUT 1941 • AHI 29/3/13**

N. AC/141/685.4 (00)

Índice: Convenção Internacional sobre linhas de limite de carga. Londres. 1930.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres

Em 30 de outubro de 1941

<sup>xx</sup>Senhor embaixador,

Em aditamento ao despacho AC/103/685.4 (00), de 2 de setembro último, peço a Vossa Excelência que transmita ao governo britânico -depositário da Convenção Internacional sobre linhas de limite de carga, firmada em Londres, a 5 de julho de 1930 - o texto do decreto n 8.068, de 17 do mês em curso, que dispõe sobre a fixação de linhas de limite de carga dos navios mercantes.

2. O referido decreto - cuja cópia Vossa Excelência encontrará em anexo- obedece aos termos da declaração sobre o assunto feita a esse governo pelo governo brasileiro.

3. A propósito, muito agradeceria a Vossa Excelência o obséquio de me informar sobre a data da nota com a qual foi encaminhada a declarada em apreço.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(n) Maurício Nabuco.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

\*

**OFÍCIO • 30 OUT. 1941 • AHI 28-2-5**

[Índice:] Acordo comercial entre a Argentina e os Estados Unidos.

N. 796

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 30 de outubro de 1941

Senhor Ministro,

Toda a imprensa inglesa está concorde em que o acordo comercial concluído entre a Argentina e os Estados Unidos proporcionará ao comércio da república do Prata grandes vantagens e o tônico de que andava precisado. O South American Journal dedicou longo artigo ao assunto, encarando também o ajuste como uma manifestação da política de

solidariedade continental americana, salientando ainda que o entendimento entre Argentina e os Estados Unidos vinha sendo tentado debalde desde há mais de setenta anos.

2. A mencionada revista comenta a redução dos direitos aduaneiros americanos para os cereais, linhaça e carnes em conserva da Argentina, concessões essas que compensarão em parte a perda dos mercados europeus, e nota com satisfação que no acordo a Argentina fez reservas a favor da Grã-Bretanha, o alcance do ajuste sendo limitado ao permitido pelo acordo de pagamentos em vigor entre aquele país e o Reino Unido.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 01 NOV 1941 • AHI 28-2-6**

[Índice:] Mês político nº 10.

N. 800

A Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o Embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o Relatório Político nº 10, relativo ao mês de Outubro próximo passado.

Londres, em 1º de Novembro de 1941

Em. Londres/800/1941/Anexo.

Mês político nº 10

Os invasores alemães prosseguem desesperadamente na sua corrida contra o tempo. Até agora Moscou vem resistindo e, com frio que começa e se intensificará nessas próximas semanas, as possibilidades de o fazer com êxito aumentam diariamente. Por isso, a tentativa sobre Crimeia e o Cáucaso mantida simultaneamente foi intensificada, com, entre outros objetivos, o de buscar regiões temperadas para que as forças alemãs tenham onde passar o inverno. O governo russo transportou-se para Kuibishev. Fizeram-se mudanças no Alto Comando. O General Zhukof foi designado para chefiar o setor norte de Moscou a Leningrad, e o Marechal Timoshenko substituiu Budienny no setor sul.

Os alemães ainda confiam que, ocupada a capital e Leningrad o Governo soviético peça um armistício ou que as populações conquistadas se revoltam contra o regime comunista. Por isso é que não tinham dedicado toda a sua atividade sobre a frente sul, onde as perspectivas de vitória eram mais fáceis. Acaba de ser confessada pelos russos a captura de Kharkoff, no do Donetz, a zona do carvão e da grande metalurgia, é-lhe contígua. Rostof, o escondouro comercial dessa rica região, está imediatamente ameaçado. Pouco além, encontra-se a zona petrolífera do Cáucaso, a Geórgia com os seus minérios, enfim a porta da Índia.

Se os alemães conseguirem penetrar até Astrakham, a Rússia ficará com as suas comunicações cortadas com as forças britânicas, através da Estrada de Ferro Transiranica e com os seus maiores poços de petróleo.

A tarefa de Timoshenko será a de reorganizar a resistência das forças russas nesse setor, ameaçadas de completo destroço. O suprimento de material bélico das fábricas russas declina, à medida que vão sendo destruídas as fábricas, ante a aproximação do inimigo.

Impõe-se, portanto, que seja aumentada ao máximo a contribuição britânica e americana. É de se presumir que os ingleses também enviem reforços às guarnições russas no Cáucaso sul para defender os poços petrolíferos de Baku, cuja retenção é vital para a prossecução da guerra. As autoridades militares britânicas estão fazendo grandes esforços para facilitar e ampliar o tráfico ferroviário pelo Iran, de modo a permitir o transporte das tropas e munições, através dessas vias precárias, incompletas e deficientes para acomodar grandes transportes.

Lord Beaverbrook, no seu discurso na câmara dos Lords, no dia 23, revelou a rápida decisão com que o Primeiro Ministro encarou esse problema. Locomotivas e vagões, trilhos e o necessário material já tem sido despachados para a Rússia e continuarão a sê-lo em grande quantidade pela via de Archangel.

Estes últimos dias tem havido calorosos debates nas duas casas do Parlamento sobre a insuficiência do auxílio britânico à Rússia. As críticas forem dirigidas à inação das numerosas forças estacionadas nas Ilhas Britânicas, que, segundo muitos, deveriam estar sendo empregadas numa oportuna ofensiva sobre a França e os países ocupados.

Como disse, o Senhor Eden, falando em Manchester, no dia 25, embora seja natural tal ansiedade e bem recebidas pelo Governo essas discussões estimulantes, como toda crítica construtiva, as decisões devem ser deixadas ao critério do Gabinete de Guerra e somente a ele. Só os chefes autorizados estão habilitados a ajuizar dos elementos de que dispõem e dos obstáculos que se apresentam. Seria uma loucura acender, por uma questão de popularidade, a uma improvisação que não pareça justificada.

Para acalmar essa atmosfera de descontentamento, Beaverbrook, no seu discurso reiterou a advertência contra o perigo de invasão, com a qual ha que contar dois meses depois que Hitler consolide a posição das suas tropas na frente oriental e que a ação militar seja paralisada pelo inverno.

O Senhor Bevin, Ministro do trabalho, reconheceu a justiça das censuras que vem sendo feitas às falhas da organização industrial, e que a produção está aquém da capacidade máxima das fábricas, impondo-se portanto, um aumento de 30 a 40% neste próximo inverno. Mantidos os métodos atuais, tal aumento não será logrado. A opinião pública, independente de classe ou partido, espera que o Governo adote medidas que elevem a produção ao máximo. Como frizou, o Senhor Garvin, no "Observar", até que se dê solução a esse clamor, não haverá relações satisfatórias entre o Governo e a nação, pois, é esta uma questão de vida e de morte, que o desenvolvimento do conflito torna cada vez mais premente.

Este Ministro, que tem a seu cargo a produção bélica, pode dar fatos e cifras convincentes que deixaram patente o perfeito entendimento logrado em Moscou entre os três Governos nessa questão de suprimentos. Desde o primeiro momento, prometido todo o auxílio, partiram da Grã-Bretanha para a Rússia os artigos e as munições cuja falta era mais imperativa. A conferência de Moscou foi um modelo de eficiência. Os ingleses e americanos trataram logo de conhecer as perdas de material bélico russas, e levaram bem estudadas todas as possibilidades de suprir as deficiências dos seus aliados.

Este esforço, descontado o incremento das novas fábricas transportadas com admirável esforço, máquinas e operários, para a Volga e o Ural, terá contudo que ser colossal e para isso é preciso realizar um formidável incremento na produção de tanques e aviões nos dois países. Na Grã - Bretanha, o problema é que principalmente de mão de

obra. Matéria prima, fábricas e ferramentas não faltam. Esse terá que ser resolvido por uma melhor organização do trabalho e difusão do preparo técnico entre os operários, como pelo maior aproveitamento do trabalho feminino, que, aliás, vem sendo alistado em escala impressionante.

Os 1400 chefes de sindicatos que se reuniram em meados do mês para clamarem por uma invasão do Continente, prestariam uma ajuda muito eficaz a Rússia se dispusessem a facilitar o Governo nessa tarefa, a que os incita toda a imprensa.

A medida que a estação invernal se aproxima no norte da África, vão se ultimando os preparativos para a renovação de uma nova ofensiva britânica, tal como aconteceu, faz quase um ano, contra os italianos na Líbia.

Os ingleses elevaram a doze divisões os seus efetivos no Egito. Munições e material tem sido expedidos durante todo o verão e continuam a sê-lo através do Mediterrâneo, o que os ingleses não ousaram fazer em 1940, quando as forças navais italianas ainda se achavam intactas e não haviam sido experimentadas como fator bélico.

Mas as operações só serão começadas contra as forças italianas e o "Afrikakops", na Líbia, quando o General Auchinleck, Comandante em Chefe no Cairo, se julgar seguro de poder avançar até a fronteira da Tunísia.

Ao mesmo tempo, equipamento americano vem sendo aí acumulado; aviões, carros de assalto, caminhões e sobressalentes.

O primeiro passo a dar será o restabelecimento de contato com as forças sitiadas em Tobruk, onde ficou isolada mais de metade dos transportes motorizados britânicos na Africa, no mês de Abril último.

Tropas fora (?) Eixo, principalmente italianas, têm ido reforçar, quanto possível, através da ativa vigilância britânica as guarnições da Líbia. Desde, porém, que os aviões alemães foram retirados para a Rússia, a frota britânica tem tido maior liberdade de ação. Em Setembro os submarinos ingleses afundaram grandes unidades da frota mercante italiana - o "Duilio", o "Esperia", entre outras. A aviação naval tem incessantemente torpedeado e bombardeado os contra-torpedeiros que protegemos comboios e outros navios no protos de Benghazi e Tripoli. Calcula-se que entre 20 e 30% dos transportes italianos e alemães que navegaram para esses portos foram destruídos e que mais uns 20% foram temporariamente inutilizados. Foi em Setembro que essas cifras atingiram verdadeiros "records", segundo declarou o Almirante Gunningham numa entrevista à imprensa a 24 do corrente.

Os dois adversários estão bem atentos à importância do objetivo em jogo - O Canal de Suez. Os ingleses estiveram a ponto de o perder em Junho, quando Hitler começou a guerra contra a Rússia. Independente do que possa ocorrer na frente oriental, uma nova tentativa será empreendida brevemente na Líbia - a ocasião e o tempo são favoráveis.

Outro debate produtivo na Câmara foi o da semana passada quanto à futura direção da histórica Agência Reuter, a propósito da transferência, recentemente aprovada de metade das suas ações para a associação que representa os jornais londrinos "Newspaper Proprietors", que ficarão divididas entre esta e a "Press Association", a representativa dos jornais de província. Tal transação, que visa na verdade uma desejável e mais ampla nacionalização dessa Agência, acoimada de perigo nacional. Receava-se que a decadente organização provincial fosse submergida pelos mais poderosos, posto que menos numerosos jornais londrinos. Por isso alguns deputados pediram que o Governo interviesse no caso, para proteger o interesse público.

A imprensa de Londres rebateu vigorosamente essa acusação, alegando, e com razão, que o controle pelo governo de uma agência de publicidade de reputação internacional, como a Reuter, seria reduzir o valor do seu noticiário e torna-la suspeita, como órgão oficial de propaganda.

Havia mais de um ano que a diplomacia britânica vinha se esforçando por buscar uma base honorosa que permitisse restaurar as relações diplomáticas anglo-mexicanas. Agora, depois que o General Camacho, por suas declarações e atitudes de solidariedade continental, colocou o México entre as nações conscientes da política agressiva do Eixo, o Senhor Eden julgou chegado o momento para fazer um gesto político que visa desfazer as intrigas alemãs e que repercute favoravelmente em todos os países latino-americanos. Assim foram restabelecidos as Legações nos dois países, que, desde 1938, haviam sido suprimidas por ato do Governo do Presidente Cardenas.

Essa decisão não significa uma modificação na posição tomada pela Grã-Bretanha, quando o Governo mexicano expropriou as companhias de petróleo inglesas e americanas, não se conformando com a exiguidade da compensação então oferecida. Mas é provável que o espírito de cordialidade agora revelado facilite a conclusão de um acordo em linhas semelhantes às que estão sendo negociadas com as companhias americanas.

O Senhor Kingaley Wood pediu a 1º de Outubro aprovação da Câmara dos Comuns para mais um crédito de um bilhão de libras, além dos dois já notados este ano da mesma soma, como despesas da guerra.



O "Chancellor of the Exchequer" declarou que as despesa diária da Grã- Bretanha atingira a 13 milhões de libras, já tendo sido gastas em dois anos de guerra 7 bilhões de libras, sendo que £ 5.668.000.000 com a guerra exclusivamente. 40% dessa cifra tinha sido paga a receita nacional.

A recente "Semana de Navios de Guerra", a engenhosa formula lançada pelo "Nacional Savings Committee", teve notável êxito. Diversas cidades competiram para oferecerem couraçados cruzadores e outras unidades, tendo Glasgow (12 milhões de libras) batido Birmingham (10 milhões de libras), isto é, o equivalente de dois couraçados contra um e meio. Essa campanha, acredita-se aumentará de 300 milhões, as economias realizadas o ano passado.

"Warship Week", como a precedente "War Weapons Week", são ocasiões para se expandirem os grêmios de economias, o sistema voluntário indispensável para controlar a inflação resultante das crescentes rendas nacionais.

Londres, em 1º de Novembro de 1941.

Redação do Ministro Joaquim de Sousa- Leão.

\*

**OFÍCIO • 01 NOV 1941 • AHI 28-02-06**

[Índice:]. Mês econômico nº10.

Outubro de 1941.

N. 804

A sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o Embaixador do Brasil em Londres apresenta respeitosos cumprimentos e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório econômico nº 10, relativo ao mês de Outubro de 1941, feito pelos Serviços Comerciais desta Embaixada.

Londres, 1 de Novembro de 1941.

Em. Londres/804/1941/anexo.

[Anexo]

Nº 10.

Mês econômico de Outubro de 1941.

Em princípio do mês de Outubro o Ministério da Alimentação reiterou à Embaixada do Brasil em Londres seu desejo de examinar as possibilidades de fornecimento de carne brasileira ao Reino Unido, durante o terceiro ano da guerra. Embora um pouco cedo, já que a nossa produção de carne é periódica, diante da insistência da mencionada repartição realizou-se em 8 de Outubro uma reunião dos representantes dos grandes frigoríficos brasileiros e do Ministério da Alimentação, na qual tomou parte, como tem feito desde o início da guerra, o delegado do Brasil à Conferência Internacional de Carnes, que tem orientado essas negociações geral do país.

2. Verificou-se que a situação relativamente a disponibilidade de praça refrigerada muito melhorou desde o ano passado. Naquela época, devido à carência de navios com câmaras frigorificadas, o Ministério da Alimentação viu-se obrigado a reduzir, inicialmente, de modo considerável o volume das suas compras de carne refrigerada. O volume inicial encarado, depois de alguma discussão, é quase o dobro do fixado no ano passado pela repartição britânica e é susceptível de ser aumentado durante o ano, se as nossas condições permitirem e sujeito a existência de transporte marítimo apropriado.

3. Também no tocante à carne em conserva, é possível que os suprimentos brasileiros no 3º ano da guerra superem os dois anos anteriores. Os preços oferecidos inicialmente pelo Ministério da Alimentação - que entretanto não aceitamos- já representam uma alta de 10 a 20%, comparados com os do último contrato global.

4. O Ministério da Alimentação está também comprando certos produtos que até agora não adquire, como, por exemplo, carne de porco em conversa, línguas de porco e de ovelha. Isto é bastante surpreendente, pois consta que a Inglaterra está recebendo quantidades enormes desses artigos dos Estados Unidos, os quais - afirmam-se - estariam mandando cerca de 15.000 toneladas mensais, com a vantagem para este país que esses fornecimentos estão sendo feitos de acordo com as estipulações do "Lease and Lend Act". É provável que, até certo ponto, com destino ao Reino Unido, afim de contentar seus produtores domésticos.

5. Não obstante esses grandes fornecimentos americanos parece que continua o interesse do Ministério da Alimentação de adquirir grandes quantidades de "corned beef", "brisket", etc., nos países sul-americanos. A não ser que surjam circunstâncias imprevistas, pode-se esperar que o valor do nosso contrato global de carne e produtos de

carne para o ano 1942, com o Ministério da Alimentação, será algo superior ao do contrato que acaba de findar e cuja importância para a nossa balança comercial era cifrada em mais de seis milhões de libras esterlinas, valor F.O.B. Brasil.

6. As autoridades britânicas, segundo notícias publicadas na imprensa, permitiram a venda de diamantes brutos no valor de um milhão e meio de libras esterlinas, propriedade do "Diamond Sales Cartel" em Bermuda, a compradores nos Estados Unidos e no Canadá. Esses diamantes haviam sido remetidos de Londres para Nova York na época do colapso francês. O Sindicato de Diamantes desejou utilizar-se dessas pedras como base para constituir um escritório de vendas em Nova York; isso, entretanto, não foi possível devido à legislação "anti-trust" daquele país.

7. No dia 27, o "London Diamond Syndicate" iniciou suas vendas "à vista" de Outubro. Esperavam aqui essas vendas alcançassem umas £ 500.000, elevando as transações deste ano, no tocante às pedras brutas, a £ 5.000.000.

8. Nos círculos têxteis correram boatos, em fins de Outubro, sobre a possibilidade de nova redução nas quantidades de algodão para exportação, com o fim de tornar disponíveis maiores proporções para o Governo e o comércio interno essencial. Nada foi possível averiguar sobre esses rumores. Com relação aos artigos de lã, acreditavam aqui que o governo teria de tomar medidas para controle das suas exportações, se não pudesse ser resolvida a questão da falta de mão de obra no respectivo comércio de Yorkshire.

9. A Colômbia foi incluída, a partir do dia 27 de Outubro, no sistema de contas da América Central, iniciado em Maio último. Essa inclusão, segundo constou, não fora feita antes devido ao pouco comércio que havia entre esse país e a Grã-Bretanha. Ultimamente, porém, a situação mudara: a balança comercial entre os dois países, favorável ao Reino Unido, fora muito reduzida, ao passo que a posição financeira da Colômbia melhorara, como resultado de ajuste feito com os Estados Unidos, no tocante à exportação do seu café. A notícia desse acordo foi bem recebida aqui. Os banqueiros de Londres julgam que a conta de compensação automática, instituída entre a Grã-Bretanha e a Colômbia, não sofrerá de falta de fundos. Qualquer falta de esterlinas nas contas da América Central poderá ser resolvida - já que as transferências entre as mesmas são permitidas - pela venda de dólares às autoridades ou pela transferência de libras de contas registradas dos Estados Unidos. Nenhum método foi especificado para a utilização dos excessos de esterlinas que se verificarem nessas contas, visto como não é de supor que isso venha a acontecer.

10. Os preços no atacado, segundo o índice do Board of Trade, apresentaram um aumento de 0,2 % em Outubro, comparados com os de Setembro. Os preços dos gêneros

alimentícios subiram de 0,4% e os das matérias industriais e manufaturas de 0,2%. Os aumentos totais desde o começo da guerra foram: índice geral - 58%; alimentos - 63%; matérias industriais e manufaturas - 55%

11. Em meados de Outubro, o Governo britânico instituiu o controle sobre a borracha e fixou o preço, para o produto entregue na fábrica, em 1/1 3/4. O controlador da Borracha expediu instruções no sentido de assegurar que seja pago esse preço por toda a borracha vendida no mercado de Londres. O preço do produto do tipo "standard ribbed smoked sheet" foi fixado em 1s. 1 3/4d. por libra.

12. A imprensa desta capital publicou notícias sobre a possibilidade de ser realizada, com relação à borracha, uma nova transação entre o "International Rubber Regulation Committee" e o governo dos Estados Unidos. Os três ajustes anteriores trataram da venda de 430.00 toneladas, mas constou que, até fins de Abril do corrente ano, a "American Rubber Reserve Company" só recebera 150.000 toneladas. Não sendo conhecidas as quantidades entregues subsequentemente, os círculos interessados mostraram surpresa em que uma nova compra fosse encarada, nessas condições.

\*

**OFÍCIO • 03 NOV 1941 • AHI 28-2- 6**

[Índice:]. Propagando Nazista na América do Sul

N. 809

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 03 de novembro de 1941

Senhor Ministro,

A título de informação tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, no incluso recorte do "Times", de hoje, uma correspondência de Buenos Aires, intitulada "Intrigas na América do Sul, a respeito das recentes atividades nazistas nos países latino-americanos.

2. Segundo esse correspondente do "Times", os alemães exploram habilmente em seu favor as rivalidades políticas internas, os velhos conflitos de fronteira e as ambições imperialista de alguns países.

3. As referências ao Brasil revelam a ignorância do correspondente das nossas mais recentes medidas de defesa da nacionalidade.

4. A propósito deste artigo, remeto igualmente, nas folhas dactilografadas inclusas, notícias confidenciais condensadas pelo Ministério da Informação sobre a quinta coluna hitlerista na América do Sul, para fins de publicidade.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Em. Londres/809/1941/Anexo 1

[Anexo]

"The Times"

Intrigue In South America

Four Alien Groups With Axes to Grind

German "Nazionalista" Bribes

From Our Buenos Aires Correspondent

Of the foreign enemies of the democratic cause in South America - German Nazis, Italian Fascists, Spanish Falangists, and Japanese - the Germans are by far the most formidable. They possess more wealth and influence than their allies and more disciplined, energetic, and efficient. Moreover, they have national solidarity which does not exist among the Italians and Spaniards. Almost all Germans in South America are Nazis, excluding, of course, the Jews. Italians and Spaniards of the working class, on the other hand, are fervently anti-totalitarian. Many of the upper and middle-class Italians are apathetic. The Germans, too, belong to a higher social class than the other pro-totalitarian communities.

Nazi infiltration takes two forms. First there is exercise of authority and rigid control from Berlin of their nationals in South America. This often extends to children and grandchildren. Some years ago a German Minister in Lima said that Germany might not have lost the last War if in all regions of the world she had organized the German communities in the Hitler manner. The implication is against the spirit of the New World, which places *jus soli* above *jus sanguinis* and it is strongly resented by Governments and peoples as a violation of their national sovereignty. Secondly, the Nazis foment internal conflicts and exploit the former antagonism of Latin America towards the United States. They subsidize organs of totalitarian and so-called nationalist (nacionalista, sometimes spelt by their opponents Nazionalista) movements. The masses of South America support

whole-heratedly the democratica cause. The Governments, although not always democratic themselves, have traditional democratic aspirations. Administrations in all South American countries realize that a British victory means for them the *status quo*, while a Nazi triumph would bring a new order and a change of rules.

#### IRREDENTISM

The Governments fear not so much an armed German invasion as the establishment in their own country of reactionary and pro-Nazi régimes. The traditional governing classes and parties are conservative. It is sometimes said that the conservatives are pro-British and that the radicals and socialists to-day are pro United States, though really they are pro Roosevelt. Evidently there is no danger from any of these bodies, but the Extreme Right play with totalitarian ideas, and so do the discontented military factions. It is assumed that a German victory would bring into power in all the South American countries Governments favorable to the totalitarians. In every country some would benefit from a change of régime: and to them the Nazis have turned for support.

South Americans tend to copy the ideas and movements of European countries. Hitler's juggling with nations and frontiers finds would-be imitators. Nearly all South American nations have historical claims against their neighbours for frontier readjustment. These claims, based on the provincial boundaries shown in old and inaccurate Spanish maps, have caused periodical frontier disputes and sometimes wars. The Nazis through their "nationalist" sympathizers fan the flames of irredentism with the triple object of putting their friends in power, destroying South American solidarity, and weakening the influence of the United States. These propagandists argue that small nations have no right to exist especially when they have no racial basis. They say to Argentines that on historical and racial grounds Uruguay should belong to Argentina, and that, since the natives of both Paraguay and the Argentine province of Corrientes are Guarani (an Indian people) in race and language, Paraguay also should be part of Argentina. This dazzling prospect of empire brings to some a thrill of enthusiasm.

#### PERU AND ECUADOR

Similarly to the Peruvians the Nazi propagandists whisper that Bolivia should be part of Peru as in the days of the Spaniards when it was called Alto Peru. And if viewed only on the basis of race, religion, and language the arguments is perfect since the proletariat of both countries are Quechua Indians. The Nazis have already succeeded in causing hostilities between Peru and Ecuador by persuading the Peruvians that the United

States was arming Ecuador for an attack on Peru in return for the cession of the Galapagos Islands. Though Peruvian claims may perhaps be justified on historical grounds. Ecuador military is much the weaker of the two countries and therefore unlikely to be the aggressor. The Peruvian nationalists (not the Apristas, who are in favour of democracy and South American Unity ) are claiming all Ecuadorian territory up to Guayaquil. It is believed that the Nazis by now would have had more success in stimulating *coups d'Etat* and frontier conflicts but for the material pressure of the United States and still more the moral prestige and influence of President Roosevelt, the paladin of Panamericanism.

The Germans, like most other Nordic communities, keep very much to themselves and socially mix but little with South Americans owing to differences of temperament, habits, religion, and language. And here the Italian Fascists and the Falange Española have done invaluable service to the Nazis by acting as a connecting link. Some South American nationalists actually belong to the Falange Española, whereas it is hardly conceivable that anyone without German blood would be a member of the Nazi Party. The Japanese, numerically important only in Peru, suffer from the disability to assimilate even more than the Germans: so for them also the Falange Española provides a liaison. Despite obstacles the Japanese have acquired considerable influence in Peru. Some Peruvian students go to universities in Japan and several generals in the Peruvian Army are strongly pro-Japanese.

Measures, great or small, have been taken in all the South American countries to combat the Nazi menace. The demand for governmental investigation of illicit Nazi activities came not only from the Left. Even in those countries which had conservative administrations the authorities, although unwilling to go so far as a diplomatic rupture with Germany, cooperated with the Left in defence [sic] of national interests and sovereignty. Uruguay was the first to deal seriously with the Nazi danger. Early in 1940 the Uruguayan Government appointed a parliamentary committee of investigation and presented to Congress a Bill prohibiting the diffusion of Nazi ideas: later a law was passed suppressing illicit associations. Inspired by the revelations of the Dies committee in the United States, the Argentine Chamber of Deputies last June appointed a committee representing all parties to investigate prototalitarian or anti-Argentine activities.

#### GERMANS FROM RUSSIA

The example of Argentina was followed in other South American countries. After the discovery of German plot in Bolivia and the expulsion of the German Minister, Ernst

Wendler, Bolivia also appointed a parliamentary committee of investigation. There are now in the respective countries inquiries into anti-Argentine, anti-Bolivian anti-Peruvian, and anti-Uruguayan activities. A number of Germans have been arrested in Argentina, Bolivia, Chile and Colombia. In Chile the Government presented a Bill prohibiting political parties directed or inspired from abroad. This, it is stated, was directed especially against the Chilean *Nacistas* under the leadership of Jorge Gonzalez von Marees. In Chile the problem is complicated by there being in the south a big population of German race and Chilean citizenship whose ancestors arrived in the country a century ago. German nationals in Chile number only a few thousand. The descendants of Germans have always been regarded officially as Chileans, although they have never lost their German language and customs or pride in their Teutonic stock. In Argentina the 60,000 Germans include those known as Russian-Germans who migrated from the Volga region of Russia after the beginning of the Bolshevist era, and who are descended from Germans settled in Russia in the reign of Catherine the Great.

In contrast to the communal habit of the Germans, the Italians are usually scattered. The largest German community lives in southern Brazil. Its numbers are estimated at about 750,000. Just across the border from southern Brazil, in the territory of Misiones in the extreme north-east of Argentina, is another large German community. Many Brazilians of German race, German in looks, speech, habits, and everything except legal status, cross the frontier into Argentina. In Misiones entire settlements of what are called Brazilian Germans speak Spanish and Portuguese with a strong German accent. Besides living in communities the Germans have the club spirit which lends itself to conspiracy.

#### PANAMA AND THE CANAL

The attitude towards the Nazi menace of the various South American Governments, as distinct from public opinion, varies considerably. The Government of Colombia is probably the most stalwart champion of the democratic cause after Uruguay. Englishmen have always been liked in Colombia, and for many years relations with the United States have been cordial. Colombians have forgiven if they have not forgotten the part played by the United States in the secession of Panama on the eve of the building of the Canal at the beginning of the century. In a recent speech President Santos condemned Nazi infiltration and declared that his country was ready to repel any attack on the Canal



from Colombian territory. The philosophy of Nazism, he said, would be equivalent to the destruction of Colombian nationhood.

In Argentina the mass of the people, the Press, and the Chamber of Deputies are more anti-Nazi than the Government, who however, have promised their wholehearted cooperation in suppressing illicit Nazi activities. In Chile Señor Schnake (Socialist), Minister of Industry and Commerce, despite his German origin is the strongest advocate of drastic measures to deal with the Nazis and is a firm believer in cooperation with the United States. The position of Brazil is nebulous because, although relations with the United States are cordial, democracy has been temporarily abandoned at home; President Vargas is an autocrat. With more Germans than any other South American country, Brazil has not so far dealt drastically with the Nazis. The Peruvian Government has expropriated a German air line appointed a parliamentary committee of investigation, and suppressed two totalitarian newspapers. *Italia Nuova* and *Unidad*, an organ of the Falange Española.

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

\*

**OFÍCIO • 04 NOV 1941 • AHI 28-2-6**

[Índice:]. Racionamento de gêneros alimentícios em conserva.

N ° 812

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 04 de Novembro de 1941

Senhor Ministro,

Desde antes da guerra as autoridades britânicas estavam constituindo reservas de toda classe de gêneros alimentícios em conserva, sobretudo carnes, peixes e feijão. Até agora a maior parte desses alimentos podia ser comprada pelo público livremente nas lojas. Afim de assegurar uma distribuição mais equitativa o Ministério da Alimentação acaba de instituir o racionamento dos mesmos. Sob a condição de que não sejam vendidos antes de 17 do corrente, o referido departamento vai distribuir aos retalhistas 30 milhões

de libras de carne enlatadas, 20 milhões de libras de peixe em lata e 10 milhões de libras de feijão (baked beans).

2. Nas notícias divulgadas na imprensa sobre o assunto é feita menção da gratidão de que é devedora a Grã-Bretanha aos Estados Unidos pelos fornecimentos generosos de muitos desses artigos, enviados em virtude do "Lease and Lend Act", e bem assim pelos fornecimentos recebidos do Brasil, Irlanda, Portugal e Domínios britânicos.

3. A partir de 17 do corrente esses artigos estarão à venda, porém somente mediante talões especiais do racionamento. O sistema que será adotado é diferente do em vigor para os alimentos frescos. Cada indivíduo receberá mensalmente dezesseis talões especiais, validos apenas para um mês. Cada indivíduo receberá mensalmente dezesseis talões especiais, válidos apenas para um mês. Cada talão representará um ponto. Para comprar uma libra de língua enlatada, e bem assim da maioria de outros produtos de carne, serão necessários dezesseis pontos, de modo que com tal compra toda a ração mensal será utilizada. Alguns outros artigos, de peixe, feijão, etc., requerem menor número de pontos. Os preços de todos esses artigos serão controlados pelas autoridades e a margem de lucros limitada. Uma vantagem que o público auferirá com relação a esses gêneros alimentícios, é que os poderá adquirir em qualquer loja e em qualquer região do país.

4. Lord Woolton, ao anunciar o racionamento de conservas, afirmou que a medida terá como resultado proporcionar a toda a população um suplemento de alimentos numa base equitativa e justa.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Índice:]. O caso finlandês

N. 817

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 05 de novembro de 1941

Senhor Ministro,

O senhor Cordell Hull, depois de ter divulgado que os Estados Unidos tinham feito sentir à Finlândia que para conservar sua amizade devia sem demora pôr fim às operações militares contra a Rússia, tornou também público que o Governo americano, de acordo com o Império britânico, tinha entabulado negociações com Helsinki desde 18 de Agosto, visando uma paz russo-finlandesa.

2. Todos aqui sabem que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha ligam um grande interesse aos povos europeus do norte e a simpatia pela Finlândia sempre foi demonstrada e ainda mais por ocasião da primeira guerra russo-finlandesa quando os alemães obtiveram que os suecos e noruegueses impedissem a passagem de tropas aliadas para socorrer o Governo de Helsinki.

3. O Governo de Washington no momento atual estava particularmente indicado para propor à Helsinki uma liquidação do conflito com a União Soviética e no momento em que as tropas finlandesas reconquistaram as antigas fronteiras o que indicaria ser a ocasião mais favorável para os finlandeses obterem uma paz vantajosa.

4. Em tempo foi noticiado que o senhor Cordell Hull tinha informado o Ministro finlandês em Washington que os Soviets estariam dispostos a discutir um Tratado de paz sobre a base de compensações territoriais para a Finlândia.

5. Depois dessa ocasião o assunto adormeceu e a causa do insucesso é fácil do compreender. Os alemães se mostraram intransigentes querendo conservar a Finlândia como aliada, pois, os exércitos finlandeses lhes são extremamente úteis no extremo norte da frente de batalha e principalmente porque querem conservar a "ficção europeia" mantendo o maior número possível de países na órbita do Eixo.

6. O povo finlandês, segundo as últimas notícias aqui recebidas, não tem entusiasmo pela guerra e teme ser arrastado em uma luta imperialista sob o domínio nazista.

7. A negociação americana é apenas um aspecto do problema que é de ordem mais geral tal como o coloca a nota russa pedindo à Grã-Bretanha de declarar guerra à Finlândia, a Hungria e a Romênia, conforme informei a Vossa Excelência pelo telégrafo.

8. Parece paradoxal que enquanto os exércitos finlandeses continuam lutando ao lado dos alemães e contra a Rússia os ingleses aliados de Moscou não estejam em guerra com a Finlândia. Isso também pode ser dito em relação à Romênia cujas tropas combateram em Odessa e Kharkoff e ainda agora se batem a Crimeia e no que diz respeito à Hungria, pois, seus soldados se encontram mobilizados e alguns corpos húngaros lutam com os alemães.

9. Os jornais mais autorizados desta capital observam que declarações de guerra pouca coisa modificarão na situação geral, pois, a Grã-Bretanha, como Vossa Excelência sabe, já rompeu suas relações diplomáticas com Helsinki, Budapeste e Bucarest e o regime do bloqueio marítimo e econômico está sendo rigorosamente aplicado contra esses três países.

10. Acreditam, entretanto, certos elementos políticos que as declarações formais de guerra teriam principalmente um valor psicológico e moral. No momento em que a rebelião aumenta nos países ocupados pelos alemães, essa decisão traria um apoio e incentivo valioso aos elementos que na Finlândia, Romênia e Hungria confiam e ainda lutam com os meus de que dispõem pela vitória da Grã-Bretanha.

11. Nesse sentido, é interessante o que diz o incluso editorial de hoje do "Times, em que este jornal sugere a conveniência da declaração de guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 5 NOV 1941 • AHI 28-2-6**

[Índice:] Títulos de países sulamericanos.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 5 de novembro de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, no incluso recorto, o editorial do “*Financial News*”, de 29 de outubro último, tratando da alta verificada recentemente nos títulos do Brasil e de outros países do nosso continente.

2. Refere-se também esse artigo ao desenvolvimento econômico que, nos últimos tempos, se deu nessas repúblicas sul-americanas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo, recorte de jornal*

O “*Financial News*” – 28/10/41

South American Outlook

Of late weeks there has been a spurt of interest in South American bond and Railway stocks. The impulse of the buying movement has come from two main sources. These, acting in combination, have carried prices up to levels well above 1940 low point. Thus Brazil 5 per cent. Fundings have risen from 25 (11 ¼ in 1939) to 41, Chilean 6 per cent. Sterling bonds from 9 to 19 ½, and Bueno Ayres Great Southern 4 per cent. Debentures from 35 ½ to 55. Substantial capital appreciation has accrued to those who had the courage to enter the bleak and inhospitable markets of the post-Dunkirk period.

They were the investors who calculated that North America and Japan would largely redress the loss of trade in Latin-American produce resulting from the closure of continental markets and the speculator who saw in the then low price of South American bonds an open invitation to secure untaxed capital profits. The calculation of both have proved correct, but it is to the basic trade returns alone that we need give serious attention. Buyers of South American bonds and utility issues are still fairly active on optimistic forecasts of the likely trend of trade of the Republics.

Is this optimism justified? The latest figures and returns are certainly encouraging, so far as they go. Brazil, in the period January to July of the current year has converted a debit trade balance of 176.624 contos into a credit of 823.531 contos, and pressure of the Leopoldina Railway Co., the principal British-owned railway operating in Brazil, rose by £143.493 between January 1 and October 18 of the present year. Largely owing to increased U.S. purchases of coffee and cotton and to considerable Canadian and Japanese buying of cotton, allied to higher commodity prices, Brazilian exports rose by 18 per cent, there is a ready explanation of the improvement shown in the final balance of trade figures. So far as Argentina is concerned, the favourable trade balance for the first eight months of 1941 totalled \$228.131.864, compared with \$26.055.793 in the corresponding period of the preceding year. The Argentine railways, too, are showing much improved traffic figures. The Central Argentine raised its total for the period July 1 to October 18 by as much as 6.904.350 pesos, to 29.266.200 pesos. Here again most of the recent improvement in exports derives from the United States, with whom a new trade pact was signed this month – the first comprehensive commercial arrangement concluded between the two countries since 1853 – and one which significantly features tariff concession in its numerous clauses.

Similar more or less encouraging economic statements con[illegível] the other Latin-American Republics. They tell, however, of the [p]ast, though giving some faint indication of the possibilities and probabilities of the future. The most important single factor is, of course, the practically expressed determination of the United States to give the fullest possible economic support to the South American continent. That support is likely to be strengthened as time proceeds, partly for political reason and partly because the intensification of the armament programme, and of U.S. support to Great Britain and Russia, demands increasing purchases of South American products. Canadian buying of these products will likewise be well maintained, and for the same reasons. The position of Japan as a customer for Latin-American goods is decidedly insecure, but, so long as

Japan steers clear of actual war, her demand for raw materials will increase, other sources of supply having recently been cut off. At the same time, the Republics are likely to maintain their policy of import restriction. Indeed, so few manufacturing countries are now able to export that South America is experiencing a serious shortage of certain commodities. It is here that clouds begin to obscure the horizon. This shortage is resulting in a rising cost of living, with all its restless social consequences. And countries which, like Brazil, have for some time been developing cotton textile and other secondary industries, are finding expansion hampered by the difficulty of obtaining machinery and plant, and are themselves in the trying position of having to refuse orders for lack of capacity. It would be unwise, therefore, to expect too much of this South American revival. Certainly to expect it is not likely to result in any recasting of debt agreements with the object of making them more palatable to overseas holders. Nor, so far as the British-owned railways are concerned, though remittances are easier, is there any prospect of a sweeping away of Debenture moratoria in a flood of prosperity. Railway operating costs continue to rise: coal and other supplies are increasingly difficult to obtain. So long as the grain and cereal surplus position is unresolved, the outlook for traffics, as the general manager of the Buenos Ayres Western Railway recently pointed out, is obscure. Those who look beyond the war, however, may gain encouragement from the growing collaboration in economic, financial and social matters between North and South America.

\*

**TELEGRAMA • 5 NOV 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] Proteção dos interesses italianos.

II/PE/NC/448/940.(00)-921.5(96)(12)

Da Embaixada em Londres  
Em 5 de novembro de 1941.

QUARTA FEIRA – 17hs.00- Agradeceria uma solução ao meu telegrama n 226. O Foreign Office continua insistindo pela proposta contida no meu telegrama n 215, isto é, designação de um representante brasileiro para centralizar em Bombaim o serviço de

proteção aos prisioneiros italianos na Índia nas mãos da principal potência protetora, no interesse dos próprios prisioneiros italianos.

Moniz de Aragão

Nota: Rec. pag. 2599 e 2543.

S.A.F./6/XI/41

\*

**TELEGRAMA • 11 NOV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Carnes brasileiras no mercado inglês.

EC/454/845.73 (60)(42)

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres  
Em 11 de novembro de 1941.

TERÇA FEIRA – 17hs.00- Muito agradeceria uma resposta de Vossa Excelência ao meu telegrama n 422. Segundo as informações recebidas das empresas frigoríficas, estão chegando importantes partidas de produtos em conserva dos Estados Unidos, convindo, assim, ativar nossas negociações. As negociações relativas às carnes frigoríficas estão em vésperas de conclusão.

Moniz de Aragão

Nota: Re. pag. 5754.

Carvalho e Souza.

[?]G./12/XI/41.



\*

OFÍCIO • 11 NOV 1941 • AHI 28-2-6

[Índice:] Estanho para o Ministério da Marinha

N.825

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 11 de novembro de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, cópia de correspondência trocada entre esta embaixada e o Foreign Office, em virtude do telegrama que nos foi dirigido por essa Secretaria de Estado, no sentido de ser obtida autorização das autoridades britânicas para a exportação, pela firma W. E. Hughes & Co. Ltd., desta capital, de 10 toneladas de estanho dos *Strait Settlements*, Singapura, vendidas ao Ministério da Marinha do Brasil pelos senhores Silva, Magalhães & Cia.

2 O Foreign Office, como comunicamos a Vossa Excelência por telegrama de 4 do corrente, informou que o governo deste país havia concedido excepcionalmente a licença solicitada, somente para satisfazer ao referido Ministério.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Maurício Nabuco  
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores

[Anexo]

Londres/825/1941/anexo.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil, Londres, em 14 de outubro de 1941 – No. 114  
– senhor secretário de Estado, por ordem do meu governo, venho solicitar de Vossa

Excelência o onséquo [sic] de interpor os seus bons officios junto às autoridades competentes no sentido de ser dada autorização à firma Hughes & Company Ltd., estabelecida em Londres, 51, Palmerston House, de Straits Settlements (Singapura) as quais são destinadas ao Ministério da Marinha. 2. Essa partida foi vendida por Silva Magalhães e Companhia, tratando-se de material indispensável às oficinas do Arsenal de Marinha, no Rio de Janeiro. 3. Antecipadamente agradeço a Vossa Excelência a atenção que se dignar dispensar a esse importante pedido que diz respeito à defesa nacional e ao qual o governo brasileiro dá o maior interesse. Aproveito o ensejo pra reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha mais alta consideração (a) Moniz de Aragão. A Sua Excelência The Righth Honourable Anthony Eden, m. p., m. c., principal secretário de Estado de Sua Majestade britânica dos Negócios Estrangeiros. -----

Foreign Office, S. W. 1., 31st. October, 1941 – No. A8669/68/6. Your Excellency – With reference to your note No. 114 of the 14th october, I have the honour to inform yieur Excellency that the governor of the Straits Settlements is being authorised to issue of tin from Singapore to the ministry of Marine at Rio de Janeiro. I have the honour to be, with the highest consideration , your Excellency’s obediente servant (for the secretaty of State) (a) J. V. Perowne. His Excellency senhor J. J. Moniz de Aragão, C.B.E. etc. etc.-----

\*

**DESPACHO • 12 NOV • AHI 29/3/13**

N. CT/II/144/940. (00) -921.5 (96) (60)

Índice: Interesses italianos. Fundos para despesas.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À embaixada em Londres  
Em 12 de novembro de 1941

<sup>xxi</sup> Senhor embaixador,

Tenho a honra de acusar o recebimento do ofício n 751, de 9 de outubro findo, pelo qual Vossa Excelência solicita desta Secretaria de Estado as necessárias providências

para que seja fornecido, a essa embaixada, um reforço de U.S. \$20.000,00 para ocorrer, no exercício de 1942, às despesas com a defesa dos interesses italianos nesse país.

2. Em resposta, comunico que Vossa Excelência está autorizado a sacar a quantia de duzentos e sessenta contos de réis (Réis 206:000\$0), ou U.S. \$. 20.000,00, por conta do crédito especial de Réis 3.000:000\$0, aberto a este ministério pelo Decreto-lei n 2.396, de 11 de julho de 1940.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(o) Maurício Nabuco.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

\*

**OFÍCIO • 12 NOV 1941 • AHI 28-2-6**

[Índice:] O último discurso do senhor Churchill.

940.(00).600.(60)

N.826

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 12 de novembro de 1941

Senhor Ministro,

Conforme informei a Vossa Excelência pelo telégrafo, o discurso do senhor Winston Churchill proferiu anteontem na Mansion House, despertou um grande interesse, tendo tido uma larga repercussão não somente aqui como através [d]o mundo, do extremo Oriente ao extemo Ocidente.

2. A descrição feita pelo primeiro ministro das atrocidades alemãs na Europa invadida, o calor dos sentimentos de simpatia que ele expressou a respeito de todos os povos oprimidos e especialmente pela França, a importância que liga às manifestações do

espírito de resistência, atestam a falência de todas as tentativas de dominação nazista no continente.

3. A Nova Ordem se destrói na repressão, como as ofensivas furiosas diante de Leningrado e de Moscou se destroçam em face da resistência russa.

4. As duas coisas se ligam, pois, de uma parte as tropas de ocupação; os campos de concentração e as execuções em massa; a Europa oprimida mas revoltada e de outra os heroicos soldados russos defendendo passo a passo o solo sagrado da pátria.

5. Não é mais possível a Hitler, a despeito do concurso servil que continuam trazendo os “*Quizlings*” europeus, de falar em nome da Europa unida à sombra da cruz gamada.

6. Não é somente em relação à Alemanha hitleriana que o primeiro ministro tomou posição tão definida.

8. Forte com a posição atual da Real Força Aérea e da “Home Fleet” ele se dirigiu abertamente ao partido militar e fascista do Japão e não hesitou declarar que se o governo de Tóquio se deixar arrastar em uma aventura bélica no Pacífico contra os Estados Unidos no espaço apenas de uma hora o governo britânico apoiado por todos os domínios, estará ao lado do governo americano com todas as suas forças terrestres, aéreas e navais.

9. Aqui é sabido que existe um completo acordo entre os Estados Unidos, Grã-Bretanha, e a Austrália e que na última sessão do gabinete americano, no dia 6 de novembro corrente, foram aprovadas medidas estratégicas de defesa para o caso de uma agressão japonesa.

10. Anteontem o embaixador da China em Washington deu ao presidente Roosevelt o pleno apoio do marechal Tchiang-Kaishek e assim o Japão não poderá alegar de que não foi em tempo prevenido sobre os perigos da situação que aliás é considerada em Londres como extremamente grave.

11. O discurso feito na celebração em honra do lord *mayor* de Londres fecha definitivamente a porta a toda sorte de chicanas que eventualmente fosse do agrado dos nazistas fazer em tal emergência não restando a menor dúvida sobre a perfeita identidade de vista entre Londres e Washington.

12. Junto remeto a Vossa Excelência o retalho do “*Times*” contendo o texto do discurso em questão.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Maurício Nabuco  
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores

[*Anexo*]

“*The Times*”

Londres, em 12 de novembro de 1941

Mr. Churchill on Britain’s Expanding Power

Air parity with Germany now attained

\*

**OFÍCIO • 13 NOV 1941 • AHI 28-2-6**

[*Índice:*] Discurso do Presidente e declarações do Ministro.

500

N. 827

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 13 de novembro de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os recortes de jornais desta capital de ontem e hoje que publicaram referências ou trechos do discurso do senhor presidente Getulio Vargas, pronunciado a 10 do corrente e das declarações do ministro Oswaldo Aranha ao chegar a Buenos Aires.

2. Conforme informei Vossa Excelência no meu telegrama de hoje, o “*Times*” e o “*Daily Telegraph*” publicaram com grande destaque as palavras do presidente como as do ministro, sendo que a maioria dos demais órgãos da imprensa limitou-se a anunciar os dois acontecimentos, que coincidiram com os discursos do presidente norte-americano e

do primeiro ministro britânico, dos mesmos dias, roubando-lhes o reduzido espaço de que dispõem agora os jornais, devido às economias de guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Maurício Nabuco  
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores

[*Anexo 1*] *Daily Telegraph & Morning Post*, Thursday, Nov. 13 1941 | Brazil Will  
Repel Invader – Presidente Vargas

Latin American Solidarity

By our diplomatic correspondent

A notable stiffening in the attitude of all the latin american countries is typified in a speech delivered by the president of Brazil, dr. Vargas, on Monday, the fourth anniversary of the new constitution which he introduced.

Speaking at the Brazilian ministry of war, the president declares: “Wherever an American nation is situated, the by her side will be found her sister nations of this hemisphere amongst whom Brazil can be counted upon as pledged to common defense”

He said that the chief concern of Brazil’s armed forces was the territorial integrity of the country as well as the safeguarding of internal order.

Senhor Aranha, the Brazilian foreign minister, stated yesterday, “We shall not be neutral if an American nation enters the war. We have been, are and will stay Pan-American. We follow America and will share america’s destiny”.

Ealier this year the uruguayan foreign minister, dr. Guani, sent a note to the diplomatic representatives in Monte Video of the United States, Argentine, Brazil, Bolivia, Paraguay, Colombia, Peru, Salvador, Chile and Mexico, stating a new feature in his country’s policy.

He stressed that should any American nation enter the war against an oversea power Uruguay would ignore the fact that she was nonbelligerent and would offer the use of her ports to the sister nation.

News now reaches me that four more latin American countries, Bolivi, Cuba, Honduras and Paraguay, have agreed to support chile's protest against the german execution of hostages in the occupied countries of Europe.

[Anexo 2] *The Times* Thursday November 13 1941

Brazil and Defense of Americas

Serving Common Cause

From our own correspondent

Buenos Aires, Nov. 12

The Brazilian foreign minister, dr. Oswaldo Aranha, arrived here yesterday by air from Rio de Janeiro on his way to Chile.

On the subject of continental defense he said that Brazil would not take part in regional meetings or conferences with any particular countries, but would serve the cause of whole American continent in Pan-American conferences. Brazil would support any American nation which was attacked. Brazil was making her own bases, which would belong to all the American countries. No nation was building bases in Brazil except Brazil.

The vice president of Peru, *señor* Rafael Larco Herrera, who arrived in the same aeroplane as dr. Aranha, said that his visit was purely journalistic and unofficial. He was there as chairman of the Peruvian newspaper La Cronica. He had visited the United States and Brazil to observe the strength and defense of democratic ideals in the continent and theirs ability to resist a possible invasion by the totalitarian powers. He would publish his conclusion in a special number of La Cronica.

He said that in Washington president Roosevelt had shown him the famous map prepared by the totalitarian powers for their future plans in the Americas whereby various South American countries would disappear. By president Roosevelt's request he could not reveal the details for fear of hurting national sentiment in the affected countries.

[Anexo 3] O "*Daily Express*" – 13/11/41

Brazil says: We fight if U.S. does

Rio de Janeiro, Wednesday – Senhor Aranha, Brazilian foreign minister, speaking at Porto Alegre today said:

"We have been, are and will stay Pan-American. We follow America and will share America's destiny.

“The cannot be two opinions. We shall not be neutral if an American nation enters the war.”

- Reuter

[Anexo 4] *O Natal Mercury*, Durban, S.A.

#### Brazil and Argentine

President Vargas of Brazil recently told na Argentine university delegation that the unity of their two countries was an important factor in Pan-American solidarity “for common defense”

“Being the two national groups most numerous in South America” he said, “certainly our example of understanding and collaboration without reserve Will serve the Pan-American ideal, strengthen continental unity, and create a common spirit of indestructible freternity because the American nations must stand together United and ready for anything for common defense and against all who would disturb the order of their work and the Peace of their homes.”

[Anexo 5] *O Daily Mail* – 13/11/41

#### ‘Brazil Will Fight Alongside U.S.’

Rio de Janeiro, Wednesday, - Brazil Will note be neutral if na American nation enters the war, declared Senhor Oswaldo Aranha, Brazilian foreign minister, in na interview at Porto Alegre.

“We follow America and Will share America’s destiny,” he said.

- Reuter.

[Anexo 6] *O Manchester Guardian* – 13/11/41.

#### Brazil to Follow United States

Rio de Janeiro, November 12

“Wes hall note be neutral if na American nation enters the war,” declares Senhor Oswaldo Aranha, the Brazilian foreign minister, in an interview at Porto Alegre. The minister, who is on his way to Chile, said that President Vargas’s speech had put na end to any doubt as to Brazil’s atitude in face of the presente international situation.

“We have been, are, and Will stay Pan-American. We follow the United States and Will share her destiny,” he said. “The presente time does not permit of two atitudes



nor of personal sentiments. The nations must be United or they Will be lost in face of the threats of their enemies” – Reuter.

\*

**OFÍCIO • 13 NOV 1941 • AHI 28-2-6**

[Índice:]. A projetada conferência de paz nazista  
940.(00).950

N. 830

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 13 de novembro de 1941

Senhor Ministro,

A projetada conferência dos países do Eixo com participação de potências neutras e das nações ocupadas da Europa que estava sendo preparada pelo chanceler Hitler para o mês de setembro deste ano e depois postergada parece que foi novamente adiada tal como naquela ocasião devido à não terem sido obtidos na Rússia os resultados militares fulminantes com que contavam os alemães.

2. Segundo as últimas notícias aqui recebidas os países neutros tais como a Suécia, Suíça, Espanha e Portugal estariam resistindo ao plano de Hitler de atraí-los à sua órbita para unidos às nações invadidas poder celebrar a apregoada conferência de paz europeia cuja reunião muitos chegaram a crer estaria iminente com a escolha de Viena para tal celebração.

3. A primitiva intenção era de realizar a reunião em Moscou de cuja ocupação tão anunciada por Hitler dependia em parte o prestígio para o êxito de uma tal aventura desde o seu recente discurso quando declarou ter começado o ataque decisivo contra a referida capital.

4. O atraso imprevisto da ocupação de Moscou teria determinado a escolha de Viena como sede do congresso de Paz da Nova Ordem europeia uma vez que não lhe foi possível reuni-lo na capital moscovita.

5. Os agentes políticos nazistas desde logo começaram a desenvolver uma grande atividade com instruções de fazer circular notícias referentes às ofertas sedutoras de paz à Grã-Bretanha e vantagens extraordinárias aos países neutros da Europa.
6. O embaixador alemão na Turquia chegou a insinuar que a conferência poderia mesmo se realizar em Istambul se o governo de Ankara quisesse apoiar a iniciativa alemã.
7. Essa insinuação, embora não aceita pelo governo otomano, parece porém ter impressionado o povo turco e ainda mais fortemente com as palavras do presidente oferecendo uma mediação aos países beligerantes quando pronunciou o seu último discurso em Ankara.
8. O governo turco realiza que seu futuro econômico e político ficaria melhor garantido sem maiores compromissos com a Alemanha, além dos já contraídos pelo pacto comercial cauteloso que acaba de assinar. De outro lado quer se manter fiel à sua aliança com a Grã-Bretanha e em tal situação cheia de perigos deseja ardentemente que a guerra termine antes que seja obrigado a assumir uma posição definida com todas as consequências de um tal ato.
9. O embaixador britânico em Madrid deve reassumir o seu posto no corrente desta semana depois de um curto estágio em Londres e sem dúvida informará logo a que ponto atingiu a pressão alemã sobre a Espanha durante sua ausência.
10. Notícias hoje divulgadas dizem ter havido em Madrid uma conferência entre o ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol e os embaixadores da Itália e da Alemanha, o que indica que o trabalho e os embaixadores de Itália e da Alemanha, o que indica que o trabalho de persuasão para uma colaboração mais ativa com o Eixo segue o seu rumo em marcha acelerada.
11. Em Lisboa a propaganda da Nova Ordem tem progredido em menor escala de que na Espanha. É sabido aqui que a atitude do governo português em relação à sua participação na projetada conferência é muito reservada, não deixando muita esperança aos governantes nazis.
12. A Suécia tem sido submetida a um ataque cerrado por parte da imprensa e da rádio alemã, acusando os seus homens de Estado de traição contra a Europa e profetizando desastres futuros, a menos que o governo de Estocolmo se resolva a colaborar com a Alemanha na formação efetiva da Nova Ordem.
13. Os alemães tem sido quase por toda a parte respostas negativas por parte do governo sueco, que conta com o apoio da opinião pública na manutenção de uma atitude reservada em face de pedidos e ameaças do governo do Berlim.

14. A Suíça teria respondido que a sua participação em uma conferência de organização europeia estaria subordinada à presença dos Estados Unidos em tal assembleia.

15. Mesmo na França o governo de Vichy parece insistir dever ser considerado como neutro, manifestando sua apreensão em relação à atitude hostil da opinião pública que se mostra cada vez mais contrária a qualquer esforço para ligar o destino desse país às decisões de Berlim.

16. A posição britânica em relação à propaganda alemã para implantação da chamada Nova Ordem europeia tem sido claramente expressa pelos discursos do senhor Churchill e pelos do ministro Eden e pelos artigos dos jornais mais autorizados, como o "*Times*", "*Daily Telegraph*", "*Daily Mail*" e "*Economist*".

17. As tentativas de paz de compromisso feitas via Estocolmo, Instambul, Madrid ou Santa Sé, tem sido encaminhadas do estrangeiro, mas sempre estão encontrando aqui a mais franca repulsa, sendo recebidas com desprezo, não refletindo de nenhuma maneira o desejo atual da opinião pública britânica e do seu governo que está disposto a prosseguir a luta até uma final decisão.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Maurício Nabuco  
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 18 NOV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Carnes brasileiras no mercado inglês.

EC/462/845.73 (60) (42)

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres  
Em 18 de novembro de 1941.

TERÇA FEIRA – 12hs.00- Aditamento ao meu telegrama n 454. Houve acordo sobre as seguintes quantidades em toneladas: 27.000 de carne de vaca resfriada, quarto traseiro, sendo, no mínimo, 50% sem osso; 12.000 de carne de porco sem osso. Aceitei os preços indicados no relatório do delegado à Conferência Internacional de Carnes, constante do ofício n 788, expedido em 11 de novembro. Ofereci, também, 2.000 de vitelo, mas é pouco provável que o ministério concorde em pagar preços aceitáveis. Há alguns detalhes ainda em discussão. Continuarei a informar.

Moniz de Aragão

Nota: Rec. pág. 6234.

Catta-Preta.

H.G./18/XI/41.

\*

**TELEGRAMA • 18 NOV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Exportação de açúcar das Filipinas para a Rússia.

EC/463/842.6 (74) (22e)

Da Embaixada em Londres  
Em 18 de novembro de 1941.

TERÇA FEIRA – 17hs.15- o governo americano pediu, confidencialmente, permissão ao Conselho Internacional do Açúcar para exportar 60.000 toneladas de açúcar das Filipinas para a Rússia, dentro das estipulações da lei de arrendamento e empréstimo, afirmando ser impraticável, devido à urgência e às condições especiais da guerra, tomá-

las alhures. A Austrália, a África do Sul e as Índias Neerlandesas deram aprovação, a título excepcional. O delegado brasileiro pede instruções com urgência.

Moniz de Aragão

[?]Amorim.

[?]G./19XI/41.

\*

**TELEGRAMA • 20 NOV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Carnes brasileiras no mercado inglês.

EC/466/845.73 (60) (42)

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres  
Em 20 de novembro de 1941.

QUINTA FEIRA – 17hs.45- Referência ao meu telegrama n 454. A empresa frigorífica interessada na exportação de carnes em conserva considera urgente iniciar a respectiva conversação. Agradeceria o especial interesse de Vossa Excelência para o assunto de meus telegramas ns 422 e 454.

Moniz de Aragão

Nota: Rec. pág. 6234 e 5754

[?] Barroso

[?] G./21XI/41.

\*

**TELEGRAMA • 20 NOV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Produção brasileira de açúcar em 1941 e 1942.

EC/467/565.81

Da Embaixada em Londres  
Em 20 de novembro de 1941.

QUINTA FEIRA – 17hs.45- Afim de poder atender à consulta urgente deste governo, agradeceria a Vossa Excelência informar-me se a produção de açúcar nos anos de 1941 e 1942 será aproximadamente a mesma que a anterior, isto é, de 1.145.000 toneladas

Moniz de Aragão

[?] Barroso.

[?] G./21/XI/41.

\*

**DESPACHO • 20 NOV 1941 • AHI 29/3/13**

N. EC/150/845.73 (60) (41)

Índice: Carne. Estatísticas da exportação argentina para a Grã-Bretanha.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À embaixada em Londres  
Em 20 de novembro de 1941

<sup>xxii</sup> Senhor embaixador,

Tenho a honra de acusar o recebimento do ofício n 695, de 19 de setembro último, pelo qual Vossa Excelência solicita lhe sejam remetidas as estatísticas, correspondentes a determinados períodos, das exportações argentinas, para a Grã-Bretanha, de toda classe e espécie de carne e seus sub-podutos.

2. Vossa Excelência encontrará, anexos por cópia, os índices de exportação solicitados, os quais foram fornecidos à Embaixada do Brasil em Buenos Aires pela direção geral de estatísticas da República Argentina e transmitidos ao Itamaraty por aquela missão diplomática.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(p) José Roberto de Macedo Soares.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

\*

**OFÍCIO • 20 NOV 1941 • AHI 28-2-6**

[Índice:] Capitais britânicos na América do Sul

940.(00).630.90/60/80

N. 845

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 20 de novembro de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de rem[en]ter a Vossa Excelência, no incluso recorte, um artigo publicado pelo "*The Economist*", de 15 do corrente, sobre os capitais britânicos empregados na América do Sul.

2. Diz essa revista que a Grã-Bretanha desempenhou um papel importante no desenvolvimento de certas repúblicas sulamericanas, mencionando as suas mais importantes inversões de capitais, nas mesmas, desde 1823.

3. Refere-se ainda ao fato de não estarem muitas das empresas britânicas no nosso continente pagando dividendos aos portadores de seus títulos, em alguns casos por não ter havido lucros e em outros devido às restrições cambiais nos respectivos países.

4. O artigo salienta, em seguida, a dependência em que se acham muitos dos países sulamericanos de um ou poucos artigos, seja matéria prima ou gênero alimentício, sendo assim direta e fortemente atingidos pelas flutuações nos preços mundiais dos mesmos. Mostra também que se não houve melhora apreciável na situação desses países, isto foi devido em boa parte à atrofia gradual do comércio internacional durante o último decênio. As inversões de capital estrangeiros foram feitas principalmente antes da guerra de 1914-1918 e encaravam o desenvolvimento contínuo do comércio de exportação da América do Sul e do comércio internacional em geral.

5. A parte final do artigo fez um estudo do que será futuramente o comércio internacional América do Sul, sob o ponto de vista dos interesses da Grã-Bretanha.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Maurício Nabuco  
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores

[*Anexo*]

Emb.Londres/84/1941/anexo

["The Economist" - 15/11/41 -- The Business World / British Investment in South America] [*Recorte de jornal*]

November 15, 1941

THE ECONOMIST

THE BUSINESS WORLD

British Investment in South America

Although the opening of the Argentine rail season appears to offer nothing but confirmation of the gloomy forebodings entertained by the majority of informed stock-



holders, interest in investment possibilities in South America has quickened strikingly in recent weeks. This is no doubt due in part to the improvement in the exchange position of certain of the republics, an improvement which, in the case of Brazil, recently permitted the transfer of a dividend on the ordinary stock of Brazilian Traction for the first time since 1938. Moreover, United States and British Government purchases from the South American continent and, in particular, from Argentina, have raised hopes of a general improvement in trade. On the other hand, the accumulation of sterling balances in London, which may result if the scope of recent transactions is greatly extended, again brings to the fore the possibility that the governments concerned will take the opportunity to redeem the national railways, and other key interests, from foreign control.

The British investor has now, and has had since the first quarter of the nineteenth century, a considerable stake in the South American continent. The record of investment in this field over the last hundred years has not been a wholly felicitous one, but it has none the less played an important part in stimulating the expansion of British trade, and a vital part in financing the development of the former Spanish and Portuguese colonies. Now that the British investor appears to be faced with a choice between prolonged absence of dividends and repurchase at some arbitrary price, it is opportune to ask what Great Britain has put into South America during the past century, what she has got out of it, and what are the current prospects, in the absence of expropriative action by the Governments of the various republics. In short, would the British investor be well quit of commitments in Latin America, or is the heyday of development still to come?

From the historical standpoint, it is hardly possible to overestimate the importance of the part played by British capital in the creation and development of the republics which threw off the Spanish yoke around 1820. The original loans, which were floated mainly through the instrumentality of the houses of Baring and Rothschild between 1823 and 1825, were for the twin purposes of arming the republics against reconquest, and of exploiting the mineral resources of Bolivia and Colombia. The boom was short-lived, and default was general by 1826, but it is reliably estimated that between 1815 and 1830 as much as £20,000,000 was subscribed through the London market for investment in Latin America.

By 1830, the British public had thoroughly burnt its fingers in this quarter of the globe, and interest in its possibilities did not reawaken until the railway boom in other more accessible regions had reached an advanced stage. The opening of the new epoch of investment in South America dates from the agreement of Thomas Brassey to start the

construction of the Central Argentine Railway in 1864. With the opening up of the continent by the provision of cheaper and more rapid transport in the third quarter of the century, the large-scale exportation of the grain crops of the Argentine and of the coffee of Brazil attracted fresh capital. By 1878, British capital in Argentina alone is estimated to have amounted to £ 27 millions, or 90 per cent of the total foreign investment in that country. The peak of British lending to South America was reached before 1941. Since that date, a local high level was touched in 1926-27, but the bulk of investment in the inter-war period came from the United States. Thus, British investments are estimated to have risen from \$3,834 millions to \$4,515 millions between 1913 and 1931, while United States investments increased from \$173 millions to \$ 3,102 millions. The latest estimate for total British holdings gives a figure of £ 1,090 millions in 1940, against £ 1,205 million in 1930. Before the war, roughly one-fifth of all British overseas investments were still in South America. It is estimated that as much as 80 per cent of the total is in either Government securities or railways. The remainder is employed in companies representing the staple industries of almost every republic. In the main, these companies are registered in the United Kingdom - a practice that stands in contrast to the United States investments, which are largely in companies of local registration.

In many respects, the investment of foreign capital in South America has features that are not found elsewhere. From the standpoint of the republic, British control of, say, Lautaro Nitrate, operating in Chile, Peruvian Corporation or Lobitos, operating in Peru, or Leach's Argentine Estates and Forestal Land in Argentina, provides foreign capital with an unusually direct interest in the development of the countries in question. This is scarcely less so when investment, as in the case of the United States, has been predominantly through the holding of shares in South American ventures. From the standpoint of the British investor, the dependence of each of the republics on the sale in international markets of one or two primary foodstuffs or raw materials has made his investments peculiarly sensitive to the influence of the trade cycle. That is to say, the South American republics benefited excessively from the boom of the late 1920's and suffered proportionately in the slump years. Although the conclusion of the Roca Agreements with Argentina in 1933 and 1936 prevented that [falta página seguinte]

\*

[Índice:] Publicação do balancete mensal do banco do Brail na revista "*The Economist*"  
830.0(42)(60)

N. 851

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 24 de novembro de 1941

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar o recebimento do despacho verbal n. EC/128, de 14 de outubro último, pelo qual Vossa Excelência solicitou a esta embaixada obter informações sobre as condições, inclusive preço, mediante as quais a revista londrina "*The Economist*" faria a publicação do balancete mensal do banco do Brasil.

2. Em resposta, levo ao conhecimento de Vossa Excelência que, segundo nos documentou a referida revista, tal publicação custará, cada vez, £19-13-9, se o balancete encher meia página, e £9-16-10, se só ocupar um quarto de página.

3. No caso, porém, de querer o banco do Brasil publicar somente dados semelhantes aos que solicitamos pelo ofício n. 633, de 20 de agosto último, e dos quais enviamos modelo, isso nada custará.

4. Junto, Vossa Excelência encontrará cópia da carta que recebemos do "*Economist*", sobre o assunto.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Maurício Nabuco  
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores

[Anexo]

Emb. Londres/851/1941/anexo

The Economist,  
Brettenham House,  
1 Lancaster Place,  
London, W. C. 2.  
November 19th, 1941

\*

**TELEGRAMA • 25 NOV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Comentários da imprensa inglesa sobre a ocupação da Guiana holandesa.

NP/473/940. (00)-691.(60)

633.56 (86b)

Da Embaixada em Londres  
Em 25 de novembro de 1941.

TERÇA FEIRA – 16hs.45- A imprensa desta manhã, principalmente o "Times" e o "Daily Telegraph", publica longas informações, seguidas de comentários sobre a ação conjunta do Brasil e dos Estados Unidos da América para a defesa das minas de bauxita da Guiana holandesa, ressaltando a importância da colaboração brasileira na defesa da América Central.

Moniz de Aragão

Rio Branco  
[?]/26/XI/41

\*

**TELEGRAMA • 26 NOV 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Carnes brasileiras no mercado inglês.

Da Embaixada em Londres  
Em 26 de novembro de 1941.

QUARTA FEIRA – 17hs.45- Referência ao meu telegrama n 466. Afim de poder agir aqui como maior segurança, pondero a Vossa Excelência a possibilidade da embaixada em Washington informar-nos diretamente por correio aéreo sobre o volume aproximado e a natureza dos produtos de carne em conserva enviados pelos Estados Unidos da América a este país em virtude da lei de arrendamento e empréstimo. Caso a Vossa Excelência concorde, muito agradeceria a Vossa Excelência instruir a embaixada em Washington, telegraficamente, nesse sentido.

Moniz de Aragão

Nota: Rec. pág. 6429

N.Batista

A.M.O./27/XI/41

\*

**OFÍCIO • 26 NOV 1941 • AHI 28-2-6**

[Índice:] Reorganização europeia depois da guerra

940.(00).600.(600)

N. 856

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil  
Londres, em 26 de novembro de 1941

Senhor Ministro,

A atenção do público britânico foi recentemente dirigida em especial para os problemas da paz devido à declaração feitas pelo arquiduque Roberto de Habsburgo, irmão do pretendente ao trono da Áustria.

2. Desde o começo da atual luta os intelectuais e políticos europeus e americanos, considerando devidamente pelas suas consequências e vícios, o sistema que resultou nos tratados de paz de 1918 e 1919 formularam em declarações escritas e verbais os seus pontos de vista sobre os problemas básicos da futura paz e da nova estrutura a ser dada à Europa.

3. Em geral ao homem do povo que contempla com ironia essas discussões e declarações que, prescindindo dos futuros acontecimentos, tratam de estabelecer bases abstratas para a organização de um novo mundo, corre dizer com muita sensatez que a principal questão é ganhar a guerra.

4. Uma vez mais o instinto popular estabelece a hierarquia natural entre assuntos considerados de extrema importância, mas sem prejuízo de colocar no primeiro plano as preocupações do momento que sem dúvida é a conduta da guerra com a união de todos os esforços para conseguir a vitória.

5. Os dirigentes, porém, não deixam de se preocupar com os preparativos para uma situação que pode ser criada em dia mais ou menos próximo.

6. Em pouco tempo o presidente Benes fez uma interessantes declaração a respeito da futura estrutura europeia a qual mereceu um comentário do jornal "*Catholic Herald*" que por sua vez publicou uma entrevista do arqui-duque Roberto a qual, comparada com as opiniões do presidente tcheco, aumenta o interesse pelo assunto.

7. Ambos estão de acordo a respeito dos problemas da Europa central sendo que o senhor Benes deseja a constituição de uma federação tcheco-polonesa à qual poderão unir-se ultimamente a Áustria e a Hungria e talvez a Romênia.

8. Esse desejo indica desde logo o grau de intimidade e o espírito de franca colaboração existente entre a Polônia e a Tchecoslováquia como resultado do acordo assinado pelos representantes desses países nesta capital há cerca de três meses e como em tempo informei.

9. Todos os que recordarem até que ponto a rivalidade tradicional entre Praga e Varsóvia facilitou a ação dissolvente dos alemães na Europa Central, devem estar satisfeitos pela reconciliação operada entre essas nações irmãs, mas até agora divididas.

10. O acordo aludido prevê a formação no [I]este europeu de uma confederação interposta entre a Alemanha e a Rússia e composta de três sub-federações sendo uma báltica, a segunda danubiana e a terceira balcânica compreendendo todos os países dessas regiões.

11. Em recente declarações [sic] do presidente Benes o projeto inicial aparece algo modificado sendo que a idéia de uma grande confederação incluindo todos os países do centro europeu em torno do núcleo tcheco-polonês substitui a da divisão em três federações menores anteriormente projetada.

12. Trata-se apenas de questões de detalhes, pois, a aplicação de uma ideia tão ousada poderia ser prejudicada se fosse demasiadamente concretada desde já prescindindo da vontade dos povos interessados que deverão oportunamente manifestar suas opiniões e desejos.

13. O ponto comum em ambos os projetos e o fundamentalmente oposto às ideias dos chefes de governo de 1918 é o conceito de uma perfeita união dos povos dominados pelo mesmo elemento geográfico sendo que forçosamente comportará certo sacrifício de territórios de um em favor de outros para o bem de todos.

14. O arquiduque Roberto também encara a possibilidade de uma federação única, distinta, porém, do projeto Benes, pois, inclui a Áustria, a Hungria e a Baviera entre as principais nações.

15. Desde logo desapareceu a dificuldade de ser restaurada a monarquia dos Habsburgos e quem se recorda a tremenda oposição criada em torno dessa questão logo depois da última guerra poderá medir o caminho percorrido desde então.

16. Posso assegurar a Vossa Excelência que as declarações referidas que tanto vem simplificar os problemas futuros, foram devidos aos esforços da diplomacia britânica que lograram com tanta facilidade suprimir a velha rivalidade tcheca-polonesa e anular a oposição de certos países da Europa Central à uma possível restauração dos Habsburgos.

17. Esses dois grandes obstáculos impediram sempre, como Vossa Excelência sabe, a organização racional do [I]este europeu e foram causa da falta de união que conduziu todos aqueles países a um mais fácil domínio alemão.

18. Todos confiam que finalmente os problemas do ocidente europeu alcançaram o desejado grau de amadurecimento para formar a base de uma futura organização solidamente estabelecida em uma perfeita união.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Maurício Nabuco  
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 27 NOV 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] Carnes brasileiras na mercado inglês.

EC/476/845.73 (60) (42)

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres  
Em 27 de novembro de 1941.

QUINTA FEIRA – 16hs.45- Aditamento ao telegrama n 466. Constando-me que os fornecimentos argentinos de carne de vaca em conserva ao Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, no terceiro ano de guerra, serão consideravelmente inferiores aos do ano passado, devido ao interesse daquele país em aumentar a exportação desse produto para os Estados Unidos da América, o delegado J. de Alencar Neto muito agradecerá a Vossa Excelência ser orientado se convém ao Brasil vender à Inglaterra o volume máximo possível de nossa carne em conserva, na hipótese de alcançarmos aqui preços equivalentes aos pagos nos Estados Unidos da América e considerando a possibilidade de se obter, relativamente à nossa percentagem futura, a quota referida no telegrama n 422. Caso contrário, rogo dizer qual a proporção da nossa produção total disponível para a exportação, que deverei tentar colocar aqui.

Moniz de Aragão

Nota: Rec. pág. 6429 e 5754.

Parisot.



[?].G./28/XI/41.

\*

**DESPACHO • 27 NOV 1941 • AHI 29/3/13<sup>xxiii</sup>**

N. EC/153/665.81 (00)

460

Índice: Contribuição do Brasil ao Conselho Internacional do Açúcar.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

À embaixada em Londres

Em 27 de novembro de 1941

Senhor embaixador,

Com referência ao ofício n 768, de 17 de outubro último, dessa embaixada, relativo a contribuição do Brasil para o Conselho Internacional do Açúcar, tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que o Instituto do Açúcar e do Álcool já aprovou o pagamento de setenta e quatro libras esterlinas (£ 74-0-0), correspondente à contribuição brasileira ao Conselho Internacional do Açúcar, para o ano que vai de 1º de setembro de 1941 a 31 de agosto de 1942.

2. O mencionado Instituto informou ainda que está providenciando a remessa da importância em apreço, diretamente ao Lloyds Bank Limited, para crédito daquele Conselho.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mui distinta consideração.

Em nome do ministro de Estado:

(q) J.R. de Macedo Soares.

A Sua Excelência o senhor J.J. de Lima e Silva Moniz de Aragão,  
Embaixador do Brasil em Londres.

\*

OFÍCIO • 27 NOV 1941 • AHI 28-2-6

[Índice:] A campanha na Líbia

940.(60)(968)

N. 857

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 27 de novembro de 1941

Senhor Ministro,

As informações recebidas pelos círculos militares competentes sobre a campanha na Líbia demonstram que o inimigo opõe uma resistência extremamente forte aos ataques britânicos.

2. Essa atitude por parte dos alemães era prevista pelo Alto Comando britânico, como ouvi do próprio ministro da Guerra, e justifica a razão pela qual o general Auchinleck queria tirar maior partido possível da fase preliminar das operações que consistiam em escolher o campo de batalha mais favorável para os britânicos e onde pudessem beneficiar dos preparativos defensivos anteriormente preparados.

3. Assim é que neste momento a batalha de proporções sem precedente está se desenvolvendo entre forças britânicas e alemãs e é provável, segundo a opinião dos técnicos, que o inimigo faça todo o possível para concentrar suas tropas e material motorizado no setor de Sidi Rezegh, defendendo suas posições situadas mais a este na região que vai de Bomba a El Mekili.

4. Não está afastada a possibilidade de que a batalha em curso, devido a sua importância, possa ter consequências muito mais consideráveis do que a simples retirada dos alemães para posições a este de Tobruk no caso de uma vitória britânica.

5. Em todo o caso aqui preferem se abster de qualquer previsão sobre as consequências do combate empenhado e quanto às pretensões alemãs de terem infligido severas perdas aos ingleses suscitam apenas alguns comentários para provar que a proporção das baixas sofridas pelos alemães é pelo menos de uma terça parte mais elevada sem entretanto Moscou esconder que de ambos os lados tem sido bastante grande o número de mortos, feridos e prisioneiros.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Maurício Nabuco  
Ministro de Estado interino das Relações Exteriores

\*

**OFÍCIO • 01 DEZ 1941 • AHI 28-2-6**

Mês político n. 12

900.1(60)

N. 868

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 1º de dezembro de 1941

Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n. 12, relativo ao mês de novembro próximo passado.

Londres, em 1º de dezembro de 1941.

Emb. Londres/868/1941/Anexo

Mês político n. 12

Ao prorrogar a presente legislatura a 12 de novembro, o rei passou rápida revista aos acontecimentos do ano e acolheu cordialmente a aliança com os soviets e o estreitamento cada vez maior dos laços que prendem o povo e o governo da Grã-Bretanha com os dos domínios e dos Estados Unidos ao povo e governo russos.

O primeiro ministro inaugurou os debates com um discurso cheio de confiança. Essa nota era justificada pelo curso que vai tendo a Batalha do Atlântico, que ele

considera a frente vital, pois, a vitória nessa frente tem que ser renovada diariamente; sem ela não seria possível obter vitórias noutros terrenos. Churchill declarou que a média mensal das perdas nos quatro meses terminados 30 de junho, tinham caído de 500.000 para 180.000 nos quatro meses subsequentes. Essa modificação para melhor já se tinha refletido em aumento das rações para os trabalhadores na indústria e sobretudo na importação de material bélico e de matérias primas. Esses últimos quatro meses viram também um considerável aumento na tonelagem afundada das frotas de Eixo, fato que equivale a uma derrota de primeira grandeza para o Eixo.

Churchill excusou-se de revelar os planos estratégicos para o futuro. Manter uma força adequada no país para repelir qualquer ameaça de invasão, prover os exércitos no Oriente Médio de modo a que estejam aptos a retomar a ofensiva, manter e robustecer a vigia no Oriente e intensificar a corrente de suprimentos para a Rússia são tarefas suficientemente vultuosas para que se fala necessário justificar a paralisação nas operações militares e elas absorvem os recursos econômicos e em homens do país, a energia e a capacidade de organização da indústria, bem como as disponibilidades em tonelagem mercante.

O primeiro ministro negou-se a fazer as mudanças ministeriais que vinham sendo perdidas, alegando aliás galhofeiramente que não tinha tempo de estudar as declarações públicas de todos os seus oitenta ministros.

---

Na próxima reunião da Câmara dos Comuns, o governo apresentará um projeto de lei, com o pedido de urgência, afim de ampliar os limites do serviço compulsório para os dois sexos. Espera-se que o governo peça poderes para estender a idade militar para os homens até os 50 anos e a compulsória para as mulheres até os 40. Introduzir-se-á a conscrição feminina para os serviços auxiliares das Forças Armadas, a qual não ultrapassará o limite de 30, mas até os 40 as mulheres serão obrigadas a prestar outra classe de serviços. A participação das mulheres em unidades combatentes, tais como a defesa anti-aerea, continuará a ser voluntária. É possível também que o serviço militar comece para os homens aos 18 anos.

A moção apresentada pelo primeiro ministro foi igualmente assinada pelo senhor Attlee, Sinclair, Brown e Burn, como *leaders* dos principais partidos e intitula-se significativamente "Máximo esforço Nacional". Tem por fim mobilizar maiores disponibilidades tanto para as Forças Armadas quanto para a produção bélica.

Os poderes discretionários de que estava armado o governo não bastam a seu ver para essa extensão dos limites do serviço obrigatório. A nova medida arrola toda a nação na guerra e é uma prova de como ela está empenhada a fundo na determinação de alcançar a vitória, e vai sendo assim atingida a total mobilização de todas as forças vivas do país prevista em junho de 1940, quando foram votados os plenos poderes pelo parlamento.

A discussão do Discurso do Trono durante as reuniões parlamentares de novembro revelou da parte dos Comuns sabedoria e paciência. Sabedoria - ao rejeitar a tentativa de debilitar a segurança nacional mediante a restauração do que equivaleria ao "*Habeas Corpus*", revogando o hoje famoso artigo 18B do "*Defence Act*", segundo o qual qualquer indivíduo pode ser mantido preso sem recurso aos tribunais. O ministro do Interior foi firme na defesa dessa faculdade, mas o assunto pode ser amplamente debatido e ventilado, em benefício geral. Paciência - ao atender à argumentação de uma minoria de independentes, que monopolizou a atenção da câmara durante uma semana enquanto se feriam combates ferozes pela causa da liberdade. Uma insignificante parcela da representação nacional foi, pois, ouvida com atenção, a despeito da desproporção do seu número.

A Finlândia rechassou a proposta de mediação norte-americana para fazer a paz com a Rússia. Apesar da advertência que lhe dirigiu o senhor Cordell Hull de que, a continuarem os finlandeses combatendo ao lado dos alemães, sacrificariam a amizade dos Estados Unidos. A Finlândia evadiu a resposta, declarando que era seu direito assegurar-se contra a possibilidade de futuros ataques do seu agressor de [um] ano atrás.

O fato é que a Finlândia avançou consideravelmente dentro do território russo e, se está combatendo pela sua independência, vai também ajudando os alemães a impor a sua hegemonia sobre a Europa, juntamente com os russos e os húngaros.

Indiretamente combate a Grã-Bretanha e suas Aliadas e ameaça às linhas de comunicação com o mar Ártico por onde a Rússia recebe munições que lhe mandam a sua Aliada e os Estados Unidos.

A recente adesão da Finlândia ao pacto Anti-Cominrtn tem alta significação, é mais uma prova da sua completa co-operação com as forças de Hitler.

Os círculos autorizados aqui esperam todos os dois a formal declaração de guerra à Finlândia pela Grã-Bretanha, à qual se seguirá a introdução de restrições econômicas pelos Estados Unidos.

A ofensiva na Líbia começou a 21 de novembro. Depois de meses de preparativos, o ataque tão impacientemente esperado foi afinal iniciado com grande ímpeto e com a cooperação da marinha e da aviação.

O povo inglês soube conter-se durante a enervante espera enquanto a iniciativa não passava às mãos do exército britânico, consciente da responsabilidade que lhe cabe nessa guerra. É evidente o desabafo com que lhe foi acolhida essa notícia. Fez calar a inquietação política que se desenhava durante a longa inação e os agitadores que viviam a reclamar uma frente no Ocidente.

Desta feita não cometerão mais os ingleses o erro do ano passado de não ter levado ao fim as brilhantes vitórias sobre os italianos, eliminando o restante das suas forças em Tripoli, erro que estão amargamente curtindo. Os alemães não teriam podido então mandar os reforços do vulto que reuniram naquela região e com os quais novamente ameaçaram Suez, depois de uma rapidíssima campanha, que, em 18 dias, reconquistou todo o terreno ganho pelos ingleses.

Embora o material destes precisasse de reparações e os efetivos de que dispunham fossem mínimos, e não em condições de enfrentar as tropas frescas alemãs, por outro lado o êxito dos alemães é tanto mais de admirar, quanto tiveram que transportar duas divisões motorizadas através do bloqueio inglês.

A resistência alemã está sendo formidável. Não há dúvida que nessa campanha que é também para eles da mais alta importância, representa para a Inglaterra uma fase decisiva da guerra. As vantagens estratégicas estão do lado dos ingleses. A marinha permite o suprimento das tropas e protege-as ao longo da costa.

Assim sendo pode-se contar com que os ingleses [sic] reforcem as suas unidades motorizadas, despachando-as, se preciso for, diretamente da Inglaterra, de modo a assegurar-se a vitória nessa frente, pois, eles não podem de modo algum admitirem um fracasso.

Esta batalha dos tanks não tem precedentes na história militar. Pela primeira vez, eles somente constituem as únicas forças em ação. O senhor Churchill definiu bem a situação, comparando-a a uma batalha naval, sendo perfeita analogia do deserto ao mar, dada a liberdade e a fluidez dos movimentos. A própria aviação não tem podido participar de uma maneira eficaz. Os aviões de bombardeio não ousam atirar as suas bombas ante a confusão estabelecida entre as unidades dos dois lados. A armadura dos carros de assalto resiste à metralhadora dos aviões de caça. Só o avião armado de canhão de certa calibragem pode ter ação, e esses são pouco numerosos.

Há aqui confiança no êxito final das forças do general Auchinleck. O fato essencial é o do transporte de suprimento. Ora aí há uma decisiva vantagem para os ingleses, cujas bases são mais próximas. Até agora eles tem tido superioridade aérea, dispõem do porto de Tobruk e o que é mais importante ainda controlam o mar.

A tensão no Oriente e as negociações nipo-americanas em Washington têm absorvido declarou que a Grã-Bretanha acompanhará qualquer decisão que venha a ser tomada pelo governo de Washington, inclusive numa eventual declaração de guerra. Na verdade a liderança do bloco A.B.C.D. (América, Britain, China & The Dutch), na frente unida que estão apresentando às expansões territoriais do Japão na Ásia, foi entregue pelos países interessado aos Estados Unidos.

Londres, em 1º de dezembro de 1941

Moniz de Aragão

Redação do Senhor Ministro

Joaquim de Sousa-Leão

\*

**TELEGRAMA • 2 DEZ 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Carnes brasileiras no mercado inglês.

EC/480/845.73 (60) (42)

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres  
Em 2 de dezembro de 1941.

TERÇA FEIRA – 17hs.00- O Ministério da Alimentação comunicou-me que, em vista das condições defeituosas das latas da partida de carne de vaca em conserva, enviada, a título de experiência, pela Companhia Frigorífica Nacional, será muito improvável a aquisição dos produtos da aludida firma. Informou-me também que as partidas de carne de porco em conserva, da mesma empresa chegaram em estado igualmente mau. É lamentável que os esforços desta embaixada e do representante em

Londres da aludida companhia sejam assim anulados, apesar das recomendações que fiz em tempo. A esse propósito rogo a especial atenção de Vossa Excelência para os ofícios desta embaixada, ns. 601,848 e 849, do ano corrente.

[?] Amorim.

[?]G./3/XII/41.

Moniz de Aragão

\*

**TELEGRAMA • 16 DEZ 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Partida para Moscou do senhor Eden. Plano econômico comercial-militar. Conselho Supremo Aliado. Situação na Rússia, Líbia e Extremo Oriente. Atitude Espanha.

NP/510/940. (81) (74)

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres  
Em 16 de dezembro de 1941.

TERÇA FEIRA – 4hs.45- Com a máxima reserva, informo que o senhor A. Eden partiu, secretamente, para Moscou onde permanecerá vários dias afim de combinar com Stalin o plano militar econômico-comercial do molde do celebrado por ocasião da entrevista Roosevelt-Churchill. Participará das conversações o embaixador americano aqui, em Moscou e técnicos militares para examinarem as vantagens e a melhor oportunidade do auxílio russo na campanha contra o Japão. Nos meios políticos julga-se estar sendo discutido criação do Conselho Supremo Aliado para melhor coordenar os esforços militares e diplomáticos dos aliados, visando uma ação comum de todos no teatro da guerra. As últimas notícias indicam que as operações na Rússia e na Líbia prosseguem favoravelmente aos aliados enquanto a situação no Extremo Oriente parece melhorar (?) conquanto permaneça grave em Hong- Kong. O governo britânico declarou o sião



território ocupado pelo inimigo. A situação na França e na Espanha está sendo acompanhada aqui com toda atenção, na previsão de próximos importantes acontecimentos.

Moniz de Aragão

A. Bittencourt

A.M.O./17/XII/41

\*

**TELEGRAMA • 20 DEZ 1941 • AHI 29/5/4**

[Índice:] Guerra na Europa. Notícias da imprensa inglesa sobre a situação nos diversos teatros da guerra. Negociações de Moscou e Washington.

NP/518/940. (00)-691. (60)

Da Embaixada em Londres  
Em 20 de dezembro de 1941.

SÁBADO – 11hs.00- A imprensa, refletindo a opinião pública, insiste em medidas urgentes, devido à agravação da situação militar na Malásia e em Hong-Kong, em contraste com as melhores verificadas nas Filipinas e no Havaí. As notícias da Rússia continuam satisfatórias, estando o exército alemão em plena retirada, sofrendo perdas avultadas, perseguido pelas tropas soviéticas. Da Líbia, as últimas notícias anunciam a derrota sofrida pelos alemães como de muita importância. As conversações, entre Moscou e Washington, mencionada em telegramas anteriores, também se referem aos problemas de fornecimentos à Rússia e à China de material bélico e matérias primas, estabelecendo a coordenação, afim de permitir que as remessas sejam feitas pelos Estados Unidos da América e pela Grã-Bretanha, pela via mais rápida e segura. Os principais jornais continuam salientando a importância da próxima Conferência dos Ministros das Relações Exteriores americanos e as contínuas manifestações de perfeita solidariedade continental, nas atuais circunstâncias.

Moniz de Aragão

Catta-Preta

A.M.O./22/XII/41

\*

**TELEGRAMA • 26 DEZ 1941 • AHI 30/1/1**

Índice: Venda de 69.000 toneladas de carne brasileira para a Inglaterra.

Telegrama No. EC/286  
61700

Secretaria de Estado das Relações Exteriores  
À Embaixada em Londres  
Em 26 de dezembro de 1941.

<sup>xxiv</sup> Louvando os excelentes serviços de V[ossa]. Exc[elência] do delegado brasileiro à Conferência Internacional da Carne, rogo a Vossa Excelência esclarecimentos quanto a frase final do seu telegrama n 514, bem como sobre a cifra de sete milhões e quinhentas mil libras alí referida.

Exteriores

Rec. pág. 7255

Expedido em 26 de XII de 1941 via Western [*assinatura*]

\*

**TELEGRAMA • 29 DEZ 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] Conversações entre os governos inglês e russo. Provável visita do senhor Eden ao chefe de Estado chinês

NP/530/940.(00) -920 (60) (74)

Da Embaixada em Londres  
Em 29 de dezembro de 1941.

SEGUNDA FEIRA – 17hs.15- Foi hoje divulgado, oficialmente, em comunicado informando que o ministro das Relações Exteriores britânico está terminando importante conversa secreta com o governo russo em Moscou, relativa à unificação dos esforços na guerra, no sentido de assegurar a derrota da Alemanha e combinar as medidas a tomar depois da guerra para assegurar a paz. Foi obtido completo acordo e a conferência em Moscou foi feita em harmonia com a realizada ao mesmo tempo em Washington e na capital da China, como pude antecipar a Vossa Excelência pelos meus telegramas ns. 510 e 512, respectivamente de 16 e 17 do corrente. Nos círculos políticos acredita-se na possibilidade de visitar o senhor Eden o chefe de Estado chinês na capital da China, antes de regressar a Londres.

Nota: Rec. pág. 7165 -7183

Moniz de Aragão

Rio Branco

L.A./30/XII/41

\*

**OFÍCIO • 29 DEZ 1941 • AHI 28-2-6**

[*Índice:*]. Dados estatísticos sobre o Brasil, publicados na revista "The Economist", de Londres

830.0(42)(60)

N. 925

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 29 de dezembro de 1941

Senhor Ministro,

Com referência ao ofício n. 717, de 28 de setembro último, e anteriores, sobre a publicação de certos dados estatísticos na revista "*The Economist*", de Londres, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, exemplares do último número da mesma revista, apresentando em seu suplemento comercial (página 7), pela primeira vez, tais informações relativamente ao nosso país.

2. Como Vossa Excelência verá, além de territórios do Império Britânico, só constam desse suplemento oito países estrangeiros, entre os quais o Brasil.

3. Considerando o benefício que poderá decorrer, para nós, dessa publicação no "*Economist*", renovo a Vossa Excelência o pedido já formulado em meu ofício n. 441, de 9 de outubro do corrente ano, no sentido de serem remetidos, regularmente e em tempo, os elementos indispensáveis para que a mesma continue a ser feita.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

\*

**TELEGRAMA • 30 DEZ 1941 • AHI 29/5/4**

[*Índice:*] III Reunião Consultiva dos ministros das Relações Exteriores dos países americanos. Comparecimento, em caráter particular, de representante do general Gaule.

NP/533/960.III

CONFIDENCIAL

Da Embaixada em Londres  
Em 30 de dezembro de 1941.

1 – TERÇA FEIRA – 16hs.00 - O general de Gaule pediu-me informar particularmente Vossa Excelência de ter ordenado ao seu representante em Buenos Aires ir ao Rio de Janeiro, em caráter particular, durante a próxima conferência dos ministros das Relações Exteriores dos países americanos, na qual está muito interessado. Acrescentou que a referida pessoa recebeu instruções para prestar todas as informações que Vossa Excelência julgar necessárias sobre a atitude da França livre na África, nas ilhas do Pacífico e na América e a situação atual de Dakar e da Guiana Francesa, assim como sobre quaisquer outras questões que possam interessar ao governo brasileiro.

Moniz de Aragão

C.e Souza

A.M.O./31/XII/41

\*

**OFÍCIO • 31 DEZ 1941 • AHI 28-2-6**

[Índice:]. O problema Hindu.

940.(00).600.(61)

N. 930

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 31 de dezembro de 1941

Senhor Ministro,

As decisões tomadas pelo Congresso Pan-Hindu revestem uma importância que não pode ser menosprezada.

2. De fato o congresso rompeu com o senhor Gandhi e, seja qual for a fórmula jurídica invocada para cobrir essa decisão, ela não pode deixar de ser assim considerada.
3. Não resta dúvida que foi o próprio Mahatmah quem pediu ser dispensado de suas funções de *leader* do Congresso e que o "*Bureau*" não fez mais do que aceder a esse

desejo, mas isso não impede que as divergências que separam o senhor Gandhi dos seus antigos partidários continuem profundas e graves.

4. Isso, aliás, está evidenciado na carta que o Mahatmah dirigiu ao presidente do Congresso pedindo sua renúncia e na qual nem mesmo dissimula as divergências acima referidas.

5. A revolução de 16 de setembro 1940, ratificada pelo congresso Pan-Indú, respeitou evidentemente as propostas do vice-rei das Índias e repeliu as condições por ele impostas no que diz respeito à cooperação com a Grã-Bretanha na conduta da guerra.

6. O congresso além disso insistia sobre uma plena liberdade em prosseguir a política fundada na "não violência", desejando entretanto, segundo sua própria expressão, que a "não resistência não fosse levada, além do necessário, para a preservação da liberdade dos povos".

7. Tudo indica que a interpretação sobre frase é a da causa principal do conflito, pois, o senhor Gandhi julgava que o congresso tinha manifestado claramente a sua oposição de princípio a qualquer guerra e assim, na sua opinião, a tese de não resistência ao mal devia prevalecer em qualquer circunstância apesar de quaisquer riscos.

8. O Bureau do congresso não pensa assim e julga que as simpatias das Índias devem incontestavelmente ser dirigidas para os povos vítimas de agressões e que lutam pela sua liberdade, não podendo deixar de considerar a atual situação resultante do desenvolvimento e extensão da guerra e o fato que ela se aproxima das Índias.

9. O "*Bureau*" não pode deixar de tomar em consideração as necessidades da defesa do país e da ajuda que convém dar para o "triunfo das grandes causas que o conflito atual põe em perigo", nos próprios termos de sua declaração.

10. Sem dúvida a resolução do "*Bureau*" lamenta que a Grã-Bretanha não tenha ainda mudado sua política e proclama que somente poderia apresentar o seu papel na presente guerra uma Índia livre e independente como os demais Domínios.

11. Segundo informações que pude obter em boas fontes, tudo parece indicar que o terreno está sendo preparado para a conclusão de um acordo entre as Índias e Londres.

12. Um telegrama de New Délhi, hoje publicado pela imprensa em lugar de destaque, insinua que a resolução do congresso Pan-Indú deve facilitar a abertura de negociações diretas entre as duas partes para a eliminação das presentes dificuldades e assim a Grã-Bretanha pode contar com o apoio completo de todas as forças políticas das Índias.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

## Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha  
Ministro de Estado das Relações Exteriores

- 
- <sup>i</sup> O documento possui diversas informações acrescentadas posteriormente a lápis.
  - <sup>ii</sup> O documento possui diversas intervenções a lápis, de forma a complementar elementos textuais omitidos no telegrama.
  - <sup>iii</sup> O documento possui diversas intervenções a lápis, de forma a complementar elementos textuais omitidos no telegrama.
  - <sup>iv</sup> O documento possui diversas intervenções a lápis, de forma a complementar elementos textuais omitidos no telegrama.
  - <sup>v</sup> O documento possui diversas informações acrescentadas posteriormente a lápis.
  - <sup>vi</sup> O documento possui diversas intervenções a lápis, de forma a complementar elementos textuais omitidos no telegrama.
  - <sup>vii</sup> O documento possui diversas intervenções a lápis, de forma a complementar elementos textuais omitidos no telegrama.
  - <sup>viii</sup> Erro de datilografia no original "Alelnaha"
  - <sup>ix</sup> Numeração de acordo com documento original.
  - <sup>x</sup> Ofício não dispõe dos anexos mencionados.
  
  - <sup>xi</sup> O documento possui diversas intervenções a lápis, de forma a complementar elementos textuais omitidos no telegrama.
  - <sup>xii</sup> O documento possui diversas intervenções a lápis, de forma a complementar elementos textuais omitidos no telegrama.
  - <sup>xiii</sup> O documento possui diversas informações acrescentadas posteriormente a lápis.
  - <sup>xiv</sup> Escrito a lápis e riscado posteriormente "(a) Maurício Nabuco".
  - <sup>xv</sup> O documento possui diversas informações acrescentadas posteriormente a lápis.
  - <sup>xvi</sup> Países Baltas, no original
  - <sup>xvii</sup> O documento possui diversas intervenções a lápis, de forma a complementar elementos textuais omitidos no telegrama.
  - <sup>xviii</sup> O documento possui diversas intervenções a lápis, de forma a complementar elementos textuais omitidos no telegrama.
  - <sup>xix</sup> O documento possui diversas informações acrescentadas posteriormente a lápis.
  - <sup>xx</sup> O documento possui diversas informações acrescentadas posteriormente a lápis.
  - <sup>xxi</sup> O documento possui diversas informações acrescentadas posteriormente a lápis.
  - <sup>xxii</sup> O documento possui diversas informações acrescentadas posteriormente a lápis.
  - <sup>xxiii</sup> O documento possui diversas informações acrescentadas posteriormente a lápis.
  - <sup>xxiv</sup> O documento possui diversas intervenções a lápis, de forma a complementar elementos textuais omitidos no telegrama.